









467-33

GRAMMATICA  
DA  
**LINGUA PORTUGUEZA**

para uso dos Gymnasios, Lyceus e Escolas Normaes

POR

**PACHECO DA SILVA JUNIOR**

Lente jubilado do Gymnasio Nacional

E

**LAMEIRA DE ANDRADE**

Professor da Escola Normal da Capital Federal

---

Quarta edição augmentada

por **F. de O.**

Com annotações historicas e comparativas, principalmente na  
parte relatiya á syntaxe do seculo XV ao XIX

---

LIVRARIA FRANCISCO ALVES  
166, RUA DO OUVIDOR, 166 — Rio de Janeiro

S. PAULO  
65, Rua de S. Bento

BELLO HORIZONTE  
1055, Rua da Bahia

1913

50840

JB

469.5

S5862g

4. ed.

Typ. da Livraria Francisco Alves

publi  
pois  
em a  
mais

de g  
meira  
respo  
assun

toria  
pode  
para  
gem.

prime  
termo

4  
que n

PREFACIO DA 2ª EDIÇÃO<sup>1</sup>

---

O favor publico dispensado a esta obra na sua primeira publicação, foi estímulo a que ella voltasse a sair á luz, depois de devidamente abreviada, desenvolvida ou corrigida em alguns pontos da primeira parte; muito mais ampliada e mais historicamente documentada na Syntaxe.

Apresentamos agora essa nossa obra em molde definitivo de grammatica, mas por fórma que, sem perder a sua primeira feição, embora demudada a compostura, melhor corresponda ás necessidades dos que estudam e á sympathia do assumpto.

Assenta esta grammatica, claro está, sobre a base da historia e da comparação, unico methodo do ensino racional, que pôde logicamente encadear causas e effeitos, concorrendo para mais facil encerebração dos factos e das leis da linguagem.

A *historia* descobre nos textos da baixa latinidade e nos primeiros documentos da nossa lingua a serie de fórmas intermediarias, e por consequente as varias transformações

<sup>1</sup> NOTA. Como na primeira edição, não nos occupamos do que mais essencialmente faz parte do curso médio.

graduaes por que passou o vocabulo. Só ella nos ensina que *bacharel* tem origem em *Baccalarios*, de *Baccalarias* ou *Baccalares* (lat. *Baccalaria*), nome que se dava até o seculo IX ás propriedades ruraes *servidas com uma junta de bois*, etc. <sup>4</sup>

O *Bacharel* (*baccalario*) era o que tinha dominio util da propriedade, e *era mais honrado que os simples lavradores ou colonos, e desobrigado e livre de encargos civis* (seculo X); depois designava o individuo que, comquanto houvesse conseguido ordem militar, era ainda de pouca idade e poucos meios para ter *pendão e caldeira*; mais tarde passou a denominação (*Bachaleres*) aos *beneficiados* de cathedral e mosteiro, ou aos ministros de segunda ordem (*assisio*); no seculo XVIII começou a significar o que obtem nas universidades dignidade ou titulo inferior ao de doutor.

É ainda pela historia que descobrimos que *frasco* não se deriva de *vasculum*, como escreven o professor Diez, mas de *flasca*, pequena garrafa (Isid. de Sev.); que *salario* tira origem na palavra *sal*; que *esportula* lembra a *cæna recta* dos Romanos; que *fortaleza*, *boca*, *bater*, *semana*, *dobrar*, *batalha*, *testa*... são do lat. pop., posto muitas d'essas fórmulas se encontrem nos classicos latinos.

A *comparação* verifica as *hypotheses*, confrontando as fórmulas portuguezas com as correspondentes nas outras linguas neolatinas e seus dialectos. Assim, comparando *viagem*, port. ant. *viage*, com o hesp. *viage*, it. *viaggio*, prov. *viatge*, fr. ant. *viatge*, mod. *voyage*, etc., convencemo-nos de que o vocabulo originario é o lat. *viaticum*, e que a desinencia *at'cum* deu *age* nas fórmulas populares. Comparando *leite*—lat. *lactem*, *noite*—lat. *noctem*, etc. com o ital. *latte*, *notte*, hesp. *leche*, *noche*; franc. *lait*, *nuît*, etc., chegamos á conclusão de que o

<sup>4</sup> *Baccalator*—vaqueiro.

c latino do grupo *ct* não soava na pronuncia, como acontece nos nossos vocabulos *acto, facto, contracto, etc.*

Quanto maior fôr o numero de dialectos romanos em que se encontra o vocabulo, tanto maior será a probabilidade de sua derivação do latim vulgar.

*Mescabar* poderá parecer á primeira vista formado do all. *mis*, it. *mis*, fr. *mes*; mas historiando essa palavra nas outras linguas romanas, vemos que *mes* corresponde ao prov. *mens*, port. *menos* = lat. *minus*, e que *mescabar* é fórma atropiada de *menoscabar*.

A comparação é, pois, ao mesmo tempo instrumento de investigação e de verificação.

Muitas vezes, percorrendo o lexico, encontramos palavras completamente mudas para a consciencia actual da linguagem, que só despertam sob o olhar escrutador do historiadôr, e, revelando a sua historia, revelam ao mesmo passo os costumes e a civilisação de outros tempos (*reboras, almo-tacé, alcaide...*)

O vocabulo *palavra*, no sentido actual — diz Darmsteter — nada exprime hoje; consultando a etymologia, de subito a *parabola* christã, a predica evangelica e um rejuvenescer maravilhoso de um mundo em decadencia reapparecem aos nossos olhos. — E ella nos ensinará mais que a transformação fez-se pela fórma intermediaria *parola*, hoje só empregada com sentido pejorativo, *paraavas, paravras* (Ined. d'Alc.)

Se procurarmos a palavra *libertino*, a etymologia ensinar-nos-á que se deriva do latim — *libertinus* (*libertus*), que significava o individuo livre da escravidão legal. O escravo manumittido era *liberto* (isto é, *liberatus*) com relação ao se-

nhor; em relação, porém, á classe a que pertencia depois da manumissão, era *libertino*. Id. no portuguez antigo, e filho de escravo romano; depois, homem de costumes desmanchados.

É claro, pois, que uma grammatica portugueza escripta a maior aproveitamento dos estudantes, não póde deixar de ser vasada nos moldes que adoptamos,

Rio de Janeiro, 1894.

## PREFACIO DA 1ª EDIÇÃO

---

Tinhamos emprehendido escrever uma grammatica completa da lingua portugueza, rompendo em lucta com a tradição, e faziamos fundamento de entregal-a em breve á publicidade. O novo programma para os exames geraes de preparatorios, porém, veio fazer-nos mudar do proposito. É que muitos dos pontos nelle exigidos para os exames de portuguez não se encontrando nas grammaticas que por ali correm impressas, e os alumnos não tendo fontes onde possam haurir a instrucção de que carecem, resolvemos vir ainda uma vez em auxilio da mocidade estudiosa.

Não apresentamos este trabalho como merecedor de gabos de excellente, nem no intuito de nos revelarmos professores de sciencia jubilada. O tempo urgia; bosquejamos apenas o assumpto.

Nem sempre o nosso parecer coincidiu com a indicação do programma official; seguimos todavia, para maior segurança dos viajantes noveis, o roteiro apresentado pelo governo.

A unica difficuldade e não pequena, com que tivemos de pleitear, foi a *dosagem*.

Acertadamente escreveu o illustre pedagogista Alberto Brandão:

A grande difficuldade com que vão arcar os professores é a *dosagem*, porquanto, como disse Michel Bréal, não ha methodo mais perigoso do que o historico, quando mal applicado, e os auctores do livro a apparecer têm de pôr de parte a vaidade natural aos que muito estudam, para formularem um livro modesto e cômprehendido pelos que começam a estudar.

E isso, parece, ficará de accôrdo com os organisadores do programma, que devem saber que muitos dos pontos exigidos só poderiam ser tratados em theses, não de exames de preparatorios, mas de concurso no imperial collegio.

Seguindo esse conselho de mestre, fizemos o que deviamos; si o nosso trabalho, porém, não agradar a alguns, escrevam elles um outro—a maior aproveitamento dos estudantes, e mostrem o que sabem e o que podem.

Rio de Janeiro, 1887.

---

## INTRODUÇÃO

---

Foram os primeiros habitantes da península hispanica os EUSKES, a quem Gregos e Romanos chamavam IBEROS, por serem originarios da Iberia, territorio da Asia antiga. Eram pois da familia Aryana.

Em tempo posterior, os CELTAS (Aryanos da idade de bronze) invadiram a península e assentaram habitação nas proximidades do littoral.

A fusão dos Celtas e Iberos deu origem ás tribus mixtas denominadas CELTIBERAS.

Das linguas ibericas e celticas faladas na península, só o VASCONÇO — pertencente ás primeiras — alcançou perpetuar-se: do celtico poucos vestigios conserva o portuguez — *vassalo*, de *vassalis* = lat. vulg. *vassus*, Kymrico, *gwas* (criado, servidor); *bagagem* = lat. vulg. *baga*, gaelico *bag* (embrulho, fardo), *cerveja*, *pote*, *bacio*, *vaso*, *amarra*, *beque*, *botão*, *abra*, *briga*, *jarrete*, *arnez*, etc. . . . Todos elles, porém, nos vieram pelo latim popular, excepto *bardo*, *druida*, *dolmen* . . . que foram introduzidos mais modernamente

Vide *phonetica*, letra *j*, grupo *ch*, etc.) A onomastica poucos nomes nos transmittiu d'essa origem — *Penafiel*, *Penacova* . . . *Antas*, de Penalva, de Bomfim, etc.

Mais tarde, os *Phenicios* apossaram-se da melhor parte de Hespanha, fraternizando com os Celtiberos, e com elles fundindo-se lentamente; mas, com a ruina de Tyro, *Carthago* estendeu o seu poder ás regiões occidentaes, e o seu dominio abrangeu a península inteira com excepção do Norte.

São raros os vestigios dos idiomas phenicios no portuguez: — *atum*, *mamona*, *mappa* . . .

*Delenda Carthago*. Com a 2ª guerra punica (146 A. C.), Roma sacode a península iberica do dominio carthaginez, firma o seu dominio em toda ella, á excepção dos desvios dos Pyreneos, onde se acolheram os restos indomaveis da raça primitiva dos Iberos, e consolida o seu senhorio *pela introdução da propria linguagem*.

O latim, porém, já havia degenerado na forma *romana rustica*, *plebéa*, *castrense*, isto é, a par da linguagem classica, culta, literaria, *erudita*, existia uma linguagem *popular*, cujos caracteristicos principaes eram — o enfraquecimento e a quéda das letras finaes *m s t d* (*dice* por *dicem*, *templo* por *templum*, *diu* por *dius*, *filio* por *filius*, *ama* por *amat*, *es* por *est*, *abia* por *habeat*, *elo* por *illud*, etc. . .); a simplificação das formas e construcções; o descuramento das inflexões nominaes e verbaes, que deu origem á necessidade

das palavras auxiliares para maior clareza da linguagem. D'ahi as alterações phoneticas e grammaticas, que constituem a differença essencial entre o latim antigo e as linguas romanas, e a maior tendencia para o analytismo.

O portuguez é apenas uma variação do typo latino: os elementos peregrinos não poderam desviar-o da sua evolução natural.

O vocabulario antigo é essencialmente latino: representa uma evolução lenta da lingua *popular* dos Romanos. Do seculo XV em deante, devido á corrente *erudita*, é que a importação latina foi artificial.

O latim *popular*, pois, tinha muitas vezes vocabulario diverso do latim *classico* para exprimir a mesma idéa. O povo, como era natural, adoptou o vocabulario popular. Herdámos ora uma só das fórmãs, ora ambas; ás vezes o erudito serve apenas para formar derivados.

| <i>Lat. pop.</i> | <i>Lat. class.</i> | <i>Form. pop.</i>    | <i>Form. erudita</i>             |
|------------------|--------------------|----------------------|----------------------------------|
| caballus         | equus              | cavallo <sup>1</sup> | <i>equestre</i> , etc.           |
| battuere         | verberare          | bater                | verberar                         |
| russus           | rubeus             | russo                | ruivo                            |
| septimana        | hebdomas           | semana               | <i>hebdomadario</i> <sup>2</sup> |
| battualia        | pugna              | batalha              | pugna                            |
| parentes         | affines            | parentes             | affins                           |
| casa             | domus              | casa                 | domicilio                        |
| testa            | frons              | testa                | fronte                           |
| basiare          | osculari           | beijar               | oscular                          |

<sup>1</sup> No fem. encostou-se ao lat. classico — *equa*.

<sup>2</sup> Século XIII — *hebdoma*.

| <i>Lat. pop.</i> | <i>Lat. class.</i> | <i>Form. pop.</i> | <i>Form. erudita</i> |
|------------------|--------------------|-------------------|----------------------|
| duplare          | duplicare          | dobrar            | duplicar             |
| focus            | ignis              | fogo              | <i>igneo</i> , etc.  |
| catus            | felix              | gato              | <i>felino</i>        |
| lutum            | cœnum              | lodo              | <i>ceno</i>          |
| porta            | janna              | porta             | janella              |
| terra            | tellus             | terra             | <i>tellurio</i>      |
| villa, civitatem | urbs               | villa, cidade     | <i>urbano</i>        |
| rivus            | flumen             | rio               | <i>flumineo</i>      |
|                  | etc.               | etc.              |                      |

Além da circumstancia externa — persistencia do vocabulario, havia outra interna, que dava ao portuguez jus de accrescer,— a fidelidade á tradição latina quanto aos processos essenciaes da composição e derivação das palavras.

As palavras simples ou os derivados latinos são ás vezes representados no nosso lexico por derivados e compostos, formados segundo os processos de derivação e composição popular. Essas fórmas, porém, são heranças do latim barbaro ou por ellas moldadas: — *dies* — *diurnus*, *ante-abante*.

Outras vezes os substantivos simples são substituidos pelos diminutivos correspondentes: — *aviolus* por *avus* = avô, *acucula* por *acus* = agulha, *auricula* por *auris* = orelha, *ovicula* por *ovis* = ovelha, *apicula* por *apis* = abelha, *luciniola* por *lucinia* = rouxinol, etc.

Outras vezes ainda adoptou o portuguez derivados com thêma ou suffixo diverso: — *duplare* — *duplicar*, *æternalis* — *æternus*.

Às vezes o mesmo vocabulo latino é que deu duas, tres e quatro fórmas portuguezas distinctas, *divergentes*.

| <i>Lat.</i>        | <i>Form. pop.</i>                 | <i>Form. erudita</i> |
|--------------------|-----------------------------------|----------------------|
| <i>masticare</i>   | mascar                            | mastigar             |
| <i>legalitatem</i> | lealdade                          | legalidade           |
| <i>benedicere</i>  | benzer                            | bemdizer             |
| <i>clavicula</i>   | cavilha, chavelha, cravelha       | clavicula            |
| <i>macula</i>      | mancha, malha, magoa<br>etc. etc. | macula               |

No latim popular dos docs. do seculo XII, primeiro periodo da lingua portugueza, muitas palavras já apresentam fórma portugueza: — *sobrinho* (*suprinis nostris*), *rio* (*id.*), *levar* (*levare*), *havia* (*avia*), *arroio* (*id.*), *redondo* . . . ; seculo XIII: *suburbio*, *pomar* (*pumares*), *irmão*, *ant. germano*, etc. (*iermano*), *dona*, *fornos*, *neto* (*neptos*), *criação* (*criaçõn*), *lagõa* (*lagona*) . . .<sup>1</sup>

É de origem latina a maioria dos nomes de cousas que percebemos pelos sentidos ou conhecemos pela experiencia (*homem*, *mulher*, *cavalleo*, *cão*, *gato*, *sol*, *lua*, *estrella*, *arvore*, *nuvem*, *pão*, *leite*, *rio*, *mar*, *monte* . . .); os phenomenos physicos da natureza e suas causas (*chuva*, *raio*, *trovão*, *calor*, *frio*, *tempestade* . . .); as divisões do tempo (*primavera*, *outomno*, *estio*, *inverno*, *anno*, *mez*, *dia*, *hora*, *seculo*, *semana*, os nomes dos mezes, os dias da semana . . .);<sup>2</sup> os nomes

<sup>1</sup> *Port. Mon.*

<sup>2</sup> *Sabbado* rigorosamente é hebraico, mas no lat. pop. havia *sabbadi* = *Sabbati dies*; fr. *samedi*, it. *sabato*, val. *sembete*, prov. *disapte* — *dies sabb'ti*.

de côres mais usuaes (encarnado, verde, claro, negro, alvo...);<sup>1</sup> os nomes dos membros do corpo animal, e os das suas funcções:—rosto, cara,<sup>2</sup> boca (lat. pop. *bucca*), testa, face, nariz, (*narix*, por *naris*), labios, lingua, palpebra, olho, orelha, (auricula), sobrançelha (*supercilium*), mão, dedo, pé, unha, calcanhar (*calcaneum-calcaneo*), dente, ventre, perna, gambia, coxa, peito, costas, hombros (*humerus*), cabello, joelho (ant. geolho, lat. *genuclum*)...; os nomes de parentesco:—pae, mãe, avô, filho, padrinho,<sup>3</sup> sobrinho, marido, esposa, sogro, nora (lat. barb. *nora*), genro (id. gener), madrasta (lat. pop. *matraster*), neto (netos, neptis), irmão (germanus, port. ant. germaho, germaio, germano, seculos XIII e XIV); cunhado (cognatus)...<sup>4</sup> *Tio* e *tia*=gr. *theia*, talvez por intermedio do italiano *zia*.

É ainda do latim que nos vieram as palavras indicadoras dos deveres *communis*, as que se referem á vida moral e domestica, as que exprimem sentimentos, os numeraes, e—directa ou indirectamente—quasi todos os termos da vida moral,

<sup>1</sup> Branco—germ. *blanch*; amarello e preto, do grego; azul—arabe *zul*, pers. *lazur*=lat. *cæruleus* (ceruleo).

<sup>2</sup> *Cara*=gr. *cara*, lat. *vultus*, *facies*, *forma*, mas já o encontramos no latim do seculo VI, principalmente no sentido figurado *Postquam venere verendam Cæsaris ante caram* (Coreppo-Panegyri de Justino).

*Barriga* e *nuca*=germ. *baldrich*, *nocke* (columna vertebral).

<sup>3</sup> De *pater*.—*Santissimum vir patrinus videlicet seu spiritualis pater noster*, doc. 752.

<sup>4</sup> *Cognacio* ind. parentesco consanguineo, em opposição a *affinitas*, que ind. grão de parentesco por alliança.

das invectivas, da facecia e do linguajar da plebe; o emprego nominal de infinitos e participios:— *dever, jantar, manjar, poder... appello, recibo, peccado, escripto...* principalmente nas fórmãs femininas—*vista, vinda, comida, escripta...*

No; primeiros annos do seculo V, porém, o colosso romano foi derrocado pelos barbaros do Norte, os Godos, <sup>1</sup> «e d'esse grandê cataclysmo surgiram as nações modernas.»

Depois de muitas luctas horriveis de fereza entre essas alluviões de barbaros, funda-se a monarchia visigoda.

Do elemento germanico comparado com o celtico e punico, herdamos contribuições lexicas em cem dobrado numero.

Deu-se, é certo, o factõ conhecido de absorverem os vencidos os vencedores — pela superioridade de cultura intellectual e civilisação. O Godo romanisou-se, e aceitou a lingua do povo por elle domado pelas armas (o latim vulgar); mas — por direito de conquista — nella introduziram crescido numero de contribuições lexicas de origem germanica, referentes ás suas instituições politicas e judiciarias, ao direito privado, aos titulos hierarchicos e systema feudal, á guerra e navegação, ás divisões arbitrarías do sólo, etc... E este accrescimo ao *atque peregrinum* do latim de Hespanha, era-lhes de facil accitação, porque a lingua latina anterior á invasão

<sup>1</sup> Godos, Suevos, Alanos, Visigodos, etc.

da península pelos Godos, já possuía muitas palavras germanicas importadas pelos barbaros alistados nos exercitos de Roma:— *burgo* (germ. *burg*, fortificação, praça fortificada; lat. *burgus*); *garante* (germ. *gwarant*, lat. barb.— *warantus*), *ganhar*, *guerra* (*werra*, confusão, disputa), *guante* (germ. *gwant*, lat. barb. *wantus*) *saia*, *saiga*, *sayo* (*sago*, *sagum*), etc.

São de origem germanica:— *Barigel*, *baluar-te*, *elmo*, *barão* (homem livre), <sup>1</sup> *marechal*, *mariscal* (lat. *mariscalcus*, germ. *marschall*), *senechal*, *senescal* (lat. *seniscallus*, germ. *seneschall*), *bando*, *banho* (edital), germ. *bannan* (*bannum*); *adaga*; lat. barb. *patarata*, *feudo*, *rato*, <sup>2</sup> *bosque* (germ. *busch*, baix. lat. *boschus*), <sup>3</sup> *brasa*, <sup>4</sup> *guindar*, . . . <sup>5</sup> e muitos termos nauticos, principalmente introduzidos pelos Normandos, que invadiram a Galliza e mais tarde estanciaram nas margens do Minho:— *bordo* (e d'ahi— a bórdo, abordar, bombordo, estibordo . . .), *arpéo*, *bote* (bat.), *cabrea*, *canoa* (*kahn*, barquinho), *fragata*, *chalupa*, *croque*, *dique*, *galeota*, *quilha*, etc.

Muitos d'esses termos já nos vieram latinisados— *senescalus*, *mariscalcus*, *arautus*, etc.

No seculo XII ás dissensões do imperio visigotico provocaram as invasões e a conquista dos

<sup>1</sup> Der. *baronia*, *baronato*, *baronete*.

<sup>2</sup> *Ratazana*, *ratoeira* . . .

<sup>3</sup> *Buscar*, *embuscada* . . .

<sup>4</sup> *Braseiro*.

<sup>5</sup> *Guindaste*.

Arabes, confirmada na decisiva jornada do Guadalete.

Senhorearam-se de todo o paiz, mas não conseguiram transpôr as fronteiras do territorio Basco. Foi nessas intrataveis serranias que— fugindo ao jugo sarraceno—refugiou-se o resto dos Godos nobres, capitaneados por Pelayo; foi alli que se formou o nucleo de uma nova monarchia christã.

A lingua arabica, tão grande foi a sua influencia, muitissimo enriqueceu o nosso lexico, maiormente em termos referentes á vida physica, aos usos domesticos, instituições civis, politicas e militares, á technologia de construcção, philosophia e sciencias medicas e naturaes.

Muitos vocabulos perdemos d'esta origem: restam talvez uns 300:—*Allah, acicate, acepipe, açotêa, açougue, açude, alazão, alarve, alfandega, alcazar, alfageme, alfinete, . . .*<sup>1</sup> *azeitona, assassino, argola, ambar; beduino, bazar, burnú, barraca; café, cafila, cafre, camelo, carmim, caravana, califa, cifra, zero, cabala, cubebas; falua, faquir (fakir), fulano (fallach-lavrador), farnel, farrafa; ginete, gazella, elixir, jasmim, kalifa, laudano, mameluco, marfim, mesquinho, mascara, (arab. maschara—risada, mofa, truanice), nafê, nababo, recife, recua (recova), tamarrindo, tarifa, talisman, xarope, zenith, etc.*

<sup>1</sup> Quasi todos os que começam por *al*, que é o artigo arabe.

Como succedeu com o germanico, dos nomes que nos legou o elemento historico arabe formamos verbos, etc.—*alambicar, alcunhar, almo-xarifado, alvoraçadamente...*

Com a batalha de Canga de Onis estreou a serie de guerras entre os christãos e os crentes do Islam.

Os seculos IX, X e XI são periodos de grande lucta, pendendo afinal a balança contra estes.

Desde o seculo IX que apparece o condado *portucalense*; só no XI é que apparece o *Portucale*.<sup>1</sup>

Com o vencedor de Ourique começa a historia da monarchia portugueza, composta de dous fragmentos, um Leonez e outro Sarraceno; mas só em 1143 é que Portugal conquista a sua autonomia. Nasceu, pois—na phrase de A. Herculano—no seculo XII, *em um angulo da Galliza*.

Já nesse tempo, porém, era avultado o numero de Francos espalhados pelo reino, e de Judeus.

Até fins do seculo XII resalta do confronto entre o portuguez e o hespanhol, a identidade das duas linguas neo-latinas; mas no XIII, o latim barbaro (com termos godos, arabes, provençaes, francezes e castelhanos) era a lingua usada nos instrumentos publicos.

Essa lingua barbara—já portugueza na fórma e na indole—foi substituida na prosa pelo *algár-*

<sup>1</sup> *Portus-cale*, pequeno porto dominado pelo castello de *Cale*.

*vio*, *aravio*, *arabio* ou lingua das *arávias*, lingua arabica corrompida, falada pelos christãos que conviviam com os Arabes. Contrapunha-se á *ladina*. Era o *aravio* a lingua falada ao Sul do Mondego, e identica no fundo ao *galleziano* ou *gallego*, falado ao Norte. Esta, porém — adoptada pela gente culta de Portugal — era mais correcta e alatinada pela influencia provençal, e ainda pela imitação italiana.

Os dous dialectos do latim vulgar — *aravio* e *galleziano* — fundiram-se á medida que se estabelecia a unidade do territorio, até que por fim, — no reinado de D. Diniz — a lingua tomou caracter peculiar. Já em 1293 apparecem documentos em *vulgar*; de 1334 em diante todos foram escriptos nessa lingua.

O periodo que se estende de cerca da fundação da monarchia até meiado do seculo XIV, é o de transição da lingua, que se alatinou por influencia classica. Neste seculo a lingua já estava creada: é o *portuguez antigo*.

No XV, é ella mais polida e corrente; mas o meio literario, a influencia classica latina, foi causa d'ella ainda mais se apartar da sua evolução natural, concorrendo tambem para isso a influencia hespanhola e a imitação italiana. D'ahi, grande numero de fórmulas eruditas a par das populares já existentes (*secular* por *segrar*, *medura* por *medida*, *metade* por *cá*, *quieto* por *quedo*, *dispensa* por *dispensaçom*, *sua* por *sa* . . .), a differença na ordem e estrutura, o apparecimento de certos idiotismos e da synonymia, a maior uni-

formidade da orthographia, que revela a alteração phonetica. É o *portuguez médio*.

Essa lingua literaria, formada de modo artificial, chamava-a D. Duarte — *ladina*, e foi ella a causa de archaisar-se a linguagem vulgar propriamente dita.

No seculo XVI — periodo aureo da historia literaria de Portugal — começa o portuguez *moderno*. Do *classismo*, da influencia da escola *greco-romana*, resultou mais se estremar o portuguez do castelhano, adquirir mais purismo, comquanto ainda se resinta — apezar do seu rapido desenvolvimento — de irregularidades, locuções obscuras, phrases arrevezadas, construcções viciosas, má regencia dos verbos, abuso dos relativos *que, qual*, formação dos tempos compostos com participios passivos (*tinham uns vendidas e deixadas as armas*), amphibologias, assonancias etc.

É claro que essa cultura literaria devia natural e forcosamente introduzir grande numero de vocabulos tirados immediatamente dos auctores latinos, e ainda das outras linguas que então tinham predominio.

D'essa elaboração resultou o archaisamento de muitos vocabulos já portuguezes, que morreram na lucta synonymica: — *ruão* — cidadão, *acarão* — a par, *samicas* — por ventura, *hogano*, *nemichola* . . .

*Legitimo* torna-se fórmula parallela, mas preferida, a *lidimo*, *dispensa* a *dispensaçom*, *logar* a

*logo, secular a segrar, medida a medida, porque a cá, quieto a quedo, integro a inteiro, plano a chão . . . e assim um numero crescido de fórmulas divergentes.*

São de formação classica (seculo XIV-XVI) : — *antro*, antrum — *agricola*, agricola — *atrio*, atrium — *aula*, aula — *ara*, ara — *adunco*, aduncus — *auriga*, auriga — *auxilio*, auxilium — *adolescente*, adolescentem — *atingir*, attingere — *crueur*, cruorem — *conjuge*, conjugem — *certame*, certamen — *conflicto*, conflictus — *cantaro*, cantharus — *cohorte*, cohortem — *diluculo*, diluculus — *dolo*, dolus — *desidia*, desidia — *egregio*, egregius — *erecto*, erectus — *flagicio*, flagicium — *flagello*, flagellum — *fausto*, faustum — *fulgido*, fulgidus — *gladio*, gladius — *gelido*, gelidus — *insania*, insania — *inercia*, inertia — *inoxia*, inoxia — *igneo*, igneus — *inclito*, inclitus — *inermes*, inerme — *lapide*, lapidem — *livido*, lividus — *languido*, languidus — *lasso*, lassus — *messe*, messis — *nauta*, nauita — *nume*, numen — *odor*, odorem — *orbe*, orbem — *osculo*, osculum — *penuria*, penuria — *preliõ*, prelium — *procella*, procella — *progenie*, progeniem — *rabido*, rabidus — *sapido*, sapidus — *triumpho*, triumphus — *tumulo*, tumulus — *uberdade*, ubertatem — *verberar*, verberare, etc...

A muitas outras linguas deve o portuguez — pelas relações commerciaes e literarias — grande contingente para o lexico. Só trataremos dos elementos historicos que mais concorreram para a formação da lingua portugueza.

a) INDICO. — *Bramane*, bambú, *bengala*, bonzo, *catana*, chá, *chavena*, lacre, *leque*, *mandarim*, *salamalek*, *xarão*, *cornaca*, *laca*, *mumia*, *orangotango* (homem florestal), *pariá*, *patchuli*, *cipayo*, *tambor*, *tarlatana* . . .

b) HEBRAICO.—Hoje são em numero decrescido e muitos d'elles nos foram importados pelo latim, ex.:—*abbade, alleluia, hossana, cherubim, hyssope, Nazareno, Belzebuth, amen, seraphim, Satan, Satanaz, sabbado, Messias, Missa, Jesus, jubileo, Eden, maná, jaspe, saphira, cabala, talmud...*

c) SLAVO.—*Caleche, mazurka, redowa, knut, czar, cosaco, dolman, steppe, ukase, etc.*

d) HESPAÑHOL.—*Castanheta, castanholas, bo-lero, sesta, sarabanda, cabotagem, camarilha, cigarro, mantilha, fandango, gitano (cigano), olla podrida, piastra, cachucha, habanera, seguidilha, etc.*

e) ITALIANO.—Este elemento mais influenciou a datar do seculo XVI:—*Agio, adagio, alarma, andante, aquarella, arlequim, bandido, bagatella, belladona, diletante, belveder, imbroglio, buffo, cantata, doge, gazeta, gondola, lazzarone, cavatina, madona, charlatão, (de ciarlare), contralto, fresco (t. de pint.), prima dona, piano, pizzicato, poltrona, scherzo, serenata, sonata, soprano, tremulo, tenor, libretto...*

f) INGLEZ.—Poucos vocabulos entraram na lingua no seu 1º periodo; hoje é que com as communicações mais estreitas, tambem mais vae augmentando o contingente:—*bill, bond, bulldog, beefsteak, roastbeef (rosbife), dandy, groom, jockey, lunch, picnic, rhum, steeple-chase, sport,*

<sup>4</sup> Do lat. *sera*, noite; e *sonare*, resoar.

tunn  
yach  
paga  
dolla  
pudi  
ky, t  
ting,

cabu  
mode  
mang  
feldsp  
landg  
de jun  
cando

h  
forma  
d'esta  
tem s  
tas da  
chaisa  
après,  
voste,  
gues,  
porém  
poral,  
drões

1 K  
a fundaç  
dos por  
2 O

*tunnel, tilbury, whist, boagoton, paquete* (vapor), *yacht, cutter, bolina, brigue, cheque* (bilhete pagavel ao portador), *cab, clown, club, coke, dollar, penny, jury, hurra, pickpocket, reporter, pudim, quaker, revolver, vagão, sandwich, whisky, tramway, tender, water-proof, high-life, meeting*, etc.

g) ALLEMÃO.— Aqui nos referimos aos vocabulos importados directamente do allemão moderno:— *bismutho, cobalto, kirsch, landwehr, manganez, potassa, spath, zinco, feld-marechal, feldspath, schoppe, obuz, kermesse*, <sup>1</sup> *canivete, landgrave, rixdale (Reichsthaler), thalweg* (linha de junção dos dous declivios de um valle, indicando a direcção do curso d'agua), *thaler*, etc.

h) FRANCEZ.— Desde o primeiro periodo da formação da lingua que apparecem os vocabulos d'esta origem. A influencia do elemento francez tem sido grande desde o seculo XIII, posto muitas das palavras implantadas já se tenham archaisado:— *jalne* (amarello), *escote, vivanda, talha, après, ensembra, oeta* (fr. ouate), *arrecures, prevoste, aproxes, castramentações, lizeres, ornaraques, dobretes, maridaes*... D'esses termos, porém, ainda nos ficaram muitos:— *corneta, caporal, furriel, quartel-mestre, barbacan, esquadões* (de soldados), *meijon, meison* (maison), etc. <sup>2</sup>

<sup>1</sup> *Kirchenmesse*, p. comp. : missa celebrada para commemorar a fundação ou inauguração de uma igreja : regosijos publicos dados por esta occasião.

<sup>2</sup> Ou do lat. *mansionem*, mansão ?

Os neologismos de origem franceza mais se referem á moda, á mesa (iguarias), á ficção literaria, ou são nomes proprios ou geographicos indicadores do producto ou invenção:—*gris-perle, grenat, ruche, capote... vol-au-vent, croquette, mayonnaise, salada, panaché,...* *amphitryão, harpagon, tartufo, pantagruel,...* *Bordeaux, Chambertin, Brie, Cognac, bayoneta, Medoe, da-guerreotypo, guilhotina.*

Não somos avessos aos gallicismos, quando necessarios, —como, por exemplo: *patinar, guilhotina, soutache, cachenez, vis-à-vis, fichú,* e esses termos de mil cousas para enfeites femininos, modas, etc., uns por não terem equivalente no portuguez, outros por já fazerem parte da lingua popular.

Si não consideramos gallicismos com S. Luiz, N. de Leão, Tullio, etc.—*adiar, adiamento, activar, felicitações, inabalavel, regressar, rotina,* etc., e menos escusados, temos por muito para censurar a lepra dos *bouquets, soirées, fauteuils, lorgnons, toilettes, blasé...* que não devem figurar no nosso lexico.

As dicções novas, as de importação moderna, para terem entrada no vocabulario vulgar e existencia real, devem nacionalisar-se, tomar devidamente o geito, a quèda e o soar das com que ambiciona conviver. Ex. *contradança*—ing. *country dance* (dança campestre), *manequim*—all. *männechen* (homemzinho).

Todavia nas palavras importadas das linguas vivas muitas vezes conservamos o proprio typo etymologico com fóros de cidade:—*lunch, boulevard* (a par de *baluarte*), *fioritures, jockey,*

*tramway, bull-dog, roast-beef* (e *rosbif*), *beef-steak* (e *bif-stek*), etc...

i) AFRICANO.—Algumas palavras d'esta origem foram introduzidas no portuguez indirectamente pelos Arabes até o seculo XIV (*papagaio, aza-gaia...*); as outras vieram directamente pelo commercio e trato entre Portuguezes e Africanos (*bugio, buzio, gimbo...* — seculo XV e XVI; Gil Vic. 1º, 122 etc.), e ainda outras foram accrescentadas no Brasil depois do seculo XVII (*inkame, calundú, giló...*)

Quasi todos os vocabulos d'esta origem pertencem á lingua bunda, e aos dialectos do Congo: *banza, banzar, banzé* (barulho, motim, disputa), *batuque, cacunda* (costas), *calunga, cangerè, catinga, caxeringuengue* (faca velha), *jongo, lundú, macaco, malungo, moleca, moleque* (ou do Arabe?) *marimba, mandinga* (feitico), *mulambo, quegila, samba, cumbuca, senzala, sova* (governador), *urucungo* (instrumento mus.), *zanga, zumbi, zungú*, etc.

Muitos d'esses vocabulos pertencem tão sómente ao lexico *brasileiro*: *camondongo, calunga, pucuman, picumam* (fuligem), *muxinga* (açoite), etc...

*Tanga* é tambem palavra africana, mas no codigo Theod. C. V. XIV, tit. 10 — encontra-se a palavra *tzanga*, com o mesmo sentido. Ter-nos-ia o termo vindo de Africa directamente ou pelo latim?

Na linguagem do Brasil muito frequente é ainda hoje o emprego de termos do elemento

africano, que apparece tambem — ainda que raro — nas canções populares :

Você gosta de mim  
Eu gosto de você ;  
Si papae consenti  
Oh ! meu bem,  
Eu caso com você.  
*Alé, alé, calunga*  
*Mussunga mussungá é.*<sup>1</sup>

j) ELEMENTO BRASILEIRO. — São muitissimos os vocabulos que da lingua tupy ou abanaenga figuram no nosso lexico : — *cabiuna, caboclo, cacique, capoeira* (matto tenue, ave), *cuiá, embira, pagé, taba* (aldeia), *boré, maracá* (instr. mus.), *igara* (canôa feita de um tóro), *ubá* (id. feita de cortiça), *tanajura* (especie de formiga), *zarabatana, tacape, tangapema* (instr. de guerra), *acanguapes* (cocar de pennas), *onduapes* (tanga de pennas), *metara* (pedaço de páo, osso, etc. que introduziam nos labios), *ayucara* (collar feito de dentes e ossinhos dos inimigos mortos por quem o trazia ao pescoço), *curare* (urari), *caipora* (d'onde *caiporismo*) = *caa-pora*, habitador do matto; *mandioca, tapéira*, etc.

Na ichthyologia, ornithologia, e na flora, etc. muito enriqueceu o elemento brasilico o nosso vocabulario : — *abacaxi, abacate, taquara, taquarussú, arara, capim, caroba, cajú, gerimum, sipó, goiaba, guaxima, embira, jaboticaba, peroba, jacarandá, poaya, pita, pitanga, sapucaia, ta-*

<sup>1</sup> Sylvio Romero — *Cant. pop. bras.*

*pioca, . . . juruti, acará, carapicú, corocoroca, mandy, mossum. . . inhambú, araponga, caborê, sabiá* (e todas as espécies: — *guacú, guba, piranga, peri, poca, sica, tinga, una*), *urubú, gaturamo, jacú, socó, . . . capivara, coati, gia (rã), giboya, mico, maribondo, mutuca, paca, sussurana, surucucú, tamandú. . .*

Tambem crescidissimo é o numero dos nomes locais no Brasil — *Andarahy* (morcegos rio), *Araripe, Aracajú, Caçapava, Baependy, Capanema, Cabuçú, Carioca, Ceará, Catumby, Curitiba, Icarahy, Itapúca, Pernambuco, Tijuca, Catete. . .*

Como do elemento arabe e germanico, etc., herdamos nomes, e d'elles derivamos verbos: — *catucar, capinar, encaiporar, tocaiar* (ficar na tocaia, isto é, á espera) . . . <sup>1</sup>

Na poesia popular do Brasil, principalmente do Norte, apparecem phrases indigenas entresachadas, como estribilhos:

Te mandei um passarinho  
*Patua miré pupé ;*  
Pintadinho de amarello  
*Iporanga ne iané*  
(S. ROMÉRO. *Cantos pop.*)

Vamos dar a despedida  
*Mandu Sarará*  
Como deu o passarinho  
*Mandu Sarará. . .*

(Id.)

<sup>1</sup> O Dr. Macedo Soares publicou sobre esta derivação na *Rev. Bras.*, um trabalho de merecimento.

O numero de vocabulos d'esta origem, que só figuram no lexico *brasileiro*, isto é, que são desconhecidos em Portugal, é passante de 5000.

Ainda, além d'esses elementos, com o jus de augmentar pelos processos da composição e derivação, tem o portuguez outros de não menor valor para a constituição do lexico.

1.— **Nomes locaes:**—*artesiano* (de Artois), *arminho* (da Armenia), *avellã* (Avella, cidade da Campania), *baioneta* (Bayona, cidade da França), *berlinda* (Berlim), *bohemio* (Bohemia), *brie* (França), *casimira*, *cambraia*, *cachemira*, *campeche*, *chambertin* (França, vinho tinto), *champagne*, *chester*, *curaçáo* (licor das Antilhas), *falerno* (Italia), *Gallileo* (Jesus, antiga provincia da Palestina), *gaivota* (Gavot, cidade da França), *gruyère*, *italico* (typo de imprensa), *laconismo* (Laconia), *landau* (Baviera rhenana), *madapolão* (cidade do Indostão), *havana*, *musselina* (Mussul, cidade da Mesopotamia), *nankin* (cidade da China), *Nazareno* (de Nazareth), *paraty* (aguardente de Paraty), *Persianna* (Persia), *faisão* (Phasis), *Porto*, *Suruhy* (farinha de Suruhy), *Petropolis* (cerveja), *sauterne*, *sevres*, *xerez*, *cordovão* (Cordova), *marroquim* (Marrocos), *pistola* (Pistoya)...

2.— **Nomes proprios de individuos:**—*Aristarcho*, juiz severo; *bucephalo* (cavallo de Alexandre, hoje cavallo de batalha); *calepino* (lexicographo italiano—hoje collecção de notas); *catilinarias* (de Catilina), *elzevir* (impressor de Leyde), *elzeviriano*, etc.; *galvanismo*, *galvano-*

*plasta* (de Galvani, physico e medico de Bolonha, seculo XVIII); *lazaro*, *lazarento*, *lazareto*, *lazarrista* (Lazaro, da parabola evangelica); *mecenas*, protector das letras, de Mecenas, favorito de Augusto; *macadam* (do engenheiro Mac-Adam); *nicotina* (de Nicot, embaixador da França em Portugal, conhecido sobretudo por ter importado o tabaco em França), etc...

3.—**Transferencia:**—*Egreja romana*, *curia romana*, *pedante*, *alarve*, *malandrino*. V. cap. sobre semeiologia ou semantica. São casos de pathologia verbal.

4.—**Ficção literaria:**—*um matamouros* (com. hesp.), *um harpagão* (muito avarento—com. de Molière), *um dom Quixote* (blasonador de bravo, etc.—romance de Cervantes), *Tartufo*, *Polichinello*, *Rocinante*.

5.—**Mythologia, crenças e crendices:**—*argonauta* (de Argo), *Argus* (*olhos de Argus*, muito penetrantes), *Medusa* (cabeça de Medusa); *hermes*, *hermetico*, *hermeticamente* (de Hermes, nome grego de Mercurio, e Hermes Trismegista); *chimera*, *chimerico*, *panico* (de Pan), *herculeo* (de Hercules), *vulcanico*, *vulcanite*, etc. (Vulcano), *lamures*, *jovial* (Jove, porque Jupiter era o planeta mais feliz), *saturnino* (triste, grave, refochado—porque o planeta Saturno inspirava gravidade, etc.) *lunatico*, *marcial* (de Marte), *caipora*...

6.—**Erro etymologico:**—*Indio* (o habitante do Brasil).

7.— **Analogia:** — *bom humor, máo humor, etc.*

8.— **Titulos, cargos, officios:** — *maire, landlord, landgrave, delegado, presidente, pretor...*

9.— Os costumes, a caça, a pesca, os vicios e as artes, a guerra e a politica, os jogos e a agricultura, as machinas e instrumentos, as peças d'elles componentes (*gata, porca, cachorro, cavalete, mosquete, etc.*); as metaphoras (*emolumento*, o que se pagava ao moleiro pela moenda, depois *proveito, ganho; salario*, quantidade de sal que se dava como pagamento, hoje estipendio ou aluguel do trabalhador; o *condestavel* era o chefe das estrebarias; o *marechal*, o guarda dos cavallos; o *vassalo*, transforma-se no *vassalete*, que se degrada no *valete*; o humilde *minister* (criado) torna-se *ministro* de Estado.

Ainda temos mais as viagens e o commercio — *tatuagem, Simun, etc.*

\*  
\* \*

Foi em extremo insignificante a influencia do GREGO na formação do portuguez vulgar.

Só no seculo XIV é que elle começa a entrar na lingua, mas por intermedio do latim, que já possuia certo numero da palavras gregas (*byrsa, buticula, cara, colla, ... — bolsa, botelha, cara, colla...*) Temos alguns nomes d'essa derivacão que hoje fazem parte da lingua popular: — *demo-*

*cracia, monarchia, economia, agonia, harmonia, anarchia, melodia, gymnastica, poema, politica, sophisma, tyrannia, despota...*

Nos seculos XV e XVI a corrente erudita deu entrada a mais algumas palavras cujo numero recresceu desde o XVIII, especialmente na terminologia scientifica. Hoje, na medicina e nas sciencias naturaes, triumpha a nomenclatura grega, principalmente por sua força formadora pelos processos da derivação e composição. Dos vocabulos de criação moderna, muitos tambem já pertencem á linguagem popular—*telegrapho, telephone, typographia, polytheama, cosmorama, necroterio, gazometro, polytechnica, gramma* (peso), *metro* (medida de extensão)...

São hoje em não pequeno numero os suffixos e prefixos gregos (particulas e termos), que entram na formação de palavras portuguezas; mais de 80 raizes verbaes gregas contém o nosso lexico; mais de 3,000 vocabulos possuimos actualmente derivados d'esse elemento historico, graças ao direito de accrescimo que nos fâcultam os processos de novas formações. Assim, por exemplo, *kosmos* deu-nos—cosmico, cosmogonia, cosmogonico, cosmographia, cosmologia, cosmopolita, cosmorama, microcosmo; *metro*,—metro, decametro, decimetro, millimetro, metrologia, metrologo, metronomo, perimetro, isoperimetro, diametro, symetria, symetrico, symetrisar, symetricamente, asymetrico, acrometro, gazometro, chronometro, hydrometro, pentametro, pluvio-metro, thermometro, barometro, geometria, tri-

gonometria, hexametro, etc.; *auto*—autobiographia, autobiographo, autobiographico, autochthone, autocracia, autocrata, autocratico, autographo (iar,—ia—ico), automato, automotor, automotriz, autonomia, autonomo, autoplastia (t. de cirurgia), autopsia,—ar, etc.

As palavras de formação erudita estão também subordinadas a certas leis. As de introdução antiga soffreram transformações phoneticas, mui principalmente nas desinencias, *compreição, relampado* (em vez de relampago,—Lucena, etc.), *abondanças, malencolico*, etc.

As formações eruditas são em palavras importadas do latim ou grego geralmente, ou ainda formadas no seio da lingua com elementos latinos ou gregos:—*contumacia, manumissão, hemicrania, photographo*.

Ao grego muito devem as sciencias a sua technologia, principalmente a botanica, a medicina e a chimica. Mas o emprego cada vez mais frequente de elementos gregos na formação das palavras portuguezas tem aberto brecha a muitos hybridismos—*mineralogia, anglomania, planispherio*, etc.

Essa predilecção pelas nomenclaturas scientificas de formação grega é um mal—porque, como observa Darmsteter, a plantação exotica, tendendo cada vez mais a desenvolver-se no meio da indigena, acabará talvez por abafal-a.

Melhor fôra buscar ao latim os elementos para novas creações vocabulares. Ainda ha mais:

mui  
phra  
bom  
preh

de se  
scien

idéas  
oral  
lar,  
está  
vras

equi  
cons  
tuem  
dese  
men  
neolo

tros  
o qu  
corre  
« São  
os g

dá p

não o  
Paç

muitos dos compostos modernos desafiam—na phrase de C. Nodier—as leis da analogia e do bom senso; <sup>1</sup> e os proprios Gregos não lhes comprehendem o sentido.

Esta terminologia tem, porém, a vantagem de se fazer entendida facilmente dos homens da sciencia.

Não bastavam ao portuguez as expressões, idéas e imagens recebidas do latim pela tradição oral; outras idéas agitaram-se no espirito popular, e força foi augmentar o vocabulario. O lexico está sempre em mobilidade: ora registra palavras novas, ora apresenta-as sob novos aspectos.

As linguas estão em perpetua evolução: equilibram-se nas duas forças oppostas,—uma *conservadora* e a outra *revolucionaria*. Constituem a 1ª, a civilisação, o respeito á tradição, o desenvolvimento literario; a 2ª tem por fundamento as alterações *phoneticas* e *analogicas*, o *neologismo*.

Muitos são os factores neologicos, os centros formadores de palavras: a politica, a moda, o quartel, as officinas, a lavoura... tudo concorre para opulentar o vocabulario e renovar-o. «São tantos os centros de neologismos quantos os grupos naturaes de pessoas e de occupações.»

D'essa actividade incessante da linguagem dá prova a formação *erudita*, que crêa um lexico

<sup>1</sup> *Hydrogeneo*, p. ex., significa cousa produzida pela agua, e não o que produz agua; *anemia* é privação de sangue, falta total.

novo e artificial (de origem latina e grega) no proprio seio do lexico natural; e a criação *popular* que importa termos novos das linguas vivas, ou fórma-os com elementos da propria lingua pelos processos que lhe são peculiares. *Chantar*, p. ex., foi substituido na linguagem classica por *plantar*, do lat. *plantare*; *phonographo* é de composição grega...; *jockey* foi importado da lingua ingleza; *florzinha*, *rabiscador*, são criações populares vernaculas.

São tres, pois, as fontes das palavras novas: 1º as linguas estrangeiras; 2º os processos da derivação e da composição; 3º os *neologismos* de *significações*.

Crear uma palavra é fazel-a expressão habitual de uma idéa. «A palavra *desenvolve-se* quando o espirito prende a ella um grupo mais ou menos extenso de imagens ou idéas.»

A criação de palavras novas funda-se na analogia e na emphase. Um producto novo terá denominação formada de um thema ou termos indicadores da materia de que é elle feito (*cafeina*, *cajurubeba*); do nome do logar do producto (*paraty*, aguardente feita em Paraty; *Suruhy*, farinha feita em Suruhy, etc.); o nome do fabricante ou do introductor do producto, do inventor, etc.

—As crenças, crendices e superstições ou os costumes tambem abrem largo espaço ás novas formações de palavras. *Caipora*, tupy *caipora*, pequeno caboclo, que, segundo a super-

stição  
zendo  
tabaco  
empr  
*encai*  
*ceiro*,

uma  
Assin  
data  
do ju

funcç  
a for  
da si  
de qu  
que r  
came  
essen  
sual,

ções.  
*desfr*  
*debi*  
ment

maçã  
signi  
*ptor*,  
pula  
lavra

stição, vive nas florestas do sertão (*caa*), malfazendo ás vezes, principalmente aos que lhe negam tabaco, deu-nos *caipora* (individuo infeliz nas emprezas, commettimentos, etc.); *caiporismo*, *encaiporar*, *encaiporizar*; *feitiço*, *feitiçaria*, *feitiçeiro*, *enfetiçar*, etc. . .

A creação de palavras novas marca ás vezes uma nova época ou desenvolvimento historico. Assim, a palavra *christão*, diz Renan, marca a data precisa em que a Igreja de Jesus se separa do judaismo.

O *determinante* nem sempre exerce a sua funcção especial, porque condição necessaria para a formação de substantivos «é o esquecimento da significação etymologica.» *Quaderno*, grupo de quatro; *luneta*, pequena lua; *soldado*, homem que recebe soldo, etc., não indicam etymologicamente, ao espirito, as idéas em nosso parecer essenciaes — de folhas de papel, instrumento visual, militar ou homem de guerra, etc.

Na linguagem popular são curiosas as creações. *Encordoar* é enfiar por chufas e motejos; *desfructavel* é o individuo que se dá ao ridiculo; *debicar* é chufar, mofar; *massada* — aborrecimento, importunação, etc.

A *semeiotica* é uma das fontes para a formação, não de vocabulos novos, mas de novas significações: — *Christo* é o *Salvador*, o *Redemptor*, o *Nazareno*. Mas a acção do espirito popular, ao passo que modifica o sentido das palavras, fórma outras derivadas já subordinadas

á nova significação. *Imbecil* (falto de forças) veio a significar *nescio*, e d'ahi os derivados *imbecilizar* (tornar estúpido), *imbecilidade* (toleima, necedade), etc.

*Colonia, magistrado, triumpho, fastos, facção, aristocracia, democracia, demagogo, despota, insurreição, monarchia, seducção, etc.* . . . são do seculo XVI; *companheiro* (por *companho, companhom*), *legitimo, obstaculo, allivio, angustia, sagacidade, resplandecente, esplendido, architecto, audacia, aurora, auxilio, ciume, conjectura, crueldade* (por *crueza*), *desculpa, desordem, maledicencia, transacção, affavel, difficil, imaginario, incredulo* (por *incréo*), *doloroso, iracundo, nescio, magnanimo, postumo, proprio, continuo, obstinado, superno, valoroso, deseioso, negligente, rebelde, arguir, fulminar, restituir, criticar, castigar, etc.* . . . são do declinar do seculo XV ao XVI; pertencem ao periodo chamado *quinhentista*, no qual tambem se generalizou o emprego do superlativo em *issimo*. *Inflexão, infracção, alienar, retrogrado, correccional, monoculo, undecimo, duodecimo, binoculo, assimilar, sinuosidade, etc.*, são de introduccão mais recente; *photographia, photographo, photographar, escravismo, evoluir, voluir, volutir, verticalisar, telephone, telephonar, telephonico, sociologia, altruismo, altruista, altruismar* (ep. *egoismar*), *subjectividade, assimilação*, e mais cêrca de mil vocabulos, são do seculo XIX.

São principalmente do seculo XVI ao XIX, os compostos — *altivolante, capribarbicornipede,*

*olhicerulea, levipede, ignivomo, fluctisonantes,*  
etc.

**Hybridismo.**—Ainda nos resta falar das palavras compostas de termos tirados de linguas diversas :

|                                |                                    |
|--------------------------------|------------------------------------|
| <i>Areometro</i> . . . . .     | O 1º elemento é latino, o 2º grego |
| <i>decimetro</i> . . . . .     | Idem                               |
| <i>bigamo</i> . . . . .        | Idem                               |
| <i>sociologia</i> . . . . .    | Idem                               |
| <i>oleographia</i> . . . . .   | Idem                               |
| <i>aviceptologia</i> . . . . . | Idem                               |
| <i>linguística</i> . . . . .   | Idem                               |
| <i>monoculo</i> . . . . .      | Idem                               |
| <i>monomania</i> . . . . .     | Idem                               |
| <i>antinacional</i> . . . . .  | Idem                               |
| <i>antiacido</i> . . . . .     | Idem                               |

Esses productos barbaros de elementos latinos e gregos muito afeiam a lingua, e são—na phrase de Latham—um *malum per se*.

As vezes, porém, não há evital-os, como acontece quando a lingua que nos dá o termo principal não possui o determinante, ou não o conhecemos, etc.: *cipó-chumbo, capim-melado*. Mas *cipó* e *capim*, de origem tupi, já são palavras do lexico portuguez, assim como *archi* está tão popularisado ou nacionalisado, que o cruzamento faz-se já mui naturalmente, e os termos da composição adaptam-se facilmente como se entre elles houvesse affinidade:—*archiministro, architrave, architolo*.

O hybridismo é, pois, um facto artificial ou natural, reprovado ou admissivel, conforme é de formação erudita ou popular.

\*  
\*\*

As linguas transformam-se no correr dos tempos não só na phonologia, mas tambem no lexico e na syntaxe.

As alterações, pois, podem ser *phonicas*, *lexicas* e *syntacticas*.

O *optimo* de todos  
darei sómente o em que pararam estas cousas  
determinou *de*  
O Castello de Santarem aos Mouros o *tolhy*,  
estamos *convicto* ou *convictos*  
as cousas que elles tinham *feitos*  
morrer á fome, *de* fome.  
até á casa, até casa, até a casa  
começou fazer, *de* fazer, a fazer  
en cas sa madre, en cas *de* sa madre  
*regadas* tinha as flôres; *regado* tinha, etc.  
desde Março *meado*, desde o *meado* de Março

\*  
\*\*

Mas ainda ha duas forças modificadoras que muito concorrem para o desenvolvimento da linguagem, dupla acção da economia dos meios, uma destruidora, outra creadora.— Claro está que nos referimos aos archaismos e neologismos.

**Archaismos.**— São palavras que se perdem na solução de continuidade, mas cujo desapare-

cimento, como nos seres organicos, concorre para o desenvolvimento da linguagem.

Acontece—diz Whitney—como nos seres organisados, nos quaes a eliminação faz parte do desenvolvimento tanto quanto a assimilação.

As causas de morte das palavras podem-se reduzir a quatro:

1º Perda de idéa ou do objecto expresso pela palavra:—*algazil, escamel, behetria, bucellario...* Muitas vezes, porém, a historia, a sciencia conserva a palavra—*cota, jogral, mueron.*

2º A synonymia, o neologismo—*agro* (campo), *az* (ala), *curame* (capote), *emprir* (encher), *lidimo* (legitimo), *punçante* (pungente),... A synonymia, fonte de riqueza, foi causa do archaisamento de milhares de vocabulos.

3º O uso, a ignorancia dos escriptores, o pedantismo literario:—*pelliceiro, empegar, medicinar, sorvar, choveduro...*

4º O dar-se á palavra, por transferencia, sentido obsceno, ou ser considerada—por effeito de *idiosyncrasia* mental—termo vulgar, chulo:—*feder, tresandar, rabo...*

Os archaismos podem ser:

*Proprios*, isto é, termos inteiramente mortos, e sem esperanza de resurreição, a não ser em docs. historicos:—*bayanca, cabiscol, soforar, julgajul, bulhom...*

*A. de sentido.*—São palavras que, conservando a fórma integral originaria, perderam certo

e determinado sentido. Ex. — *fazenda* significando sentimento ou estado d'alma; *mesura* — generosidade; *torto* — injuria, damno; *arraial*, *aguadeiro*, *caldeira*, *esmolar*, *manhas*...

*Mesura* seria, senhor,  
de vos amercear de mi.

*Canc. Vat.*

Da minha senhor que eu servi  
sempre que mays ç'ami amey,  
veed amigos que *tort'ey*.

(Id.)

*A. flexionaes.* — São as terminações verbaes *ades*, *eides*, *odes* (seculo XIII, XIV), os participios em *udo* (seculo XV), etc.

*A. phonicos.* — São innumeros — *abisso* abysmo, *boveda* abobada, *treedor* traidor.

*A. orthographicos.* — Constituem archaismos orthographicos o emprego de *om* por *ão*, de *l* ou *ll* por *lh* (*melor*, *muller*, *alleo*), de dous *f* iniciaes ou *r* medio (*ffalsas*, *onrra*), etc.

*A. syntacticos.* — D'estes são mais importantes o emprego de certos verbos sem preposição: — *começar dar testemunho*, *entrou casa de*, *casou filha de*; do gerundio precedido da prep. *em*, equivalente a — *no tempo em que*: — em sendo *abbadessa ouve um filho* (Liv. Linh.); certas inversões arrojadas, etc.

As vezes a palavra perde apenas accepções accessorias; outras, perde de todo a primitiva significação: — *aguadeiro* (proprio para resguardar da chuva), *benzer* (abençoar), *boiar* (levan-

tar-se, mar), *botica* (casa pequena), *esmolar* (dar esmolas), *errar* (enganar, illudir), *manhas* (boas qualidades), *tratante* (o que trata), *saude* (salvação), etc. . . .

**Os neologismos** são novos meios de exprimir o pensamento e de enriquecer a lingua, dando outrosim varias accepções a cada uma das palavras.

Formam-se da combinação dos proprios elementos, ou da importação grega, latina ou de qualquer outra lingua.

Os 1<sup>os</sup> são *intrinsecos*, processo mais importante de todos, e consiste em formar palavras pela composição e juxtaposição (*ferrovia, septembrista*); os 2<sup>os</sup>, *extrinsecos*, formados do grego ou do latim ou ainda de outras linguas—antigas e modernas—*binomio, telegrapho, telephone, cephalalgia*. . . *jockey, vagão, tunnel, trenó, coke, bond*, etc.

As linguas latina e grega ministram elementos para a technologia scientifica, ao passo que as modernas mais enriquecem a linguagem vulgar e industrial.

Alguns d'esses materiaes de origem artificial tornam-se ás vezes tão familiares como se fossem de origem popular: — *petroleo, gazometro, telegramma, photographia*, etc.

Temos ainda o que chamaremos — *neologismos por archaismos*, facto curioso no desenvolvimento das linguas, e que consiste no re-

surgir em época mais ou menos remota, de palavras condemnadas ao esquecimento. Entre as 128 palavras citadas por D. Nunes como antiquadas, figuram—*finado*, por morto, *sagaz*, *atroar*, *atavio*, *arrefecer*, *algures...*; nas apontadas por F. Freire acham-se arroladas—*andrajo*, *adrede*, *passamento*, *sandice*, *bipede*, *bipartido*, *queixumes*, *delonga*, *derradeiro*, *pristino*, *vociferar*, *longinquo*, etc.); em B. de Brito, S. Luiz, Am. Arraes, D. Francisco Manoel e outros auctores abalisados—*attestar*, *energico*, *fragor*, *prematurro*, *implume*, *profuso*, *probo*, etc.

E todas essas palavras são hoje de bom emprego e cunho.

Os neologismos vicejaram em todas as épocas da vida; mas a sua influencia mais se tornou manifesta no seculo X, e foi accentuada nos dous seguintes.

No seculo XV, a fonte principal dos neologismos extrinsecos era o latim; no XVI—o francez, nos seguintes—o hespanhol, o italiano e a influencia greco-latina.

«O archaísmo vale principalmente como tradição literaria, como correctivo ao neologismo, e, em summa, como material expressivo e representativo do espirito e da fórma das composições antigas.»<sup>1</sup>

As linguas estão sujeitas ás duas forças da

<sup>1</sup> O portuguez falado no interior do Brasil conserva muitas fórmas já archaisadas em Portugal, e o nosso lexico possui pelo menos uns 6.000 vocabulos mais.

*conservação e revolução*, de que nos fala Darmesteter; o neologismo será um dia archaismo, disse Littré.

\*  
\*\*

São tres os dialectos portuguezes — o *gallego*, o *indo-portuguez*, o *suajo*.<sup>1</sup>

O *gallego* representa uma phase evolutiva do portuguez antigo. No seculo XII havia em Portugal duas linguas identicas no fundo — o *gallegiano* falado ao norte do Mondego, e o *aravio*, ao sul. Estes dous dialectos, que mais differencavam na phonetica, «foram gradualmente a fundir-se á medida que se estabelecia a unidade do territorio portuguez.»

O *gallego* ficou estacionario, ao passo que o portuguez seguiu o seu desenvolvimento natural.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Dialecto é a lingua peculiar a uma provincia, cidade ou estado, alterada do idioma d'onde procede — na pronuncia, na accentuação, desinencias, no lexico, na syntaxe.

Ás vezes o dialecto conserva tórnas mais primitivas que a lingua classica, e muitas outras o seu vocabulario excede ao d' esta em riqueza.

Varias são as causas concurrentes para as differenciações dialectaes — o clima, os grandes cataclysmos das raças e sociedades, o gráo de cultura litteraria.

<sup>2</sup> Quem quizer saber mais sobre este dialecto, leia — *Gramm. Gallega*, de Sacco Arce.

Vou ás vecinas romaxes,  
Vou ós pobos, vou ás feiras,  
E de cote ven meus ollos  
Rapazas garridas n'elas  
Vexo mócinãs que teñem  
Dentes que parecen pelras,  
Meixelas como craveles  
E dourada cabeleira,  
Bermellos labios, y-ús ollos  
Que tolo a un santo volveran

O *africano* e o *indo-portuguez* datam do século XV, e são falados em Ceylão, Diu, São Thomé, Cochim, etc. O ultimo tende a desaparecer ante a supremacia do governo inglez.

No *portuguez de S. Thomé* é de notar a queda do *r* (*jadim, stoia, bendê, bendedô* . . . = jardim, historia, vender, vendedor); a sua permuta pelo *l* (*luá, pledê, calo* = rua, perder, caro); os vestigios da antiga pronuncia (século XII, ainda conservada na Galiza) — *notchi* noite, *negocho* negocio; as fórmas syncopadas *nino* menino, *poçon* povoação, etc.

Formam o plural em *i*, mas geralmente pela anteposição pronominal: — *inem* moço = *elles* moço (moços).

*Especimen*

Padê nosso cu sá no cjé, santificado seja vosso nome  
venha nosso vosso leno, seja feta vossa vontade achi na tela  
cumo no cjé, pom nosso dji cada djá non da hodje, podoá  
nom dji tudo djivida ou nom cá lê, achi cumô nom cá podoá  
nosso devedô, nom dessa nom quiê ni tentaçon, mas livla  
nom de tudo mali. Amen Jigú.

No portuguez de *Cochim*, são muitas as corrupções phoneticos : — e por *á* (*ainde, noves*), *i* por *e* (*carni, grandi*), *na* por *em* (*na todo lugar*), o por *a* (*madrinho, miserio*), etc.

Formam o preterito com *ja* (*quem ja fala = falou*), o imperativo com *vae* (*vai nos faze*); empregam o presente pelo imperfeito e futuro (*quilai*<sup>1</sup> *te bote = botavas*; *que dia vosse te parti = partirás*), etc.

Formam o plural pela reduplicação : — *senhor senhor = senhores*.

*Especimen*

Bom dia, senhô, quilai tem saude? — Tem bom, muito mercê. — Vambos nos vai pesca hoje? Vambos vai. — Quem ja fala? — Ante tarde ja foi dos manchu nosso jente, cada manchu ja pega sinco peixi.

Si nos vai, nos lo pegue peixi.<sup>2</sup> — Nos pode vai justo sinco hora. — Vosse mês (*você mesmo*) compre isca, eu lo faze pronto cordo. — Vosse podi impesta por mi um anzol?

O portuguez de *Diu* tambem apresenta muitas modificações phoneticas: v. gr.—a troca do *e* pelo *a* (*lavanta*), a quéda das molhadas, das vogaes e consoantes médias (*imbrui embrulho, quião quinhão*), *mê* meu, *os* vossos, *su* seu, *outr, corp, sempr* (omissão da vogal final).

<sup>1</sup> *Quilai* (= que Iaia) = como.

<sup>2</sup> *Lo* indica o futuro dos verbos.

*Especimen*

Eu já comen, já fez, etc. Eu had vai.

Mais logo que vêo est os filh que já gastou tud quant  
tinh com mulher de má vid, log já mandou mata cabrit gord.  
Então su pai já fallou: Filh, os sempr tem junt de mim e tud  
de mim é de ós.

O portuguez de Ceylão é muito mais correcto na pronuncia e construcção. Basta confrontar o especimen acima com o seguinte:

Mas este teu filho quem já desperdiça tua fazenda com mundanas quando já vi, tu já mata por elle o vaccinha gourda. E elle já fala por elle: Filho, vosse sempre tem com mi, e todas as minhas cousas tem vossas.

O portuguez falado no Brasil diverge do falado em Portugal, não só, e muy principalmente, na pronuncia, mas tambem em algumas transfe-rencias de significação, facto este a que já nos referimos em outro logar (*babado*, que no Brasil tambem significa fólhos de vestido, *fazenda*— propriedade rural, *xacara* — casa de campo, *muqueca* — guisado de peixe, etc.)

O vocabulario é o mesmo, mais opulentado com o elemento tupi-guarani, e mais alguns termos africanos. Devemos, porém, attender ás inevitaveis idiosyncrasias mentaes.

Na pronuncia a differença consiste principalmente em mais fazermos soar as vogaes, no accentuarmos syllabas subordinadas, e ainda não estarmos tão sob a lei da menor acção. Influen-

cia climaterica. Pronunciamos *pápel*, *bórdo*, *impérador*, *corôa*, *pelotão*... o Portuguez *pâpel*, *bórdo*, *imp'rador*, *c'roa*, *p'lotão*, etc. É tambem muito commum a troca do *e* pelo *i*:—*mi dei,ri*, *minino*, que em Portugal pronunciam sempre *menino*, etc.

Diferenças syntaxicas importantes são raras, e apenas na linguagem vulgar:—*fui na casa*, *estava na janella*; o emprego do pronome sujeito pelo objecto—*vi elle*, e tambem *vi-lhe*, *isto é para mim ler*.

\*  
\*\*

As circumstancias que concorrem para o enfraquecimento dos laços politicos e sociaes, ou para o enfraquecimento de um povo, augmentam o numero das discordancias no seio da lingua geral.

D'ahi os provincialismos, particularidades locais no modo de falar uma mesma lingua dentro do mesmo paiz, mais ou menos accentuadas na pronuncia, no vocabulario e na phraseologia.

Na mesma cidade, o homem culto pronuncia de modo muito differente do analphabeto.

Já S. Rosa de Viterbo notára no *Elucidario* que em innumeraveis dos nossos antigos documentos variava a escripta á proporção que variava a pronuncia, a qual muitas vezes até em cada provincia discordava:—*S. Cibrão*, *S. Cypriano*, *S. Cibriam*, *S. Cydrum*, por *S. Cypriano*;

*Sanhoane, Sanoanne, Sonoane, S. Oan, S. Jam, S. Jom, por S. João, etc.*

Os Madeirenses pronunciam:— *mão*, *bão*, por *máo*, *boa*; trocam o *e* grave accentuado antes de articulação chiente ou molhada, por *a* grave:— *pájo* por *pêjo*, *tânho*; e o *e* agudo antes das mesmas articulações, em *ei*:— *meicha* = *mécha*; *hireige* = *herege*; *seige* = *sége*, etc.

Em alguns logares de Portugal mudam *ê* e *ei* em *ai*:— *baijo*; *meu báim*.

Os Minhotos trocam o *b* por *v* e o *v* por *b*; pronunciam *om* nasal onde nós dizemos *ão*:— *fizerom*, *razom*, e dão *aô* diphthongo ou o som de *ão*:— *são* = *sou*.

Tambem os Beirenses trocam o *b* por *v* reciprocamente; dizem *non*, *som*, etc. (fórmãs mais proximas do typo latino *nom*, *sum*, etc.); terminam os verbos archaicamente em *ari*, *êri*, *iri* (*amari*, *beberi*, etc.), <sup>1</sup> e dão ao *z* um som de *x*:— *dixe*, *dixere*, que em outras provincias se pronuncia com o som de *g*— *digere*, etc.

Nestes modos de falar ha uma certa harmonia com o prisco escrever, que muitas vezes é mais etymologico e harmonioso, como succede nas fórmãs antiquadas— *terribil*, *amabil*, etc.

Os do Algarve e Alemtejo mudam o diphthongo *eu* em *ei*:— *mei pai*; a molhada *lh* simplifica-se na liquida *l*:— *eu dicele* (e assim pro-

<sup>1</sup> Foi por isso que Bluteau observou que « nos infinitos dos verbos, falam os nossos Ratinhos melhor que os Palacianos. »

nunciavam os nossos maiores); o *ei* dos preteritos em *i*: — *almoci*, etc.; dizem — *pidir*, *midir*, etc. Trocam o *z* por *g* — *digia*, *fagia*, *vigitar*, e dizem — *fuge*, *pacencia*, *home*, *canairo*, *preguntar*, *precurar*, *leixar*, *dixe*, *trouve*, *ao redol* (=ao redor), etc.

Os *Conimbrenses* pronunciam: — *aialma*, *aiaula*, *setiora*, *novóra*, *fruta*, *astrever-se*, etc.

Em Lisboa onde, como espiritualmente observou um escriptor Portuguez, « *hadex* ver como franzem o *narix* á *cuxta* do Gallego, e como não *handem* perceber ou imaginar que *sam ellex quem está* no erro », pronunciam — *cravão*, *cravoeiro*, *cravalho*, *crapinteiro*, *menza*, *auga*, *augadeiro*, *todódia*, etc.

Tambem em Extremadura notam-se as mesmas indesculpaveis incorrecções, *questões*, *grões*, *afflições*, etc.

Os da Beira, onde se pronuncia: — *non* (=não), *som* (=sou), *hai* (=ha), e trocam o diphthongo ou em *oi*: *oivir*, *oivido*, *coive*, etc., são, todavia, os unicos que pronunciam com verdade o *ch*, cujo *som* confundimos, e confundem os de Lisboa, com o de *x*. É assim que elles dizem *tchapéo*, *tchave*, *tchá*, e nunca *xapéo*, etc. As articulações *ch* e *x* não tinham o mesmo valor, e nessas variedades e distincções de *som* está muito a belleza e perfeição das linguas.

Todos esses vícios, porém, são devidos á tradição, e a sua persistencia á falta de cultivo intellectual.

No Brasil são mais de notar os provincialismos do Ceará, Rio Grande do Sul, Goyaz e S. Paulo.

Nesta ultima provincia as syllabas soam todas ellas largas, abertas; a fala é descançada e como que cadenciada, a molhada *lh* não sóa na pronuncia — *teiado, miio, fio*, por *telhado, milho, filho*, etc.

BRASILEIRISMOS.<sup>1</sup>— São termos e modos de falar peculiares aos Brasileiros, e muitissimos d'elles desconhecidos em Portugal, o que não é para admirar porque o mesmo acontece aqui de provincia para provincia.

Os termos que seguem são brasileirismos e modos de dizer proprios a cada provincia.

*Arrelia* — birra.

*Amojada* — No norte se diz, e com cabimento, que a rez está *amojada*, quando prestes a parir; estado que tambem se conhece pelo amojo, rigidez das tétas.

*Aluá* — bebida feita com agua, assucar e farinha de milho torrada.

*Aipim* — mandioca (Rio de Janeiro).

*Arapúca* — armadilha de varinhas para apanhar passarinhos.

*Atirar* — é a acção que faz o dançante nas danças populares, para tirar quem o substitua.

<sup>1</sup> Pacheco Junior — *Grammatica historica*, pags. 142 a 150.

*Atapú* — buzio que serve de trombeta ao jangadeiro para chamar freguezia ao peixe.

*Amolar* — enfadar alguém com importunidades.

*Amolador* — homem enfadonho.

*Batuque* }  
*Jongo* } dança de negros (voc. afr.)

• *Boquinha* — beijo.

*Bocaina* — logar estreitado entre serras ou cabeços.

*Baião* — dança popular.

*Bebida* — bebedouro (Ceará).

*Barbicacho* — cordão com borla, preso ao chapéo para que o vento o não leve (Rio Grande).

*Banzeiro* — (além da significação propria) — individuo meditabundo.

*Brado e corado* — homem sem medo, destemido.

*Bala* }  
*Onça* } homem valente, destemido.  
*Topetudo* }

*Cauim* — vinho de mandioca.

*Ciscar* — estorcer-se no chão após um golpe, pancada, etc.

*Chiquerador* — tira de couro torcida, presa á extremidade de um páo. Instrumento de castigo. No Rio de Janeiro e Minas dá-se o nome de *relho*.

*Cuia*—vasilha feita de cabaça partida ao meio, e tirado o miolo.

*Combuca*—vasilha feita de uma cabacinha furada, onde se toma matte.

*Capeta*—duende (Ceará), demonio.

*Chibio*—garoto, bregeiro (Norte).

*Capim*—herva para pasto do gado (voc. tupy).

*Coivára*—pequenas fogueiras para queimar os galhos, etc., que escaparam ao fogo geral.

*Cochilar*—dormitar sentado ou de pé.

*Cangote*—cachaço (por *cagote*).

*Carapina*—carpinteiro.

*Caçulo, a*—ultimo-genito.

*Calundú*—amúo, arrufo.

*Chilenas*— esporas enormes, de ferro ou prata, com grandes rosetas.

*Calunga* { —boneco (Pernambuco),  
          { rato pequeno, murganho (Bahia).

*Camondongo*—id. (Rio de Janeiro).

*Campeão*—cavallo em que o vaqueiro campea (Ceará).

*Cavallairano*—homem que negocia em cavallos (Ceará).

*Cangaceiro*—individuo que blasona de valente, sem ter bullas para isso.

*Cabra*—filho de mulato e negra ou vice-versa. No Norte dá-se esse nome aos que andam

descalços, ou uns aos outros na conversa familiar.

*Cangações*—cacarécos (no Norte).

*Catinga*—transpiração fetida dos sovacos, bodum, especialmente dos negros; matto pouco espesso mas garranchoso (Ind.) D'ahi vem chamar-se *rez catingueira* á que se esconde nas *catinas*.

*Caruára*—bezerro enfezado, doente.

*Chimango*—que pertence ao partido liberal (no Norte).

*Carcará*—caranguejo:—que pertence ao partido conservador (Ind.)

*Cróá*—abobora vermelha (Ceará).

*Coirama*—botas curtas de couro branco.

*Caipira*—sertanejo.

*Caipora*—(tupi *caa-pora*) 1º, pequeno caboclo bravo, que vive nas florestas do sertão, malfazendo ás vezes, principalmente quando lhe negam fumo (superstição popular); 2º, luz fátua que apparece nos mattos; 3º, homem infeliz nos seus commettimentos.

*Caiporismo*—infelicidade, insuccesso nas empresas.

*Chapelina*—chapéo usado pelas mulheres sertanejas em algumas provincias do Norte.

*Comadre*—mulher do povo, que parteja a gente pobre e partejava as escravas.

*Caritô*—pequena prateleira que se põe a um canto (Ceará, etc.)

*Cangapé*—ponta-pé que faz cair quem o leva.

*Cargueiro*—animal de carga, e, por extensão, o homem que o tange.

*Caco*—tabaco em pó, fabricado e usado pelo povo (Ceará). Em Minas dá-se-lhe simplesmente o nome de pó.

*Desabusado*—homem corajoso, pouco sofredor de injurias.

*Desfructavel*—individuo que se dá ao ridiculo.

*Desfructar* alguém—metter alguém a ridiculo.

*Debicar*—chufar, mofar, fazer com que alguém enfie.

*Debique*—chufa, mofa.

*Dadeira*—mulher adúltera.

*Destabacado*—destemido.

*Encartado*—galhofeiro, jovial.

*Exquisito*—extravagante, que move a riso.

*Embiratanha*—planta de embira.

*Enxamear*—encher os vãos das paredes feitas com taipas, de pedaços de páo e barro.

*Encordoar* } amuar-se ou enfiar por motivo  
*Encalistrar* } de chufas ou gracejos, tam-  
bem se emprega activamente.

*Fadista* }  
*Findinga* } prostituta, barregan.

*Fuxicar* — amarrotar, enxovalhar (roupa, etc.)

*Farofa* — carne mexida com farinha.

*Fabrica* — (Ceará) rapaz que ajuda o vaqueiro na estancia.

*Fachina* — soldado em serviço fóra do quartel.

*Famanaz* — (no Norte) muito afamado.

*Flato* — ataque de nervos.

*Goraca* — cinta de couro que se fecha com dous botões grandes ou moedas de ouro ou prata, com uma bolsa.

*Girimun* — (no Norte) abobora (Ind.).

*Geraes* — logares ermos (N.) «Perdi-me nesses Geraes.»

*Gereré* — rêde de pescaria.

*Girão* — leito de varas sobre forquilhas: tambem serve para moquear carne, guardar louça, etc.

*Graucá* }  
*Gaujci* } caranguejo.

*Garapa* — caldo de canna moida no engenho.

*Isqueiro* — pequeno tubo de metal ou ponta de chifre com tampa de porongo ou metal, que serve para guardar *isca*, a que pegam fogo com fuzil e pederneira para accender cigarro.

*Igaçaba* — talha grande para agua (Norte).

*Igarvana* — homem navegador.

*Ipeiras* — logares que no inverno se enchem d'agua, conservando-a por tempo dilatado.

*Jacá* — cesto comprido com tampo, feito de taquaras.

*Jandahira* — abelha.

*Muxinga* — açoute (voc. afr:)

*Muxingueiro* — o que açouta.

*Mungangas* — momos.

*Muxoxo* — estalo com os labios em signal de desprezo.

*Mulambo* — farrapo, andrajo.

*Mascate* — antigamente, mercador estrangeiro; hoje, o que vende fazenda pela rua.

*Mascatear* — vender fazenda pela rua.

*Mandinga* — feitiço.

*Muquiar* — preparar certo guisado.

*Muquem* — lugar onde se muquia.

*Manjo* — jogo de tempo será; Maria mocangueira.

*Macachêra* — mandioca doce (Norte), a que no Rio de Janeiro dão o nome de *aipim*.

*Mocambinho* — (Norte) habitação feita no matto por negros fugitivos.

*Mocambos* — vastas moutas no sertão onde se esconde o gado.

*Maldictas* — sezões, maleitas, febres de crescimento.

*Mocotó* — mão de vacca.

*Muxiba* — pelles de carne magra.

*Matuto* — sertanejo, homem atoleimado.

*Massada* — cousa que causa fastio, aborrecimento.

*Nhonhô, ã* <sup>1</sup> } maneebo, senhor moço.

*Yoyó, yayá* } senhora moça.

*Ordenança* — além da significação propria, designa a praça que acompanha e está á disposição dos Ministros e outras auctoridades.

*Obrigaçào* — familia (como vae a obrigaçào?).

*Presiganga* — não que servia de prisão.

*Pequira* — cavallo pequeno.

*Pagé* — adivinho; homem que livra de feitiços e encantamentos (Ind.)

*Poncho* — (ponche) — especie de cobertor quasi redondo, com uma abertura e gola no centro, por onde passa a cabeça. Serve para resguardar o cavalleiro do frio e da chuva. Sendo de linho (por causa do pó nos dias de grande calma), chama-se *PALLA*.

*Pacova* — banana (Pernambuco).

<sup>1</sup> Em S. Paulo e em alguns logares de Minas abreviam-no em *Nhó, Nhã*, e dizem *Nhó Quim* (Sr. Joaquim), *Nhó sim, nhó não*, etc.

Dá-se o mesmo no Ceará, etc.

*Pião*—homem que amansa cavallos e burros *chucros* (bravos).

*Passoca*—carne secca pilada com farinha e cebolas.

*Puxado*—aposentos feitos depois de construido o predio.

*Paspalhão*—papalvo, fatuo.

*Pereba* (pareba)—qualquer erupção cutanea, feridinha com pus, sarninha.

*Pipoca*—milho arrebetado ao calor do fogo.

*Quindins*—requebros, melindres.

*Quitute*—iguaria exquisita e appetitosa.

*Quitanda*—mercado volante de hortaliça, etc.<sup>1</sup>

*Quitandeiro*—o que vende *quitanda*.

*Quicé*—(Norte) faca pequena.

*Quilombo*—logar onde se refugiam e reuñem negros fugidos.

*Quilombóla*—negro que se acolhe ao quilombo.

*Quimanga*—cabaça em que se guarda comida.

*Rebenque*—chicote curto de couro trançado, e com uma ou mais pontas de sola ou couro trançado.

<sup>1</sup> Antigamente chamavam *quitanda* aos campos Romanos onde se estabeleciam os vivandeiros (*De antiq. Rom.*). Em Portugal tambem outr'ora assim se denominavam as feiras e mercados de comestiveis; em Angola, ainda hoje, como no Brasil, significa mercado volante.

*Rêve*—vasilha de barro que não vasa pelos póros.

*Samburá*—cesto de cipó, de boca apertada, em que o pescador guarda o peixe. No Rio de Janeiro é uma especie de cesta com alca.

*Senzala*—habitação de negros nas fazendas.

*Sipoada*—vergastada (com cipó).

*Sura*—ave sem pennas na cauda.

*Samba* (sambar)— festa popular no interior, na qual se dança, se bebe, e se canta á viola; ir a samba, divertir-se nella.

*Taba*—aldeia (voc. tupy).

*Tapera*—estancia abandonada—logar ermo.

*Trapiche*—casa onde se guardam generos de embarque, e onde carregam e descarregam navios.

*Tala*—chicote pequeno com uma ponta larga de sola.

*Tijuco*—barro de estrada, pegajoso (voc. tupy).

*Tupinambaba*—maçame de linhas e anzóes.

*Teméro*—temerario.

*Tirador*—peça de couro que se prende á cintura para facilitar o serviço do laço, e não estragar a roupa.

*Tombador*—(terreno) desigual, cheio de borraes.

*Tauçú* — pedra furada, presa a uma corda para servir de ancora ás canôas.

*Torém* — instrumento e dança popular. <sup>1</sup>

*Urú* — bolsa de palha de palmeira burity ou carnaúba. (Id. ave).

*Varjota* — vargem pequena.

*Vigario* — homem astuto.

*Xingar* — chamar nomes a alguem.

*Xingamento* — descompostura de palavras.

*Xeripá* — chales com que os camponezes no Rio Grande cingem a cintura.

*Xenxem* — cousa desprezível. Dava-se este nome a uma moeda hoje sem valor.

Tambem são de notar as mudanças phonicas; assim é que no Pará diz-se *Labisonhos* por *lobis-homem*; geralmente em todo Brasil a gente ill-trada diz *Vosmecê* por *vossa mercê*, pronuncia *quarar* por *corar*, isto é, enxugar a roupa ao sol depois de ensaboada; *quarador* o lugar gram-mado onde se estende a roupa a corar, *cadê* por *que é de*.

Nada tem entre o povo mais denominações do que a aguardente:—é a *bixa*, a *teimosa*, a *branca*, as *sete virtudes*, a *pilóia*, etc.; por beber

<sup>1</sup> Muitas são as danças populares no Brasil. Além das já mencionadas, temos o fado, o choradinho, a tyranna, o côrta-jaca, o côco inchado, o baião, o sorongo, o batuque, o jongo, o cateretê, etc.

Muitos tambem são os nomes de arreios especiaes de que se servem no Rio Grande, S. Paulo e Minas (bastos, lombilhos, serigotes, etc.) cujas peças têm nomes tambem especiaes.

um trago de aguardente, dizem—*tomar um codório, matar o bicho.*

Vejamos agora alguns modos de dizer do povo:

*Levar tabóca, ou de taboa, na cuiá*—não conseguir o intento; não obter despacho favorável á pretensão.

*Tomar chá com alguém*—mofar de.

*Subir a serra* } enfiar.  
*Dar cavaco* }

*Vér-se em assados, em apuros*—achar-se em apertos.

*Homem ralado do mundo*—experimentado.

*Ter uns biquinhos*—dividas de pouca monta.

*Andar de ponta com alguém*—estar picado, estimulado.

*Entrosar*—importunar; querer parecer o que não é.

*Bater a bota, esticar a canella*—morrer.

*Crescer para cima de alguém*—dirigir-se para alguém ameaçando-o.

*Estar de venta inchada*—zangado.

*Querer ensebar alguém, embaçal-o*—querer illudil-o.

*Dar as dedicás*—empregar os meios convenientes (Ceará).

No Ceará é expressão muito vulgar—*para esse tanto, ex.:*—«Não julgava que se falasse

*nesse tanto* (a este respeito), «uma razão para esse tanto, etc.»

Advertimos que estes modos de falar são apenas ostensivos na conversação familiar, e alguns só na da plebe, e que nunca se encontram em nossos escriptores, a não ser, excusado era accrescentar, os que o uso sanccionou e são necessarios, como *sura*, *giráo*, *ordenança*, etc.

Outrosim, é muito de notar a tendencia que tem o povo para dar a cousas ou profissões nomes que lhes não cabem, mas que todavia persistem, vendo-se a classe culta muitas vezes obrigada a sancional-a :

*Belchior* — adello.

*Maxambomba* — antiga ferro-via urbana.

*Barata* — mulher pobre, que usava *capona*, isto é, capa ampla e longa que cobria tambem a cabeça.

*Bispo* — vehiculo publico, *victoria* pequena tirada por um animal.

*Bond* — ferro-carril suburbano e urbano ; além de denominações de certas molestias epidemicas, taes como: — *zamperina*, *polka*, *lanceiros*, etc. Quasi todas essas denominações, porém, coincidem com um facto politico ou social que lhes deu origem. São neologismos historicos.

Já dissemos — é o povo que representa as forças livres e espontaneas da humanidade.

\*  
\*\*

As phases percorridas pela lingua em suas modificações, são como o reflexo exacto das revoluções politicas e moraes porque passára o espirito publico na província hispanica, em Portugal, no Brasil.

Em remate—o portuguez recebeu do latim a tradição oral de expressões, idéas e imagens; transmittiu-a ás gerações seguintes pela força conservadora, mas modificada e dilatada neologicamente pela força revolucionaria.

As linguas não se fixam: «são rios que tendem sempre a augmentar em caudaes á proporção que mais se alongam da matriz.»

E cumpre não esquecer a acção psychologica, cujo processo muito tem avolumado o nosso lexico, e consiste na transferencia do sentido do vocabulo. <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> V. Pacheco Junior, *Introdução á Gramm. historica da lingua port.*, 1870.

toda  
guag

muit

os fa  
em t

tudo  
outra

va é  
como

das let  
Pach

# OBSERVAÇÕES GERAES

---

## NOÇÕES PRELIMINARES

1.— **Grammatica geral** é o estudo, em toda a sua extensão, dos factos e das leis da linguagem escripta e falada.<sup>1</sup>

É o conjunto dos processos communs a muitas linguas comparadas.

2.— **Grammatica historica** é a que estuda os factos de uma lingua desde a sua origem, e em todas as suas phases.

3.— **Grammatica comparativa** é o estudo d'esses factos em comparação com os de outras linguas.

4.— **Grammatica historico-comparativa** é a que emprega a *historia* e a *comparação* como instrumentos verificadores da linguagem.

<sup>1</sup> Grammatica = lat. *Grammatica* = gr. *γραμματική*, "sciencia das letras.

Só ella nos ensina a dissecação scientifica dos vocabulos; permite remontar ao passado obscuro, muito além do ponto em que param a lenda e a tradição; póde reconstituir a fôrma typica das palavras desfiguradas ou gastas pelas migrações e pelos seculos. Assim, por exemplo, se quizessemos estudar o vocabulo *pomba*, a historia nos indicaria a origem no latim *palumba*, e — como todas as evoluções na vida humana foram lentas e graduaes — as fôrmas intermediarias *paumba*, *paomba*, *poomba* (documentos do seculo XIII); fr. *colombe*, *palombe*; hesp. *columba*, *paloma*; it. *colomba*, *palombo*.<sup>1</sup>

A melhor fôrma ou compostura grammatical é a *historico-comparativa*.

5. — **Grammatica descriptiva ou expositiva** é a codificação empyrica, a exposição analytica dos factos da linguagem.

Não investiga as *causas* nem explica as *leis*; seu fim é apenas classificar, definir, e exemplificar os materiaes linguisticos.

6. — **O objecto da grammatica portugueza**, é, pois, o estudo geral, descriptivo, historico, comparativo e coordenativo (mas sómente no dominio da lingua portugueza) dos factos da linguagem e das leis que os regem.

7. — Divide-se em *lexicologia* (lexeologia) e *syntaxe*.

<sup>1</sup> Em lat. *columba*, gen. gall.; *palumba* (=palumbes, *palumbus*) — pombo trocaz. Cp. *palomba*, *paloma*. Temos o adj. — *columbino* ou *colombino*.

A *lexicologia* estuda a palavra individualmente, e subdivide-se em *phonologia* ou estudo dos sons (que comprehende — *phonetica*, *prosodia* e *orthographia*), *morphologia* ou estudo das fôrmas, *semeiologia* ou estudo do sentido das palavras e da sua variabilidade (semantica), e etymologia.

A *syntaxe* trata da palavra collectiva, isto é da *phrase* e da *proposição*, e divide-se em *grammatical* e *literaria*.

A primeira é a theoria da coordenação e subordinação das palavras em suas relações de pura expressão formal do pensamento; a segunda é a theoria artistica da palavra em suas relações com a *aesthetica* do pensamento.

8. — A *linguagem* compõe-se de palavras; as *palavras* compoem-se de sons ou letras.

9. — **Sons e letras.** O som é um phenomeno natural que se produz em todas as suas variedades, mas subordinado a condições organicas; e o alfabeto natural é hoje perfeitamente explicado pela anatomia e pela physiologia, e ainda pela physica.

Podemos, pois, definir o *som* — producto do *apparelho phonico*.

*Letras* são as representações graphicas dos sons. A sua disposição methodica, bem como á dos sons, dá-se o nome de *alfabeto*.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Das duas primeiras letras gregas *άλφα* e *βήτα*. Tambem dizemos o A. B. C. *Letra* = lat. *Littera*.

Um systema alphabetico deve estender-se do *a* aberto aos sons mudos e completamente fechados. São esses — diz Whitney — os seus limites naturaes e necessarios, e só os grãos intermediarios pôdem dividir-se em classes.

10. — Ha tres categorias de sons correspondentes a tres ordens de modificações do aparelho vocal — *vogaes*, *consoantes momentaneas*, *consoantes continuas*.

A divisão geral dos sons em *vogaes* e *consoantes*, basea-se: 1º, no esforço que se emprega para superar o obstaculo opposto á emissão do som; 2º, na natureza especial dos orgãos que constituem esse obstaculo. D'ahi ainda a divisão das consoantes em *continuas* (*vibrantes*, *liquidias*, *aspirantes*); *instantaneas* ou *explosivas*, *nasaes*, *chiantes*, e — *gutturaes*, *palataes*, *dentaes*, *labiaes*.

11. — As **vogaes** são produzidas pelo larynge, posto que modificadas no som pelas diferentes posições da lingua e dos labios. Cada uma d'essas modificações do som origina uma *voz* ou *vogal* diferente.

As vogaes fundamentaes, typicas, são — *a*, *e*, *u*; *ĩ* e *o* representam sons puros, porém, intermediarios.

A nasalisação vocalica em portuguez, posto fosse vulgar no celta e no francez, não deve ser attribuida a estas influencias, senão á da lingua romana. <sup>4</sup>

O *y* entre duas consoantes origina-se de um *ypsilon* grego, ainda mesmo nas palavras importadas pelo latim.

<sup>4</sup> V. Pacheco Junior — *Revista Brasileira*, 1º vol., 122.

é de  
da pa  
(aly,  
N  
inscrip  
mento  
É  
dey, j  
ainda  
tummy,  
viden  
17 so  
É as  
valore  
ou tre  
nasal)  
1  
postas  
sons s  
de un  
A est  
phtho  
forma  
oraes  
(oi), u  
C  
forço  
4 D

Entre vogaes, equivale a um *i* ou *y* latino, ou é de intercalação euphonica. Serve ainda, no fim da palavra principalmente, para alongar a vogal (*aly, hy, etc.*)

No latim, o *ypsilon* era representado nas mais antigas inscrições por *u* ou por *i*; e nos nossos primeiros documentos equivalia a *i* e *j* (*mayo, mayor, peyor, etc.*)

É final em algumas palavras de origem estrangeira (*bey, dey, jockey*), e neste caso representa signal etymologico; e ainda nos nomes locaes derivados da lingua indigena *Catumby, Andarahy*).

12.— Conforme a duração da pronuncia, dividem-se as vogaes em *longas* e *breves*.

As cinco vogaes pôdem representar mais de 17 sons, com auxilio dos accentos ou notações. É assim que o *a*, *e* e *o* representam quatro valores phonicos (agudo, grave, médio, nasal), ou tres (agudo, grave, nasal); o *u*, dous (agudo e nasal).

13.— As vogaes pôdem ser *duplas* ou *compostas* (de uma forte e uma fraca); são tambem sons simples, comquanto representados por mais de uma letra (**ou**). Representam um som unico. A estes grupos vocalicos dá-se o nome de *diphthongo* quando constituem um som duplo, formam um som composto, e dividem-se em *oraes* e *nasaes*: *ae* (ai), *au* (ao), *ei*, *eu* (eo), *oe* (oi), *ui*, e *ãe*, *ã* (an), *ão*, *õe*, *uim*.<sup>1</sup>

O diphthongo é sempre consequencia de reforço ou abrandamento.

<sup>1</sup> ΔΙΠΗΘΗΓΓΟΝ = Δίφθογγος (*Δι*, duas vezes e φθόγγος, som).

Chamam-se *semi-diphthongos* aos grupos *ea*, *ia*, *ie*, *ua*, *ue*, *uo*, e a razão salta aos olhos:— as duas vogaes, posto não se possam separar, soam todavia distinctamente (*tenue*, *continuo*).

Alguns grammaticos — entre os quaes Diez — consideram triphthongos portuguezes os grupos — *uae* — *uei*: — *iguaes*, *averiguetis*.

Os monophthongos (*ai* = *e*, *ei* = *i*, etc.), só se conservaram no portuguez em relações etymologicas (*Eneas*—*Æneas*, *co-evo* — *ævum*, etc).

14.— A theoria que explica a funcção das vogaes e as suas permutas na formação e derivação das palavras, chama-se *vocalismo*.

As alterações phoneticas são devidas mais á natureza das vogaes, cujas intimas relações physiologicas são manifestas na sua gradação e degradação,<sup>1</sup> do que — como ponderou Bopp — obedecem a uma escala de peso relativo.

15.— A **consoante** é um *ruido*, e não um *som*. Simples ruidos ou vibrações, não podem ser pronunciados senão com auxilio de uma vogal, e d'ahi lhes veio a denominação (*cum sonare*).

Uma corrente de ar passando por um tubo, fresta ou aresta, produz um som. Se o som é produzido por uma vibração regular e rhythmica, chama-se *som musical* ou simplesmente *som*; se a vibração é irregular, isto é, se as suas ondulações successivas são intervalladas e irregularmente, o

<sup>1</sup> Caso curioso de reforço vocalico, á maneira do *guna sansk.*, é a fórma dialectal da Beira — *ai aula*, *ai augua*, etc.

tympano recebe a impressão de um simples *ruido*, e não de um *som*.

Os órgãos de respiração, pela inspiração e expiração, podem produzir muitos *sons* e *ruidos*.

Os órgãos necessários para a produção da voz e pronúncia, são os pulmões—os bronquios, a trachéa, o larynge (que comprehende as cordas vocaes), as fossas nasaes e finalmente a boca (língua, lábios, dentes).

O ar expellido pelos pulmões, passa dos bronquios para a trachéa, e chega á glotte; não podendo romper facilmente por esta fenda, é impellido com força pelo sopro contra as cordas vocaes inferiores, que entram em vibração. O ar torna-se então *sonoro*.

16.—O *h* é simples signal etymologico:—*hóra, horto...* = lat. *hora, hortum; hydrogeneo* (gr. *hydros*), *Homero*; notação de diereze ou resolução vocalica—*sahi, ahi*.

Parece que esta letra era aspirada nos primeiros annos da formação da língua, a semelhança do latim.

Deixando de soar, deixou tambem de ser representada graphicamente (*omen, onrra, etc.*); mais tarde, porém, os latinistas introduziram de novo esse signal na escripta, e d'elle abusaram os escriptores dos seculos XIV e XV—*he, hir, hum, ho, he* (verbo e conjunção), *husofructo, hunsidias, hestromento, higualdaçom, etc.* É ainda hoje escrevemos *nenhum* por *nem um*.

Em muitos casos, porém, parece que seu fim era indicar o alongamento da vogal (*mheu, sabhia, etc.*)

17.—As consoantes são *simples*—*b, c, d, f*, etc.; ou *compostas*:—*ch, lh, nh, ph*, etc. Ao *lh* e *nh* dá-se o nome de *molhadas*.

18.—As combinações *bl, br, pl, gl, gr*, etc.—*accordadas*, em geral, á *euphonia latina*,—chamam os grammaticos—*grupos consonantaes*.

Á theoria explicativa da historia das funções e permutas das consoantes denomina-se *consonantismo*.

A geminação das letras só se dá no dominio das consoantes: 1º por transmissão etymologica ou uso tradicional—*cavallo* = *caballus*; 2º pelo reforço do *a* prosthetico regional:—*arrentar*; 3º por assimilação, nos compostos (directa ou indirectamente):—*arraigar, attrahir*.

Nos escriptos antigos empregavam a geminação vocalica para indicar a tonicidade ou transparencia etymologica (seculo XII-XVI): *avoo, poboo, diaboo, seem, Vaasco, Meem...*; *leer, seede, creede, aajes, soom, jáa, cruu, meesmo, meestre, door...* (Seculo XIII).<sup>1</sup>

A substituição d'esta graphia por vogal accentuada, data do seculo XV em Ruy de Pina, e desaparece com Damião de Góes. As mesmas tendencias se observam na geminação das consoantes (reforço, alongamento exterior, etc.) nos mesmos seculos—*onrras, ssa, rrios, mense, tall, capitollo, ffillos, ffalsos, fforom* (seculo XIII-XV)..., ao passo que, quando etymologica, raro se encontra nos primeiros documentos da lingua (*abate, vosa*—seculo XII, —*apelido, aly*—seculo XIII, — etc.)

A geminação *ll* representava na mesma época a molhada *lh* (*barallar, moller, concello...*), *nn* = *nh*.

A maioria d'estes factos representa o periodo syneretico da orthographia.

<sup>1</sup> Canc. Vat. Ined. d'Alc., L. Cons., etc.

19. O *W* tem duas pronúncias, conforme o vocabulo tira origem no inglez (*tramway, whist* = *u*), ou do allemão (*Westphalia, Wagner* = *v*). Ha excepções — *revolver, vagão* (=ing. *wagon*).

20. O *x* é consoante dupla, pois participa das labiaes e das sibilantes (cp. proximo, caixa, exemplo...)

21. **Syllabas, grupos syllabicos, vocabulo.**— As *syllabas* representam os sons elementares do vocabulo: são as articulações ou juncturas.

Podemos ainda definir a *syllaba* — todo e qualquer som produzido por uma unica emissão de voz. <sup>1</sup>

*Vocabulo* é forma expoente de uma idéa ou sentimento. <sup>2</sup> *Palavra* é um membro vivo do organismo da linguagem; a *molecula* integrante da phrase.

A formação das *syllabas* e dos grupos *syllabicos* depende principalmente da afinidade physiologica dos sons e sua correspondencia, <sup>3</sup> e de habitos *euphonicos* regionaes, subordinados quasi invariavelmente á lei ou ao principio de *menor acção*.

<sup>1</sup> E como a voz é a emissão dos sons vocaes, segue-se que não póde haver *syllaba* sem vogal.

<sup>2</sup> Por excusado não nos referimos á sua constituição em *monosyllabos, dissyllabos, etc.*

<sup>3</sup> Ayer — Gramm.

Assim, por exemplo, as combinações syllabicas, *cz*, *gn*, *pth* iniciaes, são transcripções de vocabulos não vernaculos, isto é, na sua formação desviaram-se das leis harmonicas do syllabismo portuguez. A verdadeira integridade ou unidade syllabica é quasi sempre consequencia do principio de menor esforço a que acima nos referimos.

Phonica e morphologicamente os vocabulos são — homonymos (homophonos ou homographos) e paronymos; semeiologicamente são mononymos, polynonymos, synonymos e antonymos.

22. NOTAÇÕES LEXICAS.— São signaes graphicos que servem para exprimir a natureza, predominancia, contracção ou supressão de vozes livres, e ainda para a representação abreviada das palavras.

São de tres especies — *phonicas*, *etymologicas* e *tachygraphicas*.

a) Á primeira especie pertencem os accentos *agudo*, *circumflexo*, a *dierese*, o *asterisco*, a *cedilha*, o *til* ou accento nasal, etc.

O accento agudo indica não sómente a tonicidade da syllaba, senão tambem uma contracção — *â* = *aa* = lat. *ad-illam*.

A *dierese* representa uma resolução vocalica, ou emprega-se em certas palavras para indicar que as duas vogaes não formam diphthongo (*ataüde*, *alaüde*).<sup>4</sup>

O *circumflexo* indica ensurdecimento vocalico (*sêde* = *siti*), e contracção (*têm* = *teem* = lat. *tenent*).

A *cedilha* é de origem hespanhola. O seu emprego data do seculo XIII, posto que nem sempre a empregassem os

<sup>4</sup> É este o meio graphico aconselhado por A. Garrett; geralmente, porém, emprega-se o accento agudo, e antigamente representavam-no por um *h* (*alahude*).

escriptores (*Guncaro*), que outras vezes d'ella se serviam pleonasticamente (*Gondiçalves*).

O *til* representa sempre uma nasal, e até as primeiras décadas do seculo XVI era empregado como notação abreviadora (*cõ* = com, *pẽdẽça* = *pendença* = *penitencia*). Ainda hoje escreve-se — *q̃* = *que*, etc. <sup>1</sup>

b) Os accentos *etymologicos* são o apostropho e a diastase.

O ultimo emprega-se em palavras formadas por juxtaposição; mas hoje o seu emprego é muito menos vulgar porque nos juxtapostos os elementos componentes vêm sempre claros e distinctos. Serve tambem, como signal formativo, para separar as syllabas da palavra.

c) Os accentos *tachygraphicos* são abreviaturas, usadas geralmente em fórmulas onomasticas, de titulos honorificos e pronominaes.

Exemplifiquemos :

|                            |          |
|----------------------------|----------|
| Seculo VIII — <i>Test.</i> | = testis |
| • XII — <i>conf.</i>       | confirmo |
| — <i>dña.</i>              | dona     |
| — <i>F.</i>                | firma    |
| XIV — <i>aq̃.</i>          | aqui     |
| — <i>daq̃.</i>             | d'aqui   |
| — <i>q̃sera.</i>           | quizera  |
| — <i>s.</i>                | saber    |
| XV — <i>d.º</i>            | Deus     |
| — <i>S.º</i>               | senhor   |
| — <i>V'</i>                | vós      |

<sup>1</sup> *H* = *til* (*maho* = mão, *cristaho* = christão. . .) F. da Guarda, Ined. Port. Nestes ultimos — doc. 409 — o *til* não é representado: *maao*, *sayoes*.

|            |                   |                   |
|------------|-------------------|-------------------|
| Suculo XVI | — <i>Bartoli.</i> | = Bartolomeu      |
|            | — <i>Frēs.</i>    | Fernandes         |
|            | — <i>Glē.</i>     | Gonçalves         |
|            | — <i>R.</i>       | Rêo               |
|            | — <i>V. A.</i>    | Vossa Alteza      |
| XVII       | — <i>F. (fr.)</i> | Frei              |
|            | — <i>V. E.</i>    | Vossa Excellencia |
|            | — <i>V. M.</i>    | Vossa Mercê       |
|            | — <i>V. P.</i>    | Vossa Paternidade |
|            | — <i>V. R.</i>    | Vossa Reverencia  |
|            | — <i>V. S.</i>    | Vossa Senhoria    |
|            | — <i>Chro.</i>    | Christo           |
|            | — <i>JHS.</i>     | Jesus             |
| XVIII      | — <i>uer.</i>     | mulher            |
|            | — <i>uto.</i>     | muito             |
|            | — <i>Rdo.</i>     | Reverendo         |
|            | — <i>Rmo.</i>     | Reverendissimo    |
|            | — <i>Sor.</i>     | Senhor            |
|            | — <i>Sna.</i>     | Senhora           |

Seculo XIX: *Att.º*, *B.º*, *Cr.º*, *Dig.º*, *ex.* (exemplo), *Snr.*,  
*P. S.* (post-scriptum), *p. e. f.* (por especial favor), *o. d. c.*  
(offerece, dedica e consagra), etc.

Todas essas notações são convencionaes, e muito mais  
crescido é o seu numero.

LIVRO I

---

PARTE I

LEXICOLOGIA

---

PHONOLOGIA

**Phonologia** é o estudo dos sons em geral.

*Phonetica* é a parte da *grammatica* que estuda as modificações, permutas e transformações dos sons.

A *phonetica portugueza*, pois, tem por fim o estudo historico de cada uma das letras, dos sons, que compõem o vocabulo do nosso alphabeto, das permutas que soffreram na passagem do latim para a nossa lingua, e ainda o das modificações por que passaram até a fixação das fôrmas vocabulárias.

Base dos estudos grammaticaes, philologicos e glottologicos, esteio da etymologia scientifica, é ainda a *phonetica* que nos ministra as fôrmas intermediarias hypotheticas, mas verificaveis, de

tão subida utilidade para os estudos comparativos.

Não obstante, as leis phoneticas não são absolutas e rigorosamente fataes; representam apenas tendencias desenvolvidas da linguagem.

---

## CAPITULO I

### Phonetica

A **phonetica** explica a historia de cada um dos sons que compõem o vocabulo.

É o principal esteio da etymologia, que—todavia—para ter cunho scientifico, não póde dispensar a *historia* e a *comparação*.

\*  
\*\*

As transformações phoneticas estão subordinadas a regras geraes, ás quaes o homem obedece instinctivamente por motivo da acção physiologica e psychologica. Assim, por exemplo, o enfraquecimento—mas lento e gradual—dos sons, constitue as duas leis de *menor acção* e de *transição*, communs a todas as linguas neo-latinas.

Cada uma d'ellas, porém, e bem assim os dialectos e subdialectos, têm suas leis particulares; e, como já advertimos, a pronuncia muda de época para época, de provincia para provincia, de cidade para cidade, e até de aldêa para aldêa (*reposta, estamago, anteado, ventagem, Cathelina, giolho...*)

Ha excepções, devidas:

a) *Á analogia*. — *Cuidar*, de *cogitare*, deu *cuidação*, e *cogitar* — *cogitação*; *dôr*, de *dolor*, deu *doroso*, e *dolor* — *doloroso*; do seculo XII ao XIV pronunciavam *scola*, *scondido*, *spadua*, *star*, *studo*, etc., hoje (e assim já praticavam os Romanos no seculo V para maior facilidade da pronuncia) *escola*, *espadua*, etc.

Não crêa, apenas desenvolve tendencia já existente.

De gestação popular, cae em erro muitas vezes, como acontece com a fôrma *impeço* (de impedir), vasada inconscientemente no molde do verbo *pedir* (peço); com as fôrmas femininas de *cometa*, *planeta*, etc... que só voltaram a pertencer ao genero masculino por influencia erudita, no seculo XVI. Camões ainda emprega *planeta*, no feminino.

b) *Influencia intermediaria*. — Às vezes adoptamos palavras latinas por intermedio de outra lingua, que assim escapam á acção das nossas leis phoneticas: — *cantata*, *maestro* (it.), *chaminé* (fr.) — lat. *camminata*.

c) *Influencia erudita*.—A formação erudita não se subordina ás leis phoneticas; e nas palavras introduzidas no portuguez nos seculos XV e XVI, as modificações que ellas apresentam escapam á analyse phonetica. *Segre seculo, segral* secular, *cossario* corsario...

É a esta influencia que se deve a modificação na pronuncia, do *x* (chiant) em *k*; a introdução do som distincto e actual do grupo *qu*, que no portuguez antigo soava *k* ou *c* duro:—*contia, calidade, casi...* por *quantia, qualidade, quasi...*; o restabelecimento do suffixo *ario*, transformado na linguagem popular em *airo* (por metathese):—*primario, rosario, vigario, ... primairo, rosairo...*

A metathese era muito mais frequente no portuguez antigo—*notairo, contrauro, breviairo...*

A essas excepções dá-se o nome de *interferencias*.

As tres leis geraes das modificações phoneticas são as que seguem:

1ª **PERSISTENCIA DO ACCENTO TONICO**.—A conservação da syllaba que mais feria o ouvido deu ás palavras physionomia propria, caracter particular, e muitas vezes o encurtamento d'ellas (na camada popular) pela quéda da desinencia:—*angelus* anjo, *angulus* anco (ant.)

2ª **PERDA DA VOGAL BREVE**:—*coalhar* = coag(u)lare, *mascar* = mast(i)care, *obrar* = op(e)rare...

Nas inscripções latinas do Imperio, nos auctores archaicos, etc., encontram-se innumerous exemplos da perda da vogal atona:—*periculum, populus, templum*, etc., por *periculum, populus, tempulum*, etc.

QUÉDA DA CONSOANTE MÉDIA:—*suar* = su(d)a-re, *vingar* = vin(d)(i)care, *crer* ant. *creer* = cre-(d)ere, *arêa* = are(n)a, etc.

## ORIGEM DAS LETRAS PORTUGUEZAS

### a) VOGAES

**A**— Em regra, representa: 1º, um A latino livre, atono, inicial, médio, ou final; tonico seguido de liquida; em posição (principalmente antes de *l, r, s*, ou nasal): *asno* (*asinus*), *saude* (*salutem*), *porta* (*porta*), *barba* (*barba*), *campo* (*campum*); 2º, um E latino: *ebano* (*ebenus*), *rainha* (*regina*; port. arch. *reinha*); 3º, um I originario em posição: *balança* (*bilancem*), *maravilha* (*mirabilia*); 4º, um O: *lagosta* (*locusta*), *dama* (*domina*); 5º, um U: *trancar* (*truncare*), ant. *esbalho* = *esbulho*.

**E**— Origina-se: 1º, de um E latino, livre, atono, inicial, médio ou final; em posição (principalmente depois de guttural), ou ainda de um E accentuado: *egreja* (*ecclesia*), *legume* (*legumem*), *regua* (*regula*); 2º, de um A atono ou tonico, livre ou em posição: *alegre* (*alacris*); 3º, de um I

longo ou breve: *cerçar* (circare), *receber* (recipere); 4º, de um o: *frente* (frontem); 5º, de æ e Æ: *feno* (fœnum), *cebolla* (cæpulla).

**I**—Deriva: 1º, de um i latino longo, atono ou tónico (principalmente na penultima syllaba): *liquido* (liquidus), *espinha* (espina); 2º, de um e longo, breve ou accentuado: *rim* (ren), *isca* (esca); 3º, de um æ: *cimento* (cæmentum).

**O**—Tira origem: 1º, em um o latino tónico ou atono, livre ou em posição: *amor* (amorem); 2º, em um u inicial ou médio, livre ou em posição: *onda* (unda), *governar* (gubernare); 3º, em um a em posição: *fome* (fames), *ceroto* (ceratum); 4º, no diphthongo latino au: *pobre* (pauper), *orelha* (auricula).

O ó aberto deriva-se de um o tónico ou de um u: *sórte* (sortem), *gróta* (gruta).

**U**—Representa: 1º, um u latino, longo ou breve, accentuado (na penultima syllaba): *agudo* (acutus); 2º, um u atono em posição: *rugir* (rugire); 3º, um o: *tudo* (totus), *testimunho* (testimonium).

Corresponde ás vezes ao *y* grego, e o mesmo acontece ao *o* (*bolsa βύσσα*, gruta *κρύπη*) mas por influencia latina.

**Y**—Corresponde ao *ypsilon* grego, ainda quando nas palavras importadas pelo latim: *analyse*, *lyra*, etc.

Deriva tambem de um i ou j latino, quando entre vogaes (Troia), ant. *mæyo*, *peyor*.

As permutas e transformações das vogaes podem reduzir-se aos dous factos de alongamento e abrandamento.

As suas modificações podem ser devidas á influencia de outras vogaes ou á das consoantes, á accentuação, e tambem, em composição, á assimilação, dissimilação e contracção.

### b) DIPHTHONGOS

Os nossos diphthongos provêm :

1º, de um diphthongo originario : autor (*autorem*), pouco (*paucum*), ouro (*aurum*).

A linguagem popular mais preferiu a fôrma *ou* a *au*, o que deu origem a fôrmas duplas : *causa* coisa (lat. *causa*), *pausar* pousar (lat. *pausare*)...

2º, da quêda de uma consoante : *vaidade* (*va-n-itate*), *meio* (*me-d-ius*), *freio* (*frenum*)...

3º, de um *l* latino em posição antes de *i* : *outro* (*alterum*)...

O diphthongo *ou* tinha outra fôrma *oi*, e ambas luctaram pela existencia : *coiro*, *oiro*, *oitro*, *noite*...

4º, da attracção ou transposição da vogal : *gipo* (*apium*), *feira* (*feria*), *primeiro* (*primario*), *dinheiro* (*denarius*)...

5º, do alongamento da vogal : *dou* (*do*), *estou* (*sto*), *noute*, *noite* (*noctem*), *muito*, arch. *munto* (*multum*).

*Ui* só é diphthongo nasal em *mui*, *muito*, que soam *muin*, *muínto*.

Não admitto vocalisação das consoantes, posto todos os philologos se esteiem nessa theoria. A quêda da consoante trouxe o inevitavel alongamento da vogal, que a principio era representada por um *nasal* ou pela reduplicação da vogal. Qualquer que seja o grupo *pt*, *ct*, *lt*, etc. (*preceito* — *preceptus*, *direito* — *directus*, etc.) deu-se sempre a quêda da 1ª consoante e o alongamento da vogal precedente. — Pacheco Junior (*Grammatica historica*). Cons. e *Phonologia portugueza* do mesmo auctor. Eis o que escrevemos sobre os

GRUPOS PT, CT, LT, ETC.

Posto sejam todos os glottologos accórdes em que existe gráo de assimilação das vogaes ás consoantes, e que estas se podem vocalisar, de todo discordamos d'elles, e acreditamos estar no certo. Qualquer que seja o grupo — *pt*, *ct*, *lt*, etc., (*direito*, *muito*, *sujeito*, *preceito*, *feito*, *leite*, *biscoito*... = *directus*, *multum*, *subjectus*, *preceptus*, *factus*, *lactem*, *biscoctus*...), deu-se sempre a quêda regular da 1ª consoante e alongamento tambem regular da vogal precedente.

Na linguagem popular, pois — os grupos latinos *act*, *ect* = *eit*, *oct*, *uct* = *oit*, *out*, etc.

Cp. as palavras *noite* (*noute*), *oito* (*outo*), *leite*... com o italiano *notte*, *otto*, *latte*, hespanhol *noche*, *ocho*, *leche*, francez *nuit*, *huit*, *lait*... chegámos á conclusão de que o grupo *ct* latino (*noctem*, *octo*, *lactem*...) transformou-se em port. em *it*, *ut*, hesp. *ch*, ital. *tt*, fr. *it*, porque o *c*

lativ  
d'esi  
pron  
guas  
dent  
vinh  
tauto  
da d  
mila  
aptu  
culo  
quen  
(c) á  
guag

de d  
desp  
foi e  
turar  
alto  
opini  
e do  
coine

(  
deriv  
chris  
tiano,  
bençã  
pendo

latino não soava na pronuncia no grupo *et* (e d'este empacho temos exemplo em *acto, factó, prompto...*); representando cada uma das línguas derivadas o alongamento da vogal precedente pelo modo graphico que melhor lhe convinha. Os antigos escreviam: *autivo, contrauto, tauto, auçom* (actionem); mas no latim popular da decadencia, a explosiva labial surda (*p*) assimilava-se á explosiva dental surda (*t*, — *atto* = *aptus, ottimo* = *optimus*, etc., e desde o IV seculo que se tornou geral no latim a já mui frequente assimilação da explosiva guttural surda (*c*) á explosiva dental do mesmo gráo (*t*) na linguagem do povo e nas provincias.

Este ponto e o de outros grupos, careciam de discussão, mas as nossas opiniões passaram despercebidas, e a obscuridade do nosso nome foi causa de nos verberarem a ousadia de aventurarmos as nossas theses *sem a referenda de um alto ministro responsavel*. Segundo me consta, as opiniões do excellento professor Fausto Barreto e do distincto philologo Dr. Alfredo Gomes hoje coincidem com as minhas.

---

Os diphthongos nasaes (*am, an, ão, ãe, ãe*) derivam-se das desinencias latinas *anus, onem*: *christãos* (lat. *christianus*, por archaismo *christiano*, ainda hoje conservado como nome proprio), *benção* (*benedictionem*)...

As modificações das vogaes em posição dependem maiormente, não de sua tonacidade ou

tonacidade, mas da natureza da primeira consoante que se lhe segue. Assim, por exemplo, se fôr *l*, a vogal diphthongá-se em *ou* (outro — alterum), ou simplifica-se (*scopro* — scalprum); se fôr guttural, esta cae, e a vogal diphthonga-se por alongamento (*feito* — factum, *direito* — directum). É o mesmo acontece ao *p* no grupo *pt*, etc.: — *preceito* — preceptus. <sup>1</sup>

As modificações das vogaes reduzem-se, pois, aos dous factos de alongamento e abrandamento; as suas permutas e sorte dependem, não sómente da sua natureza, quantidade e accentuação — a cujas regras latinas, o portuguez na sua formação foi sempre adstricto — senão também da natureza dos elementos (vogaes e consoantes) que as cercam. É já nos referimos a preponderancia de uns sons sobre outros, á sua mutua reacção.

É esta a causa de serem menos persistentes as vogaes livres que as em posição.

Em muitos casos as transformações indicadas pela phonetica nada mais são do que differenças graphicas, cumprindo advertir que os nossos primeiros escriptores mais se regulavam na orthographia pela pronunciação. Assim é, por exemplo, que, parece-nos, o diphthongo latino *au* soava *ou* (*oi*, *o*) quando se lhe seguiam consoantes; e a prova temos em que todos os povos romanos nas palayras populares aprendidas de outiva, representaram o diphthongo latino sonicamente por *ou* e *o* (*aurum*, ouro, *or*, *oro*, etc.) — Pacheco Júnior, *Phonetica portugueza*.

### c) CONSOANTES

Todas as consoantes portuguezas vieram do latim.

<sup>1</sup> Vide pag. 84, grupos *pt*, *ct*, etc.

inici  
2º, u  
3º, u  
(sape

T  
ábrego

entre  
rer,

latim  
medi  
ainda

do la  
(l. p:  
*cinca*  
4º, d  
seguir  
tione

O  
já no l  
Angus  
si (*eci*

N  
por t.

1º  
2º  
fr. nat

**B**—Em geral representa: 1º, um *b* originario inicial ou médio:—*bom* (bonus), *diabo* (diabolus); 2º, um *v*:—*be-riga* (vesica), *bainha* (vaginam); 3º, um *p*:—*lobo* (lupus), *cabello* (capillo), *saber* (sapere).

Temos um exemplo em que o *b* origina-se de um *f*—*ábrego*—*africus*; mas por intermedio de uma fór.ma em *v*.

A permuta de *b* em *v* ainda é muito commum entre Portuguezes—*covarde* *cobarde*, *varrer* *bar-rer*, *vascolear* *bascolear*, etc.

**C**—guttural ou forte (*K*), provém de *c* duro latino ou do seu equivalente *qu*—inicial ou médio:—*corpo* (corpus), *nunca* (nunquam); ou ainda de *cc* latino.

**C**—brando origina-se: 1º, de um *c* brando do latim da decadencia:—*céo* (cœlum), *cidade* (l. p: *ci-tatem*—*civ-i-tatem*) 2º, de um *q* (*qu*):—*cinco* (quinque);<sup>1</sup> 3º, de um *x*:—*tecer* (texere); 4º, de *ss*:—*ruço* (russus); 5º, da combinação *ti* seguida de vogal: *graça* (gratia), *nação* (nationem).

Os grupos *t-ia*, *t-ie*, *t-io*, *t-iu*, cumpre advertir, soavam já no latim *ci* e *ti*; nos antigos monumentos até o seculo de Augusto concorrem aquellas fórmas parallelas ás em *ci*, *ssi*, *si* (*eciam*, *altercasionem*).<sup>2</sup>

Nos seculos V, VI e VII, os Romanos pronunciavam *s* por *t*.

<sup>1</sup> Cp. francez *cing*, it. *cinque*, hesp. *cinco*.

<sup>2</sup> D'ahi o som brando em todas as linguas neo-latinas,—fr. *nation*; it. *nazione*; hesp. *nacion*, etc.

**CH**—Na opinião geral a pronuncia do *ch*=*x* foi devida á influencia franceza.

Em muitas inscripções latinas da Republica encontra-se *ch* por *c* antes de vogal ou diphthongo, orthographia que reviveu na época imperial (a par do *c*) e era mui frequente nos tempos de Augusto (*chenturiones*, *schenicos*): era uma transcripção do *x* grego, o *h* indicava apenas a aspiração, o *spiritum magis*, no dizer de Gellio. O *c* latino = *K* soava *s* ou *z* nos dialectos provinciaes e na lingua rustica desde o seculo V, e era representado por *x* (= *cs*) nas transcripções gregas do VI e VII seculo, antes de *e* e *i*. Desde a época classica romana rejeitou a aspiração, conservada, porém, em certas provincias do Imperio.

Remontemos mais alto.

O latim, bem como o grego, desconhecia uma alteração a que estavam sujeitas as gutturaes explosivas *k* e *g* do sanskritto, mas que foi geral nas linguas romanas: referimo-nos ao seu abrandamento nas palataes *ich*, *dj*, e nas chiantes *ch* (= *x*) e *ç* (Cp. sansk. *dic watch çru*, lat. *dico vocare eluere caitai* e grego *keitai*). Tambem em sanskritto o *t* primitivo abranda em *ch* depois de *k*. Cp. sansk. *rkêha takchan kchan*, grego *arcos tecktôn kteino*.

Attendendo a tudo quanto acabamos de dizer, e á confusão entre o *k* e o *g*, sensivel no grego e muito geral no latim, e entre o *g* e *j* no portuguez dos seculos XIII e XIV (*gouver, vega, sega, hoga. . .*), e em todos os dialectos romanos,

fac  
latin  
no p  
danc  
fez-s  
portu  
mos  
jeno  
port.  
tigo-

guttu  
os B  
tchâ,  
dand

pron  
empr  
tinha  
plexo  
ou ç-

T  
mento  
do á  
= ox  
forma  
chibo  
(djile  
etc..

l  
tambo

facilmente se comprehenderá como as fórmulas latinas *carruca*, *clamare*, etc., transformaram-se no portuguez em *charrua*, *chamar*, etc. A mudança do *pl*, *cl*, em *ch* na linguagem popular fez-se sem salto, por intermedio de uma fórmula portugueza em *j* (= *dj*), de que ainda conservamos amostras em alguns dialectos hespanhóes — *jeno* = lat. *plenus*, port. *cheio*; *jano* = lat. *planus*, port. *chão*, etc., e nas fórmulas do portuguez antigo — *gamar*, *jamar* (seculo XIV), etc.

Mais tarde, o portuguez, rejeitando os sons gutturaes e aspirados, abrandou o *g* e *j* em *tch* (e os Beirões ainda teimam em pronunciar *tchapeo*, *tchá*, etc.) até que depois suavizou a pronuncia dando ao *ch* o som de *x*.

Uma prova de que no portuguez antigo a pronuncia do *ch* era diversa da do *x*, está no empregarem esta letra simplesmente quando tinha o som originario (*cs*), como em *nexo*, *perplexo*, e precederem-na de um *i* quando soava *z* ou *ç* — *eixecutor*, *eixeção* (seculo XIV e XV).

Tambem não acreditamos fosse o abrandamento do *ch* guttural na palatal ou chiente devido á imitação do arabe (inshallah, schaqueca... = *oxalá*, *xaqueca*... posto fosse usual a transformação do *djim* arabe inicial em *ch*: — *chibo* (djoubb), *algibe* (ar. — djoubb), *charel*, girel (djilel)... e tambem a do *kh* — *choça* = *khoçc*, etc...

É nosso parecer, tanto mais que no euskara tambem se encontra esse som (*tch*), que o nosso

*ch*, a principio aspirado (= *ch* celtico, *kh* iberico) representa tradição ibera ou celtica, ou é amostra da evolução inconsciente do som, por motivo, talvez, de influencia climaterica.

No provençal e limosino, *ch* soava *ts*, *tz*, *ss* = *x*; no catalão — *tx*, *tsch*, *x*; no basco o *x* tem som chiante, e o *j* aspirado hespanhol é muitas vezes substituido por *ch* palatal; no medio alto allemão o *dj*, *dg* é representado por *sch*, posto tivessem tambem a fôrma *tsch*. — (Pacheco Junior, *Phonolog. port.*)

**D**— Deriva: 1º, de um *n* primitivo (inicial ou médio): — *dedo* (digitus), *surdo* (surdum); 2º, de um *r* médio, abrandamento este muito frequente nos vocabulos de origem popular: — *todo*, *tudo* (totus), *vida* (vita).

A permuta do *l* em *d* constitue anomalia phonica: *escada* = lat. *scala*, *deixar* = leixar = lat. *laxare*.

É mui frequente a sua intercalação — *rebelde*, *humilde*, arch. *egualdar*... *rebellis*, *humilis*, etc.

**F**— Esta consoante representa: 1º, um *r* ou *PH*, originario: — *frasco* (flasca), *cofre* (côphinus); 2º, um *v*: — *visgar* (viscare); 3º, o *khe* arabe (= *j* aspirado): — *alforjes* (alkhordj).

A transformação do *f* em *v* e vice-versa, foi mui frequente na provincia hispanica depois do dominio arabe.

**G**— Provém: 1º, de um *g* forte ou brando primitivo (principalmente inicial): — *gosto* (gus-

tus)  
(paca  
(aqui  
4º, de  
mani  
de un  
(  
primi  
— mu  
cere)  
prigo

I  
(herb  
(= fa  
grega

N  
uma si

S  
jeiçõe

nas p  
duzid  
lius  
garej

1  
a influe  
lacuna  
2  
quaes

tus), *negro* (niger); 2º, de um c forte:—*pagar* (pacare), *lagrima* (lacrima); 3º, de um q: *aguia* (aquila), *agua* (aqua), *guitarra* (ar. guitarra); 4º, de um v:—*gastar* (vastare); 5º, de um w germanico:—*tregua* (triwa), *guante* (wantus); 2º 6º, de um gamma grego:—*glotte* (glottis).

O g brando origina-se:—1º, de um g brando primitivo:—*gemer* (gemere); 2º, de um c brando—muito frequente no seculo XVI: *aduger* (adducere); 3º, de um z:—*gengibre* (zinziber), ant. *prigon* (presionem).

**H**—Representa: 1º, um h latino: *herva* (herba); 2º, um f latino:—arch. *harto*, *ahinco* (= fartus; afinco, de afico); 3º, a aspiração grega.

Não é modificação phonica; mas, propriamente falando, uma simples notação graphica e etymologica.

Só se lhe conhece a aspiração nas interjeições *Ah! Oh!*

**J**—Deriva-se: 1º, de um g brando latino nas palavras antigas, e accrescentado nas introduzidas por influencia franceza; e de um j—*julius* (julho), *justiça*. . . 2º, de um z ou s:—*gargarejar* (gargarisare); arch. *cajom*, *cajão* (occa-

<sup>1</sup> Muito frequente no portuguez antigo, muito rareou com a influencia erudita até que de todo se perdeu. Ex: *foco*, *oraculo*, *lacuna*. . . fogo, orago, laguna.

<sup>2</sup> Lat. pop. *wantos*. Lê-se nas actas Sanct. — *chiroteas quaes vulgo wantos vocant*.

sionem); 3º, de um *h* (i):—*Jacinto* (Hiacinthus); 4º, de um *s*, seguido de *i*: *beijo* (basium), *cerveja* (cerevisia); 5º, de um *n*, seguido de *i*:—*jornal* (diurnalis), *hoje* (hodie); 6º, do *dijim* arabe:—*jarra* (dijarra, dijarres); *julepe* (dijulab).

Representa o abrandamento do *dj*, cujo som ainda persiste em alguns angulos de Portugal e em S. Paulo (no linguajar caipira): *djá*, *djogo*, *dgente*, e ainda no galleziano, provençal e italiano.

A permuta do *d* pelo *g* brando ou *j*, já era usual no latim do seculo IX; e o *dj* representa um verdadeiro som românico.

«O *j* em latim soava como o nosso *i* em *maior* ou *imo*; depois da época classica começou a pronunciar-se *z* no latim popular. Representava o enfraquecimento do *dj* e *dg*, e, segundo o testemunho de Izidoro, Servio e Pompeu, o *d* seguido de *i* e outra vogal tinha o som sibilante brando na linguagem popular (*zaconus*, *zabolus*, *zes*. . . = *diaconus*, *diabolus*, *dies*), pronuncia que se estendeu a todas as classes do V ao VII seculo e deu-nos as fórmas *jornal* = diurnale, *hoje* = hodie, etc. O mesmo succedia aos arabes, que confundiam ás vezes o *djim* com o *z* (*zorro*, *zirgelim*, *zalona*, etc).

Tambem no provençal o *g* antes de *e* e *i*, e o *j* antes de qualquer vogal soavam *g* palatal italiano (*dgi*); na lingua limosina e no dialecto de Auvergne *g* = *dz*.

Algumas fórmas secundarias, mesmo no latim da baixa latinidade, provam á evidencia estas

transf  
se pr  
prove

«  
segun  
tes ai  
forma  
— em  
arabic  
hespa  
o emp  
los de  
que n  
= lat.

M  
impor  
duzia

«  
som  
acom  
checo

R  
mente  
ma (c

L  
médio  
sol (s

1 A  
2 D

transformações de sons. Ao N. de Portugal ainda se pronuncia *djá*, *djogo*, *djamar*; em documentos provençaes encontra-se *g = tg, tj* (*viatge, asetjar*).

«O *djim* arabe era representado pelo *j*, que, segundo P. de Acala, tinham sons correspondentes ainda no principio do sec. XVI. O *chin* transformava-se em *x*, o *hã* e *khe*—identico ao jota—em *f*, <sup>1</sup> o *djim* em *jota*. E que a influencia arabica não se estendeu ao consonantismo do hespanhol, como affirma o Sr. A. Ferreira, prova-o o emprego mais frequente do *jota* nos vocabulos derivados do latim ou dos seus dialectos, do que nos de derivação arabica (*joven, hijo, mujer...* = lat. *juvenis, filius, mulier, etc.*).

Mais. A phonetica indo-européa possuia o importante grupo palatal *dj*, que o grego reproduzia pelo *zéta* (*Djaus—Zeus*).

«O nosso *j*, pois, parece-nos, representa um som secundario, transformação da palatal *dj*, accomodada aos meios phonicos do povo. (Pacheco Junior. *Phonologia port.* 1870).

**K**—Representa, ainda que inorthologicamente, o *chi* grego:—*Kisto* (chistos), *kilogramma* (*chilo e grammá*).

**L**—Provém: 1º, de um *L* originario—inicial, médio ou final:—*letra* (littera), *pello* (pillus), *sol* (sol); 2º, de um *R*:—*palavra* (parábola); <sup>2</sup>

<sup>1</sup> *Al-Klordj = alforjes.*

<sup>2</sup> Docs. secs. XIII e XIV—*parava, peravaa, parabola.*

3º, de um *n*: — arch. *lomear* (nominare), *alimal*,<sup>1</sup> *Bolonha* (Bononia), etc.

Em *julgar* (juzgar) do lat. *jud* (i) *care*, não foi — parece-nos — o *d* que se converteu em *l* port., mas sim este que se intercalou por motivo euphónico, depois da queda da dental. Verdade é que temos alguns outros exemplos d'esta permuta, ainda que raros — *nalga* por *nadega*, *Madril* por *Madrid*. Comparadas com as palavras de origem grega, essa permuta manifesta-se frequentemente; mas cumpre notar que ellas já nos vieram alteradas pelo latim, que lhes deu entrada no lexico (lagrima — lat. *lacrima* = *δάκρυον*. . .)

Em *lembrar* o *l* não representa um *m* latino, pois não deriva directamente de *memorare*, mas da forma intermediaria port. *nembrar*.

**M**—Tem por origem: 1º, um *m* typico inicial, médio ou final: — *morte* (mortem), homem (*hominem*); 2º, um *n*, principalmente final: — *bem* (*ben-e*), *bom* (*bon-us*); 3º, um *b* em *mormo* (*morbum*). Cp. *vagamundo* e *vagabundo*; 4º, representa, ainda que raro, um *c* final latino: — *nem* (*ne*), *sim* (*sic*).

Não somos hoje accórdes com os que acreditam na permuta do *c* lat. por um *m* port. Acreditamos que a nasal foi introduzida tão sómente para o alongamento vocalico, tanto mais que o *c* final não soava na pronuncia.

**N**—Origina-se: 1º, de um *n* inicial, médio ou final: — *nariz* (lat. barb. *nares*), *ruína* (*idem*), *joven* (*juven-is*), *hysson* (v. asiatico); 2º, de um *m* inicial ou médio: — *nespera* (*mespilum*), *contar*

<sup>1</sup> Estas e outras amostras ainda perduram na linguagem inculca de Portugal.

(com  
livel,

P  
(geral  
r, l o  
prar  
abarc

N  
do m

Q  
forte.

R  
ou fin  
(par);  
arch. c  
prii (e  
fórma  
cadla  
um n:

S  
(solus)  
latino

S  
ss ou  
ainda

T  
tempo

(com'ptare); 3º, de um *L*: *nível* (libella, port. ant. *livel*, olivel), *mortandade* (mortalitatem).

**P**—Tira origem: em um *P* inicial ou médio (geralmente protegido por uma outra consoante, *r*, *l* ou *p*):—*paē* (pater)...; 2º, em um *F*:—*soprar* (sufflare); 3º, em um *B*:—*alparca* (ant. abarca ou alabarca = árabe *albagat*).

Nos docs. antigos nota-se mais a permuta do *m* no grupo *mn* em *p*:—*calupnia*, *calumnia*.

**Q**—Provém de um *Q* originario ou de um *c* forte.

**R**—Origina-se: 1º, de um *r* inicial, médio ou final:—*rainha* (regina), *direito* (directus), *par* (par); 2º, de um *L*:—*obrigar* (*obligare*) port. arch. e ant.—*oblidar*, *obligar*, *lirio* (lilium), *cumprir* (complere), *pardo* (pallidus),... e *cigarra* pela forma intermediaria *cicala*, e não da forma *cicadla* pela permuta do *d* lat. em *r* port.; 3º, de um *N*: *sarar* (sanare).

**S**—Deriva-se: 1º, de um *s* originario:—*só* (solus), *casa* (lat. pop. casa); 2º, de um *c* brando latino:—*visinho* (vicinus), *amizade* (amicitatem).

**SS**—Esta consoante dupla origina-se de *ss* ou *x*:—*leissar* por *leixar* (seculo XIV), ou ainda de uma assimilação—*assás* (ad satis).

**T**—Origina-se de um *t* inicial ou médio: tempo (tempus), *estado* (status).

**V**—Vem: 1º, de *ūm v* originario, inicial ou médio: *verdade* (veritatem), *calvo* (calvus); 2º, de um *v*: *cavallo* (caballus), *haver* (habere), *amava* (amabat); 3º, de um *r*: — *ourives* (aurifex); 4º, de um *p*: *povo* (populus), *escova* (scopa).

—Estas ultimas, em geral, passaram pelas fôrmas intermediarias em *v*: — *poblo*, *poblança*, *poboaçom*, *poblador* (seculo XII e XIII). E nisto cumpre attentar.

A permuta do *b* em *v* é regular nas terminações *avel*, *ivel*, *uvel* = lat. *abilis*, *ibilis*, posto a corrente erudita nos apresenta algumas excepções — *debil*, *ignobil*, *terribil*, etc.

**X**—Origina-se: 1º, de um *s*, *sc*, *es* ou *ss* lat.: — *bexiga* (vesica), *enxugar* (escucare); 2º, da chiante arabe *sch* — *oxalá* (inshallah), *xaqueca* ou *enchaqueca* (schaqueca).

**Z**—Representa: 1º, *s* latino ou *c* brando: — *prazer* (placere), *juizo* (judicium), *fazer* (facere), *dez* (decem); 2º, um *qu*: — *cozer* (coquere), *cozinhar* (coquinare); 3º, a combinação latina *ti*: — *razão* (rationem), *dureza* (durtitia); 4º, as terminações latinas *ace*, *ice*, *oce* — que tambem eram as portuguezas — *feliz* (felice), *feroz* (feroce); 5º, um *x* final (*noz* — *nox*, *voz* — *vox*)...

Estes ultimos podem derivar do nom. lat.; mas geralmente todos os consideram moldados no accus. — *vocem*, etc. Não vemos razão para rejeitar-se neste caso o nom. (Vide — Pacheco Junior — *Phonologia*).

Tambem corresponde a *g* latino: *esparzir* (spargere)...

4 Porque já vimos, *ti* soava *ç*.

ch e  
pron  
Minh  
liano  
para  
cherr

(

tchap

E

laçõe

riva-s

CL, PL

cham

de a c

canter

C

do lat

—chi

A

fôrmas

outra

chapa

Já

prego d

4 ER

Evora, e

PACHECO

d) CH, LH, NH

**CH** — Os Romanos desconheciam o nosso *ch* com o som de *x*, e que os nossos maiores pronunciavam *tsche*, como ainda hoje os da Beira, Minho, S. Paulo, os Provençaes, Gallegos, Italianos, etc. É som romano, genuino, que passou para Inglaterra por influencia franceza (*Charles, cherry*).

Os Beirões dizem, e mui correctamente, *tchapéo, tchá*, etc.

É difficil precisar com acerto as varias relações etymológicas d'esta letra complexa. Deriva-se, porém, em geral: 1º, dos grupos latinos *CL, PL, FL*: — *chamar* (clamare), *chorar* (plorare), *chamma* (flamma); 1º 2º, do *c* forte latino (seguido de *a* ou *i*): — *charrua* (carruca), *marchante* (mercantem).

**CH** duro = κ, sem o som chiante, deriva-se do latim: — *christão, monarchia*; do *chi* grego: — *chiromancia*; do *chet* hebraico: — *cherubim*.

Algumas vezes a palavra latina dá-nos duas fórmas divergentes, uma que conserva o *c* duro, outra que o transforma em *ch* chiante: — *capa, chapa*.

Já era frequente nas inscrições da Republica o emprego do *ch* por *c* antes das vogaes e dos diphthongos; e esta

<sup>1</sup> Em docs. do seculo XII, como, por exemplo, no *Foral de Evora*, encontra-se *afiar* — achar, etc.

orthographia, que reviveu na época imperial, era a vulgar nos tempos de Augusto: *chenturiones, choronae*, etc.

Nos nossos docs. antigos encontram-se as fórmulas *charidade, charo*, etc., ao mesmo passo que — *gamar* ou *jamar* por *chamar* (clamare), e ainda *acado* por *achado* (doc. de 1418), etc.

O *ch* parece ser um abrandamento de *dj*.

**LH** — Esta consoante dupla provém: 1º, dos grupos latinos *BL, CL, PL, TL*: — *ralhar* (rab-u-lare), *orelha* (auric-u-la), *coalhar* (coag-u-lare), *escolho* (escop-u-lus); 2º, das combinações latinas *le, li*: — *palha* (palea), *batalha* (battualia).

Às vezes o *h* representa signal etymologico, e não se molha com o *l* — *gentilhomem*.

« A nossa consoante dupla *lh* só foi representada graphicamente depois do seculo XV. Nos primeiros monumentos da lingua não apparece o elemento consoantico para represental-a (*moyer, meor*); mais tarde, seculos XIV e XV, representaram-na — como no hespanhol e provençal antigo — por *ll* ou *l*, ainda quando se lhe não seguia o *i* palatal (*fillo, filo, muller, mellor, melor, migala, molo*, etc.)<sup>1</sup>

« O *l* latino tinha tres sons — lingual, dental e palatal; o ultimo soava quasi como a nossa molhada, e em *batalha, filho, lhe, lhano*, etc., ainda se percebe um som rapido do *l*.

<sup>1</sup> Em S. Paulo, e outros logares do Brasil, o povo não pronuncia a molhada (*teiado, moiado*, etc.), como tambem acontece ao Parisiense (*bataion, biyard*); valachio, provençal (*cavayer* por *cavalher*).

dos de  
latal o  
*dymn*  
ombria  
se apr  
pronu  
da per

« I  
das lin  
tico, c  
não e  
german

« C  
basta p  
porque  
indep  
basco  
peculia  
nos in  
vação i

**NI**  
XIII, e  
empreg

De  
(grunni  
minus).  
um e p  
4º, do g

<sup>1</sup> Delh

« Este *h* organico serve apenas, como se vê dos docs. do seculo XIV, para substituir o *i* palatal ou alongar a vogal (*sabha, cambhar, vindymnha...*); processo que tambem era usado no ombriano e no provençal. <sup>1</sup> Era um meio de que se aproveitaram para representar a verdadeira pronuncia das palavras, sem desviação da regra da persistencia da tonica latina.

« Em nosso parecer, esta molhada — exclusiva das linguas néo-latinas — não se deriva do celtico, como geralmente imaginam, tanto mais que não encontramos essa dupla letra nas linguas germanicas.

« O facto de terem os Bretões este som, não basta para decidirmos a favor da origem celtica, porque a mesma evolução podia ter-se operado independentemente em diferentes logares. O basco tambem possui este som, mas que não é peculiar a todos os seus dialectos, e todavia mais nos inclinariamos a acceitar a hypothese da derivação iberica.

**NH** — Aparece na lingua desde o seculo XIII, e a sua adopção foi consequencia logica do emprego do *lh*.

Deriva-se: 1º, de **NN** originario: — *grunhir* (*grunnire*); 2º, de um **N** simples: — *caminho* (*caminus*), *vinho* (*vinus*); 3º, de um **N** seguido de um **E** palatal: — *aranha* (*aranea*), *vinha* (*vinea*); 4º, do grupo **GN** lat: — *anho* (*agnus*), *desdenhar*

<sup>1</sup> Deh — dei, plah — plai.

(dedignari); 5º, de um MN ou N (no port. ant.): — *danho* = *damno*.

Em *anhelo*, *anhelar*, *anhelito*, e nos vocabulos formados de derivados latinos com o prefixo *in*, o *h* não se molha com o *n* (*inhábil*), etc. <sup>1</sup>

«O emprego do *nh* foi consequencia logica da adopção do *lh*.

«Mas qual a verdadeira origem d'este som, que se derivou de *nn* originarios, de um *n* simples, de um *n* seguido de *e* qu *i* palatal, dos grupos *gn* e *ng*?

«Julgamos, e com boa razão, pronunciavam os Romanos o *gn*, *ng*, com o som da nossa molhada, como succede aos Francezes e Italianos (*campagne*... *bisogna*), e não diziam como nós — dando som forte ao *g* — *sig-no*, *mag-no*, *reg-no*, mas *si-gno* (=sinho) *ma-gno* (manho), *re-gno* (=renho). Este modo de escrever, <sup>2</sup> o facto de ser esta nossa molhada representada tambem por um *gn* nos nossos antigos monumentos (*pegnorar*, *pegnor*, *cognocer*, *cognoçudo*, *segnor*...) <sup>3</sup> e o de serem as palavras em que os elementos *g-n* soam separados, todas de creação artificial, de origem erudita (*ig-neo*, *inexpug-navel*, *estag-*

<sup>1</sup> *Cognoscere* (conhecer = *cognoscer*, seculo XIII), *ignoro* (l. pop. *inhoro*), *agnus* (*anho*), etc. E os antigos diziam *conhoto* por *cognato*, etc.

<sup>2</sup> Docs. dos seculos XII e XIV. Camões rima *estranho* com *magno*, o que prova lia *manho*.

<sup>3</sup> Port. *nh*; fr., it., *gn*; hesp. *ñ*; ibero e celtico, *gn*; lat. *gn* (nasil.), it. *ni*.

nado  
these,  
o som  
ibero.

O  
formou  
quando  
nos em

Cp  
magno

2.  
formaç  
dous fa

Os

pela in  
A

precedi  
3.-

fortes o  
que esta

1ª

consoan  
isto é,  
v, mesm

2ª

letras (l  
para o a  
é labial

4 Pach

nado . . .) bastariam para verificar a nossa hypothesis, mas cumpre observar que o grupo *gn* com o som do nosso *nh*, era commum ao celticô e ibero.<sup>1</sup>

O *n* latino seguido de *e* ou *i* palatal transformou-se em *nh* pela mesma razão que demos quando tratámos da transformação do *le*, *li* latinos em *lh* portuguez.

Cp. *agnus* — *agneau*, *anho*; *tamanho* = tão magno.

2. — As permutas das vogaes e suas transformações, como já vimos, pôdem reduzir-se aos dous factos de alongamento e abrandamento.

Os sons vocalicos tambem se transformam pela influencia das consoantes.

A fusão de duas vogaes differentes é sempre precedida pela assimilação.

3. — Do facto de poderem as consoantes ser fortes ou brandas, resultaram as leis seguintes a que estão ellas sujeitas nas permutas:

1<sup>a</sup> As permutas dão-se geralmente entre consoantes da mesma ordem ou homorganicas, isto é, um *b* latino pôde dar um *b* portuguez, um *v*, mesmo um *p* ou *f*, mas nunca um *g* ou *s*.

2<sup>a</sup> Deve-se attender, e muito, á classe das letras (forte ou branda). A tendencia é sempre para o abrandamento; e por isso o *p* latino, que é labial forte, muda-se frequentemente em *b* ou

<sup>1</sup> Pacheco Junior. — *Gramm. hist.; Phonologia port.*

v no portuguez, ao passo que *b* e *v* latinos raro permutam em *p*. ou *f*.

3ª Póde dar-se a permuta de uma branda pela forte homorganica; estas transformações, porém, são rarissimas e só se fazem gradualmente.

4.—A importancia d'estas transformações phonicas resalta do que dissemos acima.

Adoptando o vocabulario do latim *popular*, as linguas néo-latinas conservaram-se adstrictas a leis instinctivas, factas (mesologicas e ethnographicas), e ao proprio genio do falar nativo; mas tambem sempre subordinadas a outra lei incoercivel — a do menor esforço.

D'ahi, a quèda dos sons, no principio, no meio, no fim das palavras; a intercalação de sons euphonicos; a permuta dos sons homorganicos; a preponderancia ou reacção dos varios sons entre si, d'onde a assimilação e a dissimilação, as metatheses, etc. D'ahi ainda o atrophiamiento das fórmulas populares, ao passo que as de creação erudita encostam-se ao typo latino ou grego, differindo ás vezes tão sómente nas desinencias. É facil, pois, assentar a camada a que pertence o vocabulo.

Ás vezes acontece que o vocabulo popular, antes de se fixar, passou por uma ou mais fórmulas intermediarias. Assim, por exemplo: — *povo*, *papel* e *lembrar* não nos vieram directamente de *populus*, *papyrus* e *memorare*, mas pelas fórmulas intermediarias *poblo* e *poboo*, *papillo*, *membrar*, etc. *Natura non facit saltus*.

5.—A analyse phonetica do vocabulo póde, pois, facilmente fazer-nos remontar á sua origem, á sua fórmula completa, descobrir-lhe as intermediarias, conhecer pela estrutura a época do seu imperio, etc., e achar a explicação de todas as

transfo  
elemen

6.  
que se  
*metips*  
netica  
cando-  
*metips*  
lação  
latim;  
transfo  
gueza  
em *me*  
(seculo

7.  
logia,  
para se  
É  
culares  
á luz d

1.  
acciden

1 Do  
Este  
(cap. IV).

transformações phoneticas porque passaram os elementos constituídos do typo originario.

6.—Tomemos para exemplo a palavra *mesmo*, que se deriva do latim *metipsimus*, contracção de *metipsissimus* = *impsimusmet*. Só a analyse phonetica nos explica esta transformação: 1º, indicando-nos a fórma latina regularmente contracta *metips'mus* (quêda da vogal breve); 2º, a assimilação das consoantes *ps* em *s*, já mui frequente no latim; 3º, o abrandamento do *r*. De todas essas transformações resultou a fórma archaica portugueza *medessmo*, que se contrahiou regularmente em *medês* e *meesmo* (seculo XV), d'onde *mesmo* (seculo XVI).

7.—Mas se a phonetica é a base da etymologia, não é comtudo a unica condição necessaria para se dar no ponto da verdade.

É força applicar essas transformações particulares ás leis geraes; cumpre que as estudemos á luz da *historia* e da *comparação*.

---

## CAPITULO II

### METAPLASMOS <sup>1</sup>

1.—Dá-se este nome a certas modificações accidentaes do systema phonetico, de maior im-

<sup>1</sup> Do grego *metaplásmos*, do v. *metaplássō*, transformar. Este cap. é extrahido da *phonologia* de Pacheco Junior (cap. IV).

portancia — talvez — que as regulares, e devidas á combinação dos elementos phonicos da palavra, ou ás varias influencias do meio.

2. — Estas alterações são em numero de seis, a saber: *substituição, addição, subtracção, fusão, abrandamento, reforço.*

#### 1º SUBSTITUIÇÃO

3. — É uma simples permuta de letras, devida ás tendencias ou ás necessidades phoneticas de um povo.

Esta modificação depende da relação ou afinidade, mais ou menos estreita, entre as letras na sua formação physiologica, correspondente aos órgãos vocaes que as pronunciam.

Dá-se a substituição por — *transformação, dissimilação, assimilação e transposição.*

a) **Transformação.** — Temos por escusado accrescentar mais nada ao que já dissemos sobre as leis das permutas das vogaes e equivalencias das consoantes.

Notemos todavia :

1º A permuta do **v** em **b** e vice-versa, tão frequente em todas as linguas romanas, e já vulgar na linguagem popular de Roma desde o II seculo da era christã, parece ser devida a ter o **v**, — principalmente no dialecto latino de Africa, — o som do grupo **dv** (*bellum* soava *dvellum*, etc.).

2º O **c** já tinha o som da sibilante branda antes de **e** e **i**; no latim vulgar da decadencia; o **c** antes d'essas vogaes —

e na m  
formaç  
II secu  
grupos  
o V sec  
explica

3º  
lantes  
um val

b)  
sons s  
selha).

e)  
de do  
outro :  
(ipse)

Pé

Te  
uma as

A  
de tra  
cópia,  
ab, ad  
que no  
de orig  
consoan  
(p. f. a

d)  
da letr  
modos :

e na mesma época — soava como a chiante palatal *j*; a transformação do *d* quando seguido de *ia, ie, io, iu*, remonta ao II século; o valor phonetico da dental branda *t* antes d'esses grupos vocalicos já era o da guttural branda *c* (*ti=ci*) desde o V século p. c.; a permuta do *d* latino em *z* portuguez acha explicação no antigo som dental (= *ds*).

3º A transformação de certos sons explosivos em sibilantes palataes nas linguas néo-latinas, indicam apenas mais um valor phonetico da linguagem popular de Roma.

b) **Dissimilação.**— Dá-se quando os dous sons se repellem ou reagem: — *Marselha* (*Masselha*).

c) **Assimilação.**— É a attracção phonetica de dous sons; a preponderancia de um sobre o outro: — *falar* (*fab-u-lari*), *pessoa* (*persona*), *esse* (*ipse*).

Póde ser completa ou incompleta.

Toda consoante dobrada é consequencia de uma assimilação.

A *assimilação* perfeita faz suppôr uma época de transição, e encontra exemplos, em grande cópia, nos vocabulos formados com os prefixos *ab, ad, in*, etc. (*applicar, illegivel...*) É claro que nos referimos ao latim, porque nas palavras de origem arabica só se dá assimilação com as consoantes *ç, z, s, r*: — *assucar, arrabil, açude* (p. f. *assude*).

d) **Transposição.**— Esta mudança de logar da letra ou syllaba, dá-se de tres differentes modos: por *metathese, hyperthese, anastrophe*.

1º Por *metathese* <sup>1</sup> quando a transposição é na mesma syllaba: *pobre* (pauper), *paül* (palus).

As liquidas são as consoantes mais sujeitas a esta transposição.

Nos escriptos antigos (seculos XII a XVI) são em numero mais crescido as fórmãs metathesicas: — *osmar*, sommar; *sturmento*, *fremoso*, *frol*, etc., muitas das quaes ainda existem na linguagem do povo (*preguntar*, *presistir*, *cravão*, etc.

2º Por *hyperthese*, quando a mudança se effectua entre letras de syllabas diversas: — *beijo* (basium), *aceiro* (lat. barb. acerium).

Nos escriptos dos auctores antigos, principalmente dos seculos XV e XVI, encontram-se muitos exemplos hyperthesicos, alguns dos quaes ainda são conservados na linguagem plebéa: — *prove* (pobre), *fadairo*, *contrayro*, etc.

3º Chama-se *anastrophe* <sup>2</sup> á inversão quasi que total das letras da palavra typica: *chinela* (lat. barb. planelli), *ladainha* (lat. litania). <sup>3</sup>

Dá-se tambem o nome de *anastrophe* á inversão das palavras: *eil-o alli*, *eis alli elle*; e á erronea deslocação do accento tonico — *pégada*, *bigámo*.

## 2º ADIÇÃO

4º As letras accrescentadas ás palavras primitivas podem ser *prothesicas*, *epenthesicas* e *epithesicas*, isto é, iniciaes, médias e finaes.

<sup>1</sup> Gr. *metathesis*, transposição. Tambem se póde dar a de uma syllaba.

<sup>2</sup> Gr. *anastrophe*, reviramento, volta.

<sup>3</sup> Temos tambem *litania*, ant. *lidania*.

a) **Prothese** (gr. *prothesis*, apposição). — É, em geral, consequencia da lei euphonica, e d'este augmento temos muitas amostras no portuguez: *aconselhar, acredor, escrever*, etc. <sup>1</sup>

No latim da decadencia, nas inscrições africanas e nas christãs de Roma, etc., são innumerous os exemplos da prothese do *e* ou *i*.

De uso mais frequente nos escriptores antigos — maiormente a do *λ* — ainda é ella muito vulgar na linguagem do povo: *amostrar, alanterna, avoar, aparar* (p. parar), etc...

O portuguez, bem como o hespanhol, rejeitou o *s* impuro. Todavia nos documentos anteriores ao seculo XV são muitas as fórmamominaes e verbaes escriptas sem o *E* prothesico: *scala, scondudo*, etc., e ainda posteriormente. Os vocabulos que em portuguez começam por um *s* impuro, são de origem erudita (*sphenoide, sternon*, etc.), aos quaes já vão todavia vencendo na lucta as fórmas com *e* prothesico. <sup>2</sup>

b) **Epenthese** (gr. *epenthesis*, inserção). — Tem por fim tornar mais euphonica a palavra, facilitar a sua pronunciação, ou reforçar-lhe o som: *humilde* (*humilis*), *hombro* (*humerus*), *estrella* (*stella*).

No portuguez antigo a epenthese tambem era muito mais vulgar que no moderno: *hondrar, meána, incluir, pramar*, etc.

São epenthesicas as vogaes *a, e, i*, e as consoantes *b, p, v, d, h, l, r, n, s*.

<sup>1</sup> Cumpre tambem notar e prothese regional.

<sup>2</sup> Addição ou reduplicação.

São exemplos d'esta intercalação euphonica, as fórmãs — *amaram-no, disseram-nos*, etc.<sup>1</sup>

c) **Epithese** (gr. *epithesis*). — Essa modificação é raríssima em portuguez. A addição de terminações para formar derivados não constitue propriamente epithese ou augmento paragogico (*entom, entonces, entonce, martyre*).

As fórmãs *esterile, felice, produze*, etc. — anteriores a João de Barros — não são exemplos epithesicos, mas tão sómente fórmãs mais encostadas aos typos latinos.

### 3º SUBTRACÇÃO

5. — O abrandamento é muitas vezes a causa d'este phenomeno phonetico, que se pôde effectuar de tres modos differentes — por *apherese, syncope e apocope*.

a) **Apherese** (gr. *aphairesis*, subtracção) é a subtracção da vogal ou syllaba inicial: *botica* (apotheca), *diamante* (adamantem), *bispo* (episcopus), *onça* (lonza).

Esta modificação é tambem instinctiva, e sempre motivada pela lei do menor esforço.

É muito frequente nos nomes proprios — *Zé, Lota, Chico, Tonico, Nicó*, etc., que muitas vezes mais tarde soffrem a duplicação — *Zezé, Lolota*, etc.

<sup>1</sup> Dá-se tambem o nome de *diastole* (gr. *diastole*, de *dias-tello* — dilatar) ao alongamento particular da vogal ou syllaba breve pela addição de uma consoante.

ly  
koptó,  
da vog  
diatam  
(dicare  
A  
padas,  
l, d, p,  
(crude

Est  
de Rom  
devidas,  
palavras

A s  
ou suav  
muito a  
quaresm  
XIV, he  
(= incre

c)  
koptó,  
labas f

Es  
importa  
encia n  
temas p

1—  
mente m,  
tuguez ;  
atonas d  
médias la

b) **Syncope** (gr. *sygkope*, córte, de *syn*, com; *koptó*, córto). — É o desaparecimento, a quêda, da vogal ou syllaba breve, quando precede immediatamente a tónica: *asno* (asinus), *prégar* (pre-dicare).

As consoantes podem tambem ser synco-padas, e d'ellas mais frequentemente — *b, g, v, n, l, d, p, r, s*: *frio* (frigido), *eu* (ego), *rio* (rivus), *cruel* (crudel), *rosto* (rostrum).

Estas alterações phoneticas, já vulgares na linguagem de Roma (*frigido* por *frigido*, *mesa* por *mensa*, etc.), são devidas, em regra, á tendencia popular para abreviar as palavras.

A suppressão de syllabas médias, para maior rapidez ou suavidade na pronuncia, deu-nos ás vezes vocabulos muito apartados dos typos primitivos: *funil* (fundibulum), *quaresma* (quadagesima), *mister* (ministerio), *doma* (seculo XIV, hebdomada), *anco* (= angulo, em J. de Barros), *encreó* (= incredulo), etc.

c) **Apocope** (gr. *apokope*; *apo*, fôra de; *koptó*, córto). — É a suppressão de letras ou syllabas finaes: *mui*, *gran*.

Esta alteração phonetica, por ventura a mais importante, é consequencia do clima, cuja influencia não podia deixar de ser immensa nos systemas phoneticos dos diversos povos.

1 — Das consoantes finaes latinas, que eram essencialmente *m, r, s, t*, só as duas primeiras persistiram no portuguez; as outras (*l, z...*) originaram-se da quêda das vogaes atonas da ultima syllaba, que tornaram finaes consoantes médias latinas.

2 — Em latim, já o *m* final das flexões nominaes e verbaes da 1.<sup>a</sup> pess. sing. do Ind. e do opt. activo, bem como o *m*, *s*, *t* e *d*, caíam geralmente, do tempo dos Gracchos ao de Augusto, e no latim popular da decadencia: *filio* por *filius*, *ello* por *illud*, *es* por *est*, etc.

#### 4.<sup>o</sup> FUSÃO

6. — Esta modificação phonetica póde dar-se não só entre as letras, senão também entre syllabas.

Póde ser *completa* ou *incompleta*, *perfeita* ou *imperfeita*.

7. — É *completa* quando ha contracção do vocabulo, isto é, quando se omittem letras ou syllabas médias: *semana* (sept-i-mana); *incompleta* (por *synizese*), quando pronunciamos duas vozes simples e livres como se ellas formassem grupo vocalico ou diphthongo: *Deus*.

8. — A fusão é perfeita: 1.<sup>o</sup>, por **synalepha**, quer supprimindo a vogal final antes da vogal inicial da palavra seguinte (*est'outro*, *minh'alma*), quer omittindo a inicial d'esta ultima; 2.<sup>o</sup>, por **synerese**,<sup>1</sup> que consiste em formar de duas vogaes uma unica longa (*pôr* = *poer* = lat. *ponere*), ou reunir, diphthongando-as, duas syllabas sem que soffram alteração: *or-phe-u*, *or-pheo*; 3.<sup>o</sup>, pela **crase**,<sup>2</sup> quando se contrahe em uma syllaba longa a final de uma palavra e a inicial da seguinte (*áquelle*), etc.

<sup>1</sup> Gr. *synairesis*, contracção.

<sup>2</sup> Gr. *krasis*, mistura.

9. —  
tulos de  
=vita .

Cump  
tica em re  
vezes a q  
quencia n  
das vogae

10. —  
a prolaç  
dar-se p

1. —  
grego pr  
mina a el

<sup>4</sup> Para  
— Est. da l  
pitulo, bem

5º ABRANDAMENTO

9.—Já no correr d'estes dous ultimos capitulos deixámos indicados muitos exemplos (*vida* = *vita* . . .)

Cumpre notar : 1º, é esta a primeira modificação phonetica em relação á quantidade ; 2º, que a ella deve-se muitas vezes a quêda das letras ; 3º, que o abrandamento é consequencia natural da influencia climaterica, principalmente o das vogaes finaes.

6º REFORÇO

10.—Sob esta denominação comprehende-se a prolação ou alongamento dos sons, que pôde dar-se por *epenthese*, *prothese* e *paragoge*.<sup>4</sup>

---

CAPITULO III

ACCENTO E QUANTIDADE

1.—**Accento** (lat. *accentus*, *ab-accinendo* = grego *prosodia*) é a influencia ou regra que determina a elevação ou ensurdecimento da syllaba.

<sup>4</sup> Para maior desenvolvimento do ponto V. — Pacheco Junior — *Est. da ling. vern.* — metaplasmos, d'onde extrahimos este capitulo, bem como os seguintes III e IV.

É a alma da palavra, como o definiu Diomedes; a viva emoção do sentimento que acompanha o discurso, o mediador entre o pensamento e a fórma — na phrase de Humboldt.

2.—Ha quatro especies de accentos: *tonico*, *grammatical* ou *logico*, *oratorio* ou *phraseologico*, e *provinciano* ou *local*.

O accento tonico (gr. *tonos*) é a elevação da voz na pronuncia de uma syllaba para tornal-a mais saliente.

É uma força conservadora, diz o professor Diez, que resiste em todo o dominio da linguagem á corrente da degeneração phonetica, e por isso é a *alma*, o *centro de gravidade* da palavra.

Como em geral nos idiomas congeneres, o estudo do accento tonico é de summa importancia no portuguez, pois que na formação da lingua foi grande a sua influencia, a qual se manifesta:

1º—Na persistencia do accento, principalmente no vocabulario de fundo popular:

|                  |                                    |
|------------------|------------------------------------|
| <i>ángelus</i>   | anjo (arch. <i>angeo</i> )— Angelo |
| <i>clavicula</i> | cavilha, cravelha, — clavicula     |
| <i>parabola</i>  | palavra, — parabola                |
| <i>viaticum</i>  | viagem, — viatico                  |
| <i>acuc'la</i>   | agulha.                            |

A deslocação do accento tonico dá-se sempre por circumstancias apreciaveis, taes como — influencia erudita (ainda que em muito menor proporção que em francez), o imparisyllabismo la-

tino, a composição, a enclise, as derivações dialectaes :

|                 |                |
|-----------------|----------------|
| <i>pólypus</i>  | polypo (polvo) |
| <i>plátea</i>   | platéa (praça) |
| <i>cáthedra</i> | cadeira        |
| <i>rènego</i>   | renego         |
| <i>éxplico</i>  | explico        |
| <i>pústula</i>  | bostélla       |
| <i>cómpater</i> | compadre       |
| <i>Hignes</i>   | Ignez          |
| <i>Didocus</i>  | Diogo          |
| <i>timor</i>    | temor          |
| etc.            | etc.           |

O accento latino estava subordinado á quantidade: d'ahi a influencia da penultima longa, sobre a qual elle recaia (*cantórem, amáre... rígidas, porticus...*)

Em muitissimos casos a deslocação do accento remonta ao latim vulgar (*fícatum* — figado, *currere, scribere, gemere, constrúere, rúmpere, facere, convertere, regere, etc.* = *correr, escrever, gemer, construir, etc.*)

Estes verbos proparoxytonos em *ere* tinham uma fórma concurrente oxytona em *ire* — *curriri, scribíre, etc.*, d'onde se derivaram as fórmas verbaes portuguezas, accentuadas na ultima pela quéda regular da vogal final.

2º — Na derivação. Os suffixos originarios atonos tornam-se tonicos em vocabulos de nova formação :

*crystal-ino* = lat. *crystalum* + *inus*  
*primaz-ia* = *primarium*

3° — Na analogia — *imbécil, dúctil, textil.*

A analogia deslocou o accento em crecido numero de fôrmas verbaes. Convém, porém, lembrar que a par das fôrmas latinas proparoxytonas havia as paroxytonas: — *fazer, facere, facère.*

4° — Na obliteração dos casos, ou melhor no consequente desaparecimento das syllabas atonas:

|              |                  |
|--------------|------------------|
| <i>lição</i> | <i>lectionem</i> |
| <i>lei</i>   | <i>legem</i>     |
| <i>face</i>  | <i>facem</i>     |

E as syllabas finaes eram sempre atonas.

5° — Na homonymia. Muitas vezes o accento distingue as fôrmas homonymicas, que deixam consequentemente de ser homophonas: *ultimo, último; vinculo, vínculo.*

6° — Na poesia. A obliteração e assonancia só produzem verdadeirós effeitos metricos, quando as letras ou syllabas são accentuadas (*tants ternes tanto mundo*—S. Res. Misc.—; *as que foram terra acima tiveram melhor atina...; deram á rainha o filho e á escrava deram a filha; mal se levanta a rainha, vae-se ter com a cativa...—Th. Br. Anth.*); e o mesmo se dá com a rima, que

consiste exclusivamente na homophonia de syllabas tonicas. <sup>1</sup>

3. — Em regra, no portuguez, o accentu cae: 1º, na ultima, se a palavra termina por vogal livre nasal, diphthongo ou consoante: *oração, irmã, bacalhão*, etc.; <sup>2</sup> ou nas vogaes *i* e *u*: *frenesi, bahu*; <sup>3</sup> 2º, na penultima syllaba, se a palavra termina em vogal pura: *rosa, peito*. . . ou nos diphthongos *ea, eo, ia, ie, io, ua, uo*, — *niveo, série, mágua*; <sup>3º</sup>, na ante-penultima, quando no latim era essa a syllaba accentuada: *magnifico, carnivoro, artificio*, <sup>4</sup> *celeberrimo* (e todos os superlativos organicos), ou ainda nos substantivos terminados por certas desinencias gregas: *misanthropo, hydrocéphalo, homonymo, diaphano, monotono*, etc.

4. — D'ahi a divisão das palavras em *oxytonas* ou agudas, *paroxytonas* ou graves, e *proparoxytonas* ou esdruxulas. <sup>5</sup>

Os factos contrarios a este systema são devidos á influencia da enclise, cujo caracter prin-

<sup>1</sup> G. Paris — *Acc.* 107.

<sup>2</sup> Excep. *martyr, homem, virgem*, etc.; e principalmente nas palavras de origem não latinas — *ambar, aljofar*. . . e em voz livre nasal — *iman, orphão, orphã*.

<sup>3</sup> Excep. *quasi, tribu*.

<sup>4</sup> Estes adjectivos seguem a regra latina por motivo das desinencias, que são: *aco, aro, cola, fero, fluo, frago, fugo, geno, gero, ico, ido, imo, iplo, loquo, nubo, paro, pede, pelo, sono, ubo, uplo, volo, vomo, voro*.

<sup>5</sup> Em latim as palavras eram sómente *paroxytonas* e *proparoxytonas*.

cipal é atonisar as palavras: *annuncia-se-lhes, mandando-se-lhes.*<sup>1</sup>

5.— Como em latim, os vocabulos polysyllabos tinham um accento secundario, que muitas vezes se confundia com o tonico nos dissyllabicos. Caía na primeira syllaba de cada palavra ou syllaba inicial, e era representado por uma elevação de voz menos forte que sobre a tonica. Em portuguez pôde o accento secundario cair na primeira syllaba, na segunda e sobre a terceira, isto é, de accôrdo com os vocabulos primitivos: *simplesmente, cortezania, valorósissimo.*

Em portuguez nota-se mais geralmente o accento secundario nos compostos e derivados: *quebra-nozes, setecentos, constitucionalmente, etc.*

Neste caso os elementos da palavra conservam seu valor individual e significativo, o que — como acertadamente pondera um grammatico moderno — basta para explicar o facto.

6.— Esta herança dos dous accents latinos constitue em todo o dominio romano um facto de maxima importancia.

Dando mais duração ou consistencia ás syllabas, provocava ao mesmo tempo o ensurdecimento ou a quêda das atonas que lhe estavam proximas. No portuguez, como no francez, a predominancia da tonica mais cresceu de ponto, dando em resultado muitas fórm as atrophiadas ou contractas.

<sup>1</sup> Pacheco Junior — PROSODIA — *Quantidade e accento* — Ph. pag. 116

Este phenomeno já era conhecido do latim popular e mesmo classico: *tab'la*, portuguez *tabula* (tabua; mas que deu *table* em francez), *temp'lum*, *sec'lum*, etc.

7.— Para conservar o accento na mesma syllaba, foi o portuguez obrigado muitas vezes a essas contracções dos vocabulos latinos, supprimindo as vogaes breves que no latim seguiam a syllaba accentuada, — e d'essa apocope resultou o termo syllabas finaes accentuadas, desconhecidas dos Latinos.

8.— Geralmente o accento tonico cae na penultima, principalmente nos dissyllabos, se essa syllaba era longa em latim.

Esta tendencia já manifesta na linguagem dos Romanos para pronunciarem a syllaba final com accento grave, tem modificado forçosamente a prosodia de varias palavras. Assim, por exemplo: o portuguez accentua as palavras compostas importadas do latim, como se fossem simples (*renégo*, *compádre*, etc.), e, por extensão, as compostas de outras já portuguezas.

9.— Cae na antepenultima, como em latim, quando a syllaba no vocabulo originario for breve: *rigido*, *portico*, *timido*.

O portuguez rejeita a pronuncia das palavras em que todas as syllabas são breves, o que era usual entre os Latinos. Todavia conservamos algumas amostras: *mínimo*, *tímido*, *mórbido*...<sup>4</sup>

10.— Nos proparoxytonos é de notar a syncope da vogal latina da antepenultima syllaba, o

<sup>4</sup> Pacheco Junior — 73, 75.

que constitue em portuguez principio importante na formação da lingua.

11.— Em geral, o accento persiste nos vocabulos importados directamente do grego (*geographia, cosmographia...*); mas são accentuados na antepenultima, por analogia, os que vieram por intermedio do latim (*astrónomo, apóstropho, etc.*)

12.— O accento secundario é tambem resultado de variações prosodicas dialectaes, e neste caso chama-se accento provinciano, ou sotaque provincial.<sup>4</sup>

São intonações de voz particulares, devidas ás influencias mesologicas, muitas vezes de difficil apreciação, e que muito desvalorisam o accento tonico (*ó homem, Máceió, mólher...*)

O *accento oratorio* é do dominio da rhetorica. Provém do sentido que se dá a uma palavra ou phrase: não tem relação alguma com os elementos materiaes syllabicos.

Na contextura phraseologica são de notar as relações de dependencia entre este accento e o tonico.

Dá-se-lhe tambem a denominação de *pathetico, oracional* ou *phraseologico*.

Influenciou muitas vezes na formação dos vocabulos, como veremos em outro lugar.

<sup>4</sup> *Sotaque* é propriamente — um dito ou apodo vulgar; hoje, porém, é empregado extensivamente para significar o accento particular a uma provincia, a peculiar modulação, etc.

Ha ainda outro accento a que se póde chamar *mimico*. Origem das duplas de sentido, como, por exemplo, nas variadas modulações das particulas *ah! oh! ai! ui!* — que podem exprimir espanto, admiração, dôr, alegria, repreensão, enojo, etc., muito deve ella influenciar na accentuação. Modificando os sons, produz tambem outros accedentes, por tal fórma postos em seguimento, que podem ser considerados—*phenomenos reflexos da phonação*.

13.— **Quantidade.** Em latim, a quantidade era a alma do accento; em portuguez ella perdeu, porém, a sua força primitiva, e o accento — por sua persistencia ainda mais influenciou sobre aquella modalidade.

É esta tão vaga em portuguez, que em geral os grammaticos só consideram longa a syllaba tonica.

Damos em seguida as regras, que todavia nos parecem mais seguras sobre a quantidade no nosso idioma: <sup>1</sup>

1<sup>a</sup>—É longa a vogal tonica em posição, principalmente quando nasal—*pintura*.

Ha excepções, mas cumpre observar conservamos a quantidade latina sempre que ella é resultado da quèda de uma vogal (*fê, fêe = fides*) ou da intercalação de uma consoante (*lembrar*).

Uma vogal em posição póde alongar-se em diphthongo.

2<sup>a</sup>—É longa a vogal accentuada quando se acha entre uma consoante e uma vogal: — *area* (*arena*).

<sup>1</sup> Estas regras são excerptadas da *Prosodia* de Pacheco Junior (*Phon.*)

É consequencia da concentração dos vocabulos pela quêda da consoante média ou da syllaba de derivação e da flexão.

3ª—É longa a vogal nas terminações do singular em *s* ou *z*:—*feliz, dirás*; nas do plural em *aes, oes, eis, es*:—*sóes, futeis, deuses*.

4ª—Ainda é longa quando vem antes de um *m* ou *n* seguidos de uma consoante inicial:—*gambia, dança*.

5ª—Tambem é longa quando se acha na penultima syllaba antes de *s, z* e *r*.

6ª—É longa toda a syllaba contracta:—*mesmo, pôr, vêr, seta, crença*... = *meesmo, poer, veer, seeta, creença, credencia, etc.*

7ª—Os diphthongos são geralmente longos.

8ª—Em regra, a vogal alonga-se antes das consoantes dobradas, principalmente *rr, lh* e *nh*.

9ª—As vogaes atonas, principalmente quando seguem a syllaba tónica, são geralmente breves, e é esta a causa de frequente simplificação dos diphthongos latinos no portuguez.

A vogal final é, em regra, breve.

A longa accentuada do radical abrevia-se muitas vezes quando se lhe ajunta um suffixo ou uma flexão, que deslocam o accentto.

A quantidade, elemento material, devia necessariamente enfraquecer-se e variar, já pelas idiosyncrasias do falar do povo, já pela tendencia para a contracção.

Estas mesmas causas se observam na lingua latina e explicam a obliteração da quantidade na lingua falada, e tambem

a abreviação do *o* final dos espondeos na época de Augusto, do *t* final longo dos verbos, etc. (*Cornelio* por *Cornelius*, *dedro* por *dederunt*, etc.), breves accentuadas, consideradas longas nos hymnos de S. Ambrosio, os hexametros de Com-madianos sem a quantidade; o metro jambico de 12 syllabas accentuadas na 4<sup>a</sup> e 10<sup>a</sup>, origem do endecassyllabo italiano, e do decassyllabo francez da idade média. É claro, pois — conclue Reinach (*Phil. Class.*) — que desde os Romanos a accentuação vencera a quantidade.

---

## CAPITULO IV

### Dos systemas orthographicos; causas da sua irregularidade

1.— São tres os systemas orthographicos — *phonetico* ou *sonico*, *etymologico* e *mixto* ou *usual*.

2.— A primeira orthographia devia necessariamente ser phonetica, isto é, devia consistir na representação graphica dos sons, infiltrados pelo ouvido.

E a lingua portugueza foi falada muito tempo antes de ser escripta, o que tambem explica as varias modificações porque passaram os vocabulos.

3.— A todas as incorrecções e innovações dos povos ignorantes, oppôz-se a corrente erudita, que luctou pela tradição da orthographia latina.

D'esta lucta saíu mais vezes vencedor o uso tradicional. No seculo XVI ainda era muito irregular a orthographia; mas a influencia classica, já manifesta no seculo anterior, era impedimento a que a orthographia acompanhasse as vicissitudes phoneticas do vocabulo.

Por fim, os eruditos começaram systematicamente a vasar as fórmulas portuguezas em moldes latinos, substituindo as letras latinas pelas correspondentes no portuguez (*senhor* — *señor*, *poblo* — *povo*, *outro* — *altro*, etc.);<sup>1</sup> restabelecendo algumas que já haviam desaparecido (*contar* — *computar*, *anco* — *angulo*, etc.); supprimindo algumas erradamente intercaladas pelo povo (*amiguo*, *cuigo*, etc.)

E no seculo XV o capricho dos traductores, ainda mais apartou a lingua da sua evolução natural. Os eruditos em tudo mais se encostaram á auctoridade latina; foi a cultura litteraria que introduziu crescido numero de vocabulos importados immediatamente de auctores latinos, e apenas modificados na terminação.

4.— A orthographia *etymologica*, e que consiste em escrever o vocabulo com as mesmas letras da palavra originaria (com excepção das flexões e terminações), mais tem occorrido aos homens eminentes, e d'elles mais tem sido preconizada que a *phonetica*.

<sup>1</sup> Como já dissemos na Introd. á Gramm. hist. são de mera convenção as relações entre o signal escripto e a palavra que o representa.

Da erudição etymologica, porém, ha resultado erros de fórmãs por enganos de origem (*charo, ho, etc.*)

5.—A pronuncia, variando de época para época, de provincia para provincia, de cidade para cidade, ás vezes de aldêa para aldêa, e mesmo de escriptor para escriptor, «é escabroso problema tentar accordar a escripta com a pronuncia.»

Cada terra ou provincia, julgando ser ahi onde a lingua correctamente se fala, não se subordinará ás locuções que considera peiores que os seus dizeres, e até *estrangeiradas*.

Onde, pois, o juiz cuja competencia nesse pleito não fosse sempre desconhecida?

6.—As letras que os neographos desterram por ociosas, não são inuteis — servem para attestar a origem do vocabulo, a sua evolução, a camada a que pertence, etc. Esse desterro de letras daria em resultado numero crescente de homonymos, o que seria um mal.

7.—Se a orthographia acompanhasse a pronuncia nas suas frequentes modificações, difficil seria entender-se um escriptor que nos houvesse precedido um ou dous seculos; se fosse sinceramente etymologica, sel-o-ia outrosim ridicula e pedantesca.

8.—Deve-se, pois, preferir por sobre todas, a orthographia *mixta*, a que hoje estamos subordinados.

As palavras de origem popular, que foram aprendidas de outiva, escrevem-se phoneticamente; as de fundo erudito, importadas dos escriptores latinos ou gregos, devem ser representadas com as suas relações etymologicas (*frio* — *frigido*, *respeito* — *respectivo*, *suor* — *sudorifico*, etc.)

E assim fica extremada a linha divisoria, que separa o lexico popular do erudito.

9.— A variabilidade da pronuncia, quer por motivo organico, quer ainda pelo accordar das fórmas derivadas por influencia popular ás que lhe serviam de typos, foi consequencia natural da irregularidade orthographica, ainda manifestá nos escriptores do seculo XVI, e ás vezes no mesmo escriptor.

10.— Nesse seculo imperavam as fórmas *despois*, *fruito*, *enxuito*, *inico*, *antre*, *sojugado*, *chuiva*, *coresma*, *abobeda*, *estamago*, *piadoso*, *calidade*, *pranta*, *contrairo*, *pubrica*, *giolho*, *cudar*, *devação*, *teveras*, *resão*, *ingrez*, *frol*, *craro*, etc., porque mais persistia na phonetica a permuta do *b* pelo *v* e vice-versa; a do *l* pelo *r*, a quêda do *d* medio ou a troca do *o* pelo *u*, do *e* pelo *i* (*pidir*, *firir*, *disculpar*, etc.), o *qu* soava *c* duro, etc.

Não havia ainda então regras fixas, mas sómente *habitos graphicos*, essencialmente variaveis segundo as épocas, as provincias e ainda os escriptores.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Cons. J. F. Castilho — Pacheco Junior — A *Reforma* de orthographia, 1879.

11.— São d'esse seculo tambem as fórmãs *tracto*, *acto*, etc., porque soavam *ato*, *trato*, mas que nas épocas anteriores eram pronunciadas *auto*, *trauto*, etc. As alterações phonicas deram-nos do seculo XIII ao XV as fórmãs participaes em *ede*, *udo*, *ido*; a mudança da terminação *om* em *am* e *ão*, etc.

12.— Em remate.— A irregularidade da orthographia acha explicação nos processos especiaes, regidos quasi sempre pela euphonia, que, conforme o clima, usanças, costumes, gráo de civilisação e movimentos politicos, vasam o elemento material da palavra em novo molde. Acontece muitas vezes que a pronuncia verberada em uma época é mais tarde a corrente, no emtanto que a até então tida por certa é considerada erronea e reprovada.<sup>1</sup>

E essa vacillação perdura até que se fixam as regras unicas de escrever os vocabulos, « ainda quando diversissimo seja o modo de proferil-os. »

---

<sup>1</sup> Freire, por exemplo, condemna *celeuma*, *chusma*, *resposta*, *pestanear*, *estomago*, etc., e dá como correctas as fórmãs *ce-leusma*, *churma*, *reposta*, *pestanear*, *estamago*, *anteado*, etc. . .

pa  
de

or  
pa

da

su  
aa  
la  
ju  
fo  
co

su  
em

## PARTE II

---

### TAXIONOMIA

Chama-se **taxionomia** a classificação das palavras em classes correspondentes aos grupos de idéas de que se compõe o pensamento.

1.— Entende-se por *classificação das palavras*, a sua distribuição em varias especies ou partes do discurso.

2.— É antiquissima a theoria das *partes do discurso* ou *da oração*.

O portuguez classifica as palavras, quanto á sua *significação*, em oito especies: *substantivo*, *adjectivo* (incluindo o *artigo* ou *adjectivo articular*), *pronome*, *verbo*, *adverbio*, *preposição*, *conjunção* e *interjeição*, se a não considerarmos fórma rudimentar, instinctiva, não exprimindo — como as outras palavras — idéas ou relações.

Thomson (*Laws of thought*) classifica as palavras em — substantivos, adjectivos e preposições. Beeker classifica-as em duas categorias — *palavras nocionaes*, que exprimem no-

ções, isto é, idéas de seres ou acções formadas no espirito — substantivo, adjectivo, verbo, adverbios de modo, tempo e lugar; e *palavras relacionaes*, que não exprimem noção ou idéa, mas indicam meramente a relação entre duas palavras nocionaes, ou entre uma nocional e a pessoa que fala — verbos auxiliares, artigos, pronomes, numeraes, preposições, conjunções, e os adverbios chamados de relação.

É difficil — diz Ticknor — applicar os principios de classificação a palavras particulares; ellas podem mudar de classe em certo periodo da historia da linguagem, e ainda pertencer a differentes classes em uma mesma época historica.

3.— Tocante ás suas *funções naturaes*, dividem-se as palavras em:

a) *Nominativas, ideaes* (dependentes e independentes). São as que servem para distinguir os seres, as substancias reaes ou abstractas; as qualidades e acções, os diversos estados das pessoas e cousas, todas as manifestações da vida (*nome e verbo*).

b) *Connectivas ou relativas*. São as que exprimem as numerosas relações de tempo, lugar, numero, quantidade, causa, effeito, etc., (*preposição e conjunção*).

O *adverbio* participa de ambas as classes. Por sua natureza especial é adjectivo e particula ás vezes; marca a transição das palavras de flexão para as invariaveis.

4.— Quanto á *fôrma*, estas categorias de palavras dividem-se em *variaveis e invariaveis*. Pertencem ás primeiras os dous grandes factores da

linguagem—o *nome* e o *verbo*; <sup>1</sup> ás segundas, as particulas—destroços organicos ou organismos inferiores,—muitas d'ellas sem existencia independente.

5.—Conhecidos os elementos que, classificados segundo as suas funcções ou relação com a preposição, formam as partes do discurso, passamos agora a tratar de cada um d'elles separadamente, mas apenas sob o ponto de vista taxionomico.

## CAPITULO I

### DO SUBSTANTIVO E SUAS ESPECIES

1.—Uma palavra póde, só por si, com todos os verbos finitos, ser sujeito de uma preposição; e com o verbo *ser* tornar-se predicado:—*O homem* morre (suj.), tambem és *homem* (pred.)

Ora, a palavra que designa pessoa, lugar ou cousa—segundo a idéa da sua natureza, por suas qualidades distinctivas—é um *substantivo*:—*Pedro, Tijuca, livro, virtude.*

<sup>1</sup> Sob o termo generico de *nome*, comprehende-se o substantivo, adjectivo e pronome.

2.—O substantivo exprime estrictamente o que *subsiste*, isto é, o que constitue a base, o fundamento de accidentes óu attributos, e por isso pôde ser considerado independente, e existir só por si.

O nome de tudo quanto existe ou é concebido existir é um substantivo.

3.—O substantivo, pois, exprime a idéa de um sêr vivo ou de um objecto, uma concepção ou idéa.

4.—O substantivo pôde convir a todos os seres ou cousas da mesma especie, ou designar apenas uma cousa individualmente, uma pessoa determinada:—*riô, cão... Amazonas, Mario.*

D'ahi a sua divisão em *proprios* e *communis* ou *appellativos*.

5.—O nome *communis* é o nome da *especie*; o nome *proprio*, o do *individuo*.

O nome *provincia*, por ex., significa—divisão territorial pertencente a um Estado: é o nome da *especie*, o nome *communis*.

A palavra *Pernambuco* designa um estado particular do Brasil, distincto de todos os outros: é o nome *individuo* isolado, é o nome *proprio*.

Os substantivos, pois, designam os seres como individuos, especies e generos. O *individuo* é o ser considerado isoladamente; a *especie*—a reunião de muitos seres, muitas cousas (individuos) distinctas das outras do mesmo genero, por caracteres distinctivos; o *genero* é a reunião de muitas especies.

6.—Nos nomes *communis* e *proprios* é muito de notar—a *comprehensão da idéa* e a *extensão da significação*.

Por *extensão* entende-se o numero maior ou menor de individuos ou objectos comprehendidos na significação; *comprehensão* é o numero maior ou menor de attributos comprehendidos em uma idéa geral.

E—como judiciosamente pondera Ayer—a *comprehensão* de uma palavra está na razão inversa da sua *extensão*, e reciprocamente.

Quanto mais geral fôr o nome, tanto maior será a sua *extensão* e menor a *comprehensão*. Os nomes *proprios* de individuos são, pois, os que têm menos *extensão* e mais *comprehensão*. (Gram. comp.)

É, pois, de summa importancia grammatical a distincção entre as *personas* e *cozas*, não só para a theoria da formação, mas tambem—e accrescentado—para o emprego das fórmulas *pronominaes* (*que, quem, alguém, outro, outrem*).

7.—Os nomes *proprios* foram originariamente *communis*; são verdadeiros *substantivos significativos*. *Maria* = soberana, *Ursula* = pequena urso, *Claudina* = mulher que coxêa (*claudica*), *Theophilo* = amante de Deus, *Portugal* = Porto de Cale (*Portus Cale*), *Itapuca* = pedra furada, *Marco* = nascido no mez de Marco, *Dorothea* = dom de Deus, etc.

E ainda temos muitos exemplos do *character appellativo* ou *significativo* dos nomes *proprios*: — *Rosa, Clara, Prudencia, Felicidade,*

*Ventura, Silva, Amoroso, Pereira, Limoeiro, Botafogo, Rio Verde, Lameira...*<sup>1</sup>

1º Entre os nomes próprios de pessoas, distinguem-se o *prenome* ou *nome de baptismo*, o *nome* ou *nome de família*, o *sobre nome* e ainda o *cognome*. Muitos sobrenomes são hoje *prenomes*. (Cicero, Cesar, Scipião, etc.)

Entre os Romanos o nome (*nomen gentis, nomina gentilitia*) correspondia ao patronymico dos Gregos. Todos esses nomes são propriamente *adjectivos*.

2º A letra inicial dos nomes próprios é sempre *maiuscula*.

8.—Alguns nomes *communis* são considerados próprios, quando empregados de modo peculiar, individual, restrictivo:—o *Senhor*, a *Egreja*.

9.—Os próprios tornam-se *communis* pela mudança de applicação, desenvolvimento do sentido: *Calepino, damasco, cachemira*; e ainda—no parecer de alguns grammaticos—quando estão no plural: os *Mirandas*, as *Emilias*.

10.—Os substantivos appellativos subdividem-se em *concretos, abstractos, collectivos, verbaes*.

a) São *concretos* os que significam seres de existencia verdadeira ou *supposta*: seres reaes cujo sentido nos faz conhecer-lhes as

<sup>1</sup> V Pacheco da Silva Junior — *Historia dos nomes proprios* (portuguezes). Sobre os nomes de origem tupy, cons. Martius, *Gloss*, etc.

propriedades : — o *livro*, o *amigo*. Expressam uma acção, qualidade, condição ou propriedade, dependente da substancia que lhes é inherente.

b) *Abstractos* são os que expressam uma qualidade, condição ou propriedade, considerada independente da substancia (cousa) a que se acha geralmente ligada: — *belleza*, *amizade*, *justiça*. Aqui, por ex., não consideramos *quem* tem *belleza*, nem *quem* é *amigo*. Expressam uma idéa de acção, condição ou qualidade, só existente no espirito que a *personifica*, separando-a (por *abstracção*) do individuo a que pertence.

c) *Collectivos*. São os substantivos que, posto na fórma do singular, indicam agrupamento de individuos da mesma especie: — *armada*, *esquadra*, *rebanho*, *pellotão*, *manada*, *corja*, *anno*...

Representam todavia uma cousa unica; encerram um caso de *plural implicito*; constituem uma *desflexão* ou *flexão interna*, sómente no sentido.

O nome *collectivo* póde ser *geral* ou *partitivo*, conforme indica a totalidade da collecção ou tão sómente uma parte indeterminada: — o *exercito*, a *esquadra*... UMA *cafila*, UM *armento*, UMA *quantidade*, UMA *multidão*.

O *partitivo* póde subdividir-se em *determinado* e *indeterminado*, segundo indicar ou não uma quantidade certa, exacta: — *uma recova*, *um concilio*... *duzia*, *milheiro*.

d) *Verbaes*. São certas partes dos verbos empregadas substantivamente — *castigo, jantar*.

O infinito é, em todas as linguas, uma verdadeira fórma nominal.

11. — Ainda temos mais :

a) *S. Correlativos*. São os substantivos comuns considerados em relação reciproca : — *Pae e filho, rei e subdito*.

b) *Materiaes*. São os que exprimem cousas que não despertam a idéa de individualidade, mas tão sómente uma noção de aggregação . — *leite, agua*.

12. — Todas as palavras, e até mesmo as proposições, podem ser empregadas substantivamente.

O emprego das varias partes do discurso com funcção subst. era mais frequente nas primeiras phases da lingua, e representa tradição latina e principalmente grega.

A formação de subst. abstractos de adjectivos, ou antes, o uso de adjectivos como subst. abstractos, é feição característica de muitas linguas, ás quaes dão força mui peculiar, pois que taes nomes não podem ser substituidos exactamente por uma periphase, gr. *τὸ καλόν*, all. *das Schöne*, o *bello*. Estas fórmas abstractas portuguezas constituem vestigio do adjectivo neutro.

13. — Sob o ponto de vista da fórma, ainda os substantivos se dividem em *simples* e *compostos, primitivos e derivados*.

a) *Simples* : — *mesa, papel*.

b) *Compostos*. São os formados de duas ou tres palavras simples:

- |                               |          |       |  |
|-------------------------------|----------|-------|--|
| 1° — Subst.                   | + subst. | ..... | <i>arco-iris</i>                             |
| 2° — Subst.                   | + adj.   | ..... | <i>agua-ardente</i>                          |
| 3° — Verbo                    | + subst. | ..... | <i>sacca-rolhas, papa-moscas</i>             |
| 4° — Prep.                    | + subst. | ..... | <i>sub-dele<sup>o</sup>ado</i>               |
| 5° — Verbo                    | + verbo  | ..... | <i>ruge-ruge</i>                             |
| 6° — Verbo                    | + adv.   | ..... | <i>fala mansinho</i>                         |
| 7° — Tres palavras diferentes |          |       | <i>mal me quer, fidalgo (filho de algo).</i> |

c) *Primitivos*: — *arvore, pedra, barca...*

d) *Derivados*: — *arvoredo, arvorejar; pedreiro, pedranceira, pedregulho; barcaça, barqueiro...*

Para maior dilucidacão d'este paragrapho — V. Lições sobre morphologia (*derivação e composição*).

14. — Os substantivos communs ainda podem ser *augmentativos* e *diminutivos*: *homem-zarrão, quintalete; epícenos* ou *promiscuos*: *sabiá, anta*. (V. *Flexão dos nomes, genero, etc.*)

15. — Os substantivos *patronymicos* eram na origem simples adjectivos indicadores da filiacão. São propriamente adjectivos, mas pertencem hoje á classe dos substantivos adjectivos: — Ex.: *Sanches, Vasques, Gonçalves, Alvares...* = descendente de *Sancho, Vasco, Gonçalo, Alvaro...*

Em latim esses adjectivos terminavam em — *ius*.

Historicamente o substantivo — como categoria grammatical — succedeu ao adjectivo e precedeu ao verbo.

Militam a favor da primeira hypothese as seguintes provas:

1º No sanscrito antigo encontram-se substantivos nos graus comparativo e superlativo, mudando de sentido pela simples fôrma de genero ;

2º Certa tendencia instinctiva do adjectivo, que, perdendo o seu valor qualificativo originario, veio a significar exclusivamente o *objecto* ;

3º Especialisação de suffixos, como se vê em latim com o substantivo — instrumentaes. <sup>1</sup>

A segunda hypothese esteia-se nos dous factos seguintes :

1º— Na introdução de fôrmas nominaes na conjugação (infinito, supino, gerundio, participio) ;

2º— Na existencia dos nomes abstractos em *io* no latim ante classico, regendo accus.: — *Quid tibi hanc curatio est.* (Plauto). <sup>2</sup>

---

## CAPITULO II

### DO ADJECTIVO E SUAS ESPECIES

1.— **Adjectivo** (lat. *adiectivum*, de *ad-icere*, pôr a par, que ajunta) é o nome que se junta ao substantivo para qualificar-o ou determiná-lo. Designa as propriedades de um sêr ou de um objecto, de uma pessoa ou idéa ; serve para aclarar a comprehensão da idéa expressa pelo

<sup>1</sup> Bréal, Bopp.— *Gr. comp.*

<sup>2</sup> Idem.

substantivo. Ex. : Homem *sabio*, sete livros, *esta pennã*.

2.—O adjectivo não pôde por si só ser sujeito da proposição, mas com o verbo *ser* pôde formar o predicado: *Deus é justo*, o *homem é mortal*.

Antigamente o adjectivo não era parte distincta da oração, mas simples substantivo commum.

« E de feito os nomes appellativos mais indicam qualidade que substancia. »

A classificação moderna, porém, fundamenta-se em que o adjectivo vem sempre ligado a um substantivo ou pronome, « na qualidade de attributo ou predicado »

Desde que não preenche essas funcções, o adjectivo é considerado substantivo ou pronome.

3.—Os adjectivos qualificam em geral os substantivos, sem os quaes não formam sentido completo, ou são empregados substantivadamente:—gr. *ho sophos*, lat. *sapiens*, o *sabio*.

O adjectivo attributivo pôde tornar-se um substantivo (*chão*, *frio*); o circumstancial, um pronome (*o*, *este*, *aquelle*).

4.—Os adjectivos classificam-se segundo a sua *significação e fôrma*.

Quanto á SIGNIFICAÇÃO, dividem-se em *qualificativos* (attributivos ou descriptivos), e em *determinativos* (circumstanciaes ou definitos). Aquelles exprimem uma qualidade ou condição; estes definem, limitam, a significação do nome a que se ajuntam.

Alguns grammaticos hodiernos rejeitam a moderna classificação dos adjectivos em determinativos e qualificativos, apoiados nas duas seguintes ponderações:— 1º, que todos os adjectivos ajuntando-se aos nomes para determinar-lhes ou restringir-lhes a significação à idéa da especie particular, são forçosamente *determinativos*; 2º, que tal classificação obriga a considerar, ora na classe do adjectivo, ora na categoria do pronome, certas palavras da mesma natureza, posto não exerçam as mesmas funcções no discurso (*meu, qual...*)

5.—Essas duas categorias subdividem-se do modo seguinte:

|                       |   |                                   |   |                  |   |                                    |   |                    |   |                    |
|-----------------------|---|-----------------------------------|---|------------------|---|------------------------------------|---|--------------------|---|--------------------|
| <i>Determinativos</i> | } | <i>possessivos</i>                |   |                  |   |                                    |   |                    |   |                    |
|                       |   | <i>demonstrativos</i>             |   |                  |   |                                    |   |                    |   |                    |
|                       |   | <i>conjunctivos</i>               |   |                  |   |                                    |   |                    |   |                    |
|                       |   | <i>quantitativos</i>              |   |                  |   |                                    | { | <i>universaes</i>  | { | <i>collectivos</i> |
|                       |   | ou                                |   |                  |   |                                    |   |                    |   |                    |
| <i>de numeros</i>     | } | <i>essenciaes ou explicativos</i> | { | <i>definidos</i> |   |                                    |   |                    |   |                    |
| <i>Qualificativos</i> |   |                                   |   |                  | } | <i>accidentaes ou restrictivos</i> | { | <i>indefinidos</i> |   |                    |

POSSESSIVOS são os adjectivos pronominaes que exprimem idéa de posse:— *meu, teu, seu, nosso, vosso*.

DEMONSTRATIVOS são os que indicam pessoa ou cousa, com idéa de logar ou tempo:— *este, esse, aquelle...*

CONJUNCTIVOS são os que conjunctam clausulas:— *que, qual, cujo*.

QUANTITATIVOS são os que determinam todos os individuos de uma classe, ou parte d'ella, e por isso dividem-se em *universaes* ou *geraes* e *partitivos*.

Aquelles subdividem-se em *collectivos* (*todo, nenhum*) e *distributivos* (*cada, cada um*); os partitivos podem ser *definidos* (*um, dous...*) e *indefinidos* (*algum, certo, pouco...*)

6.— Os determinativos quantitativos ou nomes de numero, determinam as pessoas ou cousas quanto ao *numero* e á *quantidade*; e como essa funcção póde ser geral ou restricta, precisa, d'ahi a subdivisão em *indefinidos* e *definidos*.

Os indefinidos assignalam um *numero* ou uma *quantidade indeterminada*: *algum, certo, muitos...* (unidade e pluralidade); *cada, nenhum, todos...* (totalidade e universalidade).

1º Empregados absolutamente, *qualquer, todos, cada, nenhum*, têm valor pronominal.

2º Os nomes collectivos partitivos pouco differem pelo *sentido* dos nomes de numero indefinido; mas, quanto á *fôrma*, distinguem-se em que só os collectivos geraes ou partitivos—como todos os substantivos—são sempre determinados pelo articular ou seus equivalentes. A mesma palavra póde ser collectivo geral com o artigo *o*, partitivo com o det. indef. *um*, nome de numero indefinido sem determinante.

7.— Os nomes de numero definidos exprimem um numero *determinado*. Dividem-se em numeraes *cardinaes* e *ordinaes*: aquelles representam os numeros formadores de qualquer numeracão—*um, dous, vinte*, etc.; estes são verdadeiros adjectivos que exprimem a *ordem*—*primeiro, quinto, vigesimo...*

Algumas vezes o *cardinal* substitue o *ordinal*:—Luiz *quatorze*, *capitulo 32*, o batalhão *23...*

Os *multiplicativos* são os nomes de numeros que denotam as vezes que uma cousa é multiplicada:—*duplo, triplo, centuplo*...

8.—Alguns numeræes mudam de categoria grammatical, pelo esquecimento etymologico:—*quartel* = trimestre, *corja* = colleção de 20 objectos, *dizima* = a dizima parte, decima, *quaderno*, etc.

9.—Os possessivos, demonstrativos, relativos e quantitativos ou nomes de numero, — fazendo ás vezes as funcções de adjectivos e as de pronome, são considerados — *adjectivos pronominaes*.

10.—As qualidades podem ser *physicas* ou *materiaes*:—alto, baixo, quente, frio; e *moræes*:—diligente, preguiçoso, alegre.

11.—Podem mais ser *essenciaes* e *accidentæes*, conforme indicam propriedades essencialmente caracteristicas da pessoa ou cousa, ou não:—*branca neve, o cavallo é quadrupede*, são propriedades essenciaes; *chapéo alto, cavallo náfego*, são propriedades accidentæes.

Aos primeiros denominam alguns grammaticos — *explicativos*; aos segundos — *restrictivos*.

Tambem são considerados adjectivos accidentæes ou restrictivos, os substantivos que modificam outros:—*Rei navegador*.

12.—Quanto á *FÓRMA*, os adjectivos dividem-se em *primitivos* e *derivados*:—*rico, furioso; simples* e *compostos*:—*verde, auri-verde*.

13.—Aos *derivados* pertencem os *patrios*, *gentilicos* e *verbaes*.

*Patrios* são os que indicam a naturalidade de um sêr ou de uma cousa:—*bahiano*, *mara-nhense*.

*Gentilicos*, os que indicam a nacionalidade:—*Brasileiro*, *Inglez*.

Alguns d'estes adjectivos têm dupla fórma, consoante se referem a pessoas ou cousas—*ibero*, *iberico*; *persa*, *persico*... E essa distincção tambem é de notar em alguns d'estes derivados de f. brasileira—*alagoana* (pessoa), *alagoense* (cousa).

*Verbaes*, os que tiram origem em um verbo:—*amante*, *pedinte*, *falador* (V. *Derivação*).

14.—Ha uma outra classificação dos adjectivos, tambem em duas classes: 1ª, dos que *fixam a attenção na qualidade* ou *propriedade* que descrevem, quer esta propriedade seja objecto de sentido physico (*certo*, *alto*), quer de percepções mentaes e affeições (*caro*, *verdadeiro*); 2ª, dos que se referem manifesta e distinctamente a algum primitivo (*ferreo*, *pedregoso*). Aos da primeira classe, chamam—adjectivos *qualificativos*; aos da segunda, adjectivos de *relação*.

15.—O adjectivo é uma simples differenciação do substantivo. Prova-o a sua syntaxe.

## DO ARTIGO

« O **artigo** é um verdadeiro adjectivo determinativo, quer individualise o nome que se lhe segue, quer designe uma especie — geral ou particular. »

Tirou origem na necessidade que tem o povo de nomear claramente as cousas de vida commum, de individualisar a significação do nome.

Sobre a origem do artigo como categoria grammatical, é erronea a hypothese de consideral-o resultante da obliteração do sentido vivo das raizes indicativas ou relacionaes. De feito, o zend, o sanscrito, o grego ante-homerico e o latim classico, conservam mais clara a consciencia dos elementos de relação; mas as linguas semiticas — que mais conservam a significação primitiva, concreta e material de seus typos radicaes (Renan) — possuíam o artigo, e desde o mais remoto periodo historico. (V. *Introduccão e etymologia*).

Por sua importancia, porém (reduzindo nomes proprios a appellativos, substantivando qualquer parte da oração, etc., etc.), pelo papel que representa, merece ser tratado com particularisação, e mesmo ser considerado — conforme a tradição grammatical — especie particular de palavra. Todavia — como em grego, allemão, inglez, etc., o artigo é resultado de uma extensão do adjectivo demonstrativo.

Dá-se-lhe tambem o nome de **adjectivo articular**.

---

## CAPITULO III

### DO PRONOME E SUAS ESPECIES

1.— Conforme a etymologia, o **pronome** é uma palavra que substitue o nome.

O substantivo exprime uma *idéa*, designa pessoas ou cousas por suas qualidades distinctivas, características, naturaes. O pronome, porém, exprime apenas uma *relação*, isto é, designa as pessoas ou cousas por sua relação oracional.

2.—Dividem-se em duas grandes classes:  
—Pronomes *substantivos* e *adjectivos*.

a) São *substantivos* — quando exercem as funções de substantivo, isto é, quando occupam o lugar do sujeito, objecto, etc.:—ELLE (o professor) *deu-LHE* (ao alumno) *um livro*.

b) Pronomes *adjectivos* são os que determinam o substantivo juntando-lhe uma relação de posse ou indicação:—ESTE (quadro) *é de Pedro*, isto é, o quadro indicado pela pessoa que fala: O TEU (escripto) *é de mais valor*.

O pronome adjectivo, pois, limita tambem de algum modo o substantivo com uma idéa de espaço ou distancia: AQUELLE (auctor) *é mais classico que ESTE*.

3.—Os pronomes substantivos dividem-se em *pessoaes* e *indefinidos*.

a) Os *pessoaes* designam a pessoa que fala, a com quem se fala, e a pessoa ou cousa de que se fala (*falante, interlocutor, assumpto*).

São consequentemente de tres classes: 1<sup>a</sup> pessoa — *eu, nós*; 2<sup>a</sup>, — *tu, vós*; 3<sup>a</sup>, *elle, ella; elles, ellas* (o, a, os, as:— *Tinha essa obra, mas já a dei*).

São estes os verdadeiros pronomes. A sua origem foi posterior ao plural, e a idéa do pronome sujeito foi a ultima a formar-se.

Os pronomes pessoaes — diz Sayce — tiveram origem no periodo epithetico, e provavelmente sensível como a dos nomes de numeros. Eram a principio — como refere Bleeck — substantivos com a significação de *senhor, reverencia, criado, etc.* Cp. port. *Fulano* ou *Fuão, Beltrano, Sierano* (=elle, alguém), o *Degas* (=eu), etc.

Amostra mais evidente d'esse facto na lingua portugueza, temos na palavra *você*, fórma atrophada de *vosmecê*, contracção de *vossemecê* ou *vocemecê*, que representa a transformação do titulo honorifico *Vossa Mercê* em um simples signal unitario. A palavra *você* desterrou quasi que completamente da linguagem popular o pronome *vós*,<sup>1</sup> conservando todavia as suas prerogativas de *reverencia, ceremonial* (3ª pessoa), e é hoje um verdadeiro pronome.<sup>2</sup> Foi tambem o que succedeu em Hespanha, com a differença que o *pronomen reverentia* — *Usted*, tambem se applica a pessoas de respeito e com quem não privamos.

b) Os *indefinidos* são tambem essencialmente pronominaes, isto é, não podem ser construidos com substantivos claros:— *alguem, ninguém, se, outrem, tudo, nada; fulano, si-crano, beltrano* (=elle).

Os substantivos *homem e gente* são empregados na linguagem popular de Portugal e Brasil, como verdadeiros pronomes: aquelle, desde o seculo XV (D. Duarte, Ferreira, Sá

<sup>1</sup> *Vós* ainda é empregado em alguns pontos de Portugal, em S. Paulo, etc.

A Republica, acabando com os titulos honorificos, obrigou o emprego do pronome *vós* nas correspondencias officiaes, etc.

<sup>2</sup> Pacheco Junior.— *Questões grammaticaes*, 1886.

de Miranda, etc.); este, mais modernamente. Cp.: fr. *on*, all. *man*; ing. *man e people* (além de *one e they*).<sup>1</sup>

4.— Os pronomes adjectivos dividem-se em *demonstrativos, distributivos e conjunctivos* ou *relativos* (interrogativos).

Os demonstrativos *isso, isto, aquillo*, são, porém, essencialmente pronominaes, e neste caso acham-se outrosim os conjunctivos—*que, quem, quem quer que, o que quer que*.

5.— Os conjunctivos referem-se a alguma cousa já expressa em outra proposição, mas cuja determinação elles mais tornam precisa.

São *interrogativos* quando perguntam a relação demonstrativa. Nas phrases interrogativas, e ainda nas interjectivas, o pronome *que* é adjectivo: — *Que flôr é essa?* — *Que menino!*

Os pronomes relativos foram primitivamente demonstrativos, e ainda no chinês o relativo *so* = logar. (Philippi, Schoff — *gram. ap. Sayce Pr.*)

O pronome é, pois, uma *differenciação logica* do nome. A sua origem repousa na dupla modalidade psychologica do *subjectivo* e do *objectivo*, distincção característica de todas as formas da *vida consciente*.

Os pronomes e os nomes de numeros constituem « o traço de união entre a grammatica e o vocabulario »; os primeiros ensaios « da passagem do abstracto para o concreto. »

<sup>1</sup> W. Pacheco Junior.—*Rev. Bras.*, 1882.

A origem dos pronomes pessoaes, ou melhor, a fixação e limitação da sua função, que mais se especializou com o apparecimento do verbo, perde-se no genesis da historia da linguagem.

## CAPITULO IV

### DO VERBO E SUAS ESPECIES

1.— **Verbo** é a palavra que exprime uma acção, uma affirmação.<sup>1</sup>

Sem asserção não póde haver communicação de pensamento.

Mas quanto á noção de tempo (periodo de acção — passado, presente ou futuro), devemos advertir: 1º, que na maior parte das linguas os verbos têm fórmãs que excluem aquella noção, como, por ex., o infinito; 2º, que as proprias fórmãs grammaticalmente expressivas de tempo, são — em proposições geraes — empregadas aoristicamente, ou sem referencia a tempo. Quando dizemos — *os passaros voam*, não affirmamos que elles voam *agora*, que já *voaram*, ou que *hão de voar*; mas simplesmente que o poder de voar é d'elles attributo em todos os tempos.

O emprego do presente pelo futuro é ainda uma prova da nossa asseveração. Nas phrases *vou amanhã, je vais demain, I go, ou am going to morrow, Ich gehe morgen, etc.*, os

<sup>1</sup> Todos os verbos exprimem uma noção de actividade, considerada nas relações da pessoa, tempo e modo. Os apparentemente inactivos já exprimiram uma acção originariamente.

adverbios *amanhã, demain, to morrow, morgen*, e não os verbos *vou, je vais, go, gehe*, é que representam verdadeiramente as palavras de tempo.

Chamar ao verbo *palavra de tempo* com os Allemães (*Zeitwort*) é, pois, denominal-o por um incidente, e não por um característico essencial; por uma propriedade occasional, e não universal.

2. — Consta de dous elementos — um *material* (a acção enunciada), e o *formal* (a affirmacão ou copula logica). A acção é indicada pelo *thema*; a affirmacão, pela *desinencia*.

3. — Por sua natureza, o verbo lembra o substantivo e o adjectivo. Os gerundios, os participios e os infinitos são fórmias nominaes.

4. — A analyse do verbo descobre tambem tres circumstancias distinctas: — a *significacão*, o *modo de significar* e a *funcção*.

a) *Significacão*. É o sentido originario da palavra, expresso pelo radical. Em *amar*, a idéa primitiva, é *amor*, indicada no *thema am*.

b) *Modo de significar*. São os *tempos, modos e vozes* que determinam rigorosamente a idéa contida no radical.

c) *Funcção*. É a faculdade de poder o verbo exprimir a ligacão relacional entre o sujeito e o attributo. Em *amamos*, a idéa de *amor* é attribuida ao sujeito *nós*.

5. — As funcções do verbo estão, pois, sujeitas a quatro modificações — de *pessoa, numero, tempo e modo*.

6. — Os verbos dividem-se em duas grandes classes: — *nocionaes* (transitivos e intransitivos) e *relacionaes* (auxiliares).

7. — Quanto á sua significação, tambem podemos dividil-os:

a) Segundo a natureza do sujeito: em *personaes* e *impessoaes*.

b) Segundo a natureza da accção, OS PESSOAES — em *transitivos* e *intransitivos*.<sup>1</sup>

c) Segundo a natureza da affirmação, OS TRANSITIVOS — em *activos*, *passivos* e *reflexos*.

Os verbos neutros não podem ter complemento directo, nem ser conjugados pela passiva. Alguns, porém, podem empregar-se reflexivamente para exprimirem a reacção do sujeito (pessoa) sobre si mesmo: — *elles riram-se*, *eu me parece* (Garrett) etc. . .

O pronome neste caso é complemento (dativo).

8. — Verbo *unipessoal* é aquelle que não tem expresso o seu sujeito logico: — *trovejar*, *chover*. Só se emprega na 3ª pessoa do singular, e constitue só por si uma proposição, cujo sujeito é a idéa de uma accção ou de um phenomeno natural expresso pelo verbo.

É de algum modo um nome com terminação verbal, e que se conjuga (Egger).

<sup>1</sup> Esta classificação tem por fundamento a natureza do predicado incluído no verbo.

No sentido figurado tornam-se, porém, pessaões : — *choveram empenhos. Deus choverá sobre os mãos penas, tarmantos* (H. P. 352); *em nossas almas choves certas e altas doutrinas* (Cam. Ode 8); *troveja o orador, relampague a estes olhos a verdade.* (Esc. da Verd.)

9.— Os *transitivos* ou *objectivos* designam acções passantes do sujeito para um objecto. A sua idéa é *incompleta* sem a noção complementar de um objecto.

Pertencem a esta classe os chamados *causativos*, que se podem periphrasear com auxilio de certos verbos: *trabalho e economia augmentam a fazenda* (= fazem augmentar).

10.— Os verbos *intransitivos* ou *subjectivos* affirmam acções limitadas aos sujeitos que as fazem: — *dormir, chorar, morrer, cair.* A sua idéa é *completa* sem a noção complementar de um objecto.

Por sua natureza não podem ser conjugados na forma passiva.

As acções dos verbos intransitivos, ás vezes, mais exprimem modos de ser ou estado, e por isso muitos deslinem o verbo — palavra que exprime acção ou estado.

Todavia ha muitos verbos intransitivos indicadores de movimento — *correr, andar*; mas as idéas nelles contidas não representam os objectos de que são predicados as qualidades = *andante, corrente*, como exercitando uma acção sobre outro objecto.

11.— Entre os verbos intransitivos são de notar os *inchoativos*, que exprimem principio

de acção ou uma acção successiva (passagem de um para outro estado):—*empallidecer, envelhecer*.

12.—A classificação em transitivos e intransitivos não é absoluta, que muitissimos verbos transitivos são empregados intransitivamente e vice-versa.

13.—A relação existente entre o sujeito e o predicado, pôde ser activa ou passiva, isto é, o sujeito pôde fazer ou soffrer a acção expressa pelo verbo. D'ahi os verbos *activos* e *passivos*.

14.—*Reflexos* são os verbos pronominaes cuja acção recae na mesma pessoa que a pratica:—*elle feriu-se, arrependeu-se*.

São uma consequencia da voz *reflexa* ou *mêdia*, em que o sujeito é ao mesmo tempo activo e passivo. Constituem, pois, fórmulas intermediarias entre a voz activa e a passiva, e conjugam-se com um pronome objectivo da mesma pessoa do sujeito.

Distinguem-se em reflexivos *intransitivos* e *transitivos*.<sup>1</sup>

*Refugiar* sem o pronome indica idéa causativa:—*elles refugiarão os escravos*.

<sup>1</sup> Quasi todos os verbos reflexos são transitivos (adjectivos), que na fórmula reflexa exprimem uma idéa intransitiva ou conservam sua significação transitiva. D'ahi a distincção em verbos reflexivos *intransitivos* (propriamente ditos), e reflexivos *transitivos* (verbos transitivos empregados como reflexivos).

Os intransitivos subdividem-se em *essenciaes* e *accidentaes*, conforme são reflexos na fôrma e no sentido (e neste caso o pronome reflexivo é emphatico), ou transitivos apenas na fôrma:—*arrepender-se, refugiar-se*.

Os *accidentalmente* reflexivos são de muito menor importancia. Não recae no agente a accção por elles exercida; o pronome reflexivo tem apenas sentido intransitivo:—*enganar-se, deleitar-se, exercitar-se, enfadar-se, enferrujar-se, admirar-se*, etc.

A fôrma reflexiva ou média foi que deu origem á nova fôrma passiva dos verbos:—*espalhou-se uma noticia, queimaram-se predios* (V. Syntaxe).

15.—Os verbos reflexos (activos ou neutros) exprimem muitas vezes uma accção:—*elles fallaram-se, nós nos batemos*. A estes verbos é que geralmente chamam os grammaticos—*reciprocicos*.

16.—Os verbos *auxiliares* são os elementos formadores dos tempos compostos, da voz passiva, dos verbos periphrasticos e frequentativos.

Egger define-os—verbos que, privados de uma parte do seu sentido proprio e desviado da sua primitiva funcção, tornam-se elementos de uma locução complexa.

Podemos classificar-os em tres categorias:

1ª, dos que se combinam com os participios presentes (activos) e passados (passivos):—*estou falando, sou estimado*.

2ª, com infinitos—*hei de falar, tenho de falar*.

3ª, com infinito e particípios:—*has de ter falado*.

Representam um exemplo notavel do processo analytico.

O poder auxiliante d'esses verbos é apenas uma modificação do poder originario, que elles têm ou tinham quando não auxiliares.

A verdade é que o espirito não mais se recorda do sentido primitivo dos verbos *ser, ter, tornar-se*, etc. (*sou amado*, *ing. I shall go*, *all. Ich werde gehen*—*lit. eu tomo-me ir*); «subordina-os ao particípio passado ou ao infinito para com elles exprimirem um unico juizo».

Os auxiliares são verbos relacionaes. Só exprimem o *tempo* ou *modalidade* e a *voz passiva* dos verbos nocionaes, que então se chamam — *principaes*.

Os auxiliares e o principal fazem, na composição, a mesma funcção que a inflexão nas linguas classicas.

SEMI-AUXILIARES — São certos verbos que só têm caracter de auxiliares nas formas verbaes em que elles apenas conservam parte da sua significação propria:—*tornar, ir, dever, vir*...

17. — Os verbos ainda podem ser classificados, segundo a sua natureza, em *concretos* e *abstractos*, *terminativos*, *frequentativos* e *periphrasticos*.

a) Os *concretos* exprimem uma idéa de acção: — *ler, matar*. Tanto podem formar a copula como o predicado de uma proposição.

b) Os *abstractos* exprimem uma simples relação da proposição. Só podem formar-lhe a copula, e nunca o predicado.

Ainda temos mais :

a) Os *terminativos*, que são os verbos cujo predicado requer um termo indirecto de acção: — *DAR esmola AOS pobres*. Os terminativos podem ser transitivos ou intransitivos.

b) *Frequentativos*, aquelles cujo participio imperfecto junta-se aos tempos do mesmo verbo ou de outro, afim de indicar com mais colorido a acção expressa pelo predicado: — *vir vindo, vou indo, andar caindo*.

c) Verbos *periphrasticos* são as locuções complexas formadas dos tempos dos verbos *haver* e *ter* e do infinito do verbo principal, ligadas pela preposição *de*: — *tu tens de escrever* (v. p. obrigatorio), *havemos de estudar* (v. p. promittente).

18. — Sob o ponto de vista da *fôrma*, os verbos dividem-se em *primitivos* e *derivados* (beber, bebericar), *simples* e *compostos* (dizer, contradizer), *defectivos*, *regulares* e *irregulares*.

*Defectivos* quando carecem de fôrmas: — *ja-zer, feder*.

São *regulares* (fortes) ou *irregulares* (fracos) conforme seguem o paradigma da conjugação a

que pertencem ou d'ella se afastam:— *temer*,  
*valer*.

19. — Damos em seguida a tabella da clas-  
sificação geral :

|                                 |            |   |
|---------------------------------|------------|---|
| 1º Segundo a natureza           | }          | concreto.   |
|                                 |            | abstracto.  |
| 2º Segundo as funcções          | }          | transitivo.   |
|                                 |            | intransitivo.   |
|                                 |            | auxiliar.   |
| 3º Segundo o modo de significar | }          | activo.   |
|                                 |            | passivo.  |
| 4º Segundo a origem ou fórma.   | }          | primitivo.  |
|                                 |            | derivado.   |
|                                 |            | simples.  |
|                                 |            | composto.   |
|                                 |            | defectivo.  |
|                                 |            | regular.  |
|                                 | irregular. |   |
| 5º Segundo a signifi-<br>cação  | }          | inchoativo . . . . <i>envelhecer, adormecer.</i>                |
|                                 |            | imitativo . . . . . <i>grugulejar, coaxar, troar, ribombar.</i> |
|                                 |            | frequentativo . . . . <i>ir indo, estar andando.</i>            |
|                                 |            | iterativo . . . . . <i>latejar, saltitar.</i>                   |
|                                 |            | periphrastico . . . . <i>ter de.</i>                            |
|                                 |            | terminativo . . . . . <i>dar a.</i>                             |
|                                 |            | pronominal . . . . . } reflexivo.<br>reciproco.                 |

*Verbo* = palavra. O Chinez chama aos verbos — *palavras vivas*, aos nomes — *palavras mortas*.

E, de feito, o verbo é o termo essencial da proposição, a palavra por excellencia, o elemento vital do discurso, «o verdadeiro signal do juizo.» «Onde ha um verbo, ha um juizo»

e uma proposição; sempre que elle falta, ha apenas noções isoladas, idéas sem ligação — ou pelo menos incompletas. »

É de criação muito mais moderna que o nome, e o seu desenvolvimento flexional é de origem mais recente que as flexões nominaes.

## CAPITULO V

### DO ADVERBIO

1.— **Adverbio** (lat. *adverbium* = *ad verbum*) é uma palavra que se junta ao verbo, e ainda a um adjectivo ou a outro adverbio, para (expressando as circumstancias da acção) determinar-lhes ou modificar-lhes a significação:— *Pedro estuda ATURADAMENTE, ella canta MUITO bem, e é MUITO bella.*

2.— Ainda podemos juntal-os ao substantivo commum:— *Gonçalves Dias era VERDADEIRAMENTE poeta.* É uma prova de que no substantivo *domina a idéa de uma ou mais qualidades.*

3.— O adverbio corresponde a uma preposição com seu complemento; pôde ser considerado complemento de um adjectivo.

Especie de qualificativo por sua origem e funcção,<sup>1</sup> encosta-se mais que as outras parti-

<sup>1</sup> São muitas as relações entre o adverbio e o adjectivo, que ás vezes até permutam de categoria.

culas ás palavras flexionaes, e admite grãos de comparação e fórmulas diminutivas: — *Elle procede* muito (mais, menos, tão) *nobremente*; *falar baixinho*.

Exprime todas as circumstancias em que se dá a acção — de logar e de tempo, quantidade e modo, certeza, duvida e negação. Em todos esses casos, elle qualifica o verbo como o adjectivo qualifica o nome.

4.— Os adverbios dividem-se, quanto á fórma ou origem, em *essenciaes* ou propriamente ditos, *accidentaes* e *compostos* ou *locuções adverbias*.

1º São *essenciaes* os que figuram sempre como adverbios. Podem ser *simples*, formados — em regra — de adverbios latinos — *onde* (unde), *sempre* (semper), *tão* (tam), *já* (jam), *menos* (minus) . . . ; ou *compostos*, cujos elementos já de todo se fundiram no portuguez — *alli* (a li = lat. illic), *agora* (ac-hora), *assás* (ad satis) . . .

Os *compostos* são formados de adverbios latinos reforçados por uma preposição.

2º Os *accidentaes* são palavras de outra categoria grammatical (substantivo, e adjectivo na fórma masculina), mas empregadas adverbialmente: — *forte*, *certo*, *alto*, *bem*, *tarde* . . .

3º As *locuções adverbias* formam-se de duas ou mais palavras (substantivo ou adjectivo) precedidas geralmente de uma preposição (*a*, *de*, *em*, *por*, *sobre*): *em vão*, *de balde*, *ás ce-*

*gas, de chofre, por fas e por nefas, sobre-*  
*modo.*

5.— Sob o ponto de vista da SIGNIFICAÇÃO, os adverbios classificam-se do modo seguinte, conforme a circumstancia que exprimem :

1º Adverbios de TEMPO:— *hoje, agora, já, actualmente* (presente); *hontem, já, outr'ora, antigamente* (passado); *amanhã, em breve* (futuro).

*Quando, ántes, depois* (relativo); *sempre, nunca, algumas vezes* (absoluto); *muitas vezes, raramente* (frequencia).

Responde á pergunta — *quando?*

2º De LOGAR:— *aqui, alli, ahi, acolá, onde, cá, lá, algures, além, perto, longe, proxima-*  
*mente...*

Responde ás perguntas — *onde? d'onde? aonde?*

3º De ORDEM:— *primeiramente, ultimamente, antes, depois, entre.*

4º De QUANTIDADE OU INTENSIDADE:— *assás, apenas, muito, pouco, mais, menos, abundante-*  
*mente...*

Responde ás perguntas — *quanto? quantas vezes?*

5º De MODO:— Chamam-se adverbios de modo — além da maior parte dos acabados em *mente*: —

a) OS DE QUALIDADE:— *bem, mal, prudente-*  
*mente.*

- b) de DESIGNAÇÃO: — *eis*.
- c) de EXCLUSÃO: — *só, sómente, apenas, si-quer*.
- d) de CONCLUSÃO lógica: — *consequentemente*.
- e) de AFFIRMAÇÃO: — *sim, certamente*.
- f) de DUVIDA: — *talvez, quiçá, acaso, não*.<sup>1</sup>
- g) de INTERROGAÇÃO: — *porque, como, quan-do...*
- h) de NEGAÇÃO: — *não, nunca, jámais*.

As negativas subdividem-se em — *simples e intensivas* (reforçadas).

*Simples* — *não, nada, nunca...* As *intensivas* são resultado do principio da emphase: — *não quero não; não-nem; nenhum-nem; nunca jámais; não ter mais de; etc.*

6.— Os adverbios de modo, derivados de adjectivos, exprimem *idéas*; todos os mais são meras palavras de relação.

7.— Alguns adverbios pertencem a duas ou mais das cinco classes supracitadas. *Antes*, por ex., refere-se a tempo ou lugar; *remotamente*, a tempo, lugar, modo, etc.

Em conclusão:

1º — Não ha negar a natureza nominal do adverbio. É uma fórma invariavel da flexão nominal; representa uma *migração vocabular*; deriva de adjectivos, substantivos, pronomes, numeraes e verbos.

<sup>1</sup> A particula *não nem* sempre tem força negativa, como veremos adiante.

Posto que parte subordinada na phrase, ainda conserva ás vezes, e em differentes connexões, sentido proprio (*subito* — adj., adv.)

2º — A natureza nominal do adverbio ainda é clara no facto de poderem alguns representar um predicado (*falar-ALTO*). Latham chama a esses adverbios — *catago-rematicos* (ing. *That's verily*; fr. ant. — *comment es tu si nobrement*).

3º — Como os adjectivos correspondentes, os adverbios de tempo e os de logar exprimem verdadeiras circumstancias, que nada mais são do que a qualidade accessoria ou accidental da acção.

4º — O adverbio póde tambem, em alguns casos, representar uma conjunção (*adverbios conjunctivos*).

5º — Uma preposição sem complemento torna-se adverbio: — *elle marchou CONTRA o inimigo* (prep.), *elle falou CONTRA* (adv.)

---

Como escreveu o grammatico — *omnis pars orationes mi-grat in adverbium*.

---

## CAPITULO VI

### DA PREPOSIÇÃO

1. — **Preposição** é uma particula invariavel que serve para ligar duas palavras (subst. ou pronome a substantivo, pronome, adjectivo ou verbo) com o fim de indicar-lhes a mutua relação.

A palavra *preposição* = lat. *praepositio*, isto é, palavra que se colloca antes do nome a que se refere. Esta definição era erronea, e não indicava a natureza interna da preposição, pois que em latim ella nem sempre precedia o nome ou verbo. (*Tenus* colloca-se depois do ablativo; *cum*, depois de *me, te, se, nobis, vobis, quí*). No portuguez, porém, sempre a preposição é precedente.

Os grammaticos gregos classificam as preposições com as conjunções, sob o nome de *connectivas* (sündesmos).

2. — Sob o ponto de vista da FÓRMA OU ORIGEM, as preposições classificam-se em *essenciaes* (propriamente ditas), *accidentaes*, e *compostas* ou *locuções prepositivas*.

1º — As essenciaes são palavras *simples* ou como taes consideradas (pela fusão dos elementos componentes): *a, antes, com, contra, em, entre, per, por, sem, sob... após, para, desde, até...*

As nossas preposições simples são de origem directa latina, e conservam as formas e relações originarias (V. *Ety-mologia*).

Muitas derivam-se de antigos adverbios ou são formadas de duas preposições simples ou de uma preposição (*a, de, em, por*) com um adverbio, substantivo, participios: *deante, perante, defronte, apezar, excepto, salvo, tocante, concernente* (V *suffixos*).

2º — *Accidentaes*. São as palavras (substantivos, adjectivos, participios), que, posto de categoria differente, empregam-se todavia com força prepositiva: — *segundo, durante, consoante, salvo, visto, excepto*.

ral,  
pre  
ou  
a,  
aqu  
deri  
posi  
é ex  
part  
As r  
tão  
está  
tacti  
stan  
apar  
expr  
pois,  
actua  
as o  
mod  
laçõe  
entre  
desde  
PACHECO

3º— *Locução prepositiva*. Forma-se, em geral, de adjectivos ou substantivos seguidos de preposição (*a, de*); — e bem assim de adverbios ou locuções adverbias: — *à força de, quanto a, perto de, acima de, concernente a... eis aqui, eis alli...*

3. — Muitas preposições, como já vimos, derivam-se de antigos adverbios, ou são preposições e adverbios conforme a circumstancia é expressa só pela particula (adverbio) ou pela particula seguida de complemento (preposição). As relações entre estas partes do discurso são tão intimas, que a distincção entre ellas não está na *significação*, mas no diverso valor syntactico com que indicam a mesma circumstancia de logar, origem ou causa, tendencia ou apartamento.

4. — Ainda mais. São varias as relações expressas por certas preposições; não podemos, pois, classificar-as segundo as suas *significações* actuaes, nem tão pouco de conformidade com as originarias.

5. — O que, porém, se póde affirmar de modo geral, é que as preposições indicam relações de *logar, tempo* e *movimento*.

D'ahi a sua divisão em quatro classes:

a) De *logar* e *direcção*: — *em, por, sob, entre, para, após*.

b) De *tempo* e *duração*: — *antes, depois, desde, durante*.

c) De *causa, meio* ou *fim*:— *de, por, para, com.*

d) De *modo*:— *segundo, conforme.*

1º— As preposições são palavras *relacionaes* (geralmente de lugar e direcção). Servem para exprimir as varias fórmulas das novas idéas; «são prefixos moveis que representam papel analogo ao das desinencias nominaes».

2º— O seu fim principal é indicar as relações adverbias.

3º— Exprimem as relações externas e internas do espirito humano; as de natureza physica e as do dominio intellectual. «As relações physicas são geralmente locais, as de actividade são de direcção e movimento». As relações do dominio intellectual são concebidas como se fossem physicas, e expressas por preposições que denotam relações physicas:— *descançar em alguém, consultar com alguém, copiar de alguém.*

4º— A preposição e a flexão nominal coexistiram no dominio historico da linguagem.<sup>1</sup>

Foi em varios casos o verdadeiro expoente relacional de declinação; e esta funcção ella ainda conserva nas linguas analyticas.

Nas linguas flexionaes ou syntheticas, as preposições— por sua tendencia agglutinativa, e consequentemente enclitica—já eram, por assim dizer, uma *flexão dupla*, principalmente—por motivo de clareza—nos casos como o ablativo latino, que mais representava relações significativas (*mecum, cum nobis, in agro, ex agro. . .*)

Este facto devia ter concorrido forçosamente para o enfraquecimento gradual dos casos, e mais tarde para a sua

<sup>1</sup> A origem nominal das preposições é que explica as flexões casuaes de certas fórmulas:— lat. *abs* e *apud* = arch. *a-por*, a 1ª um genitivo e a 2ª um locativo e ablativo; e os grãos de comparação como *in-ter, sup-er* (= *sub-ter*). (V. Curtius, Meunier, etc.)

perda tot  
(V. Bréal

5º—  
é resulta

Ex.:  
mas, por  
um livro a  
lat. *de, co*  
D'ahi a  
causa, ins  
Correspo  
entrou em  
adjectivo

1. —  
*cum ju*  
que ser

2. —  
que têm  
tambem  
flexão (

3. —  
tos, div  
mais...

perda total, como se deu em geral nas linguas néo-latinas. (V. Bréal, Egger, etc.)

5º—O emprego abstracto e metaphorico das preposições é resultado de um desenvolvimento posterior.

Ex. :—*A*, por sua etymologia, remonta á preposição *ad*; mas, por suas funcções, corresponde tambem a *ab* e *apud* (*dei um livro a Pedro, ás furtadellas, a sós, matou-o a tiro...*) *De* = lat. *de*, com diversos sentidos, e representando o gen. e accus. D'ahi a variedade de relações em portuguez—de tempo, causa, instrumento, meio, modo, materia, quantidade, preço. Corresponde mais ao gen. poss., obj. e de quantidade, e entrou em grande numero de composições com substantivo e adjectivo (como já vimos)—*de maravilha, de seguro*. etc.

---

## CAPITULO VII

### DA CONJUNÇÃO

1.—**Conjunção** (lat. *conjunctionem*, de *cum jungere*) é a palavra invariavel e relacional que serve para ligar palavras e proposições.

2.—O seu caracteristico é indicar a relação que têm entre si as phrases ou proposições, e tambem as partes do discurso subordinadas á flexão (nome e verbo).

3.—Consideradas quanto aos seus elementos, dividem-se em *simples* e *compostas* (*pois, mais... todavia, outrossim...*)

4. — Quanto á sua SIGNIFICAÇÃO ou funcções no discurso, podemos dividil-as em duas grandes classes (de *coordenação* e de *subordinação*), que se subdividem do modo seguinte :

|   |   |   |
|---|---|---|
| Coordinativas<br>ou<br>connectivas copulativas    | } | copulativas — <i>e, tambem...</i>   |
|   |   | disjunctivas — <i>ou, quer...</i>   |
|   |   | continuativas — <i>pois, ora, outro-<br/>sim...</i>                                 |
|   |   | adversativas — <i>mas, porém, toda-<br/>via...</i>                                  |
|   |   | explicativas — <i>como, assim como...</i>   |
|   |   | conclusivas — <i>logo, portanto, por con-<br/>sequencia...</i>                      |
| Subordinativas<br>ou<br>connectivas continuativas | } | comparativas — <i>mais-que, tão-co-<br/>mo...</i>                                   |
|   |   | condicionaes (suppositivas) — <i>se,<br/>com tanto que, se por ven-<br/>tura...</i> |
|   |   | causaes (positivas) — <i>porque, visto<br/>que, pois que...</i>                     |
|   |   | concessivas — <i>embora, ainda que,<br/>posto que...</i>                            |
|   |   | temporaes — <i>como, quando, logo<br/>que...</i>                                    |
|   |   | finaes (integrantes) — <i>que, se.</i>  |

5. — A conjunção coordinativa liga entre si asserções ou palavras independentes; a subordinativa só liga affirmações dependentes, e nunca palavras.

6. — Segundo a FÓRMA, as conjunções dividem-se em :

1º *Essenciaes* : — *e, nem, mas, pois, quando, como...* (*simples*, e todas de origem directa la-

tina), e *tambem, todavia, portanto*; (compostas,—entre si ou com adverbios).

2º *Accidentaes*:— *Assim, logo, ora, já...*

3º *Locuções conjunctivas*:— *Não obstante, de sorte que...*

Muitas conjuncções actuaes são antigas locuções reduzidas a simples signal unitario:— *senão, tambem, outrosim.*

7. — Consideradas ainda sob o ponto de vista da ORIGEM, as conjuncções podem dividir-se em duas categorias, a de derivação latina e a de formação portugueza:— *e, ou, como, quando, se, pois, mas, nem, que...* (lat. class.), *tambem, pois que, porém...* (lat. pop.), *outrosim, entretanto, pois que, posto que...* (f. port.)

1º—As funcções de certas conjuncções pouco differem das de alguns adverbios, e das suas relações resultam delicadas cambiantes do pensamento (Wierz. *Gramm.*)

2º—A preposição equivale—pela significação—á flexão casual; a conjuncção quasi que equivale á flexão modal pelo muito que contribue para variar-lhe o sentido e uso: Cp. *sei que estudas, sei como estudas, etc.*

Os modos não podem exprimir, só por si, as relações indicadas pelas conjuncções, e este facto basta para mostrar a importancia da particula.

3º—A conjuncção pertence ao ultimo periodo da differenciação grammatical. Mais encostada ao pronome—pela origem e valor—foi a principio simples *junctura* ou *articulação* phraseologica.

Tornando-se, de simples connectiva, palavra de subordinação, deu origem á complexidade syntactica do modo subunctivo.

## CAPITULO VIII

### DA INTERJEIÇÃO

1. — Os physiologistas grammaticaes differem muito quanto á ordem de successão das outras partes do discurso; mas quanto a esta, são todos accordes em que no genesis da linguaagem a interjeição, e as palavras onomatopaeicas, devem ser consideradas os primeiros vagidos linguisticos. (W. Smith. *Manual*).

No esboço historico do desenvolvimento genetico das partes da oração, devia-se pois naturalmente começar pela interjeição.

2. — A interjeição propriamente dita — primitiva, originaria — é um grito espontaneo e instinctivo, um som animal. Não constitue tecnicamente parte da oração; é uma voz intercalada na phrase, *atirada*<sup>1</sup> na proposição para exprimir um subito sentimento, uma emoção do espirito. É um grito do instincto; o echo dos sentimentos naturaes.

3. — Verdadeiro grito da natureza, as interjeições primitivas são monosyllabicas, e parecem-se em todas as linguas, comquanto modificadas na intonação.

As interjeições — diz Bréal — semelham certas raças selvagens, que, embora vivendo a par da civilisação, se conser-

<sup>1</sup> Lat. *interjectio*, de *interjicere* = jogar, atirar, etc.

vam todavia apartadas, independentes, nunca assimiladas nem destruidas.

4.—Do grito natural e espontaneo, porém, transformou-se a interjeição em palavras *convençionaes*, intencionaes, reflectidas, representando a fôrma abreviada de uma phrase, a synthese de uma proposição. Ex.: *Coragem!* = tende coragem, *Credo!* = ouço-te, vejo, etc., com o Credo na boca, isto é, com medo, apavorado.

5.—Podemos, pois, classificar as interjeições quanto á ORIGEM OU NATUREZA, em *instinctivas* ou primitivas, *onomatopicas*, *convençionaes* ou derivadas.

1º As *instinctivas* (essenciaes) são as que representam simples gritos da natureza; são quasi identicas em todas as linguas, e—como as palavras no chinéz—a mesma interjeição pôde exprimir varios sentimentos ou emoções, conforme a intonação:—*Ah! eh! ih! ha! ho! hi! ai! hui!*...

2º—As *onomatopicas* podem ser consideradas primitivas:—*co có, tic tac, bum, zape, sape...* geralmente com força intensiva. A interjeição *psiu*, usada para silenciar, tambem é onomatopica, e consiste meramente em um som atono, e como que segredado.

Não devemos, porém, confundir onomatopias com interjeições. Estas indicam *sensações*, aquellas—*percepções*: *bum bum* e *chape chape* são vozes tão onomatopaicas como *ronco, troar,*

*clangor*. As primeiras são espontaneas; as segundas, convencionaes.

3º As *convencionaes* são verdadeiras palavras (subst., adj., verbo, adv.).

a) Termos descriptivos de emoção, com intonações apropriadas — *horriuel! bravo! misericordia! diabo!* (convencionaes).

b) Nomes proprios ou communs, usados para chamar animaes, etc.

c) Verbos no imperativo — *vamos! olha!* (com particular intonação de voz).

d) Nomes usados imperativamente por meio da intonação: — *silencio! fôra! firme!*

e) Fórmas abreviadas, empregadas particularmente pelo vulgo (locuções interjectivas) — *Hom'essa! pardeos* = por Deus, *bofé* = boa fé, *ayesú* = ai Jesus! *aqui d'El-rei!* *Ave Maria!* *Valha-me Deus!* *O diabo te leve!* *Mãos raios te partam!* *Deus te favoreça!*

A esta classe pertence a maior parte das fórmulas familiares optativas e deprecativas, e ainda as de invocação de bençãos, as precativas. *Adeus!* é um exemplo, e dos mais bonitos.

Nas imprecações e juras é o portuguez mui rico de fórmulas interjectivas, e d'ellas são grandes repositórios o Canc. da Vaticana e as obras de Gil Vicente.

PRECATIVAS. — Seculo XIII. C. V. — *Por deus* (var. *par deus*, *per deus*, *pardes*), *per boa fé* (var. *per bona fé*), *per nostro* *Senhor* *Grand' a Deus*, *Ay Deus val.* *Por Deus da cruz...*

Seculo XVIII.—Nome de Jesu, Oh corpo de Deus sagrado, Ah! santo corpo de mi, Ave Maria, Polos santos evangelhos, por minha alma. . .

IMPRECATIVAS.—Seculo XIII. G. V.—*Ma morte me prenda, nunca me valha nostro Senhor. Maldito seia. Mao peccado, mal me venha, que o tal demo tome, lança de morte me seyra. . .*  
Seculo XVI.—*Choros mãos chorem por ti, dôres de morte te dêm, O' diabo dou a morte, mãos lobos me acabem já, olho mão se metta nelle, cego seja. . .*

As juras e pragas são vulgarissimas em todas as linguas, e eram mui frequentes e populares no latim—*pro deum fidem, pro sancte Jupiter, Proh! humane Jupiter, Divene mortant, malam tibi, Jupiter te perdat, mala cruz. . .* (Plauto).

São tambem de notar as fórmulas cómicas portuguezas:—*Fernão d'Esculho me pique, Pezar ora de San Pego, viagem de João Muleiro, pezar a Jam Pimentel, Por vida de San Fará, Juro a San Junco Sagrado, O' renego de San Grou. . .*

6.—Vê-se, pois, do que acabamos de dizer que o sentido das interjeições depende ás vezes das modulações da voz.

7.—Sob o ponto de vista do SENTIDO, as interjeições classificam-se em:

- a) de admiração, espanto—*ah! oh! Jesus!*
- b) dôr, magoa—*ai! hui!*
- c) exhortação, acoroçoamento—*eia! avante!*  
*bravo!*

As involuntarias expressões de sensação ou emoção, mas dirigidas a outras pessoas ou a animaes, indicando desejo, mando (imperativas), chamamento, acoroçoamento, etc., emfim todas as articulações destacadas, tendentes a influenciar a acção, ou chamar a atenção de outros, mas não syntacticamente ligadas com o periodo, dão os Allemães o nome de *Lautgeberden* (mimica vocal).

*Hurrah! hip! hallow!* já são hoje de uso corrente na lingua portugueza e fazem parte do nosso lexico.

- d) prazer, alegria — *oh! olá! caspite!*
- e) desejo, saudade — *oxalá, praza a Deus.*
- f) chamamento, invocação — *ó, olá, psiu!*
- g) aversão, colera — *fóra! irra! arre! apage!*
- h) zombaria — *fóra! hi! hu hu! ha ha!*
- i) de calamento ou silenciadora — *chiton: psiu! caluda! silencio!*

Alguns glottologos dividem as interjeições (quanto á significação) em duas classes: 1ª, das que exprimem dôr ou prazer mental ou physico; 2ª, das que indicam impressões derivadas de objectos externos pelos órgãos do ouvido e da vista.

8.— Em remate. As interjeições portuguezas dividem-se: a) em exclamações naturaes exprimindo paixão ou emoção; b) em exclamações naturaes exprimindo um estado da vontade (calamento, invocação, animação, mando); c) imitação dos sons naturaes: — *qua qua* (c. v.) *ru ru ru, pate pate* (G. V.) *glu glu, splash! bum bum!*

Banida do districto grammatical, é todavia a interjeição muito para ser estudada — não só por sua importancia sob o ponto de vista philosophico, mas tambem pela vivacidade que ella empresta ao estylo, por sua expressividade inherente e independente. A interjeição é a

palavra, a *phrase primitiva*, a parte fundamental da linguagem: com ella, a *phrase actual*, de descriptiva, torna-se expressiva.

«O facto de exprimirem as interjeições as multiplas emoções do espirito humano — diz notavel philologo americano — favorecendo consequentemente a subita e viva manifestação do pensamento; de serem os unicos intermediarios entre o homem e os brutos e ainda entre estes; e de constituirem uma lingua universal — é quanto basta para patentear-lhes a importancia sob o ponto de vista philosophico. Não ha negar que as interjeições, quando bem empregadas, muito contribuem para tornar a linguagem o exacto psychographo do espirito humano.»

As interjeições correspondem ás *expletivas* dos rhetoricos, com a differença de que estas carecem de significação.

«Consideremos, pois, a interjeição — palavra, não de character logico ou didactico, mas rhetorico e dramatico.»

---

## CAPITULO IX

### SYNONYMOS, HOMONYMOS, PARONYMOS

Tratemos agora do agrupamento de palavras por familia e associação de idéas.

1.— **Famílias de palavras** são grupos de vocabulos que têm entre si certa analogia ou relação de *som*, *fôrma*, *sentido* ou *construcção*.

2.— São, pois, em numero de quatro as famílias de palavras.

1<sup>a</sup>— **Familia philologica.**— É aquella cujas palavras constituintes apresentam relações morphicas, e têm raiz ou radical commun.  
Ex. :

Raiz AM :— *amor*, *amoroso*, *amorabundo*, *amorifero*, *amoravel*; *amar*, *amante*, *amazia*, *amador*, *amabilidade*; *amigo*, *amizade*, *amistoso*, *amigavel*; *namoro*, *ar,-dor*; *amistar*, *amistança*; *inimizade*, *inimigo*, *desamor*...

Raiz DUC (conduzir, levar, reger, governar):— *conduzir*, *conductor*, *conducta*, *conducção*; *seduzir*, *seducção*, *seductor*; *deduzir*, *deducção*; *educar*, *educação*, *educador*; *introduzir*, *introducção*, *introductor*; *induzir*, *inducção*, *inductor*, *induzimento*; *reduzir*, *reducção*, *reductor*, *reduzível*, *reductivo*, *reductivel*; *traduzir*, *traducção*, *traductor*...

Raiz LEG (reunir):— *lei* (lat. *legem*), *leal*, *lealdade*, *legalidade*, *legalisar*, *legalisação*, *legalisador*; *legista*, *legítimo*, *lidimo*; *legitimar*, *legitimação*, *legitimista*, *legitimidade*; *legiferar*, *legislar*, *legislador*, *legislação*, *legislativo*, *legislatura*, *privilegio*...

Radical *grapho* (gr. *graphein*, escrever, descrever):— *graphia*, *graphar*, *graphico*; *epigra-*

*phe, epigraphia*,—ico,—ista; *graphite; grapho-*  
*metro, paragrapho* (párafo)..

Composto com as palavras prefixas *aer, autos, biblio, bio, caco, calle, chiro, choro, cosmo, ethno, geo, hiero, ichno, micro, lexico, oreo, ortho, paleo, photo, phoné, sceno, telé, topo, typo*, etc., deu-nos *grapho* um grupo importante de vocabulcs de formação erudita e com jus de accrescer.

O radical indica a idéa principal; as desviações dependem do valor dos prefixos e suffixos.

2<sup>a</sup>—**Familia phonica**.—É a que se compõe de palavras que—ainda quando de radical differente, e não representando relações de idéas—se confundem todavia na pronuncia, e ás vezes tambem na graphia:—*sella cella, pena penna, ama* (subst.) e *ama* (verbo), *dado* (subst.) e *dado* (part.)... *meta mēda, séde sēde*...

Esta familia consta dos *homonymos* e *paronymos*.

3<sup>a</sup>—**Familia ideologica**.—Compõe-se: 1<sup>o</sup>, de palavras de radical commum ou differente, mas cujas relações têm sentido mais ou menos semelhante, ou identico:—*amor, amizade, affecto, affeição, estima; sermão, pratica, predica, exhortação*...; 2<sup>o</sup>, de palavras representantes de idéas oppostas, antagonicas:—*bonito feio, alto baixo, corajoso covarde*.

As palavras que constituem esta familia dão-se os nomes de *synonymos* e *antonymos*.

4<sup>a</sup>—**Familia syntaxica** ou de **construção divergente**.—Compõe-se de palavras

que representam as mesmas funcções na estrutura da phrase:— *começou de falar, começou a falar; pegar da penna, pegar na penna.*

## SYNONYMOS

### 3. **Synonymos** (gr. *sun* e *onoma*).

São palavras de uma mesma lingua, que— posto de radical differente e diversa categoria grammatical — têm todavia *identico* sentido, ou representam differenciações significativas de uma idéa principal.

1º Na opinião do professor Marsh, synonymos verdadeiros devem ser palavras que, em uma mesma lingua, têm identica significação e pertencem á mesma classe grammatical: *merito merecimento, acolá allí, ver encherger*. O uso, porém, arrolou também nesta familia, as palavras de significação ligeiramente differente.

2º « Para que as palavras sejam synonymas é mister representem noções complexas e geraes, collecções de idéas simples. » Em *aversão, odio, inimizade*, cada uma d'essas palavras encerra certo numero de idéas mais geraes, mais simples, elementares (*antipathia, aborrecimento, nojo, tédio*), « que constituem o seu dominio, a sua extensão, a sua significação. »

Mas, ás vezes, um ou mais termos significativos de uma ou mais *especies*, são synonymos do termo que exprime o *genero* por elles indicado. *Rocim* e *corsel* são synonymos de *cavallo*, que designa a idéa geral de *rocim* e *corsel*.

4. Os synonymos, pois, quanto á sua natureza, devem dividir-se em *perfeitos* e *imperfeitos*.

*Perfeitos* — são os que têm identico sentido: *encarouchar embruxar, frade freire (frei), arroto eructação, usurario usureiro, avaro avarento, cara rosto, perna gambia, cabedal capital, caminho de ferro e ferro-via, dedo minimo e dedo meiminho, tremor de terra e terremoto, espectro abantesma...*

Ha synonymos perfeitos, e nem pôde deixar de havel-os. Basta attender á formação divergente do nosso vocabulario, aos elementos historicos da lingua, á importação neologica, ás forças creadoras e modificadoras (prefixos e suffixos), ás differenciações locaes, etc.

*Imperfeitos* — são os que apenas apresentam entre si relações mais ou menos intimas, mas nunca identidade de sentido.

5. Estudemos agora as varias causas da synonymia.

1ª — TENDENCIA POLYONYMICA — É geral, e natural, a tendencia que tem o povo para designar um objecto por mais de um dos seus respectivos caracteres. Além do facto de idiosyncrasias de constituição mental, ha a necessidade de fugir ao tedio das repetições constantes, e de exprimir o pensamento do modo mais vivo e colorido possivel. Ex.: — *diabo, demonio, demo, diacho*, arch. *decho* e *dexemo* (G. Vic.), *Satan, Satanaz, canhoto, tinhoso, espirito mão*, etc. *Pateta, tolo, palerma, papalvo, paspalhão, basbaque, nescio, imbecil, tolaz, parvo* (parvoalho), *estolido, idiota, bolonio, patola...*

Essa exuberancia synonymica é mais propria dos primeiros periodos das linguas, pelo pendor natural para o estylo figurado ou metaphorico. No sanskrito veda, o sol tinha diversas denominações—o *brilhante*, o *amigo*, o *generoso*, o *nutridor*, o *creator*, etc. (M. Müller, *Lect.*); o arabe tem 500 synonymos para designar o leão (Renan, *L. Sem.*); no dialecto islandico ha 150 synonymos para *espada* (Snorro's *Edda*).

2<sup>a</sup>— DERIVAÇÃO DIVERGENTE E RENOVAÇÃO ERUDITA.— A cultura literaria introduziu no portuguez crescido numero de vocabulos de fundo erudito, tirados immediatamente dos auctores latinos.

E assim originaram-se grande numero de fórmãs divergentes, porque a maior parte d'esses vocabulos já pertencia ao fundo popular da lingua:— *coalhar* *coagular* (= lat. *coagulare*), *prêa* *preda* *presa* (= lat. *præda*), *mancha* *macula* (= lat. *macula*), *paço* *palacio* (= lat. *palatium*), *quedo* *quieto* (= lat. *quietus*), *doar* *dotar* (= lat. *dotare*), *alhear* *alienar* (= lat. *alienare*), *nedio* *nitido* (= lat. *nitidus*), etc.

Mais. Um vocabulo deriva do nominativo, e o outro do accusativo latino:— *ladro* (*latro*) e *ladrão* (*latronem*), *preste* (*presbyter*) e *presbytero* (*presbyterum*).

Foi a renovação literaria que nos deu— *legitimo* por *lidimo*, *dispensa* por *dispensação*, *secular* por *segrar*, *integral* por *inteiro*, *plano* por *chão*, *logar* por *logo*, *mesura* por *medida*, *tedio* *tristeza* *pezar* *nojo* *desprazer* *saudade* (*suydade*), *ira* e *sanha*, *astucia* e *arteirice*, etc., *hy-*

*pothese* (gr. hypothesis) e supposição (lat. suppositionem), *esphera* (gr. sphaira) *globo* (lat. globus), *lexico* (gr. lexikon) e *diccionario* (= lat. dictionarium) etc.

Foi D. Duarte o primeiro que encontrou o veio synonymico.

A cultura literaria começou no declinar do seculo XIV; no XV a lingua mais se apartou da sua evolução natural pelo capricho dos traductores, que, como era natural, introduziu no portuguez grande cópia de vocabulos tirados directamente das fontes latinas.

3ª — CREAÇÃO PORTUGUEZA.— *Mendaz* (= lat. mendax) e *mentiroso*, *avaro* *avarento* (= lat. avarus)...

4ª — IMPORTAÇÃO PEREGRINA.— É esta uma grande fonte synonymica e inexaurivel: — *orgia* (= lat. *orgia* = gr. *orgia*) e *deboche* (fr. *débauche*), *trovador* (prov.) e *bardo* (celt.), *alvo* (lat. *albus*) e *branco* (germ. *blanch*); *ventre* (lat. *venter*), *abdomen* (lat. *abdomen*), *barriga* (germ. *baldrich*); *cavallo* (lat. pop. *caballus*), *rocim* (germ. *ross*), *palafrem* (fr. *palefroi*), *alfaraz* (arab. *alfarás*); *vagão* (ing. *wagon*), *carro* (lat. *currus*); *beija flôr* (form. port.) e *colibri* (caraiba); *casquilho* e *petimetre* (fr. *petit-maitre*), *chapada* (planalto, planura) e *platô* (fr. *plateau*).<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Gallicismo. Enxovalho da lingua como *bouquet*, *toilette*, *soirée*, *fauteuil*...

5ª— TECHNOLOGIA SCIENTIFICA.— O progresso scientifico e o industrial muito têm concorrido para augmento da corrente synonymica. Ex.: *bexiga* variola, *veneno toxico*, *contraveneno* antidoto, *sangria* phlebotomia, *barriga d'agua* ascite, *poaya* ipecacuanha, *damnação* hydrophobia, *dór de dente* odontalgia, *anta* tapir, *somnambulo noctambulo* *nyctobato*, *terçol* *hordeolo*.

6ª— SEMEIOLOGIA.— *Sarabanda* por *zeribanda*.<sup>1</sup> *sé sede* (*Santa Sé*—Vieira), *são santo*, *saludar soldar*, *exquisito ridiculo*,<sup>2</sup> *confiado atrevido*, *cunha* empenho (metter-se no cargo á *cunha* de valias), *patife* maroto, etc.

7ª— O VOCABULARIO PLEBEU E A GIRIA.— *Matanos* = medico imperito, *sacamolas* = máo dentista, *bisborria* = homem de borra, grosseiro e ridiculo.

8ª— DIFFERENÇAS LOCAES.— São ás vezes devidas á maior influencia de um dos elementos historicos da lingua. No Brasil, por exemplo, deve-se ter em muita conta o elemento indigena e o africano. Ex.: *pacova* banana, *gerimum* abobora, *quiabos* quingombô, *calunga* camondongo.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Ambos são hoje empregados no sentido de *reprehensão severa*; mas *zeribanda* (or. afr.) = *sóva*, e *sarabanda* (or. hesp.) significava uma dança lasciva, com muitos saracotes, etc.

<sup>2</sup> *Exquisito*, propriamente é cousa rara, excellente, etc. Do lat. *exquisitus* = buscado com diligencia, etc.

<sup>3</sup> Já vimos que o nome portuguez correspondente — é *murganho*, e bem assim que em Pernambuco *calunga* não significa *camondongo* como na Bahia, mas sim um *bonifrate*.

6.—Os synonymos perfeitos são hoje em numero decrescido, e cada vez mais tendem a rarear. É que o conhecimento mais profundo da lingua tambem mais lhes vae particularisando, restringindo as significações. Ex.: *nedio* e *nitido*, *confiança* e *confidencia*, *rezar* e *recitar*, *meio* e *medio*, *solteiro* e *solitario*.

7.—Com Laffay, dividimos os synonymos, quanto á natureza das suas differenças, em *grammaticaes* ou de *radical commum*, e *etymologicos* ou de *radical diverso*.

8.—Os de **radical commum** só differem entre si por certas circumstancias grammaticaes — prefixos e suffixos ou desinencias: *producto* *produção*, *riso* *risada*, *melhora* *melhoria* *melhoramento*, *vão* *vaidoso*, *difficil* *difficultoso*.

Na ichthyologia e na ornithologia, é immensa a differença da nomenclatura do Norte do Brasil, comparada com a do Sul.

O mesmo podemos affirmar quanto aos vegetaes.—Lê-se em um trabalho do Dr. J. de Saldanha da Gama (*Syn. de diversos vegetaes do Brasil*, 1868): ... «em muitos casos existem dois, tres, quatro ou mais nomes vulgares para uma só especie... Os nomes vulgares mudam de provincia para outra, pelo menos a respeito de alguns vegetaes, e ás vezes nos municipios de uma mesma provincia.» Ex.: *Cutucanhê* — *Carvalho* (no Paraná); *côco de catarrho* — *macauba*, *mocajuba*; *camomilla* — *macella* (*Anthemis nobilis*); *hera tostão* (Rio de Janeiro) *pegapinto* (Ceará) *Boerhavia hirsuta*; *gravatá*, *curauá* (Amazonas) *caragoutá* = *Bromelia* sp.; *tinhorão* — *pé de bezerro* (*Calladium bicolor*); *pão ferro* (Rio de Janeiro) *jucá* (Ceará), *cajueiro bravo*, *cambaiba*, *côco da praia* — *gurury*; *pão santo* — *guaico*, *jatobá* (Rio de Janeiro) — *jetahy* (Amazonas); *maçaranduba* — *apraiu* (S. Fidelis), *canna cayanna* — *tacomaré* ou *tacoarácm*; *capim melado* (Rio de Janeiro) *capim-gordura* (Minas Geraes); *guaxima* ou *carrapicho* (Rio de Janeiro) *uaissima* (Amazonas).

São avultados, e dividem-se em *simples e compostos*.

9. — Para bem profundarmos no genio de uma lingua, devemos estudar a synonymia grammatical, a qual póde dar-se dos varios modos seguintes :

1º — Synonymia entre substantivos que só differem em numero: *baixeza baixezas*.

2º — Entre substantivos que só differem no genero: *môntanha monte, fortaleza forte*.

3º — Entre collectivos e substantivos no plural: *os homens, a humanidade*.

4º — Entre substantivos e infinitos substantivos: *sensação sentir, riso rir, pensamento pensar, sabedoria saber*.

5º — Entre substantivos e participios passados tomados substantivamente: — *imposição imposto, enunciação enunciado*.

6º — Entre substantivos e adjectivos substantivados: — *belleza — o bello, utilidade — o util, extremidade — o extremo*.

7º — Entre adjectivos e locuções adjectivae, compostas da preposição *de* e de um substantivo: *oriental — do oriente, homem criterioso — homem de criterio, literato — homem de letras*.

8º — Entre adjectivo e participio passado tomado adjectivamente: *conviva convidado*.

9º — Entre adjectivos, um de derivação verbal, outro da fórma nominal correspondente: — *vibrante* (de vibrar) e *vibratorio* (de vibração).

10°—Entre verbos neutros e os mesmos na fôrma activa reflexa: *sair, sair-se.*

11°—Entre verbos neutros e o seu participio presente precedido do verbo *ser* ou *estar*: *depende—estár dependente.*

12°—Entre verbos no indicativo, e outros no futuro subjunctivo: *Creio que elle faz bem, que fará bem; crês que elle faz bem? que ella faça bem?*

13°—Entre verbos inchoativos e as fôrmas correspondentes periphrasticas: *envelhecer = fazer-se velho; empallidecer = tornar-se pallido; ajoelhar = pôr, cair em joelhos.*

14°—Entre verbos activos e as suas fôrmas pronominaes: *rir, rir-se; resolver, resolver-se.*

15°—Entre verbos activos e suas fôrmas periphrasticas (verbo *fazer, dar, etc.* + substantivo): *acariciar, fazer caricias; gritar, dar gritos.*

16°—Synonymia das preposições *a, para,* com as preposições *de, com, por*:—*servir de, — para; approximar-se a, — de; acostumar-se a, — com; comparar a, — com; ao menos, — pelo menos; afim, com o fim, etc.*

17°—Entre adjectivos e adverbios, e entre adverbios e locuções adverbias: *raro, raramente, com raridade; triste, tristemente, com tristeza; cegamente, ás cegas; vãmente, em vão; literalmente, á letra.*

18° — Entre palavras que modificam o sentido conforme o logar que occupam na phrase: *verdadeiro amigo, amigo verdadeiro; maltratar, tratar mal; bemfazer, fazer bem; sobrelevar, elevar sobre*. São verdadeiros synonymos syntacticos. Todavia a mudança de logar não raro modifica o sentido das palavras. Disse Gil Vicente: *a quem ouvires chamar bom homem, dae-lhe esmola de dó d'elle*; e Vieira sentenciou: *vae grande differença de ser nosso rei ou de ser rei nosso*.

19° — Entre palavras cujas differenças de sentido são determinadas pelo valor dos prefixos e suffixos: *pasto, pastura, pastagem; corajoso, corajento*

10. — **Os synonymos de raiz diversa** são palavras de varias origens, importadas para expressão de uma mesma idéa ou de suas cambiantes. Muitas vezes não é a necessidade a causa de tal importação, mas tão sómente a sympathy ou a moda.

11. — As dissemelhanças de significação explicam-se pela etymologia, pela differença dos radicaes: *caro, querido; carniceria (carnificina), matança, mortandade, hecatombe*.

12. — Não estão, como os grammaticaes, sujeitos á leis geraes. « Do seu sentido particular só decide a auctoridade classica, a menos que a origem etymologica, conservada pela tradição, baste para indical-o de modo scientifico »: —

*cavallo, corssel, ginete, rocim, hacanêa, palafrem, alfaraz, faca; espada, cimitarra, catana, alfange, chifarote, cutelo, estoque, gladio, montante, sabre, terçado, reflex, etc.*

13.—É de grande utilidade o estudo d'esta categoria de synonymos, que nos faz conhecer as distincções philologicas consagradas pelos exemplos de bons escriptores, e habilita-nos a dar mais propriedade e vivacidade á phrase. Exemplifiquemos :

PREJUIZO, PREOCCUPAÇÃO, PREVENÇÃO.—Exprimem o erro permanente ou a predisposição para o erro, por motivo organico, do meio ou da educação, ao passo que *illusão, engano, desacerto*, significam erros ou faltas accidentaes.

O *prejuizo* refere-se ás crenças, opiniões, superstições; prende-se á nossa infancia, ao lar domestico, á escola. Explica-se por uma certa fraqueza do espirito, credulidade condemnavel.

A *preoccupação* é o erro da consciencia, ao envez do *prejuizo*, que é o erro da auctoridade.

Representa o aferro a certas idéas, caprichoso, obstinado.

A *prevenção* tem por fim dispôr os animos ao nosso intento; fere o coração para actuar sobre a razão, e por isso torna-nos as mais das vezes parcial e apaixonado. Constitue o que se chama *erro do coração*.

INCERTEZA, DUVIDA, INDETERMINAÇÃO, INDECISÃO, IRRESOLUÇÃO, PERPLEXIDADE.—Todos estes vocabulos exprimem um estado de enleio, suspensão, embaraço, em que o individuo em nada assenta, e nada toma por partido.

A *incerteza* e a *duvida* referem-se ao entendimento; é d'elle que parte a hesitação no caminho da verdade. A *indeterminação*, a *irresolução*, a *indecisão* e a *perplexidade* têm por

origem a falta de vontade própria, de energia, a inercia e o receio.

No primeiro caso (da incerteza e duvida) é preciso ter crença, fé ou confiança para vencel-as; cultivo intellectual, e razões convincentes para removel-as. No caso da *irresolução*, *indecisão* e *indeterminação*, fallece ao individuo a necessaria energia para pôr em pratica a empreza a que se quer abalançar, para resolver-se *em cousa certa*. A *indeterminação* é proveniente de fraqueza de animo; a *indecisão* é devida á fraqueza de espirito. O *indeciso* carece de convicções firmes; o *irresoluto*, de imperio sobre si mesmo, firmeza de character. Para vencer-lhes a inercia, é preciso esclarecer, instruir, convencer o *indeciso*; estimular, excitar, persuadir o *irresoluto*.

A *perplexidade* exprime *indecisão* com desassocego de espirito; uma conjunctura apertada entre a *indeterminação* e a *duvida*, a perturbação do espirito e o desanimo. A *duvida* affecta a crença; a *irresolução*, a *indeterminação* e a *indecisão* dependem da vontade; a *perplexidade* affecta o entendimento e a vontade, e só pôde cessar ante a convicção de não se de-ver inquietar com o resultado de um commettimento quem procede sempre com *recta intenção*.

A *incerteza* é o caso do ignorante; a *duvida* é a hesitação em pontos de dogma, a suspensão do entendimento no ajuizar. Aquella mais se refere a acontecimentos, esta á opiniões; a *incerteza* é subjectiva, a *duvida* é objectiva; a primeira—fixa-se, a segunda—resolve-se.

14. — A synonymia é ao mesmo passo uma força modificadora e um factor de redução do vocabulario. Ex.: *monja* (arch. *monga* = lat. *monacha*) archaisou-se pela preferencia dada á fórma synonymica *freira*, feminino de *freire* (= lat. *frater*), que por seu turno foi supplantado pela fórma concurrente *frade* (= lat. *fratrem*, irmão)

no seculo XVI; <sup>1</sup> *gargantuyse* (L. Cons.) é obliterado pelo vocabulo *gula* (seculo XV); *agro*, por *campo*, *terreno*; *criamentos*, por *afagos*; *frontar*, por *protestar*, etc.

15.— Às vezes o vocabulo novo não consegue archaisar o outro já existente, mas altera-lhe o sentido ou restringe-lhe o uso. Ex.: *comer* (= lat. *come-d-ere*) era de emprego vulgar até o seculo XV com a significação de *jantar* (D. D. — L. Cons.); depois — pela concurrencia d'esta fórma hespanhola — veio a designar simplesmente comida, alimento (Cp. verbos — *comer* e *jantar*); *eira* e *area* (lat. *area*), *obrar* e *operar* (= lat. *operare*), *chão* e *plano* (= lat. *planus*), *solteiro* e *solitario* (= lat. *solitarius*).

Outras vezes, um dos vocabulos fica adstricto sómente ao dominio da poesia. Ex.: *ledo* (= lat. *lætum*) era de uso popular nos primeiros tempos da lingua (Docs. seculos XII e XIII, C. V.); no seculo XIV a fórma *alegre* (= lat. *alacrem*) substituiu-o de todo na prosa <sup>2</sup>

1º — O estudo dos synonymos — de que é o portuguez riquissimo — é indispensavel para o bem cabido emprego das palavras, para a exacta e precisa expresão do pensamento. Os Gregos tinham em muito valor o perfeito conhecimento da significação das palavras; os Latinos, posto que menor lhes fosse a riqueza synonymica, tambem muito curavam d'esse

<sup>1</sup> *Freire* conservou-se na fórma atrophada *frei*, quando se segue o nome do frade — *Frei Bento*, *Frei Pedro*.

<sup>2</sup> *Ap. Egg, Gr. comp.*

estudo, como se deprehende da 3ª epistola do grammatico Fronton a Marco Aurelio. <sup>4</sup>

Nas linguas modernas, porém, o esquecimento ou desconhecimento da significação primitiva do radical, faz com que não raro as palavras tenham sentido diverso do expresso pelo radical. E este facto é mais patente nos derivados secundarios, ou palavras formadas por derivação ou composição de fórmulas também derivadas ou compostas, ou importadas de fontes estrangeiras.

2º A synonymia explica outrosim as divergencias lexicas, que se notam nos idiomas congeneres e nos c. dialectos. É assim que dos synonymos latinos *frater* e *germanus*, *pastor* e *berbericus*, *infirmus* e *male aptus*, *casa* e *mansio*, o portuguez adoptou de preferencia, e espontaneamente, *germano*, *germano*, *irmão*; *pastor* (*pastorem*), *enfermo*, *casa*; e o francez, *frère*, *berger*, *malade*, *maison* (*mansionem*).

Mais tarde, o francez admittiu as palavras *germain*, *pâtre*, *infirmo*, *caserne*; e o portuguez, por sua vez — *frade* (só applicavel aos irmãos de ordem religiosa), *malato* (por infl. italiana), *meijão* (por infl. franceza), *mansão* (infl. erudita).

## HOMONYMOS

16.— **Homonymos** (gr. *homoios*, semelhante; *onoma*, nome). São palavras que, comquanto exprimam idéas differentes, se pronunciam do mesmo modo, quer tenham ou não identica orthographia.

17.— Dividem-se:

1º Em *aurioculars*, que soam e se escrevem identicamente: — *canto* (aria, melodia, e

<sup>4</sup> S. Eufros. *Rom.*

angulo formado por dous planos, etc.), *manga* (fructo, e parte do vestuario que cobre o braço, etc.), *maneira* (modo, uso, e abertura na saia), *são* (sadio e contr. de santo), *salsa* (hortaliça e salgada), *salva* (prato de metal, vidro, etc., e descargas de artilheria sem bala, em demonstração de respeito, honra militar; herva, e participio passado do verbo *salvar*), *dado* (substantivo e participio passado), *lente* (professor e instrumento), etc.

2° Em *homophonos* (*auriculares*), que se escrevem differentemente, mas têm a mesma pronuncia:—*sumo summo*, *concelho conselho*, *cita sitta sita*, *cervo servo*, *condessa condeça*, *ruço russo*, *ceda seda*, *cinto sinto*, *pena penna*, *pulo pul-o*, *ama minha*—*a maminha*, *que ouço*—*que osso*, *concebo*—*com sebo*...

3° Em *homographos* (*oculares*), que têm identica orthographia, mas diversa phonação: *sabia sabiá*, *sêde sêde*.

A classe dos *homophonos* é a mais numerosa.

Por mais rica que seja uma lingua, não pôde deixar de ter *homonymos*.

As linguas antigas eram mais pobres em *homonymos* que as modernas, e a razão é obvia.

Da *homonymia* é que resultam os trocados de palavras ou equivoccos, a que os Francezes chamam *calembourgs*. Para esses mesmos effeitos, serviam-se os comicos gregos da *homonymia*, transpondo muitas vezes os limites da decencia.

Os Latinos também d'ella se aproveitaram: *eve, ave, aves esse aves*, e é também muito conhecido o verso sobre as cortezãs.

*Quid facies, facies Veneris eum veneris ante?*

*Ne sedeas, sed eas ne pereas per eas.*

18. — São varias as causas da homonymia:

1º — CONTRACÇÃO DAS PALAVRAS DO VOCABULARIO POPULAR: — *são* (=santo, lat. *sanctus*), *são* (=sano, lat. *sanus*) e *são* (arch. *som*, lat. *sunt*); *cem* (=cento, lat. *centum*) e *sem* (=lat. *sine*); *grão* (=grande, lat. *grandis*) e *grão* (=lat. *granum*); *paço* (=palacio, lat. *palatium*) e *passo* (=lat. *passus*, e verbo), *era* (=lat. *erat*) e *hera* (arch. hedra, seculo XVI, lat. *hedera*), *som* (=lat. *sonus*) e arch. *som* (=lat. *sunt*) etc.

2º FORMAÇÃO DE SUBSTANTIVOS VERBAES: — *pé-ga* (substantivo e verbo), *consulta*, *rêga*, *rubrica*, *canto*, *mando*, *calo* (verbo *calar*) e *calo* (S. do lat. *calum*), *passo*, *lente*.

3º — MUDANÇA DE CATEGORIA POR MUDANÇA DE SENTIDO. — O verbo latino *soldare*, contr. de *solidare* (tornar solido, solidificar) veio a significar ajustar contas — *soldare rationes* (Bréal, *Dict. Etym. lat.*) e por extensão — *ligar metaes*. Esses dous verbos passaram para o portuguez (*soldar* e *solidar*), este com a significação de fazer solido, aquelle no sentido de unir metaes por meio de solda, unir os labios de uma ferida, e no de pagar a divida. — *Soldar* passou depois a ter accepção particular de receber

*soldo*, *soldada* (Foral de Coimbra, Nob., Ord. Aff.), que era a paga, a *contia*, por analogia de *soldo*, *solido* (moeda),—seculo XII (=lat. *soldus*, *solidus*), d'onde vieram o substantivo *soldadeiro*—o que recebe soldo, e mais tarde *soldado*—homem de guerra ao soldo do Estado, que assim se tornou homonymo do participio do verbo *soldar* = ajustar contas, pagar dividas, ou unir por meio de solda.

4°—DIVERSIDADE DAS FONTES LEXICAS.—Temos, por exemplo, a palavra *canto*, que no sentido de melodia, modulações de sons vocaes, tira origem no latim *cantus*; e com a significação de angulo formado por dous planos, etc., no germ. *Kante*.<sup>1</sup> *Acer* e *ager* deram-nos de accôrdo com as leis phoneticas— a fórmula *agro*; *pena*, dôr, trabalho, castigo, deriva do latim *pæna*, e *pena*, penha, rocha, do celtico *pen*; <sup>2</sup> *manga*, fructo, é de origem indiana, *manga*, parte do vestuario, deriva do latim *man(i)ca*; *lima*, fructo, é de derivação persica, *lima*, instrumento, do latim *lima*.

5°—CORRUPÇÃO PHONETICA.—O facto de não mais fazermos soar as letras geminadas (*sumo summo*, *pelo pello*); <sup>3</sup> a perda da verdadeira phonação do grupo *ch*, só conservada na Beira = *tch* (*chá*, *shah xá*), etc...

<sup>1</sup> Cp. D. *Kant*, isl. *Kantr*, gal. *cant*, ing. *cant*, fr. ant. *cant*, gr. *kandós* (*L. canthus*).

<sup>2</sup> Ainda mui frequente nos toponymicos—*Penadono*, *Penacova*, *Penafiel*, etc. *Nossa Senhora da Pena*, diziam os antigos.

<sup>3</sup> No italiano ainda as consoantes duplas soam distinctas.

6° — INFLUENCIA LOCAL. — É manifesta na linguagem popular. A troca das syllabas iniciaes *en* e *in* em *an*, por exemplo, mui frequente em todos os periodos da lingua (*antre* por *entre* = lat. *inter*, *antremeio*, *antremetter*, *antremez*, *antrepor*, *antretanto*, *antreallo*, *antrevir*, *anteado*, *andoenças*, etc.), transformou o adverbio *então* (arch. *entonce*, *entonces*, *antonces*) em *antão*, que se tornou homonymo de *Antão*, f. contr. de *Antonio*.

## PARONYMOS

19. — São palavras de sentido diverso, mas apresentando algumas relações morplicas e phonicas, e, ás vezes, — etymologicas: *Sujeição sugestão*, *biographia bibliographia*, *som são*, *pendença pendencia*, *premissa primicia*, *detrahir distrahir*, *propagar propalar*.

20. — A paronymia é resultante da troca de sons physiologicamente semelhantes (leis phoneticas), dos metaplamos, e ainda da derivação divergente: — *soar suar* (lat. *sonare* e *sudare*), *segredo secreto* (lat. *secretus*), *degredo decreto* (lat. *decretus*), *braga barca* (lat. *bracca* e *barca*).

## PARTE III

---

### MORPHOLOGIA

1.—**Morphologia** é a parte da grammatica que estuda a fôrma das palavras, sua flexão, sua estructura. É a theoria da formação dos vocabulos.

2.—A analyse de qualquer palavra, revela-nos o elemento mais simples, essencial e irreductivel, contendo a idéa principal — a RAIZ; o THEMA e varios elementos accessorios que a modificam — os AFFIXOS. A raiz é, consequentemente, parte commum a todas as palavras de uma mesma familia,<sup>1</sup> e estabelece entre ellas relação de significação.

3.—A reunião dos *affixos* ao radical é que constitue a palavra no estado actual.

<sup>1</sup> Devemos notar mais: 1º, que a mesma raiz pôde ter diversa significação e fôrmas diversas a mesma significação; 2º, que ha palavras que de todo perderam a raiz: — gr. *on* = *eon* = *es-on* = port. *ei-mi*; fr. *doit* = lat. *habere* = *dehibet*.

4.— Os affixos distinguem-se em *prefixos* e *suffixos* (fixos *antes* ou *depois*): são elementos determinantes ou modificadores.

5.— **Thema** ou **radical** é a palavra já apta para receber a desinencia de flexão—*nominal* ou *verbal*, isto é, o seu desenvolvimento flexional (*affixos* e *desinencias*). É, pois, uma semi-flexão, o elemento indicador da primeira formação da palavra.

Podemos ainda defini-lo: raiz + suffixo, sem categoria grammatical definida, mas promptos para recebê-la.

Os themas são—*nominaes* e *verbaes*; e, segundo as fórmãs e accidentes das raizes,—*reduplicativos* (*gar-gar-ej-ar*), *epenthesicos* (*homemzarrão*); quanto á energia de derivação—*activos* (*pedra, terra...*) e *inactivos* (*trevas...*)

6.— Os verbos apresentam varios themas: um puro, que serve de fundamento (*thema geral*); outros d'elle provenientes, chamados *especiaes*. No verbo *amar*, *ama* é o thema geral; *amav*, porém, é o thema especial do imperfeito do indicativo.

7.— **Terminação** ou **desinencia** é a ultima parte da palavra; a que encerra a idéa accessoria que se quer juntar á fundamental.

É o elemento flexional, que do mesmo passo modifica as fórmãs, e indica as varias funcções que a idéa incluída no *thema* representa no discurso.

As *desinencias*, no portuguez, caracterizam os generos e numeros dos subst. e adj.; as pessoas, o numero, os tempos e modos dos verbos.

São factores grammaticaes que dão ás fórmās—variabilidade e vida.

8.—A estas desinenças chamam os grammaticos — *de flexão*; ás que servem para formar derivados, — *de derivação*.

Não se deve confundir a *terminação* (suffixo de desinencia ou flexional) com o suffixo *thematico*, que figura entre a raiz ou o primeiro thema e a desinencia.

**Flexões** (do part. lat. *flecto*, curvo) são as mudanças morphologicas indicadoras das mutuas relações grammaticaes das palavras no mesmo periodo, ou de alguma condição accidental da cousa expressa pela palavra inflexa.

A *flexão* é uma especie de derivação. Abrange a declinação e a conjugação. É constituida pela combinação de um sentido e uma fórmula.

As flexões são *fortes* ou *fracas*, conforme consistem na mudança de letra do radical ou na addição de elementos vocaes ao radical.

9.—Em portuguez, as *flexões* são, nos nomes, de genero, numero e grãos, além das variações dos pronomes pessoaes; e nos verbos—de numero, pessoa, voz, modo e tempo.

Dividem-se, pois, em *nominaes* e *verbaes*.

10.—As interjeições, preposições e conjunções não são flexionaes.

11.—Analysemos agora algumas palavras, distinguindo a parte essencial dos elementos

modificadores que concorreram para a sua formação. Vejamos como, eliminando-os, chegamos ao elemento fundamental — a raiz.

Em *impermeavel*, se tirarmos os prefixos *im* e *per*, e o suffixo *vel* (= suf. lat. comp. *b-ili*), signal dos adj., e emfim o suffixo verbal *a*, a palavra reduz-se á syllaba *me*, que encerra a idéa fundamental—*passar, escoar*; em *respeitavel*, na qual facilmente se distingue o verbo *respeitar* e a terminação *vel*, se eliminarmos o prefixo *re*, teremos *speitar* = frequentativo *spectare*, que remonta ao verbo simples latino *specere* (= ver, olhar), formado da terminação movel *e-re* e da parte invariavel—*spec*, que se encontra em todas as linguas indo-européas.

Em *historicamente*, supprimindo a terminação *mente* (que já se encontra no latim com sentido de animo, disposição (*bona mente*), a palavra reduz-se a um adjectivo derivado do correspondente latino (*historica*), e si d'elle eliminarmos o suffixo *ca*, teremos *historia*—palavra latina formada do grego *histor* e do suffixo fem. *ia*, indicador de nomes abstractos e correspondente ao sanskrito *yá*, e ao grego *iā*. *Histor*, é, porém, corrupção de *istor*, fórma que se decompõe em *is* e *tor*, representando o segundo elemento (*tor*) o nom. sing. do suffixo derivativo *tar*—lat. *dātor*, sansk. *dā-tar*, gr. *do-ter* (—o que dá), e serve para formar nomes de agentes e instrumentos (*leitor, escriptor, etc.*)

Na raiz attributiva *'is*, o *s* representa uma modificação phonetica, a permuta de um *d* primitivo. E esta analyse conduz-nos á raiz *id*—sansk. *veda*, gr. *o'ida*, fórma simples do perf. da raiz *vid*—saber.<sup>1</sup>

Ainda devemos notar a vogal chamada de *ligação*. Intercalada entre a consoante da raiz e o suffixo, ou entre o suffixo e a terminação, não faz parte integrante da raiz ou do thema, nem da desinencia; é apenas de intercalação euphonica.

12. — Nas linguas modernas, analyticas, é de pouca importancia o estudo das raizes e fórmas

<sup>1</sup> Bopp. — *Vergl. Gramm.*

thematicas, ao envez das linguas syntheticas como o sanscrito, grego e latim.

No portuguez, em consequencia dos varios elementos historicos, <sup>1</sup> é difficil a determinação sincera e criteriosa de todas as raizes, e ás vezes por ventura impossivel. Só se podem determinar com segurança, as gregas e latinas, as germanicas e algumas celticas:

a) Latinas: — *duc* = conduzir, *fer* (for) = levar, *frag* = quebrar, *mod* (med) = julgar, apreciar, regular...

b) Gregas: — *arch* — ser o primeiro, *kop* — cortar, *gno* — conhecer (sansk. *gnā*), *sech* — lêr (sansk. *sah*), *ther* — aquecer (sansk. *ghar*)...

13. — As raizes distinguem-se em *typicas* e *onomatopicas*. A escola allemã, porém, divide-as em duas grandes classes: *attributivas*, que exprimem noções de relações, e *demonstrativas*, que designam os seres e suas modificações.

E como os seres só podem ser conhecidos por suas qualidades sensiveis ou manifestações activas, as raizes demonstrativas dividem-se em *quantitativas*, *predicativas*, *nominantes*, *objectivas*, *idéaes* e *verbaes*, ao passo que as attributivas distinguem-se em *demonstrativas*, *indicativas*, *subjectivas*, *formaes* e *pronominaes*.

<sup>1</sup> Latim, grego, celtico, germanico, phenicio, arabe, hebraico, africano, tupy, etc.

Na impossibilidade de remontar sempre á fórma mais simples, admittem os glottologos as seguintes combinações

- 1º—Vogal: *i*—ir.  
2º—Vogal + consoante: *ad*—comer.  
3º—Consoante + vogal: *da*—dar.  
4º—Consoante + vogal + con s.: *cad*—cair.  
5º—Vogal + grupo cons.: *arc*—afastar.  
6º—Grupo de duas consoantes + vogal: *sta*—estar em pé, *plu*—correr, escoar-se.  
7º—Grupo de duas consoantes + vogal + consoante: *spect*—olhar, *spas*—olhar.  
8º—Consoante + vogal + grupo de duas consoantes: *vert*—girar.  
9º—Grupo de duas consoantes + vogal + grupo de duas consoantes.: *sparg*—espalhar, *spand*—tremar.  
14.—No portuguez, coexistem — e mui naturalmente — raizes cognatas das linguas grega e latina:

| Grego                         | Latim                       |
|-------------------------------|-----------------------------|
| raiz <i>ag</i> ..... paragoge | raiz <i>ag</i> ..... agente |
| <i>aug</i> ..... auxesis      | <i>aug</i> ..... augmento   |
| <i>gen</i> ..... genesis      | <i>gen</i> ..... general    |
| <i>gno</i> ..... gnosis       | <i>gno</i> ..... ignorante  |
| etc.                          | etc.                        |

- 15.—Coexistem outrosim no portuguez fórmãs correspondentes de prefixos e suffixos gregos e latinos:

| Grego             | Latim           |
|-------------------|-----------------|
| <i>an</i> .....   | <i>in</i> (neg) |
| <i>anti</i> ..... | <i>ante</i>     |
| <i>apo</i> .....  | <i>ab</i>       |
| <i>dia</i> .....  | <i>dis</i>      |
| etc.              | etc.            |
| <i>icos</i> ..... | <i>icus</i>     |
| <i>on</i> .....   | <i>cns</i>      |

16.—Quanto á vogal de ligação, devemos advertir que ella ás vezes varia nos compostos latinos e gregos:—*aer-o-nauta* (gr), *aer-i-forme* (lat).

---

## CAPITULO I

### Vestigios de declinação latina no portuguez

1.—No latim, não havendo tantas fórmulas características quantos eram os casos, forçosamente a mesma desinencia devia servir para dous ou tres. Todavia, o systema das declinações era mecanismo complicado para os populares, que não lhe comprehendendo a vantagem, acabaram por combalil-o de todo sob a accção destruidora das leis phoneticas. As vogaes atonas cada vez mais se atonisaram; as características flexionaes do nom. e do accus. (*s* e *m*) caíram, e d'ahi a confusão entre esses casos, e entre elles e o ablativo. *Servus* (N.) e *servum* (Ac.), pela quèda das características transformaram-se em *servu*, e como o *u* final latino soava *ø*, confundiram-se com o abl. *servo*.

2.—No seculo V a declinação latina resumiu-se aos dous casos—*sujeito* e *regimen*.

O descuremento das inflexões nominaes, a tendencia do povo para simplificar as fórmulas,

originaram a necessidade de palavras auxiliares (preposições) para maior precisão e clareza da lingua, cujo emprego cada vez mais se tornou frequente, porque os casos já não indicavam as varias relações, mas tão sómente o genero e o numero.

3.— Das linguas néo-latinas, só o italiano o valachio e o francez herdaram o systema das declinações, mantido até hoje apenas pela primeira.

As unicas flexões nominaes portuguezas, como já vimos, são o genero e numero, os grãos (superlativo dos adj., etc.), as variações dos pronomes pessoaes.

As flexões casuaes do latim classico (já nos referimos a este facto) foram pouco a pouco se alterando, principalmente pela quêda do *s* e *m* finaes; e esta alteração, posto remonte aos mais antigos monumentos da lingua (*poeta-s, scriba-s...*)<sup>1</sup> comtudo mais se generalisou na corrente pupular, o que muito concorreu para transformar a declinação *synthetica* latina na declinação *analytica* romanica.

Em consequencia das leis phoneticas, e das deslocações do accento tonico, a declinação portugueza resume-se a uma unica fórma — *hora horas, arvore* (arvor, seculo XIV) *arvores*, como melhor veremos adiante.

<sup>1</sup> São fórmias epigraphicas do tempo dos ultimos imperadores — *Theodoru, filio, admirabili*, etc. Remonta ao velho lat. — *optumo* = optimum, *viro* = virum, etc. (seculo III).

«No portuguez antigo e médio (seculo XII e XVI) muitos typos syntaxicos recordam immediata e mediatamente a declinação latina.»

Já vimos: 1º, que a 1ª declinação, de todas a mais facil na criação de typos femininos, fazia o nom. em *a*, accus. *am* (*hora horam*), casos que vieram a confundir-se pela quêda do *m* final.

2º, que os nossos maiores, assim como, por ignorancia, importaram do arabe e hebraico palavras no plural, julgando-as fórmãs do sing. (*cherubin, seraphim, etc.*<sup>1</sup>, tambem tomaram nomes neutros no plural por fórmãs do fem. sing.:— *animalia, insignia, folha, maravilha, etc.*

3º A 1ª declin. masc. attrahiu os nomes neutros em *um* da 2ª declin., e alguns da 3ª e 4ª (*panis, fructus, dies*).

4º Os nomes da 2ª declin. masc. nom. em *us*, accus. em *um*, confundiram por fim esses casos pela quêda do *s* e *m*, caracteristicos do nom. e accus. *Servu servum*, soavam *servu* (servo).

5º Em muitas palavras latinas da 3ª decl., em algumas de *themas* e *desinencias* differentes, houve deslocação do *accento* no accus.:— *ratio ratiónem, sénior seniórem, imperátor imperatórem*.

O portuguez ou conservou apenas o caso regimen, principalmente nos nomes em *eo* (*io*),

<sup>1</sup> Ling. hebr.—*cherubs, seraphs*.

*onis*:— *razão, senhor, imperador, lição* (lectionem), *leão* (leonem), etc., ou ambos elles distinctos:— *préste presbytero, ladro ladrão*.

Tambem derivam do caso regimen, os nomes de outras declinações terminados geralmente em *s* no nom. sing.:— *mors mortem* (morte), *virtus virtutem* (virtude).

O imparisyllabismo (isto é, a differença no numero de syllabas entre o nom. e o accus.) mais pertence á 2ª declinação.

4.— Acompanhemos agora os casos latinos.<sup>1</sup>

1º NOMINATIVO.— A característica do caso sujeito era o suffixo originario *s*, perdido em muitissimos vocabulos latinos (*hora, pater, puer*, etc.), e cujo desapparecimento mais cresceu de ponto na linguagem popular de Roma, facto este a que por vezes nos hemos referido.

D'esse expoente do nominativo ainda conservamos vestigios em algumas palavras:— *calis* (*caliz, calix e calice*) = lat. *calix, Deus, Jesus, sages* (seculo XIV), *simples* (*simplez, simprez e simplice*), e muitos onomasticos de origem literaria:— *Marcos, Lucas, Venus, Ceres, Moysés, Isaias, Matheus, Boreas, Iris*.

2º GENITIVO.— São poucos os vestigios morphicos, o que não é para causar extranheza desde que reflectirmos já no latim era esse caso de uso pouco frequente, por ter sido sup-

<sup>1</sup> V. Monographia Lam. de Andrade — V. da decl. lat.

plantado desde o periodo classico pelo ablativo com a preposição *de*:

|                      |                       |
|----------------------|-----------------------|
| <i>aqueducto</i>     | aquæ ductus           |
| <i>viaducto</i>      | viæ ductus (f. port.) |
| <i>condestavel</i>   | comes stabuli         |
| <i>jurisconsulto</i> | juris-consultus       |
| <i>legislação</i>    | legis lationem        |
| <i>petroleo</i>      | petræ oleum           |
| <i>terremoto</i>     | terræ motus           |

D'estes, só *condestavel* (*conde-stable*, seculo XIV, *condestabre*, seculo XV) é de origem popular.

3º DATIVO.— Poucos exemplos podemos res-pigar d'este caso, que — conforme pondera Sch-leicher — já no latim a sua flexão organica era imperfeita pela confusão com o locativo, gen., ablat. e instrumental.

|                      |                          |
|----------------------|--------------------------|
| <i>Crucifixo</i>     | cruci fixus              |
| <i>Fideicommisso</i> | fidei commissus (f. er.) |

4º ACCUSATIVO.— Era a fórmula mais primitiva da declinação,<sup>1</sup> mas foi tambem a que mais cedo desapareceu, em consequencia da perda da consoante característica, que deu em re-

<sup>1</sup> O nominativo parece — no conceito de alguns glottologos — ter sido «addição posterior á declinação nominal»; e o accusativo ou caso complementar «fôrma primitiva do nome.» Exemplos d'esta hypothese encontram-se nas linguas arianas e semiticas (sansk., grego, latim, gothico...), e ainda na linguaem infantil — *Nené quer, Carlos não quer, p. eu quero.*

sultado a sua confusão com o nominativo. «Nos docs. em latim lusitano dos seculos XIII-X, o accus. já não tinha valor casual.»

*Morcego*  
homem

*murs cæcus*  
hominem

5° VOCATIVO.— *Avemaria* = Ave Maria.

6° ABLATIVO.— Era o caso de maior emprego no latim, principalmente depois da perda do locativo e do instrumental; e sendo o que mais relações representava, foi-lhe necessario o auxilio de certas preposições.<sup>1</sup>

Talvez, por isso mesmo, tão raros são os seus vestigios morphicos conservados em portuguez na formação do substantivo: *amanuense* = *a manu ensis*, *hontem* (ante hodie).

5. — **Adjectivos.** — Tambem resumem-se no nom. e accus. os casos de que conservaram vestigios os adj. portuguezes.

Foram estes os conservados pelo latim popular quando — depois de se terem simplificado as duas declinações distinctas, uma em *us*<sup>2</sup> e outra em *is*,<sup>3</sup> — aquelles adjectivos da 2ª classe

<sup>1</sup> J. F. de Castilho affirma que de cada grupo de palavras, nove descendem do ablativo, e que em uma pagina de Cicero verificou que dous terços dos subst. e adj., estavam no ablativo.

<sup>2</sup> Que comprehendia os adjectivos que só differiam pelo nom. sing. masc. em *er*, accus. em *em*.

<sup>3</sup> A esta classe pertenciam adjs. analogos a *prudens* e *celeber*, que só divergiam no nominativo e vocativo.

em *er* (accus. em — *em*) assimilaram-se por analogia aos da 1ª classe em *er* (accus. em — *um*), e emparelhou-os por fim aos adjectivos em *us*. Assim, *niger* (accus. *nigrem*), *fortis* (accus. *fortem*), *prudens* (accus. *prudentem*), *celeber* (accus. *celebrem*), *acer* (accus. *acrum* por *acrem*, d'onde *acre*, *acro*), foram considerados de 1ª classe e declinados por *bonus*.

Só restaram, pois, duas declinações distintas, uma das quaes — a 2ª — não tinha forma para o feminino. E d'estas duas declinações conservamos vestígios em *bom boa* (= *bonus*, a), *mão má* (*malus*, a), *negro negra* (*niger*, *nigrem*).

Do *genitivo*, são raras as amostras.

O *accusativo* é a principal origem dos nomes adjectivos imparisyllabicos. Ex.: *feliz*, arch. *felice* = *felice* (m), *atroz*, arch. *atroce* = *atroce* (m), *traidor* tradito-r (e) (m), *amavel*, arch. *amabile* = *amabil e* (m), *prudente* = *prudente* (m), *acre* = *acre-m*...

Conserva, pois, o portuguez vestígios da declinação latina. Houve, porém, na lingua falada uma declinação embryonaria portugueza, ainda que de dous casos como a do francez antigo?

D'ella não encontramos vestígios seguros.

A verdade é que o Romano conservou a distincção dos casos, sujeito e regimen, e a flexão do sing. e do plural. O caso sujeito era, em geral, tirado do nom.; o regimen, do

accus. E nós temos palavras derivadas dos dous casos distintamente.

|                           |  |
|---------------------------|--|
| <i>serpe</i> — serpens    | <i>serpente</i> — serpentem                          |
| <i>chantre</i> — cântor   | <i>cantor</i> — cantorem                             |
| <i>preste</i> — présbyter | <i>presbytero</i> — presbyterum                      |
| <i>frey</i> — frater      | <i>frade</i> — fratrem                               |
| <i>mã</i> — mater         | <i>madre</i> — matrem                                |
| <i>paí</i> — pater        | <i>padre</i> — patrem                                |
| <i>senior</i> — sénior    | <i>senhor</i> — seniorem                             |
| <i>compãno</i> — companus | <i>companhão</i> <i>companheiro</i> —<br>companionem |
| <i>ladro</i> — latro      | <i>ladrão</i> — latronem                             |
| <i>virgo</i> — virgo      | <i>virgem</i> — virginem                             |

*Bem, ren, sem, sen, trom, com* (C. V., Canc. do Fig.), etc. Serão estes os duplos vestígios de uma antiga declinação portugueza? Não ousamos asseverar.

## CAPITULO II

### FLEXÕES NOMINAES

#### a) Do substantivo

**Genero** é a distincção grammatical; sexo, a distincção natural.

1. — **Dos generos.** A propriedade do substantivo de indicar o GENERO, foi sempre caprichosa; e a arbitrariedade salta immediatamente aos olhos dos que comparam o grego com o latim, este com o portuguez, o portuguez com o francez, inglez ou allemão, etc.

Em todas essas linguas o neutro logico e o neutro grammatical nem sempre se correspondem: em grego e em latim, por exemplo, os nomes de mulheres têm muitas vezes terminações masculinas—*Plokion* (fôrma diminutiva de *plókos*), *mea Glycerium* (Ter. *Andria*); *mea Silenium* (P.), em allemão—mulher é do genero neutro (*das Weib*), a lua masc. (*der Mond*) o sol é feminino (*die Sonne*), etc.

« Gregos e Latinos empregavam geralmente o genero como um simples signal grammatical, pois que milhares de nomes de *cousas* são em ambas essas linguas do genero masculino e feminino, ao passo que nomes de *seres* são em muitos casos designados por palavras do genero neutro. O genero grammatical não era essencialmente indicador do *sexo*. O adjectivo neutro *tó Theion* em grego é empregado absolutamente por Herodoto e Eschylo para exprimir o Ser ou a essência Divina. »

2.—O latim tinha tres generos—*masculino*, *feminino* e *neutro*; o portuguez só conservou os dous primeiros, posto que do ultimo ainda lhe restem muitos vestigios morphologicos.

Já no conceito de J. de Barros—*aquillo, algo, isto, isso, outrem* (arch. *al.*) eram fôrmas do gen. neutro; Diez (*Gram. der Rom. Sprachen*) é tambem de parecer que sempre que esses adjectivos preencherem as funcções de um substantivo e vierem empregados como predicados de um nome neutro ou de uma phrase inteira, devem ser considerados do genero neutro. Bergmann afirma que as fôrmas substantivas—o *verdadeiro* (*verum*), o *bello* (*pulchrum*), o *bom* (*bonum*), etc., são verdadeiros typos do genero neutro, que « por estar *logicamente* especializado não tem mais fôrma *exterior* especial nem diferente da do masculino. »

3.—Os Romanos perderam muito cedo o sentimento do verdadeiro emprego do *neutro*, a

idéa da sua utilidade, e supprimiram-lhe a fórma grammatical, ou antes, transformaram-na no masculino. Esta arbitrariedade, assignalada como de frequente uso na época imperial, encontra-se a miudo nas inscrições (*templus, membrus, brachius...* por *templum, membrum, brachium...*), e mais tarde — por occasião da quêda do imperio, e por motivo da analogia — a fórma neutra em *a* do plural (*folia, vela, festa, pira, poema...* de *folium, velum, festum, etc.*) foi considerada nom. sing. fem. da primeira declinação.

4. — Os nomes neutros, pois, passaram para o portuguez, e mais linguas romanas, ora no masculino, ora no feminino: *labio* (labrum), *ouro* (aurum), *alho* (allium), *seculo* (seculum), *vidro* (vitrum), *estudo* (studium)... *obra* (opera), *folha* (folia), *festa* (festa), *vela* (vela)...

Estes ultimos, femininos, do nom. pl. dos nomes neutros.

5. — Na linguagem popular dos primeiros seculos havia tambem modos de dizer, que lembravam as fórmas neutras primitivas, e d'ellas ainda são algumas usadas hodiernamente, como, por exemplo — *escapou de boa, fel-a boa*. Nestas phrases não ha ellipse de substantivo, o feminino representa simplesmente uma fórma neutra.

6. — Muitos nomes de fructos são femininos em portuguez, mas derivados do neutro latino — *pera* (pirum), *cereja* (ceraseum). Em docs. do seculo XIV encontram-se as fórmas *pomas* e *legumas* (legumilhas), vestigios tão evidentes do

neut

For.

(secu

7

recon

tugu

palav

do g

para

gem

excep

alluv

que

das

nero

logio

hem

soire

enci

quer

port

depe

valh

um s

neutro, como *penhora*, arch. *pindra* (seculo XIII, *For. Cast. Rod*), e *animalha animalia alimaria* (seculo XIV, *Rg. S. B.*)

7.— Os substantivos portuguezes, em regra, reconhecem tres origens :

1ª LATINA.— Neste caso os vocabulos portuguezes conservam geralmente o genero das palavras latinas, com excepção dos que derivam do genero neutro, que— como vimos— passam para o masculino ou feminino.

2ª PORTUGUEZA.— Os vocabulos d'esta origem têm o genero indicado pelo suffixo. Ha excepções, como, por exemplo— *abusão*, *aleijão*, *alluvião*, que são femininos.

Nos compostos, é a fórma de composição que determina o genero.

3ª ESTRANGEIRA.— As palavras importadas das varias linguas estrangeiras conservam o genero das de que se originam, ou genero analogico (*um vagão*, *um trenó*, *o whist*, *a tanga*, *a hemicrania*, *um chope* (all. *schoppen*, masc.), *uma soirée*,<sup>1</sup> etc.

8.— Mas, em consequencia de varias influencias, muitos vocabulos mudaram de genero, quer na passagem do latim ou grego para o portuguez, quer mesmo— uma ou mais vezes— depois de já pertencerem ao nosso lexico. *Carvalho*, *cedro*, *roble*, as letras do alfabeto, etc.,

<sup>1</sup> *Soirée* é um dos enxovalhos da nossa lingua— diga-se— *um saráo*.

eram do genero feminino em latim; *cataplasma* era masc. em grego; ainda nos seculos XVI, XVII e XVIII — *pyramide, amethysta, safira* (ametisto, safiro), *hyperbole, catastrophe, alleluia, bagagem, base, coragem, homenagem, linhagem, origem, decadencia, epigraphe, anecdota...* eram masculinos, e *epiphonema, enthimema, fim*,<sup>1</sup> *grude, cometa, planeta, echo, stratagema, mappa, synodo...* eram do genero feminino.

9.—Nos classicos antigos não é raro topar-se de olhos, em um mesmo escripto, ás vezes em uma mesma pagina, com um nome ora no masculino, ora no feminino:—*catastrophe, metamorphose, phantasma, hyperbole, torrente, espinho* (espinha), *tribu*, etc. (Vieira, etc.)

Em *personagem* (masculino e feminino) conservamos ainda mostra d'essa lucta travada entre a tradição e a etymologia, e que por tempo dilatado empeceu a prioridade e fixação do genero. Só nas ultimas decadas do seculo passado é que foram grammaticos e eruditos fixando a regra, esteiados na etymologia. —

10.—Alguns nomes, por influencia erudita, retomaram o genero etymologico, dissemos nós acima; mas ás vezes perderam-no novamente: *labor, echo, arvore, base, diadema, syncope, apostema, aneurisma* e outros muitos.

11.—Já vimos que á mudança de genero

<sup>1</sup> A devida *fym*, as quatro *fys*, sua *fm* (seculo XV, XVI —L. cons. 7. 30; B. Rib., 247).

corresponde muitas vezes a do sentido do vocabulo:

|   |  |
|---|--|
| <i>uma guia</i> — coisa que serve para guiar, etc.            | <i>um guia</i> — conductor.            |
| <i>uma guarda</i> — acção de guardar, corpo de soldados, etc. | <i>um guarda</i> — guardador, soldado. |
| <i>uma lingua</i> — orgão da boca, idioma.                    | <i>um lingua</i> — interprete.         |
| <i>uma banana</i> — fructo.                                   | <i>um banana</i> — homem fraco.        |
| <i>preguiça</i> — negligencia.                                | <i>um preguiça</i> — preguiçoso.       |

Estes substantivos—originariamente femininos—são, em geral, nomes de cousas, principalmente abstractas, que por metonymia se applicam ás pessoas (homens), e têm no masculino sentido concreto.

12.—Os generos dos nomes distinguem-se pelo *sentido* e pela *fôrma*. O dos nomes derivados, só pela *fôrma*.

13.—Pela *significação* ou pelo *sentido* Depois de algumas vacillações, são:

*Masculinos*.—Os nomes de homens e animaes machos, rios, montes e montanhas, cadêas de montanhas, empregadas no singular e no plural (Caucaso, Parnaso e Apeninos, os Pyreneos, os Balkans, os Alpes); os de metaes (raras excepções), mezes, ventos; os pontos cardaes, povos, sertões, letras do alphabeto (em lat. do gen. fem. e tambem do neutro); os algarismos, as estações (excep. a *primavera*); os

novos pesos e medidas (ant. eram do genero feminino — uma *vara, braça, legua, arroba, quarta...*) e qualquer palavra empregada substantivamente: — *um porque, um fá, um lá* (notas de musica).

*Femininos.*— Os nomes de mulheres e animaes femeas; a maior parte dos nomes de arvores (fructiferas), regiões, cidades, ilhas, aldeas, villas, serras; virtudes, a maior parte dos nomes de vicios, os dos peccados conhecidos por capitaes; sciencias e artes; quasi todas as festas do anno (excep. *Pentecoste, Natal, Carnaval*), os dias da semana (por causa da sua composição, e com excepção de *Sabbado e Domingo*), os nomes de cousas abstractas.

Os nomes de pedras preciosas são masc. ou fem. conforme a terminação — *uma safira, uma amethysta, um topazio, jacintho, rubi...*

Os nomes de *arvores*, femininos, distinguem-se pela desinencia feminina. São muitas as excepções: alguns arbustos, e o *Carvalho, Roble, Pinheiro, Cedro, Jequitibá, o Jacarandá...*<sup>1</sup> A parte utilisavel da arvore ou planta é, em geral, do genero masculino: — *páo, fructo, balsamo...*

Quanto aos nomes de paizes e cidades, muitas são as excepções; ora decidiu a etymologia, ora a tradição, ora o capricho, ora a terminação: — O *Hellesponto, o Peloponeso, o*

<sup>1</sup> No latim só havia um nome de arvore masculino — *Oleaster*.

*Bos,*  
*Fran*  
*xico,*  
*culo*  
— *u*

Freir

— *co*  
*atten*  
*rio,*  
*porq*  
*eram*

E  
matic

resp  
de c

gene  
dos

em  
neut  
os n  
por

4  
go (p  
latim  
E  
P  
{Lus.

*Bosphoro, o Ponto, a Bahia, a Inglaterra, a França, a Russia, o Ceará, o Hanover, o Mexico, o Brasil, o Cairo, o Havre...* Até o século XVI reinava grande confusão neste ponto: — *um Londres, o Diu, o Ormuz, etc.* (Leão, Freire, C. Real, Gamões...)

A analyse explica estas regras, que têm — como vimos — muitas excepções. Deve-se attender ao nome que se subentende — *mez, rio, monte, ilha, etc.* Os ventos são masculinos porque representavam a força irresistivel, e eram considerados deuses.

Em todas essas regras, o portuguez acompanhou a grammatica latina.

14.— *Do genero pela fórma.* As flexões correspondentes ao genero dos substantivos são de origem latina:

A—Os nomes terminados em *a* são do genero *fem.* porque se originam, em geral, dos latinos da primeira declinação em — *a*.

Exceptuam-se os que já eram masculinos em latim ou pertenciam á terceira declinação neutra:—*incola, cometa, planeta, poema...*<sup>1</sup> que os nossos maiores arrolavam no genero feminino por se guiarem sómente pela terminação.

<sup>1</sup> *Cometa, planeta, poema, diadema, etc.*, vieram-nos do grego (*planetes, cometes, poiema, diádema*), mas por intermedio do latim *planeta, cometa, diadema, poema...*

Em *diadema* houve deslocação do accento grego.

*Planetas erradas, outras planetas* (C. Vat. 931), Camões (*Lus. V. 24*— século XVI).

E no portuguez antigo, pela analogia eram femininos *cometa, planeta* (Camões), *fim* (cp. *ala-fim, clima* (Barros, etc...))

Os nomes acabados em *a* agudo (com excepção de *pá, mandá*, unicos de origem latina — *pá* (l) *a, manna*, são do genero masculino. Os outros são de origem oriental, indigena ou africana — *chá, shá... tupá, maracá*.

E—Os substantivos em *e* procedem geralmente da terceira declinação latina, e consequentemente uns são *masc.* (*limite, dente, pente, lume, leite...*) — outros *fem.* (*febre, noite, fome, neve...*) São masculinos não só os formados da terceira declinação neutra, mas tambem os de origem não latina: — *beque, leque, bule, bote, açude...*

1º Muitos d'aquelles nomes terminavam em *o* no portuguez: — *deleito, appetito, Alexandro*. São restos d'essa oscillação graphica — *alcanço* a par de *alcançe, moto* paralelo a *mote*, etc.

2º *E* agudo desinencial, a não ser vestigio da palavra originaria (*café* = ar. *Kahweh, almotacé, ralé, maré...*), indica uma contração — *fé* (ant. *fee* = lat. *fi-d-em*), *sé* (ant. *see*, contr. de *seede, sede* = lat. *sedes...*)

O — São *masc.* os substantivos acabados em *o*, derivados da 2ª ou 4ª decl. *masc.* em — *us* ou neutra em *um* (*mun-do, anno, servo, fructo...* = lat. *mundus, annus, servus, fructus; reino, templo, seculo, segredo...* = *regnum, templum, seculum, secretum*).

Os de derivação estranha terminados em *o* grave, seguem a mesma regra; e bem assim os acabados em *o* agudo, de qualquer origem (*zoró*, *pó*, *teiró*, *quiproquó*, *covocó*). Except. — *avó*, *dó*, *mó*, *enxó*, que são femininos.

E mui etymologicamente. *Avó* representa mulher; *dó* é contracção de *dolor*, *dór*; *mó* = lat. *mola*. — *Filhó* era masc., como se vê do proverbio popular — *não é por ahí que vae o gato aos filhós*.

**U** — Os terminados nesta vogal, sejam quaes forem suas origens, são *masc.*, porque seguem a regra latina, thema em — *u* (*masc.* — *us*, neutros — *um*).

Exceptua-se *tribu*, que é hoje feminino. O vocabulo latino era *masc.* (*tribus*), e até o seculo XVII tambem assim o consideravam alguns classicos.

Depois de voltar ao genero etymologico, venceu na lucta (que lucta houve entre os dous generos) o capricho do acaso.

**Adé** — São *fem.* quando tiram origem nos nomes latinos da 3<sup>a</sup> declin. nom. em — *as*: *bondade* (*bon-i-tatem*, nom. *bonitas*),  *piedade* (*pie-tatem*, nom. *pietas*),  *felicidade* (*felicitem*, nom. *felicitas*), porque exprimem idéas abstractas.

Except., e mui naturalmente: — *abbade* (lat. *abbatem*),  *frade* (*frater*).

**Agem, igem, ugem** — Os derivados do latim são femininos, porque formaram-se da 3<sup>a</sup>

decl. lat., nom. em — *ago*, que também são femininos; e por analogia os de origem portuguesa ou peregrina: — *imagem* (lat. *imaginem*, nom. *imago*), *vertigem* (lat. *vertiginem*, nom. *vertigo*), *ferrugem*, *lambugem*, *plumagem*, etc.

Exceptuam-se — *pagem*, *selvagem*, que também eram masc. em latim (lat. barb. *pagium*, *selvati-cum*).

Do seculo XIV ao XVII, os nomes em — *agem* eram geralmente masc. — *um imagem*, *um viagem*, *seu linhagem*. E ainda hoje *personagem* pôde ser masc. ou fem.

**Aõ** — São *masc.*, quer se derivem do accus. sing. da 3ª decl. masc. em — *o*: *sabão* = saponem (nom. *sapo*), *sermão* = sermonem (nom. *sermo*), *pulmão* = pulmonem (nom. *pulmo*), *bordão* = burdonem (nom. *burdo*)...; do masc. em — *anus*, *christão* = christianus (port. arch. *christiano*), *cidadão*, *capitão*, *escrivão*... ou de qualquer decl. lat. do genero neutro; quer tenham origem não latina, e ainda quando a terminação indica augmentativo: — *limão*, *trovão*... *portão*, *carão*.

*Cordão* é diminutivo de *corda*.

**Excepções.** — São femininos os subst. que derivam do caso regimen dos nomes abstractos em — *io* ou *do* da 3ª decl. lat., porque já eram d'esse genero: *religião* = religionem (nom. *religio*), *lição* = lectionem (nom. *lectio*), *servidão* = servitudinem (nom. *servitudo*), *solidão* = solitu-

dinem (nom. *solitudo*), — e *abusão, aleijão, aluvião*.

**Em, im, om, um** — São *masc.*, excepto *ordem* e *nuvem*. Derivam do caso regimen dos subst. latinos da declinação em — *o*: — *homem* = *hominem* (nom. *homo*).

*Ordo, inis*, accus. *ordinem*, era *masc.* e bem assim *nubes*, accus. *nubem*, fôrma collateral ante-classica de *nubis, is*.

*Rem*, era *fem.*, de accôrdo com a fôrma originaria latina (*res, rei*): — *pero direy-vos ant'unha rem* (C. V.)

**En** — Os acabados em *en* são *masc.*, pois correspondem aos latinos, nom. — *en*, que são *masc.* ou neutros: — *dictamen, certamen*,<sup>1</sup> *regimen, germen*.

**Ie** — São do gen. *fem.* porque trazem seu principio da 5ª decl. lat. em — *es*, que tambem é feminina: — *effigie, especie, serie, superficie*.

**Or** — Em regra, são *masc.*, á semelhança dos correspondentes latinos de que procedem.

Excep. — *flôr, côr, dôr* = port. ant. — *folor, color, dolor*, contr. em *coor, door*. No latim, *flos, color, dolor*, eram, porém, do genero masculino, conservado no hesp. *color* e *dolor*.

Até o seculo XVI só tinham uma fôrma — *mha* (mia) *senhor, senhor fremosa, outras tres pastores* (seculo XIII c. v.), *ella era confortador, mulher peccador, minha ajudador* (Rom. XI).

<sup>1</sup> Mais modernamente — *dictame, certame*.

Z—Os substantivos terminados nesta letra derivam: 1º, dos nomes latinos em *x*, que são femininos: *paz* = *pacem* (nom. *pax*), *cruz* = *cruce* (nom. *crux*), *luz* = *lucem* (nom. *lux*), *voz* = *vocem* (nom. *vox*); 2º, do caso regimen dos subst. da 3ª decl. latina nom. em *-as*, os quaes tambem são femininos: — *solidez*, *nudez*, *placidez*...

Except. — *gaz*, *arnez*, *mez*, *giz*, *obuz*, *cadoz*, *matriz*, *nariz*, *arcabuz*, *capuz*, *alcatruz*, *lapuz*, que são masculinos.

15. — Alguns substantivos que exprimem cousas sem sexo, têm todavia uma fôrma masculina e outra feminina, servindo esta para indicar o mesmo objecto mais amplo, largo ou dilatado: — *bacio* *bacia*, *gigo* *giga*, *jarro* *jarra*, *cesto* *cesta*, *barco* *barca*... Neste caso ainda o feminino exprime o genero, o todo; o masc., a especie, bem caracterisada (o *pendulo* é parte da *pendula*).

16. — Às vezes o masculino exprime a cousa simplesmente, e a fôrma feminina acrescenta-lhe idéa de collectividade: — *marujo* *maruja*, *grito* *grita*.

17. — Ha nomes de pessoas e de animaes que têm femininos correspondentes anomaes: — *poeta* *poetiza*, *cavallo* *egua*... A explicação d'essas fôrmas femininas dá-nos a etymologia (lat. *poetria*, de or. estrang. fem. de *poeta*; *egua*...), *czar* *czarina*, *abbadessa*, *archiduque*-

*za*, *sacerdotiza*, *rapariga* (ant. *rapaza*), *prophe-  
tiza* (=lat. *prophetissa*).

18. — Temos ainda os nomes *epicenos* e os *communis de dous*. Aquelles, debaixo de uma só forma, designam animaes dos dous sexos: — *tigre*, *onça*, *jaguar*, *tatú*, *cegonha*... Determina-se-lhes o genero pospondo ao substantivo o adjectivo *macho* ou *femea* (uma onça *macho*). Este processo (adoptado pelo inglez), tambem já era usual no latim — *vulpes mascula*. Plin., *porcus femina*. Cic.

Dos *communis de dous*, são exemplos — *doente*, *martyr*, etc. *Infante* faz *infanta*, posto que nos classicos mais se encontre *a infante*.

### b) Flexão numeral

O portuguez tem dous numeros — *singular* e *plural*, como em latim. O *dual* não lh'o podia elle legar, que muito cedo perdeu-o, ao envez do grego e do hebraico, que sempre o conservaram.

No latim as unicas fórmulas de dual são *ambo* e *duo*, que são tambem no portuguez os unicos vestigios d'essa primeira concepção da pluralidade.

19. — O *s* é a nossa característica do plural desde a origem da lingua. Representa o plural

do accusativo latino, caso que o portuguez mais tomou para typo geral dos substantivos; e nas cinco declinações latinas o accusativo termina em *s*, com excepção dos neutros.

Alguns glottologos consideram essa sibilante um equivalente da preposição sansk. *sam*, *sahá*, ou do *s* do nom. e gen. sing.—A 1ª hypothese é insustentavel, porque «o dual não é uma simplificação das fôrmas do plural; a 2ª, porque «os nominativos da 2ª decl. latina e grega, e os neutros em *i* e *u* do sansk. não encerram o menor vestigiõ de sibilante originaria.»

20.—Os nomes substantivos seguem, na formação do plural, as regras latinas.

1º—*Nomes abstractos*.—Os nossos grammaticos condemnam, no portuguez, o emprego do plural dos nomes abstractos. Não obstante, é elle vulgar em escriptores classicos e de boa nota desde o seculo XVI: — *negruras, soberbas, silencios, embriaguezes, pobrezaes, etc. Tomarão os calices e vasos sagrados, applical-os-hão a suas nefandas embriaguezes* (Vieira, 3, 486), *Deus aborrece avarezas, a alma assaltada de ambições e invejas*.

Quando esses nomes vierem considerados individualmente, devemos consideral-os defectivos no plural (*a fê divina, a fê catholica*); mas são susceptiveis d'essa flexão quando as qualidades por elles expressas forem tomadas pelos actos a ellas inherentes, e em suas diversas manifestações (*ha tres fês e creneas distinctas*).

Em latim eram muitos os substantivos abstractos, com plural consagrado pelo uso — *vitæ, superbix, nobilitates* . . .

2º — *Nomes proprios*. — Em latim eram elles empregados no plural (*Cicerones, Varrones, Metelli, Marones* . . .); só no seculo XVI é que no portuguez apparecem os primeiros exemplos.

Os nossos grammaticos (mesmo os de mais alto valor) sentenciam esse emprego do plural, a menos que «os nomes não sejam tomados figuradamente para significar individuos da mesma classe.» (Ex. : *os Osorios*, isto é, os generaes esforçados como Osorio).<sup>4</sup>

Por boa logica desaceitamos a regra estabelecida, e temos em nosso apoio a tradição materna e os escriptos dos mestres. Quando dizemos *os Andradas, os Mellos, os Braganças*, é claro que nos referimos a duas ou mais pessoas distinctas, do mesmo nome, de uma mesma familia. Considerar taes nomes logicamente no plural, e negar-lhes a caracteristica flexional, é cair em erro. Assim, pois, diremos: *dous Pedros reinaram no Brasil*; e, com um classico moderno: — *a obra impavida dos Albuquerque, dos Castros e dos Almeidas*.

É que estes nomes proprios tornam-se communs, como aconteceu innumeradas vezes — *dedalos, harpagões, macadam, mentor, tartufo* . . .

<sup>4</sup> Por *emphase*: — Os *Andradas* distinguiram-se na politica; *antonomasia* — os *Shakspeares e Byrons* são raros; *metonymia* — os *Rubens, os Ticianos* (os quadros, etc., de . . .)

*champagne, cognac, bordeaux, gruyère, elzevir, um terra nova, galgo* (cão da Gallia), *gozo* (cão godo), *perro* (cão párria, *pariah*).<sup>1</sup>

21.— São de formação anomala os seguintes :

1º— Os terminados em *al, el, il* (oxytono e paroxytono), *ol, ul*, formaram o plural no portuguez antigo e médio mui regularmente:— *cales, corales, arreboles, aniles*. D'estas fórmãs, regularmente contrahidas pela quêda da consoante média, — originaram-se as actuaes — *coraes, arreboés, anis, fosseis, tafues*.

Figuram ainda como amostras da flexão primitiva — *males, consules, curules, reales*.

2º— Dos nomes acabados em *s*, só *Deus* toma signal de plural quando nos referimos aos do paganismo. Das antigas fórmãs regulares — *alfereses* (Cam. Lus. 4, 27), *arraeses, caeses, ouriveses*, etc. (as variantes *orises e origes*)<sup>2</sup> não temos amostras: *simples* (droga), *calis* (calix) e os adj. *duplex, index, codex, appendix* não constituem excepção á regra, pois formaram o plural regularmente dos typos parallellos *simplice, calice, duplice, indice, codice, appendice*.

3º— Os substantivos em *ão* fazem o plural em *ãos, ães, ões*, conforme se derivam de vocabulos latinos em *anus, anes* (anis) ou *ião*, accus. *onem*: — *Christiano, christão* = lat. *Chris-*

<sup>1</sup> Sansk. *para* (fóra de) T. *pareyer, parriar*; ind. *pahariya*. *Pariah dogs* = native dogs which have master and home.

<sup>2</sup> « Ourirezes e escultores » (Garcia de Rezende).

*tianus* — *christãos* (christianos), *cão* = lat. *canis* (por canes) — *cães* (canes), *legião* = *legionem* (por legiones) — *legiões* (legiones).

Até o seculo XV eram duas as fórmulas do sing. — *am* (*pam*, *cam*), cujo plural era em *ães*; e *om* (*educaçom*, *liçom*), que fazia o plural em *ões*.

Houve lucta a principio entre as tres fórmulas do plural, e muitas vacillações (seculos XVI e XVII). A prova temos nos pluraes biformes ainda hoje existentes:

|        |          |                   |
|--------|----------|-------------------|
| alão   | alões,   | alães.            |
| soldão | soldões, | soldães.          |
| aldeão | aldeãos, | aldeães, aldeões. |
| anão   | anãos,   | anães, anões.     |
| vulcão | vulcãos, | vulcães, vulcões. |

Os que se não originam do latim, formam o plural em *ões*, desinencia a que sempre mais se affeioou o povo: — *botões* (or. germ.), *límões* (or. ar.), *vagões* (=ing. *wagons*).

22. — *Nomes defectivos em numero.* — Podem ser defectivos no sing. ou no plural; concretos, abstractos ou collectivos.

1º — *Defectivos no plural.* a) Os nomes de sciencias e artes só se empregam no singular quando tomados individualmente. Já se abriu excepção para as *mathematicas*.

b) Os nomes de metaes só têm plural quando exprimem objectos d'elles fabricados;

—quando significam objectos que tiram o nome da materia de que são feitos (*os ouros, as pratas, os ferros, os bronzes, os nickeis*).

c) Os de cereaes, productos animaes e vegetaes, pluralisam-se em linguagem commercial, quando se quer especificar as varias especies ou qualidades, ou quando exprimem objectos cujos nomes são tirados da materia de que são feitos:—*assucares, trigos, favas, ervilhas, sedas, linhas, cimentos*.

Os antigos escreviam—*meles e meis, ar-rozes, azeites, leites*.

d) Os nomes de ventos usam-se no plural sómente quando estes reinam por tempo mais ou menos dilatado (*as brisas, os nord'estes*).

e) São ainda defectivos no plural os nomes *abstractos* (*fama, pudor, compaixão*), e os *collectivos* (*prole, plebe, vulgo*).

2º—*Defectivos no singular*. Tambem já os havia em latim, e o seu numero era muito mais crescido nos antigos escriptores portuguezes—*calças, ceroulas, tesouras, fauces, esgares, co-cegas, sementes, ventas, trevas*... Alguns, porém, já são empregados na fórma sing.—*calça, ce-roula, tesoura*.

*Alviçaras, arredores, ambages, andas, an-naes, calendas, confins* (limite), *escouvens, espon-saes, exequias, ferias* (vacacão), *lampas, laudes, lamures, matinas, manes, nonas, nupcias, ovens, penates, pareas, proceres, primicias, sevicias,*

*syrtis, trevas* (h. treva), *victualhas, viveres, elementos* (no sentido de principios ou fundamento de arte ou sciencia), os nomes dos *naipes, zelos* (ciumes), *visos* (ares), os nomes de povos collectivos — *Aborigenes, Romanos*; os de grupos de ilhas — *os Açores, as Canarias*.

Alguns defectivos em latim, têm ambos os numeros em port. — *vitrum, reliquix, arma, specimen*...

23. — Alguns nomes mudam de significação quando passam para o plural. A este facto de pathologia verbal já nos referimos em outro logar.

|  |   |
|--|---|
| <i>liberdade</i> — poder de agir ou não  | <i>liberdades</i> — atrevimentos        |
| <i>meninice</i> — idade tenra  | <i>meninices</i> — puerilidades         |
| <i>letra</i> — cada um dos caracteres do alphabeto                             | <i>letras</i> — literatura, sciencia    |
| <i>faculdade</i> — poder physico ou moral, que torna algum ente capaz de agir. | <i>faculdades</i> — disposições, meios. |

24. — Os nomes de origem estrangeira, ou mesmo latina, substantivados, fazem o plural segundo a regra geral — *adagio, dilettantes, alleluias, fac-similes, hurrahs, albuns, tenores, tramways, deficits, benedicites, imbroglios, tilburys, torys, misereres, amens, requiems, infolios, post-scriptums, Te-Deums*.

As vezes, tomámos a forma plural lat. pelo sing., e d'esse esquecimento etymologico re-

sultou a fôrma do plural em *s*:—*duplicatas, erratas.*

Adoptamos o plural inglez em *lady, ladies...*

### c) Gráo ou flexão gradativa

1.— **Gráo** é a flexão nominal, que augmenta ou diminue a idéa da palavra.

2.— São principaes suffixos **augmentativos**:—*ão, aço, az, azio, alho, alha, orio, astro, atro.*

**Aço,-a** (= lat. *ax*, acc. *acem*)—*senhoraço, ricaço.*

Ás vezes têm sentido pejorativo — *poetaço.*

Esta desinencia corrompe-se em *acho*: *populacho.*

**Alha** (= suff. *ALIA*). Tem sentido collectivo:—*gentalha, canalha.*

**Alho**:—*parvoalho.*

**Aão**:—*rapagão, espião, portão.*

Que indica maior intensidade, provam os seguintes exemplos:

|         |            |
|---------|------------|
| affecto | afeição    |
| dominio | dominação. |
| repulsa | repulsão   |
| perda   | perdição   |

Tem ás vezes sentido pejorativo:—*pobretão.*

**Elho,-a** (= suff. lat. *iculus*, *ic'lus*): — *azelho*, *francelho*, *fedelho* (pejor.)

**Éolo** (lat. *eolus*) — Forma erudita. Ex.: — *alvéolo*, *capreolo*.

**Az**: — *cartaz*, *montaraz*, *lobaz*, *Satanaz*, *ladravaz* (de ladro).

Às vezes tem sentido pejorativo — *dança-raz*, *machacaz*.

**Azio**: — *copazio*.

**Orio**: — *finorio*, *sabidorio*.

**Ona**: — fem. da desin. port. — *ão*: *mocetona*, *valentona*.

Sent. pej. — *sabichona*, *pobretona*.

Corresponde ao suff. — *aca* (ricaça).

Além d'estes — ainda temos os suffixos populares portuguezes — *arão* — *arrão* (*homenzarão*, *casarão*, *santarrão*), e algumas fórmulas anômalas, idiomáticas, geralmente de sentido deprimente (*cabeco-rra*, *amiga-lhão*, *frada-lhão*, *corpanzil*, *sabichão*).

Temos mais alguns augmentativos verbaes: *fujão*, *beberrão*, *chorão*...

**Astro** é de origem literaria: — *poetastro*.

3.— São do seculo XIII os seguintes: *estaturão*, *lampadões*, *cordões*, *calcões*, *cabrões*, *Alvão*, *gargantom*, *jaquetão*, *malvaz*, *pescas*, *vagando*, *viaráz*. (C. Vat).

4.— **Diminutivos**. — Os principaes suffixos diminutivos são:

**Acho:**—*riacho*.

**Ebre:**—Tem sentido pej.—Só nos resta um exemplo:—*casebre*.

**Eta, ete, óte, ôto.**—São suffixos romanos. Ex.:—*trombeta, costelleta, diabrete, capote, velhote, perdigoto*.

Os femininos correspondentes são — *êta, ôta, agem e ilha* (ilheta e ilhota, villota e villagem, mantilha, forquilha).

**Ejo:**—*logarejo, animalejo, quintalejo*. (É de sentido pejorativo).

**Ello,-a** (corr. lat. *ello, illa*):—*portello, viella*.

**El** (contr. de *elo*):—*cordel, fardel, canastrel*.

**Ico** (lat. *icus,-culus*):—*abanico, burrico, Joanico*.

Às vezes intercala um *s* euphonico:—*chovisco, pedrisco*.

**Iculo,-a** (lat. *iculus,-a*):—*monticulo, etc*.

**Ilho,-a** (suff. dim. port., de *iculo*, mas que também corresponde ao lat. *ilius, a*):—*cabrestilho, rastilho, vidrilho; mantilha, cartilha, partilha, serrilha*.

Corresponde a *inho*, e é mui crescido o numero de diminutivos em *ilho,-a*, formados de radicaes portuguezes.

**Ito,-a**:—*livrito, mosquito; mulherita, cabrita*. É uma differenciação do suffixo—*inho*.

**Im** (inus):—*espadim, flautim, tamborim.*

**Inho** (=lat. *inus*). É este o mais vulgar de todos os suffixos diminutivos da nossa lingua. Alguns diminutivos têm as duas fórmas — *inho, ino*, e ás vezes ainda — *ito, ico, ete, ejo*, etc.:—grão, *granito*; quintal—*quintalinho, quintalete, quintalejo*, etc.

Os nomes terminados em consoante, formam tambem os diminutivos em *zinho*—desde o seculo XII (principalmente os monosyllabos):—*flor, florica, florita, florinha, florzinha; quintal, quintalinho, quintalzinho; somsinho, dorzinha, corsinha*. Esta regra é absoluta quando a palavra thema acaba por voz livre (nasal ou diphthongo), ou é oxytona em voz livre pura:—*irmanzinha, grãozinho, cruzinha, nuzinho*.

No uso familiar, formamos diminutivos de diminutivos:—*pequeninha, pequerichinho*.

Candido Lusitano e outros verberam as fórmas *capinha, florinha, sapatinho...* por *capazinha, flórzinha, sapatozinho...* O uso consagrou essas fórmas, que datam do começo da lingua (seculos XII-XIII), e são empregadas por varios classicos, entre os quaes Manoel Bernardes, Camões, Castilho:

*Está o lascivo doce passarinho  
Com o biquinho as pennas ordenando  
.....  
a estas criancinhas tem respeito  
.....  
aos peitos os filhinhos apertavam.*

(Lus.)

Rezende (*Misc.*), ridicularizando as modas de seu tempo, diz:

Agora vêmos capinhas,  
muitos curtos pelotinhos,  
golphinhos e sapatinhos,  
fundas pequenas, mulinhas,  
gibõesinhos, barretinhos.

Muitas vezes o diminutivo exprime carinho: — *filhinho, maninho*; outras, — dó, interesse, compaixão: — *um pobrezinho*.

**Olo,-a**: — *bolinholo, sacola, portinhola, rapazola*.

**Olho,-a; ulho,-a** (lat. *culus,-a*): — É de origem erudita. Ex.: *ferrolho*.

Em muitos d'estes não existe no portuguez a palavra simples; ou as fórmulas diminutivas latinas passaram para as linguas romanas como primitivas: — *agulha acucl'a (agugla)*, dim. de *acus* = agulha; *apicula*, dim. de *apis* = abelha; *ovicula*, dim. de *ovis* = ovelha; *lentilha*, dim. de *lenta* = lentilha, etc.

**Ote**: — *velhote, rapazote*.

5. — São de derivação erudita — *olo, u'lo, eolo*: — *pellicula, granulo, capreolo*.

6. — A lingua portugueza é riquissima neste genero de derivação. O vocabulo primitivo póde ter significação graduada, desde o mais alto gráo até o mais infimo: — *mulher,-ona,-aça,-ão,-zinha,-ita,-ica*. . . E essa exuberancia levou-nos até a formar diminutivos anomaes, do mesmo

thema ou de thema diverso: — *canito, diabrete, casebre.*

Às vezes o nome feminino muda de genero no augmentativo ou no diminutivo: — *um mulherão, um portão; um espadim, um flautim.*

7.— Para os filhos dos animaes temos vocabulos proprios: *leãozinho, cachorro, lobozinho, lobinho, lobato, lobacho, pombozinho, bor-racho, ovelha borrego, boi bezerro, cavallo pol-dro, porco leitão, etc.*

8.— Os diminutivos da linguagem familiar e vulgar formam-se pela reduplicação ou pelo atrophiamento da palavra: — *mamãe, papae, titio, vovó, dindinho* (padrinho); *sór, só, seu* (!) = senhor; *sóra, sinhá, siá, sá* (Minas Geraes, Rio de Janeiro), *nhó, nhã* (S. Paulo), *nhonhô, nhanhã*, (R. J. etc.)

9.— Tambem têm fórmas diminutivas os nomes proprios, como já vimos: *Pedrinho Ped-roca, Anninha Nicota, Chico Chiquinho, Juca Zezé, Zé* (só em Portugal), *Lulu* (Luiz), *Mari-cas Maricota* (Maria), *Lota Lolota* (Carlota), *Manduca* (Manoel), etc.

10.— Aquí cumpre lembrar uma fórmula dimi-nutiva que, por pouco frequente, não deixa de ser graciosa.

É o emprego dos gerundios em diminutivo (*dormindinho*), que o nosso escriptor José de Alencar escreveu — *era um brasileirismo muito particular á provincia do Ceará.*

No hespanhol tambem é frequente essa fôrma diminutiva do participio presente, e, ainda accrescentado, no falado nas Republicas da America, e na Galliza (Saco Arce, *Gramm. gallega*). Em todos os poetas gallegos encontram-se essas fôrmas a exprimirem carinho:

Eu non lle quero dar bicos  
e solo me folgo en vel-o  
*dormindinõ* cal un anxel.

O visconde de Castilho, « por achar muito *gracioso* esse modo de dizer dos Hespanhoes », empregou-o nas falas de Titania a Oberon (*Sonho de uma noite de S. João*):

.... andamos muito manas  
*Passandito* a par naquellas indianas.

11. — São dos seculos XII e XIII os seguintes diminutivos:—*Feracim, Alvim, Celorico, Cerzeta, Eistel, Pedrozelas, Corneola, Alvelo, Meendinho, Pimentel, Bodinho, fremosinha, bayoninho, mocelinha, passarinho, pastorinha, vileco, marselinha, capeyrete, cabrito.* (P. Rib. *Diss. Crit. C. Vat.*)

## b) Do adjectivo

**Flexão de genero e numero.**— O adjectivo portuguez é tambem variavel como o latino.

Como já vimos, alguns adj. pronominaes têm tambem uma 3ª fôrma (neutro):

|         |         |                     |
|---------|---------|---------------------|
| este    | esta    | <i>isto</i>         |
| esse    | essa    | <i>isso</i>         |
| aquelle | aquella | <i>aquillo</i>      |
| algum   | alguma  | <i>algo</i>         |
| outro   | outra   | <i>outrem (al.)</i> |
| tudo    | toda    | <i>tudo</i>         |

12. — Na formação do feminino, seguiram os adjectivos exactamente as regras latinas.

1ª Os acabados em **o** e **u** formam o feminino em **a**, signal—já em latim—distinctivo d'esse genero:— *justo, -a; crú, -a* = lat. *justus, -a; crudus, -a*.

2ª Os em *ol* e *or* seguem a regra geral; alguns em *or* fazem o fem. em *iz*.

Eram, porém, defectivos em genero:— *mulher hespanhol, mulher amador, peccador honrador de Deus; minha senhor, a devedor, manceba morador em Lisboa, donas entendedores, letras conservadores...* (Canc. da Vat.—D. Diniz, Arraes, F. Lopes, J. de Barros, Jorge Ferreira, etc.) Estes adj. portuguezes derivam do caso regimen latino.

Desde o seculo XV é manifesta a tendencia para o desaparecimento d'esses typos defectivos em genero.

Só no seculo XVII é que se fixaram as regras dos adjectivos em *ol* e *or*, ajustando-se pela regra geral (em *a*).<sup>1</sup>

O latim tinha a flexão—*trix* (*tr-ic, tr-ic-i*), para o fem. dos nomes em—*tor* (*actor actrix, peccator peccatrix, amator amatrix...*) Nós só conservamos fidelidade á tradição em *actrix, embaixatriz, imperatriz, directrix*. Este ultimo, porém, tem significação especial, e não mais se emprega para indicar o feminino de *director* (directora).

Todos esses adjectivos em *or* são hoje considerados substantivos ou adjectivos substantivados.

3ª Os terminados no diphthongo **eu** (eo) fazem o fem. em—**éa**, segundo o molde latino:— *européu européa, plebeu plebéa, hebreu hebréa*.

<sup>1</sup> J. de Barros ainda recommenda na sua *grammatica* (1532), que «o nome conveniente a mulher e homem será commum de dous», como *autor, devedor*, etc.

Except.—*judeu, sandeu*, que fazem — *judia, sandia*, e os possessivos *meu, teu, seu*, que fazem — *minha, tua, sua*.<sup>1</sup> *Judia, minha, tua, sua*, constituem legados maternos (lat. *judia, mea* — port. arch. *mia, ma, — tua, sua*); *sandia* é o fem. regular de *sandio*, fôrma paralela de *sandeu*. (Cp. *meu, mia*).

Os acabados em *éo, éu*, como *ilhéo, tabaréu*, fazem o fem. em *óa* (*ilhóa, tabaróa*).

4ª Os adjectivos acabados em **ão**, derivados dos latinos em — *anus*, formam o feminino mui regularmente, isto é, em — *ana*, que se contrahiu em — *an, ã*: — *christiana, christan, christã; sana, san, sã*.

5ª Temos um acabado em — **om**, que faz o fem. á maneira latina: *bom boa* = *bon(us), bo(n)a*.

13. — São invariaveis os seguintes adjectivos:

1º — Os terminados em **e** derivados do caso regimen — a) dos adjectivos latinos em *er*, fem. *is*, neutro *e*: — *acre* = lat. *acer acris acre*, *pobre* = *pauper*, *celebre* = *celeber*; b) dos adjectivos em *is* masc. e fem. e *e* neutro: — *breve* = *brevis* breve, *silvestre* = *silvestris*; c) dos em *ens entis* (uniformes): *diligente, prudente*; d) dos partici-

<sup>1</sup> A assimilação dos casos S. e R. dos pronomes possessivos (*meu-s meu-m, etc.*), deu-nos uma unica fôrma, ao contrario do francez que conservou as fôrmas atonas e tonicadas — *mon ton son e mien tien sien*.

pios presentes em *ante*, *ente*, *inte* = lat. *ns*,  
abl. abs. em *e*: — *reinante*, *escrevente*, *pedinte*.

A invariabilidade d'esses nomes é devida a  
que, — procedentes do caso regimen, — só en-  
contraram um typo uniforme para os dous ou  
tres generos — *acre* (m), *breve* (m), *diligente* (m).  
— *Homo* ou *femina* FORTIS OU PRUDENS, diziam  
tambem os Latinos (*homem* ou *mulher* FORTE  
OU PRUDENTE).

2º — Os acabados em **al**, que se derivam  
da declinação latina em — *alis* masc. e fem.,  
são invariáveis pela razão acima: — *mortal* =  
*mortalis*, masc. e fem., *fatal* = *fatalis* para  
ambos os generos, etc.

*Homo* ou *femina mortal*s.

Tambem são invariáveis os terminados em  
*el*, *il*: — *cruel*, *esteril*, *habil* (arch. *esterile*, *ha-  
bile*), = lat. *crudelis* masc. e fem., — *e* neutro,  
*esterilis* masc. e fem., e os em *ul*, por analogia  
(*azul*, *taful*).

Até o seculo XV os em *ol* tinham tambem  
uma unica fórma (*uma mulher hespanhol*).

3º — Os adjectivos acabados em *vel* (ant.  
*bil*), são defectivos porque se derivam dos la-  
tinos em *bilis* masc. fem., em *e* neutro — *ama-  
vel*, *terrivel* = *amabil-is*, *terribil-is*. Não seculo  
XVI estes adjectivos conservavam a fórma la-  
tina — *terribil* (Camões I, 14)...

4º — Nos em *ar*, *er* (*familiar esmoler*), e  
em *m*, *n*, *s* (*ruim*, *joven*, *simples*), a invariabi-

lidade é devida ao facto já citado dos adjectivos latinos em *is* masc. e fem. (*familiaris, juvenis*). Quanto a *simples* (arch. *simplice*) é defectivo porque deriva do adjectivo de uma só fôrma latina (*simplex, simplicis*).

5º — Os em *az, ez, iz, oz*, derivam dos latinos, tambem de uma só fôrma, em *ax axis, ex ecis, ix icis, ox ocis*, e ainda em *ensis*: — *audaz* (audace-m), *feliz* (felice-m), *atroz* (atroce-m), *montanhez* (montaniese-m). Até o seculo XV as fôrmas portuguezas foram sempre mais encostadas ás latinas (*audace, felice, atroce...*)

No seculo XVI é que começaram as fôrmas em *eza* (*montanheza, calabreza*), talvez por analogia dos nomes fem. em *issa*.

NOTA. — Os ADJECTIVOS seguem as mesmas regras do subst. na formação do plural.

Os acabados em *ão*, com significação augmentativa, fazem o plural em *ões*.

14. — **Grãos de significação.** — Herdamos do latim os tres grãos: *positivo, comparativo e superlativo*.

15. — **Comparativos syntheticos** (organicos). — Em latim o comparativo era geralmente expresso pelo suffixo — *ior* (masc. e fem.), *ius* (n.)<sup>1</sup> unido ao thema: — *altior, dulcior, sapientior*.

<sup>1</sup> A fôrma neutra só se distinguiu em pleno periodo historico, como attestam os exemplos seguintes: « *Bellum punicum posterior. — Senatus consultum prior.* »

A tradição conservou fielmente no portuguez algumas amostras d'esses comp. syntheticos:

*maior* = lat. *majórem* <sup>1</sup>

*menor* = *minórem* <sup>2</sup>

*melhor* = *meliórem* <sup>3</sup>

*peior* = *pejórem* <sup>4</sup>

*Junior*, <sup>5</sup> *senhor*, *prior*, *exterior*, *interior*, *superior*, *posterior*, *anterior*, são tambem etymologicamente superlativos organicos.

16.—Alguns d'estes comparativos tornaram-se substantivos, conservando a significação originaria latina—*major*, *senhor*, *prior*... *melhora*, *peiora*, *inferior*, *superior*, *anterior*, *posterior*, etc., já quasi que perderam o sentido comparativo.

<sup>1</sup> **Maior.** Já se encontra nos docs. do seculo XII: *maior ajuda* (P. Rib. doc. LX) e as variantes *moor mor*, frequentes desde o seculo XV, bem como os derivados *maioria*, *maioral*, *maioridade*, *mordomia*, *meirinho*, etc. *Meyrinho* (C. Vat. 987) é forma parallela de *maiorino* = b. lat. *maiorinus* (Seculo XI), cujas formas pleonastica e antithetica—*maiorino-maior* (*meirinho-mór*, seculo XIX) e *meirinho menor* provam o esquecimento etymologico.

<sup>2</sup> **Menor** e as variantes arch. *meor mei*, já pertenciam aos seculos XIII e XIV, e bem assim os der. *minoria*, *minoridade*. O typo *menos* = *minus* derivado neutro; e tanto elle como as var. arch. *meos*, *mus*, *muz*, e os compostos e derivados—*menosprezo*, *menosprezar*, etc., datam tambem do seculo XIII.

<sup>3</sup> **Melhor.** Seculo XIII— as *melhores terras* (C. Vat. 786); as variantes arch. *melor*, *melhur*, *milhor* (Seculos XIII-XIV). Id. o der. — *melhoria*.

<sup>4</sup> **Peior** (*peyor*, *peor*). (Seculo XIII, C. Vat., Id.) *peiorar*. Pejorativo é importação recente (Sec. XIX).

<sup>5</sup> **Junior** (*iunior*, *iuvénior*) compar. de *juvenis*.

NOTA. Até o seculo XIV essas fórmãs conservaram o seu valor comparativo : — *nostro senhor demonstre ao junior aquelle que melhor é* (R. de S. B., Ined. d'Alc. 3), *todos os juniores seus priores, obedeescam* (Id. 289).

Prior — id. (C. Vat., R. S. B. Ined.)

Nas fórmãs *interior, posterior, etc.*, nota-se uma dupla suffixação comparativa. *Interior* = lat. *interiorem* = *in* + *ter* (suff. ant. comp = gr. *teros*) + *or*.

Nota-se o mesmo em *mestre* (arch. *mestre, maestre*) lat. = *magister, magis* (por *magius*) + *ter*, *ministro* = lat. *minister* = *minis* (= minus) + *ter*.

*Entre* = inter, *sobre* = super, *ra, tra, traz* = trans, etc., são, pois, restos petrificados do comp. organico.

Dos comp. diminutivos latinos *grandiusculus, duriusculus, longiusculus, etc.*, citados por Meedvig (*Gr. lat.*) temos exemplos directos em *maiusculo, minusculo, e*, indirectamente, na formação portugueza — *maiorzinho, senhorzinho, etc.*, já do seculo XII.

Cp. — *Prov.* — bon melhor  
mal peor pesme  
gran maior —  
passe menor —

*Catalão* — bo millor —  
mal pitjor pessim  
gran major maximo  
petit menor mismim

*Francez prim.* — bon meillor —  
mal pior peior pesme  
grand maor major —  
petit menor mesme

17. — **Comparativo analytico** (periphrastico). — Exceptuando esses quatro casos, o portuguez fóрма os comparativos analyticamente, ajuntando ao positivo o adverbio *mais*; systema formativo já mui frequente no declinar do imperio romano (*magis plus, magis egregie*). Alguns

classicos latinos seguiram esta tendencia do espirito analytico, principalmente com os adj. em—*us*.

São, pois, latinos os moldes em que se vasaram os comparativos portuguezes.

O latim vulgar deu preferencia ao adverbio *plus* na formação d'estes comparativos (*plus sapium, plus clarum*).

*Plus* tinha o mesmo sentido que *magis*, tornou-se modelo dos comparativos italianos e francezes (*plus, piu*), e deixou-nos vestigios da sua existencia nos primeiros documentos da lingua portugueza, na fórma pop. *chus*:—*chus pouco* (Can. Ined.), *chus negros* (Nob.) Esta fórma archaisou-se no seculo XIV.

18.—Os comp. de igualdade, inferioridade e superioridade, formaram-se com os adverbios *tão... como, tanto... quanto*; e os adv. *mais menos, muito menos, muito mais*. Estas fórmas datam do primeiro periodo da lingua:—*may leda, mays perto* (C. Vat. 98,293), *tan cruamente* (Id. 280)

ADVERTENCIAS.—1ª Nos comp. de inferioridade e superioridade é tão correcto empregar *do que*, como simplesmente *que*. Mais depende ás vezes do tecido da phrase, que pôde parecer mais ou menos harmonioso.—2ª Em vez de *tão grande* podemos usar de *tamanho*=*tão manho*, arch.=*tão magno* (seculo XVII). É força, porém, curvar-nos ao despotismo da moda, e essa fórma—tambem camoneana—deve ser rejeitada.—3ª O comparativo *pleonastico* era frequente no seculo XII (*may meliores*, C. V. 1154), á maneira do latim—*magis maiores, magis dulciores, magis certius*.

São equivalentes do comp. *antes e sobre* (=mais):—*antes ser desfeito que cançado* (Ant. Ferr. Son. 1-8), *sobre-tudo* (=mais que tudo).

19. — **Superlativo synthetico ou organico** (formado por suffixos).—O superlativo synthetico latino em *imus*, deixou muitissimos vestigios na lingua portugueza:

|                 |                |                      |
|-----------------|----------------|----------------------|
| mão             | <i>pessimo</i> | lat. <i>pessimus</i> |
| bom             | <i>optimo</i>  | <i>optimus</i>       |
| grande          | <i>maximo</i>  | <i>maximus</i>       |
| pequeno (parvo) | <i>minimo</i>  | <i>minimus</i>       |

e d'esta composição organica cada vez mais cresceram as fôrmas: — *reverendissimo*, *illustrissimo*, *excellentissimo*, *serenissimo*...

O latim emprega na formação do superlativo synthetico, a terminação — *simus*, a, *um*, junto ao suffixo do comparativo contrahido em *is* (de *ius* = *ios*): — *felic-is-simus*, *doct-is-simus* (*doct-i-or-simus*, pela assimilação). É esta a origem da fôrma característica portugueza dos superlativos organicos (*issimo* = lat. *is-simus*), que, todavia, só apparece pela 1ª vez em docs. do seculo XV, e fixa-se no XVI (*Illustrissimo*, *serenissimo*, L. cons.; *ditosissimo*, Th. Braga, *Ch.*; C. de Evora, G. de Rez. etc.) Nos seculos anteriores empregavam a fôrma analytic.

20. — Temos mais uma fôrma organica em *imo* (= lat. *mo*, contr. de *simo*), que é de fundo erudito: — *humilimo*, *asperrimo* (Camões), *acerrimo*, etc. Data do seculo XVI.

São d'ella vestigios, embora hajam ás vezes perdido o sentido etymologico: — *intimo*,

*imo, postumo, <sup>1</sup> maximo, infimo, summo, supremo, etc. <sup>2</sup>* D'estes typos formam-se outros superlativos: uns moldados em fórm. latinas (Cicero, Ovidio, etc.): — *supremissimo, immensissimo, excellentissimo*; outros de origem analogica portugueza — *grandessissimo, de grandissimo*.<sup>3</sup>

21. — Os adjectivos em *IL* (= lat. *ilis*) fazem o superlativo em *imo* e *issimo*: — *facil facilissimo, fragil fragilimo fragilissimo, subtilissimo*.

No latim dava-se a mesma concurrencia de fórm. do sup. synthetico: — *gracillimus* (Suet.) e *gracillissimus, agillimus* (Prisc.) e *agillissimus, imbecillimus* (Sen.) e *imbecillissimus, etc.*

D'ahi as fórm. port. — *humilimo humilissimo, asperrimo e asperrissimo* (ambas em Camões), etc.

Os nossos adj. seguem a regra dos latinos em *il* (*ili, ile*) com vogal breve antes da terminação (radical atono), e d'aquelles cuja vogal é longa (radical tonica): — *facilis* — *facillimus, humilis* — *humillimus, nobilis* — *nobilissimus*.

22. — Os adj. em *VEL* (= lat. *bilis*) fazem o sup. mudando a terminação em *bil* antes de

<sup>1</sup> Estes sup. derivam da fórm. *ter* (gr. *τερος*), que se encontra nas palavras de sign. comp. — *dexter, sinister, alter, noster, vester, exteri, posteri...* (Struchtmeier, Rud. ling. græcæ; Lenep. — *Etymologicum l. gr.*

E ainda temos os numeræes formados com o suff. *imo* = *mó*: — *primo, decimo, vigesimo* (Bopp. II, 146).

<sup>2</sup> *Minimo, meindinho, meiminho, miminho, menino*.

<sup>3</sup> Cp. inglez — *innermost, hindermost*.

suffixarem a desinencia do gráo : — *notavel* — *notabilissimo*, — *miseravel* — *miserabilissimo*.

Estes sup. não se afastaram das fórmãs positivas portuguezas para mais se encostarem ás latinas. Formaram-se das nossas fórmãs archaicas *terribil*, *miserabil*, etc., bem como *nobilissimo* (de *nobile*), *esterilissimo* (de *esterile*), *audacissimo* (de *audace*), *felicissimo* (de *felice*), *christianissimo* (de *christiano*), *antiquissimo* (de *antiquo*), etc.

O latim deu-nos o modelo; o portuguez antigo imitou-o; a analogia alargou o circulo dos exemplos.

23. — Ás vezes, porém, um dos superlativos syntheticos é de fundo popular, e o outro de formação erudita — *pobrissimo pauperrimo*, *früissimo frigidissimo*, *docissimo dulcissimo*, *amiguissimo amicissimo*, *cruel crudelissimo*, *inteirissimo integerrimo*...

24. — São, pois, susceptiveis da formação organica do superlativo só os adjectivos acabados em *e*, *o*, *u*, *l*, *r*, *z*.

25. — Alguns rejeitam as flexões do gráo, porque já exprimem idéa de superlatividade, ou por lhes serem naturalmente refractarios : — *egregio*, *superior*, *ulterior*, *posterior*, *inchyto*, *invicto*, *longinquo*, *joven*, *adolescente*... (já temos, porém, *Excellentissimo* e *omnipotentissimo*), ou pelo respeito á tradição latina, como, por ex., alguns nomes de côres, alguns em *ão* (*pagão*,

*ladrão*), os em *ico* (*pacífico*), os verbaes em *bundo* (*gemebundo*), etc.

26. — Em compensação, conservamos superlativos (e comparativos), cujos positivos mais não são usados: — *minacissimo*, de *minaz* (ameaçador = lat. *minax, acis*), *belacissimo* (Camões, *Lus.*) de *belaz* (= lat. *belaz*, fôr. muitissimo rara), etc.

Na poesia, porém, é permitido o reviver d'esses positivos, e o nosso poeta Odorico Mendes empregou *belaz* na sua traducção da *Illiada*, 32.

27. — **Superlativos divergentes**: — summo supremo superno, intimo interno, etc.

28. — O sup. synthetico tambem pôde formar-se pela *prefixação*. Neste processo que, no portuguez, remonta á origem da lingua, e estendeu-se ao seculo XIV (*perlongadamente*, R. S. B.; *tamanho* = tão magno; *tamanino*, G. Vic.; *perduravel* — Id.; *preclaro* perclaro, Cam. *Lus.*; *translucido*...); é de notar — como observou Diez — a usual separação do prefixo *per*: — port. ant. *mal vos per está*, *ben mi o per devedes a creer*; lat. *per mihi mirum visum est*, *per pol quam paucos*; fr. ant. *tant pas est sages*.

As fôrmas principaes do sup. intensivo são: *mui mais*, *muito peor*, *muy melhor* (lat. *multo carior*), *mui bem*; *melhor de quantos*, *melhor dos outros*, *a melhor do mundo*, etc. (Seculos XIII-XVI. — C. Vat., G. Rez., Fern. Mendes.)

— O comp. sup. é o typo que representa, só por si, a synthese dos grãos de comparação. Ex.: *chusma* = port.

arch. *chus* = lat. *plus* (plous, plosius), *plurima* = plusima = gr. *pólius* e *ma*, fem. de *tima* = tuna.

— Os superlativos podem tambem formar-se metaphoricamente, como acontece nas linguas semiticas. Ex. : hebr. — *filha das mulheres* (= *formosissima*, lat. *filiam feminarum*), *varões das valentias* (= lat. *fortissimus viri virtutum*)...

Nós dizemos *o homem dos homens*, *o sabio dos sabios*, *o burro dos burros*, isto é, o maior d'entre os...

29. — **Superlativo analytico ou periphrastico.** — Este superlativo, formado pela anteposição do adverbio, mais alcançou popularisar-se do que o synthetico. A tendencia foi sempre para o analytismo, para a simplificação.

Em latim era frequente o emprego d'essas fórmulas: os adjectivos que formavam o comp. com o adv. *magis*, tinham um superlativo tambem analytico construido com *maxime*, que algumas vezes, por amor da variedade, era substituido por uma outra particula — *satis*, *per*, *ultra*, *præter*, *super*, *ante*, *multo*... (*multo tanto carior*, Plauto; *multo optimus hostis*, Lucil.)

O portuguez mais se affeioou ao adverbio *muito* (*mui*), e fel-o indicador do superlativo, aproveitando-se comtudo da liberdade de poder tambem substituil-o por outros (*assás*, *demasiado*, *ultra*, *extra*, *super*, *hyper*, *archi*, *excessivamente*, *horriavelmente*, etc.)

O emprego d'estes ultimos adverbios tem augmentado de dia para dia : — *uma mulher adoravelmente bella*, *um critico genialmente patarata*...

30. — Até o seculo XVI indicava-se outro-  
sim o superlativo antepondo *mui* e *muito* ao  
adjectivo: — *gente de pé mui muita sem conta*  
(F. Lopes. *Chron. de João I*); *monte mui muito*  
*alto* (S. Luiz)

que dos mui muitos ciumes  
nasce o mui muito amor

(GIL VICENTE)

costume que, na linguagem popular e familiar  
ainda se conserva para dar mais intensidade  
ou vehemencia á phrase: — *João é muito muito*  
*feio*.

O processo reduplicativo aproxima o sup. do numero  
plural, de que é apenas simples prolongamento. (Sayce).

Este processo é conservado em Portugal, Brasil e nos  
dialectos de Africa e Asia: — *secco-secco, quenti-quenti* (= *muito secco, muito quente*, — port. de Cochim), *lecco-lecco*, ... *das melhores melhor, o peyor de peyor* (C. V. 119, 129); *teu tio, dos maiores, o mór*. (A. Ferr. *Lusit.* I. 130.) — Id. nos hebraismos — *cantico dos canticos, senhor dos senhores, rei dos reis, vaidade das vaidades, servo dos servos*, etc. (Reiswerk — *Gram. heb.*)

31. — Mais divorciadas da regra grammati-  
cal estão as expressões formadas com os adver-  
bios *mui* e *tão*, e os superlativos de uso vulgar  
no seculo XVIII — *mui sapientissimo senhor, tão*  
*grandissimo*. (*Tam muito*, seculo XIII. C. V. 181.) Hoje ninguem ousará escrever taes sole-  
cismos, que todavia representam exemplos do

falar romano (*multo optimus, pulcherrimum, utilissima... Cic., Quint., etc.*)

32. — Os augmentativos podem indicar o gráo superlativo:— *parvoeirão, pobretão, etc.*, muitas vezes com sentido degradado:— *sabichão, grammaticão.*

Os diminutivos tambem indicam superlatividade, mas com certo sentimento de dôr ou lastima. Quando dizemos—elle está *pobrezinho*, não temos só em mente apresentar o individuo como miserabilissimo e mui fallido ao dinheiro, mas manifestar tambem o sentimento de dôr ou lastima, o interesse, que nos causa o seu estado de penuria.

33. — **Superlativo relativo.** — No latim só havia uma fórma para os superlativos *absolutos* e *relativos*. Assim — *femina pulcherrima* tanto significa *mulher* muito *formosa*, como a *mulher* mais *formosa*.

É que o latim só attendia á idéa de superlatividade, no emtanto o portuguez é as demais linguas romanas, mais suppoem a de comparação (*o mais de... hesp. lo mas, fr. le plus, it. il più...*), e com justo fundamento. Na phrase a *mulher mais bella*, não está contida sómente a idéa de ser ella *muito bella*, mas tambem—e acrescentado—a de ser mais bella que todas as outras. A mulher a que nos referimos, *em relação ás outras*, é muito bella. Domina, pois, a idéa de comparação.

No dominio do portuguez houve lucta entre as duas fórmãs, que mais se estremaram no seculo XV. Data d'esta época o emprego do artigo antes do superlativo relativo; mas o emprego distincto e judicioso das duas fórmãs só se assegurou no seculo XVI.

Hoje não mais se póde supprimir o artigo, a menos que o substantivo venha precedido de um possessivo — *O meu amigo mais intimo de todos é...; tuas mais bellas aspirações.*

34. — São ainda equivalentes do superlativo analytico:

**SOBRE TODOS:** — *E o Infante Dom Pedro meu sobre todos prezado Yrmaão* (Seculo XV, L. cons. 27).

**MIL:** — *Mil lindo, mil gamenho* (Fil. Elys. Oberon). Só encontramos este emprego em F. M. do Nascimento (*Mil* = grande numero, muitissimos, *mil razões*).

**ASSÁS:** — *assás de forte está minha alma* (Alm. Tr. da Biblia)... *Assás de pouco faz quem perde a vida* (Cam.) — Cp. de suso.

**QUE** (Seculo XIII): — *que leda que oj' eu sejo* (C. V. 307). É form. arch.

**MUITO MAIS.** — É tambem um reforço do sentido comp. — *muito mais bello, muito maior.*

**BEM.** — Tambem é um reforço mui usado em todas as linguas romanas: — *bem bom, bem*

*doente, bem mal, bem caro...* (= lat. *bene multi*, b. lat. *filiam bene idoneam...*) *Bem mais.*

Os comp. e superl. — «são os expoentes proprios da qualidade intensiva dos objectos considerados *relativamente.*»

Essas flexões estendiam-se nas primeiras phases da linguagem a todo o dominio nominal, do que conservam vestígios muitos idiomas, principalmente em formações analogicas de fundo popular.

No sansk. vedico o comp. tirou origem no subst. No port. temos *consismo*, lat. *oculissime* homo (Plauto), e analyticamente — *mui trobador* (C. Vat. 97), *era já muito noute*, b. lat. *pro me nimium peccatori* (Diez, III, 13).

A distincção entre comp. e sup. é de origem secundaria. Primitivamente os seus suffixos apenas indicavam uma relação de *maior afastamento*, como se vê das f. sansks. — *apa-ra apa-má apa.* (Bréal, *Intr.* Bopp, 3, XIX).

### c) Flexão pronominal

1. — Só estão sujeitos á flexão de genero e numero os pronomes adjectivos — *demonstrativos* e *possessivos*; os *indefinitos* — *algum, certo, nenhum, nullo, outro, todo, um*; o *relativo* (conjunctivo) — *cujo.*

*Qual* e *qualquer* (adj.-pron. ind.) só têm flexão de numero; dos pronomes pessoaes só tem flexão de genero e numero o da 3.<sup>a</sup> (*elle*).

2. — **Declinação dos pronomes pessoaes.** — As tabellas seguintes apresentam a declinação dos nossos pronomes pessoaes comparada com a dos latinos.

**SINGULAR**

|                             | PRIMEIRA PESSOA |                | SEGUNDA PESSOA |                |
|-----------------------------|-----------------|----------------|----------------|----------------|
|                             | <i>Latim</i>    | <i>Portug.</i> | <i>Latim</i>   | <i>Portug.</i> |
| Nom. (Sujeito)..            | <i>ego</i>      | eu             | <i>tu</i>      | tu             |
| Acc. (Reg. directo)         | <i>me</i>       | me             | <i>te</i>      | te             |
| Dat. (R. indirecto)         | <i>mihi</i>     | me             | <i>tibi</i>    | te             |
| Em relação prepositiva..... | —               | mim            | —              | ti             |
| Ablativo.....               | <i>me</i>       | migo           | <i>te</i>      | tigo           |

**PLURAL**

|                             | PRIMEIRA PESSOA |                | SEGUNDA PESSOA |                |
|-----------------------------|-----------------|----------------|----------------|----------------|
|                             | <i>Latim</i>    | <i>Portug.</i> | <i>Latim</i>   | <i>Portug.</i> |
| Nom. (Sujeito)..            | <i>nos</i>      | nós            | <i>vos</i>     | vós            |
| Acc. (Reg. directo)         | <i>nos</i>      | nos            | <i>vos</i>     | vos            |
| Dat. (R. indirecto)         | <i>nobis</i>    | nos            | <i>vobis</i>   | vos            |
| Em relação prepositiva..... | —               | nós            | —              | vós            |
| Ablativo.....               | <i>nobis</i>    | nosco          | <i>vobis</i>   | vosco          |

NOTAS. — 1ª São fórmãs archaicas da 1.ª pessoa do sing. — *ei*, *ieu* (*geu*), aquella no seculo XII, esta—que era tonica —no seculo XIII.

*Ma se ei for para Mondego*

(C. DE EGAS MONIZ)

*ei boyne por hi fóra*

(*Id.*)

*por quanto ieu crer sey*

(C. da Vat.)

*estraynã vida vivo geu senhor*

(*Id.*)

Attribue-se a fórmã *ieu*—identica a *geu*—á influencia provençalesca (=fr. ant. *giè*, f. tonica de *jo*, *je*).<sup>1</sup>

2ª—*Me*. Abrange o dominio do dativo (desde o seculo XIII) accus. e genitivo: *deu-me*, *amas-me*, *seccaram-se-me as illusões* (para mim *seccaram-se* as illusões). Este accumular de funcções é devido ao emprego de *me* por *mihi* (*mehe*, Quint., etc.) e tambem a ser *mi* f. dativo de *ego*.

É para sentir haver a fórmã objectiva *me* obliterado a terminativa *mi*, que constituia mais uma riqueza da nossa lingua.

3ª—*Mim* (arch. *mi*—*mhi*). O *m* representa exemplo epithesico ou paragogico. — Cp. *assi assim*, *si sim*,<sup>2</sup> *nem...* (= lat. *si-c*, *ne-c...*)

<sup>1</sup> Era grande a confusão na escripta entre *i* e *j* (já no latim), e por isso representavam muitas vezes o *i* latino pelo *j* portuguez ou *g* brando. A differença entre *ieu* e *geu*, é simplesmente graphica, como tambem entre *eu* e *eo* (seculo XIII).

Quanto ás fórmãs *eu*, *ei*, Cp. *meu*, *mei*, *mê*, ainda hoje vulgares no Alemtejo, Algarves e em algumas ilhas Açorianas.

<sup>2</sup> *Sim* por *si*, pron. da terceira pessoa, ainda no Alemtejo (Vasconcellos — *Rev. dos Estudos livres*).

É uma necessidade euphonica do povo, que pronuncia tambem — *muin* por *mui*, *muinto* por *muito*. E no port. antigo muitas são as palavras com fórmãs duplas nasalizadas e não — (*assi assim*, *kome homem*; *boo bo boom bom*, *co com*, *soo soom*).

Como vimos acima, *mi* derivou de *mi*, dativo de *ego* e de *mihī*, regularmente contrahido em *mīi*, *mī*. Aparece nos primeiros monumentos da lingua (seculos XIII e XIV), mas sempre a par de *mim* (*mīn*, *mē*); só caia na lucta no declinar do seculo XVI.<sup>1</sup>

4ª Houve no portuguez uma variante popular *che* (Couto — *M. L., Euf.*, ap. Moraes).

Esse archaismo pronominal (*che*, *xe*), não nos parece fórma equivalente a *te*, como suppõe Moraes. Os exemplos *xi quer*, *xe quer* (S. de Mir) provam que elle corresponde a *si* ou *se* (it. *se*, *ci*; gallego *ge*, *xe*, que sôa *tche*). Em *desto xe vos seguer grandes perdas* (O. Aff.) = pron. *se*; a phrase não significa *d'isto te sobrevirão grandes perdas* (como querem alguns), mas — *d'isto se vos ha de provir grandes perdas ou ha-se de provir-vos...*; a *vacca morreu-xe* (S. M.); *nã sey que che he pré fermoso* (S. Mir. Eg.).

Em hespanhol é frequente este uso: — *Le entregó V. la carta?* — *Si, se la entregué*; e em portuguez ainda temos exemplos: — *cá se me está parecendo*, etc.

O *me* nestes casos é dativo: — *ne datur mihi* (cura); *seja-se ella vossa amante* (Euphros.)

A permuta do *s* pela chiante *x*, *ch*, é um dos casos de corrupção phonetica, que o Sr. Theophilo Braga attribue á idiosyncrasia galleziana.

5ª *Migo* = latim *mecum* (= *cum me*); *tigo* = lat. *tecum* (*cum te*).<sup>2</sup> Os escriptores antigos escreviam simplesmente — *migo*, *tigo*, *sigo*, ou porque obedecessem inconscientes á tradição latina ou conservassem ainda a noção logica da composição:

*non trago migo questo coração*

(C. Vat.)

*tigo começar fui*

(Id.)

<sup>1</sup> Camões ainda empregou-a.

<sup>2</sup> *Meco*, *mecu*, por *mecum*. A quéda da nasal final, apezar da influencia dos estudos gregos, prevaleceu no latim popular desde as guerras da Macedonia e Syria, ainda na época de Cicero e Tito, e mais se tornou frequente depois do terceiro seculo da nossa época.

Perdida, porém, de todo essa noção, originaram-se formas redundantes, pleonásticas — *commigo, comtigo, comsigo*, que vecejarem simultaneamente com as mais simples — *migo, tigo, sigo*, nos seculos XIII e XIV.

No seculo XIII appareceram as variantes *comego, comtego, comsego*, ainda muito populares no seculo XVI. (G. Vic., etc.)

3. — O latim só possuia dous pronomes pessoases propriamente ditos (*ego, nos, tu, vos*); para a 3<sup>a</sup> pess. empregava o pron. definito ou demonstrativo *ille, -a, -ud, hic hæc hoc, iste, -a, -ud*. — V. Artigo.

SINGULAR

|                     | MASCULINO              |                 | FEMININO                |         |
|---------------------|------------------------|-----------------|-------------------------|---------|
|                     | Latim                  | Portug.         | Latim                   | Portug. |
| Nom. (Sujeito)      | <i>ille</i>            | elle            | <i>illa</i>             | ella    |
| Acc. (Reg. directo) | <i>illum</i>           | o (ello, lo)    | <i>illam</i>            | a (la)  |
| Dat. (R. indirecto) | <i>illui (ili, li)</i> | lhe (er, lures) | <i>illei (illi, li)</i> | lhe     |
| Relação prepositiva | —                      | elle            | —                       | ella    |
| Ablativo            | <i>illo</i>            | comsigo         | <i>illa</i>             | comsigo |

PLURAL

|                     | MASCULINO      |                | FEMININO       |                |
|---------------------|----------------|----------------|----------------|----------------|
|                     | <i>Latim</i>   | <i>Portug.</i> | <i>Latim</i>   | <i>Portug.</i> |
| Nom. (Sujeito)      | <i>illi</i>    | elles (ellos)  | <i>illas</i>   | ellas          |
| Acc. (Reg. directo) | <i>illos</i>   | os (los)       | <i>illas</i>   | as (las)       |
| Dat. (R. indirecto) | <i>illorum</i> | lhes (lures)   | <i>illorum</i> | lhes           |
| Relação prepositiva | —              | elles          | —              | ellas          |
| Ablativo            | <i>illis</i>   | comsigo        | <i>illis</i>   | comsigo        |

ADVERTENCIAS. — 1ª *Elle, ella*, são fôrmas dos primeiros docs. (Seculo XII), que tinham por concorrentes as archaicas — *el, ello* (n. = *illud*) e *ille*.

Renhiram *ellas* por tempo mais ou menos dilatado. *El* desapareceu no fim do periodo archaico; *ellos, ellas*, só persistiram no seculo XII, e nas primeiras decadas do immediato; a fôrma pura *ille* caiu no fim do XIV; *ello* perdeu-se no XV, em que tambem concorreu uma fôrma tonica de *el* (*salveseli*).

A fôrma *ello, elle*, do regimen directo, desapareceu ante a do pronome *o* (lo).<sup>4</sup>

<sup>4</sup> No africano portuguez de S. Thomé *elle* = *é*; no indo portuguez de Diu — *êil* (Schuchardt — *Kreolische Studien*); no portuguez africano do Brasil — *zêre*, e o *z* prothesico tambem é vulgar no francez da Reunião e da Maurícia (*Romania*), e em alguns pontos de Portugal — *zuma vez*, etc. (Vasc. *Op. cit.*)

2ª *Lhe* deriva de *illi* (*illi huic* = este, contr. em *ill'huic*, d'onde *illuic*, que se encontra na fôrma *illui* nas inscrip. romanas).

Apresenta tres fôrmas intermediarias—*li*, *illi* e *lhi* (*lle*, *lly*), plural *les*, *lhis*.

*Li* (*le*) é frequente nos primeiros docs. da lingua (J. P. Rib. *Dissert.*); *illi* (*ille*) apparecem esporadicamente nos seculos XII e XIII; *le*, *les*; *lle*, *lles*, *lly*, *lhi*, são variantes graphicas do seculo XIV, já correspondentes a *lle*, *lles*. Ex.: — *que li plaza fazeles ajuda* (Rib. *Diss.*), *lle fez Deus* (Canc. Aff.), *lly for demandando* (F. de Gravão), *antes lhe quero a mha senhor dizer*, *coytas lhi davan amor*. (C. Vat).

*Lhe* conservou-se invariavel até o seculo XVI.

Ás ondas torna as ondas que tomou;  
mas o sabor do sul *lhe* tira e tolhe.

(CAMÕES.)

.....  
.....  
Qual pavida leôa, fera e brava,  
que os filhos, que no ninho só estão,  
sentia que, enquanto *lhe* buscára,  
o pastor da Massylia lh'os furtára.

(Id.)

.....  
.....  
A cidade correram e notaram  
muito menos d'aquillo que queriam,  
que os Mouros cautelosos se guardaram  
de *lhe* mostrarem tudo que pediam.

(Id.)

4 — Ás vezes o pronome *elle* é substituido por *al* (=aliud): *cá nunca me d'al pude lembrar* (seculo XIII, C. da Vat.)

Note-se, porém, que *al* correspondia a *ou-trem*, e era já arch. no tempo de J. de Barros.

5.— O pronome *o* (*lo* = lat. *illo* = illud) é que de feito substituiu o pronome *elle* no caso objectivo desde o seculo XVI.

6.— TERCEIRA PESSOA REFLEXA. — *Se* = lat. *se*. Atonisou-se por influencia da enclise (id. — *me te*). Fórmulas archaicas — *se*, *sse*, *xi*, *xe* (seculos XII e XIII).

Além da sua funcção reflexiva e reciproca, tem mais a passivadora. As linguas romanas deram-lhe fóros de pronome pessoal.

Tem tres casos, defectivos em genero e numero :

objectivo — *se* {  
dativo — *se* { = lat. *se*

Em relação adv. ou prep. — *si* = lat. *sibi*.

*Si* data do seculo XIV (= *sy*, *ssi*, *ssy*). No falar do Alemtejo dá-se a nasalisação (*sim*).

7.— Sigo = lat *secum* (cum se). Deu-se com esta variação pronominal o mesmo que com *migo*, *tigo*; mais se empregava nas fórmulas pleonasticas — *comsigo*, *comsego*.

8.— SEGUNDAS PESSOAS DO PLURAL. — O latim já tinha uma só fórma *nos*, *vds*, para o nom. e accus., recrescendo a confusão depois que, pela subordinação ás leis phoneticas, os dativos *nobis*, *vobis*, transformaram-se em *nos*, *vos*.

Em portuguez estes casos só se differenciam pelo *o* agudo do nom. e do caso que exprime relação adverbial ou prepositiva (*nós*).

*Nosco* = lat. barb. *noscum* (cum nobis), contracção regular de *nobiscum*; assim como *vosco* é contracção de *vobiscum* (*nob-i-scum*, *vob-i-scum*).

*Nosco*, *vosco*, datam do seculo XIII.

*Que non mor'en nosco per boa fé  
fui vosco falar.*

No seculo XV as fórmulas commumente usadas são as pleonasticas — *comnosco*, *comvosco*.

Em Viterbo encontra-se uma fórmula em *vosquo*, das *côrtes de Coimbra* (seculo XIV), que também vem citada nos *Monum. historicos*.

9.— Os escriptores antigos confundiam os varios casos dos pronomes pessoaes. Ex.: *requerer o juiz da terra que segue mim* (Ord. Aff.); *se eu fóra a ti* (esta phrase ainda é muito vulgar no povo), *mais que mim, melhor que si, tenho mais poder que si; por amor dos Mouros que lhe peitaram* (Fern. Lopes)...<sup>1</sup>

10.— Havia também uma fórmula correspondente ao lat. *illorum*. Era *lures* (do lat. barb.), de uso mui frequente nos seculos XII e XIV, mas que cedo se atrophiou em *er* (her).—

<sup>1</sup> Não é para admirar esses enganos nos docs. e classicos antigos, quando ainda hoje ouvimos frequentemente destemperos de igual marca—*eu vi elle, chamei-o tolo, falo comsigo p. comvosco, etc.*

Equivalia a *lhe* (seu), o (elle). Os exemplos melhor nos convencerão.

*nem er costrange, nem veda*

(Or. Aff.)

*e outros er ordinharam.*

(D. de Pend. 1347)

*mays quand'er quis tomar pola ver.*

(C. D. DINIZ)

*depois de comer er veo espellar outra vez.*

(Id.)

O latim empregava para o possessivo da 3ª pessoa do plural o sing. *suus*, que foi supplantado pelo genitivo *illorum* (eorum). Esta construcção, restricta na origem, tornou-se regra (por analogia) sempre que o nome do possuidor estava no plural, qualquer que fosse o genero.

E d'ahi derivaram as fórmãs *leur* em francez (ant. *lor*, *lour*), *loro* em ital., *lor* prov., *lures* hesp. areh.

O portuguez não conservou a construcção latina, e com isso não só perdeu um elemento de riqueza vernacula, mas tambem obriga os menos adestrados—para evitarem equivoocos—a phrases de estylo fraldoso e arrastado (a *sua* casa *d'elle*, etc.)

Os possessivos sendo por sua definição adjectivos dos pronomes pessoaes, e substituindo-os no genitivo (*meu filho* = *o filho de mim*), resulta poderem, inversamente, os pronomes pessoaes no gen. substituir em certos casos os possessivos (*por amor d'elle* = *por seu amor*).

Em—*segure-lhe a mão, vendi-lhes as terras—lhe, lhes* = *sua, suas*.

Estudemos os exemplos do emprego do *er* em todos os docs. antigos; tenhamos em conta o barbarismo ainda hoje tão frequente do emprego de *lhe* por *o* (elle)—*vi-lhe hoje, avistei-lhe, chamei-o tolo*, etc.; lembremo-nos de que *lhe* é fórmã

synthetica de *a elle*, *a ella* (ainda hoje de uso constante—*eu disse a elle*, *recommende-lhe a elle*), e de que era frequente a omissão da preposição no port. antigo, e teremos em remate a evidencia de que *er* não corresponde a *eu*, *vós*, *elle*, etc., como diz Viterbo, mas a *lhe*.

Notemos mais as phrases pleonasticas—*lhe disse a elle*, *vi-o a elle*, etc.

### CAPITULO III

## FLEXÃO VERBAL

1°—O verbo compõe-se de dous elementos—*thema* e *desinencia*.

Esta—que corresponde ao suffixo nas fórmãs nominaes—expressa as tres pessoas, os dous numeros (sem distincção de genero), os tempos e os modos.

2°—Os radicaes são *atonos* ou *tonicos*. Em *mover*, por ex., *móve* tem o radical tonico; e *movia* tem-no atono (= lat. *móvet*, *movébat*). Em regra, seguimos a accentuação dos verbos latinos, que se deslocava segundo a natureza da flexão. Regularmente têm radical tonico as tres pess. sing. do Ind. presente, e as do Imperativo sing.

As deslocações da tónica mais de notar são:

a)—Nos verbos em *ere*—*currere*, *gemere*, *tremere*... = *correr*, *gerner*, *tremere*, etc. Esta deslocação do *accento* remonta, porém, ao latim popular, que a par d'essas fórmãs proparoxytonas, creara as oxytonas em *ire* (*gemire*, *tremire*, *currere*) e pela accentuação do prefixo na época romana—*providere* = *providere* (provêr). D'ahi as fórmãs portuguezas *construir* (*construere*), *destruir* (*destruere*), *fazer* (*fácere*), *invadir*, *romper*, *converter*, *reger*, *poer*, etc.

Nos docs. primitivos da lingua muitos d'esses verbos seguiam a flexão em *i* e vice-versa: *arrompir, correr, escreveren, comiste, cingeste, entendiste, fiziste, metir, perder, naci-re, recibir, etc.*

b) — Nas 1ª e 2ª pess. do plural do pres. do Ind. da conj. em *ere*: — *rumpimus, rumpitis* = *rompemos, rompeis*. Aqui actuou no port. o principio da analogia.

c) — Na 1ª pess. do plural do pret. do Ind. — *fécimus, rú-pimus* = *fizemos, rompemos*.

3º — Os tempos e os modos são resultantes das modificações do thema em suas combinações com os suffixos e as desinencias.

a) — *Modo* é a fôrma do verbo tendente a marcar as diferentes maneiras da affirmação. Temos quatro modos — o *indicativo, o subjunctivo, o condicional, o imperativo*.

4º — O *Indicativo* exprime uma realidade; o *subjunctivo*, a contingencia; o *condicional*, a possibilidade ou condição; o *imperativo*, necessidade ou mando.

5º — O *Infinito* é subs.; o *participio* — adj. verbal, os *supinos* representam fôrmas adverbias.

6º — *Tempo* é a fôrma verbal para indicar a época em que se faz, passou-se ou far-se-á a acção. São em numero de tres — *passado, presente e futuro*, correspondentes ás tres grandes divisões da duração.

7º — As *pessoas* são tambem indicadas pelas terminações. São tres para o *sing.* e tres para o plural.

8º — O *part. presente* tem sentido activo; termina sempre em *nte* (*ante, ente, inte*); só tem flexão de plural. Corr. lat. *ans* (*ens*), *antis* (*entis*).

O *gerundio* é o *part. presente* empregado adverbialmente. Termina em *ndo* (*ando, endo, indo*). É invariavel, e corresponde ao ger. lat. em *ando* (*endo*).

9º — São duas as *vozes* nos verbos que exprimem acção. A *activa* representa o sujeito; a *passiva*, o objecto do verbo

(*amo, sou amado*). Perdemos a flexão da voz passiva, — a periphrase de que usamos é todavia de origem latina. Na forma periphrastica é o auxiliar *ser* que indica a pessoa, o numero e o modo.

10.—A conjugação simples contém onze formas, das quaes tres são impessoaes (infinito, participios presente e passado):

|                            |   |   |
|----------------------------|---|---|
| Fórmãs do <i>presente</i>  | { | 1º indicativo — <i>amo</i> (e imp. <i>amava</i> ) |
|                            |   | 2º imperativo — <i>ama</i>                        |
|                            |   | 3º subjunctivo — que eu <i>ame</i>                |
|                            |   | 4º participio — <i>amando</i>                     |
| F. do <i>passado</i> ..... | { | 1º Ind. perf. — <i>amei</i>                       |
|                            |   | 2º Subj. imp. — que eu <i>amasse</i>              |
|                            |   | 3º part. passado — <i>amado</i>                   |
| F. do <i>futuro</i> .....  | { | 1º Inf. — <i>amar</i>                             |
|                            |   | 2º Ind. — <i>amarei</i>                           |
|                            |   | 3º Condicional — <i>amaria</i>                    |

A flexão verbal é como segue:

|                |   |                     |
|----------------|---|---------------------|
| Pessoas.....   | { | 3 para o sing.      |
|                |   | 3 para o plural     |
|                |   | 2 para o imperativo |
| Numeros 2..... | { | singular            |
|                |   | plural              |
| Vozes 2.....   | { | activa              |
|                |   | passiva             |

|               |   |                   |
|---------------|---|-------------------|
| Tempos 6..... | } | presente          |
|               |   | perfeito          |
|               |   | futuro            |
|               |   | imperfeito        |
|               |   | mais que perfeito |
|               |   | futuro perfeito   |
|               |   | futuro anterior   |

Os tres primeiros são chamados *principaes*, os outros—*historicos*.

|            |   |             |
|------------|---|-------------|
| Modos..... | } | Indicativo  |
|            |   | Subjunctivo |
|            |   | Condicional |
|            |   | Imperativo  |

Os tempos do infinito são fórmãs nominaes.

1.— Todos os verbos podem reduzir-se a uma unica flexão. As modificações devidas á letra final do thema, é que deram origem ás quatro conjugações.

E como o infinito era que mais distinctamente apresentava a vogal caracteristica, foi elle tomado para typo da flexão verbal.

Para cada grupo—a que chamamos *conjugação*—temos uma vogal thematica caracteristica:

- 1<sup>a</sup> — *ar* = lat. *a-re*
- 2<sup>a</sup> — *er* = lat. *e-re, ere*
- 3<sup>a</sup> — *ir* = lat. *i-re, ire*
- 4<sup>a</sup> — *or* (ant. *er*) = lat. *ere*

A quarta conjugação data do seculo XVI. Formou-se pela degeneração phonetica do verbo da segunda *poer, poner*, e esterilidou-se completamente.

2. — QUADRO SYNOPTICO DAS DESINENCIAS VERBAES. — Os themas verbaes são, pois, em *a, e, i*, (deixamos de parte o verbo *pôr*) — *ama-r, teme-r, parti-r.*

THEMAS: — ama, vende, parti

| MODO<br>Indicativo | TEMPO<br>Presente | CONJUGAÇÃO |          |          | OBSERVAÇÕES |
|--------------------|-------------------|------------|----------|----------|-------------|
|                    |                   | 1ª CONJ.   | 2ª CONJ. | 3ª CONJ. |             |
|                    |                   |            |          |          |             |

THEMAS: — ama, vende, parti

| MODO       | TEMPO          | 1ª CONJ. | 2ª CONJ. | 3ª CONJ. | OBSERVAÇÕES   |
|------------|----------------|----------|----------|----------|---|
| Indicativo | Presente S.    | o        | o        | o        | Mudam em o a vogal thematic a, e, i.<br>É o mesmo thema; excepto para os da 3ª que mudam o i em e (parte) (es). |
|            |                | s        | s        | s        |   |
|            |                | —        | —        | —        |   |
| —          | Imperf. S.     | mos      | mos      | mos      | Estas flexões unem-se ás raízes ou thema geral — am-ei tem-i part-i.  |
|            |                | is       | is       | is       |   |
|            |                | m        | m        | m        |   |
| —          | P.             | va       | ia       | a        |   |
|            |                | vas      | ias      | as       |   |
|            |                | va       | ia       | a        |   |
| —          | P.             | amos     | amos     | amos     |   |
|            |                | veis     | ieis     | ieis     |   |
|            |                | vam      | iam      | iam      |   |
| —          | Perfeito S.    | ei       | i        | i        |   |
|            |                | ste      | ste      | ste      |   |
|            |                | ou       | eu       | iu       |   |
| —          | M. q. perf. S. | mos      | mos      | mos      |   |
|            |                | stes     | stes     | stes     |   |
|            |                | ram      | ram      | ram      |   |
| —          | M. q. perf. S. | ra       | ra       | ra       |   |
|            |                |          |          |          |   |
|            |                |          |          |          |   |

**THEMAS:—ama, vende, parti** (continuação)

| Modo        | TEMPO          | 1ª CONJ. | 2ª CONJ. | 3ª CONJ. | OBSERVAÇÕES  |
|-------------|----------------|----------|----------|----------|--|
| Indicativo  | M. q. perf. S. | — ras    | — ras    | — ras    |  |
|             | P.             | — ra     | — ra     | — ra     |  |
| —           | Futuro         | — ramos  | — ramos  | — ramos  |  |
|             |                | — reis   | — reis   | — reis   |  |
| —           | S.             | — ram    | — ram    | — ram    |  |
|             |                | r-ei     | r-ei     | r-ei     |  |
| —           | P.             | r-ás     | r-ás     | r-ás     |  |
|             |                | r-á      | r-á      | r-á      |  |
| Imperativo  | 2ª pessoa S.   | — remos  | r-emos   | r-emos   | Fôrma-se do Infinito dos verbos com a flexão <i>ei</i> = <i>hei</i> . <i>Amarei</i> = amar hei, hei de amar. |
|             | 2ª pessoa P.   | r-eis    | r-eis    | r-eis    |  |
| Subjunctivo | Presente       | r-ão     | r-ão     | r-ão     |  |
|             |                | —        | —        | e        | Os da 3ª mudam o <i>i</i> em <i>e</i>  |
| —           | S.             | (a) e    | (c) i    | a        |  |
|             |                | e        | u        | i        |  |
| —           | P.             | es       | as       | as       |  |
|             |                | e        | a        | a        |  |
| —           | Futuro         | emos     | amos     | amos     |  |
|             |                | cis      | ais      | ais      |  |
| —           | P.             | em       | am       | am       |  |
|             |                |          |          |          | Fôrma-se da raiz <i>am</i> , <i>vend</i> , <i>part</i> .   |

**THEMAS:—ama, vende, parti** (continuação)

**THEMAS: — ama, vende, parti (continuação)**

| Modo        | Tempo      | 1ª CONJ.   | 2ª CONJ.   | 3ª CONJ.   | OBSERVAÇÕES  |
|-------------|------------|--|--|--|--|
| Subjunctivo | Imperf. S. | — sse<br>— sses<br>— sse<br>— ssemos<br>— sseis<br>— ssem.   | — sse<br>— sses<br>— sse<br>— ssemos<br>— sseis<br>— ssem  | — sse<br>— sses<br>— sse<br>— ssemos<br>— sseis<br>— ssem  |  |
|             | Futuro S.  | ar<br>Inf. + es<br>ar<br>Inf. + mos<br>— des<br>— em<br>Inf. + ia<br>— ias<br>— ia<br>— iamos<br>— ieis<br>— iam | er<br>Inf. + es<br>er<br>Inf. + mos<br>— des<br>— em<br>Inf. + ia<br>— ias<br>— ia<br>— iamos<br>— ieis<br>iam | ir<br>Inf. + es<br>ir<br>Inf. + mos<br>— des<br>— em<br>Inf. + ia<br>— ias<br>— ia<br>— iamos<br>— ieis<br>— iam |  |
| Condicional |            |  |  |  | O mesmo Infinito.  |
|             |            |  |  |  | A flexão verbal <i>ia</i> = <i>hía</i> ,<br><i>amaria</i> = <i>amar hía</i> = <i>ha-</i><br>via de amar. |

## Fórmulas nominaes

INFINITO IMP. — *ar, er, ir, or.*

GERUNDIO. — *ndo* (para as quatro conjugações).

PART. PRÉS. — *nte* (id.)

PART. PASS. — *do* (id.) — Os da segunda conj. mudam o *e* thematico em *i* (vendido).

Temós ainda no portuguez o Infinito pessoal, que constitue uma das nossas riquezas vernaculas. É identico ao futuro do subjunctivo.

Comparando as desinencias, ver-se-á facilmente que, de facto, como dissemos acima, todos os verbos podem reduzir-se a uma unica flexão, e que as conjugações só tiveram origem na differença da letra final dos themas (*a, e, i*).

### ADVERTENCIAS :

INDICATIVO. — PRESENTE : No seculo XIII as fórmulas da 1ª pess. do plural eram — *amamus, outorgamus, vendemus, etc.*, mais conchegadas ás latinas.

Nas 2ª pess. do plural o *t* (de origem latina) abrandára em *d* : — *dizedes, amades, leyxades, matades, perdedes, etc.*

Essas eram as unicas fórmulas usadas do seculo XII ao XIV (*valedes, facedes e fazedes, queredes, sodes, passades, sejades*), etc.

fazee  
Barr  
d'ess  
certo

no  
cant

(flex  
fórm

tugu  
havi

car  
quéc  
nico  
fund  
dizie

um  
fôr

M  
tram-  
ziades

1  
ainda  
guard

2  
em e,  
to : —

No seculo XV é que começou a syncope do *d*:<sup>1</sup> — *fazees, dizees, embarquees, sooes, avees, daees*, etc. (J. de Barros, etc.), que só conseguem fixar-se no XVI. Vestigios d'essas primeiras phases da lingua ainda conservamos em certos verbos — *credes, ledes, tendes, vedes, vindes*, etc.

O *d* primitivo conservou-se apoiado no *n* e no *r* (futuro do Coniunctivo e Inf. pessoal — *cantardes*).<sup>2</sup>

A 3ª pess. do plural terminava em *am* e *em* (flexão *ē* ou *i*). No seculo XV é que começa a fórma em *ão*, *om on*, *am an*.

No IMPERF. — A 2ª pess. do plural do portuguez antigo era tambem em *des* (*tinhadés, haviadés*, etc.)

Esta desinencia conservou-se, apesar de ficar em contacto com a vogal do thema pela quêda do *d*, sempre que esta vogal era *a* tonico (*ama-es, mata-es* — *amades, matades*), etc.; fundê-se com ella quando é *a* atono (*amaveis, dizieis, sentieis*); muda-se para *i* se a vogal fôr um *e* (*dize-is, have-is*); é absorvida por ella se fôr um *i* (*sentí-s, mentí-s, vestí-s*).

Mas nos textos do tempo de João de Barros encontram-se ainda as fórmas *queriais, faziais* (= *queriades, faziadés*).

<sup>1</sup> O primeiro doc. em que apparece a fórma contracta, mas ainda a par da outra, tem a data de 1410 — *guards, guardes, guardades*. (*Cap. geraes propostos pela Camara de Santarem*).

<sup>2</sup> Diez — accrescenta que o *a* precedente ao *d* mudou-se — em *e*, na quêda da dental, quando não era protegido pelo accento: — *cantaes — cantarieis*.

PRETERITO PERFEITO. — A 2ª pess. terminava em *ti* á maneira latina — *escolisti, fizisti, entendisti, deitasti*, etc. (seculo XII). O *t* até o seculo XV abrandou em *d*. É este o unico tempo que conservou a dental latina das 2ª pess. do singular e plural (*amaste, perdeste*).

A 3ª pess. do plural terminava em *um*: — *forum, overum, fecerum, derum*, etc. (seculo XII); depois, em *om, on* (seculo XIII, e mais tarde em *o*: — *forō, trounerō*, até que no seculo XVI fixou-se na fórma actual.

FUTURO. — O nosso futuro não é propriamente um tempo simples, mas os seus elementos componentes acham-se por tal geito soldados, que é impossivel classificar-los nos tempos compostos, comquanto, e bem assim no hespanhol, italiano e provençal, a desinencia apparente do futuro possa ser considerada palavra independente: — port. — *far-lo-hei*, hesp. *hacer-lo-he*, prov. *dir-vos-ai*, etc. <sup>1</sup>

Essas expressões, que se encontram desde as primeiras phases da lingua (*poder-m'edes, levar-vos-ey, poel-os-hemos, levantar-s'am*, etc.) mostram á evidencia a origem do futuro dos idiomas néo-latinos que adoptaram a fórma periphrastica latina (*amare habeo* = *amabo*).

|       |            |                  |
|-------|------------|------------------|
| Port. | <i>hei</i> | <i>cantar-ei</i> |
| hesp. | <i>he</i>  | <i>cantar-é</i>  |

<sup>1</sup> A descoberta d'este futuro fel-a o gramm. hesp. Nebrissa (1492), e Ste. Palaye, M. Muller, Raynouard, Diez, etc. confirmaram a explicação. Nunes do Lião foi o primeiro gramm. port. que fez esta observação; e Ribeiro dos Santos (*Pocs. port.*) notou que o galleziano «emprega a pletiva *ai* e o algarvio *ei*.»

o z  
gula  
corre  
traze

não s

do.  
com  
feito  
ia =  
impe

agglu  
acon  
ment  
vos-h  
(secu

4  
E  
than;  
(venga  
cantar,

2  
fórmas  
guarre  
plicacã  
(Cf. Ad

|         |                |                                |
|---------|----------------|--------------------------------|
| ital.   | <i>ho</i>      | <i>canter-ó</i>                |
| francez | <i>ai</i>      | <i>chanter-ai</i>              |
| prov.   | <i>ai (ei)</i> | <i>chantar-ai</i> <sup>1</sup> |

Os verbos *dizer, fazer, trazer, etc.*, perdem o *z* no futuro, do que resulta a contração regular das duas vogaes:—*dir-ei, far-ei, tra-rei*, correspondentes ás archaicas—*dizerei, fazerei, trazerei, etc.*<sup>2</sup>

Só o verbo *jazer* conserva hoje a fórma não syncopada—*jazerei*.

CONDICIONAL.—O latim desconhecia este modo. A sua formação é idêntica á do futuro, com a differença de que formou-se do imperfecto, e não do presente do verbo *haver* (*amar-ia* = *amar-hia* = *amar havia*). Corresponde ao imperf. do subj. latino.

A desinencia, isto é, o auxiliar em estado agglutinante, também pôde separar-se, como acontece no futuro, deixando perceber claramente a sua origem:—*dever-me-hias, amar-vos-hia... guysar-lh'ia quitar-m'end-ia, etc.* (seculo XIII).

<sup>1</sup> Em todas as linguas o futuro fórma-se pela composição.

Em inglez com *shall* e *will*, all. com *werden*, goth. com *wairthan*; grego mod. (romaico) com *theto*; no romanico com *vegnir* (*venga a venir-virei*), no valachio com *voin* (*is voin cantai*—quero cantar, cantarei). V. Bopp. *Op. cit.*—*Survey of languages*.

<sup>2</sup> Da syncope da vogal final do infinito originaram-se varias fórmas de fut.: *querrey p. quererei, querra, quarray, etc.* (D. Diniz), *guarrei p. guarirei* (Tr. e Cant.), etc. Em algumas deu-se a duplicação do *r* do Infinito—*valrrá p. valerá; terrey, verrá, etc.* (Cf. Ad. Coelho).

É, pois, propriamente um tempo composto. †

IMPERATIVO. — A desinencia da segunda pessoa do plural em todos os docs. anteriores ao seculo XIV era invariavelmente em — *de* (= lat. *te*): — *fazede, soffrede, queredede, punhade, dizede, metede, avede, sabede, amade, sejades*, etc., formas que ainda vigoram nos seculos XV e XVI, mas tendo já por concurrentes as syncopadas: — *temperaae, ordenaae, sabeo, pensaae*, etc., identicas ás modernas, pois que o *a* e *e* geminados indicam apenas a syllaba tónica.

Tambem o Imperativo conserva, como o Indicativo, algumas formas relembradoras das archaicas em *de*: *crêde, lêde, vêde, ride, ide, tende, vinde, ponde, sêde*.

O *d* persistiu geralmente: 1º quando o thema compunha-se de uma unica vogal (*i-de, i-te*); 2º quando, por motivo da quêda da consoante média, o thema ficou reduzido em latim á parte inicial da raiz *ride* = *ri(d)ete, vê-de* = *vi (d) etc*; 3º quando o *t* latino vinha protegido por uma nasal (*tende, ponde*).

SUBJUNCTIVO. — F. arch. — pres. — *seiayes, ameyes, ouçayes, leáyes* (seculo XVI); imp. — *fosseyes, amasseyes, owisseys*. As formas do futuro já se encontram no *L. cons.*, em J. Claro, F. Lopes, etc.

† O cond. póde ser substituído pelo imp. do Ind., e os nossos classicos empregaram de preferencia o mais que perfeito: *sem outra mercê nem despacho, me dera por muito contente* (Vieira); *no meu proprio merecimento achára razões de me consolar*. (Id).

INFINITO. — É o portuguez a unica lingua que tem a propriedade de dar inflexões de pessoa e numero aos infinitos. É um formoso e singular idiotismo, «que tem a vantagem de tornar o nosso idioma mais breve e elegante». V. Syntaxe.

PARTICIPIO PRESENTE. — O actual part. presente port. forma-se do ablativo do gerundio latino (*ando endo*); mas até o seculo XIV tirava origem no tempo correspondente em latim, e o portuguez antigo offerece-nos muitas amostras d'estes participios em —*nte* ainda no seculo XVI: — *entrante aa casa; os quaes tementes Nostro Senõr; a Sancta Escriptura de Deus dizente; eu temente minha morte*, rompende o *alvor da manhã* (Nob. D. Pedro); *as perlas imitantes a cõr da Aurora* (Canc.).

Hoje estas fórmãs são consideradas simples adjectivos ou substantivos, como já a alguns d'elles acontecia no latim e no port. antigo: *amante, penitente, consoante, escrevente, obediente, predominante, caminhante, semente, tirante, nascente, . . . occidente, poente, oriente, lente*, etc. A *aguia mais voante*, escreveu Ferreira.

Modernamente alguns escriptores têm revivido, e ainda bem, o emprego d'esses participios.

PARTICIPIO PASSADO. — Até o seculo XV, o portuguez seguia tambem o latim na desinencia do part. passado dos verbos da 2ª conj. (derivados em *ã* e *i* e flexão cons.). Ex.: *estabele-*

çudo, perdudo, metudo, perduda, tehada, co-  
nhoçudo, recebudo, venduda, temudo, avuda,  
teuda, responduda, etc. Só no seculo XVI é  
que se introduziu a fôrma em *ido* por analogia da 3ª conjugação: — *vencido, colhidas, estabelecido*, etc., ou, talvez, por haver prevalecido a vogal accentuada da fôrma completa — *uitos*, dando em resultado a perda do *u*.

Na linguagem hodierna ainda temos exemplos da fôrma archaica em *teúdo, manteúdo, conteúdo, sanhudo*, etc., mas considerados simples adjectivos, excepto na phrase *mulher teuda e manteuda*.

Esses participios, ainda mesmo com significação activa, concordaram, até o seculo XVI, com os substantivos em genero e numero: *quantas culpas tinham commettidas* (F. M. Pinto), *serviços que lhe tinham feitos* (F. Lopes), *tambem tinham mortos muitos e bons soldados* (Fr. L. de Souza).<sup>1</sup>

No portuguez antigo era de uso frequente o participio do futuro (*envolvedouro, enxugadouro, esperadouro, miradouro, travadouro, escorregadouro*, etc.), de que subsistem apenas algumas fôrmas, mas como adjectivos ou substantivos: — *duradouro, bebedouro, espojadouro, ancoradouro, lavadouro, matadouro, suadouro*, etc. Estes substantivos ainda indicam uma acção futura.

<sup>1</sup> Hoje só variam com o verbo *ser*.

O part. do futuro era também expresso no portuguez antigo por uma fôrma em *ondo* (*recebondo* = capaz de receber, etc.), da qual conservamos vestígios em — *nefando*, *execrando*, *miserando*, *venerando*, *educando*... Francisco Manuel do Nascimento ainda empregava essas fôrmas, e mui frequentemente; hoje, porém, não caíndo em desuso, e são substituídas pelas em — *avel* (*execravel*, *miseravel*, *invejavel*, *admiravel*...) mas muito sem razão.

Muitos verbos portuguezes têm dous participios, um regular e outro irregular. Este, em geral, é fôrma contracta, ou mais conchegada da latina correspondente.

### Primeira conjugação

|             |           |
|-------------|-----------|
| Aceitado,   | aceito.   |
| Afeiçoado,  | affecto.  |
| Agradado,   | grato.    |
| Annexado,   | annexo.   |
| Apromptado  | prompto.  |
| Captivado   | capto.    |
| Cegado      | cego.     |
| Descalçado  | descalço. |
| Entregado,  | entregue. |
| Enxugado,   | enxuto.   |
| Exceptuado  | excepto.  |
| Escusado,   | escuso.   |
| Expressado, | expresso. |
| Expulsado,  | expulso.  |
| Findado,    | findo.    |
| Fixado      | fixo.     |

|              |            |
|--------------|------------|
| Fartado,     | farto.     |
| Ganhado,     | ganho.     |
| Gastado,     | gasto.     |
| Ignorado,    | ignoto.    |
| Infestado,   | infesto.   |
| Isentado,    | isento.    |
| Juntado,     | junto.     |
| Limpado,     | limpo.     |
| Livrado,     | livre.     |
| Manifestado, | manifesto. |
| Matado,      | morto.     |
| Misturado,   | mixto.     |
| Molestado,   | molesto.   |
| Occultado,   | occulto.   |
| Pagado,      | pago.      |
| Professado,  | professo.  |
| Quietado,    | quieto.    |
| Salvado,     | salvo.     |
| Seccado,     | secco.     |
| Segurado,    | seguro.    |
| Sepultado,   | sepulto.   |
| Soltado,     | solto.     |
| Sujeitado,   | sujeito.   |
| Suspeitado,  | suspeito.  |
| Vagado,      | vago.      |

Ha alguns archaicos: — *rpto* (Camões, Fr. L. de S., Sá Menezes, etc.), e hoje só subst. ou adj.: *boto* = embotado (Ferr. *Poem. Lus. Son. 41*), etc., *volto* = voltado, etc.

### Segunda conjugação

|             |                    |
|-------------|--------------------|
| Absolvido,  | absoluto, absolto. |
| Absorvido,  | absorto.           |
| Accendido,  | accesso.           |
| Agradecido, | grato.             |
| Attendido,  | attento.           |

A  
colhei  
cozeito  
A  
regula  
Pac

|               |                  |
|---------------|------------------|
| Comido,       | comesto (ant.)   |
| Conhecido,    | cognito.         |
| Contido,      | conteúdo         |
| Convencido,   | convicto.        |
| Convertido,   | converso.        |
| Corrompido,   | corrupto.        |
| Cozido,       | couto.           |
| Defendido,    | defeso.          |
| Descrevido,   | descripto.       |
| Elegido,      | eleito.          |
| Enchido,      | cheio.           |
| Envolvido,    | envolto.         |
| Escurecido,   | escuro.          |
| Estendido,    | extenso.         |
| Incorrido,    | incurso.         |
| Interrompido, | intERRUPTO.      |
| Mantido,      | manteúdo (ant.)  |
| Morrido,      | morto.           |
| Nascido,      | nato.            |
| Pervertido,   | perverso.        |
| Prendido,     | preso.           |
| Recosido,     | reconto (arch.)  |
| Reconhecido,  | recognito (ant.) |
| Resolvido,    | resoluto.        |
| Retido,       | retento.         |
| Revolvido,    | revolto.         |
| Rompido,      | roto.            |
| Submettido,   | submisso.        |
| Suspendido,   | suspensio.       |
| Tido,         | teudo (ant.)     |
| Torcido,      | torto.           |
| Volvido,      | volto (ant.)     |

Além d'estes participios, havia *arrepeso*, de arrepender; *colheito*, de colher; *comesto*, de comer; *concesso*, de conceder; *cozeito*, de cozer; *despezo*, de despender, etc.

As segundas são fórmãs syncopadas ou contrahidas das regulares. São de origem erudita, em geral, e conservaram-

se como adjectivos verbaes ; e é esta a razão por que as primeiras conjugam-se com os aux. *ter* e *haver*, e estas principalmente com *ser* ou *estar* (*Dissoluto, devoluto, diffuso, afflicto, etc.*)

### Terceira conjugação

|               |              |
|---------------|--------------|
| Abrido,       | aberto.      |
| Abstrahido,   | abstracto.   |
| Affligido,    | afflicto,    |
| Assumido,     | assumpto.    |
| Cobrido,      | coberto.     |
| Compellido,   | compulso.    |
| Concluido,    | concluso.    |
| Circumduzido, | circumducto. |
| Diffundido,   | diffuso.     |
| Digerido,     | digesto.     |
| Dirigido,     | directo      |
| Distinguido,  | distincto.   |
| Dividido,     | diviso.      |
| Encobrido,    | encoberto.   |
| Erigido,      | erecto.      |
| Excluido,     | excluso.     |
| Exhaurido,    | exhausto     |
| Eximido,      | exempto.     |
| Expellido,    | expulso.     |
| Exprimido,    | expresso.    |
| Extinguido,   | extincto.    |
| Frigido,      | frito.       |
| Imprimido,    | impresso.    |
| Incluido,     | incluso      |
| Infundido,    | infuso.      |
| Inserido,     | inserto.     |
| Instruido,    | instructo.   |
| Opprimido,    | oppresso.    |
| Possuido,     | possesso.    |

pio  
tar  
(de  
con  
zer  
col  
(de  
ass  
ext  
esc

hoj  
é  
me  
ma  
fac  
pro

jug  
=l  
mas  
sob  
digi

|             |            |
|-------------|------------|
| Repellido,  | repulso.   |
| Reprimido,  | represso.  |
| Submergido, | submerso.  |
| Supprimido, | suppresso. |
| Surgido,    | surto.     |
| Tingido,    | tinto.     |

Muitas das fórmãs irregulares dos participios são hoje desusadas: — *rapto* (de arrebatár), *boto* (de botar), *vólto* (de voltar), *absoluto* (de absolver), *colheita* (de colher), *comesta* (de comer), *concesso* (de conceder), *cozeito* (de cozer), *despezo* (de despender), *escolheita* (de escolher), *reprehenso* (de reprehender), *tolheito* (de tolher), *acquisito* (de adquirir), *assumpto* (de assumir), *cincto* (de cingir), *digesto* (de digerir), *extorto* (de extorquir), *instructo* (de instruir), *escrevido* (de escrever), *nado* (de nascer), etc.

Muitos d'esses participios irregulares são hoje subst. ou adj. verbaes, e o seu estudo é de interesse porque nos mostra evidentemente a influencia do accentto latino na formação do nosso idioma—*acto*, *colheita*, *escripto*, *facto*, *annexo*, *feito*, *reducto*, *digesto*, *contracto*, *progresso*, etc...

A QUARTA CONJUGAÇÃO. — O typo d'esta conjugação é o verbo *pôr* (arch. *poner*, ant. *poer* = lat. *ponere*). Pertencia á 2ª até o seculo XVI, mas a quêda do *n* e a consequente acção do *o* sobre o *e* obrigou a criação de um novo paradigma em *or*.

Thema *pon*

Ponh-o  
Põe-s  
Põe  
Po-mos  
Poñ-des  
Po-em

O *n* nasalou-se ao passar para o portuguez, molhando-se por fim na 1ª pess. sing. (*nh*). Deu-se o mesmo que com *ter*, *vir*, etc. (*tenho*, *venho* = lat. *teneo*, *venio*).

Já vimos na phonologia que, antes do *e* e do *i* palatal, o *n* e o *l* molham-se.

Os antigos escreviam *põemos*, *põeis*, *põe-em*.<sup>1</sup>

No imperfeito apresenta o verbo *pôr* flexão já particular aos verbos *ter* e *vir*: — *punha*, *punhas*, *punha*, *punhamos*, *punheis*, *punham* (Cp. *tinha*, *vinha*, etc.). A fôrma antiga era *pônia*, o *i* palatal foi representado graphicamente pelo *h* (*ponha*).<sup>2</sup>

No imperf. e perf. do Indic. e no subj., pres., o *o* do radical muda-se em *u* — *punha*, *puz*, *puzesse*. Esta transformação era frequente principalmente quando o *o* era longo (*furar* = *forare*, *cumprir* = *complere*, *tudo* = *totum*, etc.), assim como o era a do *e* em *i* (*tinha*, *vinha*).

<sup>1</sup> E bem assim *poeria*, *poesto*, etc.

<sup>2</sup> V. *Phonologia*.

A 1ª pessoa do pret. perf. é a que apresenta mais desviação (lat. *possui, -sti, -t*), mas é preciso advertir que ella passou por varias transformações até fixar-se: — *pusy (pusi), puge, pugy (pugi), pose, pós, pús* (seculo XIV).

Part. passado — *posto* = lat. *pos-(i)-tum*.

A quarta conjugação formou uns 24 verbos, mas hoje devemos consideral-a esterilizada, morta.

Venhamos agora aos **verbos irregulares**.<sup>1</sup>

### Primeira conjugação

Esta conjugação tem apenas dous verbos primitivos irregulares: — *estar* e *dar*. Todos os mais (como *encommendar, sobreestar, etc.*) são com elles compostos, e seguem o mesmo paradigma.

**Dar.** — (= lat. *dare*). — Ind. pres. — *dou, dás, dá, damos, dais, dão* = lat. *do, das, dat, damus, datis, dant*. — Pret. perf.: *dei, deste, deu, demos, destes, deram* = lat. *dedi, dedisti, dedit, dedimus, etc.* — Subj. pres.: — *dê, dês, demos, deis, deem* = lat. *de-m, de-s, de-t, de-mus, de-tis, de-nt*.

Formou-se, pois, regularmente pelo molde latino, sendo apenas de notar a queda do *d* medio (*daes* = *da-t-is, demos* = *de-d-inus, desta* = *de-d-isti, etc.*).

<sup>1</sup> Esta lista de verbos irregulares foi extractada da *Gramm. hist. da lingua portugueza* por Pacheco Junior.

**Estar.**—(lat. *estare*). Formou-se do mesmo modo que o verbo *ser*. Ind. pres.—*estou, estás, está, etc.*—lat. *sto, stas, stat, etc.*; Pret. perf.—*estive, estiveste, esteve, etc.*—*esteti, etc.* Subj. pres.—*esteja, estejam, esteja, etc.*; formado por analogia com *seja*; Subj. imp.—*estivesse, estivesses, etc.*

Da terceira pess. sing. do pret. imp. do Ind. acha-se a forma *sia* (*e o dito Juiz que presente sia perguntou*—seculo XIV, Rib. *Diss.*); no Subj. pres. fazia *esté, estês, esté, estemos, esteis, estém*, correspondentes ao latim *stem, stes, stet, etc.*; mais tarde—*sia, siades, etc.*... Aquellas formas ainda eram as empregadas por S. de Miranda e Camões. Em Miranda não se encontram as modernas *esteja, estejam*; Camões foi o primeiro a empregal-as.—Cfr. gall. *estea e estia, —sea, sia.*

Os verbos acabados em *ear* intercalam um *i* entre as duas vogaes thematicas nas tres pessoas do sing. e terceira do plural do pres. do Ind. e do Subj., e na segunda sing. do Imperativo:—*discretear, discreteio, discreteias, etc.* Esta intercalação, porém, não é forçosa; e muitos indicam o alongamento do *e* por um accento circumflexo (*discretéio*), assim como alguns escrevem o infinito com *i* (*ceiar, discretiear*) cessando assim a irregularidade.

**Crear** só é irregular no pres. do Ind. e do Subj.—*crio, crias, cria, criam; crie, cries, etc.*<sup>1</sup>

A irregularidade das segundas pessoas do Ind. pres. entende-se sempre ás do Imperativo.

## Segunda conjugação

**Caber** (lat. *capere*, tomar).<sup>2</sup> Ind. pres.—*caibo, cabes, cabe, etc.*... A 1ª pess. formou-se regularmente de *capio*.

<sup>1</sup> Faz tambem *criar* no infinito. A differença do sentido é moderna.

<sup>2</sup> Que esta é a verdadeira etymologia provam-no os antigos textos. Ex.: *S se obrigou de estar, e a caber toda rem, que os ditos Juizes arvidos julgassem* (Eluc. Vit., doc. 1289).

Pret. perf.—*coube, coubeste, coube, etc.* *Coube* por *caube* = lat. *capui*, e esta transformação deu-se nos perf. latinos em *ui*: *soube* (*sapui*), *prouve* (*plabuit*), *houve* (*habui*), *poude* (*potui*), *trouve* ant. *trouve* (lat. vulg. *tracsui*, *traxi*) e na f. arch. *jouve, jogue* (=lat. *jacui*).

**Crêr** (ant. *creer* = lat. *credere*). <sup>1</sup> Ind. pres. — *creio, crês* *cré, etc.*—lat. *credo, es, et, etc.*, pela queda da consoante média, que só se conservou na 2ª pess. plural do Ind. e do Imp., para evitar equívoco com a do sing. (*crêdes, crêde*). Ind. perf. *cri, crêste, creu, etc.*, de *credidi, etc.*, port. ant. (seculo XVI), *crü* (e bem assim *lii, corrii, vii, etc.*)

O *i* epenthésico em *creio* serve para evitar a diphthongação. (Cp. *leio, etc.*) Imp.—*cré, crêde*.

**Dizer** (=lat. *dicere*).—Ind. pres.—*digo, dizes, diz, ant. dige*, etc.=lat. *dico, dices, etc.* Pret. perf.—*disse, disseste, disse, etc.* (ant. *dii, dixe, dixeste, f. pop. mui frequentes nos escriptores do seculo XVI*)=lat. *dixi, dixisti, dixit, etc.*—O futuro e o condicional formaram-se com a forma atrophada do infinito (*dir*):—*direi, ás, á, etc., diria, as, etc.* No seculo XVI ainda se encontram as formas completas—*dizerei, dizeria*. Part. pass.—*dito*=lat. *dictus*.

*Diz* por *dice, disse* (seculo XVI) como *plaz* por *plase, etc.* *Diz* que por *dizem* que. (S. de M.)

**Fazer** (lat. *facere*).—Ind. pres.—*faço, fazes, faz, etc.* =lat. *facio, faces, facet...* *Fais* por *fazes*, seculo XVI: *olha o que fais* (S. de Mir.) A 1ª pess. sing. conservou o *c*, em consequência do *i* da forma latina (*facio*).—Pret. perf.—*fiz, fizeste, fiz, fizemos...* =lat. *fecit, fecisti, fecit...* A 1ª pess. sing. mudou o *e* thematico em *i* para distingui-la da 3ª; a 2ª do sing. e as do plural adoptaram o *i* por analogia. O futuro—*fariai, -ás, etc.*) e o condicional (*faria, -as, etc.*) eram tambem como nos verbos *dizer* e *trazer*) insyncopados até o seculo XVI (*fazerei, fazeria*).

<sup>1</sup> *Credere*=*cred're*. Pela perda da consoante média—*crer* (*e*)—*crêr* já é do seculo XVI.

**Haver** (*haber*, lat. *habere*)—Ind. pres.—*hei, has, ha, havemos* (hemos) *haveis* (heis), *hão*—lat. *habeo, habes, habet, habemus, habetis, habent*. (*Ha-b-eo*—*hai, hei; ha-be-nt*—*han, hã, hão*).—Pret. perf.—*houve, houveste*, etc.,=lat. *habui, habuisti, habuit*. . . ; arch. *oube, ouve, ouvo* (Trov. e Cant.), *uveste* (D. Diniz); *ovi, ove* (Rib. Diss.)—Subj. pres.—forma-se do tempo correspondente latino:—*haja* (*ha-b-eam*), *haja* (*ha-b-eas*), etc.; Sub. imp.—do mais que perf. latino:—*houvesse* (*habuissem*), *houvesseis* (*habuissetis*), etc.

No port. ant. o infinito não tinha *h* inicial (*aver*) e d'ahi—*avees, aveeyes, avede*, etc.

Part. pass.—*havido* (=lat. *habitum*), ant. *havudo*=lat. barb. *habutum*.

*Heis* por *haveis* no futuro e *hemos* por *havemos*, etc., é do seculo XVI, bem como tambem *hia* por *havia* no modo condicional:—*se os odios antre vos crescem, comer vos heis a bocados; Si la deuda acaso es nuestra pagar la hemos sin dineros; sen ela ter se hia mal*.

**Jazer** (lat. *jacere*).—Ind. pres.—*jazo* (ant. *jaço*), *jazes, jaz*, etc.

A primeira pess. é desusada.—Pret. perf.—*jazi, jazeste*... (= *jacuit*, etc.), é forma mod.; a antiga é *jouve, jouveste*, etc., por *jougue* (lat. *jacuit* por *javait*). Cfr. *prouve*.

*Jazer* era verbo muito usado antigamente (até o seculo XVI), no sentido de *estar, estar situado, assentado* ou *deitado, de permanecer na mesma posição*, etc.

A moça ensinou mais  
simplreza santa e *jouve*,  
e chorando em terra um tempo, perdão houve.

(M. EG. ENCANT. 502.)

Serrana onde *jouveste*?

(VILANCETE VI.)

Tudo espirito e tudo é vida  
mal *jará* a morte escondida.

(Id. XXII.)

Caí onde ora *jaço*.

(S. DE M. Son.)

**Lêr** (ant. *leer* = lat. *legere*). — Conjugava-se por *crêr*. *Leio, les, lê...* = le-(g)-o, le-(g)-es, le-(g)-et...; *li, leste, leu...* = lat. le-(g)-i, le-(g)-isti, le-(g)-it...; *lêdc* = le-(g)-ite.

**Perder** (lat. *pêrdere*). — Ind. pres. — *perco, perdes, perde, etc.* = lat. *pando, perdes, perdet...* A mudança do *d* latino em *c* (1ª pess. do sing.) é rara; todavia d'ella temos amostras (ant. *arcer* = *arder*).

**Poder** (lat. *pôtere*). — Ind. pres. — *posso, podes, etc.* = lat. *possum, potes, potest...* Ind. perf. — *pude, pudeste, poudes, etc.* = lat. *potui, potuisti, potuit...* No port. ant. as fórmulas das primeiras pess. sing. do pres. afastavam-se da latina e seguiam o thema do Infinito: — *podê, poudê* (D. Din.), *pyyd, puyê* (Tr. e Cant.); a terceira pess. fazia *podô, poudô* (G. Vic., etc.).

Não tem Imperativo, comquanto em alguns classicos se encontrem exemplos do seu emprego: — *Si quereis ser omnipotentes podei só o justo e o licito.* (Vieira).

**Prazer** (lat. *placere*). — Ind. pres. — *praz* (ant. *plaz*); Ind. perf. — *prouve por prouge* (*placui*). Cp. *cabêr, trazer*.

Era frequente o emprego das fórmulas *plougue, etc.* Inf. *plazer* (Liv. de Linh., Ord. Aff. etc.); mais tarde — *prouguer, prouguesse*. Só no seculo XV é que appareceu pela primeira vez a fórma actual *prouve*, mas a par de *plouge*.

Este verbo é hoje unipessoal: no port. antigo, até o seculo XVI, só do part. pass. é que não ha exemplos: — *assi te praza que seja, prazêrá a Deus, si prouver, prouvéra, prouvesse, prazendo, etc.*

Tambem empregavam-no interrogativamente, quando se desejava se repetisse o dito por o não haver entendido (= fr. *plait-il?*)

**Querêr** (lat. *querere*). — Ind. perf. — *quiz, quizeste, quiz, etc.* *Quiz* é fórma abreviada das antigas *quigi, quigo, quizo*, que no seculo XVI se escrevia *quis*. Subj. pres. — *queira, queiras, etc.*

Não tem Imperativo, posto o houvesse empregado o Padre A. Vieira (*Serm. IV. 297*): — *queirei só o que podeis.*

*Quês* é fórm. pop. contrahida de *queres* (S. de Mir., G. V.); Cast. *quies* por *quieres*; gall. *quês*. *Quei* por *querei*, nos Autos de Prestes.

**Requerer** (lat. *requirere*). — Ind. pres. — *requero, requeres, requer*, etc. . . O *i* da primeira pess. sing. foi intercalado para reforçar a vogal thematica.

**Saber** (lat. *sapere*). — Ind. pres. — *sei, sabes*, etc.; Ind. perf. — *soube, soubeste*, etc. (Cp. *coube, houve*); Subj. pres. — *saiba, saibas*, etc. (lat. vulg. *sapeam, sèpam*).

*Sei* (Cp. *hei*) é fórm. contr. de *sabi* (sa-b-i).

**Ser** (fórm. rom. *essere* = lat. *esse*).<sup>4</sup> — Forma-se como em latim de duas raizes — *es* e *fu*.

A 1ª fóрма:

1º — O presente e o imperfeito do Indicativo — *sou* (*sum*), *és* (*es*), *é* (*est*), *somos* (*sumus*), *sois* (*são*).

2º — O futuro e o condicional: *serei, seria*.

3º — O Imperativo — *sê, sêde, de sedere*.

4º — O Subj. pres., que se não formou do tempo correspondente no latim (*sim, sis, sit*, etc.) mas das fórm. archaicas — *si-em, si-es, si-et, si-a-mus, si-a-tis, si-ent*.

5º — Participios — *sendo, sido*. O presente = lat. *sens, entis*, que só apparece nos compostos (*ab-sens, prae-sens*), port. arch.: — *seente*; o passado formou-se analogicamente, e não havia em latim.

A raiz *fu* fóрма:

1º — O pret. perf. e mais que perfeito do Ind. — *fui, foste, foi, fomos, fostes, foram* = lat. — *fui, fuisti, fuit, fuimus, fuistis, fuerunt; fôra, fôras*, etc. = *fueram, fueras, fuerat* . . .

2º — O imp. e o futuro do Subj. — *fosse, fosses, fosse, etc.* = lat. *fuissem, fuisses, fuisset*, etc. O futuro deriva do infinito

<sup>4</sup> Desde o VI seculo os verbos defect. latinos terminavam em — *re* na linguagem popular, por analogia aos verbos da segunda conj.: *potere, volere, inferre*, etc. por *posse, velle, inferre*. *Ced estis fui et quod sum essere abetis. Vulfaldo episcopus essere debuisset.* (Gruter — *Inscrip. Rom.*)

futuro  
talem.

F  
tina co  
de fórm

In  
(D. Di  
soon (G  
G. Vic

Sã  
Camõe

Na

dos se  
palavra  
meu ser  
etc., e  
em é po  
a fórm

No  
era soe  
em cuj  
que co  
so-d-es

Aq  
fóрма  
sitis. A  
culo XI  
Diss., C

No  
tis, dep  
como se  
sente sic

Es  
stare e  
(sedere)  
fórm  
etc., Sã

futuro latino—*fore* (*amatum fore, illud spero, me fore immortalem.* (Cic).

**Fórmãs archaicas.**—Comparando a conjugação latina com o port. arch. torna-se mais manifesta a identidade de fórmãs.

Ind. pres.—1ª pess. sing. *sum, som, soon, são, sam, san* (D. Diniz, Liv. de Linh., C. Rez., Sá de Mir., G. Vic., etc.), *soon* (Canc. d' Ajuda), *soõ* (Canc. da Vat.), *são, sejo* (Cancs., G. Vic.). *Son* apparece pela primeira vez em um doc. de 1265.

*São* por *sou* também foi empregado por Sá de Miranda e Camões; e hoje ainda é usual entre os Minhotos.

Na 3ª pess. é de notar a fórmula *est* a par de *é* nos auctores dos seculos XIII e XIV, que parece mais era usada antes de palavra que começava por vogal:—*est o praso salido; est o meu sen* (D. Din.). Em B. Rib. (*Men. e moça*), Moraes, Palm. etc., encontra-se *eres* em vez de *és*. *Es* por fim reduziu-se em *é* por ser o *s* característico da 2ª pess., e assim fixou-se a fórmula.

No plural, a 1ª pess. fazia também *sumus* (somos); a 2ª era *soedes, sooes* (L. cons.), *sodes* (Fr. J. Claro e G. Vic., em cujas obras também se encontra a fórmula *sondes*), até que com J. de Barros apparece a fórmula actual—*soes* (= so-d-es).

Aqui houve completa desviação do typo latino—*estis*: a fórmula port. moldou-se na correspondente latina do Subj.—*sitis*. A 3ª pess. passou por varias evoluções:—*sunt* (seculo XIII), *sum, som, son, sam* (seculo XIV, R. de S. B., Rib. Diss., Canc. d' Aj., Trov. e Cant.), *são* (já usada no seculo XIV).

No pret. imp. é de notar a 2ª pess. pl.—*erades*=lat. *eratis*, depois *erais* (*ereis* data do seculo XVI), e a fórmula *sia*, como se vê de docs. do seculo XIV, para a 3ª (*e o juiz que presente sia*—era—perguntou).

Esta ultima fórmula explica-se pela synonymia entre *esse, stare e sedere*. *Sia* e *seia* por *sia* (lat. *sedebat*). imp. de *seer* (*sedere*)—em Sá de Miranda; Cp. mais *sé, see, sei*, por *é*—fórmãs muito usadas antigamente (*eu sejo, tu ses, elle see, sei*, etc., Sá de Miranda, G. V.): *tu que sés na celda, qual fizeres*

*tal espera* (Prov. pop.), *quem bem see nam se leve, vê o mar e se na terra* (Id.); *seiaya, seiayes*, etc. = *ereis* (seculo XVI).

O pret. perf. tem a fórma *seve* por *fui*, que se encontra no Canc. de D. Diniz, a par de *foy, fuy, fui. Ffo* (Fóros do Cast.), *fui* (doc. 1298), *fou* (doc. 1310), *foe* (Fr. J. Claro).

O subjunctivo apresenta fórmas mais encostadas ás latinas—*siades* (sejaes), *seiaya, seiayes, seiaces* (seculo XVI); *focedes* (J. Cl.), etc.; e no futuro—*sever, severim* (F. da Guarda, 401, 422).

No infinito, além das fórmas *seer, soer* (C. Vat.), que fez com que alguns acreditassem derivar a 1ª de *sedere* e a 2ª de *solere*, temos o part. pres. — *seendo*. (Cp. *tendo*), *seente*.

**Soer** (*saher*, lat. *solvere*). Hoje quasi obsoleto, era comtudo regular e de uso frequente no seculo XVI:—*o silencio qua sohe encobrir a tristeza; Portugal já não é o que d'antes ser sohia; do que soi* (por *soe*) *acontecer*.

**Fer.** É reproducção do verbo latino *tenere*, e serviu, em alguns tempos, de typo para o verbo *estar* (*estive, estivesse* . . .)

Ind. pres.—*tenho, tens, tem, temos, tendes, teem* (têm) = lat. *teneo, tenes, tenet, tenemus, tenetis, tenent*; — imp.—*tinha, tinhas, tinha*, etc. = *tene-(b)-am*, etc.; perf.—*tive, tiveste, teve, tivemos*, etc. = *te-(n)-ui, te-(n)-uisti*, etc.; imper.—*tende* (tenete); Subj. pres.—*tenha*; imp.—*tivesse*; part. pass. *tido*, arch.—*teudo* (*tenetum*).

A fórma do imp. Ind. era em *ades* para a 2ª pess. pl. (*tinhaades*), como era a regra geral na conjugação até o seculo XVI (*queirades, façades*).

No pres. e imp. Ind. e pres. Subj. o *n* latino molhou-se (V. Phonetica), mas nos antigos textos encontram-se esses tempos, sem o *n* (*teeya* a par de *tinha*), etc.

No port. ant. raro permutou o *e* thematico em *i* (*eu teve, tevera, teverom, teeya, tevesse, tendo* . . .)

**Trazer** (ant. *trazer, trager, traxer*, do lat. *trahere*). Ind. pres.—*trago, trazas, trax, trazamos*, etc.—lat. *trahio, -es*, etc. O *g* da 1ª pess. sing. é vestigião da ant. fórma do Inf. *trager*, que—consequentemente—se estende ao pres. do Subj.—

No seculo XVI, por motivo da fórma *traer* do Inf. — diziam *traio, traia*, por *traigo, traiga* (trago, traga).

Pret. perf. — *trouxe, trouxeste*, etc. — lat. *traxi*, lat. vulg. *tracsui*. Até o seculo XVI as fórmas usadas eram *traje, trajo*, alternando com *truje, trujo, trouve* (por *trougue* — *tracuit*; Cp. *houve, jouve* = *jacuit, prouve* = *placuit*), *trouge* (gall. *trougue, troverão, trouvesse* (L. Linh.), etc.

Só no seculo XVII é que se fixou a fórma do Infinito. Futuro — *trarei*, etc. ant. *trazerei*, etc.

**Valer** (lat. *valere*). — Ind. pres. — *valho, vales*, etc. = lat. *valeo*. . . ; port. ant. *valo, vales, val* (seculo XVI). — Sobre o *lh* da 1ª pess. vide *Phonetica*.

**Vêr** (ant. *veer* = lat. *videre*). — Ind. pres. — *veja, vês, vê*, etc. = lat. *video, vides*, etc. Quanto ao *j* do 1ª pess. (e consequentemente das do Subj. pres.) cp. — *hoje hodie, inveja invidia, haja habeam, granja granea*, etc.

Pret. perf. — *vi, viste, viu, vimos*, etc. = *vidi, vidisti, vidit*, etc., port. ant. — *vii, viisti, viimos*. . . A 3ª pess. sing. fez *viu* para não se confundir com a 1ª, e de accôrdo com a theoria da nossa conjugação.

*Vim* por *vi* é galleguismo que se encontra em escriptos do seculo XVI.

O *d* latino conservou-se na 2ª pess. pl. do pres. do Ind. (*védes*) <sup>4</sup> e, como em outros verbos, quando elle se acha protegido por um *r* ou *n*: *virdes, terdes*. . . *vindes, tendes, pondes*.

Part. pass. — *visto*.

O verbo *provêr*, derivado de *vêr*, faz *provi, proveste, provemos, provestes, proveram*, e o part. pass. — *provido*.

**Poer** — V. 4ª conjugação.

*Arder* fazia *arço* (= ardo) ainda no seculo XVI.

<sup>4</sup> *Vedes* p. *véis*, seculo XVI.

### Terceira conjugação

**Cair** (lat. *cadere*). — Ind. pres. — *caio, caes, caê, caimos*, etc. A anomalia está sómente na intercalação euphonica do *i* (*ca-d-o, cáo, caio*).

Seguem a mesma conjugação — SAIR e TRAHIR.

**Cortir** — Ind. pres. — *curto, curtes, êurte, cortimos, cortis, curtem*. A mudança do *o* do radical em *u* tem a conveniência de as pessoas se não confundirem com as do verbo *cortar*, (*corto, cortes, corte, cortem*), mas não constitue propriamente uma desviação porque o infinito era *curtir*, ainda hoje por muitos empregado.

Seguem esta conjugação os verbos **ORDIR** e **SORTIR**, que também não podem ser considerados verdadeiramente irregulares, pois tinham outra fôrma de infinito — *urdir, surtir*, como se lê em alguns classicos.

**Cobrir** (lat. *cuperire*). — Ind. pres. — *cupro, cobres, cobre*, etc. A irregularidade é tão sómente na 1ª pess. sing. (e consequentemente nas do Subj. pres.), para evitar equívoco com a do verbo *cobrar* (*cobro*); mas que se dá em todos os verbos cujo *o* da raiz é seguido dos grupos *br, rm* (*cobrir cupro, dormir durmo*).

Tinha também um infinito em *u* (*cuprir*), e por isso diziam os antigos — *elle encubre, cubre tu, descubre*, etc. (M. Bern., Ferr., D. Nunes, etc.)

Segue a mesma conjugação — **dormir** (lat. *dormire, durmo dormio, dormes dormis*, etc.).

**Ir** (lat. *ire*). — Este verbo completa a sua conjugação com o verbo arch. port. *var* (= lat. *vadere*) e *ser*.

Ind. pres. — *vou, vás, vae, vamos* (imos), *ides* (ant. *vades*), *vão* = *vado, vadis, vadit*, etc. *Vado*, pela quêda do *d* = *vao, d'onde vou*.

Ind. imp. — *ia, ias, ia, iam*, *ieis, iam*; perf. — *fui, foste, foi*, etc.; Imperativo — *vae, ide*; Subj. pres. — *vá, vás, vá, etc*; Subj. imp. — *fosse, fosses*, etc.; *vas*, por *vais*; *ve, vee*,

por  
do s

mede

fórm  
peço  
pess  
regra  
meça

— de  
despi  
mend

ouves  
A di  
-auc

que p  
F  
au-(di

F  
dime,  
A act  
redim

R  
rides,

S  
Ind. c  
S

1  
dius),

por *vay*, ant. fórm. de *vá*, Imperativo, ainda são fórm. do seculo XVI.

**Medir** (lat. *metiri*—*metior*).—Ind. pres.—*meço, medes mede, medimos*, etc.—lat. *metior, metiris*, etc.

Na 1ª pess. sing. muda o *d* em *c* frando, mas a fórm. ant. era *mido* (Cp. arch. *arço* = ardo, *peço* = pido, *despeço* = despido, etc.)<sup>4</sup> Essa mudança nota-se também nas pess. do Subj. pres. que, como já dissemos,—tomou, em regra, para typo a 1ª sing. Ind. pres.—eu *meça, meças, meça*, etc.; port. ant. *mida* (id. *pida*, etc.)

Segue, pois, esta conjugação o verbo **Pedir**.

No seculo XVI ainda imperavam as fórm. regulares: —*despida-se Vossa Alteza dos livros; eu vos despido ou me despido de vós* (Vieira), e D. N. do Lião assim recommenda se escreva e pronuncie (*pido, pides, impido*, etc.)

**Ouvir** (lat. *audire*).—Ind. pres. 1ª pess. sing.—*ouço, ouves*... = *audio, audes*... Subj. pres.—*ouça, ouças*, etc. A divergencia explica-se pela razão já indicada (*di* lat. = ç — *audio, ouço*).

Em Gil Vicente — *oivo* = ouço, *ouvamos* = ouçamos, o que prova eram aquellas fórm. populares.

Pret. perf. Ind.: *ouvi, ouviste, ouviu*, etc. = *au-(di)-vi, au-(di)-viste*, etc.

**Remir** (redimire).—Ind. pres.—*redimo, redimes, redime, remimos, remis, redimem*; Imperativo—*redime, remi*. A actual irregularidade é devida á contracção do Infinito *redimir*.

**Rir** (lat. vulg. *ridere*).—Ind. pres.—*rio, ris, ri, rimos, rides, riem* = lat. pop. *ridi, ridis*, etc.

Só conservou o *d* etymologico na 2ª pess. pl. do pres. Ind. e na do Imperativo (*rides, ride*).

**Sair** (*sair* = lat. *salire*).—*Saio* = *salio*, etc. V. *cair*.

<sup>4</sup> A mudança do grupo *di* (de) em ç era usual: — *baço* (ba-dius), arch. *vergonça* (ver'cundia), etc.

**Seguir** (lat. barb. *sequere*, Prisc.)...—Na 1ª pess. sing. pres. Ind. faz *sigo*, ant. *siguo* = lat. *sequo*.

**Sentir** (lat. *sentire*).—Soffre a mesma mudança que *seguir*:—*sinto* = *sentio*.

No seculo XIV prevalecia a forma em *e*—*sento*, *senta*; no XVI todo o paradigma era em *i*—*sinte*, *sintem*, etc. <sup>4</sup>

**Vir** (fórm. contr. de *venire*).—Ind. pres.—*venho*, *vens*, *vem*, *vinas*, *vindes*, *veem* (vêm) = lat. *venio*, *venis* (*n* = *nh*, Cp. *pôr*, *ter*); Ind. Imp.—*vinha*, *vinhas*, *vinha*, *vinhamos*, *vinheis*, *vinham*; Ind. perf.—*vim*, *vieste*, *veio*, *viemos*, *vies-tes*, *vieram* = lat. *veni*, *venisti*, *venit*...; Imperativo—*ven*, *vinde*.

A 1ª pess. sing. pres. Ind.—*vim*, passou pela forma intermediaria *ven*; *vieste* = *venisti* pela fórm. interm. *veiste*.

O part. pass. seguiu o typo latino—*ventum*, e d'ahi o ser identico ao presente.

*Acutir*, *bulir*, *construir*, *consumir*, *destruir*, *cumprir*, *engulir*, *fugir*, *sacudir*, *subir*, *sumir*, *tussir* (tossir), mudam o *u* do radical na segunda e terceira pess. do sing. e terceira do plural—(*acodes*, *acode*, *acodem*).

Dá-se essa mudança—e consequentemente na da segunda pess. sing. do Imperativo—quando o *o* é seguido de *b*, *d*, *g*, *l*, *m*, *p*, *ss*, *sp*, *st*.

Os antigos monumentos, porém, não apresentam esta irregularidade na conjugação:—*acude tu*, *elle acude*, *elle destrue*, *tu destrues*, *elle fuge*, *sube*, *construe*, etc.

*Aggredir*, *prevenir*, *progredir*, *transgredir*, etc., mudam em todas as tres pessoas do sing. e terceira pessoa do plural do pres. do Ind. e consequentemente nas do Subj. — o *e* thematico em *i*, como tambem acontece em *sentir*, *mentir*, *advertir*, etc., que soffrem essas mudanças na 1ª pessoa do Ind. pres. e em todas do pres. do Subj. São irregulares

<sup>4</sup> Já nos referimos á grande confusão reinante até o seculo XVII na orthographia:—*premea premia*, *fria*, *feria*, etc.

tão sóm  
nos a  
do i en  
por min

Ge  
precedi  
visto, et

—A  
pres. (c  
luz, pr  
fórm  
etc., qu  
porém,  
para ev  
do Ind.  
diz dize

—A  
tendem-  
imp., e  
se,-s,-e;

ADV.  
para cla  
divergen  
pronunci

Ex.:  
em qu (c  
lação de  
gar, gal  
troca do  
do u nos  
gas, etc.)

<sup>4</sup> *Frig*  
*frigis*, *freg*

PACHECO

tão sómente por esta mudança de letras, que mais se nota nos auctores classicos, nos quaes tambem era frequente a do *i* em *e*:—*advirte, compite, consinte, minte* etc., e *mento*, por *minto, persigue, prosigue, sinte, sigue, sirve*, etc.)

Geralmente mudam o *e* em *i* quando aquella vogal vem precedida de *f, g, p, r, nt, sp, st* (*confiro, dispo, firo, frijo*,<sup>4</sup> *visto*, etc.).

—As fórmas verbaes em *uz* da 3ª pess. sing. Ind. pres. (*conduz, induz*, etc.), eram regulares—*elle induze, luze, produze, reduze, traduz*. Deu-se o mesmo que com as fórmas nominaes em *az, iz, oz, uz*,—*capace, felice, veloce*, etc., que se transformaram em *capaz, feliz, veloz*. Parece, porém, que a apocope do *e* foi feita muito de industria para evitar a equivocação entre a 3ª pess. do sing. pres. do Ind. e a 2ª sing. do Imperativo—*faz faze, traz traze, diz dize*, etc.

—As irregularidades da 3ª pess. plural Ind. perf. estendem-se ás fórmas do plus quam perfeito e do Subj. imp., e futuro: *trouxeram, trouxera, -as, -a*, etc.; *trouxes-se, -s, -e; trouxer, trouxeres*, etc.

ADVERTENCIA.—A defectividade dos verbos não basta para classificar-os entre os irregulares, nem tambem as divergencias graphicas tendentes á conservação da mesma pronuncia em todos os tempos.

Ex.:—Nos verbos acabados em *car*, a mudança do *c* em *qu* (*calcar, calque, calquemos*); nos em *gar*, a intercalação de um *u* entre a guttural e a vogal thematica (*galgar, galgues, galguem*); nos terminados em *ger, gir*, a troca do *g* pelo *j* antes de *a* e *o* (*rejo, corrija*); a perda do *u* nos verbos em *guir*, antes de *a* e *o* (*distingo, distinguas*, etc.)

<sup>4</sup> *Frigir*—faz no Ind. pres.—*frijo, freges, frega, frigimos frigis, fregem*.

### Quarta conjugação

Hoje não se pôde negar a sua existencia. Data do seculo XVI pela degeneração phonetica do verbo *poer* (lat. *ponere*).

Comparando-o no presente do indicativo com as fórmulas correspondentes no latim, vê-se claramente que as irregularidades são apparentes.

|         |         |
|---------|---------|
| ponho   | poneo   |
| pões    | pones   |
| põe     | ponet   |
| ponemos | ponemus |
| pondeis | ponetis |
| poem    | ponent  |

No imp. são particulares as flexões:—*punha, as*, etc., com deslocação do accento e mudança da vogal do radical (Cp. *ter, ver* — *tinha, via; vir, vinha*, etc.) A fórmula primitiva era *pônia*; a deslocação da tónica foi para melhor conservar o *n* thematico, que sem isso teria caído, como aconteceu no infinito; o molhar-se o *n* quando seguido de *i* palatal era factio frequente.

Pret. perf. — *puz, puzeste, poz*, etc. = arch. *puge* (*pugi, pugy*), *pôs, pose, pusy, pus*, etc. (seculo XIV = lat. *posui, -sti, -t*).

Part. pass. — *posto* = lat. *positum*.

### TABOA da conjugação das fórmulas verbaes regulares

| 1ª Conjugação     | 2ª Conjugação         | 3ª Conjugação          |
|-------------------|-----------------------|------------------------|
| Radicaes          |                       |                        |
| ACTIVO            | ACTIVO                | ACTIVO                 |
| Amante            | Defendente            | Applaudinte            |
| PASSIVO           | PASSIVO               | PASSIVO                |
| Amado- <i>ada</i> | Defendido- <i>ida</i> | Applaudido- <i>ida</i> |

Amar

Amando

Amado

Amar eu  
Amares tu  
Amar elle  
Amarmos  
Amardes v  
Amarem el

N. S. Eu  
Tu  
Elle  
N. P. Nós  
Vós  
Elles

N. S. Eu  
Tu  
Elle  
N. P. Nós  
Vós  
Elles

**Variações infinitivas**

INFINITIVO IMPESSOAL

|      |          |           |
|------|----------|-----------|
| Amar | Defender | Applaudir |
|------|----------|-----------|

GERUNDIO

|        |            |             |
|--------|------------|-------------|
| Amando | Defendendo | Applaudindo |
|--------|------------|-------------|

SUPINO

|       |           |            |
|-------|-----------|------------|
| Amado | Defendido | Applaudido |
|-------|-----------|------------|

INFINITIVO PESSOAL

|              |                  |                   |
|--------------|------------------|-------------------|
| Amar eu      | Defender eu      | Applaudir eu      |
| Amares tu    | Defenderes tu    | Applaudires tu    |
| Amar elle    | Defender elle    | Applaudir elle    |
| Amarmos nós  | Defendermos nós  | Applaudirmos nós  |
| Amardes vós  | Defenderdes vós  | Applaudirdes vós  |
| Amarem elles | Defenderem elles | Applaudirem elles |

**Variações absolutas**

PRESENTE

|           |            |            |             |
|-----------|------------|------------|-------------|
| N. S. Eu  | Amo        | Defendo    | Applaudo    |
|           | Tu Amas    | Defendes   | Applaudes   |
|           | Elle Ama   | Defende    | Applaudé    |
| N. P. Nós | Amamos     | Defendemos | Applaudimos |
|           | Vós Amais  | Defendeis  | Applaudis   |
|           | Elles Amam | Defendem   | Applaudem   |

PRETERITO

|           |              |             |              |
|-----------|--------------|-------------|--------------|
| N. S. Eu  | Amei         | Defendi     | Applaudi     |
|           | Tu Amaste    | Defendeste  | Applaudiste  |
|           | Elle Amou    | Defenden    | Applaudiu    |
| N. P. Nós | Amamos       | Defendemos  | Applaudimos  |
|           | Vós Amastes  | Defendestes | Applaudistes |
|           | Elles Amaram | Defenderam  | Applaudiram  |

FUTURO

|       |       |          |              |               |
|-------|-------|----------|--------------|---------------|
| N. S. | Eu    | Amarei   | Defenderei   | Applaudirei   |
|       | Tu    | Amarás   | Defenderás   | Applaudirás   |
|       | Elle  | Amará    | Defenderá    | Applaudirá    |
| N. P. | Nós   | Amaremos | Defenderemos | Applaudiremos |
|       | Vós   | Amareis  | Defendereis  | Applaudireis  |
|       | Elles | Amarão   | Defenderão   | Applaudirão   |

Variações relativas

PRESENTE RELATIVO A PRETERITO

|       |       |          |             |              |
|-------|-------|----------|-------------|--------------|
| N. S. | Eu    | Amava    | Defendia    | Applaudia    |
|       | Tu    | Amavas   | Defendias   | Applaudias   |
|       | Elle  | Amava    | Defendia    | Applaudia    |
| N. P. | Nós   | Amavamos | Defendíamos | Applaudíamos |
|       | Vós   | Amaveis  | Defendieis  | Applaudieis  |
|       | Elles | Amavam   | Defendiam   | Applaudiam   |

PRETERITO RELATIVO A PRETERITO

|       |       |          |              |               |
|-------|-------|----------|--------------|---------------|
| N. S. | Eu    | Amára    | Defendera    | Applaudira    |
|       | Tu    | Amáras   | Defenderas   | Applaudiras   |
|       | Elle  | Amára    | Defendera    | Applaudira    |
| N. P. | Nós   | Amáramos | Defenderamos | Applaudiramos |
|       | Vós   | Amareis  | Defendereis  | Applaudireis  |
|       | Elles | Amáram   | Defenderam   | Applaudiram   |

FUTURO RELATIVO A PRETERITO

|       |       |           |               |                |
|-------|-------|-----------|---------------|----------------|
| N. S. | Eu    | Amaria    | Defenderia    | Applaudiria    |
|       | Tu    | Amarias   | Defenderias   | Applaudirias   |
|       | Elle  | Amaria    | Defenderia    | Applaudiria    |
| N. P. | Nós   | Amariamos | Defenderíamos | Applaudiríamos |
|       | Vós   | Amarieis  | Defenderieis  | Applaudirieis  |
|       | Elles | Amariam   | Defenderiam   | Applaudiriam   |

Variações subordinadas

FUTURO SUBORDINADO A PRESENTE

|       |       |             |                     |                      |
|-------|-------|-------------|---------------------|----------------------|
| N. S. | Eu    | Ame         | Defenda             | Applauda             |
|       | Tu    | Ames, ama   | Defendas, defende   | Applaudas            |
|       | Elle  | Ame         | Defenda             | Applauda, applauda   |
| N. P. | Nós   | Amemos      | Defendamos          | Applaudamos          |
|       | Vós   | Ameis, amai | Defendais, defendei | Applaudais, applaudi |
|       | Elles | Amem        | Defendam            | Applaudam            |

N. S. Eu  
Tu  
Elle  
N. P. Nós  
Vós  
Elle

N. S. Eu  
Tu  
Elle  
N. P. Nós  
Vós  
Elle

Obse  
fornecida  
que as qu  
OLIVEIRA.

FO

a)

1. —  
a forma  
rivaçã

FUTURO SUBORDINADO A PRETERITO

|       |       |           |               |                |
|-------|-------|-----------|---------------|----------------|
| N. S. | Eu    | Amasse    | Defendesse    | Applaudisse    |
|       | Tu    | Amasses   | Defendesses   | Applaudisses   |
|       | Elle  | Amasse    | Defendesse    | Applaudisse    |
| N. P. | Nós   | Amassemos | Defendessemos | Applaudissemos |
|       | Vós   | Amasseis  | Defendesseis  | Applaudisseis  |
|       | Elles | Amassem   | Defendessem   | Applaudissem   |

FUTURO SUBORDINADO A FUTURO

|       |       |         |             |              |
|-------|-------|---------|-------------|--------------|
| N. S. | Eu    | Amar    | Defender    | Applaudir    |
|       | Tu    | Amares  | Defenderes  | Applaudires  |
|       | Elle  | Amar    | Defender    | Applaudir    |
| N. P. | Nós   | Amarmos | Defendermos | Applaudirmos |
|       | Vós   | Amardes | Defenderdes | Applaudirdes |
|       | Elles | Amarem  | Defenderem  | Applaudirem  |

*Observação importante:* Damos esta classificação, que nos foi fornecida por um illustre amigo, por nos parecer mais logica do que as que se encontram em todas as nossas grammaticas.— F. DE OLIVEIRA.

---

CAPITULO IV

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

a) COMPOSIÇÃO.—Estudo dos prefixos

1.—São dous os processos empregados para a formação das palavras:—**composição e derivação.**

As palavras compostas indicam período adiantado na historia de uma lingua; uma differenciação progressiva. E, de feito, para que com duas palavras se possa formar uma terceira sinceramente determinada na fórma e no sentido, é preciso que aquellas tenham significação já bastante clara e definida. «A differenciação ainda mais se accentúa quando a idéa contida no composto fixa-se e define-se de modo tal que não mais conserva relação alguma com os seus primeiros factores, a ponto de perderem a significação independente, e só terem sentido quando reunidos.»<sup>1</sup>

2. — A **palavra composta** forma-se de dous ou mais termos, dos quaes só um exprime a idéa principal, que é determinada ou precisada pelos outros.

O termo determinante póde ser:

1º — Um prefixo: — *infel*.

A esta composição por prefixos, — que forma substantivos e adjectivos, e principalmente verbos —, devemos a persistencia de muitos vocabulos: — *convergir, demolir, disparate, explorar, irrupção*.

2º — Um substantivo ou adjectivo: — *arco-iris, planalto*.

3. — Nas palavras d'esta ultima categoria os elementos podem estar apenas juxtapostos e ainda distinctos, ou fundidos e representados por um simples signal unitario: — *arco-iris, madre-silva, canto-chão, ponta-pé, couve-flór... aguardente, vinagre, biscoito, planalto, botafóra...*

<sup>1</sup> Sayce — *Princ.*

No  
segund  
a exten  
vo sim  
por co  
compos  
melhor  
torna-s

4  
tas q  
servan  
o mes  
cultur  
padre  
espalh  
catinte  
XV).

O  
riedad  
fórma  
num a  
= um  
= em  
xiquer  
5), erv  
ling. v  
O  
latim,

<sup>1</sup> Da  
<sup>2</sup> No  
tão, mise

No primeiro caso, o substantivo apresenta idéa dupla; no segundo, só uma transparece, — que é a do objecto «em toda a extensão de suas qualidades». E, assim como o substantivo simples, perdendo a sua significação etymologica, acaba por corresponder inteiramente á idéa do objecto, também nos compostos o determinante e o determinado desapparecem para melhor apresentarem uma imagem ou idéa unica. O composto torna-se simples. <sup>1</sup>

4.— As palavras acham-se, pois, **juxtapostas** quando, representando uma idéa unica, conservam todavia em suas fórmulas e vida propria, o mesmo valor que têm quando separadas *agricultura, dies dominicus (dominica), amor proprio, padre familias* (seculo XIV), *um cara dura, espalha brasas, tranca ruas, pintamonos, trocatintas, ichecorvos* (impostor, ocioso, seculo XV).

Os juxtapostos tendem por fim á unitariedade do signal graphico, á simplificação da fórmula: — *vinagre* = vinho acre (agro) = lat. *vinum acre*; *carafuz* = cara fusca; *um capemcolo* = um capa em collo, <sup>2</sup> *qualquer* (seculo XIII) = *em qual tempo quer* (F. de Gravão), *qualxiquer* (F. da Guarda, Ined. Hist. Port. Tom. 5), *ervoada* (seculo XV, por *arvoada*, hoje na ling. vulgar *avoada*), etc.

O portuguez não rejeitou esse processo do latim, classico e popular, de exprimir a idéa

<sup>1</sup> Darmsteter. *Form. des mots composés.*

<sup>2</sup> No seculo XVI — escrevia-se *cap'emcolo*. Não sign. *pobre-tão, miseravel*, mas sim o *fanfarrão, o blazonador.*

sem preposição clara: — *ferrovia, pontapé, o ministério Rio Branco, a casa Norton & C.<sup>a</sup>, Collegio Alberto Brandão, tinta Monteiro, cerveja Logos, etc.*... Essa pratica, porém, não é tão extensa como se suppõe, e o regimen vem geralmente precedido de preposição (*em, de*): — *bicho de seda, sala de jantar, bacharel em letras, etc.*

Nestes juxtapostos de subordinação, devemos arrolar certas expressões, que por metaphora mudam de sentido e applicação: — *pé de gallo, pé de morto, rato de botica, rato d'al-fandega, etc.*

### COMPOSIÇÃO POR PREFIXOS

5.—Este processo é o mais rico e fecundo, maiormente quando combinado com o da derivação.

Herdámos do latim cerca de 2.000 vocabulos, mas por esse jus que tinham de accrescer, d'elles derivaram uns 8.000 inteiramente novos, muitos sem correspondentes no latim.

Não temos compostos de mais de tres prefixos: *ir-re-con-ci-liavel, in-de-com-por.*

6.—As particulas, quanto á sua natureza, são preposições e adverbios: — *bem* (bene), *mal* (male), *pen pene* (quasi), *semi, simul, bis*, que quasi corresponde ao *des*, gr. *archi*... *un, uni* (adv. lat. *una*), *bis* (2 vezes), *tri, ter, tres, centi,*

etc.  
etc.

sicão  
exist  
pois,

— co  
prepo  
ladan  
bial:

impro  
tirada  
typos  
princ

8  
do pr  
desag  
incon  
final  
alumi  
esta  
simila

Es  
usuaes  
(agere-  
compos

1 A  
2 I

etc.; *não, ne, in (im, il, ir, pela assimilação), etc.*

7.—Das particulas empregadas na composição algumas têm vida propria, outras só existem como elementos de composição. São, pois, separaveis e inseparaveis.

São separaveis as portuguezas (prep. e adv.): — *CONTRA por, BEMdizente...*; inseparaveis, as preposições latinas, que não se empregam isoladamente, e em composição têm valor adverbial: — *REler, DESobedecer.*

Esses prefixos inseparaveis são, em regra, improductivos, e só se apresentam em palavras tiradas directamente do latim ou formadas por typos latinos. <sup>1</sup> Muitas são, porém, as excepções, principalmente com *ex, in, des, ultra, inter.*

8.—Acontece muitas vezes que a junção do prefixo á palavra causa um hiato ou choque desagradavel de consoantes. Para evitar esses inconvenientes elide-se a vogal ou consoante final do prefixo: *antagonista, aviltar* (ad-viltare), *alumiar, emigrar* (ex-migrare), ou assimila-se esta consoante á inicial da palavra simples: *as-similar* (ad-similare); *irrupção (in rumpere).* <sup>2</sup>

Estas modificações na propria fórma do radical já eram usuaes no latim, e são communs a todas as linguas neo-latinas (*agere*—ad-igere, red-igere,—*agir, redigir*). Muitos d'esses compostos latinos, pela perda de signal externo de composi-

<sup>1</sup> Ager.

<sup>2</sup> Id.

ção, ficaram considerados palavras simples (*colher*, de *colligere*, e não de *con-legere*). A maior parte d'esses compostos decompozeram-se, porém, na época romana: *providere*, *pró videre*, prover; *ex por e, dis por de, subius por sub*; etc. <sup>1</sup>

9.—Algumas particulas têm dupla fôrma, uma latina e outra portugueza. Posto seja esta a preferida na formação de palavras novas, ha todavia muitas palavras compostas com ambas essas fôrmas e ás vezes com sentido diverso.

10.—As particulas que entram no processo da composição são *adverbios* ou *preposições*. Estas podem ter valor adverbial—*contradizer*.

11.—A composição só pôde formar *verbos*, *subs.* e *adjectivos*.

1º — *CONTRAFAZER*, *SOBREEXCITAR* (adv.); *ENCORAJAR*, *RESFRIAR*. Estes ultimos, formados de prep. prefixadas ao substantivo *coragem* e ao adjectivo *frio*, e do suffixo verbal, são chamados **PARASYNTHETICOS VERBAES**, porque formaram-se *syntheticamente*, de chofre, da junção simultanea do prefixo e do suffixo ao radical.

2º — *BEMESTAR*, *MALCRIADO*, *DESLEAL*; *ENCORDOAMENTO*, *SUBMARINHO*. Formados por pref. prep. e de um suffixo nominal juntos a um subst. ou adj., receberam estes compostos a denominação de *parasyntheticos nominaes*.

Nos compostos parasyntheticos formados de substantivos, o suffixo dá a idéa verbal de *pôr*, *fazer*, *tornar*, se o composto é um verbo activo; de *ser*, *estar*, *vir a ser*, se o verbo é neutro,

<sup>1</sup> Darmsteter, *l. c.*, p. 73.

e o p  
com o  
er) en  
nesse  
serve  
nação  
tece o  
enriqu  
rar é p  
os con  
factitiv  
ar, er,  
absolu  
alguem

sições:

lavras

A

mente

abstra

abjec

abusa

seu c

A

cia, f

tir, a

C

conso

cente,

adven

fôr c,

affron

allum

e o prefixo precisa a idéa indicando a relação d'esse verbo com o substantivo: *enterrar*, p. ex., analysa-se *pôr*, *metter* (= *er*) *em*; *aterrar*, *pôr* (= *er*) *a* (= *ad*, *at*) *terra*. A particula nesse caso é uma preposição; ajunta-se a um subst. que lhe serve de complemento, e esse composto recebe, com a terminação verbal do suffixo, a unidade de fórma e de idéa. Acontece o mesmo com os parasyntheticos formados de adjectivos; *enriquecer* é tornar-se rico, *metter-se* em riqueza; *desemburrar* é pôr fóra do estado de ignorante. A analyse mostra que os compostos formados de adjectivos têm valor de verbos factitivos. Todavia a maior parte d'elles, sobretudo os em *ar*, *er*, tendem a tornar-se neutros, isto é, empregam-se absolutamente; assim *embrutecer*, *bestificar* tanto é fazer alguém como tornar-se *bruto* ou *besta*. (Darmsteter l. c.).

12. — Damos em seguida a lista das preposições latinas que entram na composição de palavras portuguezas.

**A, ab, abs.** — Significam privação, apartamento, separação: — *aversão*, *abortar*, *absorver*, *abstracção*, *absurdo*, *abdicar*, *abolir*, *abstencção*, *abjecto* (de *jacere jactum*). Tem valor adv. em *abusar*, *absolver*, etc. Equivale a uma prep. com seu complemento em *aborigenes*, *abstinente*, etc.

**Ad (ac, af, etc.)** Indicam direcção, tendencia, fim, e são de uso mui frequente: — *admittir*, *adduzir*, *acceder*, etc.

O *d* conserva-se antes das vogaes e das consoantes *d*, *j*, *m*, *v* (*admittir*, *advertir adjacente*, *adjectivo*, *admirar*, *admoestar*, *adverbio*, *adventicio*); assimila-se á consoante seguinte se fôr *c*, *f*, *g*, *l*, *n*, *p*, *r*, *s*, *t*: *accórdo*, *acceder*, *affrontar*, *affiliar*, *aggravar*, *agglomerar*, *alliar*, *allumiar*, *annexo*, *annuncio*, *appendice*, *arru-*

*mar, arrogar, assaltar, assimilar, aterro, atenuar... adquerir, aquisição.*

Algumas vezes o *d* do prefixo desaparece na linguagem popular: — *abreviação, alugar, abordagem.*

Tem força adv. primitiva — *adherir, aggredir*; equivale a uma prep. e um complemento — *ajustar.*

**A** é a fôrma portugueza correspondente a *ad*, e concorre para a formação de palavras novas, verbos e substantivos — *amestrar, amiudar, adormecer, amotinar, apurar, achatado, apontar, abaixar...; adeus, afim.*

**Am, amb** (contração de *ambi*). — Significa *em torno, ao redor*. Emprega-se *amb* antes de vogal (*ambages, ambito*); perde o *b* antes de *p* (*amputar*), muda o *m* em *n* antes das gutturaes e de *f, h, t* (*anhelo*).

Tem força adv. em *ambição, ambiguo*, etc.

**Ante (anti)**. — Sign. prioridade, precedência; e entra principalmente na formação de nomes: — *antepassado, antetempo, antevespera, anteparto, antenome; antidata, antiface* (véo). Fôrma erudita — *antecedente, antecessor, antepenultimo*, etc.; de criação moderna — *antediluviano, antídoto, antecamara.*

*Antehontem* = *antes de hontem*, e em todos os compostos portuguezes a prep. *ante* é preferida a *antes*.

**Circum** (em torno — *circu*). — Indica também prioridade; só entra na formação de pala-

vra  
cum  
perd  
— ci  
nho,

stand

ou u  
alpin

nião,  
post  
go, q  
conce  
fessa  
Fórm  
confi  
heren  
come

appar  
r, n  
nato  
do —  
cohab

C  
trario  
fixo m  
porém  
mestr

bras de origem classica:—*circumferencia, circumloquio, circumstancia, circumscrever*, etc. . . ; perde o *m* em *circuito*; formou modernamente — *circumvalação, circumnavegação, circumvizinho, circumpolação*, etc.

Tem força adv. em *circumspecto, circumstancia*, etc.

**Cis (cit)**.— Sign. *á quem*; oppõe a *trans* ou *ultra* (=além):—*cisgangetico, cisplatino, cisalpino, citerior*.

**Com (con, cum)**.— Sign. concurso, reunião, acção simultanea.—São muitos os compostos de formação popular no portuguez antigo, quasi todos herdados do latim — *compaixão, conceber, conflicto, conduzir, condemnar, confessar, converter, conjuração, contar (computare)*. Fórm. erudita — *collegio, collisão, contractar, confirmar, concentrar, correlativo, coerção, coherente, combustivel, comestivel (edere, estum, comer)*.

*Com* persiste antes de *m, b, p*; *cum* nunca apparece em composição; o *m* assimila-se ao *l, r, n* (*collegio, correligioso, correligionario, conato, connexão*; cae antes de vogal ou *h* mudo — *coalhar (coagulare), coadjuvar, coherdeiro, cohabitar, coproprietario, concidadão*).

**Contra** (oposição, acção ou effeito contrario; situação fronteira, antagonismo).—É prefixo muito productivo; os compostos antigos são, porém, quasi todos de creação erudita—*contramestre, contramarca, contraordem, contraban-*

*do, contrapeso, contrabaixo, contramina, contraforte, contramarcha...* e muitos outros em que *contra* tem força adverbial. Em *contrasenso, contraveneno, contrapello...* a particula é preposição. *Contra* forma muitos verbos, e indica juxtaposição, opposição e subordinação (*contrabaluarte, contrareplica, contramestre*).

**De.**—Indica origem, lugar d'onde, passagem de um estado para outro, relação de apartamento, e privação (no sentido figurado): *deduzir, dejectar, defender, debandar, dedicar, desenhar* (de-signare), *delonga, demora, descendencia, dependencia*. Fórm. er.—*decapitar, decidir, definir, degradar, delegar, designar*, etc.

Quando o *de* (di) serve apenas para ampliar a significação da palavra, chama-se *ampliativo* (*de-terminar, di-vulgar*).

**Des, dis.**—Exprime geralmente negação, separação, privação, acção contraria. *Dis* é a forma archaica. *Di* emprega-se nos mesmos casos que *de*; têm muitos compostos antigos e de forma erudita; assimila o *s* ao *f* (*diffamar, difficil, diffusão*):—*disposição, distrahir, disjunctar...* *discordia, disjunção, dissimular, disjunctiva*, etc. Às vezes perde o *s* (antes de *g, l, m, r, v*)—*diminuir, diligente, digerir, divertir, divergencia*.—*Des* é a forma moderna, também inseparavel: *desunir, desobedecer, deslocar, desembarcar, desleal, desfavor, desordem, desagradavel*, etc. Às vezes concorre na composição moderna a forma *dis*:—*discernir, dispór, disgregar* (desagregar), etc.

**Ex**  
separac  
rior, p  
*dis* e  
pop.—  
*clamaç*  
*curso*,  
*minar*,  
*torar*,

**Ex**  
compos  
tincta:  
cesso é

**Em**  
*d, g, i,*  
*vogaes.*  
*forço* o  
outras  
generaç

**Ex**  
de sair  
substan  
tim:—  
*rio, ext*

**Em**  
da orde  
valor pr

**Ent**  
sição m  
palavras  
*terpellar*

**Ex, es, e.** — Indica extracção, ausencia, separação, movimento do interior para o exterior, privação; tem quasi o mesmo sentido de *dis* e *de*. — É mais usada a fôrma *ex*. Fôrm. pop. — *exalçar, expresso, extrahir, emittir, exclamação, espertar...*; erud. — *excepção, excursão, exhumação, educar, exigir, ejacular, eliminar, exceder, enumerar, exabundancia, exautorar, emissão, emanção, etc.*

*Ex* é inseparavel, posto que em certos compostos seja empregada como palavra distincta: *ex-governador, ex-deputado*. Este processo é hoje quasi que organico.

Em regra, emprega-se *e, es*, antes de *b, d, g, i, l, m, n, r, v*; e *ex* antes de *c, p, q, t* e vogaes. O *x* ás vezes transforma-se em *s* (*esforço*) ou assimila-se ao *f* (*effluvio, efflorescencia*); outras vezes a particula transforma-se por de-generação phonetica em *is* (*isenção*).

**Extra.** — Sign. fóra, além; denota a accção de sair *através*. — Forma verbos, adjectivos e substantivos, o que não era de pratica em latin: — *extravasar, extraordinario, extrajudicial, extramuros, extravagancia*.

Em *extraordinario*, etc. tem força adv. (fóra da ordem ordinaria); em *extravagante*, etc., tem valor prep. (que vagueia além dos limites).

**Entre, inter** (no meio de, pelo meio, posição média, reciprocidade). — *Inter* só forma palavras de origem erudita — *interposição, interpellar, intercalar, interceder, intermediario*.

*intermittencia...* *Entre* é de uso frequente e popular; forma verbos transitivos (*entremeiar, entrelaçar, entrelinhar...*), <sup>1</sup> ou ainda com a significação de *a meio, um pouco* (*entrever, entrecobrir...*), e substantivos e adjectivos (*entrecasca, entrecosto, entrelinha*).

*Inter* = *entre* port. entra ainda muito nas formações modernas com substantivos e adjectivos — *internacional, intertropical...*

**Em (en)** = lat. *in.* — Prep. port., separavel; empregada em grande numero de compostos sem correspondente no latim: — *encadear, enterrar, empalhar, encaixar, etc...* (como prep.) *encaixe*.

**Intro, intra** (= dentro, dentro de, tendencia para logar interno). — Só apparecem nos vocabulos herdados do latim: — *introduzir, introduccão, intrometter, intromissão, intrinseco* (*intra secus*), etc.

**In (im), en (em), (il, ir).** — Indica logar onde, movimento do exterior para o interior. — *Induzir, inflamar, inclinar, infectar, injeccão, imprimir, implicar... infiltração, inthronisação... in-folio, in-quarto.*

Além de introduccão, situação interna, a prep. *in* indica tambem negação: — *incognito, imberbe, inanimado, immutavel, inactivo.*

O *n* assimila-se ao *m, l, r* (*illegal, irreflectido*). O nosso *en* corresponde ás vezes ao *in* latino — *emboscada, encravar, ensinar, encorrer* (*incurrere*), etc.

<sup>1</sup> Em *entreter* já perdemos a idéa primitiva da particula.

deant  
dade,  
obsta  
oppor  
etc.

gem  
este p  
perse  
tir, et  
em pr

P  
de co

P  
cellen  
popula  
do la  
erudit  
dere),  
prelua  
ver, p  
nar, p

P  
existe  
— pre  
termi

P  
proced  
prover

PACH

**Ob** (**oc, op, of, obs**).—Sign. *em face*, deante, logar fronteiro, contra; indica hostilidade, obstaculo, opposição:—*Obedecer, obstar, obstaculo, objectar, objecção, obrigar, observação, oppor, occasionar, offensa, ostentar, oscillar, etc.*

**Per**.—Exprime por onde, o meio, a passagem através. Quasi todos os compostos com este prefixo são de origem erudita—*perplexo, perseverar, perlucido, perceber, perdoar, permitir, etc.* Nos de formação popular, *per* degenera em *pre*, e era substituido pela prep. *por*.

**Por** (=lat. *per*).—Indica fim, termo, meio de conseguir. É de emprego rarissimo.

**Pre** (lat. *præ*).—Indica antecedencia, excellencia, augmento. Só existe na linguagem popular nos vocabulos importados directamente do latim popular: todos os mais são de origem erudita:—*prégar (prædicare), prever (prævidere), presidencia (præsidentia)... preferir, preludio, prematuro, prefacio, prefixar, prescrever, presidir, precaução, presumir... predominar, preexistir, preliminar, etc.*

**Preter** (lat. *præter*—além, excesso).—Só existe em raros vocabulos de origem classica:—*preterito (præter-ire), preterir, preterição, pretermittir, pretermissão, preternatural.*

**Pro**.—Indica deante, elevação, protecção, procedencia, e significa *por, em logar de*:—*prover, protrahir, procurador, proconsul, produ-*

*zir, providencia... proeminente, profanar, professar, progressão, promover, pronome, etc.*

**Pos** (POST.)—Indica inferioridade, retardamento; sign. depois. É da linguagem classica.

*Pos* é fórma arch. port. que se transformou successivamente em *empós, após, depós, depois. Pospôr, pospontar, postero, postergar, posterior, posposto... postscripto* (post scriptum) e *postdata, postmeridiano* (post meridianus) e *pomerediano* (pomeredianus)...

**Re.**—Indica reiteração, regresso. É preposição iterativa. Este prefixo é abreviação do adverbio latino *rursus*, que significa *de novo*. Indica *repetição, reduplicação da acção* ou idéa de retrogradação:—*reler, refazer, rehaver... recuar, regresso...*

Tem, pois, sentido ampliativo, e indica consequentemente intensidade de acção—*rejeitar, resistir*; sentido iterativo—*reler*; indica reacção, opposição—*reprimir, refrear, repugnar*, sentido adversativo.

São poucos os substantivos com *re*:—*retoque, retorção, retorcadura, retorno, retrahimento...*

**Retro.**—Adverbio latino que significa atrás, para trás, regresso. Só figura em vocabulos de origem erudita: *retrogradar, retroceder...* e nos seus novos derivados *retrogradação, retrocesso, retroactivo, retroguarda* (retaguarda), *retrogrado*.

**Se.**—Particula inseparavel que indica idéa de separação, afastamento. Só existe nas pala-

vas  
pela  
rar...  
ccção,

S  
assás,  
do lat  
ciedad

S  
cia:—  
simple

S  
entra  
remon  
justiça

S  
ridade  
prega-  
saccud  
Fórma  
tuir, s  
creaçã  
dinar,  
terrane

Co

O

c, g, p  
supposi

So

solo, so

bras latinas que passaram para o portuguez pela camada popular:— *seduzir, seguro, separar*... e em algumas de fundo classico— *selecção, sedicção, segregar*.

**Satis (sat).**—Particula latina que significa *assás*, e só figura em palavras que nos vieram do latim já compostas:— *satisfazer, saturar, saciedade*.

**Sine (sin)** = *sem*.—Indica privação, carencia:— *sinecura* (sem cuidado, *cura*), *sinceridade, simples* (sem folho, de *plicare*).

**Sem.**—É part. portugueza = lat. *sine*; só entra na composicção de substantivos— *sem cerimonia, o sem ventura amante, sempar, semjustiça* (injustiça).

**Sub.**—Indica segredo, profundeza, inferioridade. Nas palavras de formação popular emprega-se *su, so, sa*:— *sorrir, soffrer* (sufferre), *saccudir* (succutere), *sojugar, soceder, sumergir*. Fórmulas eruditas— *subjugar, submergir, substituir, substancia, succeder, suggerir*... e os de creacção moderna— *subdividir, subdivisção, subordinar, subjacente, subsidio, subcutaneo*... *subterraneo, submarinho*.

Com força adverbial— *sub-chefe, sub-acido*.

O *b* assimila-se á consoante seguinte se fór *c, g, f, p, r*— *succumbir, suggerir, suffocar, supposicção*, ou cae— *sujeitar, socalco*.

**Sob** = **sub, subtus**:— *sobpé, sobsello, sobsolo, sopé*...

**Subter** (sob, a baixo de). — Só em *subterfugio*, *subterfugir*, *subterfluente* (com força adv.).

**Super** (**sobre**). — Indica superioridade, abundancia, e só se emprega na linguagem classica; a popular forma compostos com a particula correspondente portugueza — *sobre*: — *superficie*, *superstição*, *superfluidade*, *superfino*... *sobreceño*, *sobrepeliz*, *sobreloja*, *sobreescrito*, *sobrecarga*, *sobrecheio*, *sobremesa*, *sobrenome*.

Tem ás vezes força adverbial: — *superabundar*, *superar*...

**Trans**, por **tras** (tres, tra). — Sign. através de, além; exprime a translação, a passagem, o transito até um termo. No port. antigo *trás*, *tra* e *tres* são as fórmãs mais empregadas: — *traduzir*, *tramontano*, *trasmudar*, *trasladar*, *trespassar*... Fórmãs eruditas: — *transcrever*, *translação*, *trasladar*, *transcendente*...

Tem ás vezes força adv.: *transgredir*, *transformar*.

**Ultra** (além, excessivamente): — *ultrapassar*, *ultramar*, *ultramontano*, *ultraaboliconista*. São compostos portuguezes, isto é, sem analogos no latim.

**Vice** (em lugar de). — Com esta preposição formaram-se alguns compostos populares — *visconde* (vice comite), *visconsul* (vice consul), *vice-rei*, *vicereino*, *vidama* (vice dominus). É frequente o emprego d'esta particula (como adverbio) para designar pessoa que substitue outra em cargo

sign  
a pal  
vice-  
(Vie  
verna

com  
tivas,

I  
cocto  
bissec  
vocab  
posto  
muita  
bigorr  
bigam

M  
do, m  
adject

Q  
S  
classi  
culo,

significado pelo outro termo do composto, isto é, a palavra a que ella se ajunta: — *vice-presidente*, *vice-rei* (ant. *visrei*, *visorei*), *vice-reino*, *vice-deus* (Vieir. II. 363). Verbos — só *vice-reinar*, *vicegovernar*.

### COMPOSIÇÃO COM ADVERBIO

13. — As particulas adverbias empregadas com prefixos podem ser *quantitativas*, *qualificativas*, *negativas*.

#### a) **Quantitativas**

**Bis** (2 vezes, repetição): — *biscouto* (*biscocto*), *bisavó*, *bisdona* (*avó*), *bisneto*, *bissexual*, *bisseccão*... Posto seja fórmula classica, entra no vocabulario popular, e tem formado alguns compostos portuguezes, sendo de notar que em muitas palavras deu-se preferencia á fórmula *bi* — *bigorna* (*bi-cornis*), *bipede*, *binoculo* (*bini oculi*), *bigamo*, *bimane*, *binascido*, *binocular*, *binomio*.

**Meio** (lat. *medius*): — *meio-relevo*, *meio-soldo*, *meio-terraneo*. Em *meia noite*, *meia dia*, é adjectivo.

**Quasi**: *quasi-delicto*, *um quasi nada*.

**Semi** (meio). Forma tão sómente compostos classicos, principalmente adjectivos. — *Semicirculo*, *semitom*, *semilunar*, *semifusa*, *semidouto*.

**Satis** (assás) : — *satisfação, satisfactorio*, etc.

**Tris** (triplicação) — *Trifolio, trifurcação*.

### b) Qualificativas

**Bene.** — Os compostos com esta particula são em geral de origem erudita: — *beneficiar*, etc., *benemerencia, beneplacito, benevolo*.

**Bem.** — Part. port. separavel, forma compostos de origem popular: — *bemdito (benedicto), bemaventurado, bemdizente, bemquerença... bemdizer, - estar, - fazer, - querer...*

*Bemvir* só se emprega no part. pres. — *bemvindo*.

**Male** — *maleficio, maleante, malevolo* (forma erudita). Nos outros compostos emprega-se a forma portugueza MAL: — *maldizer, malfazer, malcriado, maltratar...*

**Menos** (= lat. *minus*): *menosprezar* (lat. *minus-pretiare*), *menoscabo...*

V. *des* (descrer, desprezar...)

### c) Negativas

**In.** — Part. inseparavel; significa impuridade, indignidade.

Entra principalmente na composição das palavras de origem classica: assimila-se ao *l*, *m*, *r* (*il*, *im*, *ir*).

Desde o seculo XV que substituiu a negativa *não* nos compostos, e o seu emprego é hoje familiar e quasi popular. Combina-se com substantivos, mas principalmente com adjectivos e participios:—*ingratidão*, *irreligião*, *incalculavel*, *incauto*, *inconsiderado*, *inconsulto*; *illegal*, *immoral*, *irregular*.

Raro deixou de ser observada a regra da assimilação:—*inristar* (*enristar*).

**Não:**—*não razão*.

#### COMPOSIÇÃO PROPRIAMENTE DITA

14.— Já vimos a formação por *prefixos*; estudemos agora o segundo processo, em que os vocabulos se unem sem signal de relação, soldam-se, terminando por uma unica desinencia que pertence á palavra inteira, e dá-lhe unidade.

15.— Muitos compostos latinos já passaram para o portuguez como palavras simples (*infante*, de *infans*, *tis*=*in* não + *fans* falante; *amanuense*=*a manu ensis*; *ouropel*=*auripellis*, de *auri pellis*, folha de ouro, etc.

16.— Os compostos são logicamente phrases descriptivas abreviadas; as idéas representadas pelos dous elementos reduzem-se a um

unico signal que muitas vezes encobre as suas relações.

17.— Este processo não é propriamente latino, mas deu ás linguas romanas grande numero de vocabulos, em que o determinante pôde preceder ou seguir o determinado (*mãe patria, mestre escola, caffè concerto, paletot sacco*).

18.— Se as palavras se acham juxtapostas, cada uma d'ellas conserva a sua accentuação (*arco-iris, porta-lapis*); mas desde que se opera a fusão dos dous termos, o 1º vae pouco a pouco perdendo a accentuação, até que por fim perde-a de todo (*pedestal, mordomo*).

19.— Os compostos são *syntacticos* ou *asyntacticos*, conforme as relações em que se acham. Em geral, é *asyntactico* o composto em que o 1º elemento é um *thema*.

20.— Na composição propriamente dita notam-se quatro processos — o de *concordancia* (ou *coordenação*), de *subordinação* (ou *dependencia*), *verbal*, com *particulas*.

a) **Compostos de concordancia** (*syntacticos*)

21.— O determinante é um subst. ou adj. em relação *syntactica* de concordancia com o termo principal.

1º — **SUBST. + SUBST.** :— *beira mar, varapão*.  
Os dous substantivos acham-se em relação de concordancia, e o ultimo determina o primerio

*appositivamente*. Nos compostos por *apposição* os substantivos ainda podem vir ligados pela preposição *de*:—*juiz de paz, inspector de districto*.

O determinante segue, em regra, o determinado:—*lobis homem, gomma lacca ou arabica, couve flôr, papel moeda, etc.*; precede-o ás vezes—*mãe-patria, madreperola*.

2º SUBST. + ADJ. e vice-versa:—*boqui-aberto* (ant. *bocaberto*, em Gil Vic. *boqui amcho*), *cabisbaixo, ponte-agudo... menoridade, baixa-mar, gentil-homem*. O adjectivo acha-se em relação attributiva com o substantivo.

Geralmente o determinante precede o determinado:—*primavera, gentil-homem, salva-guarda, clara-boia, plata-fôrma, santo-padre, santa-sé, baixa-mar, baixa-latinidade, bom-senso, alto-mar (mar alto), novo-mundo, Santa Egreja... São muitas, porém, as excepções:—cantochoão, bancarota, Espirito-Santo, idade-média, republica, ponte-pensil ou levadiça, sangue-frio, fogo-fatuo, guarda-nacional, senso-commum, terra-firme, terra-santa (Palestina), etc.*

Se o adjectivo fôr de numero, determina o substantivo, e precede-o sempre:—*tridente, triangulo, quadrupede, quadrilatero, semana, (septi mana, sete manhãs), centopéa, binoculo, centimetro, milligrammo, primogenito*.

b) Compostos de subordinação-

22.— Nestes compostos o determinante é um substantivo em relação de dependencia, regimen directo ou complemento com o determinado.

1º SUBST. + VERBO OU ADJ. VERBAL:— *vian-dante, logar tenente.*

2º— SUBST. + SUBST.:— *viaducto, ourives (au-rifex), ouropel (auri pellem), salmoura (de sal e muria), petroleo (de petra oleum), quartel-mestre, terra-pleno, terremoto...* O 1º substantivo em todos esses exemplos está em genitivo. Exceptuam-se *condestavel, mappamundi, banho maria.*

c) Compostos verbaes

23.— Formam-se de um verbo no *imperativo* (ou 3ª pess. sing. do pres. do Ind.) seguido do seu complemento.

Os dous termos acham-se em relação de dependencia: o principal é um verbo, o complemento é um substantivo, um adverbio, ou um outro verbo também no imperativo.

1º— VERBO + SUBST.— Raro vem o complemento precedido de preposição; ás vezes os elementos fundem-se, outras conservam-se distinctos:— *batibarba, ferefolha, beijamão, saca-*

*rolha, saca-trapo, porta-voz, guarda-pó, para-raio, beija-flór, valha-couto, passaporte, porta-estandarte, tira-pé, gira-sol, serra-fila, etc.*

A esta classe pertencem os gallicismos:—*abat-jour* (quebra luz) *cache-nez, rendez-vous.*

2º—SUBST. + VERBO:—*parricida, carnívoro, somnambulo. . . pedicura.*

3º—VERBO + ADV.:—*passavante, puxavante.*

4º—VERBO + VERBO:—*vaivem, ganha-perde, luze-luze, bule-bule, dicemediceme, etc.*

Esta composição é muito fecunda, e só a linguagem popular deu-nos vocabulos em numero passante de 500.

O infinito é um verdadeiro substantivo:—*o poder, o jantar, os teres, os viveres.*

Do part. presente formaram-se adjectivos, que mais tarde se tornaram substantivos:—*a constituinte, o amante.*

Do part. passado formam-se substantivos, geralmente do genero feminino, e esta formação é mui fecunda:—*vista, tomada, escripta.*

#### d) Compostos com particulas

24.—PREP. OU ADV. + SUBST.:—*contra-veneno, ante-manhã, ante-braço, parabem, sem razão, contra-ordem sobresalto, entre acto, ultramar, entrecosto, sobre-peliz, vice-almirante, subsecretario.*

Este processo de formação já existia em latim: — *pro-consul*, *inter-vallum*; lat. pop. *in odio*, etc.; com o 1º termo adverbio, também se encontram exemplos: — *ante-pedes*, *post-genitus*.

— Dos adverbios formam-se substantivos, por meio de ellipse: — *o melhor*, *o bem*, etc. . .

### FORMAÇÃO DE ADJECTIVOS

25. — O portuguez forma adjectivos pelos mesmos processos que emprega para a formação de substantivos, isto é, — pela *composição* e *derivação*.

Forma pela *composição*:

1. Ajuntando dous adjectivos simples: — *rosicler*, *surdo-mudo*, *agro-doce*, *verde-gaio*.

2. Juxtapondo um adverbio a um part. passivo: — *bemquisto*, *bemdito*, *malcreado*.

Temos, pois, também compostos *juxtapostos* e *crystallisados*.

Exemplos de juxtaposição temos nas fórmulas numeraes: *vinte e dous*, etc.

3. Antepondo certos *prefixos* aos adjectivos, modificando-lhes o sentido.

### FORMAÇÃO DOS VERBOS

26. — O portuguez segue para a formação dos verbos os mesmos processos que para a formação dos nomes.

(pac  
emp  
tar.  
tar,

comp  
quan

Abjun  
ANNO

(pop.  
prom  
DEMI  
DIVAG  
tar;

EQUIL  
INTER

tar (p

pospo  
hir; r

RETRO  
suspe

passa

2  
forma

1 S  
latina,  
não têm  
vulgar-

Pela *composição*, antepoendo um *substantivo* (*pacificar, manobrar, cavalgar...*); um *adjectivo* empregado *adverbialmente* (*purificar, doentiar...*); uma *particula* (*adv.*) *transluzir, maltratar, antevêr...*

27.— Os prefixos latinos que entram na *composição* dos nossos verbos já foram citados quando tratámos do *Subst.* e do *Adject.*

atroar, amover, apegar; absolver, abjurar, abjurgar (*f. erud.*); abster-se, abstrahir; acceder, annotar (*ad lat.*)

ANTEPÔR, ANTEDATAR; BEMQUERER, BEMQUISTAR (*pop.*); BIPARTIR; CIRCUMDAR CIRCUMSCREVER; COMPROMETTER, COMPLICAR; CONTRADIZER, CONTRAFAZER; DEMITTIR, DECOMPOR; DESAMPARAR, DESEMPATAR; DIVAGAR, DISPOR, DISCORRER; EMPOAR; EMRAMALHETAR; ENTRELAÇAR, ENTREABRIR (*pop.*); EQUIPARAR, EQUILIBRAR; ESCORRER, ESPALHAR; EXCAVAR, EXCLAMAR; INTERPOR, INTERNAR, INTROMETTER; MALDIZER, MALTRATAR (*pop.*); OBSCURECER; PERFURAR, PERCORRER; POSPÔR POSPONTAR; PREDISPÔR, PREDIZER; PROCLAMAR, PROTRAHIR; REALÇAR, REBATER, RECOMPENSAR, RECONSTRUIR; RETROCEDER, RETROGRADAR; SUBLINHAR, SUBSCREVER, SUSPENDER; SOBREPÔR, SOBREVIR; TRANSPÔR, TRANSPASSAR, TRESLÊR; ULTRAPASSAR, etc.

28.— Ha nomes compostos de *phrases*, cuja *formação* não se *subordina*, por sua *irregularida-*

<sup>1</sup> São muitos os derivados com *ficar*, quasi todos de *imp. latina*. *Ratificar e ramificar*, que na opinião de um *grammatico* não têm correspondentes em *latim*, são reproduções do *lat. vulgar* — *ratificare, ramificare*. Temos: de *f. pop.* — *bestificar*.

de, a uma classificação: — *mal me quer, aqui d'El-Rei, salve-se quem puder*, etc. Outros formam-se pela reduplicação: — *naná, mimi*, etc.

29. — Temos também compostos importados de linguas estrangeiras: — *vis-à-vis, casse-tête, hors d'œuvre, burgo-mestre, feldspath, landwehr, caparosa, bulldog, beefsteak, steeple chase, saltimbanco, filigrana, salsaparrilha, orangotango*, etc.

### GENERO

30. — O genero dos nomes compostos é sempre o da palavra principal: — *a grã cruz*, O CANTO *chão*. Os compostos verbaes são essencialmente masculinos — *um guarda prata, um salva vidas*. Os compostos com particulas são sempre (excepto quando nos referimos a uma mulher e animal femea) masculinos, se ellas forem preposições; mas se forem adverbios, o genero deve ser o mesmo do subst. determinado: — *uma contra MARCHA, um contra PESO, um ante BRAÇO*,

### NUMERO

31. — Os nomes compostos formam o plural de accôrdo com as regras a que estão sujeitos os nomes simples, desde que os seus elementos estiverem fundidos (*ferro-vias*).

distin  
elemen  
é clas

N  
signa  
gentis  
seguia  
Vieira

N  
varia:

E

mos t

bst. +

E

cipal

33

vos c

ou de

N

denaç

dinaçã

primer

cepto

Á

tencen

to, vin

33

termin

(mante

Quando, porém, os termos se conservam distinctos, a formação do plural depende dos elementos componentes:—só o subst. e adj.—é claro—são susceptíveis de flexão numerica.

Nos compostos de adj. + subst., só este toma signal de plural. Excep.—*gentil-homem*, que faz *gentis homens*, mas que no seculo XVII ainda seguia a regra geral: *gentil homens* escreveu Vieira.

Nos compostos de dous adjectivos, só o 2º varia:—*medico-cirurgicos*.

Em relação de subordinação, ambos os termos tomam signal de plural:—*couves-flôres* (subst. + subst.), *processos verbaes* (subst. + adj.).

Em relação de dependencia, só o termo principal pôde ter plural:—*quartel mestres*.

32.—São em pequeno numero os adjectivos compostos: formam-se de dous adjectivos ou de prefixo e adjectivo.

No 1º caso acham-se em relação de coordenação (*agro-doce*, *surdo-mudo*) ou de subordinação (*recem-nascido*). Temos mais os que exprimem côr, que são susceptíveis de flexão, excepto quando um d'elles determina o outro.

Á classe dos compostos de coordenação pertencem os nomes de numeros cardeaes—*dezoito*, *vinte e quatro*, etc.

33.—Nos verbos compostos o elemento determinante pôde ser um substantivo ou um prefixo (*manter*, *manobrar*). A esta serie pertencem os

verbos formados de um substantivo ou adjectivo e de *facere* ou *ficare*, hoje verdadeiros suffixos em todas as linguas romanas (*versi-ficar*, *forti-ficar*).

Se o determinante fôr um prefixo, a palavra principal é um verbo, um subst. ou um adj.: — *repôr*; *em-pedrar* (comp. parasynthetico verbal).

### COMPOSTOS COM ELEMENTOS GREGOS

34. — Alguns nomes já nos vieram compostos do grego (*acrobata*, de *acros* ponta, e *baino* andar); *amphibio*, de *ampho* ambas e *bios* vida; *amphibologia*, *anagramma*, *acephalo*, *amphitheatro*, *cosmographia*, *cacophonia*, *apologia*, *architecto*, *dissyllabo*, *dyspepsia*, *astrologia*, *aristocracia*, *synonymo*, *synagoga*, *encephalo*, *metamorphose*, *epidemia*, *prolegomenos*, etc.; outros, e estes mais numerosos, formaram-se eruditamente, e não têm correspondentes no grego: — *typographia*, *agerasia*, *arcipreste*, *ecchymose*, *enostose*, *exophthalmia*, *anemia*, *anemoscopio*, *philologo*, *anthropologia*, *necroterio*, *telephone*, *telegrapho*, *kilometro*, *periantho*, *synantho*, *hypocarpo*, etc.

Nas sciencias é que mais abundam estes compostos, cujos elementos formadores podem ser particulas (prep. ou adverbios) e palavras.

fixo  
nia.

amb  
amp

dica  
logi  
ana  
— m

anti  
adje  
febr

rior.  
apos

Indi  
duq  
ptar

mac

orde  
cata

PAG

### Partículas

**A an** (*ἀν, ἀ* = lat. *in*). Part. privativa; prefixo negativo: — *acephalo*, *acaule*, *atheo*, *aphonia*, *atrophia*, *anonymo*, etc.

**Amphi** ou **amphis** (*ἀμφι* = ao redor; *ἄμφω* = ambos, latim *ambi*): — *amphibio*, *amphiheatro*, *amphisbena*, *amphiscios*.

**Ana**, **an** (*ἀνά, ἀν'* equivale ao prefixo *re*) — Indica repetição, sign. de novo, sobre: — *analogia*, *anatomia*, *anabaptista*, *anacathartico*, *anagogia*, *anadema*, *anamorphose* (comp. port. — mudança de forma), etc.

**Anti** (*ἀντί* = lat. *ante*). Denota opposição, etc. *antidoto*, *antipoda*, *antipathia*, *antithese*. Com adjectivos, forma muitos parasyntheticeos (*antifebrifugo*, *antinacional*), etc.

**Apo** (*ἀπό* = lat. *ab*) — Indica posição superior, afastamento, origem: — *apologia*, *apocope*, *apostrophe*, *apoplexia*, *apophonia*, etc.

**Archi** (*ἀρχή* — commando, primazia: é adv.) Indica superlatividade, preeminencia: *archiducque*, *archanjo*, *architecto*... *oligarchia*, *heptarchia*, *arcipreste*, *archipresbytero*, etc.

É o unico prefixo grego empregado na formação de vocabulos populares.

**Cata** (*κατά*, contra, sobre, sob, por). Indica ordem — *catalogo*; perturbação — *cataclysmo*, *catastrophe*. Entra na formação de muitos vo-

cabulos eruditos: — *catachese, catacumba, cataracta, catalepsia, cataphonico*, etc.

**Dia** (*διά* = lat. *dis*; através, por entre; por causa de): — *diametro, diaphano, diatribe, diagnostico, dialogo, diaphragma*, etc.

**Dis** (duplo): — dissyllabo.

**Dys** (*δυσ* = pref. adv. pejorativo). Significa dificuldade, falta, um mal, máo — *dyspepsia* (má digestão — *dys* difficilmente e *pepto* digerir); *dysorexia* (falta de appetite), *dysuria* (dificuldade em urinar), *dyspnea*, *dysenteria*, *dyscrasia*, *dystalia* (dificuldade no falar — *dys* e *talein*).

**Ec, ex** (*ἐξ* = lat. *e, ex*; — de, fóra de): — *exodo, exogeno, exanthema, eclipse, ecloga, ecchymose* (effusão dos humores sob a pelle), etc.

**En, em** (*ἐν* = lat. *in.*) Indica tendencia para dentro: — *encephalo, endogeno, enthymema, emphase, embryão, endemia, entusiasmo, enostose* (*en* e *octeon*, osso), etc.

**Epi-ep, eph** (*ἐπί*). Sign. sobre, perto de: — *epitaphio, epidemia, epigastro, epigrapha, epilogo, ephemero, epicraneo*, etc.

**Endo** (dentro): — Comp. vern. — *endocephalo*.

**Eu** (adv. *εὖ*, bem): — *euphonia, eucharistia, evangelho, euchromo* (que tem bella côr), etc.

**Exo** (para fóra): — *exoterico... exophthalmia* (saida do olho fóra da orbita), etc.

**Hemi** (*ἡμι*, = lat. *semi*): — *hemispherio, hemicrania, hemistichio, hemiplegia*.

**Hyper** (*ὑπερ*, = lat. *super*.) Indica superioridade, excesso; sign. acima, além: — *hyperaspista*, *hypercritico*, *hyperbole*, *hyperthrophia*, etc.

**Hypo, hyp** (*ὑπό*, lat. *sub*): Indica inferioridade, dependencia; sign. abaixo — *hypocrisia*, *hypocondrio*, *hypogastro*, *hypotheca*, etc. Denota ás vezes insufficiencia — *hyposulphuroso*.

**Mega** (*μέγα*, pref. qual. — grande): — *megametro*, *megacephalo*, *megatherio*.

**Meta, met** (*μέτα*, com, depois, acima, entre, conforme a palavra que segue; sign. successão, mudança, transformação): — *metamorphose*, *metaphora*, *metaphysica*, *methodo*, *metacarpo*, *metachronismo* (erro de data), etc.

**Para, par** (*παρά* = ao lado de, perto de). Indica parallelismo, comparação, tendencia: *paralogismo*, *parodia*, *paroxismo*, *parallelo*, *parasita*, *paradigma*, etc.

**Peri** (*περί* = lat. *per*; em redor. Em composição sign. muitas vezes o mesmo que *circum*): — *perimetro*, *periphrase*, *pericardio*, *pericraneo*, *peritoneo*, *periantho* (*peri e antho*, flôr, involucre da flôr), etc.

**Pro** (*πρό* = lat. *pro, prae*). Indica anteposição: — *programma*, *problema*, *prognostico*, *prophylactico*, *prognathismo*, *prologo*, *protypographico* (anterior á *typographia*) etc.

**Pros** (*πρός* = perto de, para). Indica tendencia para um logar ou cousa: — *proselyto*, *prosodia*, *prothese*.

**Syn**, *sym*, *syl*, *sy* (σύν, σὺν, σύ = lat. *con*, port. *com*). Indica ajuntamento, simultaneidade: — *synagoga*, *sympathia*, *symphonia*, *symetria*, *syn-taxe*, *synonymo* *synchronismo*, *systema*, *syzygia*, etc.

### Palavras

**Acro** (extremo, cume): — *acrobata*, *acrotério*, *acrostico*, *acropole*...

**Anthropo** (homem): — *anthropophago*, *anthropologia*, *anthropomorphismo*.

**Anemo** (verbo): — *anemometro*, *anemóscopo*.

**Auto** (por si mesmo): — *autonomia*, *autocrata*, *autographo*, *autonomo*, *autobiographia*.

**Baro** (peso): — *barometro*, *barymetria*.

**Biblio** (livro): — *bibliotheca*, *bibliomania*, *bibliophilo*, *bibliographo*.

**Bio** (vida): — *biographia*, *biologia*, *biometro*, etc.

**Caco** (mão): — *cacochymo*, *cacographia*, *cacophonia*, *cacologia*.

**Cephalo** (cabeça): — *cephalalgia*, *cephaloidé*, *cephalotomia*.

**Chiro** (mão): — *chirographia*, *chiromancia*, *chirologia*, etc.

**Chromo** (côr):—*chromolithographia, chromophoro, etc.*

**Chrono** (tempo):—*chronica, chronologia, chronometro.*

**Chryso, cryso** (ouro):—*chrysocalo, chrysosocomo, chrysolitho... chrisma, chrysalide.*

**Cosmo** (mundo):—*cosmogonia, cosmographia, cosmopolita, cosmorama, etc.*

**Crypto** (oculto):—*cryptographia, cryptogamo, etc.*

**Cyano, cyan** (azul):—*cyanhydrico, cyanogeno.*

**Cyno** (cão):—*cynocephalo, cynegetica, etc.*

**Cyelo** (circulo):—*cyclolitho, cycloptero, etc.*

**Cysto, cyst** (bexiga):—*cystocele, cystalgia, etc.*

**Demo** (povo):—*democrata, Democrito, demagogo.*

**Deca** (dez):—*decalogo, decagono, etc.*

**Endo**:—*endosmose...*

**Electro** (electricidade):—*electro-dynamico, electro-negativo, electrogeno, electroscope.*

**Entomo** (insecto):—*entomologia, entomozooario, entomophago.*

**Etho** (costumes):—*ethnographia, ethologia, ethopéa.*

**Exo**:—*exosmose.*

**Galacto** (leite):—*galactophoro, etc.*

**Gastro, gastr** (ventre, estomago):—*gastralgia, gastronomo, gastro-enterite*, etc.

**Geo** (terra):—*geographia, geometria, geologia, geodesia*, etc.

**Gymno** (nú):—*gymnospermia, gymnosophista*, etc.

**Gyn, gyneco** (mulher):—*gynecocracia, gynandria*.

**Heli, helio** (sol):—*heliographia, helioscopio, heliotropo*, etc.

**Hemo, hema, hémato** (sangue):—*hemorrhagia, hemoptysis, hematuria, hematocele, hemorrhoides*, etc.

**Hetero** (outro, diverso):—*heterodoxo, heterocrito, heterogeneo*.

**Hiero, hier** (sagrado):—*hieroglypho, hierarchia*, etc.

**Hyppo, hipp** (cavallo):—*hippiatrica, hippodromo, hippogriffo, Hippolitho, hippopotamo*, etc.

**Homeo** (igual):—*homeopathia*.

**Homo** (o mesmo, semelhante):—*homogeneo, homologo, homonymo*, etc.

**Hydro, hydr** (agua):—*hydrographia, hydromancia, hydromel, hydrocephalo, hydrogeneo, hydrotherapia, hydropesia*, etc.

**Hygro** (humido):—*hygroscopto, hygrometro*, etc.

**Ichtyo** (peixe) : — *ichthyologia, ichtyophago*, etc.

**Icono** (imagem) : — *iconoclasta, iconolatra, iconographia*, etc.

**Ideo** (idéa) : — *ideographia, ideologia, ideogenia*, etc.

**Idio** (proprio, particular) : — *idiogyno, idio-pathia, idiosyncracia*, etc.

**Iso** (igual) : — *isotherme, isocele*, etc.

**Litho** (pedra) : — *lithographia, lithographo, lithotimia, lithotricia, lithologia*, etc.

**Macro** (grande) : — *macrocephalo, macrocosmo*, etc.

**Micro** (pequeno) ! — *microcephalo, microcosmo, microscopio, microsoario, micrographia*, etc.

**Meso, mes** (que está no meio) : — *mesenterio, mesocarpo, Mesopotamia*, etc.

**Metro** (medida) : — *metrologia, metronomo*.

**Miso, mis** (que odeia) : — *misanthropo, misogamo, misogeneo*.

**Mytho** (fabula) : — *mythologia, mythologo*, etc.

**Mono** (um) : — *monomania, monomio, monopolio, monorima*, etc.

**Morphe** (fórma) : — *morphologia*.

**Neo** (novo) : — *neophyto, neologia, neographo, neomenia*, etc.

**Nevro** (nervo):—*neuralgia, neuroptero, neurosthenico, nevrotomia*, etc.

**Noso** (doença):—*nosographia, nosologia, nosogenia*, etc.

**Nycto** (de noite):—*nyctobato, nyctographia*.

**Odonto** (dente):—*odontalgia, odontologia, odontoide*, etc.

**Onoma** (nome):—*onomastico, onomatopéa, onomancia*.

**Ophi, ophio** (serpente):—*ophidico, ophiolitho*, etc.

**Ophthalmo** (olho):—*ophthalmia, ophthalmotomia, ophthalmoscopio*, etc.

**Ornitho** (passaro):—*ornithologia, ornithomancia*, etc.

**Ortho** (recto, certo):—*orthographia, orthophonia, orthodoxo, orthopedia*, etc.

**Orycto** (fossil):—*oryctotechnia, oryctologia*, etc.

**Osteo** (osso):—*osteologia, osteoscopo, osteotomia*, etc.

**Oxy** (acido — chimica; agudo — hist. nat.):—*oxygeneo, oxymetria, oxyphonia*.

**Paleo, paleonto** (antigo):—*paleontologia, paleographia, paleozoologia*, etc.

**Pan, panto** (tudo):—*panorama, pantheismo, pantometro, pantomima*, etc.

**Penta** (cinco):—*pentometro, pentagono*, etc.

**Pathos** (molestia)—*pathologia*.

**Philo, phil** (amante):—*philologia, philanthropo, philosophia, philomatico, etc.*

**Phlebo** (veia):—*phlebotomia, phleborrhagia, etc.*

**Phono** (voz):—*phonologia, phonographia, phonometro, phonação, phonema, phonographo, etc.*

**Photo** (luz):—*photographia, photometro, photophobia, etc.*

**Phos** (id.): *phosphoro, etc.*

**Podo** (pé)—*podoptero, podagro, etc.*

**Physio** (natureza):—*physiologia, physionomia, etc.*

**Poly** (muito):—*polysyllabo, polytheama, polyclinica, etc.*

**Pseudo** (mentira, engano):—*pseudonymo, pseudopropheta, etc.*

**Psycho** (alma):—*psychologia, psychico, psychiatria, psychognosia, etc.*

**Psychro** (frescura):—*psychrometro.*

**Pyro** (fogo):—*pyrometro, pyrophoro, pyrotechnia, etc.*

**Proto** (primeiro, principal):—*prototypo, protonauta, etc.*

**Phren** (cerebro):—*phrenologia, phrenetico, phrenesi, phrenitis.*

**Rhino** (nariz):—*rhinalgia, rhinoplastia, rhinoceronte.*

**Semeion** (doença): — *semeiologia, semeiotica*.

**Stereo** (solido): — *stereoscopio, stereometria, etc.*

**Strato** (exercito): — *estrategia, estratagema, estratocracia, etc.*

**Tele** (longe): — *telegramma, telephone, telegrapho, telescopio, etc.*

**Tetra** (quatro): — *tetraedro, tetrarchia*.

**Thera** (cura): — *therapeutica*.

**Theo** (Deus): — *theocracia, theodicéa, theologia, Theophilo, Theocrito, etc.*

**Thermo** (calor): — *thermometro, thermal*.

**Topo** (logar): — *topographia, topologico, etc.*

**Typo** (modelo): — *typographia, typomania, etc.*

**Zoo** (animal): — *zoologia, zoophyto, zoographia, etc.*

Os nomes de numeros gregos entram em composição de muitos vocabulos: — *mono, dis, tri, tetra, penta, hex, hepta, octo, ennéa, deca (10), endeca (11), dodeca (12), icos (20), herato (100), kilo (1.000), myria (10.000), poly*—muitos, *hemi*—meio, *proto*—primeiro, *deuto, deuterio*—segundo, *trito*—terceiro.

Desde os primeiros tempos da lingua (seculos XII e XIII) que apparecem compostos vernaculos: — *nenguno, sobrecabadura* (F. do Castro. Rod. 2. IX), *semrazom, outr'omem, mal'sofredor, desamor, desaqui* (Canc. Vat.), *grand'algo, ric'omem*,

envi-  
ticos  
etc.

sentã  
maçã  
flavi-  
omni-  
flucti-  
pede

sos  
men  
é, ad  
cal)  
so c

agua

orige  
rivaç  
de c  
estãc

4  
2  
3  
estives  
pois d

enventurado... e grande numero de toponymicos e antonomasticos (*Vyl—Henrique, Valongo, Jograr Sacco, corpo—delgado, etc. C. Vat*).

Mais tarde, e principalmente depois do seculo XVI, apresenta-se uma nova corrente de compostos vernaculos de formação erudita. *Ebri-festante, auriluzentes, ambri-odoro, fumi-flavi-ruivas, monarchi-grapho, doce-ambri-fogo, andeante, omni-côres, eterno-mancos, ar-delicias,*<sup>1</sup> *longe-vibrador, flucti-sonantes, amplo-reinante, olhi-cerulea, olhigazea, flaxi-pede,*<sup>2</sup> *aurithronada-Juno...*<sup>3</sup>

## b) DERIVAÇÃO.—Estudo dos suffixos

1.—Dá-se o nome de *derivação* aos processos formadores de palavras pelo accrescentamento de um *suffixo* a um vocabulo primitivo (i. é, ao thema como signal de categoria grammatical) ou pela modificação de sentido. O 1º processo chama-se *derivação propria*; o 2º, *impropria*.

*Agua* é, pois, palavra *primitiva*; *aguadeiro, aguaceiro, aguador, aguar,* são derivados.

Os suffixos são de formação popular ou de origem erudita. Só os primeiros entram na derivação propriamente portugueza; mas alguns de origem classica são hoje de uso vulgar, e estão, por assim dizer, nacionalizados e com

<sup>1</sup> Fil. Elysio.—V. 14, 17, 34, 60, 86; VII—105, etc.

<sup>2</sup> Od. Mendes II. 11, 12, 14, 16, 25, 37, 120, 132...

<sup>3</sup> Poema *Oriente*. Escreveu um critico (Castilho) que se a deusa estivesse sentada em uma cadeira de palha ou empalhada, devia-se pois dizer—*palhinha-encadeirada-Juno*.

força creadora (*escriptuario, instrumental, abolicionista*), etc.

Alguns têm dupla fôrma, uma popular e outra erudita, muitas vezes com significação tambem dupla: — *justiça justeza, ração razão, primario primeiro*. A fôrma popular é geralmente a mais antiga.

O sentido proprio de cada um dos suffixos portuguezes revela-se em todos os derivados para cuja formação elle concorre; mas, em geral, o *derivado* tem sentido mais restricto que o *primitivo*. Equivale a um substantivo adjectivado (*homenzarrão* = homem grande) ou a um verbo e seu complemento (*estudar* = fazer estudo).

O mesmo suffixo pôde ter varias significações. Ex. — *livreiro, tinteiro, primeiro, limoeiro*.

Temos muitos derivados cujos primitivos nunca fizeram parte do nosso lexico; outros cujos primitivos são palavras portuguezas já archaisadas ou modificadas na fôrma: — *incluir, transgredir, repertorio... repinicar, piverada*.

Às vezes, entre o radical e o suffixo das palavras derivadas, intercala-se uma consóante euphonica: — *chovisco, florsinha, cafeteira*, ou uma syllaba que equivale a um suffixo: — *cabelleiro*.

2. — Estudemos agora a FORMAÇÃO NOMINAL, que pôde ser *propria* ou *impropria*.

3  
tivos  
veis.

de se  
nam-s  
gnac,  
XVII  
ponez  
physi  
ropa)  
caipo  
feitico

as pr

2

um e  
attrah

E

C

stanti

3

stanti

verbae

a

cipaln

1 R

sionava

2 V

a) Derivação impropria

3.—A derivação *impropria* forma substantivos—de nomes, verbos, e de palavras invariáveis.

1º—De *nomes próprios*, que pela mudança de sentido, por uma acção psychologica, tornam-se communs:—*macadam*, *musselina*, *cognac*, *magnolia* (de Magnól, botanico do seculo XVIII), *camelia* (Camel, introductor da flôr japoneza na Europa em 1732), *nicotina* (Nicot, physico francez que introduziu o tabaco na Europa), *panico* (de Pan), *sardonico*, <sup>1</sup> *saturnino*, *caipora*, *tartufo*, *quassia* (nome de um negro feiticeiro de Surivem, que em 1730 descobriu as propriedades da planta) etc... <sup>2</sup>

2º—De *adjectivos*.—Consiste em designar um ente ou objecto pela qualidade que mais attrahe a attenção:—*dormente*, *jornal*.

Este processo já era vulgar no latim.

O adjectivo póde tambem empregar-se substantivamente:—*um louco*, *um pobre*.

3º—De *verbos* — Podemos derivar o substantivo directamente do thema verbal (*subst. verbaes*) ou de uma das fórmãs nominaes.

a) Da 1ª pessoa sing. do Ind. pres. (principalmente dos verbos da 1ª conj.) *amanho*,

<sup>1</sup> Riso causado por uma planta da ilha de Sardenha, que occasionava morte convulsionada pelo riso aos que a comiam.

<sup>2</sup> Vide Introducção.

*esgoto, appello, amparo...* á imitação do latim da decadencia (*proba de probare, lucta de luctare*).

b) Do *imperativo*:—*combate, degolla, esfrega, receita, purga, janta*.

c) Do *participio presente*. Deram adjectivos que depois se tornaram substantivos:—*escrevente, amante, constituinte, tratante*.

Temos muitas palavras em *ante, ente*, sem part. pres. correspondentes no portuguez:—*ambulante, benevolente, petulante, elegante*. Importação directa.

d) Do *participio passado*.—Esta formação foi muito productiva:—hoje, porém, vae-se esterilizando:—*feito, traslado, tratado, producto, reducto, entrada, saída, vista, visto, escripta, escripto, certificado, rugido, tecido, gemido, etc.*

e) Do *infinito*.—É do seculo XVI este emprego do infinito, que toma flexão do plural quando, em vez de denotar uma acção (*o descambar, o cantar*), representa um ser ou substancia (*os seres da criação, os meus haveres ou teres, os cantares do povo, os jantares, etc...*)

4.—Não é indifferente o emprego das duas fórmãs (invariavel e variavel). A 1ª indica uma acção dilatada, reiterada. Cp. o *cair das folhas* e a *quêda das folhas*, o *troar do canhão* e o *trom do canhão*, o *declinar do dia* e o *declínio do dia*, etc.

De resto, o infinito é uma verdadeira fórmula nominal.

R  
mãe, o  
compl  
entre  
obliu  
ipsum  
cavere  
tambe  
re, etc  
que to  
tio, etc

5  
tando  
pio, 1  
lente.

6  
rivado  
comp  
tomar  
mação

7  
ficação  
rivação  
prego  
concre  
que c  
histor

1º  
analog

Esta propriedade de nossa lingua, era-o tambem da lingua mãe, que empregava o infinito dos verbos como sujeito e como complemento directo, quer na época archaica (principalmente entre os comicos), quer na prosa dos seculos anteriores:— *obliti sunt Romai loquier lingua latina; Hic vereri perdidit; ipsum cremare non fui veteris instituti* (Pl.); *scire tuum* (Prisc.); *cavere igitur hoc significat egere eo quod habere velis* (Cic.) E tambem depois de *cavere, cogitare, adornare, pergere, portulare, etc.* A lingua classica fez menos emprego d'essa derivação, que todavia foi muito frequente com Ovidio, Horacio, Sallustio, etc.

5.—Muitas vezes o verbo desapareceu, restando só para lembrança o infinito ou participio, mas na categoria de substantivos:—*porvir, lente.*

#### b) Derivação propria

6.—Grande parte dos varios vocabulos derivados já nos vieram formados do latim; em compensação o portuguez formou muitos novos tomando do latim apenas os elementos de formação.

7.—Ha tres cousas a considerar na classificação dos suffixos nominaes—a *fôrma* de derivação (verbal ou nominal); a *natureza* ou *emprego* (substantivo, adjectivo, collectivos, nomes concretos ou abstractos, etc.); o *sentido*, porque os suffixos, como as palavras, têm a sua historia.

1º—As mudanças de fôrma são devidas á analogia. *Itia é ez eza, fortaleza fortalitia; ne-*

gro dá *enegrecer* (intercalação de consoante entre o radical e o suffixo); de *cabello* forma-se *cabelleireiro* (intercalação de uma syllaba suffixo).

2º—Alguns suffixos suppõem certas categorias de palavras. Assim, *ada* suppõe thema verbal:—*amar, calçar, —amada, calçada*. Com o correr do tempo, porém, quando já na lingua existem muitas palavras formadas com o mesmo suffixo, e a lei já está esquecida por todos, formam-se derivados directamente analogos sem mais se indagar da fórma thematica que lhes corresponde. E acresce que muitos suffixos têm varios empregos: *inchaço* tem por base um verbo; *poetaço*, um substantivo.

3º—Às vezes o suffixo muda de sentido. *Alha* denota uma reunião de pessoas ou cousas, e hoje mais tem sentido pejorativo:—*gentalha, canalha*.

### c) Substantivos derivados de substantivos

8.—São numerosos os suffixos portuguezes d'esta categoria, uns derivados do latim, outros do proprio genio da lingua; e servem para formar nomes concretos e abstractos.

**Aça**—Indica quantidade:—*fumaça, vidraça, vinhaça*.

**Aço** (—do acc. *acem* dos nomes em *ax*).  
—Denota augmento:—*cartapaço, espinhaço, es-*

*tilhaço*. Às vezes com sentido pejorativo. — *poetaço*, *senhoraço*.

**Aceo** (*accus.*) — Este suffixo foi adoptado em botanica, no feminino, para a designação das flôres.

**Ada** (*lat. actus, a, um*). — Indica: 1º, grandeza, numero, extensão, golpe, acção — *cumia-da*, *fachada*, *pedrada*, *cabeçada*, *facada*; 2º, reunião, collecção de objectos da mesma especie — *arcada*, *rapaziada*, *barricada*, *carneirada*; 3º, tempo — *alvorada*, *noitada*; 4º, productos do primitivo, derivados de fructos — *marmelada*, *goiabada*, *limonada*.

Encontra-se em alguns nomes derivados do grego: *myriada* (numero de dez mil), *Illiada* (poema sobre o *Illion*), e, por imitação, *Henriada*, *Lusiadas*, *Messiada*.

**Ade** (*accus. lat. atem* dos nomes da 3ª decl. *lat. em as*): *irmandade*, *animalidade*, *mortandade*...

**Ado, ato** (*lat. atus*). — Indicam cargo, dignidade, profissão. O 1º é de origem popular: — *reinado*, *bispado*, *consulado*...; o 2º, de origem classica: — *generalato*, *bacharelato*, *baronato*, ant. *baroado*.

Cp. *baronato*, *baronia*.

**Agem** (*lat. aticum, at'cum*). — Indica: 1º, collecção de objectos da mesma especie — *fo-*

*lhagem, plumagem*; 2º, estado—*aprendizagem*; 3º, resultado de uma acção — *ancoragem, lavagem*.<sup>1</sup>

Estes nomes, em numero de 300 pouco mais ou menos, são pela maior parte novos e sem correspondentes em latim.

**Al** (lat. *alis, elis*).—Indica extensão, quantidade, ou objecto material que tem o mesmo sentido expresso pelo thema nominal:—*colmeal, areal, lamaçal, dedal, memorial, pombal*; e quasi todos os nomes de plantações—*cafezal, inhamaç, capinzal, faval*.

**Alha** (lat. *alia*):—*muralha, parelha*. Tem tambem sentido colectivo, e ás vezes pejorativo:—*gentalha, canalha*.

**Ame, ume** (lat. *pop.*—*ame*).—Indica numero, collecção, intensidade—*velame, cordame, correame, queixume*.

**Anha**—(lat. *anea*).—Só entra na formação de alguns nomes femininos com significação concreta—*montanha*.

**Aõ** (lat. *onem, anum, nom. anus, etc.*) Indica—além de maior intensidade e superlatividade—agente, profissão subalterna—*centurião, histrião, cirurgião* (antigamente de categoria inferior ao medico), *ladrao*.

Esta derivação, pela etymologia, abrange a fórma em *ano*:—*africano, romano* (origem);

<sup>1</sup> A acção está expressa na *√ag*.—Lê-se nos Ined. d'Alcob. Tom. 2º, pag. 7:—« E posse Adam a sua mulher nome e disse: esta será chamada *Virago*, que quer dizer feita de barom. »

don  
chian

de o  
taria  
— cor  
alber  
chora

A  
indica  
— est  
portei  
erudit  
fixo en  
nomes  
eiro,  
aguac  
tos ob  
gallin  
pelo s  
rio, er

Os  
— contra  
do typo  
caldario

<sup>1</sup> Ind  
indicados  
<sup>2</sup> Cur  
desinenc  
cargo, pr  
inferior; e  
<sup>3</sup> Isto

*dominicano, republicano* (seita, profissão), *parochiano, lutherano*.

**Aria** (*arius, a, um*). Indica: 1º, collecção de objectos, quantidade—*livraria, cozeria, gritaria, escadaria*; 2º, officina, domicilio, estado:—*confeitaria, drogaria, chapelaria, hospedaria, albergaria, celibatario*; 3º acção—*ventaneira, choradeira*.

**Ario, eiro** (*arius, aris, erium*).—Ambos indicam individuo que exerce certa profissão:—*estatuario, boticario, lapidario, carpinteiro, porteiro, cozinheiro*.<sup>1</sup> A 1ª desinencia, de fórma erudita, indica profissão mais elevada que o suffixo EIRO.<sup>2</sup> Este, de fórma popular, indica—1º, nomes de arvores e plantas:—*limoeiro, mamoeiro, cerejeira*; 3º 2º, intensidade, extensão:—*aguaceiro, luzeiro*; logar onde se guardam certos objectos (expressos pelo radical):—*celleiro, gallinheiro, tinteiro*, idéa esta tambem indicada pelo suffixo *ario* (de *arium*):—*armario, herbario, erario*.

Os antigos, assim como diziam, transpondo as letras:—*contrairo, adversairo*, tambem diziam, menos se afastando do typo latino:—*porcairo* (porqueiro), *caprairo* (cabreiro), *caldario* (caldeiro), etc.

<sup>1</sup> Individuos que fazem, produzem, fabricam os objectos indicados pelo radical.

<sup>2</sup> Cumpre advertir ha certa differença na significação das desinencias—**ARIO, EIRO, OR, ADO**, comquanto todos indiquem *cargo, profissão*—**ARIO** denota posição inferior, **EIRO** ainda mais inferior; **OR, ADO, ATO**, alta dignidade, posição elevada, etc.

<sup>3</sup> Isto é—productores de tal e tal fructo.

Este suffixo é muito productivo:—O erudito *ario* tomou tal extensão na linguagem vulgar, que forma palavras com radicaes portuguezes:—*annuario, horario, inventario*.

Oppõe-se a *ante*:—*mandante, mandatario*; a *al*—*original, originario*; a *oso*—*tumultuario, tumultuoso*.

**Asio** (*azio*).—Significa extensão, augmento:—*balasio, copasio*.

**Az**—Indica augmento, intensidade:—*cartaz, montaraz, Satanaz*. Tem ás vezes sentido pejorativo:—*danças, machacaz*.

Origina-se do *accus.* ou do augmentativo latino, nominativo em *ax*. Cp. *ladroax, ladravaz, ladroasso*; e as antigas fórmulas:—*cartax, pertinax, fallax*, etc.

**Bulo, culo, bro, cro**.—Dos suffixos latinos—*bulum, culum* (arch. *clum*). As 1.<sup>as</sup> fórmulas são de origem erudita. Ex.:—*thuribulo, patibulo, vocabulo, cenaculo, candelabro, sepulcro*.

O de origem popular tem a fórmula  $\Delta$ GRE:—*milagre* (*miraculum*).

Estes suffixos exprimem acção, instrumento, e já no latim *clum, culum*, transformavam-se em *crum* quando eram precedidos de um *l* (*simulacrum*), e *bulum* em *brum* (*candelabrum*) etc.

**Cida** (lat. *cida*—matador):—*homicida, regicida, parricida*, etc.

**Cola** (lat. *cola*).—Indica profissão agraria:—*agricola, vinicola*; habitação:—*arvicola, monticola, incola*.

**Eço,-a, iço,-a, oço,-a.**—São variações do suffixo *aço* e correspondentes ás desinencias latinas—*ex,-ix,-ox*. Indica augmento, muitas vezes com sentido pejorativo; movimento:—*cabeço, alvoroço*.

**Dade** (accus. *atem*, nom. em *tas*):—*autoridade, maternidade, irmandade, sociedade*. (V. ADE).

**Eiro.**—V. *ario*.

**Eira.**—Corrupção de *aria*. Indica extensão, collecção, arvoredos, plantas, etc.: *sementeira, parreira, bananeira*.

No seculo XIV havia um substantivo em *eira*, sem correspondente masc., cujo suffixo indica *officio* (*hervoeira*—mulher dissoluta, d'onde a expressão vulgar—*filho daservas*, por filho de meretriz, sem pae conhecido).

**Edo** (lat. *etum*).—Denota collecção, producção, grandeza; e junto dos radicaes dos nomes de vegetaes forma substantivos indicando trato de terra plantado da especie de arvores designada pelo radical (= *al, eiro*):—*arvoredado, penedo, olivedo, vinhedo*.

**Ez, eza, isa, essa** (lat. *issa, itia*).—Os tres ultimos formam sómente o fem. de subst.:—*princeza, poetisa, abbadessa*. Indica posição, cargo e a origem, habitação (*burguez, francez*). A fórma *ez* é muito empregada para alguns nomes de povos—*Carthaginez, Inglez, Portuguez*... e ainda de habitantes de certas cidades francezas—*Marselhez, Bolonhez*.

**Ia** — Indica: 1º, accção propria do individuo indicado pelo radical: — *rapazia*; 2º, cargo e o logar em que é exercido — *abbadia, recebedoria, thesouraria*.

**Io** — Indica colleccção: — *mulherio, rapazio*; estado, qualidade — *poderio, sombrio*.

**Ico** — Indica origem, seita, communidade, profissão: — *musico, estoico*.

**Ina** (lat. *ina*). Indica officio, profissão, logar onde elles são exercidos, habitação: — *medicina, disciplina, officina*.

A fórma masc. *ino* deu, modificando-se em *inho*, o subst. *capuchinho*.

**Ista** (lat. *ista*, gr. *istes*). — Indica emprego, occupação — *oculista, dentista, sacrista, copista, jornalista*. É esta a terminação dos nomes de pessoas que tocam um instrumento, excepto aquelles que derivam por mudança de sentido, por metaphora (um *piston*, um *tambor*): — *flautista, pianista*. Hoje é de grande emprego, e entra tambem na formação dos nomes que exprimem os partidarios de um systema, escola, seita ou idéa — *aboliconista, socialista, nihilista*.

**Ismo** (lat. *ismus*, gr. *ismos* de *ismê*, espirito). — Indica: 1º, religião, crença, seita, doutrina, e tambem se junta a adjectivos — *christianismo, islamismo, sebastianismo, socialismo, positivismo, machiavelismo, altruismo* (por ana-

logia com *egoismo*); — 2º, qualidade — *brilhan-  
tismo, purismo*; — 3º, palavra, locução peculiar  
a uma lingua ou cidade — *gallicismo, hellenis-  
mo, solecismo*. Forma, pois, nomes abstractos  
correspondentes aos adjectivos em *ista, ico*: —  
*socialista, purista, fanatico* (fanatismo), *patrio-  
tico*, etc. Oppõe-se a *ade: christianismo chris-  
tandade, espiritualismo espiritualidade*; a *ancia*  
— *ignorantismo ignorancia*.

**Orio** (pop.) — Indica extensão, augmento:  
— *territorio, promontorio, directorio*...; logar  
onde se faz a acção — *cartorio, escriptorio, re-  
feitorio*.

Sentido peyor. — *chapelorio, camelorio*.<sup>1</sup>

#### d) Substantivos derivados de adjectivos

9. — Formam-se accrescentando aos adjecti-  
vos os suffixos — *ação ado ao cia dade dico ença*  
*ena encia* (ancia) *ez* (eza), *ice ismo ura*, etc.

**Ada** — Indica acção desairosa, baixa: — *bre-  
jeirada, velhacada, tratantada*.

**Ão** (lat. *one*) — Ind. qualidade, estado: —  
*perfeição, mansidão, gratidão*.

**Cia, ia** (itia, ia). — Indica qualidade, ten-  
dencia: — *audacia, constancia, prudencia, perfis-  
dia*.

<sup>1</sup> Aqui, porém, o thema deve ser considerado adjectivo, isto é,  
*camelo* é empregado no sentido de *estupido*.

**Dade** (*atem* accus. dos nomes da 3ª decl. lat. em *tas*). Indica qualidade e forma geralmente nomes abstractos:—*bondade, felicidade, crueldade...* e muitos outros analogicamente.

**Saudade** = ant. *so-i-dade* (*soledade*) *solidão*. A intercalação do *i* já era frequente no lat.—*bonitatem, etc.*

Estes derivados são muito vulgares no portuguez e talvez em numero passante de 500.

Oppõe-se a *ão*—*soledade solidão, mansidade mansidão* (G. Vic.), *variedade variação...* e no seculo XVI a *eira*—*ceguidade cegueira* (*ceguice*).

**Aria**—Indica acção, effeito proprio do individuo, idéa expressa pelo radical; o estado do que exerce estas funcções, etc...:—*enfermaria, velhacaria*.

**Ena**—De nomes de numeros:—*novena, quarentena*.

**Ença**—Significa qualidade, estado:—*doença, convalescença*.

**Encia** (lat. *entia*).—Denota qualidade:—*prudencia*.

**Ez, eza** (lat. *itia*).—Indica qualidade, estado; forma nomes abstractos:—*rapidez, fortaleza, surdez, largueza*.

Oppunha-se no seculo XV a *ura, dade*:—*brandeza* por *brandura, farteza* por *fatura, viuvidade* por *viuvez, nuidade* por *nudez...* E ainda temos exemplos d'esta confusão em *clareza claridade, torpeza torpidade, tristeza tristura, etc.*

**Ia** (lat. *ia* atono). — Significa o mesmo que *esa*: — *perfidia, monotonia, cortezia*.

**Iça icia** (f. pop. accessoria, do lat. *itia*): — *justiça, preguiça, malícia*.

**Ice** (lat. *itie*). — Indica estado: — *patetice, velhice, calvice*.

**Ismo**. — V. subst. de subst.

**Mento** (lat. *mentum*). — Indica estado, acção: — *contentamento, atrevimento*.

**Monia** (lat. *monia*). — Indica acção: — *acrimonia, parcimonia*. Só entra na formação de palavras classicas.

**Orio** — Tem sentido pejorativo — *finorio, simplorio*.

**Tude** (lat. *tutem*, der. de *tus, tutus*). — Indica estado, qualidade: — *juventude, solitudine*.

**Ura** (lat. *ura, atura*). Idem: — *amargura, formosura, loucura*.

Oppõe-se a **OR** — *amargor, amargura*.

Os substantivos derivados de adjectivos são do genero feminino, como em latim. Exceptuam-se os em — *ismo, mento, orio*.

#### e) Substantivos derivados dos verbos

10. D'estes substantivos, alguns indicam a acção expressa pelo verbo (*ada, ança, ão, ção* (são), *ivo, ela, en*); outros, o resultado d'essa acção (*aço, ado, ire, mento, ura*); o agente da

acção (*or, dor, tor, sor*); o lugar em que se passa a acção (*eiro, io, ouro, etc.*); a significação do substantivo no superlativo (*az*).

**Aço** (efeito):—*canção, andaço*.

**Acção**—lat. *ionem*, nominativo *io* (t-io, acção). Forma-se geralmente com verbos da 1ª conj.:—*ligação, publicação, encadernação*.

A maior parte d'estes derivados compõe-se de nomes abstractos; muitos d'elles—de acção—, tiveram por base o part. passado latino—*effusão, intuição*.

**Agem**—Indica acção ou resultado da acção:—*lavagem*.

**Alho**—Exprime cousa masc. que serve de instrumento:—*espantalho*.

**Ança, ença, ancia, encia** (lat. *antia, entia*). Indica acção, estado de acção:—forma, geralmente, nomes abstractos correspondentes aos adjectivos em *ante, ente, inte*:—*esperança, lembrança, mudança; crença, detença; resistencia, concurrencia; observancia, vigilancia*.

**Ença, encia** são as fórmulas populares; mas temos não obstante muitos vocabulos de derivação classica com este suffixo:—*exigencia, urgencia, adherencia*.

Muitos dos nossos nomes derivados em *ança* não têm correspondentes em latim.

**Ante**—suffixo do part. pres. Indica acção, profissão:—*marchante, negociante, purgante*.

**Ão, ção** (são). Do latim *ionem, tionem, c-ionem, s-ionem*. Indica acção:—*rasgão, canoniciação, pronunciação, abolição*.

**Anda**—Forma nomes fem. dos part. futuros latinos:—*propaganda*. Except. *multiplicando*.

**Eiro, ouro** (oiro), **ório**—Do latim *arium, erium, orium* (t-orium, t-sorium, etc.) Indicam: 1º, o lugar onde se faz a acção:—*atoleiro, resvaleiro; matadouro, ancoradouro; lavatorio, dormitório, oratorio*, etc...; 2º, o suff. *orio* significa mais o instrumento com que se faz a acção:—*vomitorio, seringatorio*; 3º, *eiro* indica outrossim o agente:—*lavadeiro, cozinheiro*; 4º, *ouro* indica ainda *estado*:—*casadouro*.

O *a* e o *t* são consoantes de intercalação frequente nestes derivados, como já acontecia no latim.

Os formados do supino são, em regra, masculinos—*directorio, dormitorio*... Except.—*escapatoria*...

*Ouro* corresponde a *ijo*—*escondedouro, esconderijo*.

**Enda**—forma, bem como *ANDA*, alguns nomes femininos de part. futuros latinos:—*offenda*... Except. *dividendo*.

**Ente**—Indica acção, resultado, lugar onde, agente. Suffixo part., derivado do part. act. lat. em—*ens*—*entis* (*entem*); e por motivo d'esta derivação a palavra a que se ajunta este suffixo tem sentido de estar, existir:—*ausente* (*absentem*), *servente* (*serventem*), *precedente, semente*...

A maior parte dos verbos radicaes d'estes nomes, todos de origem latina, não existe em portuguez.

**Eira** — Indica acção: — *choradeira, dormideira*.

**Ela** (ella) do lat. *ela*; indica resultado de uma acção — *tutela, machuçada, apalpada*. Nos derivados populares nota-se a intercalação do *d*.

**Ia** (*cia*, etc., com os verbos da 2ª e 3ª conj.; vide ENCLIA) do latim *aria* contrahido. Indica acção, resultado: — *berraria, gritaria*.

**Ivo** (t-ivo, lat. *ivus*). — Exprime acção, resultado da acção: — *paliativo, recitativo*.

**Ido** (lat. *itus*). — Exprime o resultado da acção: — *rugido, ganido, tecido*. Formam-se todos dos verbos da 3ª conj. (part. pass.)

**Io** (lat. *ium*). Indica acção, logar onde ella se exerce — *imperio, pousio, vaticinio*.

**Iz** — Só temos um exemplo em que corresponde a — *mento: chamariz* (port. pop.).

**Men, me** — Este suffixo só apparece em palavras classicas de origem latina, taes como — *exame, certamen, regimen, specimen*.

**Mento** (lat. *mentum*, de *minere*). Significa acção, resultado: — *testamento, ornamento... cumprimento, fallecimento, enchimento, aborrecimento*, etc.

Muitos já nos foram transmittidos pelo latim: — *documento* (de *docere*, instruir, ensinar),

*alimento* (*alimentum*, de *alere*, alimentar), *fragmento* (*fragmentum*, de *frangere*, quebrar)...

Forma-se, pois, como em latim, do presente do Indicativo (*testamento*, *documento*), ou do supino (*detrimento*, *fragmento*).

No 1º caso indica o resultado; no 2º, acção.

Oppõe-se a *ção* : — *fundamento* *fundação*, *fragmento* *fraccção*, *sentimento* *sensação*, *criamento* *criação*... *anção* : — *ensinamento* *ensinância*, etc.

**Or** (*d-or*, *t-or*, *s-or*), do lat. — *or* (*t-or*, *s-or*). Indica: 1º, agente — *abridor*, *leitor*, *imperador*, *contador*; 2º, logar onde : — *jazedores*.<sup>1</sup> Uns representam typos latinos (*leitor*, *injector*, *abactor*), outros são de derivação portugueza, etc. (*contador*, *fumador*...)

Cp. — *leitor* *ledor*, *escriptor* *escripturario*, *fumador* *fumante*, *tabaqueador* *tabaquista*, etc.

**Orio** (*t-orio*). — V. *Eiro*.

**Ura** (*t-ura*, *d-ura*). Do latim *ura* (*t-ura*, *s-ura*). — Exprime o resultado, o effeito, o estado — *queimadura*, *quebradura*, *captura*, *sepultura*, *pintura*, etc.

A maior parte d'estes derivados são portuguezes formados pelo typo latino : — *molhadura*, *cosedura*, *descompostura*...

<sup>1</sup> No seculo XIII dava-se esta denominação aos que eram sepultados no cemiterio de S. João de Tarouca.

Oppõe-se a *mento* — *ligadura ligamento, quebradura quebramento*; a *acção* — *fractura fracção, creatura criação*.

11. — As desinencias indicadoras de collecção, além das que já ficaram apontadas (*ado, ade, edo, io, agem, al, ario, eiro, mento, orio, ura*), são — *alho, -a, ilha, ulho, ame, ama, ume, enta, ura*.

Temos, porém, muitos nomes collectivos simples: — *bando, mó, chusma, povo, récua, recova*...

Estudemos os suffixos de que ainda não tratámos.

**Alho, -a (ilha, ulho).** — Tiram origem: *alho, -a*, não da desinencia latina — *alo, -is* — como geralmente se tem escripto, mas de *aculus, -a, um*, sem mais significação diminutiva; e do suffixo lat. — *alia*; *ilha*, do suff. — *itia*; *ulho*, de *uculum*; — *cascalho, serralho; canicalha, canalha; matilha, camarilha; pedregulho*. São quasi todos de derivação portugueza.

**Ame, ama, ume** (de *amen*, multidão): — *barrilame, cartuchame, massame, vasilhame*, etc. — Os Romanos tambem derivaram — *examen, certamen, velamen*...

As fórmãs — *ama, ume*, são corrupções de *ame*: — *mourama, cardume*.

**Ena** — Forma-se com certos nomes de numeros: — *centena, trezena, dezena*.

**Enta** (lat. *entum*): — *ferramenta*.

dativ  
accre  
nos f  
passa  
culin

H  
que, P  
F  
nhorio  
T  
laudem  
etc.

P  
M  
H  
A  
realeg

1  
bem  
nomi  
nador

f) Suffixos augmentativos e diminutivos

12.—Ao que dissemos sobre a flexão gradativa (pags. 224 a 230), nada mais temos a acrescentar senão que muitos nomes femininos formam o augmentativo em *ão* (p. *ona, ã*), passando consequentemente para o genero masculino—*portão, mulherão*.

Havia nos seculos XV e XVI as desinencias *ego, igo*, que, parece, correspondiam ás actuaes—*agem, ia*:

*Fumãdego*—fumagem, pensão paga por fogo ao senhorio.

*Terradigo, terradego*—quantia que o foreiro pagava de laudemio ao direito senhorio para poder alienar o predio, etc.

*Portadigo*—portagem.

*Mordomadigo*—mordomia.

*Hospedarigo*—hospedagem.

Ainda temos amostra d'esta derivação em *realengo* (ant. *realego*), *avoengo, terras reguengas*, etc.

FORMAÇÃO DE ADJECTIVOS

13.—O portuguez forma adjectivos tambem pelo processo de derivação, com themas nominaes e verbaes:—*pedregoso, negral, enganador*.

a) **Adjectivos derivados de substantivos**

14. — São principaes suffixos, além de alguns já estudados:

**Al, el, il** (lat. *alis, elis, ilis...*) — Significa — que se prende ou refere a, da mesma natureza que. — Estes adjectivos não nos indicam a cousa em si; apenas a determinam: *meridional* (logar), *imperial* (classe), *occasional* (tempo), etc.

**Al** é muito productivo, e sobem a cêrca de 300 os adjectivos de base nominal formados com esse suffixo.

As outras duas fórmãs mais se apresentam em adjectivos importados directamente do latim, ou formados eruditamente de themas latinos: — *cruel* (*crudelis*), *fiel* (*fidelis*), *hostil* (de *hos, hostis*, inimigo) *viril* (de *vir*, homem), *pueril* (de *puer*, menino), *senil* (de *senex*, velho), etc... *febril, carril*.

Alguns adjectivos em *al* são hoje substantivos: — *natal, rival, jornal*.

**Acco** (lat. *aceus*). — Indica semelhança — *rosaceo, gallinaceo*.

**Ado** (lat. *atus*). — Indica posse: — *estrelado, alado*.

**Ano, ão** (lat. *anus*). — Indica origem, seita, profissão: — *transmontano, Pernambucano; dominicano, christão, christiano*.

**Ar** (lat. *aris, arius*). — Denota estado, qualidade:—*patibular, familiar*.

**Ario, eiro** (lat. *arius*). — Indica profissão, estado, qualidade—*imaginario, solitario, embusteiro, interesseiro, solteiro*. Nas palavras de fundo popular mais predomina a segunda fôrma.

**Atico** (lat. *aticus*).—Só apparece em palavras de formação erudita:—*lunatico, anseatico, aquatico, fanatico*. V. Ico.

**Ecimo, esimo** (lat. *esimus*).—Junta-se a numeræes cardinaes para a formação de ordinaes:—*decimo, centesimo*.

**Ejo**—Indica procedencia:—*sertanejo, anejo*.

**Enho** (lat. *enus*).—Exprime uma propriedade ou qualidade, representada pelo radical:—*ferrenho*.

**Ente** (lat. *ente*). — Indica estado, porque *ente* é ablativo de *ens*, participio do verbo ser —*paciente, prudente*.

**Ento** (lat. *ento, lentus*).—Indica abundancia, tendencia:—*ferrugento, pestilento, bulhento, succulento*.

**Ense** (lat. *ensis*). — Exprime procedencia, origem:—*forense, Maranhense*.

**Ez, a** (lat. *ensis*). — Indica procedencia, proprio de:—*montanhez, montez, camponez*.

**Eo** (lat. *eus*). — Indica a materia de que a cousa é feita:—*férreo, argenteo, lineo*.

Opp. a *oso*:—*ferreo, ferruginoso*.

**Este** (lat. *estis*):—*agreste, celeste*. É impro-  
ductivo.

**Estre** (lat. *estris, ester*):—*pedestre, eques-  
tre, terrestre*... D'estes, só é de fundo popu-  
lar—*campestre*.

**Esco** (lat. *iscum*).—Indica o modo, a pro-  
priedade, origem, semelhança:—*fradesco, bur-  
lesco, pedantesco, arabesco, pittoresco*. Pelos  
exemplos vê-se que ás vezes tem sentido depre-  
ciador.

**Fero (ifero)**.—É um dos suff. lat. que  
mui productivo tem sido no portuguez, mas  
só em vocabulos de origem erudita:—*mortifero*  
(levo a morte), *pestifero, salutifero*.

**Ico** (lat. *icus*).—Denota o mesmo que *al*  
—relação, origem, ainda mais determinando o  
conjuncto das propriedades:—*aristocratico, geo-  
metrico*.

Opp. a *il*:—*civil civico*; a *oso*—*harmonico*  
*harmonioso*; a *al*—*monastico monacal*.

A desinencia *fico* (de *facio, faço*) entra na  
derivação de muitos adjectivos, e exprime a  
idéa de produzir ou fazer alguma cousa:—*pa-  
cifico, soporifico, prolifico*.

**Ico, icio** (lat. *icius*).—Indica qualidade:—  
*castiço, chuvedição, alagadiço, patricio*. É suffixo  
popular.

**Ido** (lat. *idus*).—Exprime a qualidade pro-  
pria do substantivo radical, mas em alto gráo:  
—*calido, timido, humido*.

**Imo** (lat. *imus*, suffixo indicador de superlatividade). — São poucos os vocabulos em que apparece, e sempre com a intercalação de um *t* (*t-imo*):— *legitimo*, *marítimo*.

Cp. *lidimo legal legitimo*, e *marino marinho marítimo*.

**Ino** (**t-ino**) lat. *inus*, *t-inus*. — Indica semelhança, origem, relação:— *crystallino*, *marino*, *salino*, *libertino*.

**Inho**— *marinho*...

**Itico**— V. *ico*: *romantico*.

**Lento**— V. *ento*.

**Olico** (lat. *olicus*). V. *ico*. — *Melancolico* (ant. *merencoreo*), *symbolico*.

**Onho** (*onius*). — Exprime o que faz, produz:— *enfadonho*, *tristonho*.

**Oso** (lat. *osus*). Indica posse:— *astucioso*, *fogoso*, *manhoso*, *nervoso*, *montanhoso*, *ocioso*, etc. É uma das mais productivas desinencias portuguezas, e já o era em latim.

Notemos mais os derivados em *uoso* formados por analogia:— *monstruoso*, *voluptuoso*.

**Udo** (lat. *utus*). — Ind. abundancia;— posse, mas com idéa de grandeza, augmento:— *cabeludo*, *pelludo*, *sanhudo*, *barrigudo*. Às vezes tem sentido pejorativo:— *linguarudo*, *abelhudo*.

**Um**— Os adjectivos formados com este suffixo só se empregam com o subst. *gado*:— *vacum*, *cabrum*. Corr. a *ar* (*cavallar*).

**Undo** (lat. *undus*).—Indica tendencia:—*furibundo, iracundo*.

Opp. a *oso*.—Cp. *furioso, iroso*.

**Urno, ierno** (lat. *urnus, iernus*). Indica tempo:—*diurno, hodierno, nocturno*. Só em derivação erudita.

### b) Adjectivos formados de adjectivos

15.—Já tratámos dos suffixos augmentativos e diminutivos, etc., dos adjectivos.

Além d'esses, temos —*ento* (*pardacento, alvacento*), *al* (negral, tirante a negro), *oso* (verdoso), *aico* (judaico, referente a judeu) etc...

No seculo XV era corrente o suffixo *engo*, hoje rarissimamente empregado, indicando — de, referente a:—*Judengo*.<sup>1</sup>

### c) Adjectivos derivados de verbos

16.—O portuguez forma adjectivos verbaes adoptando os participios do verbo, ou ajuntando certos suffixos ao radical verbal.

17.—*Formação pelo participio*.—Empregamos tanto o participio presente latino como o

<sup>1</sup> Além d'este, perdemos outros muitos, como *igo*, que se archaizon nos seculos XVI e XVII — *montedigo*. *Mento* até o seculo XVI era de uso mais frequente: correspondia a *ia* (ousamento), a *ança* (mudamento)...

passado: — *obediente, paciente, brilhante... vago* (vagante), *sujo* (sujado).

As vezes o verbo desapareceu do portuguez moderno, persistindo, porém, os participios com categoria de adjectivo ou de substantivo: — *miserando* (de *miserar*), *puđendo* e *puđente* (seculo XVI)... *bispado* (de *bispar* «vêr o rebanho cathedral»),<sup>1</sup> *calçado*.

18. — *Formação com suffixos*. Os principaes são:

**Ado** — Já nos referimos a este suffixo.

**Ante, ente, inte** — Correspondem ás desinencias dos part. pres. activos latinos — *ante* (*ans, antis*) e *ente* (*ens, entis*): — *caminhante, imponente, conhecente* (seculo XV), *pedinte*.

Alguns tornaram-se substantivos — *lente, affluente*.

Muitos dos verbos thematicos d'estes adjectivos não existem no portuguez: *ambulante* (lat. *ambulare, andar*), *benevolente* (seculo XVIII), ou já vão, ainda que mal, caindo em desuso: — *febricitante* (de *febricitare*), *protuberante*.

**Aõ** — *Folgação, brincalhão e brincão*.

**Ando, endo, undo** (*endus, arch. undus*). — Como em latim, suffixam-se ao radical do pres. do Ind., e indicam acção. Correspondem aos derivados em *avel*: — *venerando* (veneravel). São em geral de origem erudita (*oriundo*), mas com uma fôrma synonymica popular (*originario*).

<sup>1</sup> Hoje só em linguagem muito familiar, vulgar por *êr*.

**Az (ace)** (lat. *ax*). — Indica alto gráo da qualidade expressa pelo radical: — *efficaz* (*efficere*, effectuar), *loquaz* (*loquere*, falar)... *beberaz*, *robaz* (seculos XV e XVI), *mordaz*.

**Bundo** (lat. *bundus*). — Ajunta-se ao radical do presente do Ind. — Significa tendencia, estado: — *vagabundo* (por *vagamundo*), *tremebundo*, *meditabundo*, *gemebundo*, *moribundo*.

Equivale ao *oso* das bases nominaes. — Quasi todas as palavras d'esta terminação são importações latinas.

**Avel, ivel, bil, il** (lat. *bilis* — *ibilis*, *ilis*, — *abilis*, *ebilis*, nos poetas). — Indicam a possibilidade — quasi sempre passiva —, a capacidade de fazer alguma cousa. — Os em *avel* formam-se pela junção do suffixo aos radicaes verbaes da 1ª conj.: — *amavel*, *penetravel*; os em *ivel*, formam-se do part. pass. lat. — *vendivel*, *crivel*. Os em *avel* podem tambem formar-se tomando para thema um substantivo — *genial*.<sup>1</sup>

**Ivel** é de formação erudita; *avel*, popular.

**Avel** oppõe-se a *ante*, *oso*: *amavel*, *amante*, *amoroso*; *ivel*, a *ivo*: — *sensivel*, *sensitivo*.

Os em **bil** — *il*, formam-se de base verbal latina; e todos nos vieram já formados d'essa lingua: — *facil* (*facere*, fazer), *docil* (*docere*, ensinar), *fragil* (*frangere*, quebrar), *nubil* (*nubere*, casar), *reptil* (de *reptum*, sup. de *repo*, arrastar), *mobil* (de *movere*, mover).

<sup>1</sup> *Medicinal* e outros vieram de verbos archaisados — *medicinar*, etc.

Na ling. pop. muda-se o *b* em *v*—*movel*.

Neste grupo devem entrar os em **uvel** (de sentido passivo): — *indissoluvel*, *insoluvel*, *voluvel*.

A acção que nas linguas romanas a 1ª conj. exerceu sobre as outras no part. pres., tambem é manifesta na derivação. Temos alguns exemplos no portuguez, d'esta preferencia pela forma em *avel*, que hoje muito mais se accentúa no francez. Os verbos da 2ª conj. seguem os da 3ª porque, adoptando as formas *abilis*, *ibilis* latinas, desprezaram de todo a em *ebilis* (*fle-e-bilis*).

**Ejo**: — *andarejo*, *andejo*.

**Iço** (lat. *icius*). — Indica a natureza ou condição: — *abafadiço*, *alágadiço*.

**Io**: — *escorregadio*, *luzidio*.

**Ido** (lat. *idus*). — Como *az* e *undo*, é suffixo improductivo. — *Rigido*, *timido*.

**Ivo** (lat. *ivus*, que corresponde a *bilis*). — Indica força, aptidão, faculdade para fazer alguma cousa: — *putativo* (de *putare*, pensar, julgar), *auditivo* (de *audire*, ouvir)... *fugitivo*, *instructivo*, *corrosivo*.

Forma geralmente adjectivos de sentido activo: *captivo*, *adoptivo*, etc.

É de formação classica; mas já vai se popularizando. Cp. — *negativa*, *negação*; *persuasivo*, *persuasorio*; *nutritivo*, *nutriente*; *instructivo*, *instruidor* (instructor).

**Or** (*dor, tor*—fem. *triz, sôr, ôra*).—Corresponde ao lat. *or* (*tôr, sor*, fem. *triz*) sempre que o radical é supino latino ou particípio presente:—*seductor, conciliador*.

d) **Substantivos ethnicos, gentilicos e patronymicos**

19.—Os nomes locais formam-se também de varias terminações: *ia* (Italia, Asia, Dalmacia, Bulgaria...); *ica* (Africa); *ento* (Agrigento, Buxento); *anha* (Bretanha, Allemanha); *polis* (gr. *polis*, cidade) *Petropolis, Theresopolis*... Os do Brasil, porém, são na quasi totalidade nomes indigenas: *Piauihy* (*piau* peixe + *hy* agua), *Pará*, contracção de *paraná* (mar), *Niterohy*<sup>1</sup> (*nitero* escondida + *hy* agua), *Carioca*, etc...

20.—Os nomes de *povos e nações* formam-se com os nomes proprios de paizes e cidades, e as desinencias—*ano* (iano), *ense, ão, ez, ino, ico, ista, aico*, etc:—*Pernambucano, Romano, Galleziano* (Gallego), *Atheniense, Lisbonense, (Lisboeta), Coimbreense* (Coimbrão), *Beirense, (Beirão), Maranhense, Bretão, Egypciaco, Latino, Paulista, Romaico, Judeu (Judaico), Chinez (Chim), Indio* (indico, indiano), *Portuguez, Inglez, Francez, Brasileiro* (Brasiliense). Essas desinencias são de origem latina, com excepção de *ez* (contr. de *ense*, mas de emprego moder-

<sup>1</sup> Deve, pois, ser rejeitada a graphia official—NICTHEROT.

no), e *'eiro*, que não tem correspondente em latim, mas que formou alguns nomes ethnicos — *Vimieiro*, *Barreiro*, etc...

21.—Alguns nomes, pois, têm duas e tres desinencias.

Os classicos conservavam as desinencias claras, isto é, as fórmulas completas dos vocabulos:—*Egyptiano* (Luc.) *Persiano* (Vieira), *Syriano*, *Etyopiano* (Pant. de Aveiro), *Indiano*, *Portugalense*, etc. Hoje quasi todos elles se apresentam syncopados:—*Persa*, *Egyptio*, *Etyope*, *Syrio*, *Assyrio*, *Indio*, *Portuguez*...

22.—Os patronymicos, já vimos, derivam-se dos nomes proprios—com o suffixo *es*:—*Alvares de Alvaro*, *Gonçalves de Gonçalo*, *Soares de Soeiro*, etc.

### e) Derivação dos verbos

23.—O portuguez forma verbos derivados de substantivos, adjectivos primitivos, e de verbos simples.

1º—De *substantivos*.—Juntando-lhes: a) a terminação *ar*:—*caminhar*, *tabaquear*, *ajoelhar*, *batalhar*; b) a terminação—*isar*, de introdução mais recente (=lat. *izare*, grego *issare*):—*arborisar*, *romantisar*; c) a desinencia *icar* (lat. *icare*):—*fabricar*, *forjar*, *prègar* (predicare); d) *ir*, mas muito raro:—*divertir*, *cuspir*, etc.)

São, pois, quasi todos da 1ª conj. os verbos derivados de substantivos.

Estes verbos exprimem ao mesmo tempo a acção e o objecto d'ella. *Alimentar* é dar alimento; *espanar*, saccudir com espanador; *ajoelhar* é cair em joelhos.

Este processo era conhecido dos Latinos (*querelare*, de *querela*), e d'elle muito se aproveitaram os nossos maiores. São do Canc. da Vat. os seguintes exemplos—*desemparrar* (84), *alongar*, *alegerar* (111), *regalar* (208), *aventurar*.

2º—De *adjectivos*.—Terminam: a) em *ar*, *ir*:—*manear*, *ventar*, *denegrir*; b) em *isar*:—*fertilisar*; c) em *ecer*, *escer* (lat. *escere*), com os prefixos *a*, *em* (*en*), etc.:—*amarellecer*, *endurecer*, *emmagrecer*, *envelhecer*.

Os em *ar* são activos com sentido causativo; os em *er* e *ir* significam *tornar-se*, *fazer* (*denegrir* é fazer negra qualquer cousa, *envelhecer*—tornar-se ou fazer-se velho).

3º—De *verbos simples*.—Com os suffixos—*icar*, *itar*, *iscar*, *inhar*, *migar*, etc.:—*beberri-car*, *namoricar*, *dormitar*, *chupitar*, *escrevinhar*.<sup>1</sup> Estes verbos têm sentido diminutivo, frequentativo ou pejorativo.

D'estes verbos derivados formam-se substantivos em *ola*, *or*, *ico*, *iga*:—*cantarola*, *escrevinhador*, *namorico*, *choramigas*.

<sup>1</sup> A desin. —*nhar* é muito popular: *endemoninhar*, *engorovinhar*, *avinhar*.

NOTA.—A derivação verbal, pois, faz-se por meio de suffixos proprios (*derivação mediata*):—*caval-g-ar*, *pulver-is-ar*; ou pela simples addição ao thema, de flexão verbal:—*cantar*, *pensar*.

Para a derivação mediata conserva o portuguez quasi todos os suffixos latinos.

a) Suffixos nominaes.

*Agem*—viajar, ultrajar; *aço*—embaraçar; *ça*, *já* (= lat. *ia*)—invejar, agraciar: *lho*, *a* (lat. *alia*, *ilia*, *culus*)—trabalhar, maravilhar, envelhecer; *ela*—acautelar; *al*—immortalisar, igualar; *il*—facilitar; *aneça*, *acção*—semelhar, humilhar—*bil* *terribilisar*; *ão*, *ano*—christianisar; *inho*, *ino*:—caminhar, assassinar; *sião*, *tão*—occasionar, questionar; *ume*—costumar; *igem*—originar; *ugem*—ferruginar; *anho* (lat. *aneus*)—estranhar; *ura*—misturar; *ario*—contrariar; *to*—libertar; *ço*—abraçar, soluçar; *icia*, *iça*—acariciar, espreguiçar; *ivo*—cultivar, motivar; *ete*—banquetear (sem mod. do thema); *undo*—vagabundar, vagabundear; *en'o*—alimentar, parlamentar, etc.

b) Suffixos consoantes :

**G**—*ic-ã* (*icare*). Indica *tendencia para o estado já indicado, semelhança e frequencia*, ou ainda *diminuição*, conforme vem junto a um nome ou a um verbo:—*fabricar*, *pacificar*, *mastigar*, *vingar*, *amargar*, *folgar*, *julgar*, *castigar*, *fustigar*; o *g* tambem é formativo em *espargir* (*sparso*), *immergir* (*immerso*). Nas linguas Romanas, ás vezes essas gutturaes são representadas por um *j*, o que faz *suppôr*: 1º, queda do *c* primitivo; 2º, intercalação de um *j* euphónico:—*verdejar*, *flammejar*, *forjar*, *bocejar*, *calvejar*, *branquejar*, *dardejar* etc.

Muitos são os novos derivados d'este suffixo em portuguez:—*madrugar*, *cavalgar*, *outorgar* (*autorisare*), *raşgar* (*rasicare*, lat. barb.), *salgar*, *amolgar*, etc. . . A nossa forma em *ear*, *iar*, já era muito frequente nos antigos poetas (*ear*, *iare*)—*folhear*, *guerrear*, *senhorear*, *manear*, *bran-*

quear, saborear, mas entre nós é mais usual o suff. *ejar*: —planejar, manejar, cortejar, velejar, etc.

**P d**—1º) *t-a* (tare, sare). É intens. em *captar*, *mudar*; mas em portuguez tem em geral sentido frequentativo: — *aproveitar*, *juntar*, *conquistar*, *despertar*; *ousar*, *usar*, *avisar*, *olvidar*, *appellidar*, *crociatar*, *palpitar*, e muitas outras palavras de criação recente; 2º) —*t-a* (itare) frequent. opt. ou simp. denom: — *dormitar*, *nobil-itar*, *debil-itar*; 3º) *t-i-a* (tiare, siare) port. *çar*, *sar*. São fórmulas particulares do lat. vulgar, ás quaes se deve uma série de verbos transit. da 1ª conj.: *caçar*, *traçar*, *aliar* (alço), *agucar* (agudo), *adelgaçar*, *pensar*, etc...

**R i**—1º) *RE* (lat. *RI*, *SI*) junta-se ao suff. *DU*, *TU* (lat. *TU*) e forma verbos desid: — *ama-du-re-cer*; 2º) *ül* (*ol*, *il*), tem valor frequent. e dimin. tanto em portuguez como em latim — *formigar*, *tremolar*, *granular*, *pull-ul-ar*, *vi-ol-ar*, *vent-il-ar*; 3º) *c-UL* — (*c-ulare*), frequent. ás vezes dim.: — *gesti-c-ular*, *os-c-ul-ar*...

Ás vezes a consoante vem dobrada (*LL* — *illare*, dim.) **LT** — *altare*, *eltare*, *olure*, id. *zombetear*, *esgravatar*.

**N** — Esta nasal dental formava o thema em *po-n-er* (põer, por), *IN* em *ob-st-in-a-r*, *de-st-in-a-r*, *contam-in-a-r*; a fórmula *UT* (*untare*, *entare*) deu ás linguas Romanas grande numero de verbos da 1ª conj., quasi todos de significação intransitiva, porque nem sempre conservaram a primitiva: — *acalantar*, *levantar*, *acrescentar* (*crescer*), *amamentar* (*mamar*), *amedrontar*, *molentar*, *apascentar* (*pascere*), *apparentar*, *espan-tar*, ant. *quentar*, *afugentar*, *aquentar* (*aquecer*), *endireitar*, *S. Ros.* (*endurecer*) etc.

**S sc** (*ascere*, *escere*, *iscere*) forma verbos inchoativos, em geral da 2ª conj.: — *crescer*, *acquiescer*, *nascer*, *carecer*, *empobrecer*, *agradecer*, *amanhecer*, *merecer*, *obscurer*, *padecer*, *perecer*, *verdecer*, *envelhecer*, etc.

Muitos dos verbos derivados em *sc*, porém, perdem o sentido inchoativo: — *appetecer*, *guarnecer*, *enternecer*, *enfraquecer*, etc...

**Ess**, **iss** indica reiteração, imitação, semelhança, isto é, forma verbos *iterativos* e *desiderativos*. Nós, porém, des-

prezando esta fôrma grega latinisada, adoptamos no periodo classico a puramente grega nos verbos formados com o suffixo *IZ* (*IS*):— *baptisar* (ant. *bautisar*), *escandalisar*, e por analogia *judaisar*, *latinisar*, *autorisar*, *moralisar*, *escravisar*, *poetisar*, *temporisar*, *aromatisar*, *eternisar*, *democratisar*, *pulverisar*, *tyrannisar*, etc.

Além d'estas derivações verbaes, temos — *UCAR* (*batucar*, *beijocar*, *retoucar*), *USSARE*, *USARE* (*bambusar*), *AZZARE* (*escorraçar*, *esvoaçar*, *espedaçar*), *UZZARE* (*relampejar*), *ISCAR* (*belliscar*, *petiscar*); *USCAR* (corr. do ult. — *chamuscar*) etc. . .

### Derivação grega

24.— O portuguez tambem tomou do grego elementos de derivação, e ajunta os suffixos tanto a radicaes gregos como a latinos e portuguezes (Vide *Hybridismo*).

A medicina e a chimica são as duas sciencias que mais se têm aproveitado d'esta derivação para aperfeiçoamento de sua technologia (Vide *Etymologia*).

25.— São principaes suffixos gregos entrantes na formação dos nossos vocabulos:

**Algia** (*ἄλγος* — dôr):— *odontalgia*, *nevralgia*, *nostalgia*, *gastralgia*.

**Cracia** (*κράτος* — governo): — *democracia*, *theocracia*, *aristocracia*.

**Crisia** (*κρίσις* — juizo, R. — (*κρίνω*) — julgar): *hypocrisia*, *cacocrisia*.

Alguns querem que *hypocrisia* e *hypocrita* venham do latim, porque já em S. Jeronymo se encontram as formas *hypocrisis*, *hypocrita*; mas a sua verdadeira derivação é grega — *ὑπόκρισις*, — dissimulação.

**Cosmo** (*κόσμος* — mundo): — *microcosmo*, *macrocosmo*. Já vimos que muitas vezes *cosmo* serve de prefixo: — *cosmogonia*, *cosmographia*, *cosmologia*, *cosmopolita*, etc.

**Gamia** (*γάμος* — casamento): — *bigamia*, *polygamia*.

**Gastrio** (*γαστήρ* — ventre): — *epigastrio*, *hypogastrio*.

**Genia** (*γενεά* = geração): — *androgenia*, *pathogenia*, *pyogenia*, etc.

**Geo** (*γῆ* = terra): — *perigeo*, *apogeo*.

**Gnosia**, **gnose**, **gnosis** (gnostico), **gonia** (*γνώσις* = conhecimento; *γόρος* = origem): — *antognosia*, *diagnosis*, *theogonia*, *cosmogonia*, etc. e *diagnostico*.

A desin. *gonismo* em *antagonismo* vem do grego, *γώνισμα*, d'onde se derivou *antagonista*.

**Gramma** (*γράμμα* = letra): — *anagramma*, *epigramma*.

**Grphe** (*γραφή* = escripta): — *epigraphe*.

**Graphia** (*γράφω* = escrevo): — *geographia*, *typographia*, *lithographia*, etc., *cacographia*, etc.

**Grapho** (que escreve): — *geographo*, *typographo*, *lithographo*.

**Litho** (λίθος = pedra): — *aerolitho*.

**Logia** (λόγια, = tratado, λόγος): — *anthropologia, biologia, cacologia, philologia, tautologia, paleontologia, pathologia, geologia, astrologia*.  
Derivados portuguezes: — *mineralogia, etc.*

**Machia** (μάχη = combate): — *tauromachia*.

**Mania** (μανία = loucura): — *bibliomania, monomania*.

**Metro** (μέτρον = medida): — *barometro, chronometro, pluviometro, etc.*

**Metria** (ind. sciencia de medição): — *geometria, trigonometria*.

**Mancia** (de *manteia*) acção de predizer: — *cartomancia*.

**Metra** (Ind. = o que mede): — *geometra, etc.*

**Métria** (acção de medir): — *geometria*.

**Morpho** (μορφή = forma): — *amorpho, etc.*,  
d'onde *amorphia, morphologia, etc.*

**Nomo** (νομός = conhededor): — *astronomo, agronomo*.

**Nomia** (= conhecimento): — *astronomia, agronomia*.

**Omalo** (ὅμαλος = equal): — *anomalo*, d'onde *anomalía*.

**Pathia** (πάθος = doença, affecção e sentimento): — *allopathia, homeopathia, sympathia, antipathia, etc.*

**Phago** (*φαγεῖν* = comer): — *anthropophago*, *homophago*, *hippophago*, etc. d'onde *anthropophagia*, etc.

**Philo** (*φίλος* = amigo): — *bibliophilo*, *Theophilo*.

**Phobia** (*φόβος* = aversão, temor): — *hydrophobia*.

**Phobo** (Id. = o que teme, e tem repugnância a...): — *hydrophobo*, que tem aversão á agua. Com o mesmo sentido em lat. *hydrophobus* (Plinio).

**Phoro** (*φορός* = que produz): — *phosphoro* (que produz luz), *aromatophoro*, etc.

**Phyto** (*φυτός* = o que cresce, *φυτὸν* planta, creatura): — *neophyto*, *zoophyto*.

**Plexia** (de *plexia*, *plexis*) acção de bater, ferir, atacar: *apoplexia*.

**Poda** (*ποδός* pé): — *antipoda*, etc. No lat. ha a fórma antis *podes*.

**Pola** (*πωλέω* vender): — *bibliopola*.

**Poli,-s** (*πόλις* cidade): — *metropolis*, e nos nomes ethnicos ou locaes: *Tripoli*, *Andriopoli*, *Sebastopol* (corrupção de *Sebastopolis*), *Petropolis*, *Theresopolis*.

**Scopia** (*σκοπέω* = olhar, vêr): — *microscopia*.

**Sophia** (*σοφία* sabedoria): — *philosophia*, d'onde *philosopho*, etc.

**Stylo** (*στυλος* columna, pilar): — *peristylo*.

**Technia** (τέχνη arte, sciencia): — *atechnia*, etc., d'onde a desinencia **TECHNICO** — polytechnico, pyrotechnico.

**Theca** (θήκη deposito): — *bibliotheca*, *py-nacotheca*.

**These** (θέσις posição): — *antithese*.

**Thono, tono** (τόνος som): *monotono*, *arterio-thono*, d'onde *monotonia*, etc.

**Tomia** (τομή = córte): *anatomia*, *urethro-tomia*.

**Throphia** (τροφή nutrição): — *atrophia*. Der. *atrophiar*, — *mento*.

**Typo** (τύπος typo, modelo): *archetypo*, *pro-totypo*.

A nossa lingua tendo a faculdade de crear novos verbos, é para sentir não entrem em circulação muitos de que carecemos, formando-os de substantivos ou adjectivos existentes ou mesmo desarchaisando-os. No 1º caso estão — *altruismar* (já temos *egoismar*), *indifferenciar*, *indistinguir*, *vaquear* (pastorear gado vaccum), *verticalisar*, etc.; no 2º, *alfaiar*, *harpar*, *abeberar*, *embruscar-se*, *encuminar*, *esquerdear*, *jubilar*, *medicinar*, *empegar-se*, *prear*, *sabadear*, *seriar*, *palmejar*, *despre-nhar* (uma vez que conservarmos *emprenhar*), *gravidar*, *dementar*, *estugar*, *patrisar*, *reptar*, *resertar*, *esmechar*, *tagantar*, *tratear*, *lindar*, *maridar*... Alguns d'esses verbos archaisados são empregados nas provincias e em alguns logares onde mais medrosa se conservou a instrucção: por ex. o verbo *pinchar*, usado no Rio Grande do Sul, e que é do tempo de Barros e Damião de Góes.

## CAPITULO V

### DAS PALAVRAS FORMADAS NO PROPRIO SEIO DA LINGUA PORTUGUEZA

1. **Das palavras variaveis.**—O portuguez formou no proprio seio da lingua — *substantivos, adjectivos, pronomes*, e principalmente *verbos*.

Já nos referimos a essa necessidade de accrescer, e ao parallelismo forçado do lexico com os progressos industriaes, artisticos e scientificos; já vimos a importancia da analogia na formação das palavras novas; o caudal immenso que nos offerecem os dous processos da *composição* e *derivação* para crearmos palavras vernaculamente, e lhes desenvolvermos o sentido.

2.—As palavras nascem da actividade do pensamento.

«O vocabulario é a photographia completa do saber de um povo».

Se creamos, descobrimos ou fabricamos uma cousa nova, é força dar-lhe um nome; mas isso não basta, e em breve vem a necessidade dos compostos e derivados para exprimirmos a acção ou o logar onde ella se faz, o agente, a collectividade, o augmento, a extensão, a degradação do sentido, etc. *Chuva*, por ex., deu *chuveiro, chovisco, choviscar, chuvoso, chovediço; feitoria,*

—feitor, feitorisar, feitorisação; telegrapho, —  
telegraphar, telegraphista, telegraphico, etc.

3.—A palavra pôde ser de formação erudita (*necroterio, viaducto*) ou de criação popular. Sobre os vocabulos eruditos nada temos que accrescentar ao que expuzemos nas lições passadas; dos de origem popular pouco mais se nos offerece dizer.

As vezes o vocabulo popular logra ter entrada nas camadas superiores da sociedade (*caniço, derricko, caliça, desobriga, palhaço...*); outras, porém, falta-lhe a força contraria a que tambem estão sujeitas as linguas,—a força conservadora—, e o vocabulo morre no nascedouro ou tempos depois (*escafeder-se, cacunha, bilontra*).

Levado tambem pela força creadora e revolucionaria, e sempre pela tendencia metaphorica, o povo formou muitos vocabulos pejorativos:—um máo dentista é um *sacamolas*; um medico imperito—um *matasanos*; um *esfolacaras* é um máo barbeiro, um vadio; um *pintamonos* um máo pintor; o sonso é um *pisamaninho*; o casquilho—um *pisaflores* ou *pisaverde*; o arruador—um *trancaruas*... A par dos nomes scientificos temos outros tambem de formação popular, que são os de uso corrente:—*girasol, mal-me-quer, amor-perfeito, chupa-mel, beijafloer, bico de lacre, bem-te-vi*, etc.

4.—Os substantivos vernaculos formam-se, pois:

4º Pela composição:

|                                |                           |
|--------------------------------|---------------------------|
| a) de subst. + subst.....      | mestre-escola             |
| b) subst. + adj.....           | redeca-falsa              |
| c) verbo + subst.....          | troca-tintas<br>porta-voz |
| d) prep. + subst.....          | entre-casca               |
| e) subst. + prep. + subst..... | chefe de trem             |
| f) verbo + verbo.....          | vaivem                    |
| g) de palavras diversas.....   | bem-te-vi                 |

2º—De um verbo:—*vivenda* (de *viver*), *choro* (de *chorar*=lat. *plorare*), *lida* (de *lidar*), *chama* (de *chamar*=lat. *clamare*), *chamariz*, etc.

3º—De um particípio:—*achada*, *nascida*, *picada*, *desfolhada*, *queimada*...

4º—Pela derivação:—Os suffixos mais usados nas creações vernaculas são—*ada* (limonada, chibatada), *aria* (sapataria, cavallaria), *ade* (irmandade, sujidade), *eiro* (sapateiro, charuteiro), *ismo* (abolicionismo, jornalismo), *ista* (abolicionista, escravista), *agem* (friagem, criadagem), *ão* (eseravidão, amarellidão) etc. Todos esses derivados portuguezes formaram-se, porém, dos typos latinos, como vimos quando tratámos da *derivação*.

5.—Os adjectivos de criação vernacula são em numero avultado, e formaram-se pelos processos que já vimos. O suffixo *oso* foi, e é ainda, um dos mais productivos:—*gostoso*, *buliçoso*, *teimoso*, *amargoso*, *feioso*...

6.—Os nomes de numeros tambem deram algumas formações novas:—*milhão*, *billião*, *tril-*

lião, *quatrillião*, etc.; *dez avos*, *vinte avos*, etc.; *vintena*, *tresdobro*...

7.—São pronomes de formação portugueza —*qualquer*, *cada qual*, *quem quer*, etc.

8.—Nos verbos não pôde ser mais rica a nossa lingua no tocante a força creadora, quer sejam diminutivos ou frequentativos, quer inchoativos ou onomatopicos, etc.:—*barbear*, *entocar*, *catucar*, *chatinar*, *papaguear*, *feitorar*, *bispar*, *encaiporar*, *mordomear*, *macaquear*, *relojar* (de relógio, F. Man.), *velhaquear*, *tabaquear*, *cigarrar*, *cachimbar*, *pinotear*, *sapatear*, *caranguejar*, *engatinhar*, *judear*, *cacarejar*, *grugulejar*, *miar*, *telegraphar*, *telephonar*...; derivados de substantivos com uma syllaba prefixada ou intercalação de letra—*adoecer*, *amanhecer*, *envelhecer*, *ensurdecer*, *emmagrecer*, *cabrejar*, *trastejar*, *sandejar* (G. Vic.)...; derivados de verbos—*feitorisar*, *beijocar*, *berregar* (de berrar), *chupitar* (de chupar), *espanejar* (espanar), *aformosentar* (de aformosear)... *adocicar*, *escrevinhar*, *tremelhicar*...

Esta exuberancia verbal data propriamente do seculo XVI.

9.—O substantivo pôde tambem formar-se vernaculamente de um factó historico:—*abrilista*, *setembrista*, *cabralista*, *bond*, etc.

10.—Na derivação tem o portuguez uma fonte inesgotavel para o augmento do vocabulario.

O typo grego *ismos* tem-nos dado moderadamente muitos derivados, taes como *germanismo*, *altruismo*...

11. — **Das palavras invariaveis.** — Os adverbios, preposições e conjunções de formação vernacula, correspondem a locuções analyticas latinas: — assim = *ad sic*, agora = *hac hora*, assás = *ad satis*, após = *ad pos*, dentro = *de intro*, outrosim, ant *altro si* (=lat. *alterum sic*), outrotanto (=lat. *alterum tantum*), etc., ou ainda a locuções portuguezas: — *embora* (em boa hora), *outr'ora* (em outra hora), etc.

Todas essas palavras são phrases cujos elementos se fundiram na primeira época de nossa lingua.

Ás vezes, porém, a crystallisação já se encontra no latim barbaro (*abante*).

12. — Não adoptou o portuguez o typo latino em *er* para formação de adverbios (*propter*, *breviter*); mas sim o em *e*, talvez por mais facilidade: *a miude* (minute)... e depois (seculos XV e XVI) o processo — tambem conhecido dos Latinos — de adverbial um adjectivo (*tarde*, *breve*, *forte*, *longe*...) Estes adverbios correspondem aos de modo em *mente*, os quaes se formam de adjectivos qualificativos femininos e de superlativos organicos — *lindamente*, *pessimamente*. *De melhormente* é expressão correctá.

Os adverbios na fórma adjectiva, mais usados pelos classicos, já existiam no port. ant. — *cedo* (cito), *logo* (loco), etc.

O portuguez tambem aproveitou-se da liberdade latina de empregar participios com força prepositiva—*referente, visto...*

Todos esses processos são latinos: — lat. class. *hodie* (hoc die), *reipsa* (re ipsa); lat. pop.—*hanc horam, bona mente*, etc.

13.—São de formação portugueza:—*depois, adeante, hontem, antehontem, ainda que, como quer, aosadas aousadas* (ousadamente), *talvez, portanto, d'ora avante, todavia, embora* (em boa hora), *por conseguinte*, etc., e principalmente as locuções:—*a olho, de força, ás occultas, de siso, de maravilha, a pincho, ás cegas, ás rebatinhas, ás vessas, a sabendas, de espaço, ás caladas*, etc.

Dos mesmos compostos—como veremos na etymologia—encontram-se fórmulas correspondentes no latim popular (*agora*=*hac* + *hora*), assás (= *ad* + *satis*), *talvez* (= *tali vice*)...

As preposições e conjunções foram, aquellas vasadas em moldes latinos, estas formadas por locuções—*depois, desde*, etc... *com tanto que, por isso*, etc. (V. Etymologia).

14.—Interjeições de formação vernacula só temos convencionaes e locutivas:—*mal peccado, maocha* (em má hora), *t'arrenego! safa! caluda! aqui d'El-Rei!*...

15.—No port. antigo são muitas as palavras invariaveis, principalmente formadas pela composição, hoje de todo esquecidas: *aramá*

(hora má), *hogano* (hoc anno), *cadanho* (cada anno), *anproom* (adiante, ao longo, ao sopé), *anfeste enfeste* (para cima, seculos XII e XIII), *abondo* (excessivamente; seculo XVI); *acarom* (defronte), *cada que* (cada vez que, *Canc. Vat.*), *desi* (desde então), *de chano* (de prompto), *eiri eyri oyte ooyte* (hontem), *juso* (abaixo), *suso* (acima), *manteneme* (detidamente), *enxano* (cada um anno, seculo XIII, *C. V.*), *a certas* (certamente, *R. de S. B.*), etc. <sup>1</sup>

## CAPITULO VI

### FÓRMAS DIVERGENTES

O nosso vocabulario compõe-se de tres camadas de palavras—popular, estrangeira e erudita.

São, por assim dizer, distinctas, a linguagem vulgar e a erudita; mas a instrucção, que cada vez mais se vae entranhando na classe popular, e a imprensa (que é a lingua escripta), muito concorrem para que se vá apagando pouco e pouco a linha que as estrema. Muitos vocabulos de formação erudita figuram hoje no lexico popular (*variola, aplacar, pustiula, blasphemar, archanjo, telegramma, atheo, geographia*...); certas particulas formativas, latinas e gregas; são hoje vulgares (*ex—ex-chefe, ario—partidario*...)

O que acontece muitas vezes na linguagem popular é o vocabulo mudar de sentido ou soffrer alguma modifica-

<sup>1</sup> V. — *Etym. das pal. inv.*

ção-  
Bene  
A  
portu  
popul

O  
contra  
tinas,  
anglo  
templo  
sida  
mos r  
mãe—

O  
no ty  
soante

A  
de sen  
mas  
cabida  
tamber  
velha  
zido b  
Vieito  
Apost.

ção—*alarve, patife, murcido* (cp. *murcho*)... *Beeito bieito bento Benedicto*.

As vezes da mesma palavra latina derivam duas ou mais portuguezas, umas de fundo classico e outras de fundo popular.

| Lat               | Form. pop. | Form. erud. |
|-------------------|------------|-------------|
| <i>Nitidum</i>    | nedio      | nitido      |
| <i>cumulus</i>    | combro     | cumulo      |
| <i>colligere</i>  | colher     | colligir    |
| <i>captare</i>    | catar      | captar      |
| <i>plenus</i>     | cheio      | pleno       |
| <i>impregnare</i> | imprenhar  | impregnar   |
| <i>cognatus</i>   | cunhado    | cognato     |
| <i>especulum</i>  | espelho    | especulo    |
| <i>stagnare</i>   | estacar    | estagnar    |

Os vocabulos populares, infiltrados pelo ouvido, são mais contrahidos porque moldaram-se nas fórmas populares latinas, já regularmente contrahidas (*frigo* por *frigidus*, *anglo* por *angulus*, *caldo* por *calidus*, *poplo* por *populus*, *templo* por *tempulum*...); e a sua formação foi sempre presidida pelas tres leis geraes e fecundas a que nos referimos na phonetica (*mascar*=*mast(i)care*, *obrar*=*op(e)rare*; *mãe*=*ma(t)er*, *arêa*=*are(n)a*, *doar*=*do(t)are*...)

Os verbos de origem erudita, vasando-se directamente no typo escripto latino, retomam a vogal atona e a consoante média (*mastigar*, *operar*, *madre*, *arena*, *dotar*...)

A essas palavras, de origem commum e muitas vezes de sentido diverso, deram os philologos o nome de **fórmas divergentes** ou **duplas**. Esta denominação é mal cabida porque se as derivações são geralmente *duplas*, tambem as temos *triplas* e *quadruplas*, etc.; *cavilha chavelha cravelha clavícula*, *mancha malha magoa macula*; *benzido bento beneito* (Canc. Vat.) *Beento* (seculo XIV), *Bieito Vieito* (Canc. Vat.) *Benedicto*; *cabedal cabedel* (Act. dos Apost. seculo XV) *coudel caudal capital*...

São varias as causas das fórmas divergentes.

1ª A degeneração phonetica, que ás vezes por tal fórmula modifica o vocabulo, que de todo perdemos o seu sentido etymologico. Foi o que, por ex., succedeu com o verbo *benzer*, que nos fez ir buscar a outra fórmula á lingua originaria—*bemdzizer* (=benedicere) para exprimir acção opposta a *maldizer*; *artelho* e *artigo*; *arêa* e *arena*, *bodega* e *botica*, *ladino* e *latino*, etc.

2ª A adopção de uma palavra de lingua estrangeira, mas da mesma origem que outra já existente no portuguez, e de derivação directa.

| <i>Latim</i> | <i>F. port.</i> | <i>F. estr.</i>  |
|--------------|-----------------|------------------|
| Crespus      | Crespo          | Crêpe (fr.)      |
| Domina       | Dona            | Dama (id.)       |
| Hospitalem   | Hospital        | Hotel (id.)      |
| Alacrem      | Alegre          | Allegro (it.)    |
| Opera        | Obra            | Opera (it.)      |
| Planus       | Chão, plano     | Lhano (hesp.)    |
| Caballarium  | Cavalleiro      | Cavalheiro (fr.) |
| Duos         | Dous            | Duo (it.)        |

3ª — A variação dialectal, que deriva uma fórmula popular de outra já existente no portuguez :

| <i>Lat.</i> | <i>F. port.</i> |
|-------------|-----------------|
| Basium      | Beijo, beijo    |
| Platus      | Chato, prato    |
| Dominus     | Dono, dom       |
| Santus      | Santo, são      |
| Plaga       | Chaga, praga    |
| Medulla     | Moela, miolo    |
| Patrem      | Padre, pae      |

4ª — Renovação erudita, principalmente do seculo XV em diante.

| <i>F. pop.</i> | <i>F. crud.</i>  | <i>Lat.</i> |
|----------------|------------------|-------------|
| adro           | atrio (S. XVI)   | atrium      |
| alvitre        | arbitrio (XV)    | arbitrium   |
| amendoa        | amygdala (XIX)   | amygdala    |
| bramar         | blasphemar (XIV) | blasphemare |
| confiança      | confidencia      | confidentia |
| delgado        | delicado         | delicatus   |
| estreito       | estricto         | strictus    |
| costrar        | cooperar         | cooperare   |
| inteiro        | integro          | integrus    |

As vezes o mesmo typo latino dá duas e mais fórmulas populares: — *corôa coronha* (= corona), *chumbo plumo prumo* (plumbus), *mancha magoa malha* (macula)...

5ª — A deslocação do accento da palavra popular e o imparisyllabismo da derivação latina: *polpa polypo*, *praça platea* (= plátea)... *drago dragão* (= draco, draconem), *serpe* (nom.), *serpente* (acc.), *virgo* (nom.), *virgem* (acc.), *erro* (nom.) *error* (accus.)

6ª A mudança de genero: — *tormento tormenta*, *gigo giga*, *barco barca*, *cinto cinta*...

O processo da derivação divergente data das primeiras phases da lingua, e muitas fórmulas são hoje arcaicas: — *sages* sabio sapiente, *esmar* estimar (suspeitar avaliar), *trêdo* traidor, *fiô fido*, *enseja* insidia, *cajom cajão* occasião, etc., *denostos* deostos, *emprir* encher = lat. *implere*, etc...

A onomastica tambem apresenta grande numero de duplas:

|          |            |
|----------|------------|
| Fagundo  | de facundo |
| Dulce    | doce       |
| Angelo   | anjo       |
| Bendicto | Bento      |

Em algumas palavras derivadas transparece ainda o processo de derivação divergente:

|          |         |
|----------|---------|
| ameigar  | mitigar |
| devastar | gastar  |
| deplorar | chorar  |

Temos ainda fórmãs *sub-duplas* ou *redivergentes*, de derivação secundaria: — *Sanchico* de *Sancho*, *Paulino* de *Paulo*... A esta categoria pertencem as fórmãs divergentes de nomes gentílicos: — *Beirão Beirense*, *Sergipano Sergipense*, *Lisboeta Lisbonense*, *Braguez Bracarense*... *Brasileiro Brasiliense*, *Anglo Inglez*...

O latim já conhecia essas bifurcações vocabulares: — *limpidus liquidus*, *bellum duellum*, *columba palumba*, *fel bilis*... que no portuguez constituem fórmãs *divergentes indirectas*.<sup>1</sup> O grego tambem apresenta certo numero de duplas — *καρδίη, καρδιά* (coração), *κίτριμι, κεράννυμι* (misturar), etc.<sup>2</sup>

\*  
\*  
\*

Em seguida, damos uma lista abreviada de algumas fórmãs divergentes, advertindo, porém, que muitissimas vezes a derivação é aparente; houve apenas concurrencia entre palavras latinas populares e eruditas: — *dobrar* = lat. barb. *duplare*; *duplicar* = lat. class. *duplicare*. *Tropa* é do lat. barb. *trupus*, *trupa* (=rebanho; *Si enim in trupo de jumentis*, etc., *Lex Alamannorum*), e não é fórma divergente de *turba*. *Coda* = lat. pop. *coda*, *cauda* = lat. class. *cauda*; *siso* deriva de *seso*, e consequentemente não é dupla de *senso* = lat. *sensus*; *pardo* = lat. pop. *pardus* (da cõr de *panthera* — *pardus*), *pallidus* = lat. class. *pallidus*...; *prisão* não é fórma divergente, como se tem escripto, de *prehensão*, mas deriva de *presionem*... As vezes uma das palavras tira origem no latim e a outra deriva de vocabulo já portuguez: — *colheita* vem de *colher* (colligido, escolheito,) *collecta* de *collectar*; *bispado* de *bispo*, *episcopado* do lat. *episcopatus*; *coser*, do lat. *cosere*, *cosinhar* de *cosinha* (lat. *coquina*; lat. pop. *coquinare*?)...; ou ainda uma palavra é de origem popular, a outra de origem estrangeira.

<sup>1</sup> Bréal et RAILLY. — *Dict. etym. lat.*

<sup>2</sup> Budry — *Gramm. comp.*

F. P.

adro  
agre  
avreg  
go  
alegri  
Agost  
ajudo  
acena  
arêa  
alhear  
allumi  
alvedr  
austín  
amend  
apagar  
anjeo  
apren  
artigo  
aspeito  
assem  
asmo  
assobie  
assopr  
avesso  
bainha  
bodega  
bolla b  
bento  
bolbo  
bostella  
cabido  
cadafal  
cadeira

4 E

Derivação erudita

| <i>F. port. pop.</i>          | <i>F. class.</i>      | <i>Lat.</i> |
|-------------------------------|-----------------------|-------------|
| adro                          | atrio                 | atrium      |
| agre                          | acre                  | acrem       |
| avrego abrego afre-<br>go     | africo                | africanus   |
| alegria                       | alacridade            | alacritatem |
| Agosto                        | Augusto               | augustus    |
| ajudorio                      | adjutorio             | adjutorium  |
| acenar                        | assignar              | assignare   |
| arêa                          | arena                 | arena       |
| alhear                        | alienar               | alienare    |
| allumiar                      | illuminar             | illuminare  |
| alvedrio alvitre <sup>4</sup> | arbitrio              | arbitrium   |
| austinado                     | obstinado             | obstinatus  |
| amendoa                       | amygdala              | amygdala    |
| apagar                        | aplacar               | aplacare    |
| anjeo anjo                    | Angelo                | angelus     |
| aprender                      | aprehender            | aprehendere |
| artigo                        | artelho               | articulus   |
| aspeito                       | aspecto               | aspectus    |
| assemelhar                    | assimilar             | assimilare  |
| asmo                          | azimo                 | azimus      |
| assobio                       | silvo sibilo          | sibilum     |
| assoprar                      | insufflar             | insufflare  |
| avêso                         | adversø               | adversus    |
| bainha                        | vagina                | vagina      |
| bodega                        | botica (inf. franc.?) | apotheca    |
| bolla bolha                   | bullã                 | bullã       |
| bento (beeito etc.)           | Benedicto             | benedictus  |
| bolbo                         | bulbo                 | bulbus      |
| bostella                      | pustula               | pustula     |
| cabido                        | capitulo              | capitulus   |
| cadafalso                     | catafalco             | catafalcus  |
| cadeira                       | cathedra              | cathedra    |

<sup>4</sup> *Eibitrio, eibitrario, eibitrar, sec. XV.*

| <i>F. port. pop.</i>          | <i>F. class.</i> | <i>Lat.</i>                   |
|-------------------------------|------------------|-------------------------------|
| caldo                         | calido           | calidus                       |
| cousa                         | causa            | causa                         |
| carrear                       | carregar         | carricare                     |
| cabebal                       | capital          | capital                       |
| cantiga                       | cantico          | canticus                      |
| caramunha                     | querimonia       | querimonia                    |
| chamar (jamar,<br>seculo XIV) | clamar           | clamare                       |
| chão                          | plano lhano      | planus                        |
| chantar (arch.) <sup>1</sup>  | plantar          | plantare                      |
| chanto (arch.)                | pranto           | planctus                      |
| chave                         | clave            | clavis                        |
| cheio                         | pleno            | plenus                        |
| chico (arch.)                 | exiguo           | exiguus                       |
| chumbo                        | prumo plumo      | plumbus                       |
| cem                           | cento            | centum                        |
| chamma                        | flamma           | flamma                        |
| chocarreiro                   | jograleiro       | jocularius                    |
| chaga                         | praga            | plaga                         |
| conchavo                      | conclave         | conclave <sup>2</sup>         |
| costrar                       | cooperar         | cooperare                     |
| codea                         | crosta           | crusta                        |
| coima                         | calumnia         | calumnia                      |
| cafar caçar                   | captar           | captiare captare <sup>3</sup> |
| colher                        | colligir         | colligire                     |
| colgar                        | collocar         | collocare                     |
| coalhar                       | coagular         | coagulare                     |
| comoro                        | cumulo           | cumulus                       |
| contar                        | computar         | computare                     |
| cunhado                       | cognato          | cognatus                      |
| comprar                       | comparar         | comparare                     |
| creto (ant.)                  | credito          | creditus                      |

<sup>1</sup> D'onde *canteiro*, lugar onde se planta.

<sup>2</sup> *Cum clavis* = com chave.

<sup>3</sup> Geralmente dão como dupla *capturar* de *capturare*. — *Captare feras*. (Prop.)

*F. po*  
 chavell  
 cavil  
 crasta  
 cuidar  
 chapa  
 dedal  
 desenh  
 delgado  
 dedo  
 doar  
 doação  
 direito  
 deão  
 divida  
 descer  
 dizima  
 dobro  
 dormido  
 eira  
 emprenh  
 ensosso  
 enxabido  
 esburgar  
 escada  
 escutar  
 escuro  
 esgarava  
 espadua  
 estancar  
 extorcer  
 enxame  
 esvigar (s  
 estreito  
 espelho  
 errada  
 estiar

<sup>4</sup> V. s

<sup>2</sup> Tor

| <i>F. port. pop.</i> | <i>F. class.</i> | <i>Lat.</i>              |
|----------------------|------------------|--------------------------|
| chavelha cravelha    |                  |                          |
| cavilha              | clavicula        | clavicula                |
| crasta               | claustrô         | claustrum                |
| cuidar               | cogitar          | cogitare                 |
| chapa                | capa             | capa                     |
| dedal                | digital          | digitalem                |
| desenho              | designio         | designium                |
| delgado              | delicado         | delicatus                |
| dedo                 | digito           | digitus                  |
| doar                 | dotar            | dotare                   |
| doação               | dotação          | dotationem               |
| direito              | directo          | directus                 |
| deão                 | decano           | decanus                  |
| divida               | debito           | debitus                  |
| descer               | descender        | descendere               |
| dizima               | decima           | decima                   |
| dobro                | duplo            | duplus duplum            |
| dormidouro           | dormitorio       | dormitorium <sup>1</sup> |
| eira                 | area             | area                     |
| emprenhar            | impregnar        | impregnare               |
| ensoosso             | insulso          | insulsus                 |
| enxabido             | insipido         | insipidus                |
| esburgar             | expurgar         | expurgare                |
| escada               | escala           | scala                    |
| escutar              | auscultar        | auscultare               |
| escuro               | obscuro          | obscurus                 |
| esgaravatar          | escarificar      | scarificare              |
| espadua              | espatula         | spatula                  |
| estancar             | estagnar         | stagnare                 |
| extorcer             | extorquir        | extorquire <sup>2</sup>  |
| enxame               | exame            | examen                   |
| esvigar (arch.)      | edificar         | edificare                |
| estreito             | estricto         | strictus                 |
| espelho              | especulo         | speculum                 |
| errada               | errata           | errata                   |
| estiar               | estivar          | stivare                  |

<sup>1</sup> V. suffixos *ouro* e *orio*.

<sup>2</sup> *Torcer* — lat. *torquere*.

| <i>E. port. pop.</i>               | <i>F. class.</i> | <i>Lat.</i>           |
|------------------------------------|------------------|-----------------------|
| erguer                             | erigir           | erigere               |
| febra                              | fibra            | fibra                 |
| feira                              | feria            | feria                 |
| feitura                            | factura          | factura               |
| fino finto findo (se-<br>culo XVI) | finito           | finitus               |
| frio                               | frigido          | frigidus              |
| fiuza                              | fiducia          | fidutiæ               |
| froco                              | floco            | flocus                |
| funil                              | fundibulo        | fundibulum            |
| frente                             | fronte           | frontem               |
| gotto                              | guttur           | guttur                |
| gola                               | gula             | gula                  |
| geral                              | general          | general               |
| hombro                             | humero           | humerus               |
| herdeiro                           | hereditario      | hereditarius          |
| herege                             | heretico         | hereticus             |
| increo (arch.)                     | incredulo        | incredulus            |
| ilha                               | insula           | insula                |
| inxabido                           | insipido         | insipidus             |
| inteiro                            | integro          | integrus              |
| ladino                             | latino           | latinus               |
| ladainha                           | litania          | litania               |
| lande                              | glande           | glandem               |
| lagoa                              | laguna           | lacunam               |
| lavrar labutar                     | laborar          | laborare              |
| livrar                             | liberar          | liberare              |
| lembrar                            | memorar          | memorare <sup>4</sup> |
| leal                               | legal            | legalem               |
| ligeiro                            | aligeiro         | aligeri               |
| liar                               | ligar            | ligare                |
| limpo (lindo)                      | limpido          | limpidus              |
| logro                              | lucro            | lucrum                |
| moimento                           | monumento        | monumentum            |
| meolo                              | medulla          | medulla               |
| mister                             | ministerio       | ministerium           |

<sup>4</sup> Apareceu pela 1ª vez nas *Trov. e Cant.* — ant. *nembrar*.

*F. A.*  
molde  
moste  
murch  
marca  
march  
masca  
macho  
malha  
magoa  
nadar  
neyoa  
nedio  
nalga  
obrar  
olho  
olvidar  
orago  
orelha  
orgão  
partilh  
polme  
polvo  
praça  
papel  
pego  
palavra  
pende  
pellica  
peso  
pesar  
povoag  
praia

<sup>4</sup> V  
<sup>2</sup> F  
<sup>3</sup> F

PACHE

| <i>F. port. pop.</i>  | <i>F. class.</i> | <i>Lat.</i>        |
|-----------------------|------------------|--------------------|
| molde                 | modulo           | modulus            |
| mosteiro <sup>1</sup> | monasterio       | monasterium        |
| murcho                | murcido          | murcidus           |
| marcar                | marcar           | marcare            |
| marchante             | mercante         | mercantem          |
| mascar                | mastigar         | masticare          |
| macho                 | masculo          | masculus           |
| malha mancha          |                  |                    |
| magoa (mazela)        | macula           | macula             |
| nadar                 | navegar          | navigare           |
| nevoa                 | nebula           | nebula             |
| nedio                 | nitido           | nitidus            |
| nalga                 | nadega           |                    |
| obrar                 | operar           | operare            |
| olho                  | oculo            | oculus             |
| olvidar               | obliterar        | obliterare         |
| orago                 | oraculo          | oraculum           |
| orelha                | auricula         | auricula           |
| orgão                 | organo           | organum            |
| partilha              | particula        | particula          |
| polme                 | polpa            |                    |
| polvo                 | polypo           | polypus (do grego) |
| praça                 | plátéa           | plátéa             |
| papel                 | papyro           | papyrus            |
| pego                  | pelago           | pelagus            |
| palavra <sup>2</sup>  | parabola         | parabola           |
| pende (arch.)         | penitente        | penitentem         |
| pellica               | pellicula        | pellicula          |
| peso                  | penso            | pensum             |
| pesar                 | pensar           | pensare            |
| povoação <sup>3</sup> | população        | populationem       |
| praia                 | plaga            | plaga              |

<sup>1</sup> V. Suff. *eiro* e *ario*.

<sup>2</sup> F. int. *paraboa* *paravoa* *paravra*, etc.

<sup>3</sup> F. int. *poblaçom*, etc.

| <i>F. port. pop.</i>        | <i>F. class.</i> | <i>Lat.</i>    |
|-----------------------------|------------------|----------------|
| primeiro                    | primario         | primarius      |
| puchar                      | pulsar           | pulsare        |
| podre                       | putrido          | putridus       |
| precedencia                 | presidencia      | presidentia    |
| pousar                      | pausar           | pausare        |
| préa preda                  | presa            | presa          |
| queimar                     | cremar           | cremare        |
| quedo                       | quieto           | quietus        |
| quaresma                    | quadregesima     |                |
| redondo (ant. ro-<br>dondo) | rotundo          | rotundus       |
| ração                       | razão            | rationem       |
| regrar                      | regular          | regularē       |
| rezar                       | recitar          | recitare       |
| rotura                      | ruptura          | ruptura        |
| recobrar                    | recuperar        | recuperare     |
| raiar                       | radiar           | radiare        |
| rijo                        | rigido           | rigidus        |
| remessa                     | remissa          | remissa        |
| ruido                       | rugido           | rugidus        |
| ralhar                      | rabular          | rabulare       |
| sanha                       | insania          | insania        |
| sangrento                   | sanguinolento    | sanguinolentus |
| sarar                       | sanar            | sanare         |
| soldar                      | solidar          | solidare       |
| suor                        | sudor            | sudor          |
| solteiro                    | solitario        | solitarius     |
| senha                       | signo            | signus         |
| sello                       | sigillo          | sigillus       |
| selva                       | silva            | silva          |
| segredo                     | secreto          | secretus       |
| semblante                   | simulante        | simulans       |
| silha (cilha)               | cingulo          |                |
| somna                       | summa            | summa          |
| somno                       | sonho            | somnium        |
| semblar                     | simular          | simulare       |
| sustancia                   | substancia       | substantia     |
| sobrar                      | superar          | superare       |

*F. po*  
serra  
tousar  
tudo  
transe  
teia  
taboa  
traição  
terno  
tredor t  
vincilho  
viagem  
vigia  
vodo (ar  
Alvedric  
Beijo  
cinto  
crela  
coresma  
diabo  
dono  
gaiola  
germano  
loar (D. 1  
maldicta  
Além d  
esqu  
bann

| <i>F. port. pop.</i> | <i>F. class.</i> | <i>Lat.</i> |
|----------------------|------------------|-------------|
| serra                | cerro            | serra       |
| tousar (ant.)        | taxar            | taxare      |
| tudo                 | todo             | totus       |
| transe               | transito         | transitus   |
| teia                 | tela             | tela        |
| taboa                | tabola           | tabola      |
| traição              | tradição         | traditionem |
| terno                | tenro            | tenrus      |
| tredor tredo         | traidor          | traditorem  |
| vincilho (vincelho)  | vinculo          | vinculum    |
| viagem               | viatico          | viaticum    |
| vigia                | vigilia          | vigilia     |
| vodo (ant.)          | voto             | votum       |

### Derivação popular

|                |                           |  |          |
|----------------|---------------------------|--|----------|
| Alvedrio       | alvitre                   | leixar (leissar<br>seculo XIV)<br><i>dei.xar = la.xare</i> |          |
| Beijo          | beição                    | oyr (C. D. Din.)   | ouvir    |
| cinto          | cinta                     | lomear   | nomear   |
| crela          | querela                   | madre  | mãe      |
| coresma        | quaresma                  | padre  | paç      |
| diabo          | diacho                    | poltr  | poir     |
| dono           | dom                       | palomba  | pomba    |
| gaiola         | charola                   | chantar  | plantar  |
| germano        | germaho, ma-<br>no, irmão | palacio  | paço     |
| loar (D. Din.) | louvar                    | medicina   | meizinha |
| maldicta       | maleita                   | roxo   | russo    |
|                |                           | santo  | são      |

### Elemento estrangeiro

Além dos citados :

esquadro (ex-quadro)  
bannido

square (ing.)  
bandido (it.)

|                               |                |
|-------------------------------|----------------|
| fabrica                       | forja (fr.)    |
| bodega                        | botica (id. ?) |
| cantada                       | cantata (it.)  |
| soberano                      | soprano (id.)  |
| dous                          | duo (it.)      |
| jurado (lat. <i>juratum</i> ) | jury (ing.)    |
| mestre ( <i>magister</i> )    | maestro (it.)  |
| plano chão                    | piano (it.)    |
| tosto (lat. <i>tostum</i> )   | toast (ing.)   |

As fórmãs eruditas, é o que resulta do confronto, raro suprimem as vogaes atonas — *liberar* (p. livrar = lat. *liberare*), *hereditario* (p. herdeiro = lat. *hereditarium*), etc.; conservam a consoante média, que cae na fórmula popular — *dotar* (por *doar* = lat. *dotare*), *legal* (por *leal* = lat. *legalem*).

Desloca ás vezes o accento tonico latino conservado sempre no vocabulo popular: *platêa*, *renêgo*, *invólucro*, *décano*, *polypo*.<sup>1</sup>

Perderam-se muitas fórmãs divergentes pelo archaismo — *corsario corsario* (seculo XVIII), *giolho geolho joolho*, *arcepelago archipelago*, etc.

Temos ainda fórmãs divergentes do arabe — *zero cifra* (*zifr*); das linguas germanicas: — *bando banho*, *baluarie boulevard* (este ultimo por influencia franceza), etc.

## CAPITULO VII

### ETYMOLOGIA

1. — **A etymologia portugueza** é do dominio philologico. Ramo principal dos estudos

<sup>1</sup> Aconselhamos, todavia, se diga, *invólucro*, *décano*, *nível*, *pólipos*.

philos  
as fó  
palavr  
dificac  
nas su

G  
preher  
prego

typica  
migra  
lento

T  
— para  
dispen

2.  
contra  
consci  
tam so  
veland  
os cos  
(Rebor

O  
diz Da  
tando a  
a predi  
lhoso c  
aos nos

1 Po  
historia d

philologicos, não estuda sómente o vocabulario, as fórmãs primitivas e derivadas, o sentido das palavras; occupa-se outrosim das inflexões e modificações grammaticaes, e considera as palavras nas suas relações syntacticas. <sup>1</sup>

Guiado por ella, mais clara se torna a comprehensão das palavras, mais acertado o seu emprego.

— Só a etymologia pôde reconstruir a fórmula typica das palavras desfiguradas ou gastas pelas migrações, e pelos seculos no seu evolucionar lento e graduado.

Tem por principal esteio a *phonetica*; mas — para ter o cunho scientifico — não pôde ella dispensar a *historia* e a *comparação*.

2. — Muitas vezes, percorrendo o lexico encontramos palavras completamente mudas para a consciencia actual da linguagem, que só despertam sob o olhar escrutador do historiador, e revelando a sua historia, revelam ao mesmo passo os costumes a civilisação de outros tempos. — (*Reboras, almotacé, alcaide...*)

O vocabulo *palavra*, no sentido actual, — diz Darmsteter, — nada exprime hoje: consultando a etymologia, de subito a *parabola* christã, a predica evangelica e um rejuvenescer maravilhoso de um mundo em decadencia reapparecem aos nossos olhos. — E ella nos ensinará mais que

<sup>1</sup> Por isso um philologo inglez escreveu era a etymologia a historia domestica, a glottologia — as relações estrangeiras.

a transformação fez-se pelas fórmulas intermedia-  
rias *parola*, hoje só empregada com sentido pe-  
jorativo, *paraavas*, *paravras* (Ined. d'Alc.).

Si procurarmos a palavra *libertino*, a etymo-  
logia ensinar-nos-á que se deriva do latim — *li-  
bertinus* (*libertus*), que significava o individuo  
livre da escravidão legal. O escravo manumittido  
era *liberto* (isto é, *liberatus*) com relação ao se-  
nhor; em relação, porém, á classe a que per-  
tencia depois da manumissão, era *libertino*. Id.  
no portuguez antigo, o filho de escravo romano;  
depois, homem de costumes desmanchados.

### Etymologia do substantivo, adjectivo e pronome

#### INFLUENCIA DOS CASOS NA ETYMOLOGIA

##### a) DO SUBSTANTIVO

1. — Multiplas são as origens dos nossos sub-  
stantivos, e d'ahi a difficuldade muitas vezes de  
indicar-lhes com segurança a etymologia.

Os nomes proprios derivam-se do hebraico,  
grego, latim e germanico; todos elles foram a  
principio significativos, do que ainda temos abun-  
dantes exemplos no portuguez. <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Hebraico — *Maria*, *Sara*, *Esther*, *Anna*, *Pedro*, *Joaquim*,

Os patronymicos têm também varias origens: os derivados do latim fôrnam-se geralmente do abl. plural: — *Paio*, Paes, Pelagio; os do arabe, pela anteposição da palavra *ben*, que significa *filho*: — *Ben-i-Égas* — Viegas, mas que se encontra no hebraico; *Benjamin* — filho da direita.

Já vimos também que os nossos substantivos originam-se geralmente do latim; que a technologia scientifica deriva do grego; que a terminologia artistica é emprestada ás linguas vivas — maiormente ao italiano no tocante á pintura e á musica, etc.

2. — Os de origem latina formam-se do nominativo ou do accusativo. O accento tonico indica a derivação.

Ás vezes — já vimos — têm dupla derivação:

|              |         |              |   |               |           |                 |
|--------------|---------|--------------|---|---------------|-----------|-----------------|
| <i>ladro</i> | do nom. | <i>latro</i> | e | <i>ladrão</i> | do accus. | <i>latronem</i> |
| <i>erro</i>  | —       | <i>erro</i>  | e | <i>error</i>  | —         | <i>errorem</i>  |
| <i>virgo</i> | —       | <i>virgo</i> | e | <i>virgem</i> | —         | <i>virginem</i> |
|              |         | etc.         |   |               |           | etc.            |

Outras vezes conservaram apenas o caso regimen, principalmente nos nomes em *io*, *onis*: —

*Manuel*, *João*, *David*, *Jeronymo*, *Jeremias*, *Moysés*, *Job*, etc... , que passaram para o portuguez pelo latim.

Gregos — *Theophilo*, *Theocrito*, *Philippe*, *Eugenio*, *Diogenes*, etc...

Germanico — *Carlos*, *Luiz*, *Duarte*, *Eduardo*, *Rodolpho*, *Affonso*, *Adolpho*, *Isabel*, etc.

Sign. *Maria*, soberana e rainha dos mares; *Sara*, immunda, *Claudina*, que coxêa, *Anna*, graciosa, *Job*, paciente, *Joel*, quieto, *Judas*, louvado, *Theophilo*, amante de Deus, *Eugenio*, nobre, *Theodoro* e *Deodato*, dadiva de Deus, etc...

*religião* (religionem), *lição* (lectionem)... em *us, utis*: — *virtude* (virtutem), *saude* (salutem).

Dos outros casos, além do sujeito e regimen, derivam também alguns substantivos.

## b) DO ADJECTIVO

3. — Os adjectivos também tiram origem no nominativo e accusativo.

4. — No latim eram quatro os pronomes demonstrativos. Todos elles conserva o portuguez (*hic, iste, ille, ipse*).

Nem sempre, porém, passaram para o portuguez na forma simples. Quando os Romanos queriam indicar mais claramente a idéa demonstrativa dos pronomes *hic, ille, iste*, antepunham-lhes a particula adverbial demonstrativa *ecce*, ou o pronome *hic*. D'ahi as formas populares — *ecce iste, ecce ille*, contrahidas regularmente em *ecciste eccille, hic iste hic ille*, etc.

**Este** — lat. *iste* (fem. *esta* — *ista*; neutro *isto istud*).

Já são commummente empregadas nos docs. dos seculos XIII e XIV as formas *este esta*, parallelas a *iste ista*, plural *istes*.

Viterbo cita as variantes graphicas *sta, sto*, do seculo XIV.

Os seus compostos — *aqueste aquesto* (*ecc'iste, ecc'istum*) remontam também áquella época, e

ainda persistiam no seculo XVI (Bern. Rib. 279, 280, etc. *ant. canc.*).

*Se por palavras pudera  
Aquesto meu mal cantar*

Comp. — *est'outro*

**Esse,-a.** — Derivam-se de *ipse, ipsa*; e sua fórma neutra *isso*, de *ipsum*. Devemos, porém, advertir que o *p* do grupo *ps* não soava na linguagem popular, o que reduz phoneticamente esses adjectivos pronominaes a — *isse, issa, isso*. Suetonio refere que o Imperador Claudio multára um Senador por haver pronunciado *isse p. ipse*.

Comp. — *ess'outro*

**Aquelle,-a.** <sup>1</sup> — Do latim *hic-ille, hic-illa*, segundo a opinião geral.

Parece-nos, porém, melhor seria derivar o das fórmas populares contractas — *ecce-ille, ecce-illa*, de *icce ille, icce-illa*, que soavam *ek-ille, ek-illa*.

Comp. — *aquell'outro*

### Adjectivos pronominaes possessivos

5. — Todos os nossos possessivos são de origem latina.

<sup>1</sup> *Aquell*, nos Fóros de Beja, Ined. da Acad. V. 523.

| <i>Port.</i>  | <i>Lat.</i>            |
|---------------|------------------------|
| Meu mia minha | <i>meus mea</i> (meam) |
| teu tua       | <i>teus tua</i>        |
| seu sua       | <i>suus sua</i>        |
| nosso nossa   | <i>nostrum, a</i>      |
| vosso vossa   | <i>vostrum, a</i>      |
| seu sua       | <i>suus, sua</i>       |

Derivados geralmente dos pronomes pessoais, são antes adjectivos que pronomes.

Por motivo da degeneração phonetica, os casos sujeito e regimen assimilaram-se, e ficaram ambos com uma unica fórma. Neste ponto é o francez mais rico do que nós com as suas fórmas atonas e tónicas (*mon, ton, son; mien, tien, sien*).

Cp. port. — *ella é minha*; fr. *elle est à moi, e elle est mienne* (Rac.)

*Meu* é dos primeiros docs. da lingua (*meo; mê, mei*, ainda nos Açores, Alemtejo e Algarve). A fórma feminina é que passou por varias curiozas transformações:

1º *Mia* (=hesp., prov., ital.). É do seculo XII (*con mia morte*, Canc. Rez; *mia molher*, S. Ros.), a par da fórma *ma* (*ma molher, mas filhas*), que persistiu até o seculo XV (*madama*).

2º *Mha*. É puramente desconformidade na graphia (*h=i*; V. *Phonetica*).

3º *Miana, miona* (fem. de *meono*, fórma citada por Viterbo, *Eluc.*), seculos XII e XIII.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> *Miana miona* é mais propriamente = *madama madona*; *ana* = senhora; *en* = senhor, homem graduado.

4º *Enha*, de uso muito popular nos seculos XV e XVI:—*a enha esposa*, *enha mulher* (G. Vic.), e correspondente—segundo Schuchardt—ao portuguez de Cabo Verde—*nha*.

5º *Minha* (seculo XVI), correspondente á fôrma *minha* do port. de Diu, formado analogicamente do masc. *minho*.

Esta ultima fôrma tem sido muito discutida. O professor Diez é de opinião que ella está em connexão com *mim*, e suppõe que o masc. *meu* não soffreu alteração por estar protegido pelo *e*.

Estudemos a questão.

Os varios typos do pronome *minha* indicam diversas influencias?

*Mia* é a fôrma latina *mea*. *Mhia* é a mesma; o *h* representa o *i* palatal. No seculo XIV escreviam *mheu*, *theu*; o *h* era intercalado para tonisar o pronome. *Nho* por *no* (*em o*) é do seculo XII.

*Ma* corresponde ao francez *ma*, e nem é essa a unica semelhança que em suas fôrmas femininas apresentam os pronomes das duas linguas. *Ma*=*mia*=lat. *mea*; e temos mais *ta* e *sa*=*tua sua* (seculos XII-XIV), quando ainda no francez popular eram *meie*, *moie*, *miem*. *Meu* devia dar *mea*, *mia*; *mê* devia dar *ma*.

*Minha*. Sempre, em francez (*mien*, *mienne*), ital. (*miena*=*mia*), hesp. *mieña* (incorecção que tem por fiadores Berceo e outros); in-

glez — *mine*, all. *die mine*, *mein*; no dialecto indo-portuguez *minh*, a nasal apparece.

O phenomeno do imparisyllabismo é já conhecido; o portuguez tinha duas fórmulas para o possessivo fem., uma atona — *mia*, e outra tónica — *meana*.

O molhar-se o *n* era transformação muitissimo vulgar nas primeiras phases da lingua desde o seculo XIII (*extranho extraneus*, *sobrinho*, *meiminho* minimo, *campanha*, *ordinhar*, *determinhar*, *Cristinha*...), deixando todavia muitas vezes o *h* de ser representado graphicamente (*filo* por *filho*, *moler* por *mulher*, *melor* por *melhor*, *senora*, *camino*, *penna* por *penha*, etc.)

O povo pronunciava *mianha*, *mienha*, d'onde *minha*, fórmula correspondente á franceza *mienne*, resp. *mienã*.<sup>†</sup>

A fórmula vulgar *enha*, motejada por Gil Vicente, e que era de uso desde o seculo XIII aos que demoravam nas abas dos Pyrnicos, os quaes antepunham ao nome proprio *Eu*, *Nã*, é o mesmo phenomeno de pathologia verbal que em S. Paulo reduzia *Senhor*, *Sanhora*, a *nhô nhã*, e entre nós a *seu sã*.

Ainda mais. — No Lyonez temos *la min*, *la sin*; no dialecto do Jorat (Vaud) os adj. possessivos tonicos são: *la meinã*, *la teinã*, *la seinã*, a par das fórmulas mais antigas — *la myonã*, *la tyonã*, *la xonã*.

<sup>†</sup> No port. do povo ignorante, antes é em antes, inhantes.

Póde-se tambem explicar o phenomeno, que não é isolado, pela nasalisação do *i* por influencia da nasal inicial.

*Nosso, vosso.*—Passaram pelas fórmas intermediarias *nostro vostro*, que persistiram até o seculo XIV. A transformação explica-se: 1º pela quêda da consoante média (*nost-r-um, rost-r-um* rosto, *arat-r-um* arado); 2º pela assimilação do *t* ao *s*.

### Adjectivos pronomes indefinidos

6. — **Algun.**— Segundo uns, é formado de *algo* e *um* (cp. *algorem*);<sup>1</sup> corresponde a *aliqui*. Outros buscam-lhe a etymologia em *aliquam*; outros ainda, em *aliquis unus* (*aliqu'uno aliqu-no al'guno, algum*).

Esta ultima opinião é a mais seguida.

É forma popular paralela a *alguem*:— *algun disse já que a verdadeira nobreza consiste na virtude*. Apesar de etymologicamente oppos-tos, confunde-se com *nenhum*:— *palavra arabe alguma se lhe entende* (Cam.); *em tempo algum*...

<sup>1</sup> *Algo*, adj. = *algun* (lat. *aliquod*). É dos seculos XII e XIII, mas ainda no seculo XVI era empregado como adj. e adv. equivalente a *alguma coisa* (*um revez algo desairoso*); e, por extensão, *bens, fortuna*. E ainda hoje dizemos no mesmo sentido:— *elle tem alguma coisa*. (*Algo um* = *algun* homem). Os unicos vestigios que nos restam d'este pronome de valor neutro, são as palavras *fidalgo* (= *filho de algo*) isto é, filho de algum rico, importante; *algun, algures*, etc.

Tem flexão de genero e numero.

Antes das contracções *d'elles, d'ellas*, supprimiam muitas vezes o pronome: — *Em colera mil corpos derrubando, delles mortos, delles mal feridos* (C. Real, Cerco de Diu).

F. archaicas: — *agũ, aguã* (S. de Mir.), *algũ, alguã; algúo* (*Hist. de Ev. Res.*: — *fazer algo negocio*).

**Cada.** — Representa o latim *quisque* (hesp. *cada*, fr. *chasque chaque*).

De derivação grega παρά, veiu-nos, porém, a palavra por intermedio do latim medieuo.

Notemos todavia que o emprego de *cada* é posterior ao de *cada um*, ant. *cadhun, cadun*; arch. *quiscadaun* = lat. *quisque ad unum*.

No seculo XVI ainda *cada um* era considerado adjectivo: — *cada um homem*; e no seculo XVII empregavam-no ainda no plural: — *tynha encarrego de dar cada umas aos desembargadores; ficaram cada um onde a morte o tomou...*

Este emprego do verbo no plural tem exemplos em latim: — *ubi quisque vident, eunt obvium* (Plaut.), *ubi quisque habeant, quod suum est.* (Id).

*Cada qual* é de formação portugueza.

Estavam tres a tres, e quatro a quatro.  
Bem como a *cada qual* coubera em sorte.

(CAM.)

Tambem (como *cada um*) leva o verbo ao plural quando a acção ou attributo é de todos:

*Cada qual* sobre o remo que procura  
*contendam* entre si, que o mais é erro.

*Cada que* é um antigo composto, de sentido identico a *cada vez que* (Ord. Aff.; C. de D. Din.).

*Cada vez que* equivale a uma loc. adv. (= de *cada vez que...*)

*Cada* é simplesmente *adjectivo*.

**Certo** (lat. pop. *certus* = lat. class. *quidam*, que só nos ficou como subst.—*um quidam*, na linguagem vulgar e galhofeira).— É sómente *adjectivo*.

Tem duplo sentido, conservado pela tradição latina, — de *resolvido, determinado, e convencido, de accôrdo com a verdade*. Ex.:— *certo homem viu...*, *ficamos certos nisto; estou certo de que...*, *amigo certo* (verdadeiro).

**Mesmo**. — Deriva-se do lat. *metips'mus*, contr. regular de *metipsimus* (contr. do sup. *metipsissimus* = *ipsimusmet*), por intermedio das fórm. *medessmo medesmo*, d'onde se originou a fórmula *meesmo*, seculo XV (pela quéda regular do *d* medio), e a actual (*mêsmo*) no seculo XVI.

Havia mais uma fórmula popular parallela a *meesmo*, que se encontra em docs. dos seculos XIV e XV; nas Ord. Aff., D. Duarte, etc. Era

*medès:—e que elles medeses pagarão* (Doc. das Salzedas de 1332).

Além do sentido etymologico, ha muito que este adj. pron. é empregado com sentido diverso, como p. ex. na phrase—*amamos a mesma mulher*, em que *mesma* deve ser vertido em latim por *eandem* e não por *ipsam*. (Vide *Syntaxe*).

**Muito** = lat. *multum*.

**Nenhum**.—É tambem de formação portugueza, pela juxtaposição de *nem* + *hum* = lat. *nec-unus*. *Nemo unus* = ninguem, nenhuma pessoa.

D'esses compostos morphicos, porém, herdamos do latim o processo de formação:—*nemo* = *ne hemo*. E assim se formaram *nemigálha* = *nem migalha*; *nenhures* em opposição a *algures*. . . , e mais modernamente com o adverbio proclítico *não* (*non*):—*nonnada nonada*, *não vinda*.

F. archaicas: *nemguum*, *nengun*, *neun*, *nemú* (Ined. d'Alc., F. de Thomar, Canc. ined. . . ), e as atrophicadas—*nhum nhua*.

Cp. ital. — *nessuno neuno*; hesp. *ninguno nenguno*, f. arch. *nesun* (*nisun*) *nesune*.

**Outro**, ant. *altro*, de *alter*, accus. *alterum*.

Formou as locuções—*um e outro*, *nem um nem outro*.

F. arch. — *outro e nenhum* por *nenhum outro*; a combinação de *outro e outrem* com o pron. indef. *ninguem*:—*Alli outrem ninguem me conheçera* (Cam.); *bem sei que outro nin-*

quem *poude valer*. — *Ninguem outrem* é forma ainda corrente, mas também do século XVI: — de *ninguem outrem se poderão aceitar estas cousas* (Ferr.).

Comb. com os pron. pess. *nós, vós*, e demonstrativos *esse, aquelle*.

**Qualquer**. — Poderíamos derivar-o do pronome *qual* e do adv. conj. *quer*, que serve para exprimir a generalisação de um acto, tempo, acontecimento, etc. Corresponde ao latim *cumque* (= *quum que*). Mas a forma archaica *qualquizer* prova que é esta a sua etymologia (*qual quer* = *quizer*).<sup>1</sup>

Tem flexão de numero — *quaesquer*.

Forma a locução — *qualquer que*, equivalente ao latim *qualiscumque*.

**Tal** — (lat. *talis*). Significa — *igual, semelhante; tamanho, nenhum*.

Tem plural — *taes*. — Vide *Syntaxe*.

### c) DOS NUMERAES

7. — **Todo** (= lat. *totus*). É variavel em gen. e numero.

**Um** (hum) = lat. *unus* (adj. pron.).

O emprego do numeral com significação indeterminada, equivalente a *um certo, alguém*, é de origem popular latina, e fonte também classica (*unum çidi mortuum afferrì* — Pl.). *Por mais que resplandeça um em virtudes* (Arraes).

<sup>1</sup> Ined. d'Alcob. V. 18. Corresp. lat. *velle*.

8.— NUMEROS CARDINAES. — É cópia dos Romanos o nosso modo de enunciar e escrever os números. A differença que entre elles existe é apenas phonetica.

|                         |                             |
|-------------------------|-----------------------------|
| <i>um</i>               | <i>unus</i>                 |
| <i>dous, arch. duos</i> | <i>duos</i>                 |
| <i>tres</i>             | <i>tres</i>                 |
| <i>quatro</i>           | <i>quatuor</i> <sup>1</sup> |
| <i>cinco</i>            | <i>quinque</i> <sup>2</sup> |
| <i>seis</i>             | <i>sex</i>                  |
| <i>sete</i>             | <i>septem</i>               |
| <i>oito</i>             | <i>octus</i>                |
| <i>nove</i>             | <i>novem</i>                |
| <i>dez</i>              | <i>decem</i>                |

Nas palavras de origem classica, adoptámos a fórma latina— *duo-decimo, duo-decuplo; septenario, quinquagenaria, quinquenio, octocordo* . . .

De 11 a 20, excepto 16, 17, 18, 19, que se compõem com *dez*, os numeræes portuguezes são expressos por uma palavra simples:

|                 |                                 |
|-----------------|---------------------------------|
| <i>onze</i>     | <i>un (de) cim</i> <sup>3</sup> |
| <i>doze</i>     | <i>duo (de) cim</i>             |
| <i>treze</i>    | <i>tre (de) cim</i>             |
| <i>quatorze</i> | <i>quatuor (de) cim</i>         |
| <i>quinze</i>   | <i>quin (de) cim</i>            |

<sup>1</sup> Empregamos *quatuor* no sentido de uma *partitura* que só tem quatro partes (neol.).

<sup>2</sup> A permuta do *q* lat. em *c* ou *s* brando port. é mui frequente — antes de *e* e *i* (*torquere* = torcer, *coquina* = cosinha . . .) Em latin, nas inscrip. romanas do seculo III, encontra-se *e* por *qu* e vice versa; têm, pois, o mesmo som. Fr. *cing*, hesp. *cinco*, it. *cinque*.

<sup>3</sup> *Decim* por *decem*.

dezeséis  
dezesete  
dezoito  
dezenove  
vinte

*sex decim*; *sedecim*  
*septem decim*  
*octo decim*  
*novem decim*  
viginti

De 11 a 15 os nossos numerães indicam uma contracção regular dos typos latinos, sujeitos á accção dissolvente das leis phoneticas, que transformou a desinencia *cim* em *ze*. De 16 a 19, abandonando as fórmas syntheticas, seguiu o portuguez outro modelo a que os Romanos davam preferencia *por ser mais claro*, segundo refere Prisciano: <sup>1</sup> — *decem et septem*, *decem et octo*, *decem et novem* (T. Livio, Cic., Cesar, etc.), e em toda a numeração d'elle não mais se apartou.

De 20 a 90 só temos a notar o atrophiamiento do numeral latino:

vinte  
trinta  
quarenta  
cincoenta  
sessenta  
setenta  
oitenta  
noventa

vi (g) inti  
tri (g) inta  
quadra (g) inta  
quinqui (g) inta  
sexa (g) inta  
septua (g) inta  
octo (g) inta  
nona (g) inta

Os Latinos diziam indifferentemente *viginti tres* e *tres et viginti*, á semelhança do gothico (ing. *twenty three* ou *three and twenty*; em all. sempre as unidades vêm antes — *drei und zwanzig*.

<sup>1</sup> Grammatico.

De 100 a 900 só é de notar a transformação muito natural, e logica, da terminação *genti* em *centos* [*zentos*].

|                                   |             |
|-----------------------------------|-------------|
| cem (para diff. de <i>cento</i> ) | centum      |
| duzentos (dous centos)            | ducenti     |
| trezentos (tres centos)           | trecenti    |
| quatrocentos                      | quadrigenti |
| quinhentos                        | quingenti   |
| seiscentos                        | sexcenti    |
| setecentos                        | septingenti |
| oitocentos                        | octogenti   |
| novecentos                        | nongenti    |

*Quingenti* deu *quinhentos* pela perda do *g*, que poz a nasal em contacto com a vogal *e*.

Como em latim, os números cardinaes são invariaveis, com excepção de *um* e *dous* (no lat. tambem *tria* por *tres*) e os que exprimem centenas (*ducenti*, *æ*, *a...* *duzentos*, — *as...*)

9.— *Mil* e seus multiplos correspondem exactamente a fórmulas latinas. *Mille*, declinavel, tinha um ablativo archaico *milli*, e fazia no plural *millia*, (d'onde derivou o nosso subst. *milhar*).<sup>1</sup>

*Milhão*, *billião*, etc., são de criação portugueza.

NUMERAES ORDINAES — Como em todas as linguas, os ordinaes lembram os cardinaes correspondentes; mas no portuguez elles representam fórmulas importadas directamente do latim.

<sup>1</sup> Der. pop.: milheiro, mil pés, millionario, mille folhas... milenio, millenario, millepedes, millefolio, milliario, milleformie.

e assim  
sino (ar  
centesim  
mus, ve  
mus.

10.  
element  
do = lat

<sup>1</sup> Ad i  
meros por  
(V et LX  
de modif  
para a rep  
systema ar  
mecanismo

<sup>2</sup> Prim  
composiçã  
micias, pr  
primichica  
Primario é  
tributivos.

<sup>3</sup> Secur  
(Segunda f  
<sup>4</sup> Terti  
<sup>5</sup> Mode

subst.

|                      |                         |
|----------------------|-------------------------|
| Primo <sup>1</sup>   | primus                  |
| primeiro (primario)  | primarius <sup>2</sup>  |
| segundo              | secundus <sup>3</sup>   |
| terceiro (terciario) | tertiarius <sup>4</sup> |
| quarto               | quartus                 |
| quinto               | quintus                 |
| sexto                | sextus                  |
| setimo               | septimus                |
| oitavo               | octavus                 |
| nono                 | nonus                   |
| decimo               | decimus <sup>5</sup>    |

e assim por diante — *undecimo*, *duodecimo*, *vigesimo* (arch. vicesimo), *trigesimo* (arch. tricesimo), *centesimo*, *millesimo* = lat. *undecimus*, *duodecimus*, *vicesimus*, *tricesimus*, *centesimus*, *millesimus*.

10. — Nos numeros compostos, ambos os elementos tomam forma ordinal: *vigesimo segundo* = lat. *vicesimus secundus*.

<sup>1</sup> *Ad instar* dos Latinos, escreviam os nossos maiores os numeros por extenso ou representavam-os pelos caracteres romanos (V et LX et CCC = 5 + 60 + 300 = 365; era CCCLXV). Apesar de modificado, apresentava este systema graves inconvenientes para a representação dos numeros elevados; d'ahi a introdução do systema arabe, que muito se avantajava áquelle na simplicidade do mecanismo.

<sup>2</sup> *Primeiro* é hoje a forma usual; *primo* só se conservou em composição — *primogenito*, *primoponendo*, *primazia*, *primevo*, *primicias*, *primicerio*, *primado*, *primipara*, *primitivo*, *primárias*, *primichica*, *primadona*, etc. . . *prima* (1ª hora do officio divino). — *Primario* é f. divergente de *primeiro*; pertence á classe dos *distributivos*.

<sup>3</sup> *Secundus* encontra-se em *secundario*, *secundogenito*, etc. (*Segunda feira*)

<sup>4</sup> *Tertius* den *terço*, *terça*, que são substantivos.

<sup>5</sup> Modernamente, — *decimo*, *vigesimo*, *quarto*, são tambem subst.

11. — Usavam os Latinos da fôrma ordinal para as datas do mez, do anno, as horas, <sup>1</sup> duração de um reinado, cargo, officio, etc., indicação dos seculos e de certos prazos, successão de monarchas. Com todas essas regras conformou-se o portuguez, exclusive as tres primeiras referentes ás datas do mez e anno, e ás horas, pois empregamos a fôrma ordinal, por excepção, sómente para o 1º do mez (e tambem se emprega o cardinal), e em linguagem ecclesiastica — horas de *prima, terça, nonas*.

Nem para todas as indicações de prazo, isto é, de espaço de tempo dentro do qual se ha de fazer alguma cousa, emprega o portuguez o ordinal.

Dizemos *antes* ou *depois do 3º dia*, e tambem *3 dias antes* = lat. *ante tertium diem*, etc., mas os Latinos diziam *tertio quoque die* = port. *de tres em tres dias* (fr. *tous les trois jours*, ing. *every three days*...) <sup>2</sup>

12. — Das fôrmas distributivas latinas em *anus-a*, concernentes ás classes ou ordem dos legionarios <sup>3</sup> (*primanus, a, um, secundanus, ter-*

<sup>1</sup> Anno millesimo octingentesimo septuagesimo quarto. Octavam horam, nonam...

<sup>2</sup> A este ultimo emprego dão-lhe alguns gramm. — o nome de *antidata*.

<sup>3</sup> Não só indicavam a ordem da legião, mas dos soldados que a compunham, e empregavam-se em relação a tudo quanto lhes pertencia ou dizia respeito — *Primanus Tribunus* is dicebatur qui primæ legionis tributum scribebat (Paul. ex Fest.)

*ciana*  
em ab  
*terçã,*  
de tre  
*quart*  
1  
das f  
tinhar  
*triplu*

D  
*triplu*  
S  
de fu  
(cemd  
A  
cativo  
spond  
á latin  
Á  
o latin  
*tium,*  
1  
*qui?*  
portug

*cianus, vicesimani* etc.), só nos resta lembrança em alguns raros vocabulos, hoje já obsoletos — *terçã, quartã* (febre —, que tem intermittencias de trez ou de quatro dias) = lat. *febris tertiana, quartana*.

13. — **Multiplicativos.** — Derivam-se todos das fórmãs latinas em *plus* (declinaveis), que tinham uma concurrente em *plex* (*duplus duplex, triplus triplex*).

|                              |                   |
|------------------------------|-------------------|
| ant. <i>simplo</i> (simples) | <i>simplus</i>    |
| duplo                        | <i>duplus</i>     |
| triplo                       | <i>triplus</i>    |
| quádruplo                    | <i>quádruplus</i> |
| decuplo                      | <i>decuplus</i>   |
| centuplo                     | <i>centuplus</i>  |
| múltiplo                     | <i>múltipus</i>   |

Da 2ª fórmã temos *simplice* (arch.), *duplice, triplice* e *múltiplice*.

São de formação erudita, e correspondem aos de fundo popular — *dobro, tresdobro, cemdobro* (cemdobrar = centuplicar).

Ainda temos uma fórmã pop. para multiplicativos — *duas vezes tanto, tres* —, quatro —. Responde á pergunta *quantas vezes?* e corresponde á latina — *septies tantum*, etc.

Á pergunta — em quantas partes? responde o latim no ordinal, *iterum* (por *secundum*), *tertium*, etc., Nós pelo cardinal — *duas, tres*.

14. — O adv. numeral *sesqui* (f. cont. de *semis qui?*) = *mais uma ametade*, só se emprega no portuguez em vocabulos de fundo classico. Tam-

bem em latim só uma vez occorre empregado separadamente; era, porém, de uso frequente ligado a uma outra palavra indicadora de numero ou quantidade, e neste caso significava *uma vez e meia*.<sup>1</sup> Ex.: — *sesquialtera* (t. musica), *sesquipedal*, *sesquihora*.

**Distributivos.** — Estes numeros são ao mesmo tempo collectivos e analyticos, porque «decompõem a collecção, o total, em tantas unidades quantas ellas contêm». É latina tambem a origem d'esses adjectivos, todos de fundo erudito.

*Centenario* já pertence ao vocabulario popular.

|             |              |
|-------------|--------------|
| Primario    | Primarius    |
| binario     | binarius     |
| septenario  | septenarius  |
| centenario  | centenarius  |
| sexagenario | sexagenarius |
| octogenario | octogenarius |

A desinencia *ario* — lat. *arius* (sign. *que contêm*). Indica uma classe, medida, compasso, intervallos iguaes, divisão da duração de uma aria (bin. tern. quat.).

Dos ordinaes em *um*, temos ex. em *primo*, *tercio* (Cp. *terço*...)

<sup>1</sup> Liga-se outrosim a numeracs (octavus e tertius), como o grego *tal* em *ἐξόχδος* para denotar um total e mais uma fracção. *Sesquioctavus*, p. ex. — encerra a relação de 8 para 9.

— F. frac. — temos os formados com os termos *avo*, *octava*, etc... e *um meio*, *terço*, *quarto*, *quinto*, etc.

cas o  
deve  
Neste  
(cent  
nio,  
rente  
num  
em p  
ni) e  
dez-a

B  
bellum

S  
res a  
como  
me, bi  
xual,

É  
ctivos  
para.  
trivio,  
nomes  
os dia  
J

ipsu  
as p

15.—Existem no portuguez fórmulas numericas ou nomes formados dos numeraes, que não devem ser alistados na classe dos adjectivos. Neste numero estão — *ametade, dobro, cento* (centenar, centenário), *milhão, centimo, e triennio, quatriennio, dezena, vintena, trezena, quarentena, centena*, da fórmula neutra em *a* dos numeraes distributivos latinos (*centeni, x, a* — em poesia e em prosa post. class. Cp. *bini, terni*) e com os compostos com *avo* — *cincoentavo, dez-avo, etc...*

*Bis* é adv. numeral (do latim *bis*, der. de *duis* de *duo*, como *bellum de duellum*). *Duas vezes, uma segunda vez.*

Só, emprega-se com sentido vocativo para pedir a actores a repetição de um passo; é, porém, de uso frequente como elemento de derivação — *bipede, bigamo, bifloro, biforme, bissecção, bifoliado, biferro, bilabiaceas...* *bisneto, bissexual, bisserio, biceps, bifronte.*

É muito crescido o numero dos compostos com os adjectivos numeraes: *primicias, primitivo, primogenito, primitiva...* *bimestre, trimestre, semestre, quadrupede, sesquipede, trivio, quadrivio, decemviro, triumviro, centuria, decuria...* os nomes dos mezes *Se embro, Outubro, Novembro, Dezembro*, e os dias de semana, excepto *sabbado e domingo*

Já faz parte do lexico o verbo *bisar*.

## d) DO ARTIGO E DO PRONOME

### Pronomes demonstrativos

1.—**Isto isso** (fórmula neut. lat. — *istud, ipsum*). São fórmulas neutras concurrentes com as portuguezas *esto, esso*, que se archaisaram

no periodo classico:—*e con esto perco a esperanza; porque fizeste esto?*<sup>1</sup> (*esso mesmo lhe fezerom*).<sup>2</sup>

Nos antigos cancioneiros, *Leal cons.* de D. Duarte, etc., é de uso vulgar a fórma referida ou a composta—*aquisto*, que persistiu até o seculo XVI:—*em aquisto Jano ouvindo* (B. Rib). Nos antigos textos é frequente o emprego de *elle* (*ello*) por *isto*; solecismo que vecejou até o seculo XVI:—*assi fosse elle verdade* (Sá de Mir.)— Cp. fr. *si c'était vrai*; ing. *if it was true*...

**Aquillo**—lat. *hic-illud*—*ecc-illud* (*ek-illo*), arch. *aquello*.

### Indefinitos

2.—Os pronomes indefinitos, além dos que já vimos na lição sobre os adj. pronominaes, são—*alguem, cada um, alguns, outrem, outros, nada, ninguem, qual, um, se*.

**Alguem** (= lat. *aliquem*—*ailquem*).<sup>3</sup> É invariavel.

Confundia-se nos primeiros tempos da lingua com o adj. *algum*; do mesmo modo que,

<sup>1</sup> Ined. d'Alcob. II, 8.

<sup>2</sup> Id. II, 201.

<sup>3</sup> Prep. *neque* = *nec, ne*.

na linguagem dos comicos, *aliquis aliquid* eram algumas vezes usados por *aliqui aliquod*.

**Outrem** (composto = *alterum*). No lat. pop., na b. latinidade, já *alterum* superara *alium*.

Cp. — *ninguem outrem, outrem ninguem* (Camões).

Sign. — *outro homem*.

**Quem quer.** — É de formação popular vernacula = (pron. *quem* + *quer*. Cp. *qualquer*).

*Quem quer que* é equivalente do comp. lat. *cuicumque*.

**Ninguem.** — Corresponde ao latim popular *nequem*, fôrma que se encontra nas Inscript. romanas do seculo II da nossa era, e que conseguiu obliterar o nom. *nemo* (= *ne homo*).<sup>1</sup>

A fôrma alongada é *nem alguem*; deriva-o, pois, de *nenheme* por *nec hem* = *nem homem*, é hypothese que de todo rejeitamos. E bem assim a que dá *outrem* = outro hem = outro homem.

Nos escriptos antigos *ninguem* tinha tambem o sentido de *alguem*, equivalia a *nenhum*: — *loucura é cuidar ninguem que...*; *he atrevimento pedir ninguem aquillo que deseja*; <sup>2</sup> *ninguem outrem* (nenhum).

Emprega-se substantivamente para significar pessoa de nenhum valimento: — *é ninguem, um ninguem*.

**Nulla, a** (= lat. *nullus, a, um* por *ne illus*). É de sentido negativo pela etymologia; e — como já vimos — ainda que originariamente oppos-

<sup>1</sup> Accus. de *aliquis* (= *alius quis*).

<sup>2</sup> Talvez por analogia do emprego de *algum* por *nenhum*.

tos, confundia desde os primeiros tempos a sua significação com a do pron. *nenhum*. Deve-se, porém, advertir que, em latim, *nullus* era considerado subst. = *nemo* (ninguem, nenhum) — *sunt nulli* (Plauto); *beneficia properantius redere: ipse ab nullo repertere* (Cic.).

**Se** — Deriva-se do accus. *se* do pron. reflexivo latino — *sui sibi se* (sem nominativo), e cujos numeros *se* confundem sob a mesma forma flexional.

É, pois, o mesmo pronome reflexivo portuguez.

Corresponde ao francez *on* (*om*, no seculo XIII), cuja origem claramente se percebe na forma primaria *hom*, contração de *homme*; alemão *man* (contração de *mann* — homem); anglo-saxonio, inglez e dinamarquez — *man*; <sup>1</sup> italiano, hespanhol, provençal — *se*.

Nos seculos XV e XVI empregava-se tambem o substantivo *homem* como pronome indefinido, nos mesmos casos em que hoje empregamos *se*: — *homem não sabe como se valha contra a calumnia* (Barros); *cuida homem que escolhe...* (S. de M.) etc... Este uso ainda é vulgar em Portugal (*anda homem a trote para ganhar capote*); no Brasil dá-se preferencia á palavra *gente* (a *gente não sabe que ha de fazer*). <sup>2</sup>

<sup>1</sup> — All. — *man* sagt (diz-se), *man* muss (deve-se); ang. sax. — *man* greaf (deu-se); ing. *man* says (diz-se); dinam. *man* siger. No saxonio *man* = *elles* (*man of sloch* = *elles* mataram ou mataram-se); no inglez antigo, com plural — *men herd* = *elles* ouviram. No inglez moderno o pron. ind. *se* é tambem representado pelo pron. pess. *they* (elles, ellas).

<sup>2</sup> No inglez tambem o substantivo *people* (povo, gente) indica o pron. ind. *se* (*they say, man says, — people say* = diz-se ou dizem).

Com o seculo XVI é que começou na linguagem classica a verdadeira preponderancia do pron. indef. *se*, e a quèda das suppletorias *homem* e *gente*.

A sua derivação do caso regimen não é para causar estranheza. O inglez antigo (1250-1500) usava do caso objectivo *me*, do pron. pess. da 1<sup>a</sup> pess. sing. (*I*) como pronome indefinido correspondente a *man*, *one*, etc., e ainda hoje na linguagem familiar e vulgar persiste o solecismo; <sup>1</sup> o portuguez tambem empregava *cujo* no sentido de *dono*, *senhor* (*sou cujo de quanto tendes*). <sup>2</sup>

Se um objectivo e genitivo pronominaes podiam ser sujeitos de uma oração, que muito fossemos buscar, e com mais cabida e propriedade, o accus. de um pronome reflexivo para exprimir o pronome sujeito da 3<sup>a</sup> pessoa que desejamos apresentar de modo vago, indeterminado, indefinito, no sentido lato da palavra *homem*?

### Pronomes relativos

3.— São: — que, quem, qual, cujo.

**Que** (= lat. *qui*, arch. *quei*, de *qui quæ quod*).

<sup>1</sup> *You are wrong.* — *Me?* (por *I*).

<sup>2</sup> *Meu cujo* p. *meu marido*, os *meus cujos* p. os *meus* parentes, a *minha familia*, etc. ainda são dizeres muito vulgares na linguagem popular. *Esta moça tem cujo* (Euphr.)

V. Pacheco Jor. — *Rev. Braz.*

Da declinação latina, que era perfeita, herdamos o nom. — *que*, o accus. *quem*, o gen. *cujus*.

Etymologicamente, pois, temos fórmãs especiaes para o sujeito, regimen directo, e indirecto. *Quem*, porém, tornou-se pronome independente, e de uso mais geral, como veremos. Neste ponto ainda é o francez mais abastado, que conserva *qui* para o caso subjectivo, e *que* para o caso objectivo, além de *quoi*.

**Que** apparece desde a formação da lingua, e não lhe conhecemos variantes morphologicas, exceptuantes as fórmãs dialectaes. Assim, p. ex., em S. Thomé — segundo o testemunho de Schuchardt —, é elle equivalente a *cu*: — *Padre nosso cu já no cjé* = Padre nosso que estás no céo.

**Quem**, arch. *qui* (*qui ferir molter...* F. de Gravão; *qui filhos ouver...* S. Ros).

Deriva directamente do accus. lat. *quem* (de *qui quæ quod*).<sup>1</sup>

Os classicos antigos empregavam-no tambem em referencia a animaes e cousas; e (o que não deixa de ter elegancia) em substituição dos demonstrativos *este*, *aquelle*: — *as boas arvores dão bom fructo e as más como quem são* (H. Pinto); *quem lhe dava ovelha, quem um carneiro, quem um novillo* (Luc.); *quem de vós não tem peccado, este atire as pedras*. (Vieira).

O emprego de *quem* é tambem dos primeiros seculos da lingua: — *mha senhor, quem*

<sup>1</sup> Querer com Th. Braga e outros descobrir-lhe a origem em *que'hemo* = *que homem*, parece-me desacerto.

*me vos guarda, guarda a myn* (C. da Vat.)—  
*quem se louva, in Deus se louve* (R. de S. B.);  
*quem amar ho padre e ha madre mais que mi*  
(V. de S. Euphros.); *porque no avia aquem ley-*  
*xasse ssua Requeza* (Id).

**Qual** = pron. int. e relat. lat. *qualis*—*qua-*  
*le*, correlativo de *talis*.<sup>1</sup>

É invariavel em genero. Plural—*quaes*.

Form. port.—*qualquer*.

Eram varios os seus empregos até o seculo XVII, como  
veremos na syntaxe, entre os quaes o da substituição de *al-*  
*guns, alguem*, de mui agradavel effeito e muito para serem  
imitados pelos que prezam a vernaculidade.

Qual do cavallo vòda, que não desce;  
qual cò'o cavallo em terra dando geme;  
qual vermelhas das armas faz de brancas;  
qual co'os penachos do elmo açouta as ancas.

(CAMÕES, *Lus. C. VI*).

**Cujo**, arch. *cuyo, cuyia*—seculo XIII;  
*cuiço*—seculo XV (= lat. *cuius, cujus*).

É, pois, dos 1<sup>o</sup> docs. da lingua escripta.

O gen. de *qui quæ quod* exprimia varias  
relações, e desde o periodo classico começou  
a ser substituido pelo ablativo regido da pre-  
posição *de*.

<sup>1</sup> Leoni e outros derivam-no de *qua illa*.

Imperava também nas mesmas épocas o pron. interrogativo *cujus*, a, um (com uma fórma arch. *quoj*, também identica á arch. do pron. relativo).

*Cujus*, pron. interr. poss., significava—*de quem? cujo?* *Cujus*, genitivo, era mais empregado no sentido de *pertencente a quem, a que, de quem, de que, dos quaes*, sem idéa relacional de posse.

Da analogia das fórmas, resultou o duplo emprego de *cujo*<sup>1</sup> no portuguez antigo. D'ahi estas phrases que os grammaticos condemnam:—*Representam estes delineamentos ao Senhor, de cujo ha de ser o edificio* (B. Dec.); *Sant' Ignacio Interciso de cuja nação fosse não nos consta* (D. Nunes, *Descr. de Port.*);<sup>2</sup> *este sacerdote cujas eram estas filhas* (Ined. de Alc.). Um classico, a quem temos por contemporaneo, escreveu:—*Os Sás e Menezes cujos era de jus e herdade a alcaiadaria.*

A phrase—*este sacerdote cujas eram estas filhas*, é correcta, e não repugnaria ao ouvido dos meos lidos por classicos, se mudassemos apenas a collocação do pronome—*este sacerdote cujas filhas eram estas*. A phrase de Castello Branco equivale a—*os Sás e Menezes de quem (dos quaes) era de jus e herdade a alcaiadaria*; se dissessemos—*cuja alcaiadaria era de jus e herdade*, é claro que dariamos a entender já lhes pertencia a alcaiadaria.

<sup>1</sup> Cp. *Gen.*—*is denique, cuja est uxor fuerat* (Plin.); *ea caedes si potissimum crimini datur, detur ei cuja interfuit, non ei cuja nihil interfuit* (Cic.).

*Interr. pass.*—*Ut optima conditione sit is cuja res sit, cum jam periculum* (Cic. *Verr.*) *cujam esse te vis maxime, ad eum duco te* (Plauto *Cure*).

<sup>2</sup> O erro está no emprego da prep. *de*, por se haver perdido a noção etymologica (do gen.). E erro mais grosseiro é o emprego de *cujo* por *que*.

posio

semp  
prime  
mina  
Rib.

qual.

vame

chais

—cuj

cuja

no lat

5

chaica

que n

bios s

E

e XIV

curtac

spond

O

fôrma

PACHE

Deve, pois, este pronome, conforme a posição, ser considerado *relativo* ou *possessivo*.

O emprego da prep. *de* antes de *cujo*, sempre que o subst. com elle concorda e exprime relação restricta circumstancial ou terminativa, data do seculo XII (... *de cuja vida*, Rib. Diss.) Esta construcção é hoje de rigor.

### Pronomes interrogativos

4.—São os mesmos relativos *que*, *quem*, *qual*.

*Tal* tambem se póde empregar interrogativamente: *tal ha que assim proceda?*

*Cujo*, com funcção interrogativa, é um archaismo. Era, porém, de uso até o seculo XVIII: —*cujas são estas ricas armas?* (J. de Barros); *cuja é esta caveira?* (Vieira). E tinha exemplo no latim —*cujus pecus? an Meliboei?* (Virg. *En.*)

5.—Tratemos agora de duas palavras archaicas geralmente consideradas *pronomes*, mas que mais devem ser arroladas entre os *adverbios* supplementares.

**Ende**—Nos canc. e does. dos seculos XIII e XIV apparece esta palavra, e a fôrma encurtada *en* (de ulterior emprego), que correspondem ao pronome francez *en*.

O primeiro que fez este reparo em letra de fôrma, suppomos, foi o nosso lexicographo Moraes.

Desacertou, porém, acreditando que essa particula adverbial equivalia sómente a *d'elle, d'ella, d'elles, d'ellas.*

e nom dom a mi os meus foros que *ende* ei de haver  
(*Ined. de Alc.*)

... molheres casadas... que andavam a preito nas audiencias e nossa côrte, em tal guisa que levaram *ende* maa fama.

(*Id.*)

... fará queixume aos que se *ende* queixarem.

(*Id.*)

... fará complimento de direito e justiça aos que *ende* se queixarem.

(*Id.*)

Pays de vós non ey nenhum ben de vos amar não vos pes'*en* senhor.

(*C. de Aff.*)

E pero m'eu da falta non sey ren, de quant'eu vi, madre, ey grã prazer *en*.

(*C. de Vat.*)

E pays *end'* as novas saber. Tambem poss'*en*.

(*Id.*)

*Ende* = lat. *inde*; é particula adverbial equivalente a *d'ahi, d'alli, d'isso, d'elle* ou *d'ella, d'elles, d'ellas.*<sup>1</sup>

<sup>1</sup> De todas essas funcções nos dá amostra o latim: 1º (*d'ahi*) *si legiones sese recipissent INDE quo temere essent progressæ*; 2º (*d'isso*) — *ex avaritia erumpat audacia necesse est*; *INDE omnia scelera gignuntur*; 3º (*d'elle*), etc. (— *nat filii Duo, inde ego hunc majorem adoptavi mihi* (tempo, *d'ahi em diante*).

ção e  
que p  
isto é  
a ma

L  
em e  
tinha  
verifi  
lati.

I  
N  
sign.  
(como  
nessa  
são le

<sup>4</sup> M  
—em qu

<sup>2</sup> D  
constitu  
Sõnitu  
3

D'essa palavra só nos resta vestigio na locução *em que peze* = arch. *ende que pese*, ant. *em que pés* (*pez*), e é equivalente a *ainda que lhe peze*, isto é, que lhe cause pezar, a seu pezar, despeito, a mal do seu grado. <sup>1</sup>

*Por ende* (mesmo em hesp.) = *portanto, então, em consequencia d'isso*. Também este sentido tinha em latim o adverbio *inde*, como se póde verificar em Scheller, Gesner, Freund e Facciolati.

**Hi** (*i, y*) — Correspondem ao francez *y*.

Não é pron. pessoal. Propriamente, *hi, i, y*, sign. *ahi, alli* (onde); mas — por transferencias — (como *ende*), *então, portanto* (por isso), e ainda *nessa ansa, nesse caso*. Todas essas applicações são legados da lingua mãe. <sup>2</sup>

Tantas coytas passey de la sazón  
que vos eu vi, per bona fé,  
que non posso *i* osmar a mayor qual é. <sup>3</sup>

<sup>1</sup> Mas no seculo XVI a particula *em que* era muito frequente: — *em que* eu seja lavradora bem vos hei de responder.

(G. V. I. 259)

e jura, *em que* veja bonançaoso  
o violento mar e soçegado  
não entre elle masi

(CAM. S. 80)

<sup>2</sup> Demaratus fugit Tarquinius Corinthe et tibi suas fortunas constituit (Plauto); invocat deos immortales: ibi continuo contonat Sónitu maximo (Id.)

<sup>3</sup> Tantas foram as desgraças que passei do tempo em que vos vi — em boa fé — que não posso *portanto* avaliar a maior qual dellas é.

Non ha *hi* quem me soccorra

(Ferr. ant.)

veño a vos señor  
que me digades que farei eu y

(Trov. Canc.)

se nessa ha *hi* mudar-se hum triste estado.

—(Chr. do Cond.)

Empregava-se com preposição — *de i, de hi, para hi, i; per hi, i; des i; d'hi e d'i.*

De uso frequente nos primeiros seculos da lingua nas trovas e cantares, não o foi menos nos que se lhe seguiram até o XV. A fórma preferida era *i*.

Qual a sua etymologia?

Derivam-no alguns do lat. *ibi*, outros do adv. *ahi*. É este o nosso parecer. Cp. *qui aqui*; e nos mesmos casos em que se empregava *hi, i, y*, usamos nós na linguagem familiar e vulgar os adverbios *ahi aqui*:

*ahi* estavamos nós quando elle chegou (*nesse lugar*).

disse-me elle que... *aqui* eu redargui... (*então*).

*ahi* o que se deve fazer é... (*nesse caso*).

*ahi* nada mais ha que fazer.

NOTA. *Sum ibi* traduz-se por *aqui estou eu*. Nesta phrase, e bem assim em *alli está elle* (que tambem se diz), etc., o sentido é locativo e o seu emprego é tão sómente para mais dar força á indicação da pessoa. Equivalem a — *eis-me aqui, aqui me tens; em mim, nelle*, etc. *tens a prova presente* — *aqui mesmo* — *do que digo*, etc. Ex.: — *Estás muito envelhecido! Aqui estou eu* que com 80 annos ainda não me branquejaram os cabellos.

## DO ARTIGO<sup>1</sup>

5. — O artigo definitivo é uma voz demonstrativa em todas as linguas, não só pela derivação como por suas funcções e propriedades (grego *ὅδε* = este; all. *der*, de *dieser*; ing. *the*, de *that*, que servia de artigo no A. S. e vinha prefixado á palavra; e ainda em muitos *patois* se encontra o emprego do pronome demonstrativo como artigo—*ch' curé*, *ch' marichau* = *ce curé*, *ce marechal*, por *le curé*, etc. (P. Picard) *ce* = *hicce*. É equivalente enfraquecido de um demonstrativo.

No latim, o analytismo introduziu tambem o uso do pronome *ille*, que depois se transformou em ILLO (alteração geral nas declinações masc.) *Illo homo*, *illa muller*, *illo cavallo*, *illa ecclesia*, são no latim popular verdadeiras fórmulas de nominativo; e esse uso tornou-se frequente nos melhores autores latinos (Cic., Sen., Plauto...) <sup>2</sup>

O demonstrativo latino passou por varias evoluções—*el*, *elh*, *lo*, *la*; plural *els*, *elhs*, *li*, *los*, *las*, e d'estas fórmulas esnocadas bracejaram as que deram origem aos artigos das linguas neo-latinas: hesp.—*el*, *la*, *los*, *las*; ital.—*el*, *la*, *lo*, *le*, *gli*; fr.—*el*, *il*, *la*, *li*; *le*, *la*, *les*; va-

<sup>1</sup> O artigo, como já dissemos, entra no rol dos adjectivos demonstrativos; mas por sua importancia deve-se considerá-lo parte distincta do discurso.

<sup>2</sup> Pacheco Junior—*Gramm. hist.* Intr. pag. 21.

lachio—*le, a, i, le* (postposto ao subst.); prov —*lo, la, il* (li); *li, il* (los), *las*; port.—*el, lo, ho; o, a, os, as*.

São varias as opiniões sobre a origem do nosso *artigo definido*, das quaes tres são mais seguidas. Só d'estas nos occuparemos. Uns opinam que elle descende do grego *ὁ* (m) e *ἡ* (fem.); outros são de parecer deve-se buscar a sua origem no demonstrativo latino *hic, hæc, hoc*; certo numero inclina-se á fonte que já deixamos apontada como verdadeira (*illo, a*).

1.<sup>o</sup> Rejeitamos de todo a origem grega, porque, posto o genio de uma lingua pôssa ser modificado por outras, todavia essas modificações não se podem estender mesmamente ao *character*, e tão profundamente que consigam a implantação de uma nova parte da oração.

O Grego desde os tempos mais remotos estanceou na Italia, onde dominou a par do latim; á Grecia deveram os Latinos os rudimentos de civilisação, copiosidade de vocabulos, a religião, a legislação. O estudo do grego era muito mais usual—affirma Quintiliano—do que o do latim; e no tempo de Catão saber grego era signal de boa educação. Tiberio Graccho discursava, e Flaminio versejava nessa lingua; a primeira historia de Roma foi escripta em grego por Fabio Pictor (*Mommsen*, I, 425-902); Cicero, perante o senado de Syracusa, e Augusto em Alexandria, fizeram allocuções em grego; as mulheres,—referem Ovidio e Juvenal—, liam Menandro e outros escriptores Gregos.

Ora, se apezar de toda essa legitima influencia da Grecia sobre a intellectualidade romana, não conseguiram os Hellenos introduzir na lingua latina o emprego do artigo, com razão mais forte na peninsula hispanica onde a influencia grega só se fez sentir nos usos e costumes.

Na linguagem não é ella reconhecida; este elemento etymologico foi em extremo insignificante no lexico popular. O predominio d'este elemento só se manifestou na technologia scientifica, no vocabulario erudito, isto é, quando a lingua já estava formada, e já era geral o uso do artigo em todos os idiomas romanos, inclusive o portuguez.

Em remate. O artigo definitivo, que tambem era conhecido dos Celtas e dos Godos, não veio da Grecia.

2<sup>a</sup>—Estudemos agora a segunda hypothese.

Julio Ribeiro e outros muitos, são de parecer que em Portugal o artigo provém do ablativo *hoc*, *hac*, que mais tarde se simplificou em *ho*, *ha*, e finalmente se fixou em *o*, *a*.

O principal esteio de argumentação de Leoni e seus proselytos é a graphia *ho*, *ha*.

Sabemos que Plinio escreveu devia-se considerar os pronomes *hic*, *hæc*, *hoc*, verdadeiros artigos sempre que estivessem exercendo funcções de demonstrativos.

Lê-se em Egger que nas escolas do Imperio do Occidente, os grammaticos romanos empre-

gavam *hic, hæc, hoc*, para designação do genero dos nomes.

Mas se todas as outras linguas irmãs derivam o artigo definito do demonstrativo lat. *ille, illa, illud*, porque o portuguez, d'ellas se desviando, foi buscar a sua *muleta* grammatical ao ablativo *hoc, hac*, posto que em legitima concurrencia com aquelle outro typo?

O factio não seria novo, e se fosse verdadeiro não nos causaria estranheza.

Mas o nosso artigo derivou-se das fórmias *illo, illa, illos, illas*. São provas incontradictaveis do novo asserto,—os documentos historicos.

Nos escriptos dos seculos XII e XIII, isto é, nos primeiros periodos da lingua, as fórmias articulares são *ILO LO* (por juizo de *ilo rei*, a los *alcaldes*, las *vertudes*, los *santos*), a par das hodiernas *o, a* (o *abate de Santo Martino*, a *maior ajuda*, os *omens*, o *fiel dixer*). Nas contracções ainda se descobre a fórmula actual, que foi das primitivas—*dus* (dos), *no, nus, nos, lus* (los).<sup>1</sup> As fórmias contrahidas *dus, nus, lus*, constituem simples variantes graphicas, e ainda no seculo XIV coexistiam as fórmias *us* e *ous* (o).<sup>2</sup>

No seculo XIV—persistem as fórmias *o, a*, além das variantes citadas *us, ous*.<sup>3</sup> Aparece

<sup>1</sup> Enclises nominaes:—*todolo, todolos, ambolos, todolus...* Seculo XIII. V.

<sup>2</sup> Vide *Canc. da Vat., Car. da Vat., Foros de Gravão*, J. P. Ribeiro, *loc. cit.*, *Canc. Affons*.

<sup>3</sup> *R. de S. Bento, Foros de Gravão, de Santarem etc.*, Fr. J. Claro...

a f  
que  
até l

ao,

é qu  
rio s  
actua

muit  
que t  
lingu  
gerac  
antig  
exam  
nobil  
adver  
XIV  
tinuo  
higua

<sup>1</sup> N  
sse fia  
disse c

<sup>2</sup> L  
Co  
moda;  
da Mad

<sup>3</sup> N  
mais tar  
Coll. de  
um, um

a fôrma *El-Rei* = *ilo rei*: — foram dizer a *elrrey* que... (*Livro de Linh. D. Pedro*), que persistiu até hoje.

No seculo XV temos as fôrmas *o, a, os, as; ao, do, das, na, por o*, etc.<sup>1</sup>

No seculo XVI, isto é, no portuguez moderno, é que se implantaram as fôrmas *ho, ha*, cujo imperio se estendeu ao XVII, mas sempre a par da actual (*o, a*).<sup>2</sup>

A orthographia — como vimos — era ainda muito irregular e vacillante; e a corrente erudita que tanto se manifestou nesta phase evolutiva da lingua, caiu em muita estulticia pelo culto exagerado ao *classismo*. Predominava o gosto pelas antiguidades gregas e romanas; e, sem mais exame, foram descobrir no grego os pergaminhos nobiliarios do nosso artigo definitivo. Mas cumpre advertir que o abuso do emprego do *h* no seculo XIV (introduzido pelos latinistas) e no XV, continuou no periodo aureo (*hinsidias, hestromento, higualdaçon, husofructo, husarom...*)

D'onde se originou o *h* de *hum, huma*<sup>3</sup> (que

<sup>1</sup> No *Liv. das Linhagens*: — de máa ventura he *ho* homem que esse fia per nenhuma molher; o curral era alto de muros; o issante disse contra seu pae, etc.

<sup>2</sup> *Leal cons.*, Mor., J. Claro, J. Ferr. etc.

Conservamos *la*, etc. em algumas expressões — *a la fé, a la moda*; *El* em *El-Rey* (é a fôrma usada exclusivamente na ilha da Madeira, segundo refere a eminente glottologa Car. Michaëlis).

<sup>3</sup> Nas primeiras decadas do seculo XIV — *uno, a, un* (C. d. Aff.), mais tarde — *hu, hua, hũ, huã, hum, huma, huuns* (L. de Linh. do Coll. dos Nobres); depois *ũ, uã*, a par de *hum, huma*, e por fim *um, uma*.

conservamos em *nenhum*), *he* (ainda dos seculos XVII e XVIII), ao passo que escreviam *onrra*, *omen*, *oje*, *aver*, etc. . . ?

Ainda mais. *Illo homo* era forçosamente pronunciado com um unico accento tonico, que recaía sobre o primeiro *o* de *homo*. O accento secundario, em geral sobre a syllaba inicial, deslocou-se para a 2ª, *lo*, como acontece frequentemente nos procliticos.

O *h*, pois, não é etymologico. O artigo procede em linha recta do *illo*: prova-o mais a sua dupla formação (o *homem*, *eu vi-o*— V. Syntaxe).

As *contrações* do artigo definitivo começaram no seculo XII; as primeiras empregadas foram as das preposições *em* e *de* (*nos*, *nus*, *dos*, *deles*, etc.)<sup>1</sup>

A *contração* das preposições *a* e *per* (por), só appareceu no fim do seculo XIII, principio do XIV (*ao*, *pelo*, *pola*, etc.);<sup>2</sup> mas costumavam tambem indical-a apenas (*aa*, *por o*, *per o*). Muitas vezes, no mesmo documento, deparam-se ambas as fórm, contrahidas e não.<sup>3</sup> A *contração* com

<sup>1</sup> *E lerum deles quanto que overum; de vision que fazemos entre nos dos erdamentus e dos coutos e das onrras; nas tres quartas partes do Padroadigo dessa Eygreyga.*

<sup>2</sup> *Vaya ao plazo; peyte medio morabitino a aquel con que non quer yr (Foros do Cast. de Rod.); o nosso senhor, pola sua piedade nos demonstra a carreira da vida (R. de S. Bento.)*

<sup>3</sup> *Assi como lhis fora mandado pelos reis; per os grandes e duros golpes que se davam (Livro de Linh. D. Pedro).*

o a  
al—

pela  
aque  
dativ  
faço

com  
divi

trari  
cous  
inde  
finito

unus  
certo  
porq  
indef  
da pá

S.  
unus s  
quemq  
(Plaut.  
rosada

É  
seculo  
2 v

o artigo masc. era *ó*<sup>1</sup> e ainda tinham a fôrma *al=alo*.

A prep. *per* foi ferida de morte pela prep. *por* na lucta pela vida, e com isso perdemos uma riqueza da nossa lingua: aquella empregaram-na os antigos com o accus., esta com o dativo—*já nom podedes per rem bem haver; a voos graças faço por as mercees que me fizestes.*)<sup>2</sup>

6.—ARTIGO INDEFINITO.—O artigo indefinito, como o definito, tem por fim—diz F. Diez—a individualidade de um objecto.

Resta accrescentar que o indefinito, ao contrario do definito, só se emprega em referencia a cousas ou individuos *indeterminados*. O artigo indefinito é um adjectivo determinativo indefinito.

O nosso artigo indefinito é *um, uma*=lat. *unus*,—*a*, que entre os Romanos significava *um certo, algum, alguém* (por transf.). É esta a razão porque tocou a esse numeral o papel de artigo indefinito, em que alguns acreditam ver vestigio da palavra *homo* (homem).

*Sicut unus paterfamilias his de rebus loquor* (Cic.); *est huic unus servus violentissimus* (Quin.); *ponite ante oculos unum quemque regem; nemo de nobis unus excellat; unos sex dies* (Plaut.) D'ahi é que nos veio o modo de dizer—*umas faces rosadas, uns cabellos calamistrados, uns quinze dias, etc.*

<sup>1</sup> É frequente o emprego de *ó=ao* até os quinhentistas. No seculo XVII já é esporadico.

<sup>2</sup> Vid. Cornu—*Romania*.

Emprega-se também o artigo indefinito, por extensão, para designar um individuo como typo da especie:—um *bom filho será bom pae*. Neste sentido é que elle se approxima do definitivo.

## CAPITULO VIII

### ETYMOLOGIA DAS FÓRMAS VERBAES

#### Comparação da conjugação latina com a portugueza

1.—A historia da conjugação portugueza mostra claramente a lucta entre as duas forças oppostas, a que por vezes nos hemos referido, e a que estão as linguas sujeitas na sua formação.

Mostra-nos mais ainda a lucta entre a tradição das fórmulas syntheticas latinas, e o analytismo.

2.— Temos quatro conjugações.

A 1ª em *ar*, que corresponde ás latinas em *are*.

A 2ª em *er*, correspondente á latina em *ere*, e *ere*.

Nos derivados dos verbos em *ere* houve deslocação do accento, que já remontava ao latim vulgar, porque a par das fórmulas proparoxytonas, (*cúrrere, gémere, fácere, dicere, trémere, rúm-*

*pere...*) creara as oxytonas em *ēre ire* (*currere, gemire, facere, dicere...*)

A 3ª em *ir*, que corresponde á latina em *ire* e *ēre*.

A 4ª em *or*, que, como vimos, pertencia á 2ª até o seculo XV, e corresponde á latina em *ēre*.

3.— No tocante ás flexões de tempo e modo, já notámos o desaparecimento de fórmulas simples (futuro), substituídas por outras compostas ou periphrásticas.

Perdemos mais o *supino* e o *gerundio*, mas em compensação creámos o *condicional*.

Emfim, e isso já resalta do que dissemos, apesar de todas as modificações porque passou a conjugação portugueza, conservou perfeita analogia com a latina.

### Tempos simples

4.— Tempos simples são os que se formam pelo accrescentamento de uma desinencia ao radical do verbo.

5.— **Indicativo presente.**— Não apresenta na sua formação differença dos tempos correspondentes no latim.

|       |        |             |
|-------|--------|-------------|
| amo   | dev-o  | applaud-o   |
| ama-s | deve-s | applaud-e-s |
| ama   | deve   | applaud-e   |

|         |          |              |
|---------|----------|--------------|
| ama-mos | deve-mos | applaudi-mos |
| ama-is  | deve-is  | applaud-is   |
| ama-m   | deve-m   | applaude-m   |

que correspondem a

|         |          |           |
|---------|----------|-----------|
| am-o    | mone-o   | audi-o    |
| ama-s   | mone-s   | audi-s    |
| ama-t   | mone-t   | audi-t    |
| amā-mus | mone-mus | audi-mus  |
| amā-tis | mone-tis | audi-tis  |
| ama-nt  | mone-nt  | audi-u-nt |

A desinencia da 1ª pess. do sing. é idêntica á latina em todas as conjugações; a 2ª conservou o *s* final característico, mas muda o *i* dos verbos latinos da 3ª e 4ª conjug. em *e*; na 3ª pessoa deuse em todos os tempos a queda do *t* final. <sup>1</sup>

O unico vestigio que nos restou d'esta característica é a fôrma *est*, que se encontra nos primeiros *cançoneiros*, etc.:—*est a prazo passado* (D. Din.), *est assi, est'est o mayor ben, grave est a mi*, etc.

Já dissemos que esta fôrma era principalmente empregada antes de vogal.

A 1ª pessoa do plural muda regularmente o *u* da desinencia em *o* (mus=mos); mas no seculo XIII ainda as fôrmas eram verdadeiras reproduções—*amamus, vendemus*.

Nas 2ªs pessoas do plural o *t* desinencial (*ama-t-is*) caíu, mas depois de haver abrandado

<sup>1</sup> Já frequente no latim desde o seculo IV da nossa era, porque não mais soava na linguagem popular de Roma.

em d  
começ  
tiva no  
ainda  
dizedes

Co  
em—l  
A  
nt (p. n  
popula

Seg  
final—n  
entre a  
poesia, a  
minaram  
cadencia  
se torno  
vezes em

Nos  
as fôrma  
com as e

En  
com a

<sup>1</sup> Sa  
—n, gall

<sup>2</sup> Ac  
posto ma  
avees, da  
tonicidad

O 1º  
antiga, t  
geraes pr

em *d* (*ama-d-es*, *vale-d-es*). No seculo XV é que começou a syncope do *d*, que se tornou definitiva no XVI<sup>1</sup> (*soes*, *amayes*, *ouuis*), comquanto ainda as encontremos em Gil Vicente—*olhade*, *dizedes*, *sodes*, *sabedes*, *deixades*, etc.

Conservamos ainda vestigios d'essas fórmulas em—*ledes*, *credes*, *vedes*, *tendes*, *vindes*, *pondes*.

A 3ª pessoa do plural é em *m* (*am*, *em*)=lat. *nt* (p. *nti*);<sup>2</sup> mas a nossa flexão já era a do latim popular.

Segundo Corssen (*Über Ausspr.*), a articulação cons. final—*nt*, tendia a cair desde o periodo comprehendido entre a 1ª e 2ª guerra punica, na linguagem popular e na poesia, ao passo que na linguagem classica e na prosa predominaram as fórmulas completas em—*erunt*. No latim da decadencia, porém, dava-se a queda do *t*, persistindo o *n*, que se tornou final, e que, por ser surdo, se transformava muitas vezes em *m* (*fecerum*, *convenerum*, *dedicarum*).

Nos *Foros do Castello Rodrigo* (*Port. mon. hist. leges*) as fórmulas *façan*, *entren*, *den*, etc., eram todavia concurrentes com as em *nt*:—*dent*, *facent*...

Em alguns verbos, o *u* (o) formando hiato com a vogal do radical, deu em resultado o di-

<sup>1</sup> Sansk.—*nti*, gr.—*nti*, goth.—*nd*, ant. alto all.—*nt*, moderno —*n*, gallez.—*nt*, francez—*nt*, etc.

<sup>2</sup> *Achades*, *sejades*, *passades*, *sodes*, *faceades* e *fazedes*... posto mais predominem as syncopadas—*fazees*, *dizees*, *lovees*, *avees*, *daaes*, *sooes*, em que dobravam a vogal para conservar a tonicidade latina.

O 1º doc. em que apparece a fórmula contrahida, parallela á antiga, tem a data de 1410: *guards guardés guardades* (*Cap. geraes propostos pela Cam. de Santarem*).

phtongo ão: — *va(d)unt = vaom,vão. Cp. — sermom, coração, oraçom, non, galardom...*

No seculo XV é que começou a fórma em ão.

6. — **Ind. Imperfeito** — Forma-se do modo seguinte:

|            |            |                |
|------------|------------|----------------|
| ama-va     | devi-a     | applaudi-a     |
| ama-vas    | devi-as    | applaudi-as    |
| ama-va     | devi-a     | applaudi-a     |
| ama-va-mos | devi-a-mos | applaudi-a-mos |
| ama-ve-is  | devi-e-is  | applaudi-e-is  |
| ama-va-m   | devi-a-m   | applaudi-a-m   |

que corresponde ao latim :

|          |           |             |
|----------|-----------|-------------|
| ama-ba-m | mone-ba-m | audi-e-ba-m |
| — ba-s   | — ba-s    | — — — s     |
| — ba-t   | — ba-t    | — — — t     |
| — bā-mus | — bā-mus  | — — — mus   |
| — bā-ti. | — bā-tis  | — — — tis   |
| — ba-nt  | — ba-nt   | — — — nt    |

Duas cousas são de notar neste tempo:

1ª — A transformação da desinencia latina da 1ª pess. sing. — *bam* em *va* (1ª conj.)

No latim vulgar da decadencia já era frequente a apocope do *m* (*su* por *sum*, *carpere* por *carperem*, *dice* por *dicem*, etc), á imitação do que se praticava nas formações nominaes, principalmente nos tempos de Cicero e Tito, e ainda accrescentado depois do seculo III da era christã. — Quanto á permuta do *b* pelo *v* (que remonta ao latim do 2º seculo D. C. — *miravili*, *Favio*, *lavoratum*... e tornou-se geral desde o 4º), vide *Phonetica*.

2ª—A deslocação do accento primitivo latino na 1ª e 2ª pess. do plural (*amávamos, amabâmus*).

Nos verbos da 2ª e 3ª conj. seguimos o typo do Imperfeito da 3ª conj. lat. em *i*, desprezada porém a terminação derivada; e por isso os da 2ª mudam a vogal thematica em *i* (*temia, vendia*).

*Ouvia*—*audi* (e) (b) *a* (m), —s, —, mos, —eis, —m.

Nos primeiros docs. as fórmulas dos verbos da 2ª conj. eram em *ades*, isto é, mais encostadas ás latinas (*ba-tis*);—*queriades, faziades*... A quêda do *d* trouxe as fórmulas *queriais faziais*, ainda frequentes nos docs. do sec. XV.

7.—**Pret. perfeito.**—Formou-se tomando para typo o dos perfeitos latinos em—*avi, evi, ivi*:

|                  |                  |                      |
|------------------|------------------|----------------------|
| <i>amei</i>      | <i>devi</i>      | <i>applaudi</i>      |
| <i>ama-ste</i>   | <i>deve-ste</i>  | <i>applaudi-ste</i>  |
| <i>am-ou</i>     | <i>deve-u</i>    | <i>applaudi-u</i>    |
| <i>amá-mos</i>   | <i>deve-mos</i>  | <i>applaudi-mos</i>  |
| <i>ama-stes</i>  | <i>deve-stes</i> | <i>applaudi-stes</i> |
| <i>ama-ram</i> † | <i>deve-ram</i>  | <i>applaudi-ram</i>  |

que corresponde ás fórmulas latinas:

|                     |                     |                      |
|---------------------|---------------------|----------------------|
| <i>ama-v-i</i>      | <i>mon-u-i</i>      | <i>audi-v-i</i>      |
| <i>ama-v-i-sti</i>  | <i>mon-u-i-sti</i>  | <i>audi-v-i-sti</i>  |
| <i>ama-v-i-t</i>    | <i>mon-u-i-t</i>    | <i>audi-v-i-t</i>    |
| <i>ama-v-i-mus</i>  | <i>mon-u-i-mus</i>  | <i>audi-v-i-mus</i>  |
| <i>amã-v-i-stis</i> | <i>mon-u-i-stis</i> | <i>audi-v-i-stis</i> |
| <i>ama-ve-runt</i>  | <i>mon-u-e-runt</i> | <i>audi-v-e-runt</i> |

† Esta forma *am ão* fixou-se no seculo XVI.—Seculo XII—*em*, XIII—*om, on*, XIV, XV—*om, õ*.

Dizem os grammaticos que *amei* é contração de *amado hei*; *amaste*, de *amado has*, etc. De feito, são estas as fórmulas correspondentes, e sabemos que no latim o participio precedia o auxiliar; mas basta confrontar o paradigma portuguez com o latino para nos convenceremos de que a nossa lingua aceitou o typo latino, e que as desviações que apresenta são devidas ás regulares modificações phonicas.

No latim *ui* e *vi* exprimem o thema do perf. da raiz *fu*, e d'ahi—*ama fui*—*ama-hui*, *ama-ui*, *ama-vi*.

*Vi* juntava-se, em regra, aos themas do pres. dos verbos derivados das flexões—*ā*, *ē*, *ī*, para formar o perfeito *amo*, *amavi*, *amamus*, *amavimus*.

Nos verbos da primeira conjugação (*a-vi*), deu-se a quéda do *v* em todas as pessoas,<sup>1</sup> e d'ahi, pela mudança regular do diphthongo *ai* em *ei*,<sup>2</sup> *ama(v)i* = *amei*. A quéda do *v* medio arrastou a do *i* (*e*),<sup>3</sup> e d'ahi *amaste* = *ama(v)(i)sti*, *amamos* = *ama(v)(i)mus*, *amastes*, *amaram*.

Na terceira pessoa do sing. (*amou*—*amavit*) a terminação *it* caiu porque não soava na lingua popular; o *v* (principalmente por se tornar final) mudou para a vogal *u* (*amavit*, *arui*, *dese-ruit*...); o diphthongo *au* transformou-se em *ou*.

<sup>1</sup> *Probai* por *probavi*; *calcai* por *calcavi*, etc.

<sup>2</sup> *Primario* = port. ant. *primairo*, *primeiro*. *Januarius* = *janeiro*.

<sup>3</sup> *Abit* = *abivit*, *exit* = *exivit* (P. l.): *ierunt* = *ieverunt*, *redit* = *redivit*.

(Ter.)... E o *i* longo latino soava ás vezes *e*—o que fez com que Luerlio propuzesse fosse elle representado pelo diphthongo *ei*.

Os verbos da 2ª e 3ª conj. formaram o preterito analogicamente, dando-se apenas na 1ª pessoa do sing. a contracção de *ei* em *i*—*ouvi*, *applaudi*. Formaram-se, pois, os da 2ª das fórmulas latinas não syncopadas, de accôrdo com as regras da accentuação (Cp. *audi-v-i*—*ouii*, *ouvi*).

Nos verbos da 2ª conj. é de notar que os Latinos ajuntavam simplesmente um *i* ao radical para a formação d'este preterito:—*prehendo*—*prehendi*, *prendi*.

A 2ª pess. do sing. tinha no seculo XII desinencia identica á latina (*fezista*); no seculo XV a dental abrandou em *d*, encostando-se no XVI de novo ao typo primitivo. É o unico tempo que conservou a dental latina das 2ªs pessoas—*amastes*, *vendestes*, *applaudistes*.

8.—*Mais que perfeito*.—Formou-se do tempo correspondente em latim. O que dissemos com relação ao preterito; explica as modificações phonicas porque passou.

|            |               |
|------------|---------------|
| amá-ra     | ama-v-era-m   |
| amá-ra-s   | ama-v-era-s   |
| amá-ra     | ama-v-era-t   |
| amá-ra-mos | ama-v-era-mus |
| amá-re-is  | ama-v-era-tis |
| ama-ra-m   | ama-v-era-nt  |

E assim para as outras duas conjugações. Houve deslocação do accento na 1ª e 2ª pessoas do plural.

Já são do seculo XVI as fórmulas—*foreys*, *amáreys*, *léreys*, *ouwireys*.

9.—FUTURO. A sua formação remonta aos tempos históricos.

O latim tinha um futuro, que se conserva na fôrma *e-ro*, antigo *e-so* (= *so*); e outro primitivamente periphrastico, composto de um thema verbal ou de uma flexão nominal do verbo e do presente de *fuo*, que só se empregava em composição. *Fuo* mudou-se em *u-o*, *v-o*; a semivogal *v* permutou em *b*, e assim se formou o futuro em *bo* na latinidade antiga.

Na época da decadência, porém, as fíneas latinas deixando de ser pronunciadas, houve forçosa confusão de fôrmas, e impossível era aos populares a distincção entre o imperfeito *amabit*, *amabam*, e o futuro *amabit*, *amabo*. Para removerem esse embaraço, crearam os Romanos uma nova fôrma de futuro, composta com o infinito do verbo e o presente de *habere*: —*amare habeo*, *habeo dicere*, *habeo ad te scribere* (Cic.)...

Este futuro periphrastico por fim alterou o classico, e foi o adoptado por todas as linguas romanas, que conservaram a inversão latina.

*Amare habeo* deu *amar hei* (assim como *habeo amare*—*hei de amar*), e pela fusão dos elementos,—*amarei*, *amarás*, *amará*, etc. Que a desinencia ainda conserva, porém, fóros de palavra independente, prová-o o facto de poder separar-se do verbo:—*escrever-te-hei*, etc.

10.—CONDICIONAL. Nada temos a accrescentar ao que já dissemos.

11. — IMPERATIVO. As 2<sup>as</sup> pessoas (*ama, amae*) formam-se das correspondentes latinas (*ama amate, mone monete, audi audite...*) As 3<sup>as</sup>, de uma reproducção da fórma do pres. do subjunctivo — *ame elle, amem elles*, e bem assim *ame-mos, applaudamos*, etc.

Conserva a 2<sup>a</sup> pess. pl. de alguns verbos, vestigio do *t* do latino: *ponde, tende, lêde*.<sup>4</sup>

12. — SUBJUNCTIVO. *Presente*. É uma reproducção do typo latino.

1<sup>a</sup> CONJUGAÇÃO

2<sup>a</sup> E 3<sup>a</sup> CONJUGAÇÕES

| Port.   | Lat.            | Port.  | Lat.          |
|---------|-----------------|--------|---------------|
| ame     | ame- <i>m</i>   | — a    | a- <i>m</i>   |
| ame-s   | ame- <i>s</i>   | — as   | a- <i>s</i>   |
| ame     | ame- <i>t</i>   | — a    | a- <i>t</i>   |
| ame-mos | ame- <i>mus</i> | — amos | a- <i>mus</i> |
| ame-is  | ame- <i>tis</i> | — aes  | a- <i>tis</i> |
| ame-m   | am- <i>ent</i>  | — am   | a- <i>nt</i>  |

As modificações unicas são a quêda do *m* latino das 1<sup>as</sup> pessoas sing., do *t* final das 3<sup>as</sup>, e do *t* medio das 2<sup>as</sup> do plural. Todas são regulares, e a ellas já nos referimos acima.

Nos derivados da flexão em *e* e *i*, dá-se ás vezes a perda da vogal thematic (*deya* por *devea* = lat. *debea-m*; *vista* por *vestia* = lat. *vestia-m*).

13. — S. IMPERFEITO. — Forma-se do mais que perfeito do subjunctivo latino (fórma popular).

<sup>4</sup> Seculo XVI *amay, ovi...*, e *sede, lede*.

| <i>Port.</i> | <i>Lat. pop.</i> | <i>Lat. class.</i> |
|--------------|------------------|--------------------|
| ama-sse      | <i>amassem</i>   | ama-v-issem        |
| ama-sse-s    | <i>amasses</i>   | — — isse-s         |
| ama-sse      | <i>amasset</i>   | — — isse-t         |
| ama-sse-mos  | <i>amassemus</i> | — — isse-mus       |
| ama-sse-is   | <i>amasseis</i>  | — — isse-tis       |
| ama-sse-m    | <i>amassent</i>  | — — isse-nt        |

No seculo XVI ainda era frequente o emprego do mais que perfeito do Indicativo pelo subj. pres. *Se eu fôra um dos benemeritos*— (Vieira, *Serm.*), e no seculo XV o do Infinito pessoal pelo subjunctivo— *O Imperador desejara muito de ficardes na sua terra* (Barros).

O 1º emprego ainda é usado por alguns escriptores puritanos; do 2º ha exemplos que entendo devem ser imitados— *trabalha, filho meu, por agradarem tuas obras a Deus* (M. Pinto).

14. FUTURO.— São encontradas as opiniões quanto á sua etymologia. Querem alguns grammaticos que elle se forme da 2ª pessoa sing. do pret. perf. do Ind.; outros opinam que do infinito; raros— e com mais cabimento— derivam-no do futuro perfeito do subjunctivo latino.

|           |             |
|-----------|-------------|
| ama-r     | ama-v-erim  |
| ama-r-es  | — — eri-s   |
| ama-r     | — — eri-t   |
| ama-r-mos | — — eri-mus |
| ama-r-des | — — eri-tis |
| ama-re-m  | — — eri-nt  |

*Amares* corresponde de feito a *teres de amar*; *amarmos*, a *termos de amar*, etc.; mas não ha differenças entre esses dous paradigmas, desde

que attendamos a que — como já vimos — o *v* caiu sempre, e bem assim o *m* da 1ª pess. do sing. e o *t* e *nt* das 3ª, perdidas estas que arrastaram forçosamente a quédia do *i* da flexão, que d'outra fôrma tornar-se-ia final. Assim se explica a semelhança que apresentam com o infinito as 1ª e 3ª pess. *Ama(v)er(im)*, *ama(v)er(it)* = *amaor*, *amar*.

As fôrmas do futuro do subj. já se encontram em docs. do seculo XV (*ouvirdes*, *fordes*, *amardes*, *lerdes*).

15.—INFINITO. É de origem latina.

16.—PARTICÍPIOS. Pouco mais temos que acrescentar ao que dissemos acima. Sobre o part. pass. em *eito* (alguns ainda muito frequentes nos textos do seculo XVI)—*escolheito*, *escorreito*, *correito*, *colheito*, *recolheito*, *encolheito*, *cozeito*, *tolheito* (=ido, typo latino em *ectus*, *collectus*, etc.), cp—*feito leito peito treito contreito*, (G. V. III, 251), *maltreito*, *bieito*, *feito*, *empleita*, *colheita*, etc...

### Tempos compostos

17.—Na formação dos tempos compostos, emprega o portuguez os auxiliares—*ter*, *haver*, *ser* e *estar*.

O processo não era estranho ao genio da lingua; já era conhecido dos Romanos, que, perdido o sentimento da declinação e das flexões

verbaes, tiveram, seguindo a tendencia analytica, de empregar palavras auxiliares—preposições e certos verbos de significação muito geral—, para clareza da phrase. D'ahi as fórmulas—*habeo dictum, habeam scriptum*... a par das syntheticas—*dixi, scripseram, habeas scriptum* por *scripseras, habes instituta* por *instituísti, redempta habet* em vez de *redemit*...<sup>1</sup>

### VERBOS PASSIVOS

18.—O portuguez rejeitou de todo a fórmula synthetica do passivo latino, substituindo-a pela composta do participio passado e do verbo *ser* ou *estar*.

Esta mudança morphologica, porém, já era frequente no latim popular:—*hoc volo esse donatum* (por *donari*), *quod ei nostra largitate est concessum* (por *conceditur*), *sum amatus* (por *amor*), *sunt aspecta* (*aspectantur*), *est possessum* (*posseditur*), etc. E assim *amatus sum* ou *fui, eram* ou *fueram, ero, essem, esse*.

Por outras palavras. A conjugação passiva latina era expressa por várias fórmulas simples:—*amari* ser amado, *amor* sou amado, *amabar* eu era amado, etc. Mas em alguns tempos, como no perfeito e mais que perfeito do Indicativo, empregaram os Romanos fórmulas compostas do participio passado do verbo principal e do auxi-

<sup>1</sup> Todos esses dizeres são class.— Cesar, Cicero.

liar *ser*:—*amatus fuit*. As linguas romanas adoptaram essas fórmulas analyticas, «que mais estavam em harmonia com o espirito da lingua popular, e que de todo supplantaram as fórmulas simples».

19.—Tinham mais os Latinos grande numero de verbos activos intransitivos de fórmula depoente (passiva), e de fórmulas passivas de sentido activo:—*reversus sum, profectus sum...*; me *ultus sum* (eu me sou vingado, eu vinguei-me; fr. *je me suis vengé*).

Neste ultimo caso, o sujeito sendo ao mesmo tempo auctor e objecto da acção, o verbo reflexo latino assimilou-se ao passivo.

20.—O processo a passivador dos verbos activos pela junção da enclise *re* nas terceiras pessoas e no Infinito impessoal (cultiva-se *a terra e a intelligencia*), já era conhecido dos Latinos, e já nos referimos á fórmula periphrastica (pronomes *se* + fórmula verbal activa), cujos elementos se fundiram por fim.<sup>1</sup>

O portuguez absorveu na fórmula activa todos os verbos depoentes latinos, que já eram pela maior parte transitivos na linguagem vulgar:—*arbitrare, moderare, partire... arbitrari, moderari, partiri...* Os nossos classicos, porém, es-

<sup>1</sup> *Amor* = *amo-se*, etc. Como no grego, o pronome serve de reflexivo ás 3<sup>as</sup> pessoas. Esta formação periphrastica auctorisa a supposição de que o latim teve desinencias correspondentes ás gregas *mai sai tai*, para exprimir o medio passivo; e o grego com excepção do aoristo 1<sup>o</sup> do futuro, exprime o sentido passivo e medio pelas mesmas fórmulas:—*λύωμαι* = *eu me desprendo e sou desprendido*.

tendiam o emprego d'esta fórma aos verbos neutros:—*a avezinha se caiu; ella se morreu* (B. Rib.), *cair-se, emmagrecer-se, acontecer-se, partir-se* (*d'alli nos partiramos*, Cam.) etc... Hoje só temos esta liberdade quando o verbo neutro exprime espontaneidade da acção:—*vive-se, come-se, bebe-se, dorme-se...*

O latim procedia da mesma fórma com os verbos mixtos (*semi depoentes, neutro passivos*):—*ceno, prandeo, poto*, faziam *cenatus sum, pransus sum, potus sum...* Cp. port. — *bem comido, estar dormido.*

21.—Os Latinos tinham tambem um outro modo de exprimir que a acção era feita e soffrida pela mesma pessoa, além da voz passiva. Empregavam o verbo na voz activa, mas acompanhado de um pronome regimen (reflexivo da 3ª pessoa):—*Virgo de cespite se levant* (*a virgem levanta-se da relva*). O portuguez, como as outras linguas congeneres, adoptou esta construcção latina, e assim se crearam os nossos verbos *reflexos pronominaes*.

Se o verbo é transitivo, o pronome é regimen directo (*mover-se*); se intransitivo, o pronome é regimen indirecto (*arrepender-se*).

O desenvolvimento analogico d'esta fórma no portuguez antigo, deu em resultado uma serie de verbos que não são propriamente reflexivos, mas simplesmente pronominaes, porque o pronome nem faz as funcções de regimen directo nem de regimen indirecto (*apoderar-se, partir-se, morrer-se, deliberar-se*, etc).

influo  
e ben  
uma  
letras  
I  
deslo  
se ju  
impo  
I  
os ve  
resun  
2  
senca  
xiona  
consc  
vezes  
I  
audio  
2  
nos re  
verbo

ETY

1  
a  
onde,

22— Já fizemos sentir em outro lugar a grande influencia da analogia na conjugação portugueza, e bem assim que as irregularidades são devidas a uma lei de accentuação ou á acção de certas letras sobre as do radical.

Na conjugação latina o accento dos verbos deslocava-se segundo a natureza da flexão que se juntava ao radical, e este facto é de grande importancia.

No portuguez antigo eram em maior numero os verbos de duplo radical (atono e tónico), hoje resumido pela acção da analogia

23.— A acção flexional depende: 1º da presença de um *i* ou *e*.— Neste caso a acção flexional cae ora na vogal diphthongada, ora na consoante que se modifica ou é syncopada, e ás vezes sobre ambas.

D'ahi as transformações dos radicaes. Cp. *audio*, *debeo*; *hav* (radical de haver)—*hei*, etc.

2º— Introduccão de letras euphonicas.— Já nos referimos ao facto, que obriga ás vezes esses verbos, por motivos euphonicos, a dous radicaes.

---

## CAPITULO IX

### ETYMOLOGIA DAS PALAVRAS INVARIAVEIS

#### I. — DO ADVERBIO

1.— Os nossos adverbios originam-se:

a) de um adverbio latino simples: — *já*,  
*onde*, *lá*.

b) de particulas latinas :— *assás* (= ad satis), *avante* (ab-ante).

c) de adjectivos :— *alto, forte, baixo, certo, raro, tarde*, etc...

d) de um adjectivo na terminação feminina e o suffixo *mente* :— *raramente*. Por derivação.

e) de duas palavras portuguezas :— *ante-hontem, outr'ora, amanhã*.

2. — Das modificações adverbias, a mais de notar é a do *s* paragogico, mais frequente nas fórmulas archaicas :— *entonces, antes, algures*...

### Adverbios de tempo

**Amanhã**—Form. port. :— *a + manhã* (*ad manè*).

**Antes, ante**; *ant* em J. de Barros, *Ined. d'Alc.*, etc. Do lat. *ante*.

**Até**—lat. *hactenus*, d'onde a fórmula port. *hacté*. Fórmulas arch. *atá, athá, attá, atáa* (*Liv. de Linh., Ord. Aff. e M. Ined. Azur.*)

**Agora** = *hac hora*.

**Cedo** = lat. *cito*.

**Hoje** = lat. *hodiè* (*hoc die*); port. arch. *oy* (S. Ros.), *oje*; hesp. *hoy*; fr. *aujourd'hui*, arch. *hoi, hui*, it. *oggi*.

**Hontem** = lat. *ante hodie* (*hodie ante*) na opinião de alguns; de *ad noctem*, segundo outros (Cornu, etc.) E dos primeiros documentos da

ling  
iere,

H  
(Doc.

Na  
(ont po  
da vog  
assi ass  
ficam a

Cp  
simples  
e nesse  
Jam ant

J

J  
propri

L

N  
nunqu

Og  
agora).

—Fr.

O

outra

Po  
depois.

Q

Se

Ta

lingua; port. arch. *heri* = lat. *heri*, fr. *hier*, it. *iere*, hesp. *ayer*.

Havia, porém, no port. a forma *oyte ooyte*, (Doc. de 1743 — *Eluc.*), a par de *onte ontem*.

Não será *hontem* de formação portugueza: *ant'oy, ont'oy* (*ont* por *ant* — também no hesp.)? O *m* epithesico, nasalisação da vogal final, é muito frequente no portuguez — (*si sim, assi assim*, etc.) De resto, *ad noctem*, hesp. *anoche*, não significam *amanhã*, mas *ao declinar do dia, perto da noite*.

Cp. *mais* — *oge, ogè die* = *hodie*; lat. — *hesterno die* ou simplesmente *hesterno* = *hontem*, ANTEHAC em tempo passado, e nesse mesmo sentido emprega-se *hontem, ante-hontem*, etc. *Jam ante* = d'antes, anteriormente (Cic.)

**Já** = lat. *jam*.

**Jámais** = De *já* e *mais*, *jam + magis* (Sign. propriamente *nunca mais*).

**Logo** = lat. *loco* (in loco).

**Nunca** = lat. *nunquam*. — F. arch. *nuncas, nunqua*.

**Ogano, oganho** = lat. *hoc anno* (este agora, agora). *Vem ogano mais portuguezmente* (Eufr.) — Fr. ant. *oan uan*. É forma archaica.

**Outr'ora** — É de formação portugueza — *outra hora* (d'antes).

**Pós** = lat. *post*. — Deu *após, empós* arch., *depois*.

**Quando** = lat. *quando*.

**Sempre** = lat. *semper*.

**Tarde** = lat. *tarde*.

Além das fórmãs de creação vernacula já citadas, temos—*d'hora em diante, ante hontem, ha pouco, depois d'amanhã, tresantehontem...*

Temos mais—*ainda, inda*=lat. *inde, amanhã* (a + manhã), *depois* (de + pois), *então*, arch. *entonce entonces*, ant. *entom* (in + tunc)... e os obsoletos—*crás*=amanhã (G. Vic.)=lat. *crás*; *aliquando* (f. lat.), *asinha*=depressa (lat. *agiliter?*). Creio mais é fórmã abreviada de *agil-sinha*; <sup>1</sup> *desende desen desi de-y*=*deinde*, d'ahi, desde ahi.

### Adverbios de logar

3.— Perdeu o portuguez algumas das perguntas de logar dos Latinos, que eram quatro. Assim, *unde* tem sempre a mesma fórmã para o logar em que estamos, de que viemos, e para onde vamos. Para exprimir essas differenças somos obrigados a fazer preceder o adverbio *onde* da prep. *de* (pergunta *unda*) ou *a*, *para* (pergunta *quã*) (onde, d'onde, aonde, para onde, por onde).

**Aqui**, ant. *qui*; hesp. *aqui acá*; it. *qui*; fr. *ici*.

Diez deriva-o de *ecce hic* (*ec'hic*); outros, da fórmã pleonastisa *hac hic*.

<sup>1</sup> Trabalhos não a quebrantam com elles vai mais *asinha*.

(F. DE CASTILHO).

Nos Ined. d'Alc., Versão da R. de S. Bento,—*agina*. I, 256, 270; II, 258.

T  
e ben  
adver  
que d  
etc. N  
hi, té

En  
é que m  
notemo  
e susão  
aqui jus

A  
hi, i,  
ü hi

D  
o com  
Mas fo  
é de  
mente  
ende (

A  
tendeu  
Ter.);  
antre

A  
*hinc.*—  
de orig  
(a +  
*adeanu*

<sup>1</sup> Af  
adrede, d

Tenho, porém, para mim, que este adverbio, e bem assim *alli*, *ahi*, *acá*, *alá*, formaram-se do adverbio latino com a prep. *a*, do mesmo modo que de *unde* se formou *onde*, e depois *aonde*,<sup>1</sup> etc. Nos classicos encontram-se as fórmas — *y i hi*, *té li*, *té qui*, *per hi*, e *hi-vos d'hi*, etc.

Em *aquó*, *acujuso*, *acasuso* (d'aquem, em baixo, em cima), é que mais parece dar-se a influencia do demonstr. lat. — Mas notemos que no port. havia as fórmas *juss-ão*, *ante* (de baixo), e *susão suso* (de cima): *acujuso* póde, pois, ser corrupção de *aquijuso* (aqui de baixo); *acasuso*, de *aquisuso* (acásuso).

**Ahi.** — Corresponde ao latim *ibi*; deriva de *hi*, *i*, d'onde as fórmas archaicas portuguezas — *y ii hi ay*. *Ahi* = *a* + *hi* = lat. *ecce* + *hic* (*ad hic*).

*D'ahi* tem por etymologia, na opinião geral, o composto latino *deinde*, a que corresponde. Mas força seria então derivar *ahi* de *inde*. *D'ahi* é de criação portugueza; a forma que directamente se derivou de *deinde* é a arch. *desende*, *ende* (*d'ahi*).

**Alli** = lat. *illic*, *illi*; port. ant. *li*. O *e* final tendeu sempre a cair (*hic hi*, *nec ne*, *illic illi*, Ter.); o *i* inicial transformou-se em *a* (cp. *inter* antre entre); ou de *ad* + *illinc*, segundo outros.

**Áquem** — Derivam-no os grammaticos de *hinc*. — Em minha opinião é um adv. composto, de origem portugueza, e de formação emphatica (*a* + adv. *quem* = para cá d'esse logar. Cp. *adeante*). Corresponde a *a ende*.

<sup>1</sup> *Afora*, *adentro*... *desi*, *deshoje*, em muito, *de* ascinte, *de* adrede, *de* antigamente, *dê* melhormente, etc.

**Além** — Deriva de *aliunde*, que ás vezes corresponde a *alibi*. Cp. *allende* (hesp.)

**Ante, antes** = lat. *ante* (*antea*). — O *s* da 2ª fôrma é como que a característica dos adverbios antigos. Em composição — *deante*, *adeante*.

O esquecimento etymologico é que nos obrigou ás fôrmas actuaes — *deante de*, etc.

*Ante com ante* é loc. adv. antiga; *de hora em ante*, diziam ainda os do seculo passado, por *d'ora em deante, avante*.

**Avante** = lat. pop. *abante* (*ab* + *ante*).

**Acolá** = lat. *ecc'illá* (*c*), ou melhor de *hac illá* (*illac*). Significa *aquelle* logar, propriamente *ahi lá*, para indicar logar mais remoto d'aquelle em que estamos.

*Lá* no port. ant. era *alá* (*hac alá, acolá*) = *illac*.

**Algures.** — Querem geralmente que este adverbio se origine de *alicubi* = *aliquo ubi*, ant. *aliquobi*, que ás vezes vem reforçado por *hic* (*hic alicubi*, Cic.) Parece-nos, porém, mais acertada a etymologia *al'quoris* (*aliquis oris* = alguma região).

F. arch. — *algun*.

**Alhur, alhures** (arch.). São varias as etymologias apresentadas: *aliubi* (= *alio ubi*), *aliunde* (= *alio unde*), mais acertadamente de *alioris*, *aliorum*, ou de *alioris* (*alii + oris*)

**Arriba** = l. v. *arriba* (= *ad ripam*).

(= *sest*)

phr.

agu  
(Car  
este  
Gui

ecc'  
egre

deine

oppõ

os gr  
oris)

1 C  
Arreo,

2 P

3 C

PACH

**Arredo**, *aredo*, arch. *arreo* = lat. *v. à retrò* (= para traz, para longe): — *arredo vá de nós o sestro agouro* (D. Fr. Man.)

Perdeu-se o adv. portuguez, ao passo que a phrase latina — *vade retro* é hoje popular. <sup>1</sup>

**Alló, alò**, arch. (= lat. *illo* = *illuc*, para aquelle logar, então): — *allò hallara holgança* (Canc. ger.), *dizendo a El-Rei tudo o que sobre este negocio allò viera* (Fern. Lopes, *Chron. de Guiné*).

**Cá**, port. ant. *qua*; *acá* = para cá. Do lat. *ecc'hac*, d'onde *ecá*, *cá* (Cp. *enamorar* *namorar*, *egreja greja*, *Ethiopicos Tiopicos*, etc.)

**Cerca** = lat. *circa*.

**Dentro** = *de intro*.

**Ende**, *desende desen desi de-y*, etc. = *inde, deinde*.

**Fóra** = lat. *foras* (*foris*).

**Lá**, arch. *alá* <sup>2</sup> = lat. *illac*. *Allá* (para lá) oppõe-se a *acá* — Cp. *alli acolá aqui*.

**Longe** = lat. *longe*.

**Nenhures**. De *nec ubi, necorsum*, conforme os grammaticos. Em minha opinião, de *neoris* (*nec oris*) opposto a *algures*. <sup>3</sup>

<sup>1</sup> Como outras muitas — *Te-Deum, Dominus-tecum, Amen, Arreo*, (*Vida do Arcebispo*); a *reque* é forma açoriana.

<sup>2</sup> *Neoris, nenoris* (*nec ne* = *nem*), *nenhores, nenhum*.

<sup>3</sup> *Chron. do Cond., Ord. Aff., Ined. d'Alc. etc.*

**Onde** = lat. *unde*, port. arch. *u*, *hu*: — *o mel vae vuscar-se hu ha colmeias; non cries galinhas hu raposa mora*. Os antigos tambem empregavam, como ainda hoje a gente ignorante, *aonde* e *adonde* por *onde*; e *u hu* no sentido de *aonde* (Cp. fr. *où*: — *où vas-tu? aonde vás?*)

*U* contrahiui-se no adj. articular (*ulo ula* = *onde o*): — *ulas partes que damos á virtude; ullo ser e autoridade de fidalgo?* (Sza. V. do Arc.)

**Adú** = ad'onde: — *se partiui ad' u viera*.

Nos classicos (Lucena, etc.) encontra-se erradamente *onde* por *d'onde*.

Deve-se empregar *onde*, *aonde*, *d'onde*, conforme o lugar a que nos referimos (*onde estás? d'onde vens? aonde* (para onde) *vás?*)

**Perto** = lat. *pertus*.

**Traz** (atraz, detraz) = lat. *trans*.

**Suso**, arch. — em cima. Do lat. *susum* por *sursum* (Pl., Cat. etc.).

#### Adverbios de quantidade

4. — São quasi todos de origem latina.

**Apenas** = lat. *poena* (a + pençe). *Penè*.<sup>1</sup>

**Assás** = lat. ad *satis*. Tinha muitas vezes sentido de *muito*.

**Bastante** = do adj. verbal.

<sup>1</sup> *Apenas*, com pena, a + penas (difficuldade, trabalho).

**Cerca**=lat. *circa*.

**Como**=lat. *quomodo*, pelas fórmias intermediarias *quomo*. C'o por *como* geralmente na poesia.

**Mais**=lat. *magis*.

**Meio**=lat. *medius*. Sign. *algum tanto*.

**Menos**=lat. *minus*.

**Mui muito**=lat. *multum*. No seculo XV empregavam ambas as fórmias para o sup. abs.: —*gente de pé mui muita sem conta* (=muitissima).

F. arch. *mult* (seculos XII-XIII).

**Nada**=lat. *nata*. Da fórmia completa *res-nata*, o port. só conservou o adjectivo, 2º elemento, *nata*.

**Pouco**=lat. *paucum*.

**Quão**=lat. *quam*. Emprega-se antes de adjectivos e adverbios com sentido de—*por tal modo* ou *tanto* (*quam sem excusa*, Luc.; *quão azinha em meu dano vos tomastes*, Cam.; *camanho*).

**Quanto**=lat. *quantum*.

**Quasi**=lat. *quasi*. F. arch. *casi quage quagi*.

**Tão**=lat. *tam*. Corresponde a *tanto*; sign. a tal ponto, em tanto modo. Empregado com *muito* representava o superlativo absoluto (seculo XIV): —*porque tão muito tarde d'esta vez*. . . (Canc.).

Fórmãs ant. *tam tom*.

Em composição com *manho* (= magno) deu *tamanho*.

**Tanto** = lat. *tantum*.

Compostos: — *outrotanto* (alterum tantum), *com tanto*, *no emtanto*...

Fórmãs arch. — *adar* — apenas; *chus*, *plus* — mais... (lat. *que farte*; — *fartim*) — assás; *tam-a-la-vez* = algum tanto, raro, etc.

NOTA. — Os classicos empregavam frequentemente os adverbios *bem* (benè), *mal* (malè), para, á maneira dos Latinos, darem aos adjectivos força intensiva: o *coração* bem mais largo *que as praias do Oceano* (Luc.) etc. E ainda hoje dizemos *com Souza* — *ficar mal ferido*, bem como — *dei-lhe bem a entender*, etc.

### Adverbios de exclusão e designação

5. — De alguns já tratamos, como *apenas*; outros formam-se por derivação — *sómente*, *unicamente*.

**Porém**, arch. *porende* = lat. *proinde*.

**Senão**. De *si* + *não* (lat. *sic non*).

**Sequer**. É dos primeiros docs. — Significa propriamente *se quizer*, *ao menos*.

**Só** = lat. *solus*.

**Eis**, port. arch. *ex* = lat. *ecce* — seculos XIII e XIV. Cp. — *eis aqui*, *eis alli*...

### Adverbios de modo

6.—São em crescidissimo numero, que multiplos são os modos de ser da materia ou do pensamento.

São adverbios de modo — *assim* (ant. *assi*), *assim assim*, *bem* (lat. *bene*), *mal* (lat. *male*), *como*, e quasi todos os derivados, isto é, formados de um adjectivo feminino e da terminação — *mente*. *Assim* derivou de *ad* + *sic* ou de *in* + *sic*, segundo Littré. <sup>1</sup> O portuguez, rejeitando as terminações adverbias latinas em *e* e *ter* (*certe*, *prudenter*), recorreu á fôrma periphrastica latina, mui frequente entre os escriptores do Imperio — *bona mente factum* (Quint.), *devota mente* tumentur.

A terminação *mente*, pois, é o ablativo latino do subst. fem. *mens mentis* (espírito, entendimento, mente); mas que os Latinos já empregavam no sentido de *modo*, *maneira*.

Cp.: *Elle procedeu de boa mente; elle trabalha boamente.*

Esta desinencia conserva ainda a idéa etymologica, e nem perdeu sua vida propria e independencia: não soffreu modificação phonetica, e pôde separar-se do adjectivo: — *Elle escreve clara, concisa e elegantemente.*

<sup>1</sup> *Outrosim* = *alterum sic*.

Não ha razão—a não ser a ignorancia—para não empregarmos—*maiormente* (mórmente), *melhormente* (Camões, etc.), *mesmamente*, etc.

**Alias** = lat. *alias*.

**Adrede** = acinte, propositalmente. Forma outro adj. de modo — *adredemente*; com prep. — *de adrede*.

**Acinte** (assinte). — De caso pensado, mas com má intenção. *De acinte*, *acintemente* (lat. *ad sciente*, do verbo *scio* = saber, conhecer, ter noticias: *ad scienter* = sabidamente). Ex.: — *quer fosse acinte feito*, quer acaso (Eufr.); *assintes mui de pensado* (Vieira). *Sinte*; *a sinte* = a *sabendas*. Cp. *a-tento*.

Alguns adverbios de modo derivam-se da fôrma comparativa do adjectivo: — *antiquissima-mente* = muito antigamente.

### Adverbios de interrogação e duvida

7. — Daremos os principaes:

1º **Porque** = por + que = lat. barb. = *per quæ*, *per quod*.

**Como**, ant. *quomo*<sup>1</sup> = lat. *quomodo*.

**Quanto** = lat. *quantum*.

**Quando** = lat. *quando*.

2º **Acaso** = lat. *a casu* — *Por acaso*.

<sup>1</sup> Ined. d'Alcob, II. 266.

**Porventura** (por + ventura).

**Talvez** (tal + vez).

**Quiçá**, arch. *quesais, quiçais, quissá, quicaes*. Corresponde ao fr. *qui sait?* ital. *chi sa?* — gall. *quizaves, quezayes, quisais, quixais*. É o latim pop. — *quis sapit* (quis sap. qui sab, quiçá).

**Não** (=lat. *non*). Esta particula nem sempre tem força negativa; ás vezes significa *porventura, acaso* — a duvida (Vide *Syntaxe*).

#### Adverbios de afirmação e negação

8. — São de *afirmação* — **sim** (=lat. *sic, si*); port. arch. *sic*, ant. *si*; *certo certamente, seguramente* . . . — *Tambem* = tão bem.

As *negativas* dividem-se em *simples* e *intensivas* ou *reforçadas*.

a) *Negativa simples*. É **não** = lat. *non*, tambem unica neg. simples no latim.

F. arch. — *no nun non*

*Menos* (minus), *nada, nunca* (lat. *nunquam*).

*Sem* nos seculos XIV e XV tinha força negativa, e empregava-se pela neg. *não*, como se vê em mais de um passo de Fern. Lopes (*Chron. G.*)

b) *Negação intensiva*. — Resultado d'esse principio conservador a que se chama *emphase*, a negação intensiva é factó vulgar em todas as linguas, maiormente nas locuções populares. Vide *Syntaxe* do adverbio.

Consiste o processo em substituir a idéa pela imagem: pluma *haud interest, non fili facere, non nauci facere*; e assim *flocus, mancus, triobolum*, etc. . . . Por fim a imagem desaparece; a expressão deixa de ser figurada para se tornar abstracta: *nihilum nihil* = nada, são compostos de *ne* + *hilum*, que significava « nem mesmo um d'esses pontos negros que se encontram no extremo das favas ». — *Nihil igitur mors est, ad nos nequem pertinet hilum* (Lucr.)

Muitas vezes duplica-se a negativa para mais reforçal-a: — *nem nique nem nada; nem eira nem beira, nem ramo de figueira; nem chique, nem nique, nem nada* (G. Vic.)

Vejamos agora rapidamente os principaes processos do reforço negativo: <sup>1</sup>

a) repetição similar: — *não-não, nem-nem, nada-nada* . . .  
Data do seculo XIII.

b) repetição dissimilar: — *nem-não, não-nem, não-nada*, etc.

c) emprego de equivalentes pronominaes: — *nenhum-nem, outro-nenhum* ou *ninguem* . . . Data do seculo XIII.

d) emprego de equivalentes adverbias: — *nunca-nenhum, nem-nunca, nunca-jámais, nem-jámais, não-nunca* . . . do seculo XII.

e) emprego semeiotico da prep. *sem*: — *sem tom nem som; sem tirar nem pôr, sem tirte nem guarte*.

f) reforço epithetico: — *alma perdida, não vale um figo podre; não ter onde cair morto*, etc. Do seculo XIII.

g) da condicional negativa *senão*, é das equivalentes *que e nego, nega*. São archaicas: — *não tem mais de dous vintens, não se ame a cousa pelo que é*; o emprego do *que* = *senão* é

<sup>1</sup> Lam. de Andrade — *Da negação intensiva*, 1882.

frec  
e X  
tiva  
cou  
can  
mos  
dent  
lativ  
nenh  
segre  
arch  
deix  
emp  
adu  
aliás  
todia  
ogan  
(quã  
desi  
(G. V  
<sup>1</sup> M  
rancia  
tão qu  
póde in  
<sup>2</sup> C  
se refle  
<sup>3</sup> Q  
que nã  
(S. Mir

frequente nos classicos, principalmente nos seculos XVII e XVIII.

h) de equivalentes interjectivas, diminutivas e superlativas—*senão, não; não bofé; nem um bocadinho, etc... cousissima nenhuma.*

i) do infinito pleonastico intensivo:—*eu não canto para cantar; nem que chova que chover, nem que vente que ventar.*

j) depois de certas locuções—*não se podia ter que lh'o não mostrasse; nam tardou que logo nam tomasse.*

k) com o verbo *negar* e outros, nas proposições dependentes:—*neguei que nunca lhe houvesse falado.*

l) negação intensiva seriaria, periodica, ou melhor cumulativa:—*e não menos me maravilho daquelles que crêm que nenhum homem pôde saber aquillo que não tem ser senão no segredo da eternal sabedoria* (G. Vicente).

9. — Muitas particulas e locuções adverbias archaisaram-se e obsoletaram-se; além das que já deixamos apontadas:—*cras* = hontem (lat. *cras*), *empéro* = certamente, *a la fé, bofé* = a boa fé, *adur* = apenas, difficilmente; *chus* = mais, *er* = aliás, tambem, *samicas* = por ventura; *algorem, todioge, soncas* = talvez, *u* = onde (gall. *ulo ula*), *ogano, essora, acorão, camanho e quamanho* (*quão manho* = tamanho),<sup>1</sup> *alhures, desende desen desi* (contr. em *de-y* = lat. *deinde*),<sup>2</sup> *nego* = senão (G. Vic.), *a osadas, a ousadas* = ousadamente,<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Moraes diz que *quamanho* alterou-se em *tamanho* pela ignorancia dos editores. A verdade é que o emprego era diverso (Cp. *tão quão*):—no que passaram *tamanho* trabalho *camanho* não se pôde imaginar.

<sup>2</sup> O emprego frequente d'esse adverbio no port. antigo, ainda se reflecte no falar do povo—*d'ahi foi, d'ahi disse, etc.*

<sup>3</sup> Que posto que ás vezes tarde em lhe dar o pago, a *ousadas*, que não vão sem lhe dares como na sua bestialidade merecem. (S. Mir.)

*nessora, logo essora, agora estora, a deshora quando, adesora* = logo que (G. V., Mir., etc.), *de vedro* — outr'ora, *a sciente* (=lat. *sciente*), *à inveja* (lat. *ad invicem*) no sentido de *à porfia, à competencia*, de uso frequente nos classicos (*andavam à inveja de quem daria melhor mesa as do seu quarto*, — Bar. dec.), *de ligeiro* = facilmente, *de maravilha* = raramente, *de publico, de secreto, pran*, de plano, presentemente; *de frecha* = directamente, sem detença, de chofre ou de entuviada, *de cote* = todos os dias (lat. *quotidie*),<sup>4</sup> *a sabendas* = com conhecimento, *acinte*, etc.

10. — Este processo de formação adverbial é latino; e ainda hoje temos grande cópia d'esses adverbios de modo: — *de leve, de feito, de certo, de espaço, de industria, de véras, de riço, de siso, de primeiro; em breve, em balde, em vão, em fim, em cima; a miudo, à destra, à vez, à medida, à porfia, a espaço, a vulto; com effeito, por ventura...*

11. — Às vezes o nome vae para o plural para maior reforço ou mudança de sentido (*às tontas, às furtadellas, às cegas, às occultas, a espaços, a vezes...*)

12. — No seculo XIV é que começou o emprego dos adjectivos em *o* com força adverbial,

<sup>4</sup> Tenho assaz pera *de cote*  
se mais quizer vesigar (*a*)  
tambem sei laços armar  
tambem tirar com virote.

(Eg. II, 167)

(a) Comer = lat. baix. *vesicari* p. *vesci*.

correspondentes ao ablativo sem preposição:—*certo, claro, manso, passo...* = *de certo certamente, de manso mansamente, de passo pausadamente.*

13.—Dos adjectivos uniformes em *e*, menos vestígios nos restam:—*tarde, longe, suave, leve...*

14.—Na linguagem literaria empregamos alguns adverbios latinos:—*maxime, gratis, retro, supra, infra, item.*

Tambem formamos adverbios de modo, do superlativo organico:—*diligentissimamente.*

## II.—DA PREPOSIÇÃO

1º—A maior parte das nossas preposições simples são de origem directa latina, e conservam as fórmulas e relações originarias: *de*=*de*, —*em* (*in*), *entre* (*inter*), *contra* (*contra*), *por* (*pro*, *per*), <sup>1</sup> *ante* (*ante*), *sem* (*sine*), *sobre* (*super*), *com* (*cum*), *até* (*hactenus*); segundo outros, de *ad* + *tenus*, estribados na f. port. arch. *atem*, ou ainda do arabe *attá*, parecer que se esteja na f. port. tambem archaica *attá*.

Note-se que muitas preposições derivam-se de antigos adverbios ou são preposições e adverbios, conforme a circumstancia é expressa só pela particula (adverbio) ou pela particula seguida de complemento. As relações entre estas

<sup>1</sup> Par p. por em *pardês* = fr. *par Dieu*, hesp. *pardez*; etc.

partes do discurso são tão intimas, que a distincção entre ellas não está na significação, mas no valor syntactico diverso com que indicam a mesma circumstancia de logar, origem ou causa, tendencia ou apartamento.

2º — Muitas são as preposições formadas pela derivação impropria:

a) *de duas preposições simples*:<sup>1</sup> — *depois* (de-post), *deante* (de antè), *atrás* (a-trans), *após* (ant. em pós, *apos de*), *perante*, *dentro* (de intro), *para* (por a, per a)... *Adeante*, *desde* (de ex dê), *até* (a + té = haecenus), etc.

b) de substantivos e adjectivos: — *apezar*, *a par*...

c) dos participios passados e das antigas fórmulas em *ante*, *ente*, *inte* dos participios presentes: — *excepto*, *salvo*, *junto*... *tocante*, *referente*, *concernente*...

d) de adverbios: — *eis aqui*, *eis alli*... *dentro de*, *de frente de*, *perto de*...

3º — As locuções prepositivas são muito portuguezas, e formam-se, pela maior parte, de substantivos ou adjectivos seguidos das preposições *de*, *a*, e bem assim de adverbios e locuções adverbias: — *em face de*, *em virtude de*,

<sup>1</sup> *Avante* = lat. pop. *abantè* p. *antè*, como provam as seguintes linhas de um grammatico romano: — *antè* me fugit dicimus, non *ab-ante* me fugit; nam *præpositio præpositioni adjungitur imprudenter; quia ante et ab sunt duæ præpositiones*. O tal grammatico não percebia que *ab* reforçava a idéa (*adeante*, *atrás*), que ainda mais se tornou intensiva em *devant* (= *de ab ante*), porque por ponto de partida tomou uma fórmula já reforçada.

*por causa de, á força de, longe de, deante de, concernente a, referente a...*

4º—Das preposições simples já existentes no latim, a maior parte só occorre no processo da composição ou nas palavras de criação artificial (*extrafino, superfino*). São ellas—*a ab abs, ad, ante, circum, (co, con), de des dis, e, em (en), inter, es, ex, extra, in, intro, ob obs, per, pre, pro, re, retro, sub, super, trans, tras, tres, ultra, etc.*

D'estas, como se vê das **listas dos prefixos**, algumas têm uma fôrma concurrente popular:—*entre inter, sob soto* <sup>1</sup> *sub so, pos, sobre super.*

### III.—DA CONJUNÇÃO

1.—As conjunções, quanto á origem, podem dividir-se em duas categorias:—as de derivação latina—e as de formação portugueza.

Estas, em geral, são antigas locuções conjunctivas cujos elementos se acham juxtapostos:—*portanto, senão, outrossim* (ant. *outrosi*), *todavia, postoque, entretanto, supposto que, porque, afim de que, poisque, etc.*

2.—Estudemos a etymologia:

**Como**=lat. *quomodo*.

<sup>1</sup> Toma erroneamente a fôrma feminina em *sotacomitre, sotapiloto, sotacocheiro, etc.* Diz-se tambem *sotavento*.

**Ergo** = lat. *ergo*. No seculo XVI empregam de preferencia a fórma contracta *er*.

**E** = lat. *et*, port. ant. *et* (seculos XII-XIV).

**Logo** = lat. *loco* (in loco).

**Mas** = lat. *magis* (adv.)

**Nem** = lat. *nec*.

**Ora** = lat. *hora*.

**Ou** = lat. *aut*.

**Outrosim** = *outro que si*, ant. *outrosi*. F. port. = lat. *alterum sic*.

**Porém**, — port. arch. *pero* (Bar., Azur.). Do latim popular *per inde*, *pro inde* = port. ant. *por onde* (por isso.)

**Porque** = lat. pop. *per quæ*, *per quod*. Corresponde a *por causa de*, *para que*, *ao que*.

**Pois** = lat. *post*.

**Que** = lat. *que* (quod).

**Quando** = lat. *quando*.

**Tambem** = lat. vulgar *tam benè*.

**Si** (se) = lat. *si*.

Fórmulas populares archaicas — *aque* = *eis que*, lat. *ecce* (Ined. d'Alc.), *sed* (= lat. *sed*) — *sed mays beenzen* (Ined. d'Alc.); *nega* (excepto, senão); *si-caes* (si quã, si casu) = si acaso; — *sicaes não foi morto* (G. Vicente), *cã*, arch. *quã*, *car* = porque (Ined. d'Alc., Nob. D. Pedro. F. de Thomar, etc.), que corresponde ao latim *quare*; *er* = tambem; *nanja* (= *nejã*), que se junta ao pronome pessoal, ainda hoje na linguagem do povo em Portugal,

*nanja eu*, e que era frequente no seculo XVI—nas fórmãs *nanjeu nenjeu*; *pero, emperol, perol*=porém, *ende*, etc.

#### IV. — INTERJEIÇÃO

1. — As instinctivas ou naturaes (*ai, hui...*) e onomatopicas (*bum, traz, psiu*), ainda mesmo as formadas pelo reforço similar (*zás trás, bum bum, tim tim, zum zum, babau, grogotó*), não têm etymologia.

2. — As *convencionaes* tiram origem em substantivos, adjectivos, verbos e adverbios, que bem espelhem a emoção de que nos achamos possuidos, que representem a synthese da proposição, e sejam verdadeiro echo dos nossos sentimentos naturaes.

3. — *Apage* e *sus* são de origem latina (lat. *apage*=*ἀπαγε*; adv. lat. *sus*).

*Ay Deus! ay tu! ay me! ave Maria!*... são vestigios do vocativo latino.

*Arre* e *oxalá* originam-se do arabe: a 1ª de *arrie*=caminha; a 2ª de *eux-Allah*=praza a Allah.<sup>1</sup> *Apré* é corrupção de *arre*; e tambem *ipra, irra*, muito usadas no seculo XVI.

<sup>1</sup> Cp. praza a Deus.

*Arre* era a voz usada pelos azemeis para excitarem os animaes a estugarem o passo: hoje os cangalheiros empregam outras interjeições (*anda! caminha! vamos! arreda!*), e *arre* só serve para exprimir colera (Cp. *arrelia*).

4.—Fórmulas arcaicas e antiquadas:—*huhá* (G. Vic.)=cast. *huiha*, *hufá*; *hio*=lat. *io* (G. Vic.); *ipra*=apre, *bofá*=bofê, *aramá eramá ieramá*=em hora má, (id.), *muitieramá*=muito em hora má, *appello eu*; *vae-te a reque* (corrupção do *vade retro*); *maochá* (em má hora), *horassus* (*hora sus*, hoje diz-se—*ora vamos!* para calar), *tá (estae)*, isto é, *cala-te! pára! detem-te!*:—**Ta**, *Pedro, embainha a espada* (Vieira, *Serm.* XV, 7); *hou lá*=holá, *mal peccado* (de pezar: hoje ainda se diz—*por meus peccados*); *guai* (de pezar, sentimento) é forma vulgar de *ai*, posto se encontre em Souza e outros. Que era expressão de ignorancia popular, provam os seguintes versos de Gil Vic.:

Andava elle namorado  
e por, má hora, dizer *ai*  
dizia-lhe *guai*,  
e por dizer-lhe minha senhora  
chamava-lhe minha sinoga.

A precativa *aqui d'El-Rei* ou *ah-d'El-Rei*, e não *ai!* *que é d'El-Rei* ou ainda *ak d'El-Rei*, é essencialmente de formação portugueza. <sup>1</sup>

## CAPITULO X

### SEMANTICA

Podemos deduzir o sentido das palavras da *identidade do radical* (*espelho especie*, √ *spec.*=

<sup>1</sup> *Aqui idelrei*, Doc. 1733 (aqui os de El-Rei, gente d'El-Rei).

ver), o que constitue uma especie de *synonymia latente*, ou da especialisação de affixos, como *a* e *in* privativos (*atonia, injusto*), *per* e *pre* sup. (*perlucido, preclaro*), os expoentes augmentativos e diminutivos (*caixão, caixinha, espadim, quintalete, homunculo*), o suffixo adverbial *mente*.

Quando as palavras são formadas pelo processo reduplicativo, podemos tambem dos seus elementos morphicos deduzir-lhes o sentido:— *ruge-ruge, bule-bule*.

Não assim nos compostos, quando os elementos parciaes se acham por tal modo fundidos que de todo perdeu o povo a consciencia d'elles: *devota, cadaver, biscouto, vinagre, kermesse*.

Mas o lexico, como as fôrmas grammaticaes e a pronunciação, varia de época para época, e o povo não se contenta com exprimir o pensamento a as idéas novas. D-lhe força apresental-os animados e revestidos em variadas côres: não lhe basta, pois, o processo de importação de vocabulos novos de origem estrangeira, nem o da formação portugueza propriamente dita.

Aquella tendencia natural e espontanea da sua vida intellectual leva-o (sob a acção da analogia) a alterar, renovar e accrescer o lexico pelo processo modificador do sentido das palavras.

D'ahi o seu desenvolvimento ou transferencia, produzida muitas vezes pela lei do *contagio*, na phrase de Darmstetter (*o justo, o jornal*).

O principio da analogia deve ser attribuido em parte ao instincto natural da imitação, e em parte á lei do menor esforço. A multiplicidade dos sentidos de uma mesma palavra, é, pois, resultante da necessidade ou desejo de adquirir novas idéas sem trabalho de inventar ou formar palavras novas.

É grande a influencia da analogia—falsa ou verdadeira—na linguagem. Revela-se nos phenomenos de alteração phonetica, na accentuação, pronuncia; na alteração das relações grammaticaes, das regras syntaxicas, da significação das palavras; na mudança insensível da fórma exterior, e caracter de vocabulario.

1.—Todas as mudanças de sentido se fundam na comparação e analogia; mas dos objectos materiaes, dos idéas sensiveis, é que os homens passaram aos abstractos.

Foi a analogia que deu origem ao que vulgarmente chamamos figuras de palavras (*tropos*, —*pé* da cadeira; a *perna* do compasso; a *cabeça* da comarca, da revolução, o *olho* da enchada. . . ; o *bronze*=sino, o *ferro*=punhal, etc., um *havana*, um *Terra nova*, *cognac*, *bordeaux*, etc. <sup>1</sup>

2.—A influencia d'esta lei é sempre obvia directa ou indirectamente. Assim:—*cor*=lat. *cor* (coração), tinha nos seculos XIII-XVI o sen-

<sup>1</sup> *Investir* era pôr nas vestes; *perplexo* o que está emmaranhado, etc.; *trivial* o que se encontra ao atravessar a rua, etc.

<sup>2</sup> *Metaphora*, *catachrese*, *metonymia*, *synecdoque*, *metalepse*, etc.

tido  
rir) e  
côr).

cor—

(cabe

fim, d

queza

XIV);

asneir

XV; o

fórma

teira—

riamen

o fruc

do ani

papão

era un

solteir

annos

collec

agrupa

landrin

buto (

3.

nos, tr

tido: 2

e do s

cialisa

1 D'

Cabo uda

2 D'e

3 Ide

tido de *desejo, vontade, grado* (boa cor, cor de *rir*) e conservou-se na acceção de *memoria* (*de cor*). Cp. fr. *par cœur*, ing. *by heart*, hesp. *de cor* — Obs. *cor* = coração; ... *cabo* = lat. *caput* (cabeça) teve varias extensões de sentido, — de fim, de termo, limite (seculo XII), <sup>1</sup> fazendas, riquezas, capital (seculo VIII), <sup>2</sup> lugar, parte (seculo XIV); *mulato* até o seculo XVI significava macho asneiro; *manceba* era mulher nova, até o seculo XV; depois veio a ter sentido de *meretriz* (pelas formas de transição *manceba mundanaria* — *solteira* — (F. Lopes); *cóco* que significava originariamente uma especie de *mono*, veio a significar o fructo do coqueiro (por fazer lembrar a cara do animal), e, no seculo XVI, um abantesma, um papão (J. de B. *Dec*); <sup>3</sup> *donzella* até o seculo XVI era uma dama do paço, solteira; hoje — mulher solteira, mas virgem, ainda que maior de 25 annos (Leão, *Chr. Af. V.*); *corja*, antigamente colleção de 20 (de roupa, louça, etc.), hoje — agrupamento indeterminado de individuos malandrinos, canalhas; *fintar*, era lançar finta, tributo (*Ord.*; Bern. *Floresta*), hoje — *enganar*, etc.

3. — As palavras soffrem, no dobar dos annos, tres mudanças principaes no tocante ao sentido: 1º, a que depende da associação de idéas e do sentido novo que ella desenvolve, da especialisação, emfim; 2º, a que é determinada pelo

<sup>1</sup> D'onde — *ir ás do cabo*. — Ao cabo de dous dias, da rua, etc. *Cabo* uda.

<sup>2</sup> D'onde — *cada um de seu cabo* (por si).

<sup>3</sup> Idem no hespanhol. *Rom. N. 41*, pag. 119.

sentimento encomiástico ou degradativo; 3º, a que acompanha a evolução syntactica da linguagem.

O professor Whitney reduz as perpetuas mudanças de sentido das palavras a dous processos—o de *especialização do geral* e o de *generalização do particular*.

4. — Estudemos agora as principaes causas particulares das varias applicações de sentido nas palavras:

a) *Generalização do particular*. O sentido de particular torna-se geral. *Alpes* desde o seculo XI empregava-se para indicar qualquer monte ou collina; *oraculo* era qualquer oratorio ou pequeno templo; *Belchior* chamava-se o primeiro adelo estabelecido no Rio de Janeiro, e esse nome, por uma extensão menos natural, veio a significar todos os que compram e vendem roupas e trastes usados.

b) *Especialização do geral*. O sentido do vocabulo restringe-se.—*Britar* significava arrombar ou quebrar qualquer cousa,<sup>1</sup> e hoje só se emprega no sentido de quebrar pedras; *criação* designava nos antigos docs.—todas as fazendas, bens, propriedades (fructos, rebanhos. . .), e bem assim a patria, os criados de El-Rei, etc.; hoje o seu sentido limita-se (além do acto de criar—recrear—já originario) ao da criação ou propaga-

<sup>1</sup> Britar as portas, um olho, a lança; as leis, os foraes, etc. (Nob., Ord. Aff., Chr. D. J. I.), Galvão, *Chr. Escumunhom nom brita osso* (dito do povo—Ord. Aff.).

ção  
quer  
te na  
gado  
prep  
mida

muda  
bem  
ente)  
maçã  
o sab  
secul  
speito  
pos e  
mente  
prata  
muda

d  
extens  
lenho  
e  
(por fa  
do o  
parte  
rente,  
das id  
f)  
versa,

<sup>1</sup> Inc  
gano). O  
com a co

ção de animaes domesticos; *botica*, que era qual-  
quer loja pequena, agora só é usado tão sómen-  
te na accepção de *pharmacia*; *guisar* era empre-  
gado no sentido de guiar, ajudar, dispôr, ordenar,  
preparar, <sup>1</sup> e hoje só se usa no de preparar a cõ-  
mida.

c) *Mudança de numero*.—Algumas palavras  
mudam de significação quando no plural. Ex.:  
*bem* (o que é bom, honesto, vantajoso, conveni-  
ente) e *bens* (riqueza, propriedade); *honra* (esti-  
mação, culto, apreço que acompanha a virtude e  
o saber, boa fama, credito) e *honras* (terras,—  
seculo XIV; e publicas demonstrações de res-  
peito); *fumaça* (vapor que se desprende dos cor-  
pos em combustão) e *fumaças* (tolo desvaneci-  
mento, parva jactancia), *ferro* e *ferros*, *prata* e  
*pratas*, *gloria* e *glorias*, etc... Dá-se quasi sempre  
mudança de applicação nos pluraes emphaticos.

d) *Mudança de genero*.—O feminino dá mais  
extensão ao sentido da palavra: *fructo fructa*,  
*lenho lenha*, *ramo rama*, *grito grita*.

e) *Do abstracto para o concreto e vice-versa*  
(por falsas ou verdadeiras analogias, — ou toman-  
do o effeito pela causa, a causa pelo effeito, a  
parte pelo todo e o todo pela parte). *Mundo*, *cor-  
rente*, *terra*, etc., são amostras da materialisação  
das idéas.

f) *M. de sentido passivo para o activo, e vice-  
versa, do objectivo para subjectivo*.—*Hospede* era

<sup>1</sup> Ined. d'Alc., Ord. Aff., Vieira (guisar o engano=fazer en-  
gano). *Calamidade*, *pessoa*, *cynismo*, etc., já nos vieram do latim  
com a corrente.

originariamente o homem que dava pousada ou agasalho, dono de estalagem; depois—pessoa a quem se dá hospedagem. E só nesta accepção é hoje usada.

g) *M. por encarecimento*.—A palavra, depois de certo tempo, toma sentido mais nobre ou elevado. Ex.: *méco* significava devasso, adúltero, e hoje, mas em linguagem vulgar, tem o sentido de esperto.

h) *M. por degradação ou remoque*.—*Manceba* era mulher nova até o século XV; depois—moça de servir; hoje, só no sentido de concubina. *Manceba do mundo*—meretriz (Lobo, *Côrte na Aldeia*).—*Patife* significava moço de ceira ou ribeirinho, hoje—um maroto, brejeiro; *mariola* era o homem de fretes, que se aluga para carregar, e actualmente um dissoluto, etc.; *tratante* applicava-se ás pessoas que tratavam ou negociavam, <sup>1</sup> hoje só se emprega á má parte, isto é, com relação ao individuo que faz negocios com tretas e dolos.

Muitos augmentativos já são hoje considerados ironicos ou pejorativos:—*sabichão*, *santarão*, *poetaço*..., e synonymos de—ignorante, hypocrita, máo poeta...

i) *Derivação divergente ou degeneração phonetica*. É tambem um phenomeno semeiologico. *Comparar* = lat. *comparare*, que significa adquirir alguma cousa por dinheiro. Cp.—*Comparar* e

<sup>1</sup> *Tratar* = negociar em alguma mercaderia.

co  
bol  
ção  
hon  
Can  
mie  
long  
hac  
assa  
deri  
imp  
rive  
Arm  
gruy  
etc.,  
esse  
zem  
ram  
cript  
vulg  
que  
ço e  
4  
Sacy, Z  
que), E  
Do  
bulo di  
italiano  
Ma

*comprar, esmar e estimar, acto e auto, bolha  
bolla bulla.*

j) *Inversão da ordem dos factores na composição.*—Cp.—*homem rico e rico homem, gentil homem e homem gentil* (arch. pej. = *rico omaz.* Canc. Vat.)

Esta mudança é muito commum nos toponymicos—*Villa Nova* = nova villa, *Penha Longa* = longa penha.

k) *Origem historica.*—*Assassino* = arabe *hachich* ou *hachichi* (lat. baixo—*heissesin, assassi, assassini*, etc.—D. C. *Gloss.*). O vocabulo arabe deriva de *hachich*, bebida inebriante que papel importante representou na fanatisação dos terriveis sectarios Ismaelinos ou Bathenianos.<sup>1</sup>—*Arminho, musselina, cachemira, um havana, o gruyère, o paraty, o champagne, um terra nova*, etc., lembram as localidades d'onde procedem esses productos; *amphitryão, tartufo*, etc., trazem á memoria personagens que de feito existiram ou foram creados pela imaginação dos escriptores. *Amphitryão* (comedia de Plauto, e vulgarisada por Molière) significa hoje aquelle que á sua mesa reúne convidados, e ainda o ricoço e poderoso cujo egoismo obriga á lisonja e

<sup>1</sup> É esta a verdadeira etymologia, provada por Sylv. de Sacy, *R. de l'A. et Inscip. des belles lettres*, Defrémery (*J. asiaticque*), Davic., etc.

Dozy (*Gloss.*) é de opinião que o port. não importou o vocabulo directamente do arabe, mas por intermedio do francez ou do italiano.

Mas as fórmas acima citadas do b. lat.?

adulação; *Tartufo* é uma criação de Molière, e representa o typo da corrupção embiocada sob exterioridades de santo, o typo emfim do hypocrita. E todos esses nomes se tornaram proverbias (Attila, Nero, Calligula, etc.), como no dominio da toleima são populares os de *Calino* e os nossos *Manuel de Souza* e *Conego Philippe*.

Exemplo de mudança de sentido pela origem histórica, temos ainda no neologismo *bond*, no sentido de ferro-carril urbano. Estes neologismos por mudança de sentido derivam de, ou correspondem a um facto historico: e com effeito a inauguração d'esses vehiculos publicos coincidiu com a emissão dos *bonds* (obrigações do Thesouro, vales).

l) *Falsa etymologia* ou *esquecimento etymologico*:—Hortelã pimenta (por *mentha*), *respondo* = reponho e *resposta* = reposta (no jogo do voltarete), *braço* e *cutello* por *baraço* e *cutello*, *comer a dous carrinhos* por *comer a dous carrilhos*, *sarabanda* por *zeribanda*.

m) *Limitação regional* ou *dialectal*.—As palavras ás vezes mudam de sentido da metropole para a colonia, de provincia para provincia, etc. Estas mudanças constituem os *brasileirismos*, *americanismos*, *provincialismos*. . . Ex.: *babado* em Portugal = cheio de baba, no Brasil—id., e *fólhos de vestido*; *capoeira* em Port. = gaiola para guardar aves, no Brasil—id., e *matagal de arvo-redos tenues*, *ave*, *individuos que atacam com a cabeça e os pés*, etc.; *muqueca* em Port. é termo de agricultura, e no Brasil—guisado de peixe e

ca  
ca  
Ric  
gua

vez  
em

no  
nem

bab  
e pe

(per  
quat  
ção

ção  
é a  
plan  
para

1  
maior  
tratar

A  
a mód  
gesto,

† M

camarão; *calunga* (voz africana) na Bahia significa ratinho, <sup>1</sup> em Pernambuco—*boneco de pão*, no Rio de Janeiro—companheiro, parceiro (só em linguagem plebéa, dial. brasil. afr.).

n) *Ellipse de palavras*: — *cadu que* (= cada vez que, seculo XIII), *estou que* (=estou crente em que).

o) *Reforço negativo*. — Já era mui frequente no latim classico. Ex.: *nem mica, nem sombra, nem um pingo*.

p) *Por mudança de categoria grammatical*: — *babado* (part.) e *babado* (subst.), *pendulo* (subst.) e *pendulo* (adj.), *official* (adj.) e *official* (subst.).

q) *Por mudança de categoria mental*: — *lustru* (periodo de cinco annos), *olympiada* (periodo de quatro annos), *feira* (que ficou sendo a denominação de 5 dias de semana).

r) *Por mudança de accentuação ou deslocação da tónica*: — *nivel* e *nível* (nivel, olivel.) *Nivel* é a pronuncia *hoje* corrente para exprimir um plano horizontal; *nível* é o instrumento que serve para se reconhecer a horizontalidade de um plano.

1. — D'esses empregos metaphoricos eram os nossos maiores muito mais ricos do que nós, como veremos quando tratarmos da negação.

Ainda poderíamos adduzir, talvez, mais uma causa para a modificação do sentido das palavras — a influencia do gesto, como por ex. nestas phrases populares que ouvimos

<sup>1</sup> Murganho, que no Rio de Janeiro se chama *camondongo*.

todos os dias e cujo sentido só é completo pelo gesto — *por esta* (sc. cruz), *nem isto*, etc.

2. — Na evolução semeiologica das palavras é tambem de notar a lei da inferencia logica, que constitue a modalidade fundamental do raciocinio, a trajectoria do particular para o geral, voltando de novo o sentido ao particular, onde se fixa por fim.

Ex.: *Amor* — lat. *amor*, passou do sentido de affeição, amizade, a significar — *mercê*, *beneficio* (seculo XIII), voltando ao sentido primitivo unicamente.

3. — *Sentimento* — a principio sensação, percepção interna dos objectos pelos sentidos, teve tambem a significação de *opinião*, *voto*, *parecer*; sensibilidade physica e moral; aptidão para receber as impressões; intelligencia, discernimento, consciencia intima; perfeito conhecimento e segura observação; magoa, queixa, pezar; máo cheiro, principio de podridão; abalo (S. de edificio, etc.); e hoje ainda a de tendencia, predisposição para alguma cousa — *sentimento de honra*, de *probidade*. Por este exemplo vê-se quanto uma palavra pôde apresentar novos aspectos, dilatar as raias da sua significação.

5. — Ás vezes, pois, o sentido figurado prevalece e tanto se vulgarisa, que o sentido proprio se perde; outras, as varias applicações de sentido desenvolvem-se juntamente, e acabam por fazer-nos esquecer a relação que as liga. Assim por ex.: — *Tabefe* não mais lembra a idéa de fatia de pão com leite, assucar e ovos; *garganta* de serra ou de montanha já parece palavra distincta de *garganta*, parte anterior do peçoço, etc. . .

A ultima phase da variabilidade significativa da palavra é a perda do proprio sentido (*ca*, *la* . . .)

6. — Esta importante elaboração não se limitou ao vocabulario e ao esquecimento das ety-

mologias; estende-se mesmamente ás construções, ás locuções e phrases. E a este facto já nos referimos.

São verdadeiros *idiotismos de sentido*, que constituem uma das riquezas de todas as linguas, e dos populares passam aos escriptos classicos. Ex.: — *estar de aza caída, fazer gato sapato de alguém, ter dous dedos de . . . dar em droga, perder as estribeiras, vêr-se em calças pardas, metter-se em camisa de onze varas, chegar a roupa ao couro . . .*<sup>1</sup>

7.º — Nos dizeres, apodos e proverbios populares, é que taes mudanças de applicações mais são frequentes: — *Quem quer bolota, trepa na arvore; cada um chega brasa a sua sardinha; não se apanham trutas a bragas enxutas . . .*

Estes factos mostram claramente a reacção da phrase sobre o valor individual dos vocabulos. As palavras (como acabamos de ver nos varios exemplos) comprehendem muitas relações — mais ou menos simples, mais ou menos naturaes —, certa caracterisação de virtualidade para todas as equivalencias possiveis, « certo poder de symbolismo vago ».

É nessas tendencias espontaneas e fecundas dos povos que se descobre o laço artificial e de convenção, que torna a palavra pensamento, representando-o outrosim sob multiplas fórmas objectivas.

<sup>1</sup> Cav. de Oliv., vol. 1º, etc.

struc  
conc  
locaç  
posic  
ment

E  
E  
e a m  
sição,  
correc

D  
propos  
lavras  
mento,  
phrase

## LIVRO II

---

# SYNTAXE

---

### OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

**Syntaxe** (do grego *σύνταξις* = arranjo, construcção) é a parte da grammatica que ensina a concordancia das palavras e orações; a boa collocação das palavras na proposição, e das proposições na phrase; a correccão dos complementos.

Em outras palavras:

Ensina o uso das varias partes do discurso, e a maneira de unir as palavras em uma proposição, e as proposições em um periodo para correctamente exprimirmos o pensamento.

Divide-se, pois, em syntaxe de *palavras* e de *proposições*. É de *concordancia* quando rege palavras; de *subordinação* (*regimen* ou de *complemento*) quando rege palavras ou membros de phrases subordinadas.

A concordancia das palavras e sua dependencia são expressas no latim (e grego) pelos *casos*; em portuguez, por preposições e conjuncções. É esta a principal differença entre as syntaxes do latim classico, do latim popular e das linguas romanas; caracter ou differença que tambem se apresenta na união das proposições do infinito e participio.

Para escrever-se de fundamento a historia de uma lingua, ha-se de mister conhecer a codificação das doutrinas relativas á construcção, — a syntaxe historica.

É grande a differença da estrutura oracional do latim popular e do latim culto, e o facto explica-se historicamente. No seculo V antes de J. C. operava-se a evolução linguistica, quando escriptores e traductores fizeram retroceder a lingua a fórmãs já então refugadas, ou introduziram directamente grande numero de hellenismos. Os escriptores que se lhes seguiram imitaram-os; e, ao passo que a lingua falada seguia a sua marcha analytica, o latim classico sustava a sua evolução natural com a lingua escripta.

D'ahi o grapharem letras, que não mais soavam na pronuncia; d'ahi a linha divisoria estremente entre a lingua escripta e a falada, entre o latim classico e o popular, na phonetica, no lexico, nas flexões, na syntaxe.

Com a quédã do Imperio romano, sobreveio a destruição da cultura litteraria, e consequentemente o predominio da lingua vulgar. A lingua falada era o latim *vulgar, pedestre, castrense,*

ba  
Cid  
pro

nal  
sad  
da  
pon  
plo  
o d  
a te  
fórn  
ção  
a di  
vulg  
orig  
(ver  
sari  
Cap  
Cæs  
sior  
quan  
Livi  
nost  
jux;  
pare  
habe  
conve

junto

(1)

*barbaro, e medieval, baixo*; a lingua classica de Cicero ou da Biblia de S. Jeronymo só era comprehendida pelos raros eruditos d'essa época.

A principal differença na estrutura oracional é, pois, a tendencia cada vez mais caracterizada do latim popular para o analytismo. A queda e o enfraquecimento das letras finaes (*amat* por *amat*, *vivon* por *vivunt*, *lupo* por *lupus*, *poplo* por *populus*, *templo* por *templum*, etc...), o descureamento das flexões nominaes e verbaes, a tendencia do povo, emfim, para simplificar as formas e construcções, produziram essas alterações phoneticas e grammaticas que constituem a differença essencial entre o latim classico e o vulgar (e consequentemente as linguas romanas), originando a necessidade das palavras auxiliares (verbos, preposições e conjunções) para a necessaria clareza e precisão da linguagem. Ex.:— *Caput de aquilla, genera de ulmo* (Plinio), *de Cæsare satis dictum* (habeo); *Romani sales salioris sunt quam illi Atticorum* (Cic.); *Urbem quam parte captam, parte dirutam habet* (T. Livio), *cum illum, ad tibi*; *Episcopi de regna nostra*; *In presentia de iudices, donabo ad conjux*; *templum de marmore* (Virg.); *restituit ad parentes* (T. Livio); *amatum habui, copias quas habebat paratas, habiam etiam dicere, habeo convenire* (Cic.)<sup>1</sup>

Torna-se mais frequente o uso dos pronomes junto aos verbos (*il dedit, salvarai eo*), o emprego

<sup>1</sup> Pacheco Junior — *Gram. historica*. — Introducção.

abusivo do auxiliar *esse*, a obliteração da forma passiva organica (*est concessum* por *conceditur*, *esse donatum* por *donari*, etc.)

Com o prevalecer da ordem *analytica*, diminuem as regras da concordancia. Mas a lingua latina culta de Cícero já trazia em si esses germens da nossa construcção. Quintiliano já reconhecia um modo natural e mais oratorio do arranjo dos vocabulos; Plinio, commentando Virgilio, para tornar mais claras certas passagens, põe-nas em ordem *analytica*, indicando a modificação pelas palavras—*ordo est*.<sup>1</sup>

TYPOS SYNTACTICOS DIVERGENTES.<sup>2</sup>—Dá-se esta denominação ás bifurcações *syntacticas*, aos diversos modos—mais analogos—de construcção, regencia e concordancia.

a) *De construcção*.—O portuguez, posto que lingua *analytica*, mais conservou que as outras linguas romanas a liberdade no arranjo *syntactico* das palavras, privilegio da construcção *inversativa* ou *transpositiva*:

Recebi hoje tres cartas juntas de V. S.  
De V. S., tres cartas juntas recebi hoje.  
Hoje recebi de V. S. tres cartas juntas.  
Tres cartas de V. S. hoje recebi juntas.  
Juntas recebi hoje tres cartas de V. S.

<sup>1</sup> Pacheco Junior—*Gram. historica*.—Introdução.

<sup>2</sup> O Sr. João Ribeiro propoz se lhes substituísse a denominação pela de *typos syntacticos equivalentes*, equivalentes *syntacticos*, *semioticos*, *semanticos*, porque—na *syntaxe*—mui poucas vezes as phrases e locuções equivalentes derivam de um tronco com-

A syntaxe é a mesma em todos esses exemplos; e, embora destituído de flexões nominaes, o portuguez conservou, principalmente até o século XVI, muitas construcções similares ás latinas, tão livres e variadas, tão ricas e harmoniosas.

O castello de Santarém aos Mouros o tolhy.

(F. DE SANTARÉM)

... mal as despendendo em custosas vyandas que bem acusar se temporadas foscem, poderiam

(D. DUARTE, *L. c.*)

como a todos os tristes acaece

(B. RIB.)

mays en pero direi vos huã ren

(C. VAT.)

descobril-a-ha a primeira vossa frota

(CAMÕES)

embarcação que o leve ás náos lhe pede

(*Id.*)

Em Ceuta indo D. Affonso atraz de um móuro

(M. BERN.)

b) *De concordancia.* — Ex.: — *A maioria dos homens entende ou entendem; estamos convicto ou convictos; o primeiro e quarto rei ou reis, etc.*

mum, ao passo que os *equivalentes syntacticos* representam em relação á phrase o mesmo que os *synonymos* em relação ao vocabulo. «Apenas—diz o distincto grammatico—serão typos divergentes nos raros casos em que provierem de um unico typo latino.»

c) De *regencia*.— São estes os typos syntacticos divergentes de mais subida importancia:

Morrer *a* fome, morrer *de* fome  
mandou *ler*, mandou *que lesse*  
me, a mim

começar *a* escrever ou *de* escrever

pegar *da* penna ou *na* penna

arrancar *a* espada ou *da* espada

até casa, até a casa, até *á* casa

apaixonado *pelas* cousas da patria (R. L.) ou *das*...

O seu amor *ás* almas (M. Bern.) ou *pelas*, *para com*...

depos sua morte (seculo XIV, S. Eufr.) ou *depois de*...

que os frades huns outros sejam obedyntes (R. de S. B.)

*uns aos outros*

alçado *por* Rei em Portugal (F. Lopes), alçado *em* Rei de Portugal.

São varias as causas das bifurcações syntacticas:

a) Typos similares originarios — *igual a*, *igual de*.

b) Synonymia de preposição:— *cercado por*, *cercado de*.

c) Extensão crescente do infinito pessoal:— *começou fazer*, *de fazer*, *a fazer*.

d) Vestigios da voz média:— *comerum-se-a*, *comerum-s' silo* (seculo XII); *affirmar que*, *se affirmar que*; *morrer* *morrer-se* (B. Rib.), *cair* *cair-se*, etc.

e) Acção verbal dupla:— *falou todo*, *falou de tudo*.

f) Influencia estrangeira:— *mora á rua de—*  
*mora na rua de—*.

g) Euphonia:— *alçar por Rei*,— em *Rei*.

h) Influencia articular e pronominal:— *o que*  
*aconteceu, que aconteceu*.

i) Ellipse:— *após elle*,— *d'elle*.

j) Influencia da declinação organica:—... *en*  
*cas sa madre* (C. Vat.), *em cas de sa madre*;  
*quem vos ouve, mim ouve* (seculo XIII), *a mim ouve*,  
*ouve-me* <sup>1</sup>

k) Equivalencia de fórmãs verbaes:— *andar*  
*buscando*,— *a buscar*; *ser vindo* (seculo XIV),  
*em sendo, sendo*.

l) Invariabilidade do participio passado:—  
*regadas tinha* (as flôres), Cam., *regado tinha*.

m) Tendencia analytica:— *dizem ser, dizem*  
*que é*.

n) Mudança de categoria grammatical:—  
*desde Março meado* (seculo XIV), *desde o meado*  
*de Março*.

o) Emphase:— *de como o cavalleiro* (B. Rib.)

**Sentença** ou **proposição** é uma coordenação de palavras, formando sentido perfeito, completo:— *Trabalho honesto produz riqueza honrada; vida honrada, morte socegada*. É «um juizo expresso por meio de palavras».

A sentença pôde constar de uma unica palavra:— *Venci*.

<sup>1</sup> Lam. de Andrade — *Vest. da decl. lat.*

E, como por — *formando sentido perfeito*, se entende que *se afirma alguma coisa de outra*; claro está são duas as partes essenciaes de qualquer sentença:

1º O **sujeito**, isto é, o elemento que representa a coisa, o ser, de que falamos;

2º O **predicado**, isto é, o que se afirma do sujeito.

Não se deve confundir o sujeito *grammatical* de uma sentença — representado por uma palavra, com o sujeito *logico*. Na proposição — *a ignorancia de si e do mundo é no menino uma coisa graciosa, no velho uma coisa tremenda* (V. de Castilho), o substantivo *ignorancia* é o sujeito *grammatical*, e a *ignorancia de si e do mundo* o sujeito *logico*.<sup>1</sup>

**Clausulas** são os membros da sentença quando tão em connexão intima, que um depende do outro, e até o modifica.

Na sentença — *o bem fazer é tão gostoso, que alguma coisa era bem que custasse* (D. F. M. de Mello, 1664), *o bem fazer é tão gostoso* é uma clausula, *que alguma coisa era bem que custasse*, outra.

**Periodo** é o conjuncto de orações intimamente ligadas pela construcção ou pelo sentido, ou ainda uma unica oração completa por si. Termina sempre em ponto final.

<sup>1</sup> Seguimos — claro está — a analyse moderna, das relações, mais simples e mais racional.

Pelo systema antigo eram tres as partes essenciaes da proposição simples: — o *sujeito*, o *predicado* (o que se afirma ou nega do sujeito), e o *verbo* ou *copula*.

**Phrase** é uma combinação de palavras coordenadas entre si, podendo todavia não formar sentido perfeito.

Assim, por ex., na sentença — *o tempo tira a novidade ás cousas; basta sejam usadas para não serem as mesmas* (P. Antonio Vieira, 1663), as palavras coordenadas *basta sejam usadas para não serem as mesmas* formam uma phrase, mas não sentido perfeito.

A phrase construida com um infinito chama-se *infinita*; com um particípio — *participal*.

*Fundar a dictadura permanente em nome da democracia, é revelar genio.*

*Cesar, conservando no povo a origem da auctoridade, centralizou o governo em suas mãos.*

As funcções das differentes partes do discurso e as suas fôrmas grammaticaes baseam-se nessas relações primitivas; o desenvolvimento da linguagem, nas relações dos seus elementos.

O substantivo e o pronome têm por funcção principal — indicar coisa ou pessoa de que falamos; o adjectivo, modificar-lhes o sentido, juntando-lhes idéa de qualidade, determinação ou quantidade; o verbo indica o predicado do sujeito; o adverbio modifica o sentido do verbo, do adjectivo ou de outro adverbio, accrescentando-lhes idéa de qualidade, modo, tempo ou logar.

As outras duas funcções secundarias, preenchem-nas a *preposição* e a *conjuncção*.

A syntaxe divide-se em **lexica** ou de **palavras** e **logica** ou de **proposições**.

A *lexica* trata das relações das palavras entre si na construção de sentenças.

A *logica* considera as sentenças no tocante á estrutura.

A 1ª tem, pois, por duplo fim fixar para cada uma das partes do discurso todas as regras relativas á **concordancia** e ao **complemento**. Ensina a formar uma *proposição simples* com duas ou mais *palavras*.

A 2ª ensina a reunir duas ou mais *proposições simples* para com ellas formar uma **proposição composta**.

---

RE

pal  
teg

O SU

pelos  
a rela

# PARTE I

## ANALYSE LEXICA

### CAPITULO I

#### RELAÇÃO DAS PALAVRAS ENTRE SI.—ESPECIES DE RELAÇÕES.— ADJUNCTOS

1.— As relações entre palavras e grupos de palavras podem dividir-se em 4 classes ou categorias: <sup>1</sup>

1º— Relação **predicativa**.

2º— Relação **attributiva**.

3º— Relação **adverbial**.

4º— Relação **objectiva**.

A relação **predicativa** é a que existe entre o sujeito e o predicado (o verbo);

<sup>1</sup> É esta a divisão adoptada por Mason, e geralmente seguida pelos grammaticos hodiernos. Julio Ribeiro accrescentou-lhe mais a relação *subjectiva*, mas sem vantagem alguma.

**Attributiva** é a existente entre o nome e o adjectivo. Para exprimir esta relação de qualidade ou de outra circumstancia, não se faz preciso o verbo para indicar a connexão entre os dous elementos;

**Adverbial** é a relação em que está para com um adjectivo, verbo ou adverbio, a palavra, phrase ou clausula que os qualifica;

**Objectiva** é a relação do objecto para com o verbo (de acção transitiva).

Esta relação é, não ha negar, *adverbial*; mas, exprimindo, além de simples circumstancias accessorias, — o termo da predicação verbal, deram-lhe os grammaticos logar á parte, distincto.

### Relação predicativa

2.— A connexão entre o sujeito e o predicado póde dar-se de varias fórmãs:

a) Quando queremos declarar que ella existe ou não: — *O espirito de Antonio Vieira era agudo e prompto.*

A sentença é **declarativa**.

b) Quando queremos saber se ella existe ou não: *Haverá paz na sepultura? Podem o arbitrio e a anarchia produzir boa administração de justiça?*

A sentença é **interrogativa**.

c) Quando exprime a vontade, o desejo, ou o mando: — *Tende mão; accommoda-te ao tempo;*

*has de viver muitos annos para amparo de teus paes.*

A sentença é **imperativa** ou **optativa**.

d) Quando apenas enunciamos um factó, sem declarar nosso desejo ou externar nossa opinião:

Mas eis a tarde de primores rica!  
Em mimos com a manhã rivalisando,  
Da creadora estação varia o ornato.

(M. DE PARANAGUÁ)

A sentença é **enunciativa**.

e) Quando assevera uma cousa, mediante uma condicional:— *Se me disseres com quem lidás, dir-te-ei as manhas que tens. Se o parvo é calado, por sabio é reputado.*

A sentença é **condicional**.

3.— Em todas essas classificações (quanto ao sentido), a connexão *grammatical* entre o sujeito e o verbo (predicado) é sempre a mesma.

4.— O *sujeito logico* é um nome, pronome ou algum equivalente do nome, com accessorios ou sem elles.

O verbo, com ou sem accessorios, é o **PREDICADO LOGICO**.

*Sujeito*

*Predicado*

A verdade núa e crúa | vale mais que a mentira ornada

5.—Póde, pois, estar em relação subjectiva um nome, pronome, qualquer parte da oração substantivada, uma phrase, clausula, sentença.

6.—A relação predicativa póde ser representada pelo verbo de predicação *completa* ou de predicação *incompleta* com seus complementos, ou ainda por um verbo seguido de adjunctos adverbias:

7.—São de predicação completa os verbos *intransitivos*, os que não necessitam de palavra alguma para completarlhes o sentido.

São de predicação incompleta os que carecem de palavra complementar para que perfeito se lhes torne o sentido.

Além dos transitivos, e de alguns intransitivos (*parecer, ficar, sentir, supôr, considerar, achar-se...*), pertencem a esta classe os verbos *ser* e *estar*.

Os verbos *ficar, sentir, estar, achar-se, etc.*, são accidentalmente de predicação incompleta, ao passo que alguns que em regra o são, empregam-se ás vezes como simples predicado. Neste caso, porém, soffrem transferencia de sentido. Exemplos temos em: No *principio* era o verbo, em que o verbo *ser* está por *existir*; e nas sentenças: *Viveu Camões no seculo XVI* e *viveu Camões sempre infeliz*, em que o verbo *viver* é, na 1ª, simples predicado; na 2ª, de predicação incompleta, e precisa do adjectivo *infeliz* para completal-a. (A. Alex., *analyse rel.*)

Na proposição—o *cavallo galopa*, o verbo está em relação predicativa com o sujeito *cavallo*; em—*a preguiça é a chave da pobreza*, estão nessa mesma relação o verbo e o seu completivo—*chave da pobreza*.

### Relação attributiva

8.—Quando a um nome ou pronome juntamos um adjectivo ou um seu equivalente (pala-

vra, phrase, clausula... ) indicando alguma qualidade a elle referente, sua quantidade, etc., o adjectivo ou seu equivalente fica em *relação attributiva* para com o nome ou pronome. D'ahi o serem esses elementos modificadores chamados *adjunctos attributivos*.

9.—Podem ser *adjunctos attributivos*:<sup>1</sup>

1º—Um adjectivo ou participio:—*Uma lucta renhida*; um *homem bom*; o *soldado*, coberto de feridas, *ainda pelejou*.

2º—Um nome apposto ou clausula em apposição:—*Camões*, o epico, *morreu com a patria*; *a noticia* de que elle foi assassinado é *inexacta*.

3º—Um substantivo (ou palavra substantivada) precedido de preposição: *chefe* de partido,  *cavallo* de corrida, o *livro* de João.

4º—Clausula adjectiva ou relativa:—o *homem* que é prudente *pensa maduramente*.

10. Só com substantivos podem as palavras ou grupos de palavras estar em relação attributiva, porque attributos só podem pertencer a cousas ou seres.

### Relação adverbial

11.—**Relação adverbial** é a em que está —para com um adjectivo, o verbo ou adverbio,

<sup>1</sup> A oração subordinada (clausula) pôde funcionar: 1º, como sujeito ou objecto de verbo; 2º, como adjuncto attributivo; 3º, como adjuncto adverbial.

a palavra, phrase ou clausula qualificadora d'esse adjectivo, verbo ou adverbio.

Qualquer palavra, phrase ou clausula modificadora de um verbo, adjectivo ou phrase attributiva, está com elles em *relação adverbial*, e é d'elles *adjuncto adverbial*.

12.—Modificam o predicado, não só um simples adverbio, mas tambem locuções ou orações subordinadas, que, consequentemente, são de natureza adverbial.

13.—São **adjunctos adverbiaes**, isto é, —modificadores do sentido do verbo:

1º—Um adverbio:—*Partiu* hontem; *bateu-se* esforçadamente.

2º—Uma clausula adverbial:—*Voltarei* quando me achar bem; *estava eu lendo* quando elle chegou.

3º—Um substantivo ou palavra substantivada precedida de preposições:—*Elle gosta* de musica; *Napoleão venceu em Arcole* com poucas baionetas.

Muitas vezes um verbo no infinitivo forma um adjuncto adverbial de um verbo ou adjectivo:—*Vivemos* para trabalhar; *elle está apto* para leccionar.

4º—O objecto cognato:—*Descendente de antiga familia barbara....* vivêra os ligeiros dias da mocidade no meio dos deleites da opulenta Tolentum;—«*viver* vida feliz, *morrer* morte natural», são mais propriamente *adjunctos adverbiaes*.

5º — Um substantivo acompanhado do adjuncto attributivo, e empregado absolutamente: — *Dando a alma a Deus*, foi repousar de tantas fadigas.

6º — O participio absoluto com adverbios ou sem elles: *Phocion soffreu sentença de morte* (injustamente) accusado de traição.

7º — Uma palavra cuja preposição se acha occulta:

— *Elle casou* (com) Maria.

Modificam ainda o sentido do verbo, como ponderou o Sr. Julio Ribeiro, «os pronomes substantivos em relação apropriada ao caso», a saber:

a) em relação adverbial: — *Pedro veio* comigo.

b) em relação objectiva dos pronomes pessoas, usada, por idiotismo da lingua, em vez da relação adverbial: — *Paulo deu-me um livro*.

A esta relação deram a denominação de **adjectiva adverbial**.

14. — As palavras ou sentenças em relação adverbial para com outras chamam-se **adjunctos adverbiaes**, e podem ser:

de tempo: — *Partiremos* amanhã.

de logar: — *Estive* em Pelotas.

de modo: — *Fala* de vagar.

de ordem: — *Cheguei* antes d'elle.

de affirmação: — *Quero*, sim.

- de negação:—*Não matarás.*  
de duvida:—*Talvez vençamos.*  
de exclusão:—*Sómente os bons serão premiados.*  
de conclusão:—*conseguintemente escreves bem.*  
de designação:—*Eis o homem que esteve em Roma.*  
de quantidade:—*Comprei muitos livros.*  
de companhia:—*Partirei contigo.*  
de fim:—*Estuda para saberes.*

### Relação objectiva

15.—A definição de *relação* ou *adjuncto adverbial* inclui o que geralmente se chama *objecto* do verbo, que — já vimos — é de natureza *adverbial*, pois que se prende a um verbo, e limita-lhe a significação.

É um caso especial e digno de nota — das relações adverbias.

A distincção que os grammaticos, em geral, fazem entre o objecto e os outros adjunctos de um verbo não existe na realidade no portuguez e em outras linguas. Existe, porém, nas linguas flexionaes como a latina, em que o accusativo é empregado para indicar varias idéas relacionadas (incluindo a relação objectiva). Em *amo puerum, puerum* deve ser o *objecto* do verbo; em *eo Romam, Romam* está em relação adverbial com *eo*. Não ha, todavia, differença sub-

stan  
am  
ida

está  
obje  
essa

indi  
repr  
com

Ante  
vem

póde  
por  
ainda

simp

stancial entre ellas. Em *amo puerum*, entende-se que *meu amor DIRIGE-SE para o menino*; eo *Romam*—significa *a minha ida DIRIGE-SE para Roma* (C. P. Mas. *Gram. anal.*)

O *objecto* de um verbo póde ser *directo* ou *indirecto*.

16.—**Relação objectiva**, pois, é a em que está para com um verbo de acção transitiva, o objecto a que se dirige, ou sobre que se exerce essa acção.

Quando um verbo ou participio da voz activa indica acção feita a um objecto, a palavra que representa esse objecto está em relação objectiva com o verbo, participio ou gerundio

Ex.:— *Vi Antonio, elle prefere escrever*; *vi Antonio e seu cão*; *os ricos mal sabem como vivem os pobres*.

---

## CAPITULO II

### SUJEITO E PREDICADO. — OBJECTOS E COMPLEMENTOS

O **sujeito** de uma proposição ou *sentença* póde ser expresso por um substantivo, pronome, por outra qualquer palavra substantivada, ou ainda por uma oração.

17.—O sujeito de uma sentença póde ser *simples*, *composto* ou *complexo*.

a) É **simplex** quando consta de um unico substantivo, de um pronome ou de um infinito de verbo:

*A preguiça gasta a vida.*  
*Eu prezo uma reputação immaculada.*  
*Errar é dos homens.*

b) É **composto** quando consta de dous ou mais de dous substantivos, pronomes ou infinitos ligados pela conjuncção *e* (ou separados por virgulas).

*O pudor, a confiança e a honra perdem-se por muito pouco.*

*Cantar e assobiar, é impossivel.*

c) É **complexo** quando consta de uma clausula substantiva, phrase, ou citação qualquer:

*Que elle o disse, é crível.*

*Que o povo se rege pelo exemplo do Rei, é uma grande verdade.*

d) É **ampliado** quando a elle se liga um adjuncto attributivo ou uma combinação de adjunctos attributivos:

*As cartas que me escreveste, recebi-as hoje.*

18. — O sujeito, infinito do verbo transitivo, póde ser ampliado não só pelo objecto, mas tambem por elle com um adjuncto adverbial:

Perdoar injurias é *dever do sabio.*

Perdoar injurias com resignação é *dever do christão*

Se, porém, o sujeito fôr infinito do verbo intransitivo, só póde ser ampliado com adjuncto adverbial: — *andar ás pressas.*

### Predicado

19.—O predicado é *simples* ou *complexo*.

a) É **simples** quando expresso por um verbo só, e de modo finito:

*A paciencia amarga.*

*A ingratição rebaixa.*

b) É **complexo** quando expresso por um verbo de predicação incompleta acompanhado de seu complemento:

*O cão é preto.*

*Elle foi eleito Presidente.*

20. — Com um verbo intransitivo ou passivo, de predicação incompleta, o complemento do predicado — substantivo ou adjectivo — fica em relação predicativa para com o sujeito da sentença:

*Este menino parece estudioso.*

— O complemento, que nestes casos se refere ao sujeito, chama-se *subjectivo*.

Depois do verbo transitivo, porém, e por se referir neste caso ao objecto do verbo, chama-se *objectivo*.

21.— Quando um verbo de predicção incompleta é transitivo ou está na voz activa, o complemento do predicado fica em relação attributiva para com o objecto do verbo: — *Chamei-lhe* palerma.

22.— Quando o complemento do predicado é um verbo no modo infinito, o objecto da sentença está as mais das vezes ligado a esse infinito: — *Elle pôde escrever* uma grammatica.

23.— Chama-se *predicado ampliado* o predicado a que se liga um adjuncto adverbial.

### Objecto

24.— **Objecto de um verbo** (que é o mesmo **regimen**) é palavra, phrase ou clausula representante do objecto da acção descripta pelo verbo, na voz activa. É a palavra em relação objectiva para com o verbo.

Póde ser **directo** ou **indirecto**.

25.— O **directo** exprime:

a) o objecto *passivo*, isto é, que soffre a acção expressa pelo verbo: — (Eu) *ouvi* uma voz;

b) o objecto *factitivo*, isto é, producto, resultado da acção: — (Elle) *escreveu* uma carta.

26.— O objecto indirecto de um verbo exprime o que indirectamente é modificado por uma

acc  
pr  
o f

qua

los

mi

vos

itiv

dire

diss

accu

só se

que

revo

adju

mo e

pada

plec

con

A

Suje

Preo

Obj.

acção do verbo, mas não é seu immediato objecto, producto ou resultado:—*Dae-lhe o livro; faça-me o favor.*

Exprime a cousa ou pessoa em virtude da qual se faz a acção.

27.—O objecto indirecto é representado pelos pronomes obliquos *me te se lhe nos vos lhes, a mim, etc.*, que acompanham os verbos intransitivos ou passivos, ou servem de 2º termo aos transitivos.

As periphrases, que muitas vezes substituem o objecto directo, devem tambem como taes ser consideradas:—*Elle m'o disse a mim; o filho dormia-lhe nos braços.*

O objecto directo era expresso em latim e grego pelo *accus.*; o indirecto, pelo *dativo*.

A preposição *a*, unica empregada nas relações objectivas, só se faz precisa para evitar amphibologia; não é ella, porém, que torna indirecto o objecto da proposição:—*Castigaram aos revoltosos; amo a Deus; venceu a Frederenio.*

Subst. precedido de preposição constitue sempre um adjuncto attributivo ou adverbial:—*arrancam das espadas.*

O emprego das preposições expletivas constitue idiotismo da lingua, como, por exemplo, em—*puxar da ou pela espada.*

28.—O objecto indirecto tambem admite o pleonasmio; e tanto se junta ao verbo transitivo como ao intransitivo:

*Appareceram-lhe a Balthazar as tres palavras fatidicas*

Sujeito logico

Predicado

Obj. in l. pleonastico

As tres palavras fatidicas

appareceram

lhe, a Balthazar

*Os ademanes e salamaleks dos naturaes ficaram-lhes muito mal a Portuguezes. (Oração complexa)*

|                            |  |                        |
|----------------------------|--|------------------------|
| Sujeito                    |  | ademanes e salamaleks  |
| Adjunctos attr. do sujeito |  | os — dos naturaes      |
| Predicado                  |  | ficavam                |
| Objecto ind. pleonastico   |  | lhe, a Portuguezes     |
| Adjuncto adverbial         |  | muito mal <sup>1</sup> |

29.— O *objecto* póde ser *simples*, *composto* ou *complexo*. As distincções entre elles são as mesmas que para o *sujeito*.

|                         |   |   |
|-------------------------|---|---|
| Objecto <i>simples</i>  | { | <i>Louvo</i> o estudioso.<br><i>Amo</i> a patria.<br><i>Quero</i> escrever.                                   |
| Objecto <i>composto</i> | { | <i>Amo</i> a patria e a familia.<br><i>Louvo</i> o estudioso e bem educado.<br><i>Quizera</i> tocar e cantar. |
| Objecto <i>complexo</i> | { | <i>Julgo-os</i> intelligentes.<br><i>Suppunha-te</i> nomeado.<br><i>Viu</i> submergir toda a sua fé.          |

A construcção portugueza de infinitos pessoaes com os verbos *crêr*, *acreditar*, *suppôr*, *duvidar*, etc., constitue anomalia, é idiotismo. Talvez seja elle illogico, mas incontestavelmente é de vantagem, e constitue umas das muitas bellezas da lingua portugueza.

30.— *Objecto ampliado* é o a que se liga um adjuncto attributivo, um outro objecto ou um adjuncto adverbial. Ex.: *Este conselho dá o mesmo Livio* aos poderosos.

<sup>1</sup> *Mal*, é adverbio neste exemplo.

Entre os objectos complexos devemos classificar as locuções do infinito nas orações de que são typicas : — *Ouvi passaros a cantar; viram as espadas a reluzirem*; porque o verbo rege as duas idéas, a contida no infinito e a do nome ou pronome que o precede (A. Alexander, *analyse rel.*)

Dão alguns grammaticos o nome de *objecto de espontaneidade* aos pronomes *me te se nos vos*, que se referem ao sujeito de um verbo intransitivo, do qual se constituem sujeito apparente. Todas essas construcções, porém (*teu me vou, vive-se bem aqui, etc. . .*) fundam-se no principio da *analogia*. Cp. *deu-se o caso, parti-me saudoso, etc.*, em que os verbos são transitivos. <sup>1</sup>

31.— Nos idiotismos acima indicados não encontra a analyse pratica difficuldade alguma, desde que se houver determinado a natureza do pronome, e destacado com acerto os varios objectos:

OBJECTO DIRECTO

*Arrolou-se entre os revoltosos*

|                        |  |                     |
|------------------------|--|---------------------|
| Sujeito                |  | (elle)              |
| Predicado              |  | arrolou             |
| Objecto directo        |  | se                  |
| Adjuncto adv. do pred. |  | entre os revoltosos |

Id.— *Para se aqui deter não vê razão*

(CAMÕES)

OBJECTO INDIRECTO

*Deu-se horriveis tractos*

|                              |  |                   |
|------------------------------|--|-------------------|
| Sujeito                      |  | (Elle)            |
| Predicado                    |  | deu               |
| Objecto directo com adjuncto |  | horriveis tractos |
| Objecto indirecto            |  | se                |

<sup>1</sup> Vide o que dissemos sobre a voz média e passiva.

OBJECTO DE ESPONTANEIDADE

*Regulo se partiu caminho de Roma*

|                           |                 |
|---------------------------|-----------------|
| Sujeito                   | Regulo          |
| Predicado                 | partiu          |
| Objecto de espontaneidade | se              |
| Adj. adv. do predicado    | caminho de Roma |

*Fui-me embora*

|                           |        |
|---------------------------|--------|
| Sujeito                   | (Eu)   |
| Predicado                 | fui    |
| Objecto de espontaneidade | me     |
| Adj. adv. do predicado    | embora |

Complementos <sup>1</sup>

32.— **Complemento subjectivo.** Quando um verbo de predicação incompleta é intransitivo ou passivo, o complemento do predicado fica na relação predicativa para com o sujeito.

O complemento póde consistir em qualquer adjuncto attributivo; mas adverbio ou phrase adverbial nunca forma complemento do predicado. Uma clausula substantiva póde ser empregada como complemento, e como se fóra simples substantivo.

O verbo é palavra *attributiva*, e um infinito (modo ou phrase) é muitas vezes empregado por um adjectivo como complemento subjectivo:— Elle parece *ter-me olvidado*. Este emprego do infinito permite juntar-se-lhe um complemento. Em — « elle parece ser honesto, » *ser* é complemento de *parece*; e *honesto*, de *ser*.

<sup>1</sup> Os complementos correspondem aos *adjunctos*.

São elementos secundarios os complementos dos sujeitos e verbos da proposição.

33.— **Complemento objectivo.**— Quando um verbo é transitivo e está na voz activa, o complemento do predicado está em relação *attributiva* para com o objecto do verbo:— *Eu chamei-lhe parvo; deixe-me só; elegeram Deodoro generalissimo.*

Quando o complemento é um nome, temos, de feito, dous objectos, o segundo dos quaes é factitivo (V. §); mas deve-se consideral-o complemento do predicado. Tão ligado, pelo sentido, se acha ao verbo, que impossivel é separar-se d'elle para representar de sujeito na construcção passiva. Podemos dizer — *o homem foi feito prisioneiro*, — mas não podemos fazer *prisioneiro* sujeito de *foi feito*.

Não se deve confundir este complemento com o *predicado indirecto*, que não representa o *resultado* da acção indicada pelo verbo, nem modifica ou completa o verbo que precede.

34.— **Complemento infinito** é o que segue ou acompanha certos verbos como *dever, ter, de...* (*devo ir, elle tem de vir*). A este infinito chamam alguns — *prolativo*.

35.— O sujeito substantivo, segundo alguns grammaticos, póde ter duas especies de complementos — *appositivo* e *determinativo*.

**Complemento appositivo**, que equivale ao *adjuncto attributivo*, e que é representado por um substantivo especificando o outro:

A Republica do Brasil.  
O Estado do Rio.  
Lagoa dos Patos.  
Isthmo de Suez.

São de complementos appositivos esses exemplos, mas não o são de simples apposição, de que temos amostras em *Cabo Horn, Rio Amazonas...*

Nos escriptores antigos era este o uso, de que se não afastou o chronista J. de Barros — *cidade Evora, cidade Goa...*

36. — **Complemento determinativo.** — É o nome que determina outro, posto designe objecto differente: — *o amor da patria; a restea de sol.* Neste caso é impossível a apposição. Nas Decadas de João de Barros encontram-se, é certo, exemplos de apposições syntacticas, entre as quaes o citado pelo Sr. J. Ribeiro — *a Deus misericordia* (Partiram-se a Deus misericordia sem piloto), isto é, confiantes nò ou entregues ao *Deus de misericordia.*

37. — Os verbos podem ter complementos — *directo, indirecto, attributivo, circumstancial.*

**Complemento directo.** — É o *objecto directo*, isto é, o nome do objecto indicado ou produzido pela acção do verbo: — *Respeitae a belleza, a virtude, a mocidade.*

Só podem ter *complemento directo* os verbos *activos* ou *transitivos*:

a) Quando é substantivo, não vem regido de preposição, a menos que não seja elle um nome proprio, e colloca-se geralmente depois do verbo: — *Deus creou o mundo.*

b) Sendo um verbo no infinito é precedido da preposição *a*, se o verbo principal fôr *principiar, ensinar...*; da preposição *de* com os verbos *acabar, cessar...*

Alguns verbos já se empregam indifferentemente com uma ou outra preposição: — *Começou a falar, começou de falar*, que os antigos diziam simplesmente — *começou falar* (seculos XV e XVI).

Quando o complemento directo de um verbo é o pronome, põe-se em geral antes do verbo: — *eu vos vejo, tu me ouves* (V. §).

Depois de um complemento directo, podem-se empregar certas preposições subordinadas complementivas: — *Elle comprehendeu todo o valor das sciencias, e quanto os homens são parvos nellas não se exercitando*.

38. — **Complemento indirecto.** — É o *objecto indirecto*, isto é, um complemento, além do directo, indicador de pessoa ou cousa por cujo motivo se fez a acção: — *Escrevi uma carta a meu irmão; recebi um recado de meu pae*.

Em regra, o complemento indirecto vem precedido das preposições *a, sobre, para, contra* (indicando o *fim*), e das preposições *de, por, da parte de*, etc. (indicando o *modo, o ponto de partida*).<sup>1</sup>

39. — **Complemento attributivo.** — Alguns verbos admittem, além do complemento directo, outro que é d'elle attributivo.

<sup>1</sup> Os verbos neutros e passivos só têm complementos indirectos. Os neutros têm antes do complemento as mesmas preposições que os activos. Os passivos usam a preposição *por, de* (vencido *por* Cesar, querido *de* todos).

No emprego das preposições nem sempre coincidem as nossas regras com as do latim classico: é que se vasaram nos moldes da b. lat. (*dare ad aliquem por dare alicui*).

40.— **Complemento circumstancial.**— É o *adjuncto adverbial*. Indica circumstancia de *tempo, lugar, modo, etc.*... Quando indica *peso*, nem sempre se emprega com preposição:— *isto não pesa um litro; corri toda a cidade.*

41.— Ha complementos *necessarios* assim como tambem os ha *desnecessarios, accidentaes*, conforme são exigidos ou não pela significação do verbo.

Nas sentenças—*das demasias de sua gula inferiram a brevidade de sua vida* (Vieira); e *de bruteza e preguiça padecem andarem vestidos de pelle de cortir* (Bar. Dec.), o complemento — *da causa*, é exigido pela significação dos verbos *inferiram* e *padecem*, cujos complementos são regidos da preposição *de*.

Na sentença— « á sombra da arvore santa da liberdade, a maldade hoje se abriga, em toda a hediondez, para assolar a terra da nossa infancia » (A. Herc.), o complemento *em toda a hediondez* é accidental porque foi occasionalmente, incidentalmente, ligado ao verbo *abriga*, cuja significação d'elle não carecia nem o exigia.

42.— **Complementos necesarios.**— O complemento *necessario* póde estar em variadissimas relações com o substantivo, e d'ahi o seu tão variado emprego de preposições :

A ingratição *para com* o proximo é vicio contra a natureza.

O homem é escravo *da* morte, hospede *de* logar.

Mais vale inclinação *á (pela)* misericordia que ao rigor *da* justiça.

A conspiração *contra* o governo.

O desprezo *pela (da)* morte, é desapego á vida.

43.—O complemento *necessario* do adjectivo tambem pôde estar em relações diferentes, mas é, de ordinario, acompanhado das preposições *a*, *de*, *para*, etc.

Nestes exemplos vê-se que as preposições exprimem em cada um d'elles idéa, relação, diferente.

Assim, p. ex., *a* acompanha adjectivos que significam vantagem ou desvantagem, opposição, sujeição, desagrado, etc.

Outras preposições podem reger o complemento necessario do adjectivo.

44.—O complemento necessario dos verbos transitivos, raro é regido da preposição *a*, e d'esta unicamente, e isso mesmo—como já vimos—para evitar amphibologia ou por mero idiotismo.

1º Pedro feriu a Paulo.

2º Os soldados adoravam *a* Napoleão.

O emprego da preposição é mais de rigor nas proposições de construcção inversa :

*Aos Arabes* venceram os Christãos.

É excusada, e deve mesmo ser omittida, nos casos em que se não possa dar duvida, amphibologia :

As explorações scientificas amava A. Humboldt.

Emquanto o mar cortava a armada. <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Melhor fôra mudar a construcção, ou dizer — « as explorações scientificas amava-as Alex. Humboldt. »

Os classicos, porém, nem sempre se conservaram adstrictos ao uso, nas phrases de construcção inversa :

Dos rendimentos era justo alimentar *Meale*.

(JAC. FREIRE)

O rei tirar *Ignez* ao mundo determina.

(CAMÕES)

45.—É forçoso o emprego da preposição com os pronomes *min*, *ti*, *si*, quando servem de complemento necessario a verbo transitivo:—*feriu a ti*; ou ainda—com os verbos *começar*, *principiar*, *continuar*, *aprender*—quando o complemento d'elles é um infinito:—*aprendeu a ler*, *continuou a estudar*.

Na fórma pleonastica, em que o complemento necessario é representado por dous pronomes, o segundo deve vir regido da preposição:—*Estimaria ir por onde nem vós nos visseis a nós*, nem *nós vos vissemos a vós*.

46.—Com participios empregam-se os mesmos complementos que os verbos a que pertencem. Regem-os, em regra, e conforme a sua significação, as preposições *por*, *de*...

Não admittem complemento necessario, os participios empregados com sentido activo :

É Velloso nos braços *confiado*.

(CAMÕES)

A resposta foi um *não* muito *desengano*.<sup>1</sup>

(NIEIRA)

47.—Os advérbios de modo em *mente* empregam os mesmos complementos que os adjectivos ou participios de que são formados: *independentemente* de, *relativamente* a...

O advérbio *quanto* (= *ácerca* de, *sobre*) é seguido de complemento regido da preposição *a*, e bem assim as locuções em *quanto*, *no tocante*...

*Além*, *aquem*, *deante*, *atrás*, *mais*, *menos*, *cêrca*, *dentro*, *fóra*, *perto*, *longe*, *antes*, *depois*, etc., têm os complementos regidos da preposição *de*.

48. — **Complementos accidentaes.** — O complemento *accidental* do *substantivo* exprime varias relações de posse, qualidade, fim, carencia, companhia, estado, modo, etc., e consequentemente vem regido das preposições *de* *sem* *com*...

O complemento póde ás vezes transformar-se em adjectivo ou participio: — *Republica do Brasil* — *republica brasileira*, *homem de prudencia* ou *prudente* (V. Synonyms).

49. — Tambem o adjectivo qualificativo, o verbo e o participio passado, podem ser modificados por um complemento *accidental* — ainda

<sup>1</sup> Isto é—que muito desenganou, muito trouxe o desengano, etc.

Id. agradecido, applicado, arrojado, considerado, desconfiado, descrido, despachado, entendido, fingido, lido, poupado, reflectido, sabido, etc...

quando não o tenham *necessario*. São regidos de preposição, e exprimem sempre uma *circumstancia*—de *tempo*, *logar*, *causa*, *fim*, *modo*, *meio*, *instrumento*, *materia*, *preço*, *medida*, *companhia*, *oposição*, etc...<sup>1</sup>

50.—São consequentemente numerosas as preposições ligadas a essas *circumstancias*.

Assim, porex., com a *circumstancia* de **tempo** (em que, *durante o qual...*) empregam-se as preposições *a*, *de*, *entre*, *por*, *para*, *sob*, *sobre*, *em*, *desde*, *depois...*

Na *circumstancia* de *tempo em que* pôde-se supprimir a preposição *em*.

Para denotar o espaço de tempo intercalado entre dous factos historicos, duas phases ou acontecimentos notaveis, empregam-se dous nomes regidos, o 1º das preposições *de*, *desde* ou *entre*, o 2º das preposições *a* (*para*) e *até*:—*Foi de S. Paulo a Santos*; *desde S. Paulo até Santos*.

O **logar** ONDE é regido das preposições *a*, *ante*, *em*, *entre*, *sob*, *sobre* ou das locuções *deante*, *embaixo de*, *debaixo de*, *em cima de...*

*D'onde*, da preposição *de*.

*Por onde*, de *por*.

*Aonde*, *para onde*, das prep. *a*, *para*, *contra*, *sobre*.

Viu descer do logar Archico *contra a praia* um homem a cavallo (Barros. *Dec.*)

...foram todos de parecer que devia (Aff. de Albuquerque) ir *sobre Goa*.

<sup>1</sup> Essa a razão porque tambem lhe chamam *circumstancial*.

A **causa**, pelas preposições *de, por*; a circumstancia de **fim**, por *a, em, para, por* (*em busca de ouro*); *por* (*para*) *dar seu parecer* se poz deante de Jupiter—(Cam. Lus.); a de **modo**, pelas preposições *a, com, de, em, por, conforme, segundo* (*á pé, á rédea solta, ouvir de confissão, em joelhos, em cocoras*; tambem se diz *de joelhos, de cocoras*); a de **meio**, por *a, com, de, por*; a de **instrumento**, por *a, com*; a de **materia**, por *com, de*; <sup>1</sup> a de **origem**, por *de*; a de **espaço, distancia**, pelas preposições *a, de, por*; a de **preço**, por *a, por*; a de **medida**, por *a, de*; a de **companhia**, por *com*; a de **oposição**, por *contra, a, em, por, sobre* (*fazer guerra a alguma cousa; sustentar contra alguém; invadir sobre...*); a de **ordem**, por *antes de, adeante, etc.*; a de **exclusão**, por *sem, á excepção de, afóra, etc.* . .

---

<sup>1</sup> Sendo virtual, usa-se regida das preposições *de, em, sobre*, ou das locuções *ácerca d'*; etc. . . : — Escreveu-lhe *de sua chegada*. (Bar. Dec.) Como o refere S. Jeronymo *sobre o propheta Joel* (Heitor Pin.)

CI

pro

çã

du  
pri  
tiv

ma  
das  
alé

P

## PARTE II

---

### ANALYSE LOGICA

---

#### CAPITULO I

#### CLASSIFICAÇÃO DAS SENTENÇAS E CLAUSULAS. -COORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO

51.— São tres as especies de sentenças ou proposições: **simples, composta, complexa.**

É *simples* quando contém uma unica asserção. Tem um unico sujeito e um verbo finito.

É *complexa* quando formada pela reunião de duas ou mais proposições simples.— A oração principal contém, neste caso, clausulas substantivas, attributivas ou adverbias.

É *composta* quando consiste em duas ou mais sentenças completas e independentes, ligadas por conjuncções coordenativas.— Contém, além do sujeito principal e do predicado, clau-

sulas dependentes e subordinadas com sujeitos e verbos (predicados) próprios.

### Sentenças simples

52.— Quanto ao sentido ou á significação, as proposições e sentenças simples classificam-se em :

**Positivas** :— Um homem sem cultura não avança (Porto Alegre).

**Negativas** :— Não desviou de mim o seu semblante.

**Interrogativas** :— Quem rége a tempestade ?

**Optativas** :— O Senhor vos conduza.

**Imperativas** :— Ao canto dá começo.

**Exclamativas** :— Ninguem te excede !

Podem ser expressas: por um verbo — *contamos*, em que a desinência verbal (pessoal) indica o sujeito ; por um nome ou pronome e predicado (verbo) ; pelo sujeito, predicado e attributo :— *Socrates foi sabio*.

53.— Quanto á *fôrma*, em **completas** e **incompletas** ou **ellipticas**.

54.— Sob o ponto de vista da logica, em **principaes** e **subordinadas**.

55.— As relações, pois, das palavras na sentença ou proposição simples, são — *subjectivas*,

*adjectivas, predicativas, attributivas, objectivas, adverbias.*<sup>1</sup>

### Sentenças complexas

56.—São tres as clausulas subordinadas:

1º **Clausula substantiva** é a que, em sua relação com o resto da sentença, equivale a um substantivo.

2º **Clausula adjectiva** é a que, em sua relação com o resto da sentença, é equivalente a um adjectivo.

3º **Clausula adverbial**, a que, em sua relação com o resto da sentença, equivale a um adverbio.

A sentença é sempre complexa desde que um substantivo, adjectivo ou adverbio fôr substituído por uma *clausula substantiva, adjectiva ou adverbial*.

Duas ou mais clausulas podem estar *coordenadas* umas ás outras:— « É este o livro de que te falei, e que de bom grado prometto apresentar-te. »

57.—A **clausula substantiva** pôde ser :

a) sujeito do verbo da clausula principal : — *Que a religião é a poesia do coração*, é uma verdade incontestavel.

<sup>1</sup> Prop. *implicita* diz-se das que são representadas por uma palavra, como, por ex.:— *O máo filho é feliz?* Não (em que a negativa equivale á proposição — *o máo filho não é feliz*).

b) objecto d'esse mesmo verbo :— *Pedi que fossem.*

c) Adjuncto attributivo do sujeito ou objecto d'esse mesmo verbo :— *A crença* de que não ha virtude sem religião, *tem sido contestada; sinto* que não mais te verei; *preciso* (de que) escrevas logo.

Pôde estar em apposição com outro substantivo ou ser regido de preposição.

A clausula substantiva começa quasi sempre pela conjuncção *que*, pela preposição *de* ou por palavra interrogativa.

Muitas vezes omittem os classicos a conjuncção, principalmente com os verbos *precisar, parecer*, etc.

Na sentença—*sei que elle fez isso*, a clausula *que elle fez isso* é objecto do verbo *saber*.

Em—*perguntou que idade eu tinha*, a clausula *que idade eu tinha* é o objecto do verbo *perguntar*.

Em—*quando parto é incerto, quando parto* é sujeito do verbo *é*.

Em—*a idéa de que consentirei em tal é ridicula*, a clausula *de que consentirei em tal*, está em apposição ao subst. *idéa*.

58.— A **clausula adjectiva** acha-se em relação attributiva para com um substantivo, e prende-se a elle por meio de um pronome relativo ou adverbio relativo (equivalente a um pronome relativo precedido de preposição) :— *Leia esta*

*carta que eu escrevi; é esta a casa onde eu residido (onde está por na qual).*

As vezes emprega-se a clausula adjectiva substantivamente.

Uma clausula adjectiva (como um simples adjectivo) tem de ordinario força definitiva ou restrictiva. Acontece, porém, muitas vezes que as clausulas introduzidas pelos relativos são —quanto á força e significação— coordenadas com a clausula principal. Tal clausula é mais *continuativa* do que *definitiva*. Assim, em—«eu escrevi a vosso irmão, *que* respondeu ainda não tinheis chegado», o sentido da sentença seria o mesmo se dissessemos—*e elle* respondeu etc.

59. — **As clausulas adverbias** representam uma relação adverbial para com um verbo, adjectivo ou outro adverbio.

60. — As *clausulas adverbias*, pois, podem ser distribuidas pelas seguintes classes, conforme as circumstancias ou relações que exprimirem:

a) de tempo: — *Eu estava escrevendo quando chegaste.*

b) de logar: — *Onde estás que não respondes?*

Começam por adverbios ou locuções adverbias de logar.

c) de modo: — *Aconteceu tal qual eu previ.*

Começam pelo adverbio *como*, pelas locuções com elle compostas, e ainda pelas conjuncções e locuções conjunctivas causaes.

d) de gráo: — *Tu és tão bom como elle.*

Formam o segundo elemento das sentenças comparativas, e começam sempre pelas conjunções *que*, *como*, ou pela locução conjunctiva *do que*.

e) de causa: — *Leio muito porque quero me instruir.*

Começam pelas conjunções *porque*, *por quanto*, ou por qualquer locução conjunctiva equivalente.

f) de fim, consequencia: — *Correu tanto que perdeu a respiração.* A clausula adverbial *que perdeu a respiração* é coordenada com *tanto*, cuja significação amplifica e define.

g) de condição: — Estas clausulas começam por *se*, *a menos que*, *excepto*, *posto que*, *comquanto*, *porem*, etc.

61.—Em remate:—A *sentença complexa* ou *composta por subordinação*, é aquella que determina um dos seus termos, ou serve-lhe de complemento, tornando o sentido das orações simples dependente do sentido das outras, e a elle subordinado.

As proposições compostas por *subordinação* só podem ligar-se em relação puramente *grammatical*.

A categoria das subordinações depende da contextura do periodo.

Quanto ao *connectivo*, classificam-se as subordinadas em *conjuncionaes* e *relativas*, conforme fôr elle uma *conjuncção*, *adjectivo* ou *pronome relativo*.

Com referencia á *natureza*, dividem-se em *substantivas* e *adverbiaes*, conforme representam uma d'essas tres categorias grammaticaes.

Quanto á *funcção*, podem ser *subjectivas*, *objectivas*, *attributivas*, ou *adverbiaes*, conforme preenchem as funcções de *sujeito*, *objecto*, *attributo* ou *adjuncto adverbial*. Ex. :— *Noticiaram* que elle morreu (isto é, a sua *morte*); *a mulher de pudor* (isto é, a mulher pudica, pudenda, pudibunda); *chegou* depois que saímos (circumst. de tempo = depois da nossa saída).

As subordinadas adverbiaes podem exprimir diversas circumstancias, de *tempo*, *fim*, *logar*, *causa*, *consequencia*, *comparação*, *conclusão*.

As proposições subordinadas ainda são classificadas por alguns grammaticos em *completivas* (que encerram um complemento essencial para o sentido de outra proposição); *incidentes* (as que se unem ao sujeito ou attributo de uma outra proposição por um pronome relativo, e podem ser explicativas ou terminativas); *circumstanciaes* (as que exprimem circumstancia complementar do sentido de outra proposição— de tempo, modo, causa, etc.)

### Sentenças compostas

62.—**Sentença composta** é a que consiste de duas ou mais de duas sentenças, coordenadas por meras juxta posições (*collateraes*), ou li-

gadas por **conjunções coordenativas** (ou de *coordenação*).

63.—As sentenças, em taes casos, chamam-se *coordenadas*, isto é, estão em relação de *coordenação*; mas as sentenças compostas podem ainda estar em relação de *subordinação*.

No 1º caso estão as proposições (sentenças), que—de igual categoria ou força significativa, e por meio de simples juxtaposição ou de conjunções connectivas, concorrem para a formação do periodo composto:—*O homem pensa, fala e ri*. Neste exemplo ha tres proposições simples: as 1ª estão ligadas intellectualmente; a 3ª, pela conjunção *e*.

64.—As proposições que concorrem para a formação de uma proposição composta coordenada são sempre principaes.

65.—As conjunções mais usadas na coordenação são: a completiva *e*, a adversativa *mas*, a disjunctiva *ou*, e a conclusiva *logo*.

66.—As coordenadas dividem-se, pois, quanto á natureza dos seus connectivos, em *copulativas*, *adversativas*, *disjunctivas*, *conclusivas*.

67.—As proposições coordenadas por mera juxtaposição (*cheguei, vi, venci*), chamam-se tambem *asyndeticas*; e as ligadas por conjunções connectivas — *syndeticas*.

#### Sentenças contractas

68.—Quando as sentenças coordenadas têm o mesmo sujeito, predicado, objecto, comple-

mento ou o mesmo adjuncto adverbial ao predicado, é de uso exprimir uma só vez o que elles têm em commum. E á sentença dá-se o nome de **contracta**.

Exemplos :

*Elle progride vagarosamente mas (elle progride) seguro*, em que o sujeito e predicado são expressos uma unica vez.

*A religião purifica (a alma) e (a religião) nobilita a alma*, em que o sujeito e o objecto só uma vez são expressos.

Cumpre attender ás orações em que a conjuncção *e* não indica separação de idéas, ou em que o attributo coexiste no mesmo objecto: — *os sophistas confundiam* o bem e mal; *Castor e Pollux foram amigos estremecidos*.

Cada verbo tem predicacão distincta; a conjuncção *ou* envolve sempre sentença completa para cada uma das palavras ou phrases. Implicando *alternativa*, exclue idéa de simultaneidade.

69.— Da construcção das sentenças coordenadas contractas, resulta deverem as conjuncções coordenativas ligar sempre palavras e clausulas que se acham na *mesma relação* para com as outras partes da sentença. Seria destempero — como observa Mason — querer ligar um adjectivo a um substantivo (a menos que este não esteja em relação *attributiva* ou *predicativa*), ou um sujeito a um adverbio, ou um verbo do

modo indicativo a um verbo do modo imperativo, etc.<sup>1</sup>

### Sentenças ellipticas

70.— Não se deve confundir sentenças *ellipticas* com as *contractas*. Naquellas, as palavras que faltam ou se subentendem em uma clausula, nos são suggeridas pelo que vem expresso em outra, posto não seja identica na fórma :

Antes gaiola que um tiro,  
Antes morrer que penar.

isto é, *quero* antes gaiola do que *quero* um tiro.

Elle é mais alto que eu.

isto é, do *que eu sou* alto.

As sentenças ou clausulas são, pois, sempre coordenadas; ao passo que as clausulas ellipticas são, em regra, clausula subordinada, isto é, a parte que se deve subentender, por suggerida pela clausula principal.

71.— Póde dar-se a ellipse do sujeito quando representado por pronome pessoal, e d'ella não resulte confusão ou obscuridade de sentido :

<sup>1</sup> O erro que o excellente grammaticographo nota entre inglezes noveis ou pouco affeitos á epistolographia, isto é, — no remate das missivas, no escreverem a fiinda, — é tambem de notar entre nós, e mui frequente. — « Nada mais tenho a dizer-lhe, e creia-me seu muito obr. crd. ».

Não ouças (*tu*) mais, pois és (*tu*) juiz direito,  
Razões de quem parece que é suspeito.

(CAMÕES)

Casos ha, porém, em que sempre se dá a ellipse do sujeito — *chove, é dia, faz frio, está claro...*

Ha ellipse do sujeito da 3ª pessoa, quando este é indeterminado e vago:

Contaram-me.  
Deram-me.

72.— A ellipse do *attributivo*, posto que menos frequente, é todavia de uso, e elegante:

Segundo os avisos, a 1ª invasão *seria* (feita) sobre Ceuta.

(J. FREIRE)

73.— A ellipse do *verbo* é mais frequente, maiormente quando nos actua o espanto, o temor, uma impressão subita qualquer, ou ainda para dar mais energia á phrase. Ex. da ellipse do verbo temos na oitava de Camões em que se descreve Adamastor:

O rosto carregado, a barba esqualida,  
Os olhos encovados, e a postura  
Medonha e má, e a côr terrena e pallida.

Subentende-se em todas as phrases o verbo *tinha*.

Elles tinham a vantagem do numero; *a do logar, os nossos*. Subentende-se *tinham* (a vantagem do logar *tinham os nossos*).

74. — Póde dar-se ainda ellipse da *conjunção*, da *preposição*, do *adverbio*.

A 1ª é de uso mui frequente, e dá mais brevidade á phrase, ás vezes mesmo — mais graça ou energia: — *Vim, vi, venci*.

Em voraz sorvedouro, aos pés do throno,  
Se precipita e some em vã torrente,  
Riqueza, formosura, esforço, glória.

(GARRETT)

A 2ª tambem é mui frequente, mas quando já uma vez expressa a preposição:

Levar-te-ei pelos atalhos da igualdade, e entrando nelles  
andarás (*com*) teu passo largo.

(ARRAES)

Em meio de todos vinha coberto (*nas*) pernas e braços de  
braceletes e argolas de ouro.

(BARROS)

A 3ª é mais rara, mas de bom emprego, e tem por fiador bons escriptores:

Foge dos crimes o mais negro e (*mais*) horrivel  
Meio aberto e (*meio*) fechado estava ainda.

(GARRETT)

75. — Ellipse commum é a do relativo *que*.

Exemplo d'esta ellipse temos no penultimo verso da 1.<sup>a</sup> oitava dos Lusíadas:

E entre gente remota edificaram  
Novo reino que tanto sublimaram.

em que se *subentende* um *que*... isto é,

As armas e os Barões assignalados  
QUE entre gente remota edificaram, etc.

---

## CAPITULO II

### DA CONSTRUÇÃO

**Ordem das palavras na proposição simples, e das proposições simples no periodo composto**

76.—Na conversação, parte-se geralmente de uma noção já conhecida pelo interlocutor, para a desconhecida que se lhe quer apresentar. A mesma idéa, pois, póde vir ás vezes no principio ou no fim da phrase.

77.—A construcção é *logica* quando a phrase caminha parallelamente ao pensamento, quando as palavras succedem-se na mesma ordem das idéas.

No grego e latim a syntaxe registra apenas para dous ou tres casos a *ordem da collocação*

das palavras, porque a sua deslocação nada ou quasi nada influencia no sentido e relações d'ellas. Só attendiam á fôrma grammatical dos vocabulos; não seguiam de todo ponto as regras de collocação, porque as flexões indicavam de prompto qual o papel syntactico da palavra na phrase. Em

*Scipio delevit Carthaginem,  
Carthaginem delevit Scipio,  
Delevit Scipio Carthaginem.*<sup>4</sup>

a construcção é diversa e a syntaxe a mesma.

78.—Não obstante ser lingua analytica, o portuguez conserva todavia (como já vimos) certa liberdade no arranjo syntactico das palavras, por tradição, costume e harmonia, principalmente até o seculo XVI. E esse afastar da ordem analytica, essa liberdade de construcção, é uma das suas muitas excellencias.

*Depressa um pouco vim* (seculo XVI). *A que pelo ordinario concebimenta estava obrigada* (Ar-raes).

Nos classicos e escriptores de boa nota encontram-se construcções similares ás latinas, tão livres e variadas, tão ricas e harmoniosas; mas o portuguez moderno, por seu character mais analytico, obedece *na ordem das palavras* a regras relativamente fixas:—1º sujeito, 2º verbo, 3º attributo, complemento do attributo, etc.

Esta construcção ou ordem *directa*, analytica, é chamada *syntactica* e tambem *logica*.

<sup>4</sup> Egger, loc. cit.

79.— Não podendo mudar a ordem das palavras, o escriptor muda a das idéas, antes de traduzil-as em palavras. Tomemos para exemplo a phrase citada—*Scipio delevit Carthaginem*.

Não podendo, como em latim, alterar a ordem dos elementos prepositivos conservando a mesma syntaxe, apresentamos (dando um outro gyro á phrase) Scipião e Carthago como sujeito ou como regimen do verbo, conforme queremos tornar saliente uma ou outra d'essas idéas. E, conforme tambem tivermos concebido e apresentado de um modo ou de outro a idéa da victoria de Carthago, o verbo estará na voz activa ou na passiva:—*Scipião conquistou Carthago; Carthago foi conquistada por Scipião; Carthago, conquistou-a Scipião*.

A construcção divide-se em *directa*, *inversa* e *interpolada*.

Chama-se *directa* quando as palavras e proposições seguem a ordem da sua subordinação.

*Indirecta* ou *inversa*, quando palavras e proposições collocam-se antes das de que dependem.

« Historia do futuro é o sublime lance de desesperação do Stoico em Utica, não querendo prolongar a vida mais do que a da patria ».

A *inversão* dá muitas vezes gravidade ao estylo, mais requinte, realce e apuro, mais calor, energia e clareza á phrase, e animação. Exemplo temos, e bello, na 2ª estancia dos Lusíadas, C. I., que termina:

.....  
.....  
Cantando espalharei por toda a parte  
Si tanto me ajudar o engenho e arte.

*Construcção interpolada* é a em que se separam as palavras que têm entre si relação íntima e necessária, ficando outras de permeio. É mais usada na poesia :

Abalou-se ás *razões* que ouvin *políticas* do orador dos christãos.

(F. MANUEL)

Nos *Lusiadas* muitos exemplos podemos respigar de interpolações entre as diversas partes da proposição :

ENTRE O SUJEITO E O PREDICADO

E vós, Tagides minhas, pois creado  
Tendes em mim um novo engenho ardente,  
Se sempre em verso humilde celebrado  
Foi de mim vosso rio alegremente,  
Dae-me agora um som alto e sublimado

ENTRE O VERBO E O ATTRIBUTO

E sendo *a ella* o capitão chegado

ENTRE O SUBSTANTIVO E O ADVERBIO

De amor dos patrios feitos valorosos  
Em versos *divulgado* numerosos

ENTRE A PROPOSIÇÃO APPOSITIVA E SEU ANTECEDENTE

E disse assim: Oh Padre, a cujo imperio  
Tudo aquillo *obedece*, que creaste.

80.— Em maioria, os factos da syntaxe de uma lingua dependem directa ou indirectamente, como consequencia natural, da propria natureza do lexico, e sómente do lexico.

É esta tambem a opinião de Tobler (*Rom.*, XI, pag. 455):

circu  
truct

comp  
gação  
mais

rir, o  
quasi  
davia  
na p

D  
serva a

N  
phras  
ta-lhe  
genio  
o tere  
docun  
do est

R  
ordem  
triump  
cal: a  
cia e o  
segund

81

tivo em

PACHEC

«Esse asserto torna-se ainda mais exacto e geral quando circumscripto exclusivamente ás diversas modalidades da estructura vocabular.

«É é isso, com effeito, o que a philologia historica e comparada nos mostra, desde o monosyllabismo, que é a negação da syntaxe, até o perfeito flexionismo, que faculta a mais alta e variada complexidade constructiva».

É claro, em face do que acabamos de referir, que o portuguez muito perdeu da liberdade quasi illimitada do latim classico; mas que — todavia — ainda lhe resta grande e boa liberdade na pratica da inversão.

Das linguas neo-latinas é a franceza a que mais se conserva adstricta ás regras do analytismo.

No tocante á separação dos elementos da phrase estreitamente ligados pelo sentido, aponta-lhe o prof. Diez, além da hereditariedade (o genio da lingua latina), mais duas causas. Uma, o terem sido composições poeticas os primeiros documentos dos novos idiomas; outra, a imitação do estylo latino, que lhes servia de modelo.

Resultado necessario da applicação de uma ordem mais livre, diz o celebre romanista, foi o triumpho do principio logico sobre o grammatical: a construcção fica dependente da intelligencia e do bom senso do leitor, e não mais se opera segundo as estRICTAS conveniencias grammaticaes.

81.—A regra ordena a collocação do *substantivo* em relação attributiva, depois do subst. prin-

cipal, mas a faculdade inversativa é grande, mórmente no estylo erguido, alcandorado :

Cessem do sabio Grego; e do Troiano  
as navegações grandes que fizeram,  
Cale-se de Alexandre, e de Trajano  
a fama das victorias que tiveram.

(CAM.)

do peccado da luxuria brevemente falando.

82.—*Adjectivo*.—1º A significação de muitos adjectivos é determinada pelo logar que elles occupam na proposição, e este factó era extranho ao latim. No sentido proprio occupa o logar que especialmente lhe convém; no figurado é proclítico:—*pallida morte; cego desejo; agradece* (Liç. XI).

O exemplo de *certo* é curioso. Cp. *noticia certa e certa noticia*. *Proprio*, antes do substantivo, conserva a significação originaria; depois, toma sentido desconhecido no latim, de—*purus, mundus*:—*casa propria (propria casa)*. *Só*, antes do art. indef. = *unus*; depois = *singulus* (*um homem só; um só momento*).

2º Quando attributo, o adjectivo colloca-se de preferencia em latim antes do verbo *sum*, e muitos exemplos se encontram d'essa construcção no portuguez antigo.

3º Temos, porém, regras mais ou menos restrictas. Vem antes mais ou menos rigorosamente:

a) — Quando, de pequena extensão, o sentido nada contém de característico.

o su  
quan  
me :  
quer

essen

ções  
solo;

na de  
um c  
quasi  
amb

rem a  
1º log

boa é  
comp  
cular  
tes ca

dade  
quer  
guerr

8  
prece  
partic

b)—Quando o substantivo é nome proprio: — *o sublime Tasso; o divino Platão*. Mas segue-o quando queremos chamar a attenção para o nome: — *Affonso o sabio; Frederico o grande; Albuquerque o terrivel; Castro forte*.

c)—Quando designa qualidade que pertence essencialmente ao substantivo.

d)—Quando o adjectivo exprime certas relações externas (só em estylo poetico): — *o brasileiro solo; a forte gente*.

Vem depois: a)—Quando o adjectivo se acha na dependencia de outras palavras, e seguido de um complemento ou acompanhado de adv., cede quasi sempre o 1º logar ao substantivo: — *homem ambicioso de glorias*.

b)—Em regra, quando os adjectivos se referem ao mesmo nome, este deve ser expresso em 1º logar: — *uma estrada areenta, fragosa, declive*.

Na phrase — *eu amo a boa musica italiana*, *boa* é o epitheto, *musica italiana* uma expressão composta, designificativa de um genero particular de musica. Id. *formoso ginete alazão*. Nestes casos o subst. toma logar intermediario.

c) — Quando o adjectivo indica uma qualidade caracteristica do substantivo, e como que a quer pôr em evidencia: — *o imperio romano, a guerra civil*.

83. — Ha muitos adjectivos que não podem preceder os substantivos. Neste caso estão alguns participios passados, que não podem ser procli-

ticos por haverem conservado vestigio do valor verbal. Antigamente, porém, vinham esses part. pass. de preferencia antes do substantivo, como hoje acontece com os part. presentes.

84. — A collocação do adjectivo epitheto era livre entre os antigos, quer concorressem muitos adjectivos referentes ao mesmo substantivo, quer viesse o adjectivo acompanhado de complemento: — *somos filhos da nova Jerusalém e celeste.*

A verdade é que o logar do attributo é arbitrario ainda hoje, e parece que nessa collocação influe o accento tonico oratorio, que recae no adjectivo posposto ao substantivo: — *cavallo preto.* Quando se dá a inversão, o accento, recaindo no adjectivo, dá-lhe á significação mais vigor, mais energia: — *horrivel crime, infausta noticia, lingua vulgar, literatura brasileira, livro sexto.* Os adjectivos nestes casos não exprimem qualidade geral inherente ao substantivo, mas uma qualidade individual, característica.

85. Os *nomes de numero* seguem a syntaxe antiga, mas com ligeiras modificações. E, já vimos, maior era a liberdade havida na inversão: — *o nove capitulo por capitulo nove, etc.*

Emprega-se na successão ou ordem, tanto o ordinal como o cardinal, e este de preferencia, quando o substantivo precede o nome de numero (*Seculo 14* ou *14º*, *Luiz 11* ou *11º*). Except. os numeros simples, que só podem, porém, ser empregados no ordinal: *D. Pedro 2º*, *D. Affonso 1º*, *Napoleão 3º*, — Justifica o emprego dos cardinaes, o serem elles adj. determinativos, e como que tambem qualificativos dos substantivos: — Diz-se *Luiz XIV* como se diz *Pedro o Crú.*

stan

o die  
mina  
liber  
clitic  
se pr

por u  
pre s

pos l  
xilian  
se c  
pois q  
tinha

F  
tempo  
vir nã

No  
ticipio  
gado u  
enim u  
(Cic. de

8  
vir pe  
ou ma  
1º  
media

86.—O *artigo* vem sempre antes do substantivo ou adjectivo que determina.

Nas phrases *D. Henrique o navegador; todo o dia; ambos os livros, etc.*, a ordem do determinativo não é devida a privilegio seu, mas á liberdade que têm o substantivo e adjectivo proclítico. Como observa o professor Diez, elle só se prende á idéa que deve determinar.

Todavia o artigo pôde ser separado do nome por um adverbio ou expressão adverbial:—*a sempre senhora minha.*

87.—*Participio e verbo auxiliar.*—Nos tempos periphrasticos a ordem regular é — 1º o auxiliar e depois o participio, mas a inversão faz-se commummente:—*todos chegados haviam; pois que chegado era; a dama que visto elle já tinha, etc.*

E a mesma liberdade existiu em todos os tempos com relação ao *infinito*:—*ouvir não quiz; vir não pôde.*

Nos tempos formados com um auxiliar separado do participio pela inversão da phrase (*tinha* por legado do papa *chegado* um cardeal) já era construcção na lingua lat.:—*nemo enim unquam est oratorem, quod Latine loqueretur admiratus* (Cic. de Or. 3. etc.).

88.—*Attributo do regimen.* O regimen pôde vir perto do attributo ou d'elle separado por uma ou mais palavras.

1º O attributo pôde preceder ou seguir immediatamente o regimen:

a) — verbo + attributo + regimen.

b) — verbo + regimen + attributo.

A 2ª ordem é hoje mais usual; a 1ª era mais frequente no portuguez antigo.

2º O attributo póde vir separado do regimen por varias palavras, e geralmente neste caso o verbo occupa logar intermediario.

a) — Attributo + verbo + regimen.

b) — Regimen + verbo + attributo.

A 1ª ordem era frequente no latim; a 2ª — a inversa — é hoje a mais usada.

Esta ordem, que traz o attributo separado do regimen, é regularmente empregada quando o regimen é pronome; mas se o regimen fór um nome, deve ficar perto do seu attributo.

89.— O *pronome pessoal* póde vir antes ou depois do verbo, ás vezes de rigor, como nas pessoas do imperativo, outras para maior elegancia ou energia da phrase: *D'aqui me vem a mim o parecer.*

O *pessoal conjunctivo* deve vir immediatamente ligado ao verbo, afim de que receba a sua accção antes dos outros membros da proposição. Desde os primeiros tempos da lingua, porém, que elle se póde separar, como tambem acontecia no hespanhol antigo: — *se me tu não vales; m'o não consentiu elle; onde a ninguem visse.*

90.— Com os verbos *dizer, replicar, responder, retorquir*, etc., nas citações e phrases incidentes, o sujeito deve vir depois do verbo.

91.— São em geral construídas na ordem inversa, as proposições que começam por um adverbio, e no portuguez antigo tambem as que começavam por um attributo, regimen directo ou circumstancial e ainda por uma conjuncção.

92.— O complemento circumstancial (de tempo, lugar, etc.), que hoje mais se colloca depois do verbo, occupava varios logares da phrase no portuguez, conforme a conveniencia do sentido, mas vinha particularmente no principio.

93.— Tambem como no latim, tinha o portuguez antigo mais liberdade na collocação do *adverbio*, quer fosse de lugar, de tempo ou de modo.

Em regra, sempre se collocava perto da palavra que elle modificava (*escrever bem, falar claramente*); mas nos primeiros tempos nota-se certa tendencia para collocar-o no começo da phrase, principalmente os de modo.

Certos adverbios collocam-se de preferencia entre o verbo auxiliar e o participio (*tenho já lido este livro muitas vezes; não mais fui á Europa ou não fui mais...*)

94.— *Da ordem das proposições simples no periodo.*—As subordinadas collocam-se na ordem de dependencia em que estão da principal; as coordenadas — conforme o sentido e a successão de idéas que se quer manifestar.

### Regras da syntaxe relativas a cada um dos membros ou termos da proposição

*Logar do sujeito.*—Desde os primeiros documentos que regularmente se encontra o sujeito no principio da phrase; mas numerosissimos são os exemplos em contrario:—*hum tal home sey eu, tenho eu, vou eu* (c. vt.); *se me a razão tu dizes* (R. S. Bento). *Haverá paz no tumulto? Para o que ahí repousa, sei eu que ha na terra o esquecimento!* (A. Herc.). *Sonhou um homem que via um ovo atado na ponta de um lençol* (M. Bern.).

A inversão do sujeito é ás vezes rigorosamente prescripta :

a) Nas orações incidentes, e com os verbos *acrescentar, contar, referir, perguntar, desejar, dizer, cuidar, etc.*

*Perguntando certo sujeito a um guarda portão se seu amo estava em casa, respondeu-lhe:—Não, senhor.—Bem, acrescentou o outro, mas a que horas voltará?—Não sei, replicou o malicioso criado; quando meu amo manda dizer que não está em casa, ninguém pôde saber a que horas voltará.*

(M. BERN. Flor.)

b) Quando a phrase começa por um attributo, regimen directo ou circumstancial, adverbio ou conjuncção; e a inversão era mais frequente no portuguez antigo:—*o maior e mais certo motivo de ser amado, é antecipar o seu amor* (Vieira); *si a tanto me ajudar o engenho*

e arte (Cam.); *agora tu, Calliope, me ensina* (Id.); *onde nos estreitava cada vez mais áltiva oppressão* (L. Coelho).

No portuguez moderno é ampla a liberdade inversativa quando a proposição começa por *d'ahi, talvez, apenas...*

c) Com os verbos no Imperativo, que só por emphase se emprega claro quando é pronome:— *dade-vos por mesura* (D. Din. Canc.); *nembre-vos que eu só o vosso Rei almofacem* (Liv. Linh.); *si queres que eu te ouça, ouve-me tu primeiro.*

Ex. emphatico — *tu mesmo fazes isto; tu, que tens de humano o gesto e o peito, a estas criancinhas tem respeito* (Cam.).

d) Com os verbos no subjunctivo, quando se suprime a conjunção: — *quizesse elle, queira Deus, livre-me Deus, etc.*

Diz-se, porém, — *Deus queira, Deus me livre, etc.*

e) Nas fórmulas do Infinito, principalmente regido de preposições: — *Para m'irdes de estorvar, de mi fazerdes mal ou bem* (D. Din. Canc.); *sem lhe lembrar casa nem fazenda* (J. de Barros); *por vos servir a tudo aparelhados* (Cam.); *de mandar os criados e fazer-se a obra vae ainda muito longe* (M. Bern.).

f) Nas proposições completivas começando por *que*. Era a inversão mais usada até o seculo XVI.

g) Nas proposições adverbias indicando circumstancia de logar ou de tempo. No segundo caso é frequente a deslocação enclítica.

por si el Rey achar em Tavilla sem dinheiro.

(G. DE REZ.)

para acabar onde o ninguem visse.

(B. RIB.)

emquanto lhes o dia todo deu logar.

(F. MOR.)

São muitos, porém, os exemplos contraditórios.

Nas *phrases interrogativas* a inversão é mais de uso: — *podermiades vos dizer hu ficou?* (L. Linh.)

*Receava-se Mithridates dos toxicos?*

Mas o sujeito antepõe-se ao verbo quando o queremos pôr em relevo: *Vós me perguntardes per vossa amada?* (Canc. D. Din.); *vós quem sois?* (*vos qui estis?*) *eu faria tal cousa?* (*Ego is hud facerem?*)

*Phrases exclamativas ou vocativas.*— Não ha regra fixa: — *Deus seja louvado! louvado seja Deus.* Mas quando o sujeito exprime pessoa ou cousa pela qual fazemos votos propiciatorios, dá-se sempre a inversão: *Viva a nação brasileira!*

95.—*Logar do verbo.*— No latim o verbo, em regra, era final; mas no da decadencia occupava

muitas vezes o logar medio. Já nos referimos ao facto do analytismo.

O portuguez adoptou a fôrma *analytica*.

quando me mays forçava seu amor

(C. Vat.)

que nom queria bem outra molher senom mi

(Id.)

e se hum meenfestar esse prendam por enmigo e daquelles que foram negos prendam outro

(F. DA GUARDA)

quem me a vos levou tão longe

(B. RIB.)

Mas exemplos do verbo final são abundantes nos primeiros documentos (seculos XIII a XVI):

cunucunda cousa seja (seculo XIII)

(J. P. RIB. *Diss.*)

e nos de suso ditus en esta carta revoramus (seculo XIII)

(Id.)

Aquel que casa fezer, ou vinha ou sa herdade onffrar

(F. DA GUARDA)

incommende a nos ajudoyro ministrar

(R. DE S. BENTO)

do peccado da luxuria brevemente fallando

(D. DUARTE, *L. cons.*)

que já remediar hem nom pode

(D. DUARTE, *L. cons.*)

que chorando vossa mãi nasceis

(B. Rib.)

como a todos os tristes acaece

(*Id.*)

Nos tempos compostos, é o auxiliar, considerado verbo da oração, que occupa o logar medio:—*e fuy com gram coyta dizer* (C. Vat.).

O participio póde ser inicial ou final:—*abusado já tens, já tens abusado; enganado andas, andas enganado.*

96.—*Logar do objecto ou regimen.*—A construcção varia nos antigos textos portuguezes: em latim quasi sempre o regimen directo vem antes do verbo, de accôrdo com o uso das linguas syntheticas.

Notemos as seguintes construcções:

1º Regimen, verbo, sujeito:—*Nos seus olhos via eu...*

2º Regimen, sujeito, verbo:—*Alguns mezes antes de se partir.*

3º Sujeito, regimen, verbo:—*Eu com carinho te obrigo.* Mais frequente nas proposições relativas.

4º Verbo, sujeito, regimen:—*Manda Theobaldo uma carta.*

5º Verbo, regimen, sujeito:—*Recebeu-o elle.*

Estas ultimas construcções eram mais frequentes nas proposições começantes por um adverbio ou complemento circumstancial, que obrigava a inversão do sujeito. Depois da perda dos casos tenderam a desaparecer porque traziam equívoco.

O pronome regimen tende sempre a approximar-se do verbo, de modo a receber a sua accção mais directamente que os outros elementos da proposição.

Em latim os pronomes proclíticos *me, te, se,* collocam-se muitas vezes immediatamente antes do verbo; e o mesmo acontecia no portuguez antigo.<sup>1</sup>

97.— Estes regimens podem ser pronomes, substantivos, infinitos, e nesta distincção cumpre attentar quando se estuda o seu logar na phrase.

O regimen directo *pronome* depende do logar que occupam as fórmulas atonas do pronome, quanto ás tónicas seguem em geral a regra dos substantivos.

O regimen indirecto *substantivo* podia vir em qualquer logar na phrase: tendeu, porém, sempre para collocar-se depois do verbo, quer immediatamente, quer após o regimen directo. Muitos exemplos ainda lembram a antiga liberdade; mas a regra começa a firmar-se.

O regimen indirecto *infinito* segue a mesma regra do substantivo, e desde os primeiros documentos que regularmente o encontramos depois do verbo.

<sup>1</sup> V. Syntaxe dos pronomes pessoais e sua collocação.

98.— **Complementos.**— Era immensa a liberdade, e ainda hoje nos não repugna a inversão. No portuguez antigo o complemento circumstancial vinha principalmente no principio, prendendo assim o espirito do leitor ás circumstancias antes de enunciar a acção.

99.— **NOTA SOBRE A CONSTRUÇÃO INVERSA.**— Difficil, senão impossivel, é estabelecer com segurança regras para os varios casos de estructura inversa. Só a leitura dos bons classicos e auctores de melhor nota poderá abrir com acerto e gosto essa fonte de riqueza da nossa lingua, pois que dá ao discurso mais belleza, força, variedade, e consequentemente muitas vezes mais clareza e harmonia á construcção.

Todavia, muito pelo alto, trataremos de algumas muito usuaves inversões, que são da indole da lingua, mas que podem variar conforme o diverso modo de sentir da pessoa que fala ou escreve. D'ahi a prodigiosa variedade na construcção dos diversos escriptores da mesma época.

1º A proposição do sujeito complexo é quasi sempre construida pela ordem inversa :

Passou a governar a Índia *D. Garcia de Noronha, seu cunhado.*

Determinam esta construcção a clareza ou a harmonia do tecido da phrase.

2º A proposição do sujeito composto, e tambem pelo mesmo motivo, é quasi sempre construida pela ordem inversa :

«Ao seguinte dia depois do assalto, entraram pela barra *D. Antonio de Athayde e Francisco Guilherme*».

3º Na proposição do infinito pessoal ou impessoal é também a inversão de uso frequente.

4º Também nas proposições participaes :

5º Nas proposições apassivadas com o pronome *se*: — *Publicou-se* uma nova grammatica; *travaram-se* luctas horriveis.

6º Nas proposições interrogativas e exclamativas, quando o sujeito vem expresso.

Essas construcções têm mais ou menos exemplos no latim e grego: — *Si quid amicum erga bene feci* (Plauto); *vitiis nemo sine nascitur* (Hor.); grego — *tou peri legis* (Plat.); *Klopes sneka* (Esch.); etc.

---

### CAPITULO III

#### SYNTAXE DO SUBSTANTIVO <sup>1</sup>

100. — O substantivo, em geral, precede o adjectivo. Póde dar-se, porém, a inversão (V. §), excepto em certos casos consagrados pelo uso, em que ella é inadmissivel ou muda totalmente o

<sup>1</sup> ESTES CAPITULOS SOBRE A SYNTAXE RELATIVA A CADA UMA DAS PARTES DO DISCURSO, DEVEM SER ESTUDADOS CONJUNCTAMENTE COM OS CORRESPONDENTES NA MORPHOLOGIA. UM ESTUDO COMPLETA O OUTRO.

sentido do adjectivo epitheto: *mão direita, código civil...*; *mão signal e signal mão, novos homens e homens novos, noticia certa e certa noticia.*

101. — Já nos referimos também á mudança da significação, conforme muda o substantivo de genero ou de numero — *madeiro madeira; honra honras* (V. §).

102. — Os grammaticos condemnam erradamente a flexão do plural dos nomes que exprimem producções naturaes, dos antigos elementos, dos de virtudes e vicios. Mas deve-se dizer — *aguas de Caxambú, de Vichy...* (*aquæ Sextiæ*, diziam os Latinos); *aguas* no sentido de enxurradas, correntes d'agua, mar, vislumbre; *fogos* no sentido figurado, com referencia aos que se accendem para signaes e aos chamados de *artificio*, etc., ou ainda com significação de *casas*, chamadas fugidias produzidas pelas emanções do gaz hydrogeneo phosphorado, que também se levantam nos logares paludosos, cemiterios, etc. (*fogos errantes, fatuos*); *ares* por clima, vento, patria, apparencia; — *as novas ilhas vendo e os novos ares* (Cam.); *mal cobertos contra os agudos ares que assopravam; ares patrios de familia, de fadista; estranhar os ares. Suores*, também é de uso vulgar, e já o era também em latim: — *passar suores de morte* (Luc.), *estar em suores frios; urinas, id., cereaes, etc.*, (V. §).

Lat. *aconita, fabæ, vites, sulphuræ, arenæ, etc.*

103.—No portuguez foi tambem sempre de uso o emprego dos nomes abstractos no plural, posto que de menos latitude na linguagem hodierna (*esperanças, constancias, seculo XVI—silencios, embriaguezes*). Como que augmenta o gráo do sentimento ou faculdade. Outras vezes exprime vicissitudes, alternativas e revezes, os labores da vida emfim, e as voltas da fortuna:—*familiaridades, amizades, temores, tristezas*. (V. §).

Além da tradição—que esta prerogativa syntactica é commum ás linguas classicas—temos para justificar esses pluraes: 1º a relação existente entre os nomes abstractos e concretos, de regra mui incerta; o serem concresciveis os abstractos (*santidades, beatices... delicias, amores, saudades...*); 2º a convenção, que manda se diga *invenções, cogitações*, etc.

Esses pluraes indicam verdadeiramente pluralidade do conceito. Assim, por ex., em *tuas grandes fortunas*, referim-nos aos casos reiterados de fortuna.

104.—Os collectivos têm plural em portuguez, e o seu emprego nas linguas romanas é muito mais lato que no latim, principalmente na linguagem classica:—*exercitos, povos, gentes...*

105.—Tambem têm plural em certos casos os substantivos que indicam metaes, etc. (V. §). Em latim, *pulveres, carnes, frumenta*.

Os nomes proprios têm plural quando considerados, não tanto como individuos, mas como

membros de uma mesma familia:— *Os Stuarts, os FONSECAS, os Pachecos*; ou ainda quando, em vez de se referirem ás pessoas, representam as qualidades, os dotes, que mais as celebrisaram e pozeram em relevo:— *Os Juvenaes, os Catões, os Caligulas*.

« Alguns dos que hoje vivemos alcançamos neste reino homens em sangue e entendimento comparaveis aos *Curios e Cincinnatos Romanos*, os quaes vivendo em estreiteza, que nesta idade parecerá vergonhosa, não se abatiam a vilezas ».

(FR. LUIZ DE SOUZA— *V. do Arc. de Br.*)

« Tiveram os *Scipiões* quem os igualasse nas obras, porém não na fortuna. Teve D. João de Castro *Darios* a quem vencer na Asia, mas não achou *Curcius e Livios* na Europa que illustrassem seu nome » (P. Fr. de Andrade).

Que dirão a isto os muitos *Alexandres* que hoje ha para *Bucephalos* ?

E o mesmo se nota nas linguas classicas:— *Catonnes, Cicerones*; grego, *Demostheneis*.

106.— Tambem têm plural, e não devem os grammaticos rejeital-o, os nomes designativos dos phenomenos meteorologicos:— *as chuvas, os ventos do Sul, os rigores do inverno, os ardores do estio, as trovoadas do verão*.

107.— O substantivo feminino empregado epitheticamente em referencia a um substantivo masculino, toma o genero d'este:— *um besta, um banana, um maricas* . . .

108.— Quando o substantivo qualificador é nome de cousa inanimada, póde differir de genero e numero:— *Tito, as delicias do genero hu-*

*mano*. Isto é, prescinde-se de concordancia se o apposto (o substantivo usado predicativamente) não tem flexão de genero, ou é usado em um unico numero.

109.— O substantivo póde substituir o adjectivo:— *vaso de ouro*; hesp. id.; ital. *bicchier d'oro*. Só empregamos o adjectivo em poesia ou estylo elevado:— licor *aureo*, *bronzea côr*, *ferreo* somno, *argenteas* conchas, etc.

*Sideris one siderea*, e outras expressões como esta eram raras no latim classico; mas na lingua popular eram frequentes as excepções, que por fim constituiram a regra:— *poculum aureum*, *statuæ Encæ*.

Dizemos, porém,— *aguas ferreas*, e tambem *via ferrea*, a par de *caminho de ferro*, *estrada de ferro*.

110.— Qualquer parte do discurso póde substantivar-se:— *os bons*, *os bens*, *os porques*, *os prós e contras*. Alguns, porém, não tomam flexão de plural:— *o combater*, *os não*, *os cinco*. . . Têm plural, está claro, os infinitos já arrolados entre os substantivos:— *os haveres*, *os teres*, *os seres*, *os deveres*, etc. (V. §).

111.— Certos substantivos indicando côres, adjectivam outros, conservando-se todavia invariaveis:— *uma besta* pinhão.

112.— O substantivo apposto concorda com o principal em genero e numero:— *as musas*, *irmãs* de Apollo; *Attila*, *o flagello* de Deus. Isto

é, está em relação predicativa, objectiva ou adverbial, consoante a fundamental.

113.—A construcção dos nomes concretos no plural concordando com adjectivos ou substantivos (apposição) no sing., não é para ser condemnada por estulta. Herdamol-a do latim, temos fiança nos classicos portuguezes :— *Arationes Campana et Leontina* (Cic.); *quantum et duo et tricesimum legiones* (T. L.). A phrase, pois — *as grammaticas portuguezas e francezas*, é tão correcta como a — *o quarto e quinto Affonso* (Cam).

114.—O nome commum de uma cousa, quando tem, **por apposição**, a palavra que a distingue das cousas semelhantes, vem unido a ella, em regra, pela preposição *de*, que é puro expletivo (= que é, que se chama): *a cidade do Rio de Janeiro, o mez de Setembro*.

E o povo diz — *o drama da «Morte moral»; a comedia da «Torre em Concurso»*.

115.—Mas assim como o latim dizia simplesmente *urbs Roma*, em portuguez tambem se omitta muitas vezes a preposição d'esses substantivos em relação attributiva:—*Rio (das) Amazonas, Livraria (de) Alves & C.*

116.—Os nomes de montes, cabos e lagos raro se empregam com a preposição *de*. Estes, quando têm por complemento um nome de cidade (*lago de Genebra*).

Nestas phrases compostas, por apposição, ha uma especie de ellipse.

Esta construcção é preferida com os nomes geographicos para exprimir a patria de alguem, o logar onde se deu algum facto. — Ex. : — *pugna Marathonia, Cato Uticensis, furcæ caudinæ*, etc., e a *batalha de Maratona, Catão de Utica*, etc. Mas dizemos *forcas caudinas*, assim como — *vinho Madeira, Bordeaux*, etc., e do *Porto, do Rheno*, etc.

117.—Sobre as preposições que devem acompanhar os varios complementos do substantivo (adjunctos attributivos) V. §.

E temos por muito recommendado o seu estudo aturado. Assim, p. ex., *de* indica as varias relações de dependencia, causa, origem, tempo, instrumento, união physica ou moral, de objecto ou fim, destino habitual (sala de jantar), profissão ou condição, qualidade, peso, medida, valor, extensão ou duração (*uma garrafa de vinho*, etc.), parte, quantidade, materia (*gota d'agua, ponte de madeira*, etc.) Essas relações, o latim e o grego exprimiam-nas pelo genitivo (caso de dependencia).

118.—Venhamos agora ás principaes regras dos *complementos dos substantivos*:

1º Vêm em geral, ligados pelas preposições *a de por para*: — *amor da patria, uma viagem por mar, os deveres para com Deus*.

2º O emprego da preposição *de* póde ás vezes abrir brecha a equivoco — *o amor da familia*.

Deve-se então dizer *á* ou *pela* familia.

Nestas locuções a preposição reúne ás vezes dous termos, dos quaes o 2º designa ora o possuidor, ora a cousa possuida: — *A barca de Caronte, piano de cauda*. No ultimo ex.

*de*=*com*. E outras relações ainda exprimem essas preposições.

Os Romanos indicavam a posse pelo genitivo — *liber Petri* (o livro de Pedro). Mas, como vimos no correr d'este livro, perdida a idéa dos casos, soccorreram-se elles para clareza da phrase—às preposições *a de* já no latim vulgar (*caballus de Petro, do panem ad Petrum*).

Nas origens, o portuguez conservava recordação do genitivo latino para indicar a relação de posse por meio de simples apposição dos dous nomes (*Condestavel, terremoto*), mas geralmente invertendo a ordem latina, isto é, o nome do possuidor era collocado depois do objecto possuido — *Hotel Freitas*.

3º Os substantivos verbaes conservam muitas vezes os comp. dos verbos de que derivam:—*uma* preparação para *bem* morrer.

4º O subst. complemento põe-se no singular quando é tomado em sentido geral; no plural, quando em sentido particular:

|                      |                          |
|----------------------|--------------------------|
| Trajos de mulher     | Reunião de mulheres.     |
| Negociantes de papel | Negociantes de charutos. |
| Crime sem testemunha | Crime sem testemunhas.   |

5º Muitas vezes é facultativa a flexão de numero:

|                |   |                   |
|----------------|---|-------------------|
| Mercadorias de | { | todas as especies |
|                |   | toda a especie    |

6º Quando dous substantivos pedem depois de si a mesma preposição, podem ter o mesmo

complemento (adjuncto attributivo):— *Seu zelo e dedicação pela verdade.*

119.— Um substantivo, já vimos no correr d'este trabalho, pôde ser:

1º Sujeito de uma sentença ou de uma clausula subordinada.

2º Apposto a um nome ou pronome.

3º Complemento do predicado, isto é, de um verbo intransitivo ou passivo de predicação incompleta (*ser, tornar-se...*)

120.— Omittre-se ás vezes o nome seguido da preposição *de* (possessivo) quando o pensamento pôde rapido suppril-o:— *Comprei este livro no Garnier* (livraria do), *estas pennas são do Leuzinger* (da loja do).

121.— O substantivo *objecto* pôde ser (como já vimos acima):

1º Objecto directo de um verbo transitivo ou participio. Alguns verbos têm objectos, e neste caso o 2º é ás vezes factitivo.

2º Objecto indirecto de um verbo transitivo.

3º Apposto a um nome ou pronome *objecto*.

4º Complemento de um verbo transitivo de predicação incompleta.

5º Adjuncto adverbial — *dia por dia, cem vezes, melhor; caminhei seis kilometros.*

6º Objectivo cognato: — *morreu morte feliz; viveu vida triste.*

À classe dos substantivos pertence realmente o objecto indirecto ; o accus. cognato é mais propriamente um adjuncto adverbial.

122.—O substantivo *objecto* pôde ser empregado com preposições, e ainda com um verbo no modo infinito ou um participio (como predicado indirecto, formando phrase substantiva).

123.—Sobre os casos anômalos dos pronomes objectos, V. §.

## CAPITULO IV

### SYNTAXE DO ADJECTIVO

124.—O adjectivo concorda com o seu substantivo em genero e numero: *um bom livro*. Empregado como attributo, concorda tambem com o sujeito em genero e numero: *Deus é justo*, etc.

125.—Muitos adjectivos no singular podem acompanhar um nome, que cada um d'elles qualifica separadamente: — as linguas *franceza*, *ingleza* e a *allema*.

Se o subst. está no sing. é mais correcto o emprego repetido do artigo: — a *lingua franceza*, a *ingleza* e a *allema*.

Diz-se tambem: o 3º, 4º e 5º *seculos* ou o 3º, o 4º e o 5º *seculo*.

126.—Quando o adjectivo se refere a muitos nomes do mesmo genero, vae para o plural d'esse

genero; se os substantivos forem de generos diferentes, o adjectivo vae para o plural do genero do ultimo, ou melhor para o masculino.

127.—O adjectivo em relação correlativa com um subst. colectivo ou partitivo, vae ás vezes para o plural, construcção esta mais geral no portuguez antigo, e o verbo tambem ia para o plural: — Gente cega *nem os estimo nem me vão movendo* (Ferr.); *começou a quebrantar o povo com diversos gravames, tirando-lhes as forças para melhor os dominar*, tímidos e sujeitos; logo todo o restante *se partiu da Lusitania postos em fugida*.

Notem este exemplo de Alex. Herculano: — « Quando um troço dos homens d'armas que levavam preso Nuno Gonçalves vinham já a pouca distancia da barbacan... »

Alguns **comparativos** e **superlativos** latinos passaram para o portuguez sem a sua força gradativa: — *interior, exterior, intimo, extremo*.

*Intimo*, por ex., é um verdadeiro superlativo, e só por emphase admite grãos de comparação. *Maior extremo* = *extremum*, sup. de *exterum*, cujo comp. é *exteriorem*, d'onde a f. port. *exterior*.

128.—Os comparativos *melhor, peor, menor, maior*, tornam-se superlativos quando precedidos do artigo — *o melhor d'elles, o maior de todos*.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Nos comp. o caso suj. deve vir depois do regimen: *mais bello que (do que) tu*.

Todavia phrases como esta — *mais bella que ti; mais pobre que mim* — são encontradas em docs. antigos.

Os superlativos absolutos podem ser empregados substantivamente, e, á maneira da syntaxe latina, por superlativos relativos:— *O optimo de todos, o sapientissimo do Instituto*. A 1.<sup>a</sup> construcção deve ser reprovada.

129.— Quando a composiçãõ se refere unicamente a dous objectos, o latim emprega o comparativo:— *minor fratrum*. As linguas romanas apartaram-se d'esta regra sempre que o adjectivo vinha acompanhado forçosamente do demonstrativo *o* (artigo), porque d'ahi resultaria a gradação do superlativo. Cp.— *terás louvores de mais sisudo critico*; *o mais novo dos dous irmãos* (fr. *le plus jeune des deux frères*, — ital. *il più giovane de due fratelli*).

Dizem alguns grammaticos que o artigo deve sempre repetir-se — *o homem o mais sabio*. É gallicismo repetir-se o artigo. Os dogmas mais verdadeiros e mais santos podem ter más consequências (*Les dogmes les plus vrais et les plus saints* etc.).

Nos comparativos de superioridade e inferioridade empregavam os antigos *de* (— *do que*, ou simplesmente *que*):— *Vos amey sempre mais d'outra ren* (G. da Vat.); *mais fremosa de outras*. É esta ainda a syntaxe italiana (*più bella dei tutti*); e nós d'essa construcção ainda conservamos vestigios em *mais de 20 dias*, etc., em que *de* = *do que*.

130.— Depois dos relativos *quão*, *quanto*, o superlativo latino, que exprimia o mais alto grão da possibilidade (*quam celerrime potuit*), é representado em portuguez pelo comparativo:—

*quanto mais depressa possível.* E o mesmo dá-se no ital., fr., hesp., valachio.

B. lat.— *quam citius poterit  
quandocumque ego citius potuero*

Emprega-se também o comparativo depois de outros relativos (*quando, onde, etc.*), e de certos verbos: *Quando o sol mais formoso se mostrou* (pulcherrime); depois do pronome relativo: *O filho que eu mais amava.*

B. lat.— *faciat exinde quidquid melius elegerit.*

131.— É frequente o emprego de *muito* com subs. (*era mui noite, é muito verdade*); e quando concorrem dous substantivos em relação attributiva, referindo-se a um unico sujeito, indica-se a preeminencia de um sobre o outro por meio da particula comparativa: — *És mais philologo do que X; és tão bom poeta como Z. ou quanto Z.*

132.— Em vez do superlativo, adoptamos ás vezes o positivo repetido: — *dous olhos negros negros*, correspondente também ao *mui muito* do seculo XVI — *monte mui muito alto* (V. 2). Outras, empregam-se dous adjectivos synonymos; outras ainda, o positivo seguido do seu superlativo absoluto: — *É o mesmo mesmissimo facto.*

Mais.— Por similitude: *branco como neve, preto como carvão, feroz como um leão*; com um diminutivo: — *vá de vagarinho* (muito de vagar).

*Mal* ás vezes se emprega por *muito*.

*Malvos enganastes, que na casa do pobre todos são pobres, e não come senão quem trabalha* (Fr. Luiz de Souza, seculo XVII); *achava-se Saul tão mal ferido, que nem se podia defender* (Vieira).

São ainda equivalentes do superlativo analytico—*sobre todos, mil* (mil razões), *assás* (assás de, seculo XVI), *bem bom, bem doente*.

*O mais do tempo por maior parte do tempo*, é do seculo XVI.

O portuguez liga mui raro a desinencia *issimo* do superlativo ao substantivo:—*mestrissimo*. Temos exemplo de criação moderna em *generallissimo*. Era commum em latim—*oculissime homo, o patruie mi patruissime* (Plauto); e o mesmo se dava em grego.

133.—Os **possessivos** empregam-se geralmente antes dos substantivos. Dá-se, porém, a inversão quando o substantivo é precedido de um indefinito ou de demonstrativo:—*alguns livros seus, um parente meu*.

O possessivo era geralmente precedido do artigo: *o meu amigo; seja feita a tua vontade*. Esta fôrma é hoje a mais usual, menos antes dos nomes de parentesco, quando não se segue o nome proprio ou epitheto:—*meu pae, minha querida filha*.

134.—Os *possessivos* são ás vezes substituidos pelos demonstrativos:—*Olha-me aquelle as-sobiár* (G. Vic.); *mandou Lopo Soares que neste ir e vir aos comprar andasse sómente um largantim* (Bar. Dec. I).

135.—Veremos adiante que se póde empregar o artigo pelo adjectivo possessivo, regra que, todavia, não é absoluta. Tanto se diz:—*Passo meus dias na tristeza*, como *passo os dias na tristeza*.

Mas quando se quer insistir na relação de posse ou exprimir sensação habitual, ou ainda dar mais força á asserção, deve empregar-se o adjectivo possessivo:—*Ouvi com os meus ouvidos; ella está com a sua enxaqueca*.

136.—Tambem se deve empregar o possessivo *seu, sua*, com os nomes de cousas quando elle faz parte do complemento directo: *Quando estive em Roma, muito admirei a belleza de seus monumentos*.

137.—Sobre o emprego do pronome pessoal pelo adjectivo possessivo (V. §).

138.—O **possessivo pleonastico** consiste no emprego claro do possuidor:—*Os seus feitos d'elle; dos Santos não me mato em seus louvores* (S. de Mir.).

É o possessivo que forma o pleonasma.

139.—O **possessivo periphrastico** forma-se com os verbos *ter* e *haver*:—*com a sêde que tenho de vingança* (= *com a minha sêde*).

Cp. b. lat.:—*De filio vestro quem habetis*.

140.—Quando concorre mais de um adjectivo, referindo-se a pessoas ou cousas diferentes, representadas por um unico nome, deve-se repetir o possessivo:—*Nossa boa e nossa má condição*.

141 — O **demonstrativo** concorda, como em latim, com o substantivo que serve de attributo: — *Esta é a verdade*. Mas se o pronome se refere a um enunciado anterior, em relação com um substantivo abstracto, por intermedio do verbo *ser*, emprega-se a fórma neutra: — *Isto é verdade*.

Os demonstrativos conservaram a relação latina. Quanto á de *hic* e *ille*, deve-se observar: 1º, que se empregam sem attenção á distancia mais proxima ou remota do objecto grammatical, como se dava em latim; 2º, que ambos a par, representam dous objectos indeterminados, independentemente da idéa de proximidade ou afastamento: — *Esta e aquella parte; estes o gabam, aquelles o deprimem* (uns... outros...)

Os dous adjectivos pronominaes podem tambem referir-se (em linguagem vulgar) a uma unica idéa: — este é aquelle *de quem vos tenho falado*. — Este modo de dizer é commum ás outras linguas romanas: — *Cet homme est celui; ques l'è colei chè; este e aquello de quem...* esto és *acelo que...* Lat.: — *Hic est ille senex, cui verba data sunt*.

Tem o portuguez um outro modo de exprimir o demonstrativo *iste*, que é empregando *aquelle* ou simplesmente *o, a* (*ille*): — *direi sómente o em que pararam estas coisas* (F. Mend.); *determinou de effectuar o para que alli era vindo*.

Em latim *is* não podia substituir um subst. precedente, porque bastava a relação do geni-

tivo: — *Amicitiae nomen tollitur, propinqualis manet*; mas no latim vulgar da média idade dizia-se — *de vinea S. Eulalia ei de illa de S. Justi*.

O vulgo costuma antepôr o determinativo *o* ao demonstrativo *aquelle*, para indicar pessoa de cujo nome não se lembra (*o aquelle*), e do seculo XV temos uma composição identica, que é a expressão *elle esse*: — *Bom jamvaz lhe seria elle esse* (J. V. *Eufros.*).

142. — Com os verbos *ficar, ir, estar, parecer, etc.*, usa-se do demonstr. *o* em vez de outro adjectivo tomado attributivamente: — *Não fôra Christo o que era nem a esposa o que devêra ser* (Vieira); *ao feio nem por serem o deixam de ser estimaveis se tem virtudes* (Lobo).

Este *o=ello* (illud), e não se deve confundir com o adj. art.

143. — O emprego dos *cardeaes* pelos *ordinaes* data das primeiras épocas da lingua, e tornou-se mais frequente no portuguez dos seculos XV e XVI: — *capitulo vinte, seculo doze, etc.*, sendo de notar que nos 1<sup>os</sup> geralmente o cardeal precedia o substantivo: — *No doze capitulo de Tobias* (Azur.).

Devemos, porém, advertir que as fórmãs eruditas *undecimo, duodecimo*, são de criação mais recente.

144. — Às vezes empregam-se *ordinaes* na fórmula neutra: *pagar a decima, a vintena*; outras, com ellipse de qualquer substantivo: — *Elle*

era o 1º da lista (isto é, candidato, etc.); é a 1ª que isto me acontece (isto é, a 1ª vez).

No seculo XVI ainda se empregava o ordinal precedido do artigo: — « Encomendou el-rei D. João terceiro a S. Francisco Xavier o informasse . . . »

145. — Pouco temos a dizer sobre os adjectivos pronominaes **indefinidos**.

**Algun.** — É fôrma popular paralela a *alguem*: — *Algun disse já que a verdadeira nobreza consiste na virtude.*

Apezar de etymologicamente opposto, confunde-se com nenhum: — *Palavra arabe alguma selhe entende* (Camões); *em tempo algum*.

Tem flexão de genero e numero.

Antes das contracções *d'elles*, *d'ellas* suprimiam muitas vezes o pronome: — *Em colera mil corpos derrubando, d'elles mortos, d'elles mal feridos* (C. Real., *Cerco de Diu*).

**Cada.** — É de emprego posterior ao de *cada um*. No seculo XVII empregavam ainda *cada um* no plural:

*Tynha encarrego de dar cada umas aos desembargadores. Ficaram cada um onde a morte o tomou.*

Este emprego tem exemplo no latim: — *Ubi quisqui vident, eunt obvium* (Plauto). — *Ubi quisque habeant, quod suum est* (id.).

*Cada vez que* (=loc. adv. *de cada vez que . . .*) tem sentido identico ao antigo composto *cada que* (Ord. Aff.; C. de D. Din., etc.).

**Certo.**— Tem mais de um sentido conservado pela tradição latina: — de *determinado, resolvido, convencido e verdadeiro.*

**Mesmo.**— Os pronomes latinos *ipse, idem*, grego *αὐτός* e *ὁ αὐτός*, vertem-se para o italiano por *stesso* e *medesimo*, em portuguez por *mesmo* (V. §). Assim, pois—além do sentido etymologico—têm outro como se vê, por ex., na phrase—*amamos a mesma mulher*, em que *mesma* deve ser vertido em latim por *eandem*, e não por *ipsam* ou por *metipsimus*.

1º No sentido de *ipse ipsa ipsum* usamos de *mesmo* precedido de outro pronome (*eu mesmo*), ou seguido de um substantivo:—O *mesmo autor disse* (*ipse auctor*, elle em pessoa); *os mesmos delirios são indícios de engenho.*

Às vezes traduz-se por *proprio* (*por minhas proprias mãos, de minha propria vontade*).— O emprego, porém, de *proprio* por *mesmo* tira origem no latim:—*Sua propria facultate* (Cic.); «sed quia commune est hoc argumentum aliorum etiam philosophorum, omittam hoc tempore, ad *vestra propria* venire malo» (Id). *Elle mesmo disse*—*ipse dixit* (Cic); *nesse mesmo dia*—*ipso illo dia*. *Mesmo*, pois, em lugar de *proprio*, é de nobre estirpe, tem cunho classico. E em latim, *ipse* servia para indicar rigorosamente a personalidade, a opposição entre dous individuos.

2º—Significando *idem, mesmo* vem seguido immediatamente de substantivo e precedido do

artigo—ou segue o substantivo:—*a mesma coisa*; o *homem mesmo veio cá*. Dá-se o mesmo em grego.—*A mesma natureza enamorada*, escreveu Camões; o *mesmo Christo*—Vieira; *olhae para o mesmo sol*, e *para a mesma luz*. . . a *mesma natureza*—Id. *Não teve animo o criado para executar*, e *lançando-se o mesmo Saul sobre a ponta da sua espada, caiu morto*; e D. Francisco Manoel de Mello:

— O *Religio da Sé em casa do serralheiro* ?

— *Esse mesmo*.

— *O da matriz* ?

— *Esse proprio*.

O *avarento é do trato de si proprio cruel e escasso* (P. A. Vieira).

Não ha razão, pois, para refugarem alguns grammaticos esses modos de dizer, posto em alguns casos mais se deva preferir ou só se deva empregar *proprio* por *mesmo*:—Manifestei-lhe a minha *propria* (individual) opinião; creio mais nos meus *proprios* olhos. Barbarismo, linguagem mascavada, sim, é, p. ex. — o *auctor* elle mesmo etc., gallicismo de que se acham gafos os nossos traductores.

L'auteur lui même } o mesmo autor  
                                  } o autor mesmo

**Ninguem outrem.**— É fôrma ainda corrente, e já de uso no seculo XVI:— *De ninguem outrem se poderão aceitar estas cousas*—(Ferr.),

posto viessem muitas vezes trocados os termos da combinação : — *Bem sei que outro ninguem pode valer ; ali outrem ninguem me conhecêra* (Camões).

Hoje só se emprega a 1ª fôrma.

**Todo.** — É de emprego antigo desacompanhado do artigo : *tudo homem, todo mundo, em toda parte.*

Hoje mais se generalizou o emprego do artigo ; mas ha regra a que estão adstrictos os disciplinados, como veremos adiante. Devemos dizer — *todos dous, todos tres, etc...* Bernardes escreveu — *em toda parte, viveiro de todo mal, pomo de toda discordia... chego de falar toda a tarde* (Vieira); *para lhe acudir a toda a hora* (Luc); *toda a gente entrou de roldão* (F. M. Pinto); *fazendo todo o serviço da casa* (Id.); *em todo o caso, em toda a nudez, a todo o tempo, a todo o momento, toda a natureza* (C. Cast. Br.)

146. — Houve vacillação no emprego de *tudo* e da sua fôrma divergente *tudo*.

*Fizeram tudo o necessario.*

*Em todo e por todo.*

Tambem era muito frequente entre os classicos o emprego de *tudo* por *todos*:

*Armadores e marinagem tudo da mesma terra.*

(V. DO AN.)

*As abobadas, pilares e paredes são tudo cantaria.*

(H. DE S. DOM.)

*E andando já a arvore secca, sem outro governo que o da furia do tempo, sem outra esperanza que a do Céu, sem outro pensamento que o da morte, tudo eram lagrimas e votos.*

(LUCENA)

Em alguns casos, cremos, de nós, *tudo* representa um pronome syntketisador, é do genero neutro e equivale a *tudo* isso. Ex.: *As abobadas, pilares e paredes são — tudo isso — cantaria.*

147. — Empregado como adverbio (=inteiro, totalmente), é claro que o adjectivo *tudo* deve conservar-se invariavel: — *Elle estava todo contente; elles eram todo ouvidos.* Mas devemos dizer: *a casa está toda em fogo; uma caixa toda de páo rosa.* É que nestes exemplos *tudo* é adjectivo, indica a totalidade e deve consequentemente estar sujeito á concordancia. Em — *elles estavam todos satisfeitos*, entende-se que *elles todos estavam satisfeitos*, mas não que *todos elles estavam inteiramente satisfeitos.*

148. — O adjectivo com sentido pessoal tem, nas linguas romanas, emprego mais extenso que em latim: — *homo doctus* = o douto. *O erudito, o sabio, o litterato*, etc.

Em latim, porém, tambem se dizia — *indoctus discens, sapiens...*

149. — Se o adjectivo exprime uma idéa abstracta, emprega-se na fórma masculina, correspondente ao neutro, e vem sempre precedido do artigo: o *bello*, o *sublime*, o *verdadeiro*. Com a palavra *cousa* (ant. *rem*) formam-se periphrasticas d'esses neutros.

150. — O adjectivo que faz as vezes de adverbio é sempre invariavel: *Ella estava de branco; falar alto; elle vende as fazendas caro...*

É erro dizer-se: — *a porta está meia aberta por meio aberta*. No primeiro caso significa que a metade da porta está aberta; no segundo, que a porta está algum tanto aberta. E assim devemos dizer: *casas meio queimadas*, etc.

O emprego do adjectivo na fôrma masculina com força adverbial data do seculo XVI; no periodo ante-classico empregavam os adverbios em *mente*.

Nem todos os adjectivos têm esta prerogativa, porque, ou escureceria a locução, ou indicaria affectação. Só pôde ser ensinado pela leitura dos bons textos.

O grego e o latim faziam uso muito frequente d'essa prerogativa, servindo-se de adjectivos para indicar circumstancia ou relação do modo, tempo, lugar, isto é, nos casos em que nos servimos de adverbios ou locuções adverbias (Socrates venenum *lactus* hausit; Æneas se *matutinus* agebat); ou do neutro accusativo: *perfidum* ridere, *tremendum* sonare, *altum* dormire. etc.

Tambem, a exemplo das linguas classicas, se empregam os adjectivos *só*, *primeiro*, etc., pelos adverbios correspondentes: — *Só tres passos subimos; só a miseria não faz invejosos; primeiro o disseste a mim*.

151. — Quando um substantivo se refere a outro de genero differente, o adjectivo concorda com o segundo: — *Cleopatra, aquelle typo de belleza*.

Os escriptores antigos faziam-no concordar

com o primeiro substantivo, e o povo ainda diz:  
— *J. é um zebra, um besta.*

152.— Nos adjectivos compostos por juxtaposição, só o ultimo elemento toma flexão de plural:— *escola medico-cirurgica, guerra franco-prussiana.*

153.— Às vezes emprega-se o adjectivo no plural para exprimir a idéa substantivada:— *superiores, inferiores, infimos, intimos, nobres, posteriores, maiores, menores, mortaes, meus, teus, etc.*

A pratica já era latina.

154.— Ha um emprego particular do adjectivo feminino, que cumpre apontar. Referim-nos a diversas locuções adverbias, em que se deu a ellipse de um nome feminino:

*Elle fez das suas (toleimas, loucuras, etc.)*

Boas *me contas* (cousas, novas, etc.)

*Temos outra* (cousa de admirar).

*Escapaste de boa* (circumstancia, emergencia boa ou má).

*Veste-se á ingleza* (moda), etc.

### Collocação do adjectivo

155.— Só podem vir seguidos, isto é. não separados por virgulas ou conjuncção, quando um d'elles é determinativo:

*Um homem bom, modesto e generoso.*  
*Seu (este, etc.) excellente pae.*  
*Que lindo panorama!*

156.— Ha adjectivos que se collocam antes ou depois do substantivo conforme o sentido, porque, conforme o logar, mudam de significação:— *um gentil homem, um homem gentil; um grande homem, um homem grande; homem de certa idade,— de idade certa; um amigo velho e meu velho amigo.* (V §).

157.— A maior parte dos adjectivos qualificativos, posto se colloquem depois dos substantivos no estylo vulgar, podem todavia vir antes, na linguagem erguida, alcandorada:— *sinistros pensamentos.*

158.— Ás vezes colloca-se um adjectivo antes e outro depois:— *Um bom cidadão, e nada corrompido;* o que não poucas vezes concorre para maior belleza.

159.— Nas exclamações, colloca-se ás vezes o adjectivo no começo de uma phrase elliptica:— *Covarde o que atraiçôa o bemfeitor!* = *é — o que (quem, aquelle que) atraiçôa o bemfeitor.*

### Complementos do adjectivo

160.— A tradição e o uso é que determina qual a preposição exigida pelo adjectivo:— *pobre de dinheiro, apto para o trabalho, util a todos, bom para com todos.* As mais empregadas para a ligação dos adjectivos aos seus complementos, são — *a, de, para, sobre, em,* etc.

161.— Certo numero de adjectivos não se usam com complementos, por terem já por si sentido preciso, completo:— *timido, temerario* . . .

162.— Alguns, no estylo elevado ou figurado, tomam complementos que lhes mudam o sentido:— *ebrio de gloria, sedento de vingança, surdo ás supplicas*.

163.— Quando dous ou mais adjectivos seguidos pedem preposições differentes, cada um deve ter o complemento que lhes convem; mas se admittem a mesma preposição podem ter o mesmo complemento:— *Esse professor é severo, mas justo, para com os seus discipulos, e muito querido de todos elles*.

164.— Tivemos uma fórma de partitivo até o seculo XVI:— *Empresta-me do azeite* (G. Vic.) *dá-me do pão*, etc. ou dizemos simplesmente— *dá-me pão; empresta-me azeite*. Hoje empregamos as expressões *um pouco, algum*, etc.

165.— Quanto aos complementos dos adjectivos, só diremos que alguns adjectivos (*ebrio, consciante, pobre, rico, digno, capaz, avido, cheio, vasio, certo*, etc.), e os partitivos, unem-se aos seus complementos pela prep. *de*:— *digno de louvores, isento de dissabores, incapaz de humildade* . . . o ouro é o *primeiro dos metaes, um dos soldados* (= um *d'entre* os soldados; lat.— *unus de militibus*).

Os participios formados com a prep. *de*, conservam-na quando empregados adjectivadamente:— *ausentar-se de, ausente de*.

Temos, porém, construcções divergentes:—  
*fertil (em, de), ignorante (em, de), rico (em, de)*  
etc.

Tambem é a prep. *de* a que une o adjectivo ao complemento indicador da parte, qualidade, defeito, origem : *Feio de corpo, mas bonito d'alma; bem feito de corpo.*

166.—Diversos complementos de adjectivos são regidos das preposições *a, para, de*, seguidas de um infinito:—*seguro de vencer, inclinado a trabalhar.*

As vezes o infinito tem sentido passivo:—  
*Cousa difficil de crêr, e triste de pensar; homem facil d'enganar.*

167.—Entre um partitivo e o participio ou adjectivo que o qualifica, *de* é expletivo, e não signal de complemento:—  
*Nô que elle diz ha alguma cousa de verdadeiro; nada têm de assentado.*

168.—Outros adjectivos unem-se ao complemento pela preposição *a* ou *para* (*igual, prompto, fiel, acostumado, analogo, anterior, attento, estranho, desagradavel, repugnante, sensivel, inutil, etc.*).

## CAPITULO V

### SYNTAXE DO ARTIGO

169.—O **artigo** ou *adjectivo articular* emprega-se para determinar restrictamente, indivi-

dualisar o substantivo ou substantivar qualquer parte do discurso, e ainda phrases, clausulas e sentenças: *os bons, os porques, o ficio* de D. Pedro I, *o morra e vingue-se* de Vieira, *o tempo é de recolher á Igreja* de Affonso de Albuquerque, *o saiba morrer o que viver não soube* de Bocache.

170.— *Emprego do artigo.*— O emprego do artigo é obrigatorio com os nomes proprios no plural:— *os Cesares*; mas, como acontecia em grego com os nomes de pessoas celebres (vultos heroicos ou mythologicos) tambem se usa d'elle no sing. para maior distincção do individuo e que se não confunda com algum homonymo:— *o Gama*. No sing., porém, excepto esse caso, é mais de uso o não emprego do artigo:— *Phrynéa, D. João VI, Pasteur, Jupiter...* porque não ha receio de confusão com outro. Dizemos *o Pacheco, o Abilio*, etc... mas é gallicismo, e erro, dizer-se *o Dante, o Christo, o Shakespeare, o Tasso*.

É, porém, de rigor o emprego do artigo no sing. quando o nome proprio tem sentido common, como acontece com os primores da estatuaria e pintura:— *o Jupiter de Phidias, o Christo de Rubens, a Venus de Milo, o Lacoonte*.

É tambem de rigor antes das obras primas nas letras, ensinam os grammaticos,— *a Illiada, os Tamoios, o Uruguay, o Paraíso Perdido*. Empregamos, porém, o artigo antes de qualquer titulo de obra a que nos referimos, excepto quando fazemos citação.

171.— Com os nomes de baptismo só se emprega o artigo na *linguagem familiar* — para melhor individualisar a pessoa a que nos referimos:— *O José cá não veio hoje.*

172.— Quando o substantivo vem modificado por um adjuncto attributivo:— *o hypocrita Tartufo, o sabio Salomão; Tasso, o sublime louco.*

173.— É tambem de rigor o artigo antes dos epithetos, cognomentos, alcunhas:— *o Tiradentes, o Barba Ruiva, o Aretino, o Alighieri, o Pato tonto, o Cabogá.*

174.— Emprega-se ainda o artigo com idéas genericas, em sentido collectivo:— *O homem é sujeito ao erro; o ouro, o ferro, etc.*

Era esta a pratica no grego. No latim classico dizia-se simplesmente *homo* (e ainda nos docs. antigos portuguezes se encontram amostras d'essa redacção), mas no popular o substantivo *homo* era precedido dos demonstrativos *ille* ou *hic*.

— Tambem com as idéas abstractas:— *a sabedoria, o odio, a justiça.*

— Com os adjectivos numeræes indicando horas:— *às 3 horas.* Diz-se tambem *ao meio dia, à meia noite.*

— Emprega-se com os nomes das cinco partes do mundo, das regiões, estados, paizes, rios, montanhas, mares etc. São muitas as excepções; assim, por ex., diz-se:— *Elle chegou da Bahia, e vem de Pernambuco; vae a S. Paulo e de lá segue para o Rio Grande do Sul.* Dizemos — *as guerras da França e as guerras de Italia,* e o uso tam-

bem manda dizer—o *Imperador da China*, e o *Rei de Portugal*.

175.—Póde-se empregar o artigo determ. antes dos adj. poss. e dos infinitos:—*a tua mão*. (V. §).

O emprego, porém, é de rigor quando queremos afirmar ou negar alguma cousa com mais emphase ou vehemencia:—*Este é o meu livro e aquelle o teu; todos vós sois meus filhos, mas falta-me aqui o meu filho* (Vieira).

176.—O artigo é tambem de rigor antes das palavras *Senhor*, *Senhora*, excepto quando nos dirigimos a alguém que lhe pronunciamos o nome, titulo ou dignidade.

Mas omitta-se antes de titulos compostos com o gen.—*monsenhor*, *messer*, *madama*, e tambem antes de *Frei* e de *Soror*, *Santo*, *mestre* por *sabio*, etc.

Ex.:—o *Sr. Alencar*, o *doutor A.*, o *visconde de X.*, *monsenhor Brito*, *S. Sebastião*, *Frei Caneca*, *Soror Thereza*.

177.—Tambem é de uso o artigo quando um substantivo ou adjectivo qualif. vem ligado pela preposição *de* a um nome de pessoa, a quem no referimos com certa energia:—*o velhaco do João*; *o mentiroso do sapateiro*. Mas estes modos de dizer só são usados na linguagem familiar.

178.—O artigo é de regra no superlativo relativo (excepto quando ao adjectivo precede um pronome):—*as minhas mais bellas illusões*.

Supprime-se geralmente quando o superlativo vem posposto ao subst. já precedido do artigo ou acompanhado de possessivo: *sua idade mais feliz, seu filho mais velho, os seus trabalhos mais notáveis.*

Se o subst., porém, vier precedido do indef. *um*, emprega-se o artigo.

179. — Depois de *todo*, deve-se empregar o artigo quando o substantivo estiver no plural; no sing. é facultativo o seu emprego, quando *todo* indica totalidade (V. §).

O ital. e hesp. rejeitam o artigo quando representa o sentido de *quisque* ou de *omnis*; no portuguez antigo escrevia-se *todo homem, toda mulher, todo animal, toda pessoa que cré, todo logar, em toda villa, etc.*, nos seculos XV e XVI. Quando *todo* correspondia a *inteiramente*, á cousa em sua generalidade, supprimia-se o artigo, cujo emprego era de rigor quando *todo* se referia somente ao individuo, á totalidade das partes integraes: — *Gastou todo o cabedal, toda a parte, todo o dia, toda a casa, etc.*

Com numero cardinal não se deve empregar artigo: — *todos tres.*

Cp. *Todo o homem, todo homem.* Neste ultimo caso melhor é empregar o plural — *todos os homens.*

Nos classicos modernos o emprego do artigo é arbitrario (Camillo, L. Coelho, Rab. da Silva, etc.) (V. §).

Para saber o emprego, basta poder inverter a phrase sem mudar de sentido:— *todo o mundo* = *o mundo todo* (*totus iste mundus*), *todo o homem* não é o mesmo que *o homem todo*; etc.

Liberdade da inversão } em o dia todo  
                                  } em todo o dia

180.— Emprega-se o artigo quando na locução concorrem dous substantivos, e o 2º exprime de modo preciso o fim do 1º:— *o homem do leite* (que vende leite), *o vidro do sal*, etc. Este emprego, porém, é arbitrario, e dizemos — *garrafa de vinho*, *feira de gado*, etc.

181.— Ha nomes que rejeitam o artigo por terem sentido muito restricto a um ser ou objecto:— *Deus*. Deve-se, porém, dizer, é claro, — *o Deus de Israel*, *o Deus dos Christãos*, *o Deus da guerra*.

182.— Quando se quer indicar o preço ou avaliação:— *Vale mil réis o kilo* (cada).

183. — **Omitte-se o artigo:**

1º Com os nomes dos dias da semana e dos mezes;

2º Em prop. geral depois de preposição:— *está em casa*, *cheguei de Pernambuco*. Exceptua-se quando queremos determinar mais particularmente o logar já conhecido e de que se trata, e outrosim com certos nomes locais: *estou na casa*, isto é, na que se desmoronou, *aluguei etc.; cheguei do Paraná*.

3º Com os nomes de cidades; não esquecendo que ha excepções, como já vimos.

4º Quando o substantivo — concreto ou abstracto — forma com o verbo (*ter, haver, estar...*) uma idéa unica: — *ter sêde, correr riscô, ter paciência...*

Estas locuções, cuja idéa principal está encerrada no substantivo, podem muitas vezes ser representadas por um verbo que contenha a mesma idéa: — *arriscar-se, pacientar.*

5º Na apposição: — *Deus padre, todo poderoso; Blumenau, colonia allemã no Brasil.*

6º Nos proverbios, proloquios, sentenças populares (princ. contendo negação): — *Viola já-mais cantou feitos heroicos; pobreza não deixa brilhar.* Ha muitos ex. em contrario.

7º Nas enumerações, quando se quer dar brevidade á phrase: — *Deante d'elle tremeram reis, povos, inimigos.*

184.— Emprega-se o artigo pelo possessivo quando nos referimos a parte do corpo, e a relação de posse já está bastante clara para o sentido geral da phrase: — *Quebraste a perna.*

Principalmente com certos verbos reflexos, quando o sujeito representa o possuidor: — *Elle feriu-se na testa.*

Cp. *Ella está com dôr de cabeça; ella está com dôr na cabeça; ella está com a sua dôr de cabeça.*

185.— A repetição do artigo faz-se precisa:

1º— Quando se seguem muitos adjectivos superlativos relativos : *Os mais esforçados e os mais temidos.*

2º Quando os adjectivos ligados pela conjunção *e* modificam muitos substantivos, mas não se referem ao mesmo objecto : — o 1º e o 2º *andar*; a *historia antiga* e a *moderna*. (V. 226).

Não se repete se o objecto fôr o mesmo : — *Nada é mais precioso que a verdadeira e solida amizade.* Se, porém, forem de genero differente, melhor é repetir o artigo : — *Nada é mais precioso que a verdade e o talento cultivado.*

Nos primeiros casos póde-se omittir o artigo, mórmente com substantivos no plural : — as *leis divinas e humanas*; *historiadores gregos e romanos.*

186.— O principal fim da repetição do artigo (como de qualquer outra palavra definitiva) é fazer com que o nome represente varios grupos distinctos.—A sentença — *os sabios, os valorosos e os ricos cidadãos*, exprime tres classes distinctas de cidadãos. *Os sabios, valorosos e ricos cidadãos*, uma unica classe possuindo as tres qualidades.

Até o seculo XVI encontra-se *um* precedido do artigo = fr. *l'un*.

*E elegeram dous, o hum foi Joseph, o outro Mathias.*

(IN. DE ALC.)

187.— Tivemos tambem uma fôrma do artigo partitivo até o declinar do seculo XVI:—

*dá-me do pão, empresta-me do azeite; tinha de dinheiro tanto quanto eu, etc. (G. Vic., etc.)*

Hoje, porém, só se emprega o artigo em relação ao caso obliquo, quando pôde ser substituído por *algum*, ou se quer mais determinar o objecto.

*Dá-me pão* significa pão em geral (um, dous, um pedaço); *dá-me do pão* inclue certa restrição ou uma condicional (que guardaste, que comprei, etc.)

## CAPITULO VI

### DO PRONOME

NOTA.— Para perfeito estudo d'este capitulo faz-se preciso acompanhá-lo do que escrevemos na *Morphologia e Etymologia* sobre o pronome.

#### Pronomes pessoaes

188.— Os *pronomes pessoaes* fazem na proposição as funcções de sujeito, complemento directo ou indirecto.

*Eu tu elle elles* (ella ellas) *nós vós* são exclusivamente empregados para indicar o sujeito; *me te se o lhe lhes nos vos*, para os complementos (f. abs. obj.).

Ha casos, porém, em que persiste o caso recto (sujeito), dependente do verbo *ser*: — *Se eu fosse elle; eu não sou tu.*

O hesp. e — ás vezes — o ital. seguem esta regra, da qual se afastam outras linguas, que conservaram o pronome no caso regimen. Cp. fr. — *je ne suis toi, si j'étais lui*; ital. — *io non sono te, s'io fosse lui, egli é come me stesso.* — Dizemos: — sou eu, és tu, etc.; o francez — *c'est moi, — toi, — lui*; all. — *er ist mir*; din. — *det er mig*; ing. — *it is me.*<sup>4</sup>

189. — Com adverbios comparativos (*assim, como, quanto, etc.*) dá-se o mesmo em portuguez: — *És mais rico do que eu; és homem como eu; sou pae como elle.* E ainda em phrases interrogativas, ellipticas, exclamativas, e nas respostas: — *É elle ou eu? Pensas como eu? Quem fez isto?* Eu.

O latim tambem empregava *ego* e *tu* para sujeito, e *me te* para regimen. Nós nos conservamos fieis á tradição: *eu que leio* = lat. *ego qui lego*. O *moi qui lis*, etc. do francez, é um destempero grammatical.

190. — Os pronomes *nós vós*, quando empregados para distinguir uma classe de pessoas, podem vir acompanhados do pronome *outro*: — *Vós outros professores; nós outros christãos.*

<sup>4</sup> O emprego, porém, de *me* por *I* em inglez, isto é, do pronome pessoal como complemento de um verbo de predicação incompleta, no caso objectivo em vez do nominativo, só se dá na linguagem familiar, e é gallicismo. (*That's him; Who is there? Me* = fr. *c'est lui; qui est là? Moi*). Ainda em Chaucer — *It am I*; e na ling. elevada é preferivel o nominativo — *It is I, be not afraid.*

191.— Quando o pronome se refere a dous ou mais nomes de pessoas grammaticalmente differentes, vae para a 1ª pessoa—se entre elles já houver uma da 1ª; no caso contrario vae para a 2ª:— *Vós, elle* e eu, só nos curvamos á *sobrerania do talento*; tu e *elle* sois dous parvos.

A pratica já era latina: *Si tu et Tullia valetis, ego et Tullia valemus.*

192.— Os pronomes pessoas em relação adverbial vêm sempre regidos de preposição (*a ti, de ti, para mim...*)

*Migo tigo sigo*, são sempre regidos da preposição *com*.

As fórmias pronominaes sem preposição eram preferidas no século XIV:— *Quem me vos guarda, guarda myn* (C. Vat.); *desprezarom mim* (=me ou a mim); *m'albergue cabo sy* (id.), *mim ouve* (R. de S. Bento) = *me ouve, ouve a mim*.

NOTE-SE, POIS, que os modos de dizer *me ouve, me parece*, etc., não são como affirmam os Portuguezes—*um brasileirismo*, que nos tem servido para chacota. Não approvamos, porém, como veremos adiante, essa construcção.

Desde o século XIII que concorrem essas fórmias simples a par das pleonasticas *comego* (commigo), *contego* (contigo), *comsego* (comsigo):—*poys seu mandad'ey migo*; *pois tigo comsego* fui; *sigo medes dizia* (=dizia comsigo mesmo).

193.— *Si* empregava-se também sem preposição:

1º Depois da conjuncção *que*, quando a esta precedia um comparativo:— *Outros mayores que si*; *peyor que si*;

2º Depois do adjectivo *outro*: — *Após elle não ha outro si* (e tambem diziam *outro mi*); *este que ahí está he outro si*.

Hoje são archaicos esses empregos. Diz-se: — *outro eu, outro elle* . . . ; *mais rico do que eu* (tu, elle, etc.), e — por boa logica — «*outros maiores que elle*», «*peior do que elle*», apezar de nos não faltarem nos classicos (entre os quaes o padre Vieira) exemplos de *si* sem preposição depois do termo das comparações: — *A mesma estrella Venus se mostra maior por si mesma*.

194.— *Si* emprega-se por *elle ella*:

1º Com um pronome indefinito: — *Cada um vive para si*;

2º Com um verbo impessoal ou um infinito: — *Diga-lhe é força pensar em si*.

3º Com um nome de cousa no singular (ou mesmo, ás vezes, no plural): *Esse erro arrastará após si muitos desgostos*).

195.— Ainda se emprega *si* como sujeito determinado, quando se quer evitar equívoco: — *O avarento que tem um filho prodigo, não ajunta para si nem para ELLE*.

NOTA 1ª.— É muito para ser condemnado o emprego de *si* sigo na 2ª pessoa: — *Tenha dó de si* (por *tí* ou *vós*); *não falo comsigo* (por *comtigo, comvosco*).

Camillo C. Branco tagantou-nos por este modo de falar usado modernamente entre nós; mas — cumpre observar — só por aquelles em quem — de feito — tem cabida o dito de Erasmo: — «*não ha burro que se entristeça pelo facto de ignorar grammatica*». Força, porém, é confessar foi-nos esta

toleima importada de Portugal, onde tambem *más fadas ha*, e a affectação patarata de *Vossencia* por *Vossa Excellencia*, etc.

NOTA 2ª— Não se confundã o emprego de *elle* com o de *si*. Cumpre ter em lembrança a origem latina, e fidelidade à etymologia e á logica.— E é por isso que dizemos:— *fizesse elle tanto por si como eu faço por elle; superior a si* (a mim, a ti); *estar em si, sobre si; de si mesmo*, etc.

*Non quiz nome a si, porque não se atreveu a dizer que se conhecia a si.*

(A. PINTO)

... (o avarento) *é do trato de si proprio cruel e escasso, e todo o dia e toda a noite solícito e pensativo.*

(P. M. BERN.)

196.— *Si* só se emprega quando se trata de pessoas.

197.— Para os dous casos obliquos (accus. e dat.) as linguas romanas têm duas fórmas pronominaes, uma absoluta e outra conjunctiva.

Emprega-se a 1ª (que é de rigor quando o pronome está dependente de preposição) quando se quer dar realce á idéa pronominal; e consequentemente é nelle que recae o accentto. Emprega-se a 2ª quando predomina o accentto do verbo: *Parece-me* (*parece a mim*); *digo-vos* (*digo a vós*), *dei-lhe* (*dei a elle*), etc.

Os pronomes conjunctivos só apresentam relação objectiva ou predicativa ainda mesmo com o verbo *ser* (*eu o sou*). *O, a, os, as*, são verdadeiras fórmas de accus., como prova o emprego

do *le* no hesp. ant.<sup>1</sup> e *lo* no portuguez das primeiras phases da lingua:—*fez-la, poz-los, ei-los, no-los, vos-lo*, etc.

Notemos aqui as confusões da relação entre as fórmulas *lhe* (*illi*) e *o* (*illo*), ainda nas 1.<sup>as</sup> décadas do periodo classico; e a de *ti* por *tu*, etc., entre os quinhentistas e seiscentistas:—*Mais forte que ti*.

Barbarismo, e muito enraizado na linguagem dos nossos populares—e infelizmente na de muitos homens de letras! —é o emprego de *lhe* (fórmula synthetica de *a elle, a ella*), por *o* (= *elle*) e vice-versa:—*Vi-lhe hontem; chamei-o palama*.

Verdade é empregamos tambem muito antigrammaticalmente a 3.<sup>a</sup> pessoa pela 2.<sup>a</sup>, no falar usual e consagrado por um tolo requinte de cortezania. Refiro-me ao tratamento *Senhor, Senhora*, e ao *você*, em que se democratizou o fidalgo *Vossa Mercê*, pelas fórmulas intermediarias *Vossemecê, Vosmecê*, que em S. Paulo só se conservaram desfiguradas em *mecê*.

Mais. Em Vieira e outros classicos lê-se:—*Apostolos VIAM A CHRISTO* etc.; (= *viam-lhe*), o que ainda confirma o que reiteradas vezes tenho escripto—que os classicos nem sempre são guias seguros.

198.—Às vezes os pronomes *me, te*, etc., juntos a um verbo, figuram apenas como expletivo para mais vivacidade da phrase:—*Que m'o enforquem naquella arvore! Quem me anda a contar-te estas historias?*

<sup>1</sup> Fórmulas que ainda conservamos, mas alteradas no modo de escrever (*vol-o, eil-o...*), e muito sem razão.

A construcção tambem é grega e latina:— *Qui metuens vivet, liber mihi non erit unquam* (Hor.).

199.—O pronome *nós* emprega-se por *eu*, ou por modestia (como acontece aos autores, etc.), ou por emphase, quando falam altos personagens:— *É nosso parecer... Ordenamos que...*

O emprego de *nós* e *vós* no singular veio-nos do latim, onde se introduziu no declinar do imperio romano. Os imperadores empregavam *nós* em referencia a si; os que a elle se dirigiam empregavam *vós*, em testemunho de respeito.

200.—No portuguez antigo, quando o pronome da 3ª pessoa, considerado attributo, representava um nome tomado no sentido determinado, elle concordava com esse nome em genero e numero, e então empregavam-se *o a os as*:— *Sois a mãe d'esta criança? Eu o sou. Sois os medicos chamados? Nós os somos.*

Hoje emprega-se a fórma neutra invariavel, e ainda quando o pronome representa adjectivo ou nome em sentido indeterminado, um verbo ou proposição: *Sois a mãe d'esta criança? Eu o sou. Sereis attentos? Nós o seremos. Se alcancei, eu vol-o devo. Os valorosos facilmente crêem que os outros o são.*

201.—*Pronomes de reverencia.*— Só empregamos o *atuar* entre pessoas da mais estreita privança; o *avosar* só em discursos e escriptos,

e na linguagem familiar em alguns angulos de S. Paulo e de Portugal.<sup>1</sup>

Com o pron. *vós* o verbo vae para o plural, mas o adjectivo segue o genero e numero da pessoa a quem nos dirigimos:—*vos sois bom, boa, bons, estimado, a, os.*

No b. lat. dizia-se, mais de accôrdo com a restricção grammatical:—*Vos estis inhonorati*, como no grego moderno (Grimm.)

Tambem em estylo elevado, na tribuna, na imprensa, emprega-se *nós* por *eu*, ficando o adjectivo no sing. em relação attributiva ou predicativa:—*mestre é sermos antes breve que prolixo.*

No portuguez são muitos os pronomes de reverencia — *Vossa Mercê, V. S., V. Ex., V. Em., V. Alteza*, etc.; o pronome pessoal correspondente é da 3ª pessoa, e por isso dizemos *voce sabe, V. S. conhece.*

*Você* é contracção de *vosmecê*, fôrma já contracta de *Vossa Mercê*, como no hesp. *usencia*, de *vuestra reverencia*; *useñoria* e *usia*, de *vuestra señoria*; *vosencia*, de *V. Ex.*, tambem já introduzida hoje em Portugal.

*Você* só se emprega em linguagem familiar popular, e d'ella quasi desterrou completamente o

<sup>1</sup> No b. lat. dizia-se *tuissare, volisare* (tratar por *tu* ou *vós*); o hesp. tem *tutear, vosear*; cat. *tuejar* sómente; fr. — *tutoyer*, ant. *envouser*; genovez — *vousoyer*; it. — *dar del tu, del voi*. Temos atuar, formemos *avosar*, que já temos *vosear* com outra accepção.

pronome *vós*, conservando todavia os seus fóros nobiliarios (3ª pessoa), suas prerogativas de *reverencia*. É hoje um verdadeiro pronome pessoal.

O uso da 3ª pessoa para com quem se fala é que deu origem a construcções mui reprovadas pelos que escrevem por classicos e respeitam a tradição latina, como p. ex. : *Tu e o medico são dous infelizes*, onde está *são* por *sois*, porque em vez de subentender *vós*, com os grammaticos, o povo subentende *vocês*.

Não é aquella phrase grammaticalmente correcta; mas não é logica a sua construcção, como já escrevi n' *A Semana* ? (*Tu e o medico* (vós) *sois dous tratantes*; *tu e o medico* (vocês) *são dous tratantes*).

202.— O emprego do pronome *pessoal* pelo *possessivo* era raro no latim, e considerado hellenismo. Na linguagem archaica portugueza encontram-se alguns exemplos d'esta substituição, hoje de todo condemnada:— *Senhor de mi*; *la moller de mi* (G. Vic.), etc. No hesp. era esse emprego de frequente uso (*el cuerpo de mi*), e ainda o é no italiano e no francez (*un amico di te*, *un ami à toi*).

Mas se o sujeito se acha em relação de dependencia, emprega-se o genitivo do pessoal, isto é, o caso obliquo do pronome precedido da preposição *de*:— *parte de mim* = lat. *pars mei*.

Quando dependente de um verbo, o pronome pessoal (dativo) póde fazer as vezes do possessivo:— *Elle me é pae*; *amigos te somos*; *se me fosseis amigo*, etc.

Os pronomes substantivos em relação objectiva adverbial podem, pois, ser equivalentes aos

adjectivos pronominaes *meu, teu*, etc. É essa construcção como que dá mais elegancia ou menos peso ao possessivo.

Em latim mais se emprega o adj. possessivo *mih, tibi* etc.

LHE = possessivo *seu*: — *Segredo que lhe caísse no peito, ficava sepultado nelle profundamente* (R. da Silva).

Note-se o emprego expletivo de *lhe*, em phrases como esta: *Procedeste mal. — Admitto, mas QUE QUER QUE LHE FAÇA?*

203.— *Pronome pessoal pleonastico.*— Às vezes, posto venha claro o sujeito, emprega-se pleonasticamente, junto ao verbo, um pronome da 3ª pessoa em relação subjectiva: — *seu pae delle, a mim já me pesa, capa não a tinha, ao doente não se lhe ha de fazer a vontade* (S. Mir.), linguagem daquella terra *nam a sabiam* (J. B.), etc.

D'estes ultimos exemplos, que consistem no emprego do pronome conjunctivo em relação objectiva ou predicativa quando a phrase começa pelo substantivo,— é abundante o portuguez moderno.

Este reforço já era usado na baixa latinidade: — *Ipsam civitatem restauramus eam, ipsas res volemus eas esse donatas.*

Às vezes a reduplicação dá mais clareza á expressão ou mais vivacidade: — *Mas se bem at-*

tente  
cabel  
ram  
mais  
zem a  
sões c  
em la  
o reg  
deven  
vivac  
— Qu

M  
motivo  
a inter  
soal su  
E  
ginam  
estas co

2  
1  
junct  
prece  
honte  
conve  
2  
caso :  
a  
jeito :  
H  
no pr

*tentaes elle só trata de se consolar a si* (Luc.); *os cabellos que os trabalhos do mundo lhe branquearam* (Bern.) etc. Outras, porém, torna o estylo mais arrastado e é defeito: — *Os padres lhe dizem a elles as coisas da fé* (Luc.), etc. Expressões como estas, que não tinham correspondentes em latim, porque a funcção de *illum* era lembrar o regimen afastado, devem ser rejeitadas; mas devemos dizer mesmo pela razão acima de mais vivacidade: — *Que eu vá trahir, eù, a fé jurada?* — *Quereis perder-me, a mim, vosso alliado!*

Mesmo nas phrases interrogativas, a não ser por esse motivo, o pleonasma não é necessario porque em portuguez a interrogativa não é indicada pela posição do pronome pessoal sujeito depois do verbo.

Em relação adverbial, os nossos pronomes subst. originam um idiotismo intensivo: — *Quem me anda a metter-te estas cousas na cabeça?*

204. — Dá-se mais o pleonasma pessoal :

1º Quando com uma fórmula pronominal conjunctiva, *o a os as*, se refere a um caso obliquo precedente ou seguinte: — *O teu irmão, eu vio-o hontem; esse homem, não o posso vêr; este estudo, convém cultivá-lo.*

2º Com os pronomes da 3ª pessoa, e neste caso :

a) pôde vir no principio, annunciando o sujeito: — *Elle vinha a mim.*

b) depois de um complemento (que se acha no principio da phrase por motivo de uma in-

versão) para, lembrando-o, formar o complemento regular sob o ponto de vista grammatical: — *A justiça que nos é negada pelos contemporaneos, dal-a nos-ão os vindouros.*

Na linguagem familiar repete-se muitas vezes o pronome sujeito: — *Eu não te comprehendendo, eu; tu queres ensinar-me, tu.* Em francez, etc., o 2º pronome vae para o caso obliquo (*moi, toi...*).

Notem as phrases usuaes: — *Pensei de mim para mim, entre mim; disse de si para si; quero dizer-te duas palavras de ti para mim... Eu parece-me que... Parece-me a mim, a mim me parece. Quer nos parecer a nós, etc.*

NOTA.—Em quasi todas essas phrases pleonasticas, teve-se em vista abrevial-as, ou houve uma inversão, ou ainda o desejo de mais pôr em relevo um pensamento, ou de tornar o estylo mais energico, harmonioso ou cheio. Deve-se evitar o abuso: *E Deus ha-de vos pedir contas a vós... e Deus vos ha de condemnar a vós.* (V.)

### Pronomes demonstrativos

205.— Os demonstrativos *este, aquelle*, são ás vezes substituidos pelo pronome *o*, o que bem indica a sua etymologia. O artigo (demonstr. articular) faz tambem as vezes de determinativo relativo:

Os grandes feitos que os Portuguezes obraram neste dia o Oriente os diga.

(FR. CASTR.)

Leis em favor dos reis se estabelecem,  
As em favor do povo só perecem.

(CAM.)

206.— O pronome demonstrativo vem ás vezes depois do relativo, em certas sentenças de construcção inversa, e o mesmo se dava no grego e no latim:— «*Qui* moderatione et constantia quietus est animo, *is* est sapiens».

O mesmo acontece no hesp. e no francez, mas não no italiano, que não emprega o 2º pronome:— «*Qui* persévérera jusqu'à la fin, *celui-là* sera sauvé».

A mesma faculdade tem o portuguez:— *Quem* amar meu filho, *esse* será meu filho». — «*Quem* de vós não tem peccado, *este* atire as pedras». (Vieira). (Com o pron. rel. pelo demonstrativo).

### Pronomes relativos e interrogativos

Dos pronomes *relativos* pouco mais nos resta dizer (V. §§), e consequentemente dos *interrogativos*.

207.— **Quem.** Só se emprega em referencia a pessoas (= lat. *qui*). V. § (*Etymol.*)

Os classicos antigos empregavam-no tambem em referencia a animaes e cousas:

As boas arvores dão bons fructos, e as más como *quem* são.

(H. PINTO)

*Quem* lhe dava ovelha, *quem* um carneiro, *quem* um novillo.

(Lus.)

Olhae para a luz de *quem* elle (o sol) nasce.

(VIEIRA)

e ainda—o que não deixa de ter elegancia—em substituição aos demonstrativos *este*, *aquelle*:

*Quem* de vós não tem peccado, *este* atire as pedras.

(VIEIRA)

O 1º emprego, no sentido neutro, mais encostado á etymologia *quid*, está hoje de todo condemnado.

208. — *Quem* interrogativo é sujeito: — *Quem sois?* Relativo, é geralmente sujeito; com preposição—complemento indirecto.

Esse pronome, devendo sempre concordar com o seu antecedente, não se deve dizer—na opinião de alguns grammaticos—«*não serei eu quem se fará rogar*» etc.; mas sim—«*não serei eu quem me farei esperar*», pela mesma razão que não dizemos—«*não seremos nós quem se fará esperar*», e sim «*que nos faremos esperar*». Cumpre, porém, notar que já na construcção classica não havia complemento no plural, a que se devesse referir o conjunctivo; e mais ainda que—muitas vezes o pronome conjunctivo vae para outra pessoa que não a do sujeito, por motivo de ellipse de algum attributo, etc. Assim é que—na phrase supra—*quem* está por *aquelle que* (Não serei eu *aquelle que se fará esperar*.)

209. — Todo o pronome conjunctivo suppõe um antecedente, expresso ou não: — *Amae quem*

*vos ama; salve-se quem poder (quem = aquelle que).*

210.— *Quem*, repetido, equivale a *uns... outros...* Ex.:— *Pegaram quem da espada, quem da lança.*

*Quem se afoga nas ondas escumadas,  
Quem bebe o mar e o deita juntamente.*

211.— Seguido de *que*, forma, com o verbo *ser*, a vulgar locução elliptica *quem quer que, quem quer que seja*, isto é, *qualquer pessoa que*.

212.— Emprega-se ainda com certas ellipses:— *Deram-me um livro. Adivinha quem.*

Nas phrases, porém, como a que segue, não ha ellipse realmente, mas uma inversão:— *Elle recebeu uma carta não sei de quem.*

*Quem* transforma-se em *o qual*, quando precedido da conjunção *sem*, simplesmente por euphonia. Esta transferencia data do seculo XVI:— *Esposo sem quem não quiz amor.* (Cam.)

213.— **Que** emprega-se na fórma neutra nas locuções — *o que é peor* (o peor é que), etc.

214. Quando complemento, é, em geral, directo:— *Que queres?*

215.— Interrogativo, *que* é attributo:— *Que é d'elles? Que é de...* (=lat. *quid sit de*)— *O que é que...*<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Deve-se, apezar de alguns ex. em contrario, empregar *que* interrogativo sem artigo:— *Que queres? Que livros são estes?*

216.— Interrogativo, como complemento indirecto neutro ou como adverbio, *que* entra em algumas locuções familiares: — *Que importa? Que serve?*

217.— Entre dous verbos, *que* interrogativo, torna-se conjunctivo, e, em vez de *que*, diz-se *o que*: — *Que dizes? Não sei o que digo*, — *o que aconteceu*; etc.

Cp. lat. — *nescio quid dices*.

Ainda hoje dizemos *não sei o que faça*, e com um infinito: — *Não sei o que fazer*, — *dizer*, etc.

218.— Até o seculo XVII o conjunctivo mais se referia ao sujeito do *que* ao attributo: — *Não fui o unico que notei*; *um dos mais rectos varões que existiu*. — Esta construcção recorda a latina — *justissimus unus qui fuit in Teucris* (Virg.); mas nesta não havia complemento no plural, a *que* naturalmente se referisse o relativo.

Hoje devemos dizer — *não fui o unico que notei*; *um dos mais rectos varões que existiram*. É esta a construcção que prevaleceu.

219.— Em vez de *que*, como já foi de uso, empregamos *o que* = lat. *quod*: — *Elle foi reprehendido, o que para o delicto é leve pena...*; *o que mais é*.

No latim o relativo podia referir-se por atracção ao nome seguinte: — *Animal quem vocamus leonem*. Aquella construcção é, pois, um latinismo. *Que* empregava-se com ellipse do antecedente neutro *alguma cousa*; *o que* = *cousa*.

220.— *Que* perde o character relativo :

do

*quid*  
*sei o*  
*deves*  
*muit*  
*cede*  
*nero*  
*pôde*  
*buto*  
*verbo*  
— *So*  
*o que*

*cousa*  
*quan*

*N*  
*mente*  
*posso*

*2*  
*pelo*  
*quan*

PACH

- a) quando liga proposições complementares do modo finito:—*Affirmam* que isto aconteceu;  
b) quando liga termos de uma comparação;  
c) quando equivale a *porque*, etc.

Cesse tudo o que a antiga musa canta  
que outro valor mais alto se levanta.

221. — Ainda empregamos *o que* por *quid* e *quidquid*, em algumas locuções ellipticas:—*Não sei o que farei; custe o que custar; faz o que deves; aconteça o que acontecer*. E em outras muitas locuções em que o relativo vem sem antecedente: o *que* forma locuções conjunctivas do genero neutro. *O que*, pois (=fr. *ce qui, ce que*) tanto pôde fazer funcção de sujeito, como a de attributo ou complemento, quando empregado com o verbo *ser* e alguns verbos usados impessoalmente:—*Sois hoje o que eu fui outr'ora* (attr.); *faze o que te aprouver* (comp.).

222. — *Que* (pron. neutro) tem sentido de *que coisa*, quando interrogativo; e de *a qual coisa* quando relativo: *Que* ha de novo?

Nas interrogações, *que* é, em geral, complemento:—*De que* trata este livro? *Em que* vos posso ser util?

223. — Prende-se a *qual* (*qualem*), mas — pelo emprego e sentido — representa tambem *quantum* e *quotum*:

Os processos sobre *que* tenho de falar (sobre os *quaes*)  
*Que hora é?* = *quota hora est?*<sup>1</sup>  
*Que engano!* = *quantus error!*

224.— Com o verbo *saber*, o pronome *que* entra na compostura de varias locuções populares, como p. ex. a seguinte, que se pôde empregar substantivamente: — *Não sei que, um não sei que*, e tambem se diz — *não sei o que*: — «Esta noticia produziu-me *um não sei que*, difficil de explicar». Veja-se o seguinte exemplo:

«Quem são os ricos neste mundo? *Os que* têm muito? Não; porque *quem* tem muito, deseja mais, falta-lhe o *que* deseja.» (Vieira).

225.— Tambem se emprega exclusivamente: — *Que! Pois que!* Cp. lat. — *quid plura?* (*que mais?*).

226.— Deve-se evitar a fastidiosa repetição do *que*, em que caíram alguns classicos. Basta um exemplo, e é de Vieira: — «Sabes *que* ainda *que* o peccado *que* commetteste contra o juramento de teu cargo, seja um só, as consequencias *que* d'elle se seguem, são infinitas, e maiores *que* o mesmo peccado».

As vezes basta a conjuncção *e*, outras uma simples virgula para evitar esse deslustre; e,

<sup>1</sup> Porque diremos — *que horas são?* Hesp. *que ora é?*, ital. *che ora é?* fr. *quelle heure est-il?*, ing. *what o'clock ist it?* all. *wie viel Uhr ist es?* E nas respostas, tambem no sing. — *c'est 4 heures, it is 4 o'clock*, etc. . . .

Será porque a phrase elliptica corresponde a *quantas horas são decorridas no dia?* . . .

principalmente para aclarar o sentido, deve-se substituil-o por *o qual, a qual, etc.*

227.—**Qual.**—São varios os empregos d'este pronome até o seculo XVII, entre os quaes:

1º o de distinguir uma pessoa, cousa ou qualidade d'entre outras:

*E julgarás qual é mais excellente  
Si ser do mundo rei, si de tal gente.*

(CAM.)

Orgulho humano, *qual és tu mais?* feroz, estúpido ou ridiculo?

(HER.)

2º Para denotar semelhança de qualidades entre pessoas ou cousas:

*Quaes igrejinhas de infantil folguedo  
Se armam no ar, de papelão e talco.*

(GART.)

Neste caso costuma vir seguido de *tal*:—  
«*qual Austro fero... tal andava o tumulto levantado*».

3º Para indicar pessoas ou cousas que se distinguem por certas circumstancias. Substitue *alguem, alguns*, construcção esta de agradável effeito, e muito para ser imitada:

*Qual do cavallo vôa, que não desce ;  
Qual co'o cavallo em terra dando, geme ;  
Qual vermelhas as armas faz de brancas ;  
Qual co'os pennachos do elmo açouta as ancas.*

(CAM.)

4º Para indicar negação de qualidade ou estado attribuido a alguém :

*Qual medico, qual doutor!*  
Não passo de um ralhador.

(CAST.)

228. — *Qual* tanto pôde ser conjunctivo como interrogativo. No 1º caso faz as mais das vezes funcção de complemento directo (com as preposições *em, por, para, sobre, etc.*); no 2º, pôde ser sujeito ou complemento directo ou indirecto (com as mesmas preposições).

229. — O nosso ouvido repelle este pronome na maioria dos casos, e muito sem razão, e d'ahi o emprego de outras palavras para substituil-o, por ex., *de que, d'onde* (os varões de que *descende, a casa d'onde saiu...*)

Demais, já vimos acima que é de bom uso o seu emprego para aclarar o sentido, em substituição a *que*; ou para evitar a repetição fastidiosa d'este relativo.

Quando, apesar do seu emprego, persiste ambiguidade, repete-se o antecedente depois do relativo: ... «um livro impresso em 1625, e escripto pelo padre B. G., da Companhia de Jesus, *no qual* livro vinha contada a façanha de sua tia-avó.»

230. — **Cujo** — além de possessivo relativo — gozava no portuguez até o seculo XVIII a propriedade de ser interrogativo, como em latim: —

*Cujas* sam estas ricas armas? (Bar. Chron.); *cuja* é esta caveira? (Vieira.)

Lat.—*cujus peccus?*

NOTA.— Da analogia das fórmãs (V. §), resultou o duplo emprego de *cujõ* no portuguez antigo. D'ahi, aquella e as seguintes phrases que os grammaticos condemnã, e nós quizerãmos ver empregadas novamente.

*Este sacerdote cujas eram estas filhas.* (Ined. d'Alcob.).

*Sant' Ignacio Interciso de cuja nação fosse não nos consta.* (D. Nunes).

Representã *estes delineamentos ao Senhor*, de cujo ha-de ser o edificio. (Bar. Dec.).

*Os Sãs e Menezes cujos era de jus e herdade a alcaidaria.* (C. Cast. Branco).

E mesmo—*cuja é esta casa?* que por ser archaica, não deixa de ser classica e correctã.

A phrase—*este sacerdote cujas eram estas filhas*, é correctã, e não repugnãria ao ouvido dos menos lidos por classicos, se mudãsemos a collocação do pronome—*este sacerdote cujas filhas eram estas*.—A citada sentença de Camillo C. Branco equivãle a—*os S. e M. de quem (dos quaes) era de jus e herdade a alcaidaria*, ao passo que se dissessemos—*cuja alcaidaria era de jus e herdade*, dariãmos a entender já lhes pertencia a alcaidaria.

O erro está no emprego da prep. *de* (de cujo *ha-de ser o edificio*) por se haver perdido a noção etymologica (do genitivo).

O emprego da preposição *de*, porém, antes de *cujõ*—sempre que o substantivo com elle concorda, exprimindo relação restrictiva circumstancial ou terminativa, data do seculo XII, e é hoje de rigor (... *de cuja vida*).

Erro mais grosseiro é o emprego de *cujo* por *que*, muito frequente na gente baixa (*a casa cuja comprei*).

231. — **Tal** também se póde empregar interrogativamente: — *Tal* não ha que assim proceda?

Empregado juntamente com *qual*, indica semelhança completa: — *Esta cópia está tal qual o original*.

### Pronomes reflexivos

232. — A concordancia é a mesma em todas as linguas. Se o sujeito está na mesma phrase, emprega-se o conj. *si*: — *Elle faz isto por si mesmo*; mas se o sujeito está em outra phrase, o demonstrativo *elle* (*o*) com sentido pronominal: *Elle disse-lhe que o tinha convidado (qui se invitaverat); pediu-lhe que se sentasse com elle (ut sederet secum)*.

Este modo de falar accentuou-se no latim da decadencia e na baixa latinidade: — *Scriptis, ut illi (sibi ipsi) semen mitteretur* (Petr.); *se venturum in imperium, quod olim fuerat illi (sibi) datum; inter eos (se) partiant*.

*Elle* por *se* em relação objectiva é frequente nos primeiros documentos do portuguez.

O emprego de *comsigo*, *a si*, por *comvosco*, *a vós* (*falo comsigo, refiro-me a si*), é, repetimos, destempero de ignorancia.

### Pronomes indefinidos

233.—Pouco mais temos a acrescentar ao que já dissemos. Cp.—*pessoa alguma, homem, um* (seculo XIII), *gente* = pron. *se*, etc.

**Um** é adj. *pronome* indefinito, e é criação posterior ao demonstrativo *o, a*, a que deram o nome de artigo definitivo.

Nos antigos textos contém sempre noção pronominal, e ás vezes, como observou o professor Diez, apenas valor pleonastico (*o homem é um animal*).

Hoje de uso abusivo, por infl. franceza (P. *é um* homem de pouco valor).

Ha palavras que obrigam o emprego d'este pronome, as que só se empregam no plural (*umas bodas, umas exequias*), e as que significam objectos que são sempre em numero de dous ou se usam em par (*uns pés, uns sapatos, umas luvas*).

Hoje, porém, a esta regra não nos conservamos rigorosamente adstrictos.

Ás vezes encerra idéa de pessoa indeterminada e corresponde a *aliquis*: *Ás vezes um diz o que não pensa* (o homem diz, diz-se).

Outras, tem sentido desvalorizador:—um *Sr. Ventura* (V. *certo, tal*).

Quando exprime identidade, tem valor numeral:—*Todos falavam a uma voz*.

Tambem se emprega antes dos nomes proprios quando se quer designar a pessoa mui par-

ticularmente, ou ainda exalta-a:— como quando dizemos— *um Mont'Alverne*. Neste caso é adjectivo.

É de bom emprego o pronome *quem* por *uns*:

*Quem se afoga nas ondas encurvadas,  
quem bebe o mar e o deita juntamente.*

(*Lus.* I, 92)

**Outro.**— É adj. pronominal. Neutro *al*:— *não entendem en al; o al não ha de louvar.*

Quando refere relativamente um subst. a outro precedente, «ambos os substantivos devem estar entre si na mesma relação que a idéa restringida com a idéa geral»:— *a gula e os outros peccados; o amor e as outras offensas d'alma.*

**Um e outro.**— Empregam-se correlativamente, e neste caso *um* póde ter plural (*uns e outros*). *Um e outro*=*unus et alter*; corresponde a *uterque, unus alterum*, class. *alter alterum, alius alium*.— *Outro... outro; um... um...*

Todos esses modos de dizer têm typos correspondentes no b. lat.— *uno caput tenente in fozza et alio in palude; calices duo, unum aureum et unum argenteum.*

**Certo.**— Corresponde a *quidam*, mas no latim havia o ind. *certus* (*certi homines*).

O emprego do pronome muito diverge do emprego do adjectivo. (V. 2). Ex.:— *Recebi certas noticias, mas não as tenho por certas.*

**Alguem.**—Substitue—como também *algun*—o ind. *um*:—*Ponha Deus algum termo aos meus tormentos. Prenderam-no julgando que era algum sedicioso.*

Estes empregos tiram origem na tradição latina, que do mesmo modo empregava *aliquis, quidam, quisquam*.

O pronome é ás vezes representado por substantivos que designam a pessoa ou cousa de modo ainda mais vago e geral:—*Chegou onde nunca homem (ou pessoa) nunca chegou;* lat.—*accipit hominem nemo melius* (Ter. *Eun.* ap. Diez, *G. R. S.*).

**Tal.**—Corresponde a *quidam*, e a *non nemo* (*tal semêa que não colhe*).

Serve também para designar pessoa que não existe, ou cujo nome se quer occultar; junta-se aos nomes da pessoa com sentido pejorativo—*um tal Onofre*; e aos pessoaes *fulano* e *sicrano* (*fulano de tal*). Corresponde no primeiro caso ao *ille* do b. latim.

Emprega-se com valor distributivo por *uns... outros, uns... uns*:—*taes applaudiram, taes reprovaram.*

**Quanto.**—Perdemos a fôrma *alequanto, a* (=lat. *aliquantus*):—*alquanta gente* (aliquot homines), *alquantos d'elles*; com força adverbial:—*já alquanto mais esforçado* (Ined.).

São também de notar certas palavras que exprimem uma *idéa geral de numero*: *todo* (*todo homem, etc.*, V. artigo), *tanto*

(tanto homem). Quanto tambem se refere á grandeza, e então a relação é expressa pelo plural: — *quanta miseria . . . quantos filhos*, etc.

A formula latina *nescio quis*, que serve para designar alguma cousa de desconhecido, é peculiar a todas as linguas románicas. Corresponde ao port. — *um não sei que*; fr. *je ne sais quoi*; hesp. *no se qué*; ital. *non so che*.

Já tratámos do pronome **se** como apassivante, reflexivo e reciproco.

Já vimos tambem que *se* corresponde a *hom*, *homem* (*alguem*, *peessoa*, *gente*): — *Ca sem razom parece a aquelle que é atormentado dar-lhe hom outro tormento* (D. Duarte. *Ord.*); *ca sem razom seria ao afflicto accrescentar hom affliçom* (Id.)

Tambem nos dialectos escandinavos o pronome reflexivo *sik sig* = *se*, junta-se aos verbos, e forma um sufixo reflexivo: — *at falla* = cair, *at fallask* é a fórma reflexa ou média. *Sk*, contracção do accus. *sik*, transformou-se ainda em *st* e apassivava os verbos. (V. Pacheco Junior. — *Introducção á grammatica historica*, 1877.

O pron. *se* póde, pois, ser substituido pela palavra *gente* ou *alguem*: — Onde a *gente* põe sua esperança; pela 1ª pessoa do plural: — *Deve-se amar* ao proximo como a nós mesmos (*devemos amar*); pela 3ª pessoa do plural: *Diz-se* que o errar é dos homens (*dizem* que o errar).

Cp. ing. *people say, we say, they say, one say*; all. *man sagt*, ang. sax. *man greaf* (deu-se), din. *man siger*.

Até o seculo XVI empregava-se tambem pelo pronome *se*, o substantivo *homem*: — *homem não sabe como se valha con-*

tra a calúnia (Barr.); *cuida* homem que escolhe (S. de Mir.). Este uso é ainda vulgar em Portugal — *anda* homem a trote para ganhar capote; no Brasil deu-se preferencia á palavra *gente* (a gente não sabe como ha de viver).

No ital. emprega-se tambem em certos casos *uomo* (*uomo dice*, etc.); mas nos escriptores antigos e nos modernos tambem se encontra o pron. refl. *si*, que, diz um grammatico, «in siffatto costrutti è il soggetto e la parola o le parole determinanti il compimento del verbo, se esso è attivo, ne sono l'oggetto.» E o pron. *si* equivale a *la gente, il popolo, taluno* ou *altri*.

**Alguem**, nos primeiros tempos da lingua, confundiu-se com o adjectivo *algum*: — *Ninguem* *outrem*, e *outrem* *ninguem* são ainda do seculo XVI, e de bom emprego (= *nenhum*). *Ninguem* tinha, nos escriptos antigos, tambem sentido de *alguem*. equivalia a *nenhum* (*loucura é cuidar* *ninguem* *que...*; *he* *atreuimento* *pedir* *ninguem* *aquillo* *que* *deseja*). Emprega-se *ninguem* substantivadamente para significar pessoa de *nenhum* valimento: — *É* *ninguem*, *um* *ninguem*. E o povo diz: — *Um* *João* *ninguem*.

---

## CAPITULO VII

### DA COLLOCAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAES. — DOS PRONOMES ENCLITICOS E PROCLITICOS

234.— A collocação do pronome pessoal depende de ser elle *sujeito* ou *objecto*, e muitas

vezes mais lhe determina o logar,—a harmonia, o ouvido, ou a emphase.

235. — **Pronome sujeito.** — Colloca-se em geral antes do verbo, e esse uso data dos primeiros tempos da lingua, principalmente nos modos Indicativo e Condicional (tempos simples ou compostos), de sentenças declarativas (elles *têm estudado*; nós *faremos o que pedes*), etc.

a qual cousa se a *tu* ouvires.

(R. DE S. BENTO)

se me a razão *tu* dizes.

(Id.)

Mas tambem — *tudo isso sois* vós, ou é vós *tudo isso* (Castilho); *estavamos nós em casa*, etc. E o mesmo dá-se quando o sujeito é expresso por um substantivo (V. §).

É enclítico :

1º Com o imperativo, quer a phrase seja affirmativa, quer negativa:—*Chama tu*; *não chames tu*.

Só se emprega o pronome quando se quer dar mais vigor á phrase (emphase).

2º Nas phrases interrogativas:—*Que estudam elles agora?* E ainda nas optativas e exclamativas.

Mas se a phrase começar pelo verbo, temos modernamente liberdade de inversão:—*Estudam elles agora?* A construcção — *estudam agora?* é tambem de uso; mas neste caso o sentido interrogativo só o dá a inflexão da voz.

3º Com os verbos no subjunctivo quando se suprime a conjuncção:— *Quizesse elle vir* (=se elle quizesse *vir*).

4º Quando a phrase começa por um participio:— *Cançado eu de escrever; acabando elle de falar* (=eu, cançado de escrever...)

5º Quando se dá inversão do adjuncto— predicado ou objecto:— *Febre teve* (ou *teve-a*) *elle toda a noite*.

— *Tal era eu quando o conheci*.

6º Com verbos no infinito:— *Procederes* (tu) *assim é cairés no peccado da preguiça; querer você que eu vá, não é de amigo*.

Mas se a phrase infinitiva estiver servindo de complemento de uma preposição, dá-se geralmente a proclise (anteposição) do sujeito:— *Para eu comer; em João chegando...*

7º Nas phrases intercaladas, com os verbos *dizer, referir, replicar, etc.*:— *Não teimes, tornou elle, cobra animo* (M. Bern.).

236.— Nos tempos compostos o pronome sujeito vem antes do auxiliar, ou entre o auxiliar e o participio.

237.— **Pronome objecto.**— Tambem a sua collocação está sujeita a regras, muitas das quaes, todavia, não se devem considerar inflexas.

1º Com o infinito pessoal o pronome objecto antepõe-se sempre:— *Amares-me tu* (Cp. — *para tu me amares*).

Se, porém, a phrase do infinito pessoal é complemento de uma preposição, o *sujeito* antepõe-se ao pronome *objecto*, e ambos ao verbo: — *Sem vós me escreverdes, não vou.* — Escusado era accrescentar que o pronome *sujeito claro*, não é de rigor.

2º Com um verbo no infinito, estando o *sujeito* occulto, é indifferente a collocação do pronome *objecto*: — *Sem o ter; sem tel-o.*

Cp. *Sem elle o ter.*

Grande tambem é a liberdade de collocação quando concorrem dous verbos no infinito:

Sem *nos* poder conter;  
Sem poder conter-*nos*;  
Sem poder-*nos* conter;  
Sem poder *nos*-conter;

3º Nas phrases interrogativas e imperativas, o pronome *objecto* é enclítico: *Chama-o, ajuda-me.*

Mas se a sentença fôr *negativa*, o imperativo é substituido pelo subjunctivo, e o pronome *objecto* torna-se proclítico, isto é, antepõe-se: *Não o chames* (tu). E o mesmo dá-se em todas as sentenças negativas, subordinadas ou não: *Eu não vos quero mal, não me entendestes.*

4º Quando concorrem dous pronomes regimens, o que está em relação de dativo (relação adverbial, c. indirecto) deve preceder ao outro em relação accusativa (relação objectiva, c. directo), se este fôr expresso pelas fórmulas pronomi-

naes o a os as: — *Por muito mal que me lh'eui menti* (D. Din.) — *Elle m'o deu. Disse-lh'o hoje.*

Se, porém, forem outras as fórmias pronominaes, o pronome objecto deve vir anteposto (proclítico): — *Elle apresentou-se-me chorando; lembre-se de me recommendar.*

5º Nos tempos compostos colloca-se o pronome antes do auxiliar, ou entre o auxiliar e o participio: — *Nós o temos visto; tinha-o visto; temol-o visto.*

238. — É proclítico:

1º Quando vem depois de qualquer adverbio (de negação, tempo, logar, quantidade ou modo), começando a phrase por este: — *Não o chames; não te espero mais.* E nestes casos ainda accresce para a anteposição, o estar occulto o pronome sujeito :

*Elle não me disse;*  
*Nunca me esqueço;*  
*Sempre te estimei;*  
*Lá nos encontraremos;*  
*Muito me agrada;*  
*Bem me parece;*

2º Com as fórmias do futuro e do condicional quando vem claro o pronome sujeito: — *Eu te lembrarei* (= *lembrar-te-ei*), *tu lhe dirás* (= *dir-lhe-ás*), *elle me lembraria* (= *lembrar-me-ia*).

No futuro anterior ou condicional composto, além da construcção — *elle me terá dito, ella me teria dado*, temos tambem a especial e mais ele-

gante, em que o auxiliar precede sempre o pronome objecto: — *Ter-me-ia dito; ter-me-á*, etc.

Estas fórmãs—além do futuro e do condicional—, só se empregam na interrogativa: — *ser-me-á?*

3º — Nas orações de gerundio, quando a phrase começa pela particula *em*: — *Em me falando* (= *falando-me*).

4º — Com verbos no subjunctivo: *Se me visses; quando elles te procurarem; sei que me estimas*. Principalmente precedido de *que*.

5º — Tambem nas orações do infinito regido de outro verbo ou de preposição com o pronome *se*: — *Deve-se fazer*.

6º — Quando a fórmula verbal é proparoxytona: — *Nós o amariamos; lhe escreveriamos*.

7º — Depois dos relativos *que, qual*, etc.: — *O homem que te escreveu*.

239.— Quando um verbo no infinito ou no participio presente vem ligado a outro verbo de modo finito — é grande a liberdade de construcção: — *Deixe-lhe mostrar o que é...; seus olhos pareciam entrar-me até o mais recondito do coração* (Garrett). — *Se ha de fazer, ha-se de fazer, ha de se fazer*.

240.— Às vezes entre a enclitica e o verbo interpoem-se outras palavras:

Para *se* aqui *deter* não vê razão.

(CAM.)

O Capitão, que já *lhe* então convinha.

(CAM.)

A quem *se* o rei mostrou sincero amigo.

(Id.)

Avisou que *o* não passaria, como *o* elle proprio *disse*.

(LUA.)

241.— Quando, por motivo de uma inversão, a phrase começa pelo adjuncto complemento ou attributo: — *Dinheiro*, tenho-lhe eu dado.

Repetimos. A essas regras nem sempre se conservaram fieis os nossos classicos. Muitas vezes, decide a euphonia, a harmonia.

V. os seguintes exemplos :

O peccado de usura e a enfermidade da lepra *parecem-se* em muitas cousas. A lepra chama-se cancro universal, por que todo o corpo *se vae* estendendo, e tudo *o vae* consumindo.

(PADRE M. BERN.)

Num desdem, num suspiro, ou morte ou vida

*Me deram* meus delirios ;

*Avejou-me* a esperanza entre dous labios :

Tambem entre dois labios

*Me negrejou* terrivel desespero

Coroado de ciumes.

(GARRETT)

*Deus ha de vos pedir conta. — Mas todas ellas se reduzem a duas ; são os dous polos em que se resolve o mundo ; por isso se vêem ; e senão lembre-se a fé do primeiro rei de Israel ; porque não venham elles infeis, e me tirem a vida, perdendo-me o respeito.*

(VIEIRA)

242.— Não se deve começar uma oração ou sentença pelo pronome em relação objectiva, adverbial (*me parece, te disse, lhe falei*), e nem também com a particula apassivadora *se* (*se contam cousas horríveis*). O povo conserva-se, porém, aferrado ás fórmãs proclíticas, que ainda são correntes no hesp. e no ital. (*me voy, me ne vado*), eram dos primeiros documentos da lingua portugueza, e moldadas pela syntaxe latina.

243.— Nunca se colloca o pronome objecto depois do participio aoristo de tempo composto: — *Havendo-te visto*, e nunca *havendo visto-te*.

244.— O emprego proclítico do pronome, a par da fórmula enclítica, data do século XII. No XIV é manifesta a preferencia pelas fórmãs proclíticas (quando em relação adverbial ou conjunctiva), e que mais se accentúa e se torna geral, uniforme, no XV.

No latim barbaro a preferencia é pela posposição do pronome obliquo: — *Non calumniemus vos; quos me dedisti; dedit uno servo et tornavit illo; concedimus tibi; placuit nobis*, etc.

Mas que o povo portuguez mais se affeicou á anteposição, provam-no os seus dizeres, proverbios, juras, precações e imprecações: — *O demo te leve; o diabo te carregue; Deus te ouça; Deus te ajude; mãos raios te partam; Deus me livre*, etc.

245.— Digamos duas palavras sobre as combinações:

1° As enclíticas *me te nos vos lhe lhes*, ob-

jecto indirecto, antepoem-se a *o* e pospõem-se a *se*:—*Deu-m'o, deram-se-lhes.*

2º Quando a combinação vem anteposta ao verbo, uma das proclíticas pôde ser *o* ou *se*: a 1ª pospõe-se, a 2ª antepõe-se: *Porque motivo lh'o d'ria eu; o que se vos disse.*

3º As enclíticas *me te nos vos o*, complemento objectivo, não admittem outra enclítica:—*Apresentou-me a vós e não apresentou-me-vos.*

Com os verbos *pœnitet* (fr. class. *pœnitere*), *miseret*, *pu-det* (às vezes), com *apage*, *ecce*, com certos dativos pleonasticos ou expletivos (*dativus ethicus*), etc.

---

## CAPITULO VIII

### SYNTAXE DO VERBO

246.—Em regra, o verbo concorda com o sujeito em *numero* e *pessoa*.

Com os collectivos o verbo emprega-se no singular:—*O exercito arabe não respirava de combates contra os Godos.*

Mas se o colectivo fôr *partitivo* e vier seguido de um determinativo no plural, o verbo pôde ir para o plural:—*«A maior parte dos martyres subscreveram com o sangue o testemunho de Christo».*

Esta regra tem excepções, e no latim havia a mesma liberdade: «*A maioria dos deputados votou contra o projecto.*»

Quando os sujeitos são de pessoas differentes, o verbo vae para o plural e concorda com o que tem prioridade:—*Tu e o medico sois* dous malandrinos; *vós e eu temos* o amor da liberdade por invencivel como a morte.

O verbo, porém, concorda com a pessoa *menos nobre* quando esta se apresenta a quem fala como mais importante, ou os sujeitos acham-se ligados pela particula disjunctiva *nem*: *Nem vós nem elle poderá dizer...*

Lat. *Et ego et Cicero mens flagitabit.*

Se o sujeito fôr expresso por palavras synonymas, ou representantes de uma mesma idéa (pessoa ou cousa), o verbo (é claro) conserva-se no sing.:—Era um velho, a quem o *tropego*, o *quasi morto dos membros*, embargava o *caminhar*.

Quando o sujeito do verbo é um pronome relativo, o verbo concorda com o nome ou pron. pess. a que se refere o relativo.

E o mesmo se dava em latim.

Estas e outras regras de concordancia já são muito communs para que nellas nos demoremos.

## FÓRMAS NOMINAES DOS VERBOS

### Infinito

247. — Já vimos que um infinito póde ser empregado substantivamente, <sup>1</sup> e que para isso basta fazel-o preceder de um adj. determinativo (demonst., poss., art.): *O viver, o meu viver, teus dizeres.*

248. — O infinito portuguez tem a singularidade de poder flexionar-se. <sup>2</sup> D'ahi a sua divisão em *peçoal* e *impessoal*.

É *peçoal* o infinito :

1º quando a clausula do infinito póde ser substituída por outra do indicativo ou do subjunctivo: — *Virtude, sem trabalhares e padeceres* (sem que trabalhes e padeças), *não verás tu já-mais com teus olhos* (Bern.)

2º quando é sujeito, attributo de um verbo ou complemento de uma preposição. *É muito proprio das mulheres o sair para verem e serem vistas.*

<sup>1</sup> No gallego tambem.

<sup>2</sup> E por isso póde construir-se na qualidade de sujeito, attributo, ou em apposição com um outro nome.

O infinito é a fórma nominal primitiva introduzida na conjugação.

O infinito com substantivo neutro era já do latim classico, e ainda acompanhado de fórmas pronominaes: — *Illud peccare, hoc ridere.*

Cp.— *Comprei esta pera para comeres, comprei esta pera para comer.* No 1º caso o infinito pôde ser substituído pelo subjunctivo (para que comas) e refere-se á 2ª pess. do sing.; ao passo que no 2º exemplo o infinito se refere á 1ª (para eu comer).

Este grande elemento de clareza — o Inf. pessoal — não se encontra nos primeiros docs. authenticos da lingua. Seu emprego data do seculo XIII.

249.— Conserva-se *impessoal* o infinito :

1º — Quando o verbo da clausula do infinito não pôde ser substituído por outro do Ind. ou Subj.:— *Outros são incredulos até crêr* (Vieira); *applicadas a grangear com trabalho* (Sza. V. do Arc.); *faltando-lhes valor e accôrdo para se defender ou morrer* (Fr.— V. de Castro), etc.

2º — Com sujeitos identicos. Raro nos classicos. Cp. os seguintes exemplos:— *Nam curees de mays chorades; não cures de te queixar* (Canc. Geral); *o que se lhes não pôde defender com artilharia por trabalhar cobertos* (Fr.); e *folgarás de veres* (Cam.); *vieram constrangidos a buscarem refugio* (A. Herc.); *restricções de amor que impedem os filhos de Amor de acharem* (Garrett); *se queixaram de verem sair á meia noite* (R. da Silva); *forçareis as pedras a vos fazer a vontade* (Ulys.), etc.

ADVERTENCIA.— Em muitos casos a *clareza* ou a *euphonia* são os dous factores que decidem do emprego da fôrma pessoal ou impessoal, e crescido numero de exemplos contradictorios pode-

mos respigar nos bons escriptores e mestres da lingua.

Não te espantes de Baccho nos teus reinos *receberes*.

(CAM.)

Collocaram no throno um rei fraco e supersticioso para *governarem* á sua vontade.

Pugnavam uns por *ganhar*, outros por *defenderem* uma trincheira.

Tambem não são precisas as regras quando o adjectivo vem regido de preposição, e collocado depois de um appellativo ou adjectivo a que serve de complemento, etc.

250.— O infinito póde fazer parte de proposições independentes, exclamativas, optativas, deliberativas: — *Mulher, muito grande é o teu bom perseverar* (G. Vic.); *que fazer!*

251.— Substitue o subjunctivo latino nas interrogações indirectas. Lat. class.: *Quid scriberem non habebam*; baixo lat.: — *Quid scribere non habebam (non habent quid RESPONDERE, S. Agost.)*. O portuguez muito desenvolveu esta construção: — *Não tenho que responder*; *não sei que dizer*, etc.

252.— Já vimos que o infinito, por sua qualidade nominal, póde ser sujeito e attributo. Póde ainda construir-se:

1º em qualidade de *complemento indirecto*, depois de um certo numero de preposições (*a, para, por, de*, etc.), principalmente com os verbos *dar, mandar, vir, andar* e outros similares (*dar de beber, vir para ver*), e de muitas locuções

prepositivas (*longe de, a menos, em logar, á força de, etc.*)

O latim empregava o supino em *um* ou o gerundio com *ad*, ou ainda o part. fut. pass., modos que—desde a decadencia—foram substituidos pelo infinito, de uso mais frequente no latim dos tempos posteriores e na Vulgata: *It visere, ibat ferire, dare libere, vade reconciliare.*

2º como *complemento directo marcando o objecto da acção*. Já era latina a faculdade de construir para esse fim um infinito sem sujeito, depois de certos verbos que exprimiam a idéa de vontade, poder, intenção, alegria, pejo: *Ire volo — quero ir.*

Com muitos verbos construímos o infinito sem preposição nem sujeito (*temer, receiar, sentir, mostrar, ver...*); mas essa construcção directa era muito mais geral no portuguez antigo, que empregava o infinito em muitos casos, em que hoje é precedido de preposições ou substituído pelo subjunctivo.

253.— Os traductores introduziram na lingua portugueza os primeiros vestigios das proposições do infinito, isto é, proposições que serviam de complemento ao verbo, e construíam-se em latim com um verbo transitivo seguido de um infinito e de um nome no accus., sujeito do infinito. No principio da lingua essa proposição era substituída por outras precedidas de conjunção, correspondentes ás fórmulas do baixo latim (Cp. lat. class.: *Audio te dicere, b. lat. — audio quod zu dicis*).

O emprego no seculo XV era muito mais livre do que hoje; mas em muitos casos, quando o sujeito do infinito é o relativo *que*, empregamos ainda a proposição do infinito.

Além d'essa forma da proposição infinitiva, temos outra, caracterisada pela circumsancia de ser o sujeito regimen indirecto. Este emprego, de uso muito limitado, já era conhecido dos latinos (*hoc comitibus scire faciant*). Ex.: *Eu o vi fazer os seus preparativos.*

A proposição infinitiva refere-se sempre logicamente a um sujeito, quando não o tem apparente. Este sujeito póde ser determinado pelo contexto ou proposição geral (*muito soffri, para desejar a morte*), ou indeterminado (*para que uma nação prospere, é força civilisar o rico tanto quanto o pobre*).

254.—Para indicar o fim da acção, empregamos o infinito, construcção regular no baixo latim, e excepcionalmente empregada no latim pelo supino (*pecus egit altos visere montes*). *Vou soccorrel-o; venho ao theatro applaudir o genio.*

255.—Podemos empregar o infinito pelo imperativo, herança que nos veio do latim, e era mais usada dos classicos portuguezes: *ALEGRAR que é chegada a hora; SUS, levantar d'ahi muito nas más horas; FUGIR, FUGIR do infame que vos quer prender.*

ADVERTENCIAS. — O dominio romano muito mais estendeu o emprego nominal do infinito; sendo de notar os casos seguintes:

a) *Infinito articular*—o beber; o comer; e no plural: os cantares, os dares e tomares.

Encontra-se nos primeiros documentos da lingua.

b) *Infinito preposicional*. — Já de uso frequente no baixo latim do 1º seculo (*ad habitare, ad firmare*), encontra-se nos mais antigos textos do portuguez: — *Getar in terra* pelo cegar (seculo XII).

Geralmente com os verbos *ser, parecer, etc.*, e outros empregados pelos antigos, a que corresponde em lat. o part fut. pass. em — *du* (*laudandus sum, ad essere servit, etc.*)

As vezes a euphonia, e certa força de attracção morphica, desvia o infinito do uso legitimo e natural: — *Galantes são os poetas! Todos vereis queixar da malacia dos tempos* (D. Man., *Apol.*).

c) *Infinito dependente de um adjectivo*: — *Bom para comer; impossivel de viver*. Dá-se o mesmo em grego; e no latim corresponde ao inf. pess., ao supino em *u*, ou ao gerundio com *ad*, ou *ut* com subjunctivo: — *Niveus videri, difficile visu, vir dignus, ut laudetur, etc.*

256. — O Infinito portuguez, pois, ou é *puro* (desacompanhado de preposição) ou preposicional.

O *puro* póde fazer as vezes de sujeito ou objecto, ou parte de uma proposição composta.

a) Representa o sujeito com muitos verbos

e locuções impessoaes (*convém, é força, importa, basta, é possível, etc.*)

b) Representa o objecto com verbos auxiliares, modaes (*poder, saber, dizer, querer, etc.*); e ainda ás vezes com alguns verbos que exprimem uma circumstancia adverbial — *usar, costumar, ousar, dignar, etc.*

c) Serve para dar mais brevidade e elegancia a uma proposição composta copulativa, quando o sujeito da proposição secundaria, acha-se puro na principal como sujeito ou objecto: — *Lembra-me tel-o visto; não era digno de viver; eu o vi chorar* (chorando, que chorava), etc.

257.— O Inf. acompanhado de preposições pôde depender de um verbo, adjectivo, substantivo, e corresponde ao gerundio latino, do part. fut. tanto activo como passivo, ao infinito puro latino, etc.: — *Cousa de fazer chorar* (res miseranda, res flebilis), *duro de soffrer* (durum toleratu); *ouvi falar bem d'elle* (e tambem com os verbos *ver, sentir, entender, etc.*); *foi o primeiro a chegar.*

258.— O infinito precedido das preposições *por, para,* com os verbos *ser* ou *estar,* forma uma conj. periphrastica: — *Estava para ler, está para morrer.* Com *para* indica futuridade; com *a,* uma acção presente: — *Estava para escrever, estava a escrever.*

259.— Ás vezes concorrem alguns infinitos, como que todos dependentes de um verbo expresso ou subentendido. É o *infinito historico*

latino. Construcção que passou para o portuguez e outras linguas neolatinas: — « Succedeu afinal os dous exercitos *se encontrarem* nas margens do Chryssus; *dar-se* batalha decisiva; nella *fazer-se* pedacos o imperio wisigothico; os Godos *ficarem* completamente destroçados, e Ruderico *fallecer* no conflicto.»

### Participios

260. — O **participio presente**, hoje usado exclusivamente como adjectivo, só admite flexão de numero: *homem* ou *mulher* amante, *homens* ou *mulheres* amantes. Esta propriedade já era peculiar no latim classico, e teve mais incremento no latim barbaro, como já vimos.

Até o seculo XV tinha funcção verbal com o complemento: — Os desprezintes *Deus caem no* (R. S. Bento, In. d'Alcob.), filhantes *inferno a saia*, *leixam o manto* (In.), etc.

Conservamos vestigios d'essa fórma nominal mas já sem propriedade transitiva: — *perlas* imitantes *à côr da aurora* (Cam.); *assim como a aguiã e o louro não sam dominadas*, senão predominantes *ao raio* (Vieira, V. 481). E assim — *tirante* esta clausula, *tendente* à paz, *tocante* a moral, *referente* à lei, *passante* cincoenta, *pertencente* a nós, *durante* o anno, etc. De *obedecer* fizemos *obediente* por *obedecente*.

No seculo XV, é de notar a confusão do part. presente com o gerundio e participio passado

(*homem bem parecido de corpo*), e tambem o seu emprego pelo adjectivo correspondente:— *Era o conhecente d'aquelle Judéo; sabentes per aquesta carreyra da obedeença; temente (temendo) minha morte; rompente o alvor da manhã; acabante aquelle feito.*

Emfim, o part. absoluto foi, no correr dos tempos, substituido pelo gerundio, assim como o part. pres. conservou-se sómente em alguns modos adverbiaes ou preposicionaes: *durante a guerra, isto não obstante, etc.*

No portuguez, vive, pois, o participio presente com valor de adjectivo apposto a um substantivo sem attenção ao tempo, e servindo para exprimir uma qualidade:— *coisa importante, olhos ardentes, força imponente*; mas tambem tornou-se verdadeiro substantivo em muitos casos — *o amante, a corrente, os combatentes.*

Muitas vezes depende de outras partes da proposição, como do verbo de que deriva — *um palacio pertencente ao Imperador.*

Com pleno sentido verbal, só nos escriptores antigos ou em algumas construcções consagradas pelo uso, como vimos acima.

261.— O **gerundio** (part. imp., que no port. substituiu o part. pres. latino) é sempre invariavel. Quando vem precedido da preposição *em*, indica que á primeira acção segue-se immediatamente outra:— *Em chegando X, parto para Itú; em falando, em dizendo, em dormindo, etc.*

Equivale a uma locução adverbial:— *chegando* (quando chegar), *amanhecendo* (quando

amanhecer), etc., e é vestígio do gerundio latino em *e*, que mais se vulgarisou na época da decadência.

Cp. *estando dormindo, andando aprendendo...* = estando a dormir, andando a aprender...

O gerundio simples das linguas neolatinas só se conservou no ablativo, sendo substituído nos outros casos obliquos pelo infinito; e, alargando a esphera de suas attribuições, invadiu as do participio presente, mas sómente na sua significação verbal.

Comp. com a lingua latina, nota-se:

1) Corresponde ao gerundio latino (*docendo dicitur, legendo inveni...*)

2) Ao part. pres. lat. — *vinham voando* (*veniebant volantes...*)

3) O emprego da prep. *em* com os gerundios é herança latina — *in judicando, in disse-  
rendo, in agendo* (Cic.)

262. — O **Participio passado**, no portuguez antigo, sempre que vinha construído com o verbo *ter* (e *ser*) e — ainda no seculo XVI, — concordava com o sujeito do verbo em genero e numero: — *Bom servidor e leal nos serviços que lhe tinha feitos* (F. Lopes); *e do Jordão a areia tinha vista* (Cam.); *votos que tinha feitos; quantas culpas tinham commettidas* (F. Mendes), etc. E qualquer que fosse a ordem, o part. concordava com o seu complemento, conforme a syn-

taxe latina, que com o auxiliar *habeo* tambem dizia — *habeo cognitam amicitiam* = eu tenho conhecida a amizade.

Mas desde a origem que houve tendencia para considerar-se o part. passado apenas como forma de um preterito composto. *Cognitum habeo* = *cognovi*. *Tenho conhecido* = *conheci*. E mesmo nos textos antigos já se encontram exemplos da invariabilidade do participio quando se apresentava mais perto do verbo que do regimen: — *Maravilhas que deixou feito* (Caminha); *deixar-lhe queimado a cortina* (P. Per.), *deixando descoberto 350 leguas* (Barros)... etc.

A concordancia continuou, e é observada quando o participio segue o complemento: — *Não é preciso tenha as cartas escriptas*.

A leitura dos textos mostra claramente a tendencia para a suppressão da concordancia, que ficou retardada pela influencia classica, adstricta á tradição latina.

263. — Por sua natureza, o part. passado dos verbos intransitivos póde tomar significação activa, que — como em latim — se tornou extensiva a participios de verbos de natureza transitiva: — *homem applicado, aborrecido, calado, confiado, descrido, dissimulado, esquecido, divertido, entendido, poupado, lido, perdido, sabido...*

264. — Às vezes o participio passado dos verbos transitivos é empregado em sentido transitivo como os depoentes latinos, que sempre se suppõe unido ao gerundio do verbo *ter* ou *haver*.

Os exemplos mais abundam nos escriptores antigos:—*mandado a...* promptamente se partiu; depois de *comidos e bebidos*, foram-se embora.

265.—A construcção participial pôde abreviar ou tornar implicita a construcção subordinada formada com pronomes relativos ou conj. de tempo, causa ou motivo (o que já se praticava em latim):—*Elles ouvindo essa fala disseram* (elles que ouviam); *este facto aconteceu reinando Affonso* (quando reinava); *vendo a primavera muito me alegre* (quando vejo); *podendo fazer não o fez* (comquanto podesse fazer).

Alguns grammaticos explicam a construcção absoluta do participio passado por uma ellipse do gerundio do auxiliar, isto é—*perdida a esperança* = *tendo perdido a esperança*, etc. Melhor é resolver a passagem directa d'esta construcção do latim para o portuguez, e mais linguas romanas.

266.—Os **participios do futuro**—são hoje raros, e só usados como substantivos ou adjectivos. Já a elles nos referimos.

Terminam :

1º—em *ouro* (oiro):—ascendedouro, escorregadouro, idouro, regedouro... que se confundiram com os em *eira* (*casadoura, casadeira*). Ainda conservamos vestigios d'este participio em *duradouro, immorredouro, morredouro, vindouro* (*Sguardante nas cousas vijdoiras; Leal cons.*)

2º—em *ando, endo*. Nos docs. antigos e mesmo do seculo XVII, estes participios tinham sign. do futuro:—*Entre os desprezos d'esta ex-*

pianda *angustia* (Fil. Elis.); *se mostra pura e brilhante* á consolanda (Id.); *oh! adorandos sempre e adorados!* culpandas *armas*; etc.

São participios da voz passiva latina, e apenas empregados no portuguez em linguagem classica, principalmente depois do seculo XVI. Temos d'essa origem — *miserando, horrendo, educando, doutorando, execrando, examinando*, etc.

3º — em *undo (bundo)*: — *gemebundo, moribundo*, etc. Quasi todas as palavras d'esta terminação representam importações latinas. Este suffixo equivale ao *oso* das bases nominaes.

O part. imper. e o aoristo (part. passado), quando não são empregados como adjunctos attributivos, nem como elementos de formação nos tempos compostos da voz activa e da passiva, e nos verbos frequentativos, formam clausulas partici-paes absolutas, equivalentes a outras do modo Indicativo e do Subjunctivo. Taes clausulas principaes, bem como as que se formam com o participio aoristo, correspondem exactamente aos absolutos latinos (Julio Rib.).

## EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS

### Correspondencias dos tempos nas proposições (sentenças) coordenadas e nas subordinadas

267. — A funcção syntactica do verbo deriva naturalmente de sua propria natureza categorica. É por assim dizer o elemento disciplinador da proposição, a synthese da phrase.

a) Vozes, numeros e pessoas

268.— **Voz activa** — Os verbos transitivos exigem um termo indicador do objecto directo e immediato da acção. É o seu complemento directo. Ex. : — O *sol* *abranda* a *cêra* e *endurece* o *barro*.

Os verbos intransitivos exprimem uma acção, cujo objecto directo se não indica: *venho*, *corro*.

Muitos verbos, no correr dos seculos, mudaram de classe: — *cair*, *morrer*, *crescer*, *sair*.

Essas mudanças explicam-se :

1º — Um verbo transitivo pôde construir-se quasi sempre intransitivamente (*crêr*, *encontrar*, *esperar*, *consentir*, etc.), mas o objecto vae para relação adverbial: — *Creio* o *que referes*, *creio* no *que referes*.

2º — O verbo intransitivo pôde ter um complemento directo, isto é, pôde ter significação transitiva (*trabalhar*, *gritar*, *chorar*, *calar*, *andar*, *correr*, *danças*, e todos os que exprimem locomoção, etc.) *Dormir um somno*. Esta faculdade era mais ampla no portuguez antigo.

3º — Muitos verbos intransitivos empregam-se com sign. trans., valor factitivo (*descer*, *entrar*, *passar*, *cessar*, *chegar*, etc.)

O caso objecto pôde ser acompanhado de preposição, principalmente quando designa função pessoal: — *Amarás* ao *Senhor teu Deus*, e

ao p  
pres:  
com

da P  
cula

plem  
alçar

A  
emph  
guez

2

repre  
foi g  
Linh.

A

constr  
— É /  
dos (s

A

não r  
XVII:  
Bib.).

Alé  
vir, and

27  
casos,  
mente.

ao proximo como a ti mesmo. E quando é expresso por fórmãs verbaes:—*Comecei a cuidar, começava de querer* (B. Rib.)

Nas phrases de construcção similar — *peguei da penna, arrancam das espadas*, o *de* é particula de realce.

Alguns verbos transitivos recebem um complemento duplo:—*Nomearam-no professor; e o alçarão por Rey* (tambem *em Rey*).

Às vezes a dupla predicacção é simplesmente emphatica ou expletiva:—*Os feitos que os Portuguezes obraram nesse dia, o oriente os diga*.

269.—A **voz passiva** exige um caso agente representado pela prep. *por* ou *de*:—*Esta terra foi ganhada pelos mouros* (seculo XVI, *L. de Linh.*); *sendo das mãos lascivas maltratado* (Cam.)

A tendencia nominal do participio refere a construcção *de*, como se vê da historia da lingua:—*É feito de asperodes, he aborbotado de escudos* (seculos XIII e XIV).

A influencia da construcção latina (*a, ab*) não raro apparece no portuguez até o seculo XVII:—*Era ensinada á livros de historias* (B. Rib.).

Além do verbo *ser*, formam o passivo os verbos *estar, vir, andar...*

270.—As fórmãs da voz activa, em certos casos, substituem as do passivo, e reciprocamente. Assim:

1º— *Activo pelo passivo*, no infinito, participio presente (*facil de dizer; assi meixente os esprovamentos; Ined. d'Alc.*). Quasi todos os participios perderam a propriedade transitiva.

O pass. com sujeito indeterminado póde (como em latim) ser representado pelo activo: *diz-se* ou *dizem* (*dicunt=dicitur*), etc.

2º— *Passivo pelo activo*.— Esta construcção originou-se da falta de uma fôrma de participio activo; só se dá com o participio: *Com este feito que foi mui soado por todas aquellas partes, ficaram os amigos e liados d'el-rei de Bintam mui quebrados* (Bar. Dec.). *Muitas cousas gostosas aos lidos e curiosos* (Pant. de Aveir.).

E ainda na linguagem actual muitos são os exemplos:— *uma politica dissimulada, um homem sabio, reflectido, previsto, presumido, mentido*, etc

3º— *O reflexo pelo passivo*.— Já nos referimos a esta construcção, que mais se tornou frequente depois do seculo XV.

Em França tambem se dizia— *La nature et utilité du régime de F. C ne se peut autrement comprendre*, construcção que se desenvolveu com a influencia italiana.— E do seculo XVIII a phrase seguinte: *Je n'entretiendrai pas V. M. de toutes les sottises qui se font et qui se disent, et qui se lisent en ne se lisent pas* (d'Alembert.) E ainda hoje— *ce qui se dit*, etc

Distingue-se o passivo pelos verbos auxiliares *ser*, etc.; o reflexivo, por meio dos pronomes.

E com a quêda da fôrma organica do passivo mais cresceu em importancia o reflexivo.

A lingua latina exprime o conceito do medio grego com verbos passivos ou deponentes, ou então com v. activos juntos ao pronome reflexo (objecto): — *cruciari, deletari, se abstinere, se delectare*. Cumpre, porém, observar que em grego, para exprimir a acção reflexa-directa já se preferia a fôrma média (*louomai* — lavo-me), o activo com o pronome reflexo (*sozein eauton*, salvar-se a si mesmo).

271. — O passivo impessoal exprime-se pelo activo: — *vae-se, passa-se, vive-se, morre-se*, etc.

Na 3ª p. do singular ou do plural pôde formar-se o pass. com pron. reflexo: — *Não se acha o livro, não se acham os livros*.

Quanto ao considerar-se o *se* objecto da proposição, ou sujeito equivalente ao grego *tis*, all. *man*, etc. V. §.

272. — **Das pessoas e numeros** — Vide §§; flexões pronominaes e verbaes.

Conservamos muitos verbos *impessoaes*; perdemos alguns; no sentido figurado emprega-se a 3ª pessoa do plural, e tambem a 2ª (com valor factitivo): — *Troveja a olympia sala; trovejam iras de Achilles; troveja, miseravel, chove sobre nós tuas verrinas!*

Em regra, no portuguez antigo e moderno, o verbo concorda em numero e pessoa com o sujeito.

Notemos as principaes difficuldades:

a) Quando concorre mais de um sujeito de varias pessoas, o verbo vae para o plural e concorda com a que tiver prioridade, isto é :

Se forem os sujeitos da 1ª e 2ª pessoa ou 3ª, o verbo vae para a 1ª do plural:—*Tu e eu estamos bons* ;

Se forem da 2ª e 3ª, vae para a 2ª do plural:—*Tu e elle sois dous sabidos*. V. §§.

b) O verbo vae para o plural quando os sujeitos são seriarios e do singular (syndetica ou asyndeticamente):—*O ouro, a prata, o ferro, são metaes*.

É frequente neste caso a anteposição do verbo:—*São os dous entes mais parecidos da natureza, o poeta e a mulher namorada* (Garrett).<sup>1</sup>

c) Quando, porém, o sujeito seriario é representado por um expoente geral, ou quando a sua correlatividade se funda num unico conceito, o verbo ordinariamente fica no singular:—*A gloria, a riqueza, a formosura, tudo é vaidade. O ouro, os diamantes e as perolas, tudo é terra e da terra* (Vieira).

d) Nos docs. do seculo XIII ao XV, são frequentes as anomalias:—*Ho monte grande escal-*

<sup>1</sup> A prep. *com* (=e) é também uma equivalente syndetica:

Que eu c'o grão Macedonio e c'o Romano  
Demos logar ao nome Lusitano

(CAMÕES)

Cp. a locução *um e outro*:—«Vêde a differença com que *um e outro* ouvirão *um non licet*» (Vieira).

*nitado no qual nem arvores nem mato aparece* (seculo XV). *Seus olhos fontes d'agua parecia* (G. Vic.)

273. — *Concordancia com os collectivos.* —

Em geral, quando o sujeito de um verbo estava no singular exprimindo idéa de collectividade, o portuguez antigo, fazendo a concordancia com o sentido, levava o verbo para o plural (*gente, povo, etc.*, de que já demos alguns exemplos), *per synesim*:

Porque, saindo a *gente* descuidada  
*cairão* facilmente na cilada.

(CAM. Lus. I. S.)

Mas:

A *gente* da cidade aquelle dia  
(Uns por amigos, outros por parentes  
Outros por ver sómente) concorria,  
*Saudosos* na vista e *descontentes*

(Id. V. 831)

em que se nota o effeito da attracção.

As outras linguas romanas conservaram-se fieis a este principio, que era latino: — prov. *gens monteron*; fr. ant. *gent estoient, corrent*; la noblesse de Rome *l'ont elu*; etc.

Lat. *magna multitudo convenerunt. Pars navium haustæ sunt*. E assim com *exercitus, juventus, gens, turba, vis, vulgus, classis, etc.* E o mesmo em grego.

Na lingua moderna ha dous casos principaes dignos de nota:

a) O sujeito do verbo é um nome como— *multidão, recova, bando, porção*. Neste caso o verbo vae para o singular, se a idéa mais se refere ao colectivo; para o plural, se mais se refere ao complemento.

b) O sujeito do verbo é uma locução exprimindo quantidade:— *muito, assás, pouco, a maior parte*, etc. Em geral depois d'essas palavras emprega-se o plural: *A maior parte dos homens são inclinados ao mal*.

Ha excepções.

274.—A impersonalidade do sujeito fixava o verbo no singular:— *Se y a provas* (F. de Gravão); *ha homens que ainda depois de falar são mudos* (Vieira).

275.—Notemos os casos do verbo *fazer* empregado com os numeræes cardinaes (na somma, subtracção e multiplicação):— *tres e tres faz seis, tres vezes tres faz nove*; mas que tambem se empregam, e acertadamente, no plural— *tres vezes tres fazem nove*. Fazem *dez annos*, é erro; deve-se dizer *faz dez annos*.

276.—Se houver mais de um sujeito, unidos pela conj. *com*, o predicado pôde estar tanto no singular como no plural. Deve-se, porém, preferir o plural; preferencia que já se notava no latim e no grego.

277.—Quando os sujeitos vierem ligados pela part. disj. *nem*, o predicado fica no sing. se se refere aos sujeitos individualmente; e vae para o plural se se refere á totalidade dos sujei-

tos:—*Nem a fama nem o medo lhe fez perder o animo. Nem P. nem F. será o mais votado.*—*Nem summa paz, nem summa quietação podem durar muito.*

278.—Dá-se o mesmo com *ou*. Emprega-se o plural; mas se a idéa expressa pelo verbo só pôde ser attribuída a um dos sujeitos, o verbo fica no singular: *Zaluar* ou *Castro Alves* é o *autor d'estes versos*.

Com *nem um nem outro*, e *um e outro*, o verbo fica, em regra, no sing. E era esta a construcção latina com *neque neque*, e a grega. Com *aut aut* a concordancia do predicado regula-se pelo sujeito mais proximo:—*In hominibus juvandis aut mores spectari, aut fortuna solet* (Cic).

#### b) Tempos

Vide §§.

a) O *Presente*—representa a acção como que feita (presente) no momento em que se fala:—*Estás alegre*.

Emprega-se ainda para indicar acção constante, continua, habitual, na citação das palavras ou opiniões, e em ditos populares, aphorismos, etc. (*Quem dorme não guarda cabras. Tanto vae o pôte á fonte que afinal lá fica*, etc).

Figuradamente emprega-se pelo passado e pelo futuro (pouco remoto):—*Moniz lhes tem rosto, os aperta, e rechaça. Vou amanhã. Volta já*.

Emprega-se o pres. pelo futuro quando a acção tem de effectuar-se em época proxima, que quasi entesta com o presente (*vou logo*); quando a acção futura começa no momento em que se fala (*elle está de volta dentro de 15 dias*); quando é indeterminado o tempo em que tencionamos fazer a acção annunciada:—*Logo que poder, parto para S. Paulo.*

Emprega-se ainda pelo imperfeito e futuro do subjunctivo:—*Se adivinho, não caia nessa; se falas, arrependes-te.*

Ao presente empregado pelo passado dá-se o nome de *presente historico*, que, não ha negar, dá mais vivacidade ao discurso.

Não acabava quando uma figura  
Se nos mostra no ar robusta e valida.

(CAMÕES)

b) *Preterito*—A principio era distincta a differença entre o preterito definito (perfeito) e o indefinito. Este indicava um tempo menos remoto.

c) O *futuro* simples ou absoluto enuncia a acção que se deve fazer em tempo posterior ao em que falamos.

O futuro pôde substituir o presente:—*Quantos não estarão agora arrependidos!*

279.—«Uma acção determinada pôde ser não só anterior, posterior ou contemporanea do momento em que se fala, mas tambem de uma

acção qualquer presente, passada ou futura, em relação ao momento em que se fala. Quando dizemos:— *Elle tinha saído quando eu fui*, indicamos que elle tinha saído antes de um outro momento, que é aquelle em que fomos á sua casa. A acção indicada pelo verbo *tinha saído* é, pois, *passada em relação a uma outra acção passada*».

280.— Não temos todos esses tempos precisos; mas o *Imperfeito* e o *mais que perfeito* representam o *presente no passado*; assim como o *condicional* exprime o *futuro no passado*; e o *futuro anterior*— o *passado em relação ao futuro*.

a) O *Imperfeito* indica uma acção contemporanea de outra já passada. Devemos, pois, empregal-o sempre que quizermos indicar circumstancias referentes a um facto passado. Essa relação de circumstancias é ás vezes indicada mui estreitamente; outras, porém, deixa de ser expressa: *Raiava o dia. Era renhida a peleja.*

V. o que dissemos sobre o emprego do presente pelo passado e futuro.

O *Imperfeito* póde ainda ser empregado simplesmente como tempo do passado, sem relação entre essa acção passada e outra. Os factos são enunciados apenas como simultaneos, e não como successivos.

Indica outrosim uma acção habitual: *Estudava todos os dias.*

b) O *mais que perfeito* e o *preterito anterior* exprimem acção passada em relação ao tempo em que se fala, e ao mesmo tempo que ella foi feita em época anterior a outra igualmente feita. O preterito anterior é hoje de uso muito menos frequente, e só em phrase subordinada (em relação com o preterito) ou quando se quer mostrar que a acção do verbo principal começou no momento preciso em que já era acabada a acção do verbo no preterito anterior.

A significação do *mais que perfeito* é muito mais lata.

Não indica que a acção durava havia muito, nem que acabava de começar. Quando dizemos: *Elle tinha falado quando eu entrei*, o *mais que perfeito* (*tinha falado*) mostra que a acção de *falar* durava ainda no momento em que se deu outra acção passada (*entrei*).

c) Sobre o *futuro*, só accrescentaremos ao que dissemos: 1º, que ás vezes póde ser empregado pelo imperativo (*tomarás uma espingarda e irás ver quem é*); 2º, interrogativamente (*que faremos?*); 3º, para indicar um facto presente (*se elle tal disse, terá desacertado*).

d) O latim para exprimir o *futuro no passado*, servia-se do participio do futuro e do imperf. ou perf. do auxiliar *esse* (ser): *Dicturus eram* ou *fui*. A fórma portugueza que corresponde perfeitamente á latina é a do condicional.

O condicional era, pois, na origem, uma fórma temporal, o verdadeiro futuro no passado, e como tal empregado nas proposições subordinadas.

Para supprimirmos a simultaneidade do futuro (para o que não tinha também o latim tempo particular) empregamos o futuro simples e o do conj.:—*Irei quando fordes.*

281.—Para exprimirmos outras subdivisões do tempo, temos ainda os tempos compostos, entre os quaes o do *condicional*, que—como os simples—tambem conservam a sua significação temporal nas proposições subordinadas. No ex. *soube que elle seria sacrificado antes que chegasse o perdão*, a acção expressa pelo condicional é anterior á indicada pelo verbo *chegasse*, que é futura em relação á que se acha indicada pelo verbo *soube*, que está no passado.

282.—O presente do subjunctivo corresponde: 1º, ao presente do indicativo (espero que elle *venha*); 2º ao futuro (espero que elle *virá*).

O imperfeito: 1º, ao condicional presente (pensei que elle *viria*); 2º, ao mais que perfeito do Ind. (quem *pegára* então de uma mulher errada, e a *levára* pela mão!).

283.—Dos tempos nominaes já nos occupamos no capitulo VIII.

### c) Dos modos

284.—**Do indicativo.**—Nenhuma particularidade offerece na proposição simples.

285.—**Do imperativo.**—O imperativo negativo é representado pelo conjunctivo. Este

emprego remonta aos mais antigos textos (*não fales*), e no latim já o subjunctivo substitua o imperativo em todas as pessoas do plural e do singular nas phrases negativas.

D'este emprego na fôrma positiva temos exemplos em alguns modos de dizer conservados pelo uso (*Viva o Brasil!*); mas em regra e com certos verbos, o subjunctivo é precedido de *que*: — *Que elle parta! que eu não mais o encontre em meu caminho.*

Tambem o imperativo pôde ser substituido pelo futuro do Indicativo: — *Honrarás pae e mãe*, e ainda pelo infinito, de uso mais frequente até o seculo XVI: — *Eia! tudo apear, á barca, chegar a ella* (G. Vic.).

286. — **Do condicional.** — Corresponde no latim ao subjunctivo, ao optativo grego, como já explicamos.

Propriamente falando não se prende á idéa de tempo: exprime uma actividade condicional, um desejo, uma duvida. Note-se, porém, as f. periphrasticas, em que transparece idéa de tempo: — *Teria cantado, se tivesse podido.*

«O que caracteriza o condicional é a circumstancia de referir-se ao presente, passado ou futuro, e depender sempre de uma condição expressa por uma proposição, cujo verbo se emprega ordinariamente no imperfeito ou mais que perfeito do subjunctivo.» (S. Ber.)

*Escreveria hoje a carta, se tivesse tempo.*

*Escreveria amanhã a carta, se tivesse tempo.*

*Teria escripto* hontem a carta, *se tivesse tido* tempo.

287.—O condicional é ás vezes substituído pelo mais que perfeito do indicativo, e ainda pelo imperfeito:

Si os pequenos *comeram* os grandes, **BASTÁRA** um grande para muitos pequenos (Vieira).

ERA muito bom se neste mundo não *houvera* uma conta, e no outro mundo outra. (Id.)

O emprego do imperfeito do indicativo pelo condicional, é de commum emprego na linguagem familiar.

Ás vezes o *se* é substituído pela conjuncção *que*: *Viessem elles que lhes mostrariamos.*

288.— **Do subjunctivo.**— O subjunctivo chamado de cortezia em latim, foi substituído pelo condicional:— *Versus tuos audire velim* (= *eu desejasse ouvir teus versos*) = *eu desejaria ouvir teus versos.*

O subjunctivo ou conjunctivo é o modo da possibilidade; depende da proposição composta, e na fôrma propriamente de membro subordinado.

Se entra na proposição simples é porque— como no latim—o conjunctivo abrange o optativo grego, e póde estar como imperativo (como já vimos), encerrar uma pergunta, exprimir uma exhortação, desejo, duvida, ou concessão. To-

davia, que como conjunctivo imperativo, optativo, exhortativo, dubitativo, concessivo ou interrogativo, representa na proposição simples o modo da realidade:—*Queira dizer-me; faça-me o favor; proveesse a Deus! Deus nos proteja! Seja bendito! Fossem tuas palavras a verdade,* etc.

Na proposição 2ª de uma proposição composta, pois, ou elle exprime o mesmo que na simples, independentemente da principal, ou deve estar a esta subordinado pelo sentido.

Circumstancia digna de nota é que no portuguez o verbo da proposição secundaria está menos sujeito á influencia da principal que em latim.

Assim, p. ex., se nos referimos a asserto de outrem, seja opinião ou factó, emprega-se o indicativo ainda quando preceda o conj.: *Elle disse que vos devo a fortuna; se alguém dissesse que estes acontecimentos eram verdadeiros,* etc.

O imp. do subjunctivo emprega-se: a) no seu verdadeiro sentido como tempo do passado em relação a tempos passados do ind. na proposição principal: *Mandou que elle viesse; qualquer que fosse sua patria;* b) Sem idéa de tempo determinado, se o predicado da principal se acha no imp. do conj. ou no condicional:—*Quizesse Deus que elle voltasse.*

As vezes o *imperfeito*, quando o sentido é de futuridade, emprega-se pelo mais que perfeito:—*Desejava saudal-o logo que chegasse* (por *tivesse chegado,* etc.)

Depois das fórmãs unipessoaes, emprega-se o subjunctivo:—*Importa faças isso; é mister* QUE ESCREVAS.

289.—Dá-se o mesmo com as expressões *embora, ainda que, posto que, de modo que, etc.*

290.—*Talvez*, que exige o indicativo quando vem depois do verbo (*isto é talvez exacto*), pede o subjunctivo quando o precede (*talvez seja isso exacto*).

NOTA.—No seculo XVI ainda era frequente o emprego do mais que perfeito do indicativo pelo subj. pres. (*Se eu fôra um dos benemeritos.*—Vieira); e no seculo XV, o do infinito pessoal pelo subjunctivo (*o Imperador desejára muito de ficardes na sua terra* (Barros).

Do 1º emprego encontram-se amostras em escriptores puritanos; do 2º, ha exemplos que entendo devem ser imitados:—*Trabalha, filho meu, por agradarem tuas obras a Deus* (F. M. Pinto).

#### d) Correspondencia dos tempos

291.—**Proposições coordenadas.**—Já nos referimos ao presente historico, isto é, á facultade de poder-se representar o passado e o futuro pelo presente.

No portuguez antigo, porém, a confusão dos tempos nas proposições coordenadas era muita, e muito de notar, ainda mesmo nos seculos XV e XVI.

292. — **Proposições subordinadas.** — No portuguez antigo era muito mais ampla a liberdade de concordancia dos tempos nas proposições subordinadas.

293. — **Proposições completivas.** — O modo depende principalmente do sentido do verbo da proposição principal.

a) O verbo da subordinada vae para o indicativo quando o principal significa pensar, crer, sentir, saber, suppor: *Parece-me que elle vem (virá); creio que elle sabe; pensavas que elle dissera a verdade.*

Mesmo na prop. principal negativa, interrogativa ou dubitativa: *Não creias que eu tenho (tenha) medo crês que eu não sei?* (saiba).

b) Se a principal exprime admiração, alegria, tristeza, duvida, receio, surpresa, mando, etc., o verbo da subordinada vae para o subjunctivo: — *Receio que elle venha; mando que vás.*

c) Nas proposições *hypotheticas* o verbo põe-se no indicativo quando exprime factio positivo, actual (*se soffres, a culpa não é tua*); vae para o subjunctivo quando significa duvida ou condição (*não sei se te entregue este livro; se tu fôres, eu escreverei.*

No port. ant. empregava-se de preferencia o mais que perfeito do Indicativo.

As locuções conjunctivas identicas a *se* (*com a condição que, com tanto que, mas que, etc.*) levam sempre o verbo para o conjunctivo: — *com tanto que leias; mas que chegues a tempo.*

294.—Nas **proposições concessivas**, desiderativas e imprecativas, o verbo da clausula principal vae para o subjunctivo. Nas concessivas latinas, quando nellas figurava um pronome como *quisquis, qualiscumque*, o latim punha em geral o verbo no indicativo, e d'essa pratica se encontram muitos exemplos no portuguez antigo.

Quando a proposição era annunciada por uma conjuncção, o latim mudava de modo conforme o valor da particula empregada (*etsi, etiamsi*... Ind.; *quamvis*, Subj.).

O portuguez seguiu mais ou menos as mesmas regras; depois nota-se certa duvida quanto ás conjuncções; hoje emprega-se o subjunctivo: Ainda que eu *saiba*; não obstante *saberes*; quer *queiras*, quer *não*; posto que *venhas*, não obstante *teres*, se *bem que*, com *tanto que*, etc.

295.—**Proposições causaes**.—São em geral annunciadas por — *visto que, pois que, porque, attendendo a que*, etc., que desde o principio da lingua levam o verbo da proposição subordinada para o Indicativo: — Visto que *vens*, eu *não vou*.

Com algumas conjuncções póde elle ir tambem para o Indicativo: — *Como elle está bom* (esteja), *como elle não entendeu* (entendesse), etc.

Com as proposições negativas annunciadas por *não que* (*non quod, non quia*), o portuguez empregou sempre o subjunctivo, á imitação do latim: — *Não que eu te queira mal*.

296.—**Proposições temporaes e modaes.**—Nestas proposições a syntaxe depende da conjunção empregada. Assim:—com *antes que*, *primeiro que*, empregou o portuguez sempre de preferencia o subjunctivo (antes que *o seu peito a ferir* chegues); com *até que*, de preferencia o indicativo quando se trata de um factio positivo e já realisado (*até que por fim acalmaram-se os animos*), e o subjunctivo quando a acção é futura e hypothetica (*até que cheguem as noticias*); com —*emquanto*, *entretanto*, etc., tanto se emprega um modo como outro (*emquanto estiveres* (estás) *ahi*).

297.—**Proposições relativas.**—No latim empregava-se o subjunctivo nas proposições relativas; no portuguez tambem, sempre a acção é representada como incerta ou simplesmente possível (*indica-me o caminho que vá dar á villa*); mas quando é certa, positiva, o verbo da clausula subordinada vae para o Indicativo (*indica-me o caminho que vae á villa*).

O que acabamos de dizer muito a traços largos basta para mostrar que cada uma das fórmulas verbaes não tem papel perfeitamente restricto, funcção verdadeiramente especial. E essa discordancia entre o uso syntactico e a logica mais se nota nas correspondencias do subjunctivo. Em regra, porém, emprega-se de preferencia o indicativo quando queremos exprimir a certeza absoluta da affirmacção contida na proposição relativa, *independentemente do valor chronologico*.

298.—As proposições accessorias *temporaes* servem de complemento ao verbo da proposição

principal indicando o tempo da acção por elle expressa; as *modaes* servem de complemento ao verbo da principal explicando o modo ou a maneira de acção por este expressa, e conjugam-se com a principal por meio de *como*, *segundo*, *quasi*, etc.

As *relativas* e *locaes* servem de complemento a um nome ou pronome da principal e conjugam-se com auxilio dos pronomes relativos ou dos adverbios de logar (*que*—o que, os que; *onde*, *d'onde*, etc.)

As *causaes* são proposições accessorias que servem para explicar a *causa*, ou para exprimir formalmente o *motivo* pelo qual subsiste a principal: — *Foi punido porque mentiu; pois que mentiu, será punido.*

299.— Temos mais :

a) Proposições accessorias *finaes* e *consecutivas*, que exprimem, aquellas,— o fim ou consequencia *espontanea* da actividade expressa pela principal.

As *finaes* ligam-se á principal com as conjunções — *que*, *afim de*, *afim de que*, etc. O modo é sempre o conjunctivo.

As *consecutivas* unem-se á principal pela conjunção *que* e o modo indicativo (correspondente ao lat. *ut* com o conjunctivo): — *Elle é tão sabio que não tem par; esta idéa é tão abstracta que se não pôde revesti-la de imagens.*

b) *Proposições condicionaes*. — Os grammaticos chamam *periodo hypothetico* á união de duas

proposições, uma das quaes encerre a condição da outra. A que impõe a condição chama-se *protase*; a que exprime a consequencia—*apodose*.

A conjunção propria de uma proposição secundaria condicional é *se*.

É de notar a substituição de uma *protase* hypothetica por proposições ellipticas, por diversa collocação de palavras ou emprego de uma proposição interrogativa ou imperativa.

Se na apodose vem expresso um facto presente, passado ou futuro, a regra exige o *indicativo*, que se encontra puro na protase (*se isso me promettes, teu será meu coração*). Se não se fala de um facto, mas de cousa simplesmente por nós imaginada, em ambos os membros da proposição condicional emprega-se o conjunctivo (*se tivesse muito saber, estaria contente*). O 1º membro exprime a condição; o 2º, a consequencia.

c) *Das proposições interrogativas dependentes*. — Uma pergunta é *directa* quando feita em forma de proposição principal: — *Que fazes? Quem és tu?* É *indirecta* quando em forma de proposição secundaria ou dependente: *Dizei-me quem sois? Elle pergunta se a estrada é boa*.

É, pois, *se* a principal conjunção para a pergunta indirecta, correspondente ás particulas latinas *ne, num, an, utrum*.

Quanto ao modo, usa-se do *indicativo*, e só se emprega o *subjunctivo* quando a pergunta in-

directa se transforma em directa, e, neste caso, ainda um auxiliar modal apropriado.

d) *Das proposições comparativas.* — Nada nos resta a acrescentar ao que dissemos acima.

---

NOTA:

### Da correspondencia dos tempos entre si

Quando duas proposições são correlatas, porque uma depende da outra, ou porque esta faz parte d'aquella, ha entre os verbos d'ellas certa correspondencia a observar quanto aos tempos.

I. Querendo exprimir existencia que é sempre simultanea com o acto da palavra—que nunca entra na região do preterito—a qualquer que seja o tempo do verbo principal, corresponde-lhe o não-principal no presente absoluto; v. g.: «*Digo, disse, direi, etc. que Deus é justo.*»

II. Exprimindo-se, porém, existencia continuada ou habitual em época passada, a qualquer tempo do verbo principal corresponde o não-principal no presente relativo a preterito; v. g.: *Digo, disse, direi, etc. que el-rei D. Pedro I era justiceiro, mas cruel.*

III. Se o verbo não-principal significa existencia que se refere a certa época, sendo a proposição não-principal integrante, e a principal affirmativa, seguir-se-ão, na sua correspondencia as regras seguintes.

1ª Se o verbo principal estiver no presente ou no futuro absoluto, o não-principal pôde corresponder-lhe em qualquer tempo, excepto os futuros subordinados a preterito e a futuro; v. g.: *Digo ou direi que amas, — que amaste, — que amarás, etc.*

2ª Se o verbo principal estiver no preterito absoluto ou no futuro relativo a preterito, o não-principal em qualquer tempo lhe pôde corresponder, excepto os futuros subordina-

dos a presente e a futuro; v. g.: «Disse» ou «diria» que amo, —que amaste, —que amarás, —que amavas, etc.»

3ª Estando o verbo principal no presente ou no preterito relativo a preterito, o não-principal, se designar existencia simultanea ou anterior a respeito da primeira, irá ao presente ou ao preterito relativo a preterito; v. g.: «Dizia» ou *dissera* que amavas ou que amáras.»

Sendo, porém, posterior a existencia designada pelo primeiro verbo, irá ao futuro relativo a preterito ou ao subordinado a preterito; v. g.: «Dizia ou *dissera* que amarias» ou «que amasses.»

4ª Se o verbo principal estiver no futuro subordinado a presente, o não-principal pôde corresponder-lhe em qualquer tempo, excepto os futuros subordinados a preterito e a futuro; v. g.: «Caso eu diga que amo, —que amaste, —que amarás, etc.»

5ª Estando o verbo principal no futuro subordinado a preterito, o não-principal corresponder-lhe-á ou no presente absoluto, ou em alguma das variações relativas, ou no futuro subordinado a presente; v. g.: «Quando eu *dissesse* que amo, —que amava, —que amára, —que amaria, —que amasse elle.»

6ª Estando finalmente o verbo principal no futuro subordinado a futuro, o não-principal corresponde-lhe só no presente ou preterito absoluto ou no futuro subordinado a presente; v. g.: «Quando eu *disser* que amo, — que ameí, — que ames.»

IV. Se o verbo principal vier combinado em fôrma verbal que signifique *surpresa, admiração, vontade, desejo, consentimento, supposição, prohibição, duvida, temor, desconfiança, ordem*, corresponder-lhe-á o não-principal no tempo designado nas regras seguintes:

1ª Se o verbo principal estiver no presente ou no futuro absoluto, o não-principal, designando existencia simultanea com a significada pelo primeiro verbo, ou posterior a ella, irá ao futuro subordinado a presente; v. g.: *Espero, quero, permitto, confio, desejo, mando* ou *esperarei, quererei, permitirrei* etc. que venhas.»

2ª Se, porém, a existencia designada pelo verbo não-principal fôr anterior á significada pelo verbo principal, tomará aquelle o futuro subordinado a preterito; v. g.: «*Estimo*» ou *estimarei que viesses.*»

3ª Estando o verbo principal em algum dos preteritos, o não-principal irá ao futuro subordinado a preterito; v. g.: «*Esperei, esperava, esperára, esperaria que viesses.*»

V. Estas mesmas regras se seguirão, quando a proposição principal fôr negativa; v. g.: «*Não pensei que viesses tão cedo.*»

VI. Esta mesma correspondencia de tempos têm entre si as proposições que forem ligadas pelas fórmulas conjunctivas—*por mais que, posto que, supposto que, dado que, ainda que, com tanto que*, as quaes quasi sempre ligam ás proposições principaes outras que exprimem alguma cousa eventual.

VII. Quando uma proposição não-principal vier ligada á principal por algum dos conjunctivos—*que, qual, quem, cujo, onde, como*, observar-se-á se ella designa alguma cousa de *positivo e certo* ou de *duvidoso e incerto*.

Se designa alguma cousa de positivo e certo, seguir-se-ão na correspondencia dos tempos as regras dadas nos numeros I, II, III; v. g.: «*Busco* uma pessoa que me *fará* um favor.»

Designando, porém, alguma cousa de incerto e duvidoso, seguir-se-ão as regras dadas em o numero IV; v. g.: *Busco* uma pessoa que me *faça* um favor.»

VIII. Sendo o verbo principal alguma das fórmulas verbaes—*cumprir, importar, relevar, ser necessario, ser preciso, ser conveniente*, o verbo não-principal trazendo *que* antes de si corresponderá ao principal segundo as regras do numero IV; v. g.: *Importa que sejamos* instruidos, mas *cumpre*, muito mais, *que sejamos* virtuosos.»

IX. Quando em proposição principal empregámos o preterito relativo a preterito em lugar do futuro relativo a preterito ou subordinado a preterito, na proposição não-principal, se fôr subordinada, usaremos d'esse mesmo tempo em lugar

do futuro subordinado a futuro; y. g.: «Se Aristoteles *fôra* nosso natural, não *fôra* buscar linguagem emprestada.»

### EMPREGO DOS AUXILIARES *SER* E *HAVER*, E DO USO SYNTACTICO DE OUTROS VERBOS

300. — **Ser, estar.** — Ha differença no emprego entre *ser* e *estar*.

O 1º serve de auxiliar da voz passiva; exprime uma qualidade inherente ao sujeito, um estado que lhe é costumeiro: *O Brasil* foi descoberto *por P. A. Cabral*; *a neve* é *fria*; *Plácido* é *alegre*.

O 2º significa uma qualidade occasional, um estado transitorio: — *A agua* está *fria*; *Fernandes* está *alegre*.

O verbo *ser* exprime procedencia: — *Este rapaz* é *de Campinas*; o verbo *estar*, a situação do sujeito, o logar onde: — *Elle* está *em Campinas*.

Às vezes, porém, é indifferente o emprego: É *claro que*; está *claro que*. A idéa é então sempre a mesma.

Na linguagem poética emprega-se tambem o verbo *ser* por *estar*: *Eu* era *mudo e só*; *porém já cinco sôes* eram *passados* (por estavam).

São varios os sentidos do verbo *ser*, conforme a preposição que rege o complemento que o modifica (*com* — *contra* — *de* — *para* — *por*): — *Foi-lhes* de *amparo*; *resposta* foi *esta* de *principe*

*catholico; é para sentir que; elle não é para as letras; somos por ti, etc...*

301.—O verbo **estar** denota sempre um estado accidental, modificado por uma circumstancia de *logar onde*, de *tempo*, *modo*, *posse*, *carencia*, ou de *companhia*.

Emprega-se mais no sentido de *achar-se*, *permanecer*, e ainda em muitas locuções populares:—*Estar a braços*, *á bica*, *em brasa*, *na beira*, etc.

Quando modificado por circumstancia de *logar onde*, admite antes do complemento as preposições *em entre a sobre sob*, etc.

Modificado por circumstancia de *tempo*, pede complemento regido em geral da prep. *em* ou *entre*.

Modificado por circumstancia de *modo*, admite antes do complemento as preposições *a com de em conforme segundo*.

A circumstancia de modo póde ser expressa por um appellativo, adjectivo qualificativo ou participio do preterito: *Estar em disponibilidade* ou *disponivel*.

Assim como a circumstancia de tempo póde ser expressa por um adverbio de *tempo* (*estar perto*, — *longe*), tambem a de modo póde ser representada por um adverbio de *modo* (*estar bem*, — *mal*, etc.); e a de *falta* ou *carencia*, que requer a prep. *sem*, póde tambem ser expressa por um adj. qualificativo ou participio:—*Estar sem calçado* ou *descalço*.

Significa outrosim *assentar, condizer, ser decente, convir*, etc., e nestes casos usa-se com o adverbio *bem* ou *mal* e um complemento regido da preposição *a*: — *Este traje lhe está bem; tal proceder não está bem a um homem da tua posição.*

Seguido de um complemento regido da prep. *em*, pôde significar — *esperar, ficar, assistir, comparecer, consistir, depender* (o embaraço está em...), *custar* (*esta obra está em 5 contos*). Se o complemento fôr regido da prep. *por*, o verbo *estar* pôde ter a accepção de *annuir, concordar* (*estou por tudo*); de ser *a favor* (elle está por mim; cp. *é por mim*); de *representar alguém* ou *estar em seu logar, fazer as vezes de outrem* (elle lá esteve por mim).

Pôde ainda significar *crêr, julgar, ser de parecer*: — *Estou que tudo se arranjará.* Vem sempre seguido de preposição complementar ligado pela conj. *que*.

Seguido de um verbo infinito, sendo regido da prep. *a*, indica futuro proximo (*está a morrer*); de *em*, proposito, resolução; de *para*, possibilidade de uma cousa, proximidade immediata de um acontecimento, etc.; de *por*, a não realisação por enquanto de uma cousa (*a conta está por pagar*).

302. — **Haver.** — A syntaxe do verbo *haver* armou controversia que ainda perdura. Uns applicam a discordancia declarando-a *idiotismo*; outros descobrem uma ellipse de sujeito apro-

pria  
hom

o em  
estav  
na g  
have  
povo  
muit  
habe  
preg

etc.)  
corda  
mina  
matie  
Greg  
famil  
—oi  
mas  
regra  
tivos

I  
stant  
o nu  
se pr  
lar, e  
ral. I  
y a) e

4 P  
Todas

priado ao caso (*ha homens*) = o mundo ha (tem) homens.

É preciso notar que assim como confundiam o emprego dos verbos *ser e estar* (*era a folgar, por estava a folgar, B. Rib. ; fui na guerra por estive na guerra, Cam.*), também empregavam o verbo *haver* por *ter*, costume que ainda persiste no povo (tem *dias que não posso ler; no museu tem muitas cousas que não vi*). Em latim já o verbo *habere* significava *ter*; e passou também a empregar-se por *ser*.<sup>1</sup>

Hoje a phrase—*ha homens (haverá cavallos, etc.)*, é um factó grammatical. A regra de concordancia em numero entre o verbo e o seu nominativo é universal; mas a peculiaridade idiomática do verbo *haver* não é singular. Assim, do Grego, entre outras excepções, temos uma muito familiar, quando o nominativo é de genero neutro: —*oi anthropoi agathoi eisin*, os homens são bons; mas *ta biblia kala estin*, os livros é bom. E esta regra era geral para todos os verbos e nominativos neutros.

No grego ainda, se o verbo chamado substantivo precede o seu nominativo, «de modo que o numero do sujeito fica indeterminado quando se pronuncia o verbo», este deve ficar no singular, embora o nominativo seja masc. ou fem. plural. E o mesmo acontece no francez: = *il est (il y a) des hommes*.

<sup>1</sup> No dialecto portuguez de Ceylão emprega-se *ter* por *ser*: — *Todas minhas cousas tem vossas* (Schuchardt).

Não perdendo nestes casos a sua natureza de activo transitivo, pede um complemento correspondente á sua acção, ás vezes representado por algum dos pronomes *o a os as*:— *Ha-os* medicinaes como a camphora...; *ha-os* nutritivos como o pão...; *ha-os* como os cyprestes melancolicos (J. F. de Castilho).

Empregado impessoalmente significa :

a) *existir*; b) *acontecer, succeder* (*ha* casos que pódem mais que as leis); c) *passar-se, decorrer* (havia poucos mezes que era chegado, isto é, *haviam decorrido* poucos mezes).

Nesta ultima accepção costuma-se empregar antes d'elle a proposição *de*, quando se acha na 3ª pess. sing. do pres. do Ind.:— *Modas de ha cem annos*.

— *Haver*, com a significação de *ter, possuir, receber, tomar, julgar*, é activo transitivo, e como tal pede um complemento correspondente á sua acção.

*hão medo de perder a autoridade.*

(CAMÕES)

... *Si houverdes que é fraqueza*  
*mórrer em tão penoso e triste estado.*

(Id.)

D'onde *houveste*, ó pelago revolto,  
*Esse rugido teu?*

(GONÇALVES DIAS)

duzi  
na p

usa-  
— A

pess  
bent  
mes  
come  
acon

preg

tivo  
anda

vem  
tand

cesso

prep  
habi  
regid  
signi  
itivo

tocar  
prep.

Seguido de pronome reflexivo, significa *conduzir-se, portar-se*: — *Houve-se esforçadamente na peleja.*

**Acabar.**—No sentido de *rematar, pôr termo*, usa-se com complemento regido da prep. *com*: — *Acabou com todas as intrigas.*

**Acontecer.**—É ás vezes empregado na 3ª pess. do sing. com sujeito occulto, devendo subentender-se como sujeito do verbo o infinito do mesmo verbo: — *Morreu abandonado de todos, como acontece em geral aos ingratos* (isto é, *como acontece morrer...*)

**Andar.**—Este verbo tem diferentes empregos.

a) exprime *estado*, seguido de um qualificativo ou substantivo regido da prep. *em*: — *Luiza anda triste; elles andam numa dobadoura.*

b) indica continuação de uma acção quando vem junto a um particípio presente: — *Anda tratando de seus negocios.*

c) significa *proseguir*: — *Faça andar o processo, ou ande com o processo.*

**Assistir.** — Pede complemento regido da prep. *em*, quando tomado no sentido de *residir, habitar*; no de *estar presente*, pede complemento regido da prep. *a* (*assistir á missa*). Mas com a significação de *ajudar, socorrer*, é activo transitivo e pede complemento sem preposição.

**Caber.**—No sentido de *pertencer, cumprir, tocar em partilha*, pede complemento regido da prep. *a*; da prep. *em*, se é empregado na accepção

de *ser compatível*, poder ser *contido* ou *feito* em certo espaço de *logar* ou de *tempo* (o povo não *cabia na praça*; não *cabia em seu saber* descobrir o mal); da prep. *por*, quando significa *poder passar*, *ter entrada* (este fardo não *cabe por aquella porta*).

**Cair.**—Por suas varias significações admite varias preposições na regencia dos seus complementos.—São ellas *de*, *para*, *sobre*, *em*, *a*. Ex.:—*cair das nuvens*; *as janellas caem* (dão, deitam) *para o mar*; *caiu a Paulo* o premio (isto é, *tocou por sorte*).

Forma muitas expressões populares com complemento regido da prep. *em*:—*cair no laço*, *na esparrella*, *em graça*, *em si*; *a festa cae em quinta-feira*, etc.

**Chamar.**—No sentido de invocar protecção ou auxilio, pede complemento regido da prep. *por*:—*Chamei por elle*. No de adjectivar ou qualificar alguém ou alguma cousa, rege o complemento a prep. *a*:—*Não se pôdem chamar poetas a fazedores de versos*; *chamei-lhe palerma* (e não *chamei-o palerma*, como se diz ordinariamente entre nós).

**Começar.**—Quando o complemento é um infinito, rege-o a prep. *de* ou *a*:—*começou de subir*, *começou a subir*.

**Competir.**—No sentido de *rivalisar*, pede complemento regido da prep. *com*; no de *pertencer de jus*, complemento regido da prep. *a*:—

*Elle p*  
*cisão*

*C*  
*rir-se*  
*A sua*  
*se dá*  
*Esta c*

*C*  
*em qu*  
*em op*  
*No se*  
*prep. a*

*C*  
*no ser*  
*guem,*  
*passo*  
*que ha*  
*crença*  
*é crêr*  
*elle diz*

*Cu*  
*empreg*  
*mento*  
*jeito u*  
*ao gove*

*Na l*  
*das as p*  
*dade, ma*  
*prep. a:*

PACHECO

*Elle pôde competir com os mais lettrados; a decisão final compete ao juiz.*

**Constar.** — No sentido de *deduzir-se, inferir-se*, pede complemento regido da prep. *de*: — *A sua innocência consta dos autos.* — E o mesmo se dá quando o verbo significa *ser composto*: — *Esta obra consta de 2 volumes.*

**Convir.** — Pede complemento regido da prep. *em* quando significa *concordar, ajustar, coincidir em opinião*: — *Convieram nas bases do contracto.* No sentido de *ser proveitoso, util, etc.* pede a prep. *a*: — *Não convém a João deixar os estudos.*

**Crêr.** — Notaremos tão sómente a differença no sentido entre *crêr em alguém* e *crêr a alguém*, que muito se torna clara no seguinte passo do padre Antonio Vieira: — «De maneira que ha *crêr em Christo* e *crêr a Christo*, e uma crença é muito differente da outra. *Crêr em Christo* é *crêr* que elle é, *crer a Christo* é *crêr* o que elle diz.»

**Custar.** — Com a significação de *ser difficil*, emprega-se na 3ª pessoa do sing., com complemento regido da prep. *a*, tendo o verbo por sujeito uma proposição infinitiva: — *Muito custou ao governo vencer os revoltosos.*

Na linguagem vulgar emprega-se este verbo — em todas as pessoas — no sentido de *achar difficil, ter difficuldade*, mas seguido de proposição infinitiva, precedida da prep. *a*: — *custa-me a crêr.*

**Dar.** — São muitas as suas accepções, das quaes apontaremos algumas: *dar a perceber*, *demos que assim seja* (admittamos), *dar a escolher* (offerecer a escolha), *dar nos olhos* (excitar a attenção) e *dar na vista*, *dar de mão* (abandonar), *dar de olho*, *dar sobre alguém*, *dar de esporas* ou *de chicote*, *dar de si* (ceder, abalar), *dar com alguém* ou *alguma cousa* (encontral-a); *as janellas dão para o jardim* (abrem, etc.), *elle deu para peralta*, *deu em bebedo*, *dar por alguma cousa* (não dei péla falta, isto é, não senti a falta, passou-me despercebido), *esta rua vae dar á praça* (isto é, *vae ter á praça*), etc.

**Deferir.** — No sentido de *ceder*, *condescender*, pede complemento seguido da prep. *a*: — *o Presidente deferiu aos conselhos do ministro*.

**Deparar.** — Significa *encontrar* ou *apparecer inesperadamente*, e o seu complemento não vem regido de preposição: — *Qual no mundo o santo que depara as cousas perdidas?* (Vieira).

Mas ás vezes neste mesmo caso, ajunta-se ao complemento um outro regido da prep. *a*: *Pedi ao padre que lhe deparasse a cabra perdida*, isto é, — *que lhe fizesse encontrar*.

Com a prep. *com*, quando o verbo significar *encontrar por acaso*, temos todavia exemplos em escriptores puritanos, como Garrett: — *Deparei com um pobre homem*, assim cousa de sacristão muito velho e muito bruto.

**Esquecer.** — Quando tem sentido de *apagar-se da memoria*, *ficar no olvido*, não devemos

empreg  
vae car  
ridades  
dos an

Co  
vir reg

Fa  
pessoa  
gido da

Est  
mento  
se fala,  
ção a c

Fa  
nada fa  
(isto é,  
estudar

Em  
que nas  
farei co

Fic  
nar, pe  
Ficamos  
ao corp  
outra, é  
de mod  
sição a.

Qua  
regido d  
ficações  
é, a teu

empregal-o com complemento, regra esta que vae caindo em esquecimento: — *As particularidades da guerra esqueceram com o decurso dos annos* (A. Herculano).

Com a fórma reflexa, pôde o complemento vir regido da prep. *de*.

**Falar.** — No sentido de trazer á lembrança pessoa ou cousa, usa-se com complemento regido da prep. *de* ou *em*.

Este verbo tem quasi sempre um complemento representante da pessoa *a* ou *com* quem se fala, e que por isso vem regido da preposição *a* ou *com*.

**Fazer.** — Notemos os modos de dizer: — *nada faz ao caso; que me faz a mim o nome?* (isto é, *que importa? nada importa*); *faze por estudar* (esforçar-se, diligenciar).

Emprega-se com a prep. *com* seguido de *que* nas phrases — *faze com que elle escreva,* *farei com que elle volte*.

**Ficar.** — No sentido de *concordar, combinar*, pede complemento regido da prep. *em*: *Ficamos nisto*; mas na accepção de *ajustar-se ao corpo*, de uma cousa *dizer* ou *combinar* com outra, é o verbo modificado por um adverbio de *modo*, e um complemento regido da preposição *a*.

Quando o complemento modificador vem regido da prep. *por*, o verbo toma varias significações: — *Este negocio fica por tua conta* (isto é, *a teu cargo*); *fica por benemerito das letras*

*quem d'ellas é cavouqueiro* (isto é, considerado); *ficou o gado pelas terras* (isto é, em paga, troca).

Se se lhe seguir um infinito regido tambem da prep. *por*, indica que a acção do verbo ainda se não fez: *O trabalho ficou por escrever*.

Notemos mais as phrases — *fiquei de ir*; a *partida ficou para o mez*, etc., e as fórmãs reflexivas: — *Fico-me por cá*, e *fique-se você por lá*, etc.

**Fugir.** — Usa-se com complemento regido da prep. *de*; mas no sentido de *evitar* pôde empregar-se com a prep. *a*.

**Parecer.** — Além dos empregos com *a e com* (parecia a Pedro...; parece-se com...), usa-se no sentido de *crível*, sem complemento, nas 3<sup>as</sup> pess. do sing., tendo geralmente por sujeito uma proposição ou periodo: — *O demonio do orgulho parece que lhe entrou no corpo*.

Ás vezes significa *dar mostras de*, e então é empregado como activo transitivo, tendo por complemento necessario um infinito: — *Elles parecem gostar de poesia*.

**Poder.** — Pede sempre complemento representado por um infinito impessoal.

É hoje de uso empregar-se o verbo poder no singular quando conjugado com o pronome *se*, posto concorra um nome no plural — *podia-se fazer muitas perguntas*. Esta construcção, porém, parece-me francezismo; a de bom cunho exige sempre o verbo no plural:

S  
pudesse

Al  
ticular  
Castilh

Re  
com pe

E

S

ção,  
prep.  
sital-o  
vem r  
dio. D  
indecid  
que s  
sei qu

S

mo ou  
regido  
serve o  
Bernar  
quando

V

do em  
com a  
modo  
que ve  
cismo.  
constru  
verbo  
a accã

Se decretou... que só *estes jogos*, e nenhum outro se *pudessem* jogar a dinheiro. (Vieira).

*Alentados volumes se puderam encher* com o que neste particular deixaram encarecido os que melhor souberam. (J. F. Castilho).

Responderam que essas *ordens* não se *podiam entender* com pessoas de sua qualidade. (G. C. Branco).

E era essa a pratica dos classicos antigos.

**Saber.**—Significando ter *noticia, informação*, etc., usa-se com complemento regido da prep. *de*: — *Quando soube da sua chegada fui visitá-lo*; no sentido de *ter sabor*, o complemento vem regido da prep. *a*: — *Este chá sabe a remédio*. Diz-se — *isto sabe-me mal*, e para exprimir indecisão, perplexidade — *não sei que lhe diga*, que se emprega substantivamente — *um não sei que*.

**Servir.**— Com a significação de ter prestimo ou serventia, pede também complemento, mas regido da prep. *para* e ás vezes *de*. *A memoria serve de conhecer as cousas*, escreveu o padre M. Bernardes. — Também se emprega a prep. *de* quando o verbo significa *fazer as vezes, substituir*.

**Vir.**—Nos classicos encontram-se exemplos do emprego d'este verbo seguido de um infinito com a prep. *de*, mas que não justifica o hodierno modo de escrever, como p. ex. — *as condições que venho de apresentar*, e que constitue gallicismo. Os bons escriptores empregavam essa construcção quando queriam significar com o verbo *vir* — a vinda, a volta, depois de praticada a acção (de costume), como se vê do seguinte

exemplo de Lucena: — «*Vindo de dizer* missa por defunto, o tomou a febre.»

NOTA.—V. pag. 440—o que dissemos sobre as formas passivas.

---

## CAPITULO IX

### DAS PALAVRAS INVARIÁVEIS

#### a) Do adverbio

303.—Alguns adverbios conservam a regencia das palavras d'onde derivam: *Cegamente* de affeições (Ined.); dos *meus póde vir seguramente* (Barros), etc... e tambem, ainda no seculo XVI, um pouco de *proveito*, assás de *dinheiro* (Barros).

Hoje essa construcção mais se applica aos adverbios de modo: — *parallelamente a*; *confiadamente* em, etc.

304.—Quando concorrem dous ou mais adverbios em *mente*, só o ultimo toma geralmente a terminação: — *sabia, pia e justamente*. Mas podemos empregar em todos a forma completa, principalmente quando queremos precisar bem o valor significativo de cada um d'elles: — *Vivamos neste mundo sabiamente, piamente e justamente*. (Vieira).

303  
como,  
—Raz  
mas a  
das (G  
30  
derati  
eu cas  
30  
verbio  
gment  
rado a  
notorio  
Ju  
ca á af  
a gran  
(Azur.  
que as  
To  
tim; e  
—mal  
dos ma  
30  
tão; m  
para re  
cousa:  
303  
cação d  
verbio  
tempo,  
fim do

305.—Tambem são adverbios de modo—*como*, arch. *empero*, e *aosadas* (*aousadas*), *assim*: —Razão é que façais *como* vos fazem (F. Mendes); mas abasta-lhe ser frade e bem Narciso a *ousadas* (G. Vic.); etc.

306.—**Assim**—emprega-se em phrases desiderativas: —Assim *te eu veja feliz*; *assim me veja eu casar* (Camões).

307.—O adverbio **bem** junta-se a outro adverbio ou a um nome para lhe dar força augmentativa: *Um menino pobre e bem mal reparado de roupa* (Souza, V. Arc.); *bem sabio, bem notorio*.

Junto aos verbos e comparativos, dá mais força á affirmacão: —*Bem deu o Infante a entender a grande dignidade que conhecia em seu irmão* (Azur. Chron. Guin.); *o coração bem mais largo que as praias do oceano*.

Todos esses empregos têm exemplos em latim; e da mesma fórma empregavam o adv. *mal*: —*mal doente, mal ferido, mal vencido; sendo todos mal contentes* (Vieira).

308.—**Ainda**.—Significa *até agora, até então*; mas emprega-se antes de um comparativo para reforçar a qualidade attribuida á pessoa ou cousa: —*Este livro é ainda mais caro que o teu*.

309.—**Até**.—É preposição, com a significacão de *ainda, mesmo, tambem*, quando o adverbio designa um termo ou limite no espaço, tempo, etc.: *A revolução irá provavelmente até o fim do mez*.

Alguns escriptores, porém, de boa nota, e principalmente dos modernos, empregam-na seguida da prep. *a*, quando anteposta a substantivos precedidos de artigo: *desde o palacio até á cabana*; até ao tempo em que appareceram; *arregaçou as mangas até ao cotovello*.

Temos para nós é desnecessario o emprego da preposição.

310. — **Como**. — É adverbio conjunctivo quando significa *do mesmo modo que, da mesma maneira que, segundo, conforme*.

Ligando um substantivo ou adjectivo, significa *na qualidade de, do mesmo modo que*: — *Estava como louco; não procedes como filho*.

Seguido de *que*, indica semelhança, e significa *da mesma maneira que se...*; — *estava como que irado*.

Ligando proposições complementares, significa *de que maneira*: — *Não sei como estás*.

Nas phrases interrogativas significa ás vezes — *por que meio*: — *Como conseguiste isto?*

311. — A **negação** — póde ser *simples* ou *intensiva*, a que tambem se chama *reforçada*.

A **simples** é expressa pelo adverbio *não, nem, nada, nenhum, ninguém, nunca*.

*Nenhum, ninguém, nunca*, empregam-se simplesmente quando precedem o verbo: — *Nenhum sabe, ninguém veio, nunca trabalhas*. Se, porém,

vie  
Não  
lhas

suje  
prin

molo  
que

plum  
flocus  
rece  
cta;  
signif  
encor  
nos n

que  
caste  
é est  
ro.  
cta,

são o  
mica  
já n  
salis  
nick  
ponte

vierem depois do verbo, exigem o reforço:—  
*Não tenho nenhum, não vi ninguém, não traba-*  
*lhas nunca.*

*Jámais* emprega-se por *nunca*, e também é  
sujeita nos mesmos casos ao reforço da negativa  
principal *não*—*não disse jámais, nunca jámais.*

A **negação intensiva**, já vimos na Ety-  
mologia, é resultado do principio conservador a  
que se chama *emphase*.

Consiste o processo em substituir a idéa pela imagem:  
pluma *haud interest, non fili facere, non nauci facere*, e assim  
*flocus, mancus, triobolum*, etc... Por fim a imagem desappa-  
rece; a expressão deixa de ser figurada para se tornar abstra-  
cta; *nihilum nihil*=*nada*, são compostos de *ne+hilum*, que  
significava «nem mesmo um d'esses pontos negros que se  
encontram no extremo das favas»—*Nihil igitur mors est, ad*  
*nos nequem pertinet hilum* (Lucr.).

Para dizer que um homem nada vale, diz-se  
que não vale *quatro vintens, meia pataca, uma*  
*castanha*, etc.; que é fraco—um *banana*; que  
é estúpido—um *câmelo*, um *tamanco*, um *bur-*  
*ro*... A figura perde-se, e a idéa torna-se abstra-  
cta, como p. ex. em *patife* (riachozinho).

Seguimos, pois, o processo latino; e muitos  
são os substantivos empregados para esse fim:—  
*mica* (arch. *mique*—*nem mique nem nada*), que  
já no latim exprimia negação—*nullaque mica*  
*salis* (Marc.); *migalha*, *sombra*, *pollegada*, um  
*nickel*, *passo* (*nem passo se esquecia*, G. Vic.),  
*ponto* (*hum ponto não esteve parado*, id.) *ponta*

(*moças aprazera das sem ponta de miolo*), fumo (*nem fumo de cão ou de cadella*), ceitil, fava, pingo (de vergonha, etc.), gota (*não lhe marra ella aqui gota*, G. Vic.), espaço (*nenhum espaço dormia*, B. Rib.), boia, patavina, fumaça... além dos já archaisados—*medra, cornado, ren, al, ome*... A fonte é inexaurível, e acompanha sempre a corrente das idéas novas. <sup>1</sup>

Muitas vezes duplica-se a negativa para mais reforçal-a:—*Nem mique nem nada; nem eira, nem beira, nem ramo de figueira; nem chique, nem mique, nem nada* (G. Vic.)

Vejamos agora rapidamente os principaes processos do reforço negativo. <sup>2</sup>

a) repetição similar: — *não-não, nem-nem, nada-nada*... Data do seculo XIII.

b) repetição dissimilar: — *nem-não, não-nem, não-nada*, etc.

c) emprego de equivalentes pronominaes: — *nenhum-nem, outra-nenhum* ou *ninguem*... Data do seculo XIII.

d) emprego de equivalentes adverbias: *nunca-nenhum, nem-nunca, nunca jámais, nem-jãmais, não-nunca*... do seculo XII.

e) emprego semeiotico da prep. *sem*: *sem tom nem som; sem tirar nem por, sem tirte nem guarie*

f) reforço epithetico: — *alma perdida, não vale um figo podre; não ter onde cair morto*, etc. Do seculo XII.

<sup>1</sup> Facto commum a todas as linguas. Em francez — *pas, point, goutte* (je ne vois goutte), *mie, personne, rien*, etc., são verdadeiros substantivos concretos.

<sup>2</sup> Lam. de Andrade — *Da negação intensiva*, 1882.

e neg  
não se  
frequ  
XVIII

h  
lativa  
cousis

i  
cantar

j  
não m

k  
dente

l  
mulat

nenhu  
segred

certo

lho),

affir

latim

lar e

a ph

atom

lhe r

não

crain

distin

venia

subst

g) da condicional negativa *senão*, e das equivalentes *que e nego, nega*. São archaicas: — *Não tem mais de dous vintens; não se ame a cousa pelo que é*; o emprego do *que* = *senão* é frequente nos classicos, principalmente nos seculos XVII e XVIII.

h) das equivalentes interjectivas, diminutivas e superlativas: — *senão não; não bofé; nem um bocadinho, etc.; cousissima nenhuma*.

i) do infinito pleonastico intensivo: — *Eu não canto para cantar; nem que chova que chover, nem que vente que ventar*.

j) depois de certas locuções: — *Não se podia ter que lh'o não mostrasse; nam tardou que logo nam tomasse*.

k) com o verbo *negar* e outros, nas proposições dependentes: — *Neguei que nunca lhe houvesse falado*.

l) negação intensiva seriaria, periodica, ou melhor cumulativa: — *E não menos me maravilho daquelles que crem que nenhum homem pôde saber aquillo que não tem ser senão no segredo da eternal sabedoria* (G. Vicente).

312. — Aparece, e mui frequentemente, em certos classicos (como ponderou o V. de Castilho), um *não*, que nem nega, nem pergunta, nem affirma, e que mais parece, o que succede no latim e outras linguas, se intrometteu no falar e no escrever unicamente para arredondar a phrase, sem que d'esses termos respigue um atomo de idéa: — *Nem uma só palavra dirá até lhe não responderem á pergunta; temo que elle não venha hoje por temo que elle venha*.

Cp. lat. — *timeo* (ut) *ne veniat*, etc.; *je crains qu'il ne vienne*. Mais tarde, pela perda da distincção entre *ne* e *ut non* — *timeo ut non veniat*, e emfim quando a conj. popular *quod* subst. a conj. *ut*: — *Timeo quod non veniat*.

Na phrase — *se tantos deleites ha na terra, que não será no céu?* a particula não tem força negativa.

313. — **Algun**, no fim ou meio da phrase, equivale a nenhum: *De modo algum consentirei; de guisa que fugiram todos, sem curando de levar cousa alguma* (F. Lopes).

Pelo ultimo exemplo vemos ainda que a preposição — por significar falta, carencia, privação — empregava-se tambem com sentido negativo, junto dos verbos no gerundio (seculos XIV e XV).

314. — *Comoquer, quantoquer*, equivalentes a *posto que, e quando-querque*, são fórmulas archaicas:

... que te nembre como eu andei ant ty em verdade, e *comoquer* agora pequei, nem sse percama porem alguñs bées, se os fige ante ty.

(Ined. d'Alc.)

Porque o muito não é nada  
*Quando querque* não é bom.

(G. Vic.)

Por *quantoquer* que os membros sejam enfermos, e façam e mal cheiram non son de Christo empuxados, nem desemparrados d'elle.

(Vida Monast.)

315. — O adverbio colloca-se perto da palavra elle modificada: — *Elle mora longe; uma porta meio aberta.*

316. — Certos adjectivos são empregados adverbialmente: os de flexão de genero só na fórmula

masculina: *muito noite*, *muito mais razões*, *falar alto*, *vender barato*, *parede meia*, *louvores justo devidos*, *plantas meio queimadas*, *faia puro altiva* (Cam.)

### b) Preposições

317.—Em latim as preposições não tinham a mesma importancia que em portuguez. E a razão está em que hoje ellas substituem os casos.

As preposições indicam relações adverbias de logar, tempo, causa, meio, modo. Mas ás vezes só uma d'ellas exprime muitas d'essas relações, senão todas. A verdade é que a principio (e principalmente no latim) ellas exprimiam relações de logar e, metaphoricamente, de tempo. «O emprego abstracto e figurado é resultado de um desenvolvimento posterior».

Se tomarmos a prep. **a**, veremos que etymologicamente corresponde á prep. latina *ad* (e ao dativo):—Lat. class.—*librum dedi Petro*; lat. baixo—*librum dedi ad Petrum*.

E todavia, por seus multiplos empregos, responde tambem a *apud* e ás vezes a *ab*.

A regra é geral, mas não absoluta.

a) Correspondendo ao lat. *ad*, indica essencialmente direcção, movimento, tendencia para um logar ou objecto.

Com este sentido era mais livre o emprego de *a* no portuguez antigo:—*A mais da gente se*

tornou a suas casas (Barros). Hoje diremos para, e em—manso aos humildes, cruel aos fortes, também em J. Barros,—para com os.

Por analogia a preposição *a* indica tempo—*d'aqui a oito dias*; *a 5 de Fevereiro*; *a uma hora*.

*A o dia seguinte em amanhecendo*, *a o pôr do sol*; *esta festa era a os quatorze dias do 1º mez* (Ined. d'Alc.), *ao primeiro romper da luz*.

Lat.—*ad diem, ad kalendas*.

Por transferencia, isto é, figuradamente, pôde-se indicar a direcção ou tendencia moral:—*incitar á colera*.

Essas construcções generalisaram-se por tal fórma, que em muitos casos a prep. *a* serve apenas para indicar o infinito. Da antiga construcção temos exemplos com os verbos *chegar*, etc.

**A** (de *ad*) indica também lugar onde, posição, situação:—*Estava em máo estado com outra a olhos e face do mundo* (Sza. V. Arcb.); *affrontava o exercito do povo de Deus, não ausente senão de cara a cara* (Vieira); *tornamos aos que á ponte de Jacob nos estavam esperando* (Pant. d'Av.); *vivem á borda do Eufrates*; *assentando-se comnosco o abbade á mesa* (Id.).

Por analogia em referencia ao tempo:—*Chegou á hora* (na).

Figuradamente neste sentido:—*fiel ao conde*; *estar á morte* (perto da); *criar aos peitos da esperanza* (Cam.),

partir  
bate,

F  
etymo

b  
ainda

garga

por r

porta  
e cor

naval

c  
mento

por n

Dei un

dada

compa

seus i

vam a

3  
as pre

mais i

C  
nhia:

voada  
se faz  
Deus (

2  
prezo.  
— Lev  
trando

Cp.—*util* ao paiz, conforme a lei, prestes a partir, *commum* a todos, *promptos* para o combate, etc.

Remonta-se a um adj. latino ou segue-se a etymologia.

b) A preposição *a*, por uma extensão natural, ainda indica o modo: = chorar a potes, rir ás gargalhadas, beber aos goles, etc.; foi alevantado por rei ao costume de seus passados (D. Nunes); porta lavrada á antiga; o instrumento, o meio, e corresponde a *com*:—matar a bala, raspar a navalha, apanhar á mão, etc.

c) A preposição *a* ainda indica o complemento terminativo e objectivo, quando expresso por nome de pessoa ou cousa personificada:—Dei um livro a Pedro; adoro a Deus; obra mandada por Deus e muito acceita a elle; a mais companhia eram mulheres moças, tangendo em seus instrumentos e algumas meninas que cantavam a elles (F. Mendes).

318. — Não podemos demorar-nos em todas as preposições. Faremos tão sómente algumas mais inevitaveis considerações.

**Com.** — Indica: 1º *Simultaneidade*, companhia:—E no quarto de prima nos deu uma trovada com grande força de vento; qualquer que se faz amigo do mundo, faz banco roto com Deus (Heitor Pinto).

2º *Modo*:—Pedir com bom modo, com desprezo. Póde-se ás vezes supprimir a preposição:—Levar-te-hei pelos atalhos da egualdade e entrando nelles andarás teu passo largo (Arraes).

3º Meio, instrumento:— Os mesmos que os *murmuram* com a boca, os *approvam* com o coração (Vieira); as *cousas arduas e lustrosas se alcançam* com trabalho e com fadiga (Cam.) No lat.—*cum saggita sancitus*, ferido com uma setta, etc.

**Contra.**—Empregava-se antigamente, á maneira latina, para indicar situação fronteira:—*cidade contra a terra d'Israel*, por defronte (Ined. d'Ale.); e ainda direcção:—*Foram correndo contra o theatro* (Ined. d'Ale.); *viu descer contra a praia um homem*; e por analogia —*começou de se rir contra elles* (Azur.); *a rainha disse contra Pedro de Faria* (F. Mend.). E todos esses empregos vieram pela tradição latina.

Hoje ainda conservamos vestígios d'essas construcções, mas a prep. *contra* mais significa *oposição*, etc.

**De.**—Indica: 1º, *logar d'onde*:—*Do porto amado nos partimos*; procedencia — *sou de São Paulo*; *agua de poço*; a *lei de Deus*.—Por an., o ponto de partida:—*de hoje em diante*; *passados dous dias de sua chegada*.

2º, *posse*:—*casa de João*.

3º, *modo, meio*:—*Toda a gente vinha de mulas* <sup>4</sup> (Ramos); *dizer de palavra* (Vieira); *ouvir de confissão*; *vivem de suas lavouras*; *agasalhar de palavras* (Souza), etc.

4º, *causa*:—*Folgaram de o ver*; *de ciosos*

<sup>4</sup> A cavallo.

não  
do;

vaso

verão

idade

vir,

marc

pletis

lhe d

I

emph

Senho

(Coro

d'Alm

E

partic

em se

strum

quan

L

subje

uma

depen

relaçõ

PACH

*não correm as mulheres com elles; de apressado; de contente; de dó d'elle.*

5º, *qualidade, materia*:—homem de juizo, o vaso de ouro.

6º, *tempo em que*:—de manhã; de dia; de verão; de maré vasia.

7º, *extensão, medida de tempo, e, por transf., idade*:—cerca de 20 milhas, homem de 30 annos.

8º, *emprego, serventia, fim*:—moço de servir, carro de aluguel, copo de agua, tinta de marear.

9º, *Ás vezes o emprego da prep. de é expletivo*: pobre de mim; o bom do João; deu-lhe de tanta pancada. (G. Vic.).

Póde dar-se a ellipse da prep., o seu emprego emphatico e partitivo:—*per de; muito poderoso Senhor per de Deus Rei de Castella e de Liam* (Coron. Reys de Port.); *e tomou das pedras* (F. d'Alm., trad. do Bibl.).

Em resumo, *de*, no tempo, indica *ponto de partida, successão, duração, o momento da acção*; em sentido figurado, indica: *origem, causa, instrumento, meio, modo, a materia, e ainda, a quantidade e o preço.*

*De* corresponde ao genitivo possessivo ou subjectivo. Já vimos que o gen. latino indicava uma relação de propriedade, causa, conteúdo, dependencia, reciprocidade, etc., mas que essas relações podiam ser expressas por *de*—*de ipsas*

(*ipsius domus; ramos de illas arbores*. E essa construcção reagiu por fim sobre a dos nomes proprios.

*De* tambem indica a pessoa ou cousa de que se trata, equivale ao genitivo objectivo. — D'ahi as phrases — *medo da morte; desejo de viver; o amor de Deus*.

*De* substitue o genitivo de qualidade. Os Latinos empregavam um substantivo no genitivo, acompanhado de um qualificativo qualquer epithetico, principalmente com as palavras de significação geral — *miles* (soldado), *vir* (homem), etc. Este genitivo entrou então em concorrência com o ablativo e deu no portuguez as phrases — *um homem de grande valor, de grande cabeça*.

*De* substitue outrosim o genitivo de apposição (*flumen Rhodani* — o rio (*do*) Rhodano); *si passares o rio do Jordom* (Barros); *o cabo que chamam de Catherina*, etc. (Id.), *ilha do Fayal*. . . e esses modos tão frequentes, principalmente depois do seculo XVI — *que diabo de rapaz; que estúpido de criado; ladrão do negro melro*.

*De* precede o complemento dos adjectivos, indicando varias relações, conforme o sentido do adjectivo : — *desejoso de*. Mas já dizemos *contrario a*, etc.

Annuncia o infinito, e este é, dos seus empregos, um dos mais importantes e caracteristico, posto seguissemos sempre de perto a syntaxe latina.

o sub  
circun  
rigor

dent  
em  
mesa

indo

creta  
prep  
religi  
atrev  
dêa  
de, e  
siona  
de ov

M  
em é  
em a  
do (c  
passa  
d'este  
emen  
de m  
de di

F  
de pr

O emprego da preposição *de* antes de *cujo*, sempre que o substantivo com elle concorda, exprime relação restricta circumstancial ou terminativa, data do seculo XII, e é hoje de rigor (*de cuja vida*).

**Em.** — Sign. propriamente — *no interior de, dentro de, e lugar onde, sobre, no exterior* : — em *Roma*; a cidade é em *campo*; no *chão*, na *mesa*; pôr *joelho ou pé* em *terra*, etc.

*Tempo em que, duração* : — no *verão*; em *saindo a lua*; em *sendo horas*, em *dous dias*.

Ainda ha mais algumas significações concretas, e muitos são os sentidos figurados d'esta preposição : — *Correr em ajuda de alguém*; *gente religiosa em seu modo de crença* (Bar.); *homens atrevidos em commetter* (Id.); *deram em uma aldeã de pescadores* (Id.); *estar em odio, em cidade, em fugida, em botão, em braza* (estado occasional ou permanente); em *signal de*; em *figura de oval*; *ir em pessoa*; *repartidos em tribus*

Notemos estas duas construcções em que *em* é hoje substituido por *para* : — *Pondo a prôa em atravessar aquelle golphão* (Barros); *apontando (com a outra mão) em uma mulher* (Souza); *passando em Africa todo o poder e nobreza d'este reino* (Souza); *andam de emenda em emenda* (S. Mir.); e assim: *de porta em porta, de mão em mão, de dia em dia* (lat. barb. — *de die in diem*), etc.

**Por.** — É dupla a sua origem — de *per* e de *pro*.

1º A derivada de *per*, tinha a mesma fórma no portuguez antigo e medio, e ainda no moderno indica *logar por onde, uma relação de logar*, e, no tempo, a duração, o momento; no sentido figurado tem varios sentidos, como, por ex.: *o instrumento, o meio, o intermediario, o modo.*

Foram prégar a fé uns *per Italia, per Grecia* outros (Luc.)

Passando além de um rio *per* uma ponte (Bar.)

Teem muitos jejuns, *per* todo o anno (Id.)

Viveu *per* espaço de setenta annos (Id.)

*Per* morte de Synxermo se ouviam gemidos (F. Mendes).

*Per* espaço de quinze leguas (Bar.); deitado no seu catre humilde em cujo topo pendia o crucifixo que talvez *por sessenta annos* tinha visto a seus pés consumir-se na meditação, nas preces, e na penitencia, aquella dilatada vida (Al. Her.)

Pereceram *per* espada e *per* fome (Ined. d'Alcob.)

Ordenou que o mesmo Affonso Lopes fosse *per* pessoa (Bar.)

Tambem empregavam a prep. *per* em relação relativa: *Teem lingua per si; seriam 150 homens per todos.*

Quando *per* significa transição, passagem, pôde supprimir-se: — *E esses foram-se sua via* (Ined. d'Alcob.); *me parti de Baçorá em companhia de um mouro alarve pera me guiar ho caminho e atravessar ho deserto.*

O emprego de *per*, exprimindo causa, é de notar. O latim considerava o auctor da acção como

orig  
prep  
O B  
de,  
Ainc  
tos  
de c  
maa  
som

que  
com  
accã

indie  
dete  
de ca  
sa:—

para  
dean

sent  
verd  
desp  
vada

etc.)  
o fin

origem d'ella e fazia preceder o seu nome da preposição que indicava o ponto de partida—*ab.* O portuguez antigo substituiu a prep. *a* por *de*, que tambem indicava o ponto de partida. Ainda temos certas phrases em que, depois de certos verbos de accção illimitada, o complemento de causa vem precedido da preposição *de*:—*estimado de todos, ornado de flôres, esgorovinhado de somno.*

Por fim prevaleceu a nova construcção, porque a causa da accção já era considerada não mais como a origem, e sim como o instrumento da accção.

E hoje, com todos os verbos passivos que indicam uma accção instantanea ou de duração determinada, a prep. *por* precede o complemento de causa, quer seja nome de homem, quer de coisa:—*vencido por seus discursos.*

*Por* ajunta-se a certas palavras invariaveis para formar locuções:—*por cima, por baixo, por deante, por trás,* etc.

2º *Por*, derivado do lat. *pro*, perdeu o seu sentido originario (relação de logar), «e deu um verdadeiro typo de prep. das linguas analyticas, despojada de todo valor concreto, e só conservada para exprimir relação abstracta.»

Significa — *troca, substituição* (e d'ahi *preço*, etc.), *a proporção, o favor, interesse, dedicação; o fim, a causa:*

Dar um homem *por* si.

Esta herdade comprou Jacob *por* cem cordeiros (Ined. d'Alcob.)

Por amor d'elle ; ser *pelo* Imperador ; apparelhado a pôr a vida *por* tã bom rei ; *por* gente tã sublime (Cam.)

*Por* dar seu parecer se poz deante ; *por* nos roubarem mais a seu seguro (Cam.) Hoje emprega-se *para*.

Tambem indica *convicção, opinião* : — Assim se houveram *por* vencidos (Arraes) ; eu tenho *por* de grande estima qualquer lettra antiga (Souza) ; havendo *por* verdade o que dizia (Cam.), etc.

Tambem indica *apposição* : — Vi eu o senhor face *por* face (I. d'Al.) ; rosto *por* rosto ; tantos *por* tantos, dia *por* dia ; hora *por* hora ; arca *por* arca (Ramos Souza, Vieira, Couto, etc.)

1º — São varias as relações expressas *por* certas preposições ; não podemos, pois, classificar-as segundo as suas significações, nem tã pouco de conformidade com as originarias.

O que, porém, se pôde afirmar de modo geral, é que as preposições indicam relações de logar, e *por* extensão — as de tempo ; que o emprego abstracto e metaphorico é resultado de um desenvolvimento posterior.

A, *por* sua etymologia, remonta á prep. *ad* ; mas, *por* suas funcções, corresponde tambem a *ab* e *apud* : *Dei um livro a Pedro* (*ad*) ; *a sós, às furtadellas, matou-o a tiro*.

*De* vem do lat. *de* com diversos sentidos, e representando o gen. e o accus. D'ahi a variedade de relações em portuguez — de tempo, causa, instrumento, meio, modo, materia, quantidade, preço. Corresponde ao genitivo possessivo, objectivo, e de quantidade. Entra em grande numero de composições com substantivos e adjectivos, como já vimos : — *de maravilha, de seguro...*

2º—É muito para sentir haja o portuguez perdido a preposição *per* (só conservada nas contracções com o artigo), cujo emprego era differente do que tinha a prep. *por*, que dupla tambem lhe era a origem.

*Por*=lat. *pro*, e passou para o portuguez com a significação de *deante*:—*face por face* (Ined. d'Alc.), *rosto por rosto* (Barros, *Dec*)... *per*=lat. *per*. Por isso empregam os antigos *per* nas relações de espaço, tempo, lugar, meio, instrumento, etc., e *por* nas de *causa*, *preço*, etc.:—*per montes e vales*, *per obrigação*... *polo amor de Deus*, *combater polo patria*, etc.

No periodo archaico, claro está, é que menos raro se encontra o emprego correcto de *per* com accus., *por* com ablat., isto é, em suas naturaes relações, ainda frequentes nos documentos do seculo XIV. <sup>4</sup>

### Exemplifiquemos :

Perecerom *per* espada e *per* fome ataa que sejam de todo consumidos. (J. B. *Dec*.)

... da India *per* o rumo (Id.)

viveu *per* espaço de septenta annos (Id.)

... *per* tempo eram enfermos, ataa que se reformaram com a natureza da terra (Azur. *Chro. de G*.)

*Per* noites de hynverno se ouviam gemidos (F. Mendes, *Peregr*.)

Tanto viver *per* nulha ren—(C. Vat.)

*Por* suas grandes partes e provada virtude (Sza. *V. do Arc*.)

*Por* culpas, *por* feitos vergonhosos (Cam.)

Mandou dar aviso... que trabalhassem *por* lhe tomar o galeão (Bar. *Dec*.)

<sup>4</sup> V. Cornu. — *Romania*, 1882-41, *Et. de gramm. port.*

A voos graças faço *por* as mereceres que me fezestes. (Fr. J. Claro).

Às vezes — mas raro — se encontra divergencia nos textos: — *per mar e per terra*; *por mar ou por terra* (J. Bar. Dec.); assim como tambem diziam — *que o mesmo Affonso fosse per pessoa*, que nós dizemos — *em pessoa*.

No baixo latim, tambem reinava a confusão entre *per* e *pro*: — *Per omnes montes ac pro illis locis; oblige per me et per meos heredes*.

Pela confusão synonymica, a combinação *pelo* venceu na lucta a combinação *polo*, cuja decadencia e morte datam do seculo XVII.

**Para.** — A antiga fôrma era *pera*, e indica direcção, inclinação: — *espírito vivo para tudo* (Bar.); *sobre a tarde declinamos para a mão direita* (Id.); — *logar para onde: o mandou para Goa; vou para Paris*; — *fim: (marearam as velas para embocarem o estreito)*; — *conveniência, oppor-tunidade: tempo para navegar para tal parte*, (Bar.); — *referencia: teve muita autoridade para os graves; teve para si que era obrigado a cumprir aquelle simulado juramento*. (Id.), etc.

**Depois, pos.** — Os antigos empregavam esta prep. por *detrás, para trás*: — *huã arvor que está depois a cidade de Sichen* (Ined. d'Alc.) Cp. lat. *post urbem Sichen*. D'ahi o emprego figurado indicando inferioridade, degradação: — *É a 2ª pessoa depois de Fr. João*.

Antigamente *depois* empregava-se sem a repetição pleonastica da prep. *de*: — *Depos mort de Rey Salamon* (Ined. d'Alc.).

que  
— E  
(Ine  
(Id.)

são -  
pren  
res o  
rem  
cão  
estas  
sobre  
refer  
creve  
mia,  
man  
fazia

junc  
as l  
indep  
uma  
etc.)

As p  
pode

Tambem empregavam *depois* nos casos em que hoje usamos de *após*, *em seguimento*, etc.: — *E foyssse con sua host depois os filhos de Israel* (Ined. d'Alc.); *Saul vinha do agro depos seus bois* (Id.); *segui empós elles* (Azur.). Cp. *venit post me*.

**Sobre.** — Indica *superioridade*, e por extensão — *excesso*, *eminencia*; por transferencia, *supremacia*, *sobreexcellencia*: — *Em os quaes lugares cada hã quer ser sobre os outros* (V. Monast.); *remontae o pensamento sobre as nuvens*, sobre o céo (Vieira). Fig. indica tambem *proximidade*: — *estava sobre Goa*, sobre os inimigos, sobre a noite, sobre a manhã, sobre o inverno, etc.; e ainda a *referencia*, o *assumpto*, a *contextura*: — *Elle escreveu sobre philosophia*; *P. falou sobre anatomia*; logo inquiriram sobre o nascimento; tomando conselho sobre o caminho que dalli se fazia (F. Mendes).

### c) **Conjunção**

319. — As conjunções dividem-se em conjunções de **coordenação** e de **subordinação**; as 1<sup>as</sup> ligam entre si duas ou mais proposições independentes (*e*, *mas*, *logo*, etc.); as 2<sup>as</sup> ligam uma proposição accessoria á principal (*pois que*, etc.)

320. — **Conjunções de coordenação.** — As proposições ou palavras que se pretende unir podem ter ou não o mesmo valor logico.

No 1º caso omitta-se ou não a conjunção (que corresponde ás latinas *et, ac, atque, que*).

Iam, cantavam, descuidosos, como avezinha ao sol na mata virgem.

Quando ha exclusão de idéas, uma das proposições é forçosamente negativa e a outra positiva. Esta é precedida de *mas*, ou de *senão, porém*, etc. : — *Os inimigos amar, os maldizentes si non remaldizer sed mays beenzer* (In. d'Alc.); *a toda parte posso já ir segura senão só do meu cuidado* (B. Rib.); *para tudo ha remedio senão para a morte* (Prov. pop.).

Arch. — *nega, nanja, emque, pero, perol, emperol.*

Se a palavra indica uma alternativa, os dous termos vêm então ligados pela conjunção *ou*. *O caso é, que ou haja outra vida, ou não, a mim me cumpre viver como se a houvera.*

Tambem empregamos *quer* (principalmente com os verbos do subjunctivo, e correspondente ao latim *vel*), e *agora, ora, já, quando*.

Não lhes escapando ninguem, *quer* por terra, *quer* pelo rio. — *Quer* elle venha, *quer* não.

*Agora* lhe perguntei pela gente  
*Agora* pelos povos seus visinhos  
(CAM.)

Amiudaram os combates, *hora* da parte da Almina, *hora* da banda contraria.

(SOUZA)

enu  
arg  
exc

de u  
jun  
Pois  
selh  
(Vie)

No c  
mai  
cção

brev

na l  
inco  
quã  
part  
ções  
mas

Leoni

*Já com palavras, já com o exemplo de suas obras.  
Maneamos com vigor os braços soltos  
Quando estendidos já, quando encurvados* <sup>1</sup>

A conjuncção *porque* precede a proposição enunciativa da razão ou *causa* de um facto: — *No argumentar tinha particular graça porque tocava excellentemente o ponto da difficuldade* (Souza).

Mas se a proposição exprime a consequencia de uma outra já expressa, precede-a uma das conjuncções *pois, por isso, por conseguinte, etc.*: — *Pois assim como naquelle tempo se faziam os conselhos sem papel, tambem se poderão fazer agora* (Vieira).

**321.—Conjuncções de subordinação.**— No correr d'este trabalho já dissemos o que ha de mais importante sobre o emprego das conjuncções nas proposições subordinadas.

Remataremos, pois, esta lição com algumas breves exemplificações.

Phrases comparativas: *O sol não só excede na luz a cada uma das estrellas, senão a todas incomparavelmente* (Vieira); *assim como no echo, quando se bate entre montes, o tom é em uma parte e em outra a pancada; assim nas adulações do lisongeiro o tom é em nossos louvores, mas a pancada em seus interesses* (H. Pinto).

<sup>1</sup> Lat.— *Quando que igitur fiunt trabes, quando que clypei*—  
Leoni, II, 206.

*Emque*: — *Emque* peccasse algum'ora venha a piedosa alçada (G. Vic.).

*Comoquerque*: — Alli lhe pugerõ nome o Bom Velho Lidador, *comoquerque* já ante se chamasse avia gram tẽpo Lidador (Nob. Conde D. Pedro).

*Ainda que*: — A dispensa que se concede a um, porque a pede, não se pôde negar a outro *ainda que* a não peça (Vieira).

*Ca*: (arch.) — Melhor é calar *ca* de falar.

*Como*: — *Como* se sobe com trabalho o aspero d'aquella subida, fica uma terra chan (Bar. Dec.); *como* isto disse, a cabeça inclinando, consentiu no que disse Mavorte (Cam.)

*Tanto que*: *Tanto que* foi cortada esta arvore, as aves voavam, e os outros animaes fugiram (Vieira).

*Que*: — É em portuguez a conjunccão por excellencia, pois representa varias particulas latinas (*ut, ne, quin, quominus, quód, quíd. . .*), e é de emprego muito vulgar.

Emprega-se na comp. de outras conjunções — *postoque, aindaque, etc.*

Por isso — *que* pôde substituir outras conjunções: — Como *todo o bem deriva de Deus, e que o homem é nada por si mesmo. . .*; *para curar as lagrimas da sem-razão, que remedio lhe havemos de dar, que ellas não teem causa?* (Vieira); *mórmente que em nada tem a fortuna maior imperio, que nas cousas da guerra* (J. Fr.).

subo  
tam  
zar,

DE I  
LIS

da li  
caes.

ctica

ou p  
via-

o l i

ant.

grupo  
pular

rar, p  
influe  
chan

*Se.* — Concorre não sómente nas proposições subordinadas, indicando uma hypothese, mas tambem nas phrases principaes a exprimir pezar, desejo. — *Se eu pudesse!*

---

## CAPITULO X

### ANOMALIAS SYNTACTICAS. — VICIOS DE LINGUAGEM. — IDIOTISMOS. — PROVINCIALISMOS. — DIALECTOS. — BRASILEIRISMOS.

322. — ANOMALIAS GRAMMATICAS. — São factos da linguagem insubordinados ás leis grammaticas.

Podem ser *phonicas, morphologicas e syntacticas.*

a) O *l* inicial latino persistiu no portuguez, ou permutou — raras vezes — em *r* e *n*; e todavia — como acontecia ao medio, mesmo em latim, o *l* inicial latino transformou-se em *d*: — *deixar*, ant. *leixar*, lat. *lasciare*; *dimite* (limite)... O grupo *pl* latino foi substituido na linguagem popular pelo grupo portuguez *ch*: — *plorare* = chorar, *pluvia* = chuva, *plenus* = cheio... mas, por influencia hespanhola, *planus* deu *lhano* — (por *chano*, *chão*, *chaneza* por *lhaneza*, etc.)

b) — A palavra *carrilho* (= meio, caminho) adulterou-se em *carrinho* na phrase vulgar — *comer a dous carrinhos*; *malandrim* corrompe-se em *malandro*; *cinca* alarga-se em *cincada*.

A **semantica**, pois, é tambem origem de anomalias grammaticaes.

*Impedir* não sendo composto de *pedir*, as fórmãs *impeço*, *impeça* são anomalas. E os antigos diziam *impido*, *impida*.

c) São mais raras as anomalias syntacticas, e ás principaes já nos temos referido: — *eu parece-me, ter por haver* (tem muitos homens incapazes do bem), o pronome sujeito proclítico nas phrases interrogativas: — *tu queres comer?* começar a sentença pelo pronome apassivador *se*: — *se contam cousas do arco da velha*, etc.

### Idiotismo

323. — Dá-se este nome (do grego *ἰδιωτισμός* = modo de falar trivial, vulgar) ás dicções, aos factos grammaticaes, peculiares a uma lingua, mas que muitas vezes reagem á analyse.

Os idiotismos germinam de preferencia na linguagem familiar e popular; mas — como pondera Longino — dão elegancia e energia ao discurso, e d'elles se aproveitaram com vantagem escriptores classicos e de boa nota.

Os idiotismos são phrases construidas contra a etymologia e a syntaxe natural da lingua, e cuja significação é, em regra, arbitraria e convencional.

Os idiotismos convencionaes coincidem em varias linguas:—*schöne Fraue*, a pretty woman, bonita mulher, é o mesmo que *femina formosa*, apézar da inversão dos termos; *there are birds*, *il est*—il y a—*des oiseaux*, ha passaros, tem em outras linguas equivalentes logicos. *How do you do* = *comment vous portez-vous* = como estaes?

Ha, porém, differenças idiomaticas que só podemos verter para outra lingua por meio de um equivalente periphrastico; ha palavras cuja traducção exacta é impossivel, como p. ex.—all. *ahnen*, verbo, e o subst. derivado *ahnung*; ing. *home*; port. *saudade*, etc. <sup>1</sup>

São idiotismos vernaculos — o infinito pessoal, a propriedade singular do verbo *haver*, varias transposições arbitrarías, o emprego do adj. art. antes do adj. poss. (*a minha casa*), que tambem era de uso no hesp. do seculo XVII, e nas outras linguas romanas:—*il mia favella*; *le mien cheval*, etc.

<sup>1</sup> V. Pacheco Junior, *Cartas lexicologicas*, 1880, publicadas n' *O Cruzeiro*.

Para *home* temos patria, o lar, os penates, a familia, etc.; mas tudo isso apresenta friamente a palavra ingleza que nos transporta subito á patria, ao lar, á familia, juntamente, com amor e saudade. O *Sweet home* é a doce, a branda estancia; a querida, a saudosa patria, etc. . . mas tudo isso não desperta subitamente no Inglez a idéa do seu *home*, *sweet home*.

324.—Em uma mesma lingua ás vezes se trava lucta entre a tradição e o uso, v. gr.— *trajar preto, trajar de preto; usar farda, usar de farda*; e não poucas o espirito vacilla na classificação pratica de objectos periphrasticos, como p. ex. em — *acabar* de escrever, *concluir* com o trabalho, *investir* com o inimigo, *fazer* em pedaços, *puxar* pelo révolver, etc. . .

O confronto com outras linguas mostra á evidencia a mobilidade da regencia do verbo : — Nós ouvimos *o sino*, os Gregos ouviam *do sino*; *estudamos grammatica*, os Romanos *studabant grammaticæ* (da grammatica).

325.—**Vícios de linguagem.**— Chamam-se **vícios de linguagem** as anomalias da lingua, devidas á ignorancia popular, ao deleixo do escriptor subalterno, e ás vezes ao pedantismo classico.

Comprehendem os *barbarismos* e os *solecismos*.

*Barbarismos* são os vícios *lexicologicos*: consistem no emprego *excusado* de palavras e phrases estranhas á lingua, sem a quéda e o geito das nössas «com quem querem conviver»; em dar á palavra emprego differente do que realmente tem; em articular e accentuar erradamente os vocabulos. Ex.: *bouquet, comité*. . . *taciturno* (empregado por triste), *carrinhos* (em vez de *carrilhos*), *confeccionar* por fazer ou organisar, *pégada* por *pegada*, etc.

Os *solecismos* (barbarismos de phrases) con-

sist  
tra a  
cos:

struc  
o po  
seu m

muit  
é que  
dem,  
sende

mões  
Testa  
da vi

ções  
hebra

D  
mos  
XII é  
semit  
no X  
esteno  
lismo  
a mas  
rismo

PACH

sistem no emprego de construcções viciosas, contra a indole da lingua. São, pois, vicios *syntacticos*: *tu sois, para tu, houveram homens*, etc.

326. — São principaes vicios de construcção:

AMPHIBOLOGIA ou *ambiguidade*. — É a construcção a que se póde dar duplo sentido: *Ama o povo o bom do rei; a aguia matou a pomha no seu ninho*.

OBSCURIDADE. — É a falta de clareza, pelas muitas ellipses ou hyperbatos exagerados: — *Certo é que quaesquer historias muito melhor se entendem, se perfeitamente e bem ordenadas, que o sendo por outra maneira*.

*A certas as quaes cartas ou os quaes sermões de sancta auctoridade do vedro, ou novo Testamento, non é senon muy dereyta carreyra da vida humana*.

327. — Os barbarismos tomam as denominações de hellenismos, latinismos, germanismos, hebraismos, etc. conforme a sua origem.

Do seculo XII ao XIV é a época dos latinismos entrados na lingua naturalmente; do V ao XII é o dos germanismos; do VII ao XIII é o dos semiticismos; no XII germinam os gallicismos; no XV recomeça o imperio dos latinismos, que se estende ao XVI, notavel ainda pelos hespanholismos e italianismos, etc. Hoje temos tudo isso a mascarar a lingua; mas os principaes barbarismos, não só porque mais avultam em numero,

senão também porque mais a afeiam, são os gallicismos.

328.— Temos gallicismos lexicos e syntaticos.

a) São gallicismos lexicos:— bouquet, soirée, negligé, fauteuil, comitê, toilette, boudoir, coquette, desolado, nuança, petimetre, plateau, bello espirito (por engraçado, chistoso), chefe d'obra (obra prima), grande mundo (sociedade selecta), guardar o leito (estar de cama), deboche (dissolução, desmancho de costumes, devassidão, corrupção), etc.

A era dos gallicismos data do seculo XII; mas é principalmente da época de D. João IV que o portuguez começou a modificar-se sob esta influencia no lexico e na syntaxe (*tacha, vianda, trampear* = *tromper, quitar, esguardo, apres, ensembra, jalne* = amarello...)

Alguns gallicismos, condemnados por S. Luiz, N. do Lião, Tullio, etc., não o devem ser. *Adiar, activar, annuidade, barricada, felicitações* (porq. se temos *felicitar*, lat. *felicitare* = tornar feliz? Donato), *inabalavel, inconcebível, regressar* (lat. *regredior, regressus*), *rotina* (dim. de *rota*, ant. *ruto*, lat. *rupta*), etc. Também não devemos condemnar *trenó* = fr. *traîneau*, porque não exprime exactamente o mesmo que *trilho, gorra* ou *sebêa*; *Tartufo* (que é um neol. por ficção litteraria), nem os modos usuaes de falar— *caí das nuvens, perdi a cabeça*, etc., porque representam figuras communs a todas as linguas. <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Pacheco Junior, Gr. Hist. Elementos historicos, 138.

Ha gallicismos hoje correntes — *cache-nez*, *abat-jour* (a que eu chamaria — *quebra luz*), *banal*, *fatigante*, etc.

b) São gallicismos de construcção : *fazer um passeio*; *a festa terá logar*; *partilho das suas opiniões*; *rapaz de má conducta*, etc., e enxertos que devemos rejeitar.

Tambem ha construcções para as quaes achamos injustas a condemnação de *barbaras*, como p. ex. : *Sem ti não alcançaria este logar*; *o que ha de ruim*, etc.

329.— Quando os vicios se oppõem á harmonia da phrase ou euphonia, chamam-se *vicios de harmonia*.— Os principaes são — a *cacophonia*, o *echo*, o *hiato*, a *collisão*.

CACOPHATO é o vicio resultante da concurrencia de syllabas formando um vocabulo inconveniente ou torpe : — *alma minha*, as tuas opiniões *como as concebo*, *tens-me já dado amor bastantes penas*, *por cada vez*, *a faca d'ella...*

ECHO é a dissonancia resultante da repetição das mesmas syllabas : — *Inspira o seu estado cuidado*; *um ente independente*.

HIATO é a dissonancia produzida pela successão de vogaes, principalmente abertas : *á aula*.

COLLIÇÃO é o vicio resultante da repetição de certas consoantes (*r* e *s* finaes).

330.— **Sobre provincialismos, dialectos, brasileirismos**, vide *Introduccão*.

ma  
ph  
lor

con

pal  
ph

o a  
os  
ccõ

## PARTE III

### CAPITULO I

#### FIGURAS DE SYNTAXE.—PARTICULAS DE REALCE

331.—A syntaxe emprega varias figuras para maior clareza do pensamento ou harmonia da phrase, para maior energia da expressão ou colorido.

332.—As principaes *figuras de syntaxe* (de construcção ou grammatica) são :

a) **Ellipse**.—É a suppressão de uma ou mais palavras necessarias á perfeita construcção da phrase, que todavia conserva sentido claro.

A ellipse tanto omitta o sujeito, o verbo e o attributo, como todos elles ao mesmo tempo, os varios complementos, preposições, conjunções, etc.

Redobrae (*vós*), com mãos piedosas  
Esmolas que milagrosas  
Recobrareis feitas rosas  
Nos campos do eterno abril.

(CAST.)

Bemaventurados (*são*) os pobres de espirito.  
Era um velho (*dotado*) de semblante severo.  
(*Nós*) somos (*alumnos*) do Collegio Menezes Vieira.

Irei (*no*) domingo; (*por*) sessenta annos vi-o consumir-se na meditação; peço-te (*que*) me escrevas, etc.

A ellipse é devida á impaciencia do espirito humano, á sua imaginação arrebatada, ao desejo de chegar com rapidez á solução do raciocinio (*Lat. Coelho*).

É um dos resultados da lei de menor acção. A do verbo é frequente em todos os periodos da lingua.

Occorre principalmente:

a) Nas phrases intimativas:

Aos infieis, Senhor, aos infieis  
E não a mim que creio o que podeis.

(CAMÕES)

b) Nas exclamações:—*No mar tanta tormenta e tanto damno* (Id.).

c) No começo das interlocuções:

Qual em cabelo: Oh! doce e amado esposo  
Sem quem não quiz amor que viver possa

(Id.)

d) Nas locuções populares:—*commigo não; mão mão*, etc. Tambem é vestigio da tradição latina—*nihil ad me; di meliora* (deut).

e) Nas construcções participaes:—*Passados alguns annos. É vestigio do ablativo absoluto latino: Em penedos os ossos se fizeram; mostrou-se affavel com os povos, com os soldados liberal.*

**Pleonasma.**—É o emprego de palavras superfluas na apparencia, mas que servem para dar mais força ao pensamento:—*Importa-lhe a um homem passar ás Indias; ouvir com os ouvidos; vêr com os olhos, etc.*

O pleonasma oppõe-se á ellipse. É figura que em nada altera a construcção grammatical.

**Inversão.**—É inverter a ordem, consagrada pelo uso, dos termos da proposição ou dos membros da phrase, para evitar ambiguidade ou dissonancias, para tornar a expressão mais energica ou graciosa.

**Anastrophe.**—Consiste na inversão das palavras correlativas.

**Hyperbato.**—É tambem uma especie de inversão, que transpõe expressões e pensamentos, geralmente para harmonia do tecido da phrase:—*Nas tormentas da maledicencia o mais tranquillo e abrigado porto é o silencio.*

É tão frequente no portuguez como a ellipse.

D'ahi a graciosa brevidade da nossa lingua, e a sua harmonia.

**Hypallage.**—É a figura que muda a construcção invertendo a correlação das idéas.

**Enallage.** — Consiste em mudar os modos e tempos dos verbos: *vou* por *irei*, *fôra* por *fosse*, *amára* por *amaria*, *chega* por *chegou*...

As narrações mais ganham em colorido, quando se emprega o presente pelo passado.

**Syllepse.** — Esta figura faz a palavra concordar não com o seu correlativo, mas com a idéa que elle comprehende. «A palavra deixa então de responder ás regras grammaticaes para responder ao novo pensamento.» É incorrecção a que ninguem hoje se abalançaria, mas de que temos exemplos no portuguez antigo. (Essa *gente*, eu os vi bradando; e o *povo apedrejaram*...)

333. — Temos ainda algumas figuras, a que chamam de dicção ou de palavras propriamente ditas:

**Repetição.** — Para dar mais energia á phrase, repete-se uma ou mais palavras. — *Ah! coitado de ti! ah triste, triste!; tu, só tu, puro amor; já não me ouves? No mar tanta tormenta e tanto damno, tantas vezes a morte apercebendo* (Cam.); *o ouro a terra o cria, a terra o tem* (A. Ferr.).

**Reduplicação.** — É a repetição, não de palavras, mas de idéas: — *Quedou-se mudo, e não articulou palavra.*

Póde dar-se pela synonymia ou quasi synonymia: — *Era fogo, era raio, era corisco* (V. do Arc.).

**Anaphora.** — É a repetição de uma ou mais palavras no principio dos diversos membros de um periodo.

**Antistrophe.** — É o contrario da palavra. Sirva de exemplo esta passagem: — *O universo é dominado pelo espirito do mundo; o homem julga segundo o espirito do mundo; procede e governa-se de accôrdo com o espirito do mundo; até estimaria servir a Deus conforme o espirito do mundo.*

**Disjunção.** — Subtracção das particulas subjunctivas, e com isso o estylo ganha em rapidez e melhor destaca os objectos: — *Vim, vi venci. Está tudo contente, alegre tudo; eu só, só pensativo, triste e mudo.* (Cam. Ecl.)

**Antanaclose.** — É a repetição na phrase, de uma mesma palavra tomada em diversa acceção: *Formosa virgem clara, inda mais clara que a luz ante quem foge a noite escura; com pena te lavro a pena.*

Se as palavras formam opposição, a figura chama-se *antimetathese*.

**Paronomasia.** — É a approximação de palavras de som quasi identico, mas cujo sentido differe: *E o peor é que não só se vê em nós a meninice, que é defeito da idade, senão as meninas, que o são do juizo; dos meninos é proprio o aprender; dos mancebos o emprehender; dos varões o comprehender, mas dos velhos o reprehender.*

**Particulas de realce.**— Às vezes acompanham esporadicamente o objecto directo, certas particulas—sem significação nem funcção grammatical—a que chamam alguns grammaticos—*de realce*, outros—*expletivas*. Ex.: *Quasi que me perdi; em começando a chover; deixa-os lá falar; cumpri o meu dever; arrancou das espadas.*

Em *sabe fazel-as, disse-as boas, as* não é particula de realce como erradamente se tem escripto. Em outro logar já lhe explicamos a origem.

O professor F. Barreto, visto haver exemplos de objecto directo acompanhado de preposição não expletiva (*nem elle entende a nós, nem nós a elle*), diz que melhor fôra empregar a denominação *objecto directo esporadicamente preposicional*, que comprehende os casos expletivos e não expletivos.

---

## CAPITULO II

### NOTAÇÕES SYNTACTICAS.— PONTUAÇÃO

334.— Dá-se a denominação de NOTAÇÕES SYNTACTICAS aos signaes de que nos servimos na escripta para mais aclarar o sentido da phrase, e indicar ao leitor não sómente as varias pausas necessarias, senão tambem os varios passos emotionaes ou de movimento psychico.

Umás referem-se ao sentido da phrase; outras indicam a intenção, o sentimento de que se

ach  
vas;

de p  
tos e

igual

O  
são as

T  
pirito

A  
da-se a

De  
mentira  
vaga in  
mesqui

2º  
ou as

Bo

3º

A v

1 Ne  
renthesis  
phrase in

acha possuído o escriptor. Aquellas são *objectivas*; estas, *subjectivas*.

As 1<sup>as</sup> constituem propriamente os signaes de pontuação: *virgula, ponto e virgula, dous pontos e ponto (final)*.

**Virgula.**— Emprega-se a virgula:

1<sup>o</sup>—Para separar os termos e orações de igual especie, não ligados por conjuncção:

O raciocínio, a palavra articulada, a crença em um Deus, são as qualidades que distinguem o homem do bruto.

Tudo isto que vemos com os nossos olhos é aquelle espirito sublime, grande, ardente, immenso. (Vieira).

A virtude risonha acompanha-nos a toda a parte, amolda-se aos tempos, e cinge-se ás occurrencias. (Rab. da Silva).

Depois, vem outra época da vida em que a felicidade é mentira, mas ainda é felicidade, posto que já é eivada de vaga inquietação, de ambições desregradas, de especulações mesquinhas e outras contradictorias (A. Herc.).

2<sup>o</sup>—Para separar as palavras em apostrophe, ou as apposições:

Boas lettras, senhor, não são baixeza.

3<sup>o</sup>—Para separar orações intercaladas:<sup>1</sup>

A vida, dizia Socrates, só deve ser a meditação da morte.

<sup>1</sup> Neste caso, em lugar das virgulas podemos empregar o parenthesis, ou o *traçessão*: o parenthesis é preferível quando a phrase intercalada é de certa extensão.

4º — Para separar proposições de gerundio e participio, e outras circumstancias pouco extensas, principalmente se precedem o verbo :

Espedaçando as lanças, tudo atroam.

Chegada a época, mostrou que lhe não podiam negar a fé, o amor, o esforço, e arte.

5º — Para separar adverbios e locuções adverbias da sentença com força conjunctiva, quando por ellas começam as sentenças:

Assim, lembra-te sempre de que a morte pisa com o pé igual o palacio do rei e a choça do pobre.

6º — Para separar, no meio da phrase, as conjunções conclusivas e a adversativa *porém* :

Quiz o fado, porém, que Camões definhasse á mingua, só, desamparado dos amigos, do rei, da patria.

7º — Para indicar a ellipse do verbo, quando se dá a figura zeugma, e ainda na inversão asyn-tactica :

A grita se levanta ao céo, da gente.

335. — Para mais aclarar as regras referentes ao emprego da virgula, dal-as-emos d'outra fórma.

**Adjectivo.** — Emprega-se a virgula para separar muitos adjectivos ou muitos participios modificadores de um mesmo substantivo.

ultim  
de e:  
gioso

ment

I  
subst  
se ell  
do su  
liano

I  
deven  
quan  
ovaes  
laran  
adjec  
surdo

S  
separ  
verbo  
de es  
acom  
lhe se  
ceden  
a terr  
do Cr

C  
cipal  
virgul

Não se deverá, porém, pôr virgula antes do ultimo adjectivo se este vier precedido de *ou* ou de *e*:—*A Jerusalém é um poema historico, religioso, nacional e dramatico.*

Se o participio vier seguido de um complemento, a virgula põe-se depois d'este.

Mas se muitos adjectivos se referem ao mesmo substantivo não se deve separal-os por virgulas, se elles concorrem para restringir a significação do substantivo:—*Um missionario apostolico italiano; aguas mineraes artificiaes.*

Ha casos em que, porém, esses adjectivos devem vir ligados, mas pelo traço de união. É quando elles se modificam reciprocamente (folhas *ovaes-lanceoladas*, *agua acidulada-adstringente*, *laranjas agro-doces*). Principalmente se os dous adjectivos formam um substantivo composto (*um surdo-mudo*).

**Substantivo.**—Emprega-se a virgula para separar todos os sujeitos ou regimens do mesmo verbo. Advertimos, porque errado é o geral uso de escrever, que o ultimo substantivo deve vir acompanhado de virgula, porque o verbo que se lhe segue refere-se a todos os substantivos precedentes e não a esse só em particular:—*O céu, a terra, o ar, o homem, attentam o poder infinito do Creador.*

Claro está que se o ultimo fôr o sujeito principal com que concorda o verbo, não se deve pôr virgula depois do ultimo substantivo;—*Um so-*

*pro, uma sombra, um nada, tudo* lhe causava medo.

Quando uma phrase contém muitas proposições compostas sómente de um sujeito e de um verbo, põe-se a virgula depois de cada verbo: — *o ignorante assevera, o homem instruido duvida, o sabio reflecte e suspende o seu juizo.*

Se os substantivos sujeitos de um mesmo verbo vêm seguidos de um complemento, é depois d'esse complemento que se põe a virgula.

Quando o verbo tem um regimen, depois d'este é que se põe a virgula.

Antes da conjunção *e*, a virgula é de rigor quando se quer dar mais energia á phrase: — *A consciencia grita, o tempo foge, a morte ameaça, e o homem dorme.*

Se vierem muitos substantivos ligados pela conjunção *e*, deve-se separal-os pela virgula de dous a dous: — *e o rico e o pobre, e o fraco e o forte.* Se vierem seguidos de complemento determinativo, põe-se virgula depois de cada complemento.

**Proposições coordenadas.** — Quando uma phrase se compõe de duas proposições coordenadas, põe-se uma virgula depois da primeira sempre que os verbos têm sujeito particular: *O vencido cae, repellem-nò; — o vencedor apparece, todos o incensam.*

Quando a phrase tem certa extensão, a virgula é necessaria antes da conjunção *e*; mas qualquer que seja a sua extensão, deve-se tam-

bem empregar a virgula antes de e quando reúne duas coordenadas, distinctas ou muito appostas pelo sentido: *Ris, e eu choro; discutamos, e não disputemos.*

**Sujeito depois do verbo.** — Não se emprega virgula antes de um substantivo quando precedido do verbo de que é sujeito; é desnecessaria depois de um complemento determinativo quando se acha collocado antes da palavra cuja significação restringe; não se separa por virgula complemento (directo ou indirecto) do verbo de que depende, quando esse regimen, em vez de vir depois, se acha collocado antes do verbo.

Deve-se, porém, collocar entre virgulas a proposição intercalada (em fôrma de prova) e que pôde vir — entre o sujeito e o verbo, o complemento do sujeito e o verbo, entre o complemento de uma proposição e o sujeito da phrase, entre dous verbos, entre uma proposição e uma completiva.

**Proposição participio.** — Deve-se empregar uma virgula depois do participio quando elle modifica um substantivo que não é sujeito da proposição principal. Esta regra corresponde ao ablativo absoluto dos Latinos. Ex.: — *Carthago destruida*, Roma voltou suas armas contra si mesma.

Se o participio vem seguido de um complemento, a virgula põe-se depois d'esse complemento.

No meio da phrase, a proposição participio deve vir entre duas virgulas: — *No somno vê-se, com os olhos fechados, quanto tem de mais maravilhoso o romantismo.*

**Proposição subordinada.** — Deve-se pôr virgula depois da proposição subordinada quando collocada antes da principal: — *Onde pára a lei, começa a satyra.*

Quando houver inversão, deve-se collocar as proposições circumstanciaes entre duas virgulas.

Deve-se pôr um ponto e virgula depois da proposição principal quando contém uma ou mais proposições incidentes, ou quando as proposições que a seguem encerram sentidos parciaes separados por virgulas.

**Complemento dos superlativos.** — Deve-se pôr virgula depois do complemento quando elle se acha no principio da phrase: — *De todos os dons que possamos alcançar de Deus, o mais precioso é uma virtude sem macula.*

Precedido de uma proposição principal ou de uma conjunção, o complemento põe-se sempre entre duas virgulas: *A ambição é, de todas as paixões, a que mais se agita e menos goza.*

**Preposições.** — Quando, por motivo de inversão, uma preposição e seu regimen vêm no principio da phrase, deve-se pôr virgula depois d'este sempre que fôr seguido do substantivo sujeito da proposição: — *Durante esta luta, mó cerada de curiosos apinhara-se em redor dos adver-*

sario  
gir d

vezes  
dever

I  
separ

A  
seu a

A  
accus

A  
que m

S  
rem m

gulas  
rapid

E

a ellip  
phrase

dá a su  
e virg

lencia

P  
não ha  
concis

E  
benten

PACHE

sarios; *perto* do tumulto, pareceu-lhe ouvir o rugir da tempestade.

Quando a prep. e seu complemento fazem as vezes de uma incidente explicativa, condicional, devem figurar entre duas virgulas.

**Pleonasma.** — Emprega-se a virgula para separar duas palavras que formam pleonasma.

*Pleonasma do sujeito:* — Elle trahiou-o, *elle*, seu amigo !

*Pleonasma do complemento directo:* — Vós o accusaste, a *elle*, de ingrato.

*Pleonasma do complemento indirecto:* — E que me importa, a *mim*, que elle se perca ?

Se as palavras que formam o pleonasma vierem no corpo da phrase, deve-se pol-o entre virgulas: — *Elles fugiram*, meus dias florentes, *mais rapidos que a sombra*.

**Ellipse.** — A virgula deve sempre indicar a ellipse das palavras no segundo membro da phrase. Neste caso, cada proposição em que se dá a suppressão deve ser sempre seguida de ponto e virgula: — *A força é o poder da justiça; a violencia, o da injustiça*.

Póde-se todavia supprimir a virgula, quando não ha a receiar equivoco, para maior rapidez e concisão da phrase.

É, porém, de rigor a virgula sempre que se sustentende uma palavra não expressa nos membros

da phrase precedente : — O amor vae como vem, *máo grado* nosso (*isto é*, *máo grado* nosso).

As vezes a supressão da virgula indicadora da ellipse traz contrasenso ou absurdo.

**Proposição incidente determinativa.**

— Se o participio é empregado como explicativo, forma uma incidente explicativa, que deve figurar entre virgulas : *Esse homem* dedicado, consultando tão sómente a inspiração do seu coração, *atirou-se na revolta*.

A distincção das proposições determinativas e explicativas é de importância na pontuação, e pouco segura é a regra dada pelos grammaticos como infallivel, a saber :

Uma proposição incidente determinativa não póde desaparecer da principal sem que o sentido d'esta fique desfigurado ou mui outro, ao passo que a incidente explicativa póde ser supprimida sem que a proposição principal deixe de ser clara ou se torne absurda.

**Proposição incidente explicativa.** —

Ao contrario do que acontece com a *incidente determinativa*, nesta proposição devem vir entre virgulas — os substantivos, adjectivos, participios ou membros de phrase, sempre que estiverem empregados como explicativo.

Cumpre não confundir a regra dos *participios passados empregados como explicativos*, com as *proposições participios*. Bastam dous exemplos para que se conheça a differença :

P. P. EXPLICATIVO

Cesar, tendo passado o Rubicon, conduziu suas legiões aos muros de Roma.

PROPOSIÇÃO E PARTICÍPIO

Cesar tendo passado o Rubicon, o senado declarou-o criminoso de traição.

Se os adjectivos, os participios, vêm seguidos de complemento, a virgula põe-se depois do complemento.

A incidente explicativa deve vir sempre seguida de virgula quando precede o substantivo que é sujeito da proposição: — Illimitada, a liberdade é licença.

Quando o adjectivo ou o participio vem seguido de complemento, depois d'este complemento é que se põe a virgula: — Vistos de longe, lampeões chinezes se nos afiguram ás vezes astros de primeira grandeza.

Quando concorre com um dos pronomes relativos *que, quem, etc.*, ou com *ou, d'onde*, deve a proposição incidente vir precedida de virgula.

O **ponto e virgula** separa as proposições extensas coordenadas e as *enumerações* mais amplas, principalmente quando já estão divididas por virgulas:

O dito arabe foi desmentido; mas a resposta gastou oito seculos a escrever-se: Pelaio entalhou com a espada a primeira palavra d'ella nos Serros das Asturias; a ultima gravaram-na Fernando e Isabel com pelouros de suas bombardas, nos pannos das muralhas da formosa Granada; e a esta escriptura estampada em alcantis de montanhas, em campos de batalha, nos portões e torres dos templos, nos lanços dos muros das cidades e castellos, accrescentou no fim a mão da Providencia: «assim para todo o sempre».

O **ponto e virgula** colloca-se tambem depois de cada proposição de uma phrase, quando a 1ª offerece sentido completo, e é seguida de outras proposições que a desenvolvem ou esclarecem:

Dos meninos é proprio o aprender; dos mancebos, o emprehender; dos varões, o comprehender; dos velhos, o reprehender.

Os **dous pontos** empregam-se antes de uma citação, enumeração, explicação ou conclusão:

Não se farta a cobiça com a riqueza:  
mais arde o fogo quando tem mais lenha

(CAM. — Ecl. 13).

Diz o proverbio popular: Quem fala, semeia; quem ouve, recolhe.

O **ponto final** emprega-se no fim da phrase, sempre que o sentido estiver completo:

O vento dorme; o mar e as ondas jazem.

336. — As notações *subjectivas psychicas* são as *reticencias*, o *ponto de interrogação* e o *de exclamação*.

A **reticencia** indica subita suspensão do pensamento, e ainda tibieza, duvida ou refolho:

Não vos atalho mover o passo a longes territorios... mas não; fica.

O **ponto de interrogação** é empregado no fim das phrases interrogativas :

Homem, que és tu perante a face do Senhor?

O **ponto de admiração**, no fim de uma phrase exclamativa :

Oh immatura morte, que a ninguém de quantos vida teem, jámais perdoas!

É de rigor no fim das proposições indicadoras de — dôr, surpresa, raiva, indignação, imprecação, espanto, admiração, ironia, precação, etc

— Ha outros signaes ainda, simples auxiliares, que servem apenas para maior clareza da escripta. São: — as *aspas*, o *hyberbato*, a *alinea*, o *parenthesis*, o *travessão*, etc.

As **aspas** indicam uma citação textual. Escreve-se este signal ao começar e fechar a citação :

« Se amas a vida — disse um sabio — não desperdices o tempo, que é o estofo de que ella é feita. »

A **alinea**. — O seu nome está dizendo o que é (*á linha*):

Quanto ao desenvolvimento da expressão, o estylo pôde classificar-se do seguinte modo:

conciso  
preciso  
desenvolvido  
prolixo.

O *parenthesis* serve para encerrar palavras ou phrases de sentido independente do periodo. O *parenthesis* não deve ser extenso, nem empregado frequentemente, « como fazem os que não sabem achar logar conveniente para as idéas. »

Perseverar no erro (depois de conhecê-lo e nelle ter caído) é fazer do erro porfia, com descredito do juizo.

O *travessão* indica maior pausa que a virgula, que chamamos a attenção do leitor para o que se segue, e, nos dialogos, a entrada de cada interlocutor :

Elmano, lê-me os teus versos.

— Melhor sorte me dê Deus!

Tremo d'isso! — E porque tremes?

— Porque podes ler-me os teus.

O *hyphen* é um traço horizontal que serve para separar syllabas no fim da linha, etc.

— Nos primeiros mns. o unico signal de que usavam era o *ponto* (colo); nos *Cancioneiros*, a pontuação deve ser considerada antes como indicativa de inflexões ou accidentes da musica porque eram notadas as cantigas, do que como logica d'incisos grammaticaes; pois « afóra pontos fallecem-lhes todos os outros signaes orthographicos actualmente em uso. »

No seculo XIV muito descravam os copistas da pontuação, que já consistia no *coma* (dous pontos), *colo* (ponto), *vergas* e *virgulas*. C. Michaëlis confessa a difficuldade que muitas vezes encontrou para comprehender immediatamente o pensamento do auctor, pelo máo ou nenhum pontuado.

337.—EMPREGO DE LETTRAS MAIUSCULAS.— São usadas nos seguintes casos:

No começo de um periodo e no de uma phrase que se segue a um ponto final, de inter-rogação ou admiração. Nem sempre, porém, se emprega depois do interrogativo, principalmente quando não é para obter resposta, mas para dar mais força ao pensamento, para exprimir emoção violenta:

Como? da gente illustre Portugueza  
ha de haver quem refuse o patrio Marte?

Para começar uma citação, que neste caso é precedida por dous pontos:

S. Paulo disse: Quem ama o proximo, cumpre a lei.

Nos nomes proprios, pronomes de reveren-  
cia, titulos nobiliarchicos:

João; Vossa Senhoria; o Visconde do Rio Branco.

Nos nomes de composições litterarias e ar-  
tisticas, jornaes, etc.:

A Illiada; os Lusíadas; a *Noite* é uma das télas de Pedro Americo; o *Jornal do Commercio*.

Como inicial dos nomes de cousas perso-  
nificadas (*as Artes*), e das adjectivações consa-  
gradas pelo uso ou convenção:— *Creador*, *Pae*

*Omnipotente* (com referencia a Deus); *Fidelissima* (id. aos reis de Portugal), etc.

Nos nomes dos edificios notaveis, repartições publicas, etc.:—o *Pantheon*, o *Museu Nacional*, a *Casa da Moeda*.

Mas hoje já se escreve com muito mais liberdade quanto ao emprego de maiusculas (*alfandega da côrte*, *thesouro nacional*—o que póde dar logar a equivoco,—o *barão de Macahubas*, etc.)

O começar cada verso por lettra maiuscula, não é hoje de rigor.

---

### CAPITULO III

#### DO ESTYLO

338.—O **estyllo** é «a feitura caracteristica que dá ao dizer de cada um o modo especial porque elle concebe, ordena e exprime os seus pensamentos».

«Tudo o que se diz falando ou escrevendo, consta de *pensamentos*, concebidos sob certas *fórmãs* ou *figuras*, expressadas por *palavras*, ordenadas em *phrases*, e estas distribuidas em *clausulas*.

A syntaxe é, pois, o processo *geral*, e o *estyllo* o processo *individual*.

—A estylistica é a arte de bem escrever; para o escriptor, a palavra é um symbolo que se modifica á força inventiva da imaginação, transformando-se numa verdadeira suggestão de imagens. <sup>1</sup>

E a perfeita comprehensão da natureza das palavras exige uma fôrma qualquer figurativa. <sup>2</sup>

Este character extrema forçosamente a phraseologia *artistica* da phraseologia *grammatical*; a estylistica, da syntaxe commum; sem todavia excluir as muitas modalidades de dependencia a que estão sujeitos os dous processos.

—Em geral, póde-se affirmar, ha sempre connexão estreita e fatal entre as producções litterarias e a indole especifica das linguas que lhe servem de instrumento. É a correlação do *apparellho* e da *função*. É força, pois, distinguir, no estudo scientifico do estylo, duas ordens de factores importantes:—a influencia do character e das normas tradicionaes da lingua, do meio sociologico sobre o escriptor, e da reacção por este exercida, tendente á producção de novos effeitos psychologicos, e á acquisição, para os seus trabalhos, do cunho de *originalidade*. No 1º caso a estylistica é *objectiva*, no 2º é *subjectiva*.

—Em seu periodo embryonario (seculos XII-XIV) a estylistica portugueza é sinceramente

<sup>1</sup> Taine. — *N. Essais de critique et d'histoire.*

<sup>2</sup> Stricker. — *Du langage et de la musique.*

objectiva. A pobreza do lexico e o cunho vocabular uniforme pelos effeitos phoneticos regionaes, a construcção da phrase simples, indecisa na sua inversão, o agrupamento inconsciente do periodo, as formulas officiaes da *diplomatica* e da *agiologia*, a tyrannia da metrica convencional, —além de outras causas talvez, — imprimam nos escriptores d'essa época uma feição característica, singular, de homogeneidade total. É rigorosamente uma litteratura anonyma, porque, na prosa e na poesia — como se vê dos Cancioneiros e docs. recolhidos por Fr. F. de S. Boaventura, — a psychologia geral d'aquelles tempos via-se tolhida pela tradição, que impunha uma fôrma monotypica.

— Todavia, esses documentos deram resultados, que já por si constituem perfeição de estylo e de que se aproveitou a estylistica subjectiva. Foi o emprego de termos populares — que poupa a energia do leitor ou ouvinte, e o emprego de pouco crescido numero de vocabulos — que poupa o esforço mental.

É o que Spencer denomina — *economia da attenção*, uma das modalidades do grande principio do *minimo esforço*, que, com a *emphase*, dômina a maior parte dos factos da vida e evolução da linguagem.

Menina e moça me levaram da casa de meu pai para longes terras: qual fosse então a causa d'aquella minha levada, era pequena não na soube. Agora não lhe ponho outra, senão parece havia de ser o que depois foi.

(BERN. RIB.)

Estavas, linda Ignez, posta em socego,  
de teus annos colhendo o doce fruto,  
Naquelle engano de alma ledó e cego  
Que a fortuna não deixa durar muito ;  
Nos saudosos campos do Mondego,  
De teus formosos olhos nunca enxutos,  
Aos montes ensinando e ás hervinhas  
O nome, que no peito escripto tinhas

(CAMÕES)

— Outra vantagem é o emprego dos termos concretos de preferencia aos abstractos, e d'ahi tambem o emprego dos tropos e das onomatopéas, que — materializando as cousas abstractas — facilita a sua immediata comprehensão. Exemplos d'estes processos offerecem-nos os proloquios e annexins populares, cheios de vida e de energia:

Tirar *sardinha* com a mão do gato.

Não se pescam *trutas* a *bragas* enxutas.

Miguel, Miguel, não tens *abelhas* e vendes *mel*.

Já dizia Rodrigues Lobo (*Côrte na Aldéa*):  
«Ha metaphoras e translações tão usadas e proprias, que parecem nascidas com a mesma lingua, que como adagios andam pegadas a ella.»

— Outro elemento do estylo objectivo são as onomatopéas, a principio directas, depois ostentando sem as palavras, só pela cadencia e som, a imagem que se pretende pintar. E as vozes onomatopaicas constituem grande riqueza da nossa lingua.

O louvar com cymbalos bem *retinintes*; o louvar com cymbalos de alegre *resonancia*. Tudo quanto tem folego, louve ao Senhor.

(*Psalmo 150-5-6*)

De terras e povos fazendo uma *dança* vindo *cantando* com doce *harmonia* estas palavras de grande *alegria*, *vivamos cantando com tanta bonança*.

(J. B. — *Clarim.*)

Os vastos campos, c'o *baque*, *longe*, e *roncos ribombaram*.

(F. ELYSIO.— *Ober.*)

Lhe embebe o ferro pela *aberta bocca*  
Na *hastea*, que os fere, os dentes *retiniram*

(*Id. G. Pun.*)

Brama e rebrama em *échos o estampido*  
Por *ócas furnas*, *reboantes brenhas*,  
Crêras que cada tronco *estala e escacha*.

(*Id.*)

A plumbea pela mata, o brado espanta  
Ferido o mar *retumba e assovia*.

(CAMÕES)

escarcéos e escarceos, *rebutam, bramam,*  
*alvejam, troam*: o intimo do abysmo  
sobe á flór, desce a espuma ao fundo inquieto

(*Id.*)

*Rue a raivosa rustica torrente*

(BOCAGE)

Secca a terra apparece, nella é tudo  
Informe, e rude, e solitario, e mudo.

(MACEDO)

Exemplo magnifico é este em que Camões descreve as cadenciadas e monotonas pancadas do pente e pedaes do tear:

Quando em face ao tear rojaes cantando  
*de cá lá, de lá cá*, por entre os fios  
do alvo ordume a lisa lançadeira,  
E dos pedaes ao compassado toque  
O pente acode, e vos condensa o panno.

— *Alliteração e assonancia.* — A alliteração é instinctiva e popular; d'ella encontramos exemplos nos primeiros docs. da lingua.

cheguei chegar

(C. Vat.)

disse-m'a mi meu amigo.

(Id.)

são e salvo, feio e forte, berliques e berloques:

Padre Santo san Gião

Que *vem e vae* com os que *vão*.

(G. Vic.)

É mui frequente a alliteração dos nomes proprios nas canções antigas: — *Martim Morxa, Lopo Lecas*, etc. (C. Vat.).

São exemplos de *assonancia*:

a *Sevilha* el rey *servir*

(C. Vat.)

Domar *potros* porém *poucos*

Não levantes *lebre* que outro *leve*

Se não fores *casto*. sê *cauto*

Cesteiro que faz um *cesto*, faz um *cento*.

—Elemento também objectivo do estylo é a tendência sempre crescente para a construcção analytica (seculos XVIII-XIX), que nos poupa fadiga mental, mas nem sempre se presta aos effeitos estheticos.

—Não nos demoraremos nas qualidades essenciaes das palavras, das phrases e clausulas.

As palavras devem ser vernaculas, ter por fiadores os que bem escrevem e falam a lingua, ser empregadas com *propriedade, clareza e conveniencia* (relativamente á contextura do assumpto — elevadas, familiares, communs, plebéas ou chulas).

São qualidades essenciaes das phrases e clausulas — a *correccção, pureza*, isto é, que na combinação das partes e arranjo geral sigam o genio da lingua ou uso dos melhores escriptores<sup>1</sup>; *clareza* (e para isso é mister, além de vocabulos nitidos e bem cabidos, claros, e syntaxe correcta — *precisão, ordem*,<sup>2</sup> *unidade, emphase, harmonia*).

Estudo necessario para que se forme o estylo é também, além do vocabulario completo e syntaxe correcta, o da synonymia, e a leitura joeirada dos classicos antigos e modernos.

—O estylo classifica-se, quanto ao desenvol-

<sup>1</sup> V. Barbarismos.

<sup>2</sup> Criteriosa transposição, boa collocação dos adverbios, de orações incidentes, complementos circumstanciaes e casos continuados.

vimento dos pensamentos e expressão, em—*con-*  
*ciso, preciso, desenvolvido, prolixo.*

Quanto á qualidade e gráo de ornato, em  
*simples, temperado e sublime.*

O estylo **simples** subdivide-se em *simples,*  
*natural* (que á simplicidade da expressão, junta  
a dos pensamentos) e *familiar*. É o estylo prefe-  
rido nos livros didacticos, de narrativas vulgares  
etc...

*Estylo simples.* — É doutrina certa entre os antigos  
grammaticos e rhetoricos, assim gregos como latinos, que a  
principalissima qualidade, que deve ter qualquer escriptor,  
é a pureza da linguagem em que escreve. Sem proprie-  
dade no falar perde muito qualquer obra litteraria d'aquelle  
solido merecimento, que depende não só do juizo do povo  
ignorante, mas da sentença da critica judiciosa. Esta pro-  
priedade consiste em usar d'aquelles vocabulos, d'aquellas  
phrases e idiotismos, que constituem o distinctivo e indole  
legitima do idioma em que se escreve.

(J. FREIRE—*Reflexões sobre a lingua portugueza*).

*Estylo natural.* — Quando ás vezes ponho diante dos  
olhos os muitos e grandes trabalhos e infortunios, que por  
mim passaram, começados no principio da minha primeira  
idade, e continuados pela maior parte e melhor tempo da  
minha vida; acho que com muita razão me posso queixar  
da ventura, que parece que tomou por particular tenção e  
empreza sua, perseguir-me e maltratar-me, como se isso  
lhe houvera de ser materia de grande nome e gloria; por-  
que vejo que não contente de me pôr na minha patria, logo  
no começo da minha mocidade, em tal estado que nella  
vivi sempre em miserias e em pobreza, e não sem alguns  
sobresaltos e perigos de vida, me quiz tambem levar ás  
partes da India, onde em lugar de remedio que eu ia bus-

car a ellas, me foram crescendo com a idade os trabalhos e os perigos.

(FERNÃO MENDES PINTO — *Peregrinação*).

A naturalidade não póde vir desacompanhada de talento, de imaginação e grande sensibilidade. Se assim não fôr, cae na puerilidade e chateza.

*Estylo familiar.* — Ha outros (proseguiu Leonardo) que nem com isso se contentam; e andam buscando palavras mui exquisitas, que por termos mui escuros significam o que querem dizer. Como um que se queixava da sua dama, que de ciosa, *andava inquirindo os escrutínios do seu pensamento*. E outro a um barbeiro, disse, que *lhe rubricára a parede com a sangria*.

(F. R. LOBO — *Côrte na Aldéa*).

O genero **temperado** divide-se em estylo *apurado, elegante, espirituoso*.

O estylo *apurado* mais se eleva pela propriedade e bom cunho das palavras, pela sua correcta e elegante collocação, do que pelo excesso de colorido, de ornatos, etc.

De muitos Santos lêmos, que o começaram a ser ainda no berço. Assim madrugou neste menino a inclinação ás cousas da religião e da Igreja. Inda não tinha idade para entender e discernir, já assistia a uma missa com tanto siso, e com tanta quietação, que dava que falar aos que o viam, mostrando na applicação, que não ignorava de todo o que alli via e ouvia.

(SOUZA — *V. do Arceb.*)

O estylo *elegante* é o que mais apresenta a phrase rendilhada, colorida, o período boleado, harmonico, etc. Quando o assumpto não comporta o peso dos ornatos, por muito ricos para o caso, ou muito multiplicados, o estylo degenera, e longe de ser belleza é defeito.

A aurora é o riso do céu, a alegria dos campos, a respiração das flôres, a harmonia das aves, a vida e alento do mundo. Começa a sair e a crescer o sol, eis o gesto do mundo e a composição da mesma natureza toda mudada; o céu accende-se; os campos seccam-se; as flôres murcham-se; as aves emmudecem; os animaes buscam as covas; os homens, as sombras. E se Deus não cortára a carreira ao sol, fervera e abrazára-se a terra, arderam as plantas, seccaram-se os rios, sumiram-se as fontes; e foram verdadeiros e não fabulosos os incendios de Phaetonte.

(VIEIRA — I, 251)

O estylo *espirituoso*, (*faceto*, etc.), <sup>1</sup> em que o escriptor deve sempre conservar delicadeza e finura de sentimento, para que o sal attico não degenera em sal de cozinha.

Fossem lá á rainha Anna que deixasse entrar no seu gabinete quatro calças de couro sem criação nem instrução, e não mais senão só porque este sabia jogar nos fundos, aquelle tinha boas tretas para o *canvassing* (*manejo*) de umas eleições, o outro era figura importante no *Freemasson's-hall* (loja maçónica).

<sup>1</sup> Os antigos diziam *faceto*, *jocoso*. etc.; com a morte da velha chalaça portugueza — introduziu-se o *espírito*, e mais modernamente o *humour*, o estylo *humoristico*, etc.

Já se vê que em nada d'isto ha a minima allusão ao feliz systema que nos rege: estou falando de modestia, e nós vivemos em Portugal.

(GARRETT — *Viagens na minha terra*).

O estylo *temperado* é o estylo proprio do sentimento, é o mais empregado em poesia, historia, romance.

O *energico*. Exige talento, gosto e estudo, porque muito depende do bom cabimento do termo, que vá immediatamente gravar a idéa no pensamento. E para isso são tambem precisos o jogo delicado das antitheses, e a concisão, a graciosa e emphatica brevidade.

Eu vos mando, filho, com esse soccorro a Diu, que pelos avisos que tenho, hoje estará cercada de multidão de Turcos; pelo que toca a vossa pessoa, não fico com cuidado, porque por cada pedra daquella fortaleza arriscarei um filho. Encommendo-vos que tenhaes lembranças daquelles, de quem vindes, que para a linhagem são vossos avós, e para as obras são vossos exemplos; fazei por merecer o appellido que herdastes, acordando-vos que o nascimento em todos é igual, as obras fazem os homens diferentes; e lembro-vos que o que vier mais honrado, esse será meu filho. Esta é a bençam que nos deixaram nossos maiores; morrer gloriosamente pela lei, pelo rei, e pela patria. Eu vos ponho no caminho da honra; em vós está agora o ganhal-a.

(J. FRÉIRE — *Vida de D. João de Castro*).

O *vehemente* — é o irromper de um vulcão, cujas materias incandescentes recalcara por tempo dilatado. Mil idéas atravessam ao mesmo tempo o cerebro do orador, dominam-lhe o sentimento,

— a paixão, a ira, etc.; e d'ahi essas phrases desligadas, o apostropho, a interrogação e exclamação, a prosopopéa, a repetição, a ellipse, a metaphora, etc.

Crescerá com a nossa paciencia o seu atrevimento. Depois de commettido o maior delicto, qual não terão por leve? Quem duvidará ser offensor onde se não vingam injurias? Acabemos pois de despertar d'este mortal lethargo; mettamos até aos cotovelos os braços no sangue d'estes crueis tyrannos; neste veneno banhemos os alfanges; porque percam com as vidas a gloria de tão grandes insultos.

(J. FREIRE — *Vida de D. João de Castro.*)

*Estylo magnifico ou sublime.* — A pompa das imagens, a louçania das palavras, a elevação dos pensamentos, a pujança das figuras em criterioso dominio, a harmonia do tecido da phrase e da contextura do periodo, eis o que constitue este estylo, de que é excellente exemplo o trecho de Herculano acima citado.

— «Todas estas classificações são boas de baixo do ponto de vista a que olham; mas insufficientes para caracterisar todos os estylos. Dous ou mais escriptores escrevem, por exemplo, em estylo simples e conciso, e todavia não deixa cada um d'elles de ter um estylo tão individual como a sua physionomia. Serão simples e concisos; mas um será obscuro, outro claro; um profundo, outro superficial; um original, outro vulgar, etc. Assim, designar o estylo de cada um d'elles pelas qualificações de simples e conciso não é caracterisar-lhes o estylo; porque não

é indicar a feição característica, que distingue esse escriptor d'outro também simples e conciso.»

— Os estylos litterarios são, pois, muitos; mas no portuguez podemos perfeitamente distinguir tres categorias que bem espelham as transições.

1º— O estylo *classico*, creado no seculo XVI artificialmente pela cultura latina.

2º— O estylo *gongorico*, caracterisado pelas turgidas metaphoras, empolado da phrase, antitheses desvairadas, hyperboles disparatadas, pelo fraldoso arrastar da phrase, etc...

«Não o nascer se não o nascer sabiamente, é o que faz viver para todos: a sabedoria do nascimento dá universalidade á vida, bem é universal o que é sciente; que as sciencias tratão de universaes, e quem nasce entre sabios, por isso mesmo nasce sabiamente.»

.....

«Afonso e Beatriz gerão em Pedro sua imagem, e semelhança, Pedro o é de seus pais; este foi ditoso em que teve pais, de que mereceu ser filho, aquelles em ter um filho, de que mereceram ser pais: de um, e outro é a felicidade, e a sorte, dos pais, porque se representam em tão bom filho, do filho, porque é imagem de seus pais.»

(FR. H. DE NORONHA, *Exemplar Poetico*).

Donde começarei? Briareu eburno  
De cem braços de plectros, de um custodio  
Virrei te doto; abre em Dorio turno  
As pestanas, vê o Sol deste episodio;  
Vossa Excellencia é o Sol; pelo coturno  
O abração tantos braços; eu neste odio  
Rasgo para cantar, e as cordas plenas  
Dizendo vão Menezes, e Mecenas.

F. J. DA COSTA (*O Imenu dos Menezes e Castro*.) 1740.

3º—O estylo *contemporaneo*, que, influenciado pela escola romantica, se afastou do classico no arrezado da phrase, nos periodos estirados, nas inversões á latina, etc. Esta escola foi iniciada em Portugal por A. Herculano, Garrett, Castilhos, Rebello da Silva, Latino Coelho, Mendes Leal, Castello Branco... e tem produzido em prosa e verso uma serie de escriptores de mui subido merito.

Entre nós são escriptores correctissimos J. M. Velho da Silva, Carlos de Laet, Aureliano Pimentel, B. de Parapiacaba, Machado de Assis, Luiz de Castro, Muniz Barreto, José Bonifacio, Bellegarde...

—A estylistica teve, pois, a sua evolução.

No fim do seculo XIV é que apparece pela primeira vez um exemplo concreto, na rude descripção da batalha do Salado; no XVI, Sá de Miranda influencia no meio objectivo pela cópia de seus dizeres populares, ao passo que, ao envez, o objectivo influe em A. Ferreira pela tradição da auctoridade classica.

No declinar d'esse seculo começa a prosa abstracta; mas o estylo affectado e campanudo dos seiscentistas afeia os escriptos.

No seculo XVII nota-se a influencia hespanhola, do que nos dá prova sobeja o estylo de Rod. Lobo, sem individualidade, todo de convenção. D. Francisco M. de Mello subordina a sua individualidade ao que elle chama *resuscitar o grave estylo de nossos antepassados*; Fr. Luiz de Souza e Freire de Andrade escrevem adstrictos a uma rhetorica convencional; Bocage dá ao estylo mais harmonia pela *continuidade dos epithetos regularmente repetidos*—diz o Sr. Th. Braga; Filinto Elysiso—é o grande artista das riquezas da construção portugueza.

«...a velha querela de purismo e peregrino  
« nismo phraseologico deixa de ter razão de ser  
« e se resolve numa verdadeira logomachia, que  
« só apraz intelligencias ociosas e vasias de dou-  
« trina.

« Que um escriptor original contemporaneo,  
« influenciado por um meio physico social parti-  
« cular, deva vasar seus pensamentos e suas  
« emoções conforme os modelos de um conven-  
« cionalismo classico e de certa bitola academica  
« (sempre apoiada na rotina da imitação, e pro-  
« curando mais o figurativo do que o expressivo),  
« isto, affirmamol-o, é uma exigencia que só  
« póde partir de uma critica erronea ou apaixo-  
« nada.

« Neste caso estão os frequentes reparos que  
« os criticos de Portugal fazem de certas differen-  
« ciações do falar e escrever brasileiro, onde o  
« que mais se lamenta é a nossa indocilidade  
« para com « a tyrannia do Lobato. »

« Mas é claro que, por exemplo, José de  
« Alencar não poderia, sem maximo ridiculo, es-  
« crever a sua bellissima *Iracema* na feição pe-  
« sada e grossa do quinhentismo classico, que  
« tão de perto trescala ao fragmento da *Cava* e á  
« canção do *Guesto Ansués*.

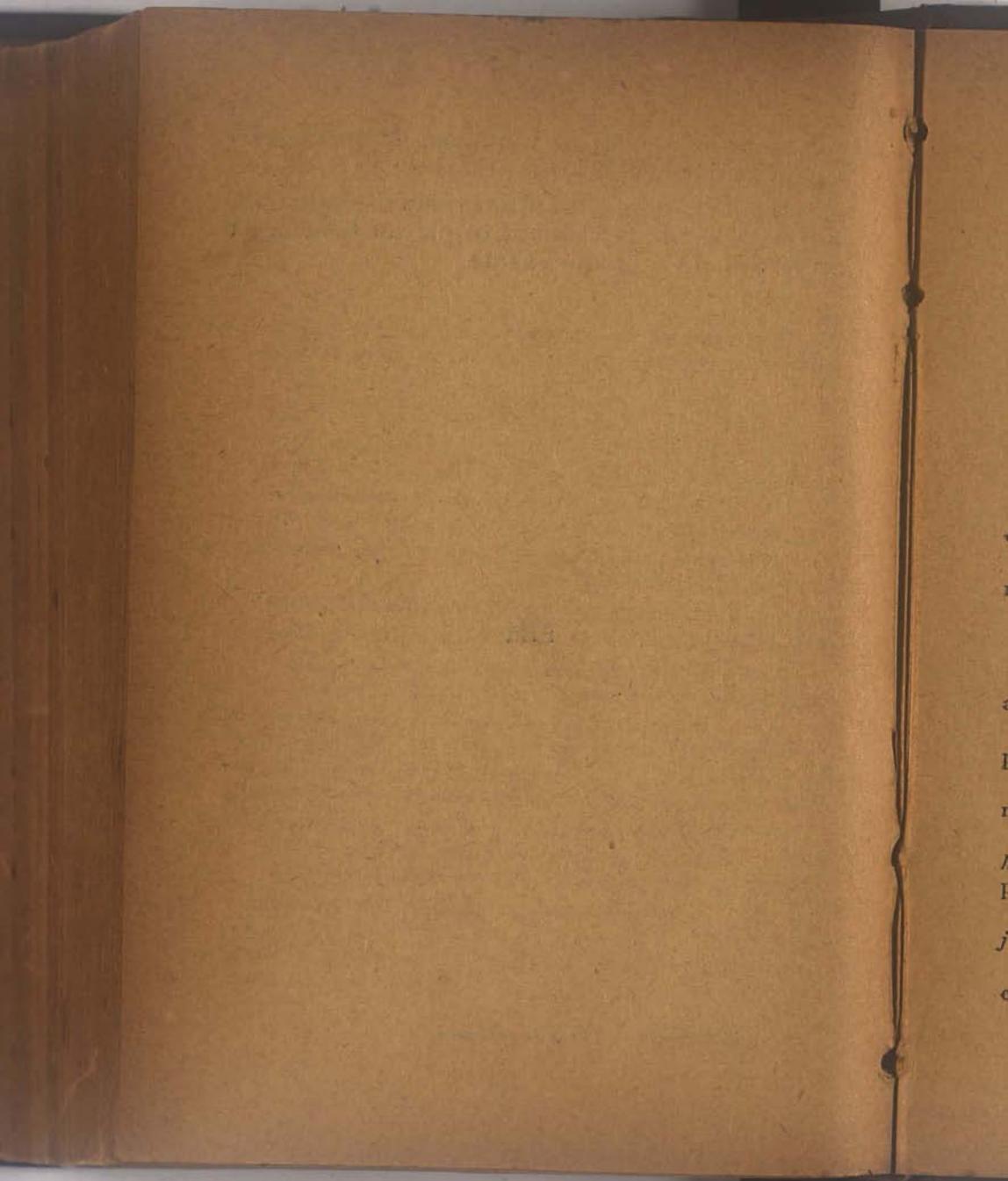
« As pequenas modificações syntaxicas (que  
« outras não são), com que variamos e originali-  
« samos a lingua de nossos maiores, têm em seu  
« favor, além das causas naturaes que a sciencia

« descobre e aponta, a vantagem de uma suavidade maior em varios sentidos.» <sup>1</sup>

É pelo estylo — diz Taine — que se julga um auctor; o estylo representa o que no homem ha de verdadeiro e predominante.

FIM

<sup>1</sup> L. de Andrade — *These de concurso.*



## REFORMA DA ORTOGRAFIA

---

As seguintes regras de simplificação da ortografia foram adotadas pela ACADEMIA BRAZILEIRA, em Julho de 1907.

---

1. O **ch** (das palavras de origem grega) com o som de *k*, é substituído por *c* antes de *a*, *o*, *u*, ou *qu* antes de *e* e *i*:

Exemplos: *epoca* (epocha), *coro* (choro), *monarca*, *monarquia*, *quirografo*, *quimica*.

2. O **ph**, da mesma origem, será substituído por *f*.

Exemplos: *filozofia* (philosophia), *diafano*, *fonografo*.

3. O **h** será suprimido nos dous casos antecedentes e ainda no grupo *th*: *tema* (thema), *hipoteze* (hypothese).

a) Será sempre suprimido no meio das palavras: *comprender*, *cair*, *sair* (*comprehender*, *sahir*, *cahir*).

Excetua-se o caso dos grupos *lh* e *ch=x*, em que o *h* nunca desaparecerá: *lhano*, *espelho*, *despacho*, *concha*.

b) O *h* será conservado no começo das palavras: *honra*, *homem*, *hoje*, etc., e nestas mesmas palavras quando em composição: *honra* e *deshonra*, *humano* e *deshumano*.

4. O **g** será substituído por *j* no meio das palavras: *imagem* (imagen), *rejer* (reger).

*Nota.* Será conservado nas palavras que já o tinham no começo: *genio*, *geral*.

5. O **k** será substituído em todas as palavras portuguezas por *c* ou *qu*: *cágado*, *quermes*.

6. O **s** com valor de *z* será substituído por *z*: *caza*, *roza*, *formozo* (*casa*, etc.)

7. O **y** será substituído em todas as palavras por *i*: *timpano* (*tympano*), *misterio* (*mysterio*).

REGRAS GERAIS :

I. Substituem-se as letras dobradas *ll*, *mm*, *pp*, *gg*, etc., por uma simples: *adição*, *sélo*, *ano*, *anel*, *imortal*, *exajerar*, *coloquio*, *agravar*, etc.

*Nota.* a) Conservam-se as letras dobradas *rr*, *ss*: *carro*, *passo*, *travessa*, *correr*.

b) conserva-se *cc* quando ambas têm som distincto: *fição*, *sucção*, *secção*.

c) conserva-se provizoriamente o *ll* nos pronomes *elle* e derivados *aquelle*, *aquillo*.

H. Suprimem-se todas as letras mūdas: o *c* — *distinto* (*distincto*), *predileto* (*predilecto*); o *p* — *batismo* (*baptismo*), *escultura* (*esculptura*); em geral a primeira letra dos grupos *pc*, *pt*, *ct*, *gm*, *gn*, *mn*: *exceção*, *exceto*, *aumento*, *assinalar*, *ginazio*, *condenar*.

São suprimidas tais letras porque não soam; e quando soarem devem ser escritas: *rpto*.

III. As terminações *az*, *ez*, *iz*, *oz*, *uz*, ou *as*, *es*, *is*, *os*, *us*, serão escritas com *z* no final das palavras agudas: *ananz*, *portuguez*, *matiz*, *albornoz*, *cuscuz*.

*Nota.* Conserva-se a terminação em *s*:

a) nos pluraes dos nomes: *pás*, *pés*, *urubús*.

b) nos pronomes: *vos*, *vós*, *nos*, *nós*.

c) nas fórmulas verbais que já possuíam esta terminação: *farás*, *dirás*, *dás*, *rís*, *preferis*.

d) nos nomes proprios de pessoas: *Moizés*, *Jezus*.

IV. As terminações *ão*, *am* e *an* e *ã* serão ortografadas segundo as regras seguintes :

a) O ditongo *ão* agudo terá a escrita *ão* : *pão*, *irmão*, *dirão*, *farão*.

b) quando grave, escrever-se-á *am*, tanto nos verbos como nos nomes : *faziam*, *amavam*; *orgam*.

c) Escrever-se-á *ã*, quando fôr palavra aguda : *manhã*, *irmã*, *maçã*.

d) Escrever-se-á *an* nas palavras graves : *órfan* (feminino de *orfam*), *iman* (com esta pronuncia).

V. Os ditongos *au*, *ao* ; *eu*, *eo* ; *iu*, *io*, serão sempre transcritos com a terminação *u* :

pau, meu, céu, fugiu, viu.

*Nota.* Nos cazos de iato ou separação das vogais, emprega-se *io* e não *iu* : *Rio*, *tio*, *rio* (presente do verbo *rir*).

VI. Os ditongos *ai*, *ae* ; *oi*, *oe* ; *ui*, *ue*, serão sempre grafados nas fórmulas *ai*, *oi*, *ui* :

pai, sai, heroi, dilui

*Nota.* Seguem a mesma regra, os nomes que tenham as terminações *ais*, *ois*, *uis* : *herois*, *sois*, *crizois*, *gerais*, *nacionais*, *tafuis*.

---



# INDICE

|                            | PAGS. |
|----------------------------|-------|
| Prefacio da 2ª edição..... | 3     |
| Prefacio da 1ª edição..... | 7     |
| Introdução.....            | 9     |
| OBSERVAÇÕES GERAES.....    | 65    |

## LIVRO I

### LEXICOLOGIA

#### PARTE I

##### PHONOLOGIA

|                                     |     |
|-------------------------------------|-----|
| OBSERVAÇÕES PRELIMINARES.....       | 77  |
| CAP. I.—Phonetica.....              | 78  |
| CAP. II.—Metaplasmos.....           | 103 |
| CAP. III.—Accento e quantidade..... | 111 |
| CAP. IV.—Orthographia.....          | 121 |

#### PARTE II

##### TAXIONOMIA

|   |     |
|---|-----|
| OBSERVAÇÕES PRELIMINARES.....   | 127 |
| CAP. I.—Do substantivo.....   | 129 |
| CAP. II.—Do adjectivo e do artigo.....  | 136 |
| CAP. III.—Do pronome.....   | 142 |
| CAP. IV.—Do verbo.....  | 146 |
| CAP. V.—Do adverbio.....  | 155 |
| CAP. VI.—Da preposição.....   | 159 |
| CAP. VII.—Da conjuncção.....  | 163 |
| CAP. VIII.—Da interjeição.....  | 166 |
| CAP. IX.—Synonymos, homonymos, paronymos.<br>Agrupamento de palavras por familias<br>e associação de idéas..... | 171 |

## PARTE III

## MORPHOLOGIA

|  | PAGS. |
|--|-------|
| OBSERVAÇÕES PRELIMINARES.....  | 191   |
| CAP. I.— Vestígios da declinação latina no português.....  | 197   |
| CAP. II.— Flexões nominaes.....  | 204   |
| a) Do substantivo.....   | 204   |
| b) Flexão numeral.....   | 217   |
| c) Gráo ou flexão gradativa.....   | 224   |
| d) Do adj. e artigo.....   | 230   |
| e) Flexão pronominal; do pronome.....  | 246   |
| CAP. III.— Flexão verbal.....  | 256   |
| CAP. IV.— Formação das palavras.....   | 293   |
| a) Composição — Estudo dos prefixos.....   | 293   |
| b) Derivação — Estudo dos suffixos.....  | 331   |
| CAP. V.— Das palavras formadas no proprio seio da lingua portugueza.....   | 370   |
| a) Das palavras variaveis.....   | 370   |
| b) Das palavras invariaveis.....   | 374   |
| CAP. VI.— Fórmas divergentes — Character differencial entre os vocabulos de origem popular e os de formação erudita..... | 376   |
| CAP. VII.— Etymologia.....   | 388   |
| a) Do substantivo.....   | 390   |
| b) Do adjectivo.....   | 392   |
| c) Do pronome.....   | 409   |
| d) Do artigo.....  | 421   |
| CAP. VIII.— Etymologia das fórmas verbaes.....   | 428   |
| CAP. IX.— Etymologia das palavras invariaveis..  | 443   |
| i.— Do adverbio.....   | 443   |
| ii.— Da preposição.....  | 459   |
| iii.— Da conjunção.....  | 461   |
| iv.— Da interjeição.....   | 463   |
| CAP. X.— Semantica.....  | 464   |

## LIVRO II

## SYNTAXE

|                               | PAGS. |
|-------------------------------|-------|
| OBSERVAÇÕES PRELIMINARES..... | 477   |

## PARTE I

## ANALYSE LEXICA

|   |     |
|---|-----|
| CAP. I.—Relações das palavras entre si.—<br>Especies de relações.—Ajunctos..... | 487 |
| CAP. II.—Sujeito. Predicado. Objectos. Com-<br>plementos.....                   | 495 |

## PARTE II

## ANALYSE LOGICA

|   |     |
|---|-----|
| CAP. I.—Das sentenças e clausulas.—Coorde-<br>nação e subordinação.....                                 | 513 |
| CAP. II.—Da construcção.....  | 525 |
| a) Ordem das palavras nas proposições sim-<br>ples, e das proposições simples no pe-<br>riodo composto. |     |
| b) Regras syntacticas relativas a cada um dos<br>membros da proposição.....                             | 536 |
| CAP. III.—Syntaxe do substantivo.....   | 543 |
| CAP. IV.—Syntaxe do adjectivo.....  | 559 |
| CAP. V.—Syntaxe do artigo.....  | 562 |
| CAP. VI.—Syntaxe do pronome.....  | 577 |
| CAP. VII.—Da collocação dos pronomes pes-<br>soaes.—Pronomes encliticos e procli-<br>ticos.....         | 603 |

|   | PAGS. |
|---|-------|
| CAP. VIII. — Syntaxe do verbo .....   | 611   |
| a) Fórmãs nominaes do verbo.....  | 613   |
| b) Emprego dos modos e tempos. — Cor-<br>respondencia dos tempos nas sentenças<br>ou proposições coordenadas e nas subor-<br>dinadas .....          | 625   |
| c) Emprego dos auxiliares <i>ser</i> e <i>haver</i> , e uso<br>syntactico de outros verbos.....   | 650   |
| CAP. IX. — Syntaxe das palavras invariaveis .....   | 662   |
| a) Do adverbio — A negação.....   | 662   |
| b) Da preposição .....  | 669   |
| c) Da conjunção.....  | 681   |
| CAP. X. — Anomalias e alterações syntacticas.<br>— Vicios de linguagem. — Idiotismos,<br>dialectos, provincialismos. — Fórmãs di-<br>vergentes..... | 685   |

### PARTE III

|  |     |
|--|-----|
| CAP. I. — Figuras de syntaxe. — Particulas de<br>realce..... | 693 |
| CAP. II. — Notações syntacticas — Pontuação.....             | 698 |
| CAP. III. — Do estylo .....                                  | 712 |
| —————  |     |
| Reforma da Ortografia.....                                   | 729 |

